

**FONTES REMOTAS
DA CULTURA PORTUGUESA**



MOISÉS ESPÍRITO SANTO

PENINSULARES / ESPECIAL / 16

FONTES REMOTAS DA CULTURA PORTUGUESA

© 1989 MOISÉS ESPÍRITO SANTO E ASSÍRIO & ALVIM,
COOPERATIVA EDITORA E LIVREIRA, CRL.
RUA PASSOS MANUEL, 67-B, 1100 LISBOA

NA CAPA: FONTE MARIA AVE, NA FONTE DE MOR,
NO RIBEIRO DE MOR, NA SERRA DE MOR
EM GONÇALO, GUARDA

REVISÃO DE PROVAS: ANTÓNIO CAMACHO LAMPREIA
EDIÇÃO 269, OUTUBRO DE 1989
DEPÓSITO LEGAL N.º 26109/89
ISBN 972-37-0228-2

Moisés Espírito Santo

Fontes remotas
da cultura portuguesa

MOISÉS ESPÍRITO SANTO

ETNÓLOGO

SOCIÓLOGO

PROFESSOR DA U.N.L.

SPIRITUS UBI VULT SPIRAT

À Maria da Purificação pelas suas qualidades, pelo seu empenho durante estes cinco anos de peregrinação pelas beiras.

Índice

Preâmbulo, 15

Parte primeira. NO RASTO DAS LÍNGUAS DE BABEL

Capítulo primeiro. A LÍNGUA CANANITA ANTIGA (OU UGARÍTICA) 21

Capítulo segundo. EM BUSCA DA DINÂMICA DA ANTIGA ORALIDADE 26

1. Objecto e método, 26

2. Cem desvarios que nos podem servir de guia, 36

3. Continuação dos desvarios linguísticos, 52

Parte segunda. OS «DEUSES DA LUSITÂNIA»

Capítulo primeiro. OS DEUSES ENQUADRADOS NUMA GRELHA 133

Capítulo segundo. OS «DEUSES DA LUSITÂNIA» NÃO FALAVAM LATIM 137

Parte terceira. CULTURA POPULAR

Capítulo primeiro. DANÇAS E CANTIGAS COMO SEMPRE FORAM 189

Capítulo segundo. AS ÉGUAS DA LUSITÂNIA EMPRENHADAS PELO VENTO 199

Parte quarta. O CONTRATO SOCIAL E A NORMA

Capítulo primeiro. O PACTO SOCIAL 207

1. Locais da constituição de relações jurídicas, 208

2. Difusão do direito, 208

3. Poder político e administração da justiça, 209

4. Relações matrimoniais: dote e casamento, 210	
5. Clãs e comunidades, 212	
6. O método de análise dos nomes dos sítios, 212	
Capítulo segundo. «KORT BERIT», CORTAR UMA ALIANÇA	216
Capítulo terceiro. TEXTOS PARADIGMÁTICOS	227
1. Elaboração e difusão do direito, 227	
2. O processo judicial. O rio-juiz e as águas amargas, 233	
3. O dote da esposa no direito arcaico, 235	
4. Linguagem do antigo direito no Foro Real de Afonso X, 240	
5. Os Lusitanos referenciados por Estrabão, 243	
Parte quinta. OS SÍTIOS DO PACTO	
1. «Cortes e o direito do Senhor», 249	
2. Os compromissos de Margarida, 257	
3. A lei do « <i>txapato</i> », 265	
4. «Companheiros da argola», isto é festineiros, 283	
5. Maria Ave e o marialvismo lusitano, 296	
6. Teixeira e o sufrágio das Almas, 304	
7. Ter pacto com o terebinto, 311	
8. Bal-Brit é uma festa, 321	
9. Encher o cântaro da noiva, na meia-légua, 326	
10. A argola do barbas ruivas, 338	
11. No clã do Senhor, escravo de Ilu, 350	
12. Côârtes e Enxa-Berègas, 359	
VISTA GERAL DOS TERMOS MAIS FREQUENTES	363
BALANÇO DOS RESULTADOS	385
CONCLUSÃO	389
BIBLIOGRAFIA	395

Berexit... [No princípio...]

«Todos os homens se serviam da mesma língua e das mesmas palavras. Como eles se deslocaram para o oriente, encontraram um vale no país de Babilónia e nele se estabeleceram. Disseram então uns aos outros: "Vá! Façamos tijolos e cozemo-los ao fogo." Depois disseram: "Construamos uma cidade com uma torre cujo topo chegue até ao céu; atribuamo-nos um nome e não nos dispersemos!" Ora Yaveh desceu para ver a cidade e a torre que os homens estavam a construir e disse: "Ei-los que fazem um só povo e falam todos a mesma língua, e tal é o princípio das suas façanhas! A partir daqui nenhum outro intento lhes será impossível. Vamos! Desçamos! Uma vez lá, confundamos a sua linguagem de modo que não se entendam uns aos outros!" E Yaveh dispersou-os daí por toda a face da terra e eles cessaram de construir a cidade. Por isso se lhe deu o nome Babel, porque foi lá que Yaveh confundiu a língua de todos os habitantes da terra e foi de lá que ele os dispersou sobre toda a face da terra».

Génesis, 11:1-9.



Preâmbulo

Em *Origens Orientais da Religião Popular Portuguesa* (1988) identificaram-se os cultos populares portugueses com a religião cananita, fenícia ou hebraica, tal como a conhecemos no I milénio a. C. Ao estudar os nomes dos sítios onde esses cultos têm lugar ainda hoje considerámos a possibilidade de tais nomes terem sido atribuídos por um povo que falava o hebraico antigo, coevo da Bíblia, ou uma língua tão próxima do hebraico antigo como o português é do galego. No *Ensaio sobre Toponímia Antiga*, anexado àquele livro, analisaram-se quarenta constelações de nomes, e a conclusão foi que «o povo que é hoje português falava o hebraico antes de falar o neolatim actual». Esta hipótese, se não era já uma certeza, está confirmada pelos achados dos arqueólogos que identificaram o espólio da Idade do Ferro com a Anatólia (Ásia Menor); por conseguinte, a cidadela de Vila Nova de São Pedro (Cartaxo, Azambuja) «só podia ter sido construída por gente vinda de Jericó».

Ao dizer tais coisas, aliás bem apoiado em vasta bibliografia, o autor proferiu, no juízo de alguns, uma heresia digna da fogueira anti-semita. A bem dizer, transtornou o conformismo rotineiro do saber estabelecido (ou a beatitude da ignorância tradicional), pondo em causa a autoridade dos mestres que há cem anos haviam estabelecido que «cientificamente está demonstrado que não é possível saber-se», e que «será necessário um novo Édipo para descobrir os segredos da esfinge», isto é, a língua falada antes do neolatim. No entanto, pouco se descobriu; sabia-se — pelo menos no círculo dos especialistas — que a chamada escrita ibérica era fenícia, que a Península fez parte do império cartaginês (alinhando nas guerras púnicas) e que muitos achados arqueológicos peninsulares já tinham sido identificados com a cultura fenícia; semelhante conclusão sobre a língua subjacente não seria nada de novo. O transtorno vem sobretudo da indisciplina do autor destas páginas relativamente à historiografia tradicional, a mesma que se regula ainda pelos conceitos populistas, nacionalistas, míticos, anticientíficos e anti-semitas do século XIX. Um trabalho de Etnologia Histórica, como aquele pretende ser, tem forçosamente de perturbar um meio em que a História tem ainda como objecto os feitos dos heróis ou a glosa literária das figuras carismáticas e populistas posteriores à monarquia afonsina, e que ignora grosseiramente as culturas mediterrâneas onde a portuguesa se insere. Não só as ignora, como é animada por uma vontade obscurantista de perpetuar a ignorância.

O trabalho que agora se publica demonstra até à exaustão, e talvez até ao cansaço dos leitores, que não só os Lusitanos falavam a língua cananita, como até centenas de expressões populares de hoje são uma mistura, um crioulo, de cananita e de neolatim. Para tranquilizar os leitores eventualmente apavorados com esta afirmação (o estudo da língua pátria assenta tradicionalmente em arquétipos míticos e afectivos), dizemos que não há línguas inventadas a partir do nada: todas são decalques e crioulos de outras,

sobretudo no plano da oralidade. O francês é o produto de um crioulo com língua pré-latina, o latim é um crioulo com a antiga língua da região onde se difundiu, etc. Note-se sobretudo que a oralidade não se cria a partir da língua escrita, mas sobre a oralidade anterior. Talvez os termos aqui utilizados («decalque», por exemplo) não sejam os melhores para os linguistas, mas não conhecemos outros nem temos possibilidade de os estudar. Trata-se de uma pesquisa de Etnologia Histórica, não de Linguística.

Nos primeiros capítulos da parte I, relativos às expressões de uso corrente, procedeu-se, digamos assim, à «arqueologia da oralidade portuguesa»: Umhas centenas de expressões estereotipadas, que só têm sentido por convenção, foram comparadas com o léxico ugarítico (língua cananita conhecida do cuneiforme do século XV a. C.). O efeito surpreende. Surpreendido também pela clareza das coisas que ia descobrindo, e até fascinado, o autor tentou várias vezes desistir da investigação, «não acreditar» nas suas descobertas. A cada momento, a prova de que não estava iludido era-lhe fornecida por uma centena de expressões estereotipadas que são totalmente desprovidas de nexo no contexto semântico e gramatical da língua portuguesa (cfr. § 2); foram o seu bordão. Muitas delas não são decalques, mas *expressões cananitas correctísimas com pronúncia portuguesa*: «Olhar das chedas do carro», «Está o mar um cão», «Clipsar à palma», «É como bacacas!», «Às arimpicas», «De pé calhado», «É um falagamou!», «Às de vila diogo», e outros aparentes disparates, como o dizer-se, a propósito de um coxo, «Perdi um tostão e achei cento e dez». Para além das 100 primeiras expressões — que bastariam para defender a tese —, outro factor de confiança para a análise das expressões seguintes — linguisticamente correctas em português — foi a descoberta do processo de «cruzamento semântico/fonético» em que assentam. Sugerimos os mesmos «bordões» aos leitores.

Retomam-se depois (parte II) cerca de 40 inscrições lusitanas, desde sempre consideradas como sendo dedicadas aos «deuses da Lusitânia» — que são cerca de 150, segundo as contas de alguns (um recorde no mundo dos deuses e dos fiéis de todos os tempos). Tais inscrições, que os autores desde há mais de cem anos tomam como sendo latinas, e tais nomes de deuses são... a língua cananita escrita em caracteres latinos! Os mestres ditaram, os discípulos repetiram os dizeres dos mestres; as palavras do mestre são verdades de evangelho nunca postas em causa (Deus nos livre!) e, como resultado, temos a «ciência» que está à vista em moreias de publicações a abarrotar prateleiras e prateleiras de biblioteca.

A parte III estuda a «cultura popular», isto é, os ditos e as quadras populares em que, sob decalque, se encontram termos ugaríticos que dão significado a essas mesmas quadras. Revela-se também o segredo das «éguas da Lusitânia que emprenhavam pelo vento», que fizeram as delícias de muita gente, desde o mais remoto historiador greco-romano.

Nas partes IV e V, que infelizmente saíram bastante extensas, segue-se o percurso de certos nomes de sítios referentes ao direito e às relações contratuais. Descobre-se através desses nomes a linguagem jurídica dos antepassados.

Não foi nossa intenção architectar um livro de estrutura clássica, mas apenas publicar um montão de dados (passe a expressão) tendentes a demonstrar o que havíamos dito nas *Origens* sobre a língua falada pelos antepassados dos Portugueses.

Sendo os materiais muito diversos, e até autônomos, fazem-se preceder os capítulos de uma breve introdução, que expõe a metodologia seguida. Houve também a preocupação de tornar o trabalho «visual», isto é, quando se diz que um termo foi decalcado, apresentam-se as respectivas versões a fim de comparar o processo linguístico e de compreender a sua evolução.

Novembro de 1988.

MOISÉS ESPÍRITO SANTO

O autor agradece às municipalidades do Fundão e de Belmonte, que dispuseram dos seus meios para uma pesquisa no terreno da região, assim como a João Reis da Fonseca, pelas informações quanto à cultura hebraica.

Tábua de abreviaturas.

ac.	acadiano
ar.	árabe
aram.	aramaico
hb.	hebraico
hit.	hitita
ug.	ugarítico.

Parte primeira

NO RASTO DAS LÍNGUAS DE BABEL

Capítulo primeiro

A língua cananita antiga (ou ugarítica)

A língua que hoje conhecemos pelo nome de ugarítico foi o idioma do Norte de Canaã (Fenícia), a região contígua da Ásia Menor e da Mesopotâmia. Escreveu-se em cuneiforme nos séculos XX-XIII a. C. O termo «ugarítico» procede de Ugarit, uma cidade cujas ruínas foram descobertas em 1929, e que se situava a uma escassa dezena de quilómetros da foz do rio Orontes; era vizinha de cidades fenícias que ao longo dos milénios se chamaram Laodiceia e Antioquia (Atouguia). Os marinheiros fenícios do Mediterrâneo recordavam Laodiceia/Ugarit referindo-se a «uma mãe em Canaã». Antioquia ficou conhecida no cristianismo por ter sido frequentada por São Paulo e ser o meio onde pela primeira vez os discípulos de Jesus foram chamados «cristãos». O sítio arqueológico de Ugarit também é conhecido por Ras Shamra, nome da actual povoação.

Esta velha língua dos Cananeus foi decifrada a partir de uma grande colecção de tabuinhas de argila escritas em caracteres cuneiformes, num alfabeto original e desconhecido até aos meados do nosso século, segundo parece uma criação dos escribas locais. Deve-se a Bauer, Virolleaud e Dhorme, do Musée du Louvre, o mérito de a terem decifrado, cada um por seu lado e simultaneamente, a partir de certas analogias com o hebraico e com o acadiano. «É a língua semita ocidental mais antiga que se conhece, e como não teve tempo de sofrer alterações, manteve certas formas primitivas que apenas subsistem em estado de reminiscências nas outras línguas semitas; deste modo, o ugarítico, com o árabe que o deserto preservou de alterações, é a língua semita mais próxima do que podemos chamar o semitismo no seu estado puro; o seu estudo é, portanto, de um grande interesse para a compreensão das línguas e dos dialectos que uma longa história por vezes afastou do seu ponto de partida»¹.

O espólio de Ugarit consta de cinco níveis de sedimentos, numa profundidade de 17 metros, datando o primeiro sedimento do VII milénio a. C. Desse espólio constam vestígios de todas as civilizações e culturas que se sucederam no Médio Oriente. Ugarit, que era cidade-estado de cujo nome já havia referências nos espólios de Mari (Caldeia) e de Tel Amarna (Egipto), desenvolveu intensas relações políticas e económicas com todas as potências do Médio Oriente antigo, durante vários milénios, tendo sido um centro cosmopolita e um porto de grande importância. No século XVI a. C. conheceu intensa actividade industrial, mercantil, marítima, política e religiosa. Entre 1600 e 1100 a. C. constituiu o eixo de todo o tráfego marítimo e mercantil entre o Mediterrâneo e o interior, Mesopotâmia, Arábia e Pérsia.

Do ponto de vista linguístico, a primeira novidade foi o facto de a língua de Ugarit partir de um alfabeto com 30 signos. Por exemplo, comporta três sons para o *t* e dois para o *d*; para o *alef* hebraico (que se reproduz por uma aspiração) apresenta

¹ EDMOND JACOB, *Ras Shamra et l'Ancien Testament*, Delachaux et Niestlé, Neuchâtel, 1960, p. 36.

três signos (\bar{a} , \bar{i} , \bar{u}), os quais correspondem a três vogais do semítico primitivo e do acadiano, e que depois desapareceram². Para além destes sons que hoje consideramos vogais, os textos ugaríticos são consonânticos.

Del Olmo Lete, autor que citaremos ao longo deste livro, considera a cultura expressa nos textos de Ugarit como uma forma da cultura cananita em geral, fundamentalmente comum a todos os habitantes desta zona de confluência dos grandes impérios; quanto ao alfabeto, classifica-o de fenício-cananita.

As tabuinhas compreendiam o recheio de várias bibliotecas; uma era anexa do templo de Baal, especializada em literatura religiosa, epopeias, mitos, hinos, regras litúrgicas, rituais médicos e mágicos; duas pertenciam a dois palácios e compreendem documentos administrativos, tratados, correspondência diplomática, etc., com os vários impérios da região; além destas bibliotecas «públicas», algumas bibliotecas privadas foram encontradas no campo arqueológico de Ugarit. Datam do último período da cidade (1500-1300 a. C.), época do Bronze recente, tendo a cidade sido destruída por um incêndio nessa data. Os textos literários e religiosos apresentam fórmulas linguísticas arcaicas, estereotipadas e repetitivas, enquanto os textos políticos e administrativos representam uma língua mais fluente e mais prática. Além das tabuinhas escritas em cuneiforme ugarítico, compreendendo a língua e a cultura locais, sete outros sistemas

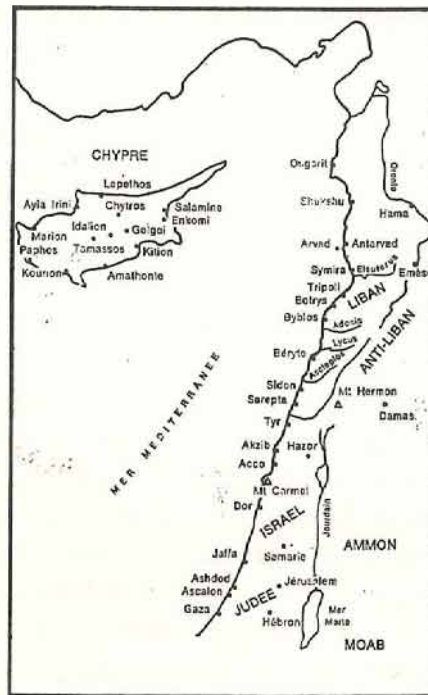


Figura 1.
A Fenícia. Ao norte, Ugarit. (A partir de Sabatino Moscati, *Les Phéniciens*, Marabout, Paris, 1983, p. 279).

² Cfr. ANDRÉ CAQUOT e MAURICE SNYCER, *Textes ougaritiques*, Le Cerf, Paris, 1974, p. 42.

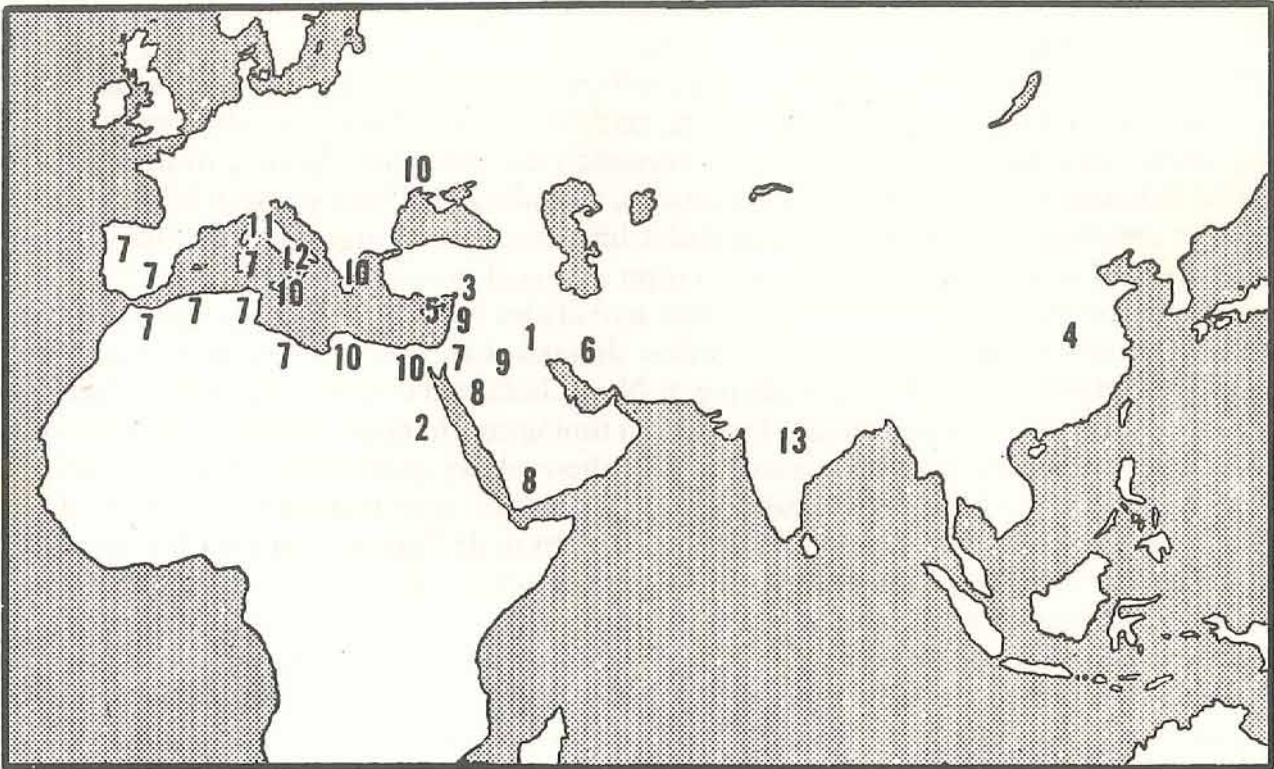


Figura 2.

A difusão do alfabeto, cerca de 1000 a. C.: 1) escritas cuneiformes; 2) escritas egípcias; 3) hieróglifos hititas; 4) escrita chinesa; 5) silabário cipriota; 6) escrita cuneiforme semi-alfabética persa; 7) ramo cananita do alfabeto; 8) ramo alfabético do sul-semítico; 9) ramo alfabético do aramaico; 10) alfabeto grego; 11) alfabeto etrusco; 12) alfabeto latino; 13) ramo indiano. (A partir de David Dringer, *A Escrita*, Verbo, Lisboa, 1985, p. 122).

linguísticos foram reconhecidos no mesmo local, datando do mesmo período, o que diz muito sobre a capacidade de intercâmbio dessa cidade-estado. Segundo Antônio Augusto Tavares, «depois do povo hebreu, o povo que suscita mais atenção entre os Semitas ocidentais é o de Ugarit, por causa da abundância da sua documentação»³.

Para os especialistas, o ugarítico é «irmão» do hebraico, do aramaico e do acádico (ou acadiano); tem uma estrutura mais arcaica do que o hebraico, entre o hebraico e o acadiano. Para facilitar, trata-se da fórmula arcaica do hebraico antigo que conhecemos através da Bíblia. Os nomes destes idiomas costumam suscitar certas confusões no nosso meio, pouco ou nada familiarizado com as línguas semitas; os idiomas chamados, respectivamente, hebraico, caldaico, aramaico, ugarítico e acadiano são varian-

³ Cfr. *Estudos da Alta Antiguidade*, Presença, Lisboa, 1983, p. 41. O autor ocupa-se neste trabalho da formação da ideia de História, das actuais perspectivas da História Antiga e da Arqueologia do Próximo Oriente.

tes de uma língua semita antiga que se «dispersou em dialectos», digamos assim; entenderemos melhor este relacionamento de idiomas/dialectos estabelecendo uma comparação com o português e o galego. Há também quem designe o hebraico antigo ou bíblico por «caldaico», nomeadamente na tradição judaica ibérica. Os diversos autores apontam notáveis paralelismos entre o conteúdo dos mitos de Ugarit e muitas passagens bíblicas; com a decifração do ugarítico, a tradução de certos textos bíblicos teve de ser revista por algumas particularidades linguísticas do antigo hebraico comuns ao ugarítico já serem desconhecidas no tempo dos tradutores.

O desconhecimento em Portugal das actividades científicas que têm por objecto o Mediterrâneo e o Próximo Oriente não é de estranhar, uma vez que os Portugueses até desconhecem a Bíblia (não apenas o Novo Testamento mas sobretudo o Antigo Testamento), que é o documento histórico, etnológico, literário, poético e sagrado em que mais de metade da humanidade se reconhece; deste modo, para além da referência de A. Augusto Tavares à civilização cananita-ugarítica, apenas encontramos nas bibliotecas portuguesas um texto de 19 páginas da autoria de Manuel Augusto Rodrigues⁴, que, ao contrário de todos os autores que estudam essa língua, se encaminha por considerações de ordem linguística inúteis para o nosso meio (em que se desconhece o próprio hebraico), além de apagar, por questões de ordem pouco científica, o principal e o mais referenciado autor desta importante descoberta para a história das línguas e da cultura mediterrânea que foi Virolleaud; depois, este autor recheia o seu texto de transcrições em alemão (para evitar que o seu texto saia do «domínio dos especialistas?»), processo esse que, sabendo de antemão que a maior parte dos leitores portugueses desconhece igualmente essa língua, constitui uma outra maneira de perpetuar a ignorância. Se há comparações a fazer entre o hebraico e os textos de Ugarit, o mais importante é o relacionamento destes textos com o Antigo Testamento, comparação que pode incomodar os estereótipos e a estreiteza de vistas dos teólogos católicos tradicionais. De facto, certos personagens referidos na Bíblia (cuja escrita é posterior a Ugarit), tal como a própria personalidade de Yaveh e o seu tipo de relações com a humanidade, inúmeras formas poéticas, literárias e ritualísticas dos Livros sapienciais e proféticos bíblicos, a promessa de uma virgem dar à luz um filho, a percepção dos Refaim, ou espíritos dos mortos, o culto popular dos antepassados, etc., já estavam contidos nos mitos e nas regras litúrgicas de Ugarit, o que põe em causa o princípio da originalidade do Antigo Testamento como criação teológica exclusivamente hebraica⁵.

Quanto ao acadiano — de que vamos encontrar algumas remissões ao longo deste trabalho — foi a língua dos impérios assírio e babilónico, difundida igualmente na Fenícia e na actual Anatólia; é a língua de Código de Hamurabi.

O abecedário ugarítico compreende 30 signos em cuneiforme, que foram transliterados para a escrita europeia, mas os meios técnicos de que nos servimos não dispõem da possibilidade de transcrever a totalidade dos signos das mesmas transliterações (certas nuances são, de resto, pouco importantes para um estudo como o presente). As transliterações que utilizamos neste trabalho são as de Del Olmo Lete (*Mitos y leyendas de Canaan*, p. 505). Como este autor não nomeia os signos ugaríticos, mesmo quando eles correspondem ao hebraico ou a outras línguas semitas, e não tendo pos-

⁴ «As descobertas de Ugarit e o renascimento da língua hebraica», separata da revista «Lumen», Março de 1963.

⁵ Cfr. por exemplo EDMOND JACOB, *ibid.*, p. 117.

sibilidade de utilizar a totalidade dos signos, procedemos à sua reconversão como indicado na tábua seguinte, sempre que os signos não correspondam aos caracteres portugueses.

Signos ugaríticos

Os correspondentes ao *alef*
e ao *yain* hebraicos

t

t̄

h

h̄

š

z

d

ḡ

Proposta de leitura

[*h*] (leve aspiração)

[*tj*, *tx*]

[*t̄*]

[*ga*, *gg*, *ra*] (aspiração forte)

[*he*, *gue*, *gê*]

[*xê*, *jê*]

[*ss*]

[*z*]

[*dj*]

[*g*, *guê*].

Capítulo segundo

Em busca da dinâmica da antiga oralidade

1. Objecto e método.

Este capítulo consta de algumas centenas de expressões do linguajar português — de entre as milhares recolhidas em colectâneas —, expressões que foram decalcadas da língua ugarítica e se mantêm ainda muito fiéis ao estado da língua escrita que conhecemos do século XV a. C. Algumas estão intactas.

Utilizaram-se unicamente duas obras: 1) o *Dicionário de Expressões Populares Portuguesas*, de Guilherme Augusto Simões, Perspectivas & Realidades, Lisboa, 1984; e 2) *Mitos y leyendas de Canaan, según la tradición de Ugarit*, de G. Del Olmo Lete, Ediciones Cristiandad, Madrid-Valencia, 1981, cujo *Glossário* nos serviu para fixar a posição do vocabulário e para ilustrar outras posições do mesmo vocabulário. Del Olmo Lete distingue os vários autores que concorreram para o estado actual do seu glossário, mas, por facilidade de exposição, nós emitimos esses nomes, remetendo o leitor para essa obra, que é de fácil acesso.

As significações dadas para as expressões portuguesas são rigorosamente as do dicionário citado; transcrevemo-las na coluna da direita, entre aspas. Os termos ugaríticos transcritos são rigorosamente os do *Glossário* da obra de Del Olmo Lete, traduzidos à letra do castelhano. Para a expressão em ugarítico propõe-se a leitura entre parênteses rectos, que está na coluna da esquerda; mas essa proposta baseia-se unicamente na leitura de termos semelhantes existentes em outras línguas semitas, apontados por Del Olmo Lete como elementos de comparação. A fim de facilitar o controlo que aconselhamos aos leitores de exercer, evitaram-se para o ugarítico certas construções gramaticais; de facto, as fórmulas estão reduzidas à sua expressão mais simples, quase «telegráfica».

Quando, neste trabalho, um termo não é precedido por uma abreviatura, entende-se que seja um termo ugarítico, incluído do glossário de Del Olmo Lete. Também todas as referências às outras línguas do Médio Oriente, precedidas de abreviatura, são do mesmo autor.

Como elemento de comparação da obra de Del Olmo Lete, cuja qualidade é excepcional, consultaram-se outras obras que são indispensáveis para a compreensão deste trabalho¹. Esta exclusividade não significa que se tenham menosprezado outras obras sobre a língua ugarítica e suas congêneres, como a acadiana (existem outras obras, para além da citada, de consulta mais fácil, mas são de difícil acesso). Sendo assim, repetimos, o leitor poderá exercer o controlo de todos estes termos a partir unicamente do

¹ *Textes ougaritiques, mythes et legendes*, tradução e comentário por André Caquot, Maurice Szyner e Andrée Herdner, Editions du Cerf, Paris, 1974, e JEAN-MICHEL DE TERRAGON, O. P., *Culte à Ugarit d'après les textes de la pratique en cuneiformes alphabétiques*, Cahiers de la Revue Biblique, 19, 1980.

livro de Del Olmo Lete, que tem a vantagem de estar editado na Península Ibérica. Com esta facilidade procuramos que aqueles que costumam refugiar-se na «impossibilidade» de encontrar as fontes bibliográficas citadas pelo autor não se sintam inibidos no exercício desse controlo. Esta simplicidade foi sobretudo pensada em atenção dos jovens investigadores, que a partir deste método (enquanto não encontrarem outro melhor) poderão retomar os milhares de expressões idiomáticas da língua portuguesa ainda em uso nas aldeias ou coligidas em muitas colectâneas.

A nossa diligência foi a seguinte: a partir do citado *Dicionário de Expressões Populares Portuguesas* procedeu-se a um levantamento, um pouco ao acaso, de expressões idiomáticas que só têm sentido por convenção (por exemplo, *andar às arimpicas* = 'nos bicos dos pés'); seguidamente, tomaram-se outras que integram termos de uso comum, mas são um tanto emblemáticas (*estar o mar um cão* = 'andar com azar'), e outras ainda que não respeitem os princípios vulgares do linguajar ou da gramática. Trata-se sempre de expressões estereotipadas, ritualizadas, intocáveis na sua formulação e nos seus termos: se se modificar um mínimo que seja, a expressão perde sentido. Poder-se-ia dizer «morar, viver, ter uma casa, apanhar o comboio para ir a cascos de rolha», mas não se pode dizer «cascos com rolhas», «cascos arrolhados», «apanhar o comboio para ir a casa de um vinhateiro que tem cascos». A hipótese é então: *cascos de rolha* não se refere aos cascos de vinho.

O levantamento não pretendeu ser exaustivo. O autor retirou apenas as que se apresentavam *a priori* mais simples de analisar. Se retomasse hoje o mesmo *Dicionário*, podia retirar muitas centenas mais.

Para encontrar a identidade linguística dessas expressões fez-se sobretudo atenção às «palavras-chave», os termos sem os quais a fórmula ficaria incompreendida: «cascos de rolha» são os termos-chave²; a expressão «Dar com os burrinhos n'água» (= «Os esforços não resultaram»), toda ela são termos-chave. Em muitos casos, os termos mutáveis (geralmente, os verbos que iniciam as fórmulas) foram também decalcados sobre a expressão antiga.

Consideramos demonstrado o decalque quando os termos-chave da expressão portuguesa têm correspondência fonética com um termo ugarítico cuja significação se encontra na expressão portuguesa. Por exemplo: quando se vê passar um coxo diz-se «Perder um tostão e achar cento e dez»; ora, *tl̄t̄ ans* [tjoltxans] significa 'roturar um músculo'; *tl̄s̄ t̄nhn* [tolxtjāan] 'enganar-se na medida'; *yds'* [idesse] 'perna de pau'. Portanto,

Perder um tostão e achar cento e dez

		<i>yds'</i> [idesse]	'perna de pau'
<i>tl̄s̄t̄nhn</i> [talxtjāan]			'enganar-se na medida'
<i>tl̄t̄ans</i> [tjoltjans]			'roturar um músculo'.

Para demonstrar a identidade bastaria apontar o decalque do termo mais significativo, a «palavra-chave». Procedemos, no entanto, à reconstituição da frase inteira, procurando variações fonéticas e admitindo que outros termos possam ter sido decalcados. Trata-se de uma «reconstituição» ao modo dos arqueólogos: a partir de dois elementos

² Para comodidade do leitor, estes termos-chave vão sublinhados. Exemplo: *Levar nas bitaclas* (p. 36).

que se sabe serem as asas de uma bilha procura-se reconstituir o objecto. Fora as asas, que são elementos seguros, a reconstituição do conjunto pode comportar erros.

A fonética das palavras-chave das expressões portuguesas corresponde à sonoridade de termos-chave da antiga expressão; mas a significação semântica não é paralela, teve de deslocar-se para um termo próximo. Assiste-se então a um estranho «cruzamento semântico/fonético» das duas expressões (não sabemos como classificar este jogo linguístico). Por exemplo, se a expressão antiga incluía o termo que significava 'burro/asno', a palavra portuguesa 'burro' pode aparecer na expressão actual decalcada sobre um vocábulo ugarítico sem relação com burros, mas foneticamente idêntica.

Dar com os burrinhos n'água 'ser mal sucedido'

<i>d 'r qny b'r'ny 'n abu</i>	[daare cum bêraininagu]	
		quem
		burro
		teimoso/torto
		iluminar/abandonar
		cair/humilhar-se/dizer
		sulco/fonte/ver
		ribeira

isto é, aproximadamente:

quem burro teimoso ilumina/guia, humilhado vê o sulco da ribeira [cai na ribeira];
quem burro torto abandona, (tem por) resposta o sulco/fonte da ribeira.

Os «burrinhos» provêm do termo que está mais próximo foneticamente (*bôriin*), enquanto a água veio de *abu* 'ribeira'; o ser-se mal sucedido é-nos hoje sugerido pela ideia de se deitarem os burrinhos à água, enquanto na expressão antiga quem guia um burro teimoso é que vai parar à ribeira. A moral da história é a mesma. Vejamos outro exemplo:

Lavar-se em água-de-rosas 'esperar uma boa notícia'

<i>lb̄sr 'n abu rbs</i>	[labaxere/labarexe inagu râoze]	
		em receber boa notícia
		fonte
		ribeira
		lavar-se

[tão certo] ter boa notícia [como] a fonte da ribeira lavar logo que receba a boa notícia [na] fonte da ribeira lavo-me [praticarei um culto na fonte].

«Recebendo uma boa notícia» dizia-se *lbās̄r/labar̄s* [labarxe], que deu 'lavar-se', enquanto *rbs*, o termo que deu 'rosas', é que significava 'lavar-se'.

A passagem da antiga oralidade para a expressão actual pode ser exemplificada através do relacionamento entre os jovens e os velhos. Quando os pais (os velhos) da aldeia pronunciam mal o português («à maneira dos velhos, à maneira da aldeia»), os jovens e os da vila corrigem-nos e impõem-lhes uma pronúncia «civilizada». Ao longo dos séculos ou dos milénios, o povo foi adaptando a antiga oralidade aos termos neolatinos (a língua da «gente civilizada e bem-falante»), mas a expressão não perdeu significação, antes ficou como um código.

Antes de passarmos ao § 2, é necessário fazer uma breve referência ao funcionamento prático da língua ugarítica.

Os idiomas semitas são concebidos pela e para a oralidade: a oralidade é o verdadeiro motor do idioma. O ritmo da frase e a musicalidade da fala orientam a significação da expressão oral. Os termos ugaríticos são curtos, sobretudo monossílabos de duas letras. O ugarítico, tal como o hebraico antigo, não tem vogais escritas mas, diferentemente do hebraico, contém signos escritos correspondentes a vogais nossas [a, i, y, u], considerados consoantes para essa língua. Essas «vogais» lêem-se como em português: abertas. Os outros sons vocálicos [e, ê, â, ô] evoluíram ao longo dos tempos, e na prática podem confundir-se sem nenhum prejuízo. Quer isto dizer que tanto se pode dizer [râse] como [rôse], [pêr] como [pâr], [êinâ] como [âinê]³.

Em *Origens Orientais* sugerimos a ideia de que os signos portugueses [a], [o], [e] podem também confundir-se na expressão oral: *Penamacor* pronuncia-se localmente *Pânâmâcâr*, entre um [a], um [o] ou um [e] fechados. Digamos então, para simplificar: quando desconhecemos o som vocálico da expressão oral ugarítica, admite-se uma pronúncia que não andaria longe do nosso [a] fechado, como em *fama*, *lama*, *cataclismo*. Em contrapartida, admita-se esta constatação fundamental: enquanto nas línguas semitas os sons vocálicos evoluíram ou não têm importância, confundíveis, etc., as consoantes mantêm-se pertinazmente ao longo dos milénios, com uma estabilidade impressionante.

Desconhece-se a gramática do idioma ugarítico, que deve ser reduzida; a associação das palavras na frase é de tipo «telegráfico» (um pouco como no inglês); a ordem dos elementos — sujeito, verbo, complementos, etc. — é como em português, permitindo ordens não muito fixas. O idioma não tem o artigo definido nem a preposição *de*, cujo lugar nas frases simples de que nos ocupamos se encontra sem dificuldade. Outras regras gramaticais são desnecessárias para este estudo.

É enquanto etnólogo que o autor utiliza esta língua; não é um especialista dessa nem de outras línguas semitas (eventuais falhas não podem ser imputadas àquela bibliografia donde se retiraram unicamente os vocábulos e suas significações). Fazendo apenas uso da língua, também não é especialista em linguística e desconhece os conceitos da disciplina. A terminologia *ad hoc* utilizada é da sua responsabilidade; pretende unicamente fazer-se compreender dos leitores não familiarizados com estas línguas.

³ Cfr. JOÃO REIS, *Latinização dos vocábulos hebraicos*, in *Origens Orientais*, cit., pp. 363-65.

A dinâmica da antiga expressão. Para compreendermos o funcionamento das expressões portuguesas identificadas nas páginas seguintes, torna-se ainda necessário referir a «dinâmica da expressão ugarítica». As obras que serviram de base a este estudo, nomeadamente a de Del Olmo Lete várias vezes citada, procedem unicamente à análise dos textos de Ugarit; não se referem ao uso da língua. Ora, à medida que iam sendo identificadas as expressões portuguesas, demo-nos conta de que a frase antiga pode abarcar várias significações concordantes, sem que fosse possível optar por uma ou por outra. Essa variedade de significações concordantes depende de pequenas *nuances* fonéticas ao nível das «vogais», ou do efeito de consoantes do mesmo grupo. Optar seria impossível, pois a expressão actual pode ter sido modificada em função dos termos neolatinos. O facto é que — e temos então uma curiosa dinâmica linguística — a expressão ugarítica correcta pode desdobrar-se em dezenas delas, sempre sinónimas ou complementares, mas nunca contraditórias. Essa dinâmica desenvolve-se através de certos processos, que são conhecidos na oralidade semita, nomeadamente no hebraico antigo. Apresentamo-los de seguida; a sua formulação é também da responsabilidade do autor.

1) *Um termo ugarítico comporta um pequeno leque de significações* (três em média) e, como constata Del Olmo Lete, «todas são linguisticamente possíveis»; nos casos concretos, a escolha de um ou de outro depende do contexto da frase. Esta pluralidade de significações pode parecer à primeira vista perturbante, mas não o é de facto, por esses termos estarem carregados de simbolismo. Exemplos:

ar 'brilhar, falar, ensinar'
bd 'separação, entoar um cântico'
b'r 'acender iluminar, abandonar, deixar'.

Isto porque

Quem fala, resplandece, ensina.

Quem entoa um cântico, separa-se da voz, separa-se dos seus sentimentos.

Quem acende um lume, ilumina, abandona o lume, deixa um lume.

2) *O ugarítico tende para os monossílabos de duas letras*; a língua seria monossilábica. Uma particularidade notável (comum ao hebraico antigo) é o facto de os vocábulos plurissilábicos serem o «somatório semântico» dos monossílabos associados: dois monossílabos juntam-se para criar um conceito melhorado, não totalmente novo, apenas mais completo ou mais concreto. Isto equivale a dizer que os monossílabos tanto funcionam individualmente, com a sua significação própria, como associados entre si, constituindo um novo vocábulo. Exemplos:

gl 'fusão' + *mt* 'morte' = *glmt* 'escuridão'
ar 'brilho' + *kt* 'espaldar' = *arkt* 'poderio'
ah 'irmão' + *dm* 'sangue' = *adam* 'humanidade'
ad 'papá' + *ir* 'cidade' = *adir* 'soberano, magnate'
yb 'soluços' + *umt* 'mãe' = *ybumt* 'mãe adoptiva, esposa'.

3) Outra particularidade importante, totalmente estranha às línguas europeias: os homófonos ou quase-homófonos são sinónimos ou quase-sinónimos. Entendemos por «quase-homofonia» o efeito das consoantes do mesmo grupo fonético (t/\underline{t} ; 'a, s/z, s/̄s, etc.). Exemplos:

<i>ar</i> [ar]	'luz/brilho/fala'
<i>hr</i> [er]	'concepção/ideia'
<i>ab</i> [abe]	'pai'
<i>aby</i> [abi]	'ancestral'
<i>dr</i> [dôr]	'família'
<i>tar</i> [tjâr]	'parentela'
<i>sr</i> [sâr]	'desafiar'
<i>̄sr</i> [xâr]	'insidiar'
'z [aze]	'é forte'
<i>hs</i> [âsse]	'assusta, invade'.

4) A homofonia-sinonímia refere-se tanto aos vocábulos como à globalidade da expressão; ou seja, a partir de uma frase podemos construir uma «frase homófona», e esta nova frase é equivalente, semelhante ou complementar da primeira, mas nunca contraditória. Exemplos:

<i>ar ab sr</i> [árabesâr]	'o brilho do pai desafia'
<i>hr ab ̄sr</i> [arâbexâr]	'concepção de pai insidia'
<i>ar ab t̄</i> [arabtxâr]	'brilho do pai de família'
'r ab sr [arabesâr]	'excitado o pai desafia (sentido nupcial)'.

5) A homofonia-sinonímia é independente do modo como se constituem os vocábulos, uma vez que a língua é concebida para e pela oralidade. Ou seja, podem esquartejar-se os vocábulos iniciais e constituir outros novos, no interior da mesma frase. A nova expressão continua idêntica, é complementar e nunca contraditória. Retomando a expressão precedente:

'rb sr [árabesâr]	'introdução do príncipe (sentido nupcial)'
'r ab sr [árâbesâr]	'agita-se o pai príncipe (sentido nupcial)'
<i>hrab sr</i> [arâbesâr]	'o tempo da boda insidia'
<i>hr a bsr</i> [arââbxer]	'concepção de irmão esperança de boa notícia'
<i>ab r' bsr</i> [arrabser]	'irmão companheiro para o príncipe'.

Todas estas expressões são correspondentes ou complementares da primeira, «o brilho do pai desafia».

No exemplo seguinte procede-se ao desmembramento sucessivo dos vocábulos, recorrendo-se só excepcionalmente aos homófonos:

<i>um</i>	'mãe'
<i>umt</i>	'família/clã'
<i>yb um</i>	'soluçar de mãe'
<i>ary</i>	'parente'
<i>y bum</i>	'ai na mãe!'
<i>ib um</i>	'fruto de mãe'
<i>i bum</i>	'de veras na mãe'
<i>yb 'm</i>	'soluçar do povo'
<i>i b 'm</i>	'de veras no povo/antepassados'
<i>ib 'm</i>	'fruto do povo'
<i>ybm 'm</i>	'oferenda dos antepassados'
<i>ybmt</i>	'pretendida/esposa/protectora/ /cunhada no levirato'
<i>yb umt</i>	'soluçar da família/do clã'
<i>yb bumt</i>	'soluçar na família'
<i>yb be bumt</i>	'soluços entram na família'
<i>bybmt</i>	'adoptado na família'
<i>y bumt</i>	'ai! com a protectora'
<i>ib umt</i>	'fruto/gema da família'
<i>i bumt</i>	'de veras na família'
<i>ybm t'</i>	'oferenda do magnífico'
<i>ybm tar</i>	'oferenda da parentela/do fiador do dote'
<i>ybm trb</i>	'oferenda de desposório/de dote'
<i>ybmt r'</i>	'família de companheiro'
<i>ybm tr</i>	'família é recurso/é cinto'
<i>ybmt ar</i>	'a protectora fala/brilha'
<i>yb umt ar</i>	'soluços da família falam/brilham'
<i>ib umt ar</i>	'gema/gema da família brilha'
<i>yb umt ary</i>	'soluços da família dos parentes/ /dos vizinhos'
<i>yb umt 'r</i>	'o soluçar da família exacerba/excita'
<i>yb um t'ar</i>	'soluçar da mãe da parentela/do fiador da honra'
<i>ybmt t'r</i>	'a protectora/esposa prepara a mesa'
<i>ybmt tr</i>	'a pretendida é recurso/é cinto'
<i>ybmt tr r'</i>	'a protectora é recurso do companheiro'
<i>ybmt tr tar</i>	'a mãe/nutritora é recurso da parentela'
<i>ybmt t'rt</i>	'a nutritora dispõe da algibeira'
<i>ybmt tr t'rt</i>	'a nutritora é recurso/é cinto da algibeira'
<i>ybmt t'rt tar</i>	'a nutritora é algibeira da parentela'
<i>yb um tr tt ar</i>	'soluçar de mãe é recurso do esfo- meado que chora'

<i>yb um tr t̄t'ry</i>	'solução de mãe é recurso de quem teme a nudez'
<i>yb bumt r't't ary</i>	'gema no clã do companheiro magnífico da parentela'
<i>byb um tar trt</i>	'soluçando, a mãe da família dispõe a mesa'
<i>yb bumt ar tar</i>	'soluções na protectora iluminam a parentela'
<i>yb bumt r' trrt</i>	'soluções no clã dos companheiros da Magnífica (cidade/deusa)'

Notem-se casos como:

<i>tar</i> [tjar]	'parentela'
<i>t'r</i> [tjara]	'pôr a mesa'
<i>tr</i>	'recurso'
<i>t'rt</i>	'algibeira'.

Exemplos do recurso aos «fonemas homófonos» (consoantes dos mesmos grupos):

<i>aby tar sr 'z</i>	[abitjarserâze]	'a paternal parentela insidia, é forte'
<i>ab yd hr sr̄s</i>	[abidârxerôse]	'o pai do membro viril concebe descendência'
<i>ah bt hr sr̄s</i>	[aabitâr xerôse]	'o irmão da filha concebe descendência'
<i>hh b'd hr sr̄s</i>	[aabidârxerôse]	'o fraco por detrás concebe descendência'
<i>ab it̄ ars rz</i>	[abitjarserrâze]	'o pai tem terras, compete'
<i>ab yd hr tr̄ h̄s</i>	[abidertjoraxe]	'o pai acarinha a concepção do touro temível'.

Se a expressão é simbolicamente forte, a mesma força projecta-se também nas derivadas:

<i>nps blt hmr</i>	[enapsbeltgâmr]	'o meu apetite devora montões' (<i>Canaã</i> , p. 214).
<i>an p s̄bt lh̄ mr</i>	[anapxebatlgâmr]	'a minha boca são sete mandíbulas de cães'.

Pesquisando sucessivamente fonemas homófonos linguisticamente possíveis e com sentido, verifica-se que uma expressão pode ser desenvolvida em muitas outras. Deste modo exploram-se até à exaustão os recursos do idioma.

6) Além dos processos já referidos, podemos ainda proceder a *metáteses no interior da mesma sílaba*. A expressão permanece idêntica ou complementar. A linguagem presta-se então a variadíssimas composições; a Bíblia e o Talmude comportam exemplos deste recurso. Em certos salmos bíblicos, como noutras obras poéticas antigas, os autores limitam-se a rodar as consoantes para encontrar variações, uma espécie de trocadilhos que são linguisticamente legítimos, com significações complementares

da fórmula anterior, por vezes, fórmulas curiosas e imprevistas, nunca contraditórias. Exemplos de metáteses de consoantes no interior de um vocábulo de três letras:

<i>tar</i> [tjar]	'parentela'
<i>trb</i> [têrá]	'desposar-se/pagar o dote'
<i>atr</i> [átjrá]	'posteridade/atrás'
<i>ar t'</i> [artjá]	'brilho do magnífico (marido)'
<i>at r'</i> [atrá]	'tu és parceiro/companheiro'
<i>tr ab</i> [turá]	'recurso de irmão'
<i>t r'</i> [tjárá]	'magnífico companheiro'
<i>br t'</i> [ertjá]	'concepção do magnífico'.

Exemplo de metáteses no interior de uma frase, utilizando sempre as mesmas consoantes:

Frase

ab ar bt br [ábárbeitar] 'o pai é o brilho da família da geração'.

Desenvolvimento

<i>ba r' t' bar</i>	'entra o companheiro magnífico a brilhar'
<i>rb r' at bar</i>	'o chefe companheiro domina no brilho'
<i>rb tb ab hr</i>	'o chefe bom dos irmãos da concepção'
<i>ba r' t' rb</i>	'vem o companheiro magnífico, grande'
<i>ba r'ah at</i>	'vem o companheiro irmão dominar'
<i>ab bt bhr ab</i>	'o pai é o centro na concepção do irmão'
<i>ab tr b'r</i>	'o pai é cinto/poder de brilhar'
<i>bt rb ar</i>	'a casa do pai brilha'
<i>b'r at bar</i>	'deixa-te/acende-te no brilho'
<i>tb b'r r'</i>	'suave iluminação de companheiro'
<i>bt rb 'r</i>	'casa grande/numerosa excita'
<i>bt rb hr</i>	'casa do chefe de concepção'
<i>bbt r'ah</i>	'na casa do companheiro irmão...'
<i>ab at rb</i>	'...o pai domina, é chefe'.

7) Seja qual for o recurso — metátese ou homofonia — que se adopte para encontrar uma variante, *uma expressão nunca pode dar origem a uma expressão contrária*. Se a frase donde se parte tem conotação positiva, elogiosa, moralista, digna, etc., todas as outras terão a mesma conotação, sendo idênticas ou complementares, faça-se a pesquisa que se fizer.

O desenvolvimento do sentido numa direcção coerente é uma prova, ou um teste, da exactidão da expressão ugarítica. Com a sucessão das metáteses, ou com pequenas modificações ao nível das consoantes do mesmo grupo, o sentido original pode desviar-se, mas permanece sempre na mesma linha de ideia. Deste modo, uma pequena frase (provérbio, regra moral ou simples palavra plurissilábica) pode desenrolar-se sob a forma de uma «história» ou de uma lição coerente, com princípio, meio e fim. Por exemplo, na frase «O meu apetite devora montões», pode passar-se a falar de carneiros, uma vez que a ideia primitiva é «comer em montões»:

<i>nps blt hmr</i> [nepesbeltgâmer]	'o meu apetite devora montões'
<i>apn s' blt g mhr</i> [apensabeltgâmer]	'logo depois do prato devorar, voz do vigor'
<i>hb np sa bl thm hr</i> [âânapxabelitagômer]	'débil o cimo trepa sem tocar o chão do monte'
<i>nps ba t' lhm hr</i> [nepesbatalaguer]	'o meu apetite vai atacar o comer do monte'
<i>ap 'n sa bl t' hmr hr</i> [apeinxabelitâgomer]	'o nariz vê-se trepar sem responder ao terrível calor do monte'
<i>ba bl sp t' lhm r</i> [baelxapetalagâmer]	'vem, olha aqui a duna, ataca-te ao montão!'
<i>nps ba t' lh mr</i> [nepasbatalgamer]	'o meu apetite vai atacar-se à lei do carneiro'
<i>nps mr ba t' lhm</i> [nepesmerbetalagâm]	'o apetite do carneiro vai atacar o comer'
<i>btl an sp h mr</i> [batelanxepahômeir]	'no outeiro, a minha estirpe de carneiro...'
<i>tspl an blhm ur</i> [txapelbelagâmur]	'... agacha-se com força ao comer erva...'
<i>an sh ba hr lhm</i> [anxechtbaerlagâm]	'o meu degolador vai conceber comer'.

Quanto às expressões portuguesas, não se explorou o recurso às metáteses, por ser desnecessário para o nosso objectivo.

Porquê explorar também deste modo a frase que deu origem à expressão portuguesa? Por duas razões: em primeiro lugar, através da homofonia, procura-se abrir o

mais possível o leque de significações da antiga expressão, dado que a sua sonoridade pode ter sofrido modificações pela necessidade de se adaptar aos termos actuais; em segundo lugar, trata-se de encontrar o método de comunicação e de cultura popular dos antepassados que utilizariam o seu idioma desse modo, como ainda hoje se faz nos meios populares que falam os idiomas semitas.

Os materiais dividem-se em vários grupos. No primeiro encontram-se as expressões cujos vocábulos só têm significação nessas fórmulas (§ 2). Nos outros, as frases teriam sentido por si sós, mas escapam à gramática geral, ou os seus termos encontram-se semanticamente desviados do linguajar comum. Apenas algumas frases foram desenvolvidas no sentido de encontrar uma «história» subjacente, e o efeito é estranho e um tanto misterioso no contexto das línguas europeias.

2. Cem desvarios que nos podem servir de guia.

1 Levar nas bitaclas

<i>blt akh</i>	[belitaka]	«apanhar na cara»	'aí tens na cara!/na frente!'
<i>bt k 'l</i>	[bitakal]		'na cara do parente'
<i>blt akh' l</i>	[belitakal]		'aí tens na cara parente!'
<i>bt k hl</i>	[bitakul]		'na cara a dar saltos'
<i>bt k hl</i>	[bitakal]		'na cara! olha, aqui!'
<i>bl it akl</i>	[belitakl]		'de certeza tens de comer'
<i>bit akl</i>	[bitacle]		'toma comer! há que comer!'
<i>bly tk</i>	[belitakle]		'comer na frente'
<i>blyt akl</i>	[blitacle]		'na face comer'
<i>bt akl</i>	[beitacle]		'a filha/casa come'
<i>bit ah akl</i>	[bitaaql]		'que tenha o irmão de comer'
<i>blyt ah k</i>			'na cara do irmão de certeza'
<i>blyt ah ql</i>			'na cara do irmão cai'
<i>bt akl</i>			'a filha come'
<i>bt' kl</i>			'atacando a totalidade'
<i>bt akl</i>			'envergonha-se de comer'
<i>lb it klt</i>			'coração toma a quantia!'
<i>blyt qlt</i>			'na cara desprezo'
<i>bly qlt</i>			'devorar/comer a humilhação'
<i>bly klat</i>			'devorar do acordo'
<i>bly tqy</i>			'o comer do apaziguamento'
<i>bt' akl</i>			'no atacar do comer'
<i>bly t' akl</i>			'o devorador ataca o comer'
<i>bly t' kl</i>			'o comer ataca a totalidade'
<i>bly t' k</i>			'o comer ataca deveras'
<i>blt ah k hl</i>			'tens irmão de certeza tão certo como...'
<i>w it akl</i>			'de certeza que há de comer'
<i>w lyt akl</i>			'de modo que a cara come'
<i>bl t' k' l</i>			'por ser forte ataca deveras o parente'
<i>bla by t' kl</i>			'sendo forte, ela ataca todos'

*bla hy t' ah kl**blyt akl**w la y t' k 'l**blyt blk*

'prevalecendo, ela ataca os irmãos todos'

'na comitiva come-se'

'de modo que prevalece -ui! ataca mesmo o parente'

'na cara corre/flui/faz correr'.

Seja qual for a composição, a expressão gira sempre em torno da mesma ideia. Repare-se que o significado 'comer' tanto se encontra em *bly* 'comer, devorar', como em *akl* 'comer, alimento'.

2 Língua saburmenta*tbrn ntn* [tjaburnnetan]*tbr ntn**tb bur ntn**sb bur ntn**sbr ntn**sb' rum nt*

«má-língua»

'abertura da fetidez'

'rompe-se de fetidez'

'dar voltas/responder/dirigir-se no calor da fetidez'

'sacia-se no calor da fetidez'

'facho da fetidez'

'sete vezes de vermes carregada'.

3 Mulher maiteca*m tqt* [mataqeta]*mad tqt**mtq't**mtkr*

«fala muito, linguareira»

'dada à gritaria'

'muitos gritos'

'consagrada à deusa do parto (=alcoviteira)'

'dada a contar/recitar'.

4 Cometer malfairo*'m pbyr 'l* [amfarailu]

«adultério da mulher»

'contra a integridade do parente'.

5 Mangas-las-mangas*mnh ng lbst mnh ng*

[managa – laast – managa]

«paz d'alma»

'calma anda conversa calma anda'.

Mnh (hb. *manoah* 'calma'; ug. 'andar'; *lbst* 'charlas'). Mangonar (mandriar), mangona (preguiça), magueilas (que nada faz), etc. terão a mesma origem.

6 Meter-se nas encospias*ans hsk p* [ans ggaskapi]*ans yitsp**ans kp**anh skp*

«calar-se, não dar sinal de si»

'músculos retidos da boca'

'músculos recolhidos/arrebatados (de *asp*)'

'músculos unidos'

'queixoso languidesce'.

- 7 **Levar na matoita** «no couro cabeludo»
mat'it [matoite] 'plantio [couro cabeludo]'.
- 8 **Está maciriri** «está doente»
mars'rs [marsiris] 'estar enfermo de cama'.
- 9 **Há mosquitos por cordas** «há tumulto, balbúrdia»
msk yd pr krt [maskidi per kort] 'misturam-se as mãos rompe-se a aliança'
msk yd pr ktr 'apegam-se as mãos rompe-se a alegria'
hsk yd pr qrt [gashkidi per qart] 'agarraram-se as mãos rompe-se a honra'
msk isd... 'misturam-se as pernas...'
msk yd ydy pbr qrt 'agarradas as mãos arranha-se a assembleia da cidade'.
msh ydy pr krt [mosshidi per kort] 'morre o amor rompe-se o contrato'.
- Para *krt* e *pbr*, cfr. parte V, cap. I, *Cortes*.
- 10 **Mostrar a pela** «deixar-se ver»
ph 'l [pael] 'ver presença'.
- 11 **Mudar de querena** «mudar de ideias»
knr [qnera → querena] 'harpa, lira'.
- 12 **Sem estar com mais aquelas** «de repente»
mb mgz ahl [magzaggalé] 'por favor, obséquio...'
- 13 **Sem estar com más nem més** «sem advertir, de repente»
m' 'ny m'y [mainimai] 'por favor, dizer...'
- 14 **Não preciso de café de garrilhas** «desprezar um favor com receio de este lhe ser lançado à cara, um interesse reservado»
kbd gr il [qabéde garrile] 'agasalho do hóspede do santuário' (honras devidas aos peregrinos).

Gr [gar/guer] 'peregrinos/estrangeiros' era o pessoal ou os peregrinos que, na Acádia pelo menos, viviam a expensas dos santuários (*Il*=deus e santuário). *Kbd* é 'honra ou agasalho'. A expressão «ter cabidela» em casa de alguém significa 'ter as honras' dessa casa.

- 15 Pata galhana «andar coxo, andar a pé»
galy'n 'saltar sulcos'.
- O hb. *galah* [galag] também significa 'emigrar, marchar' e 'ny 'humilhado'. Um pata-galhana é um salta-pocinhas.
- 16 Ir de naga «retirar-se depois de uma repreensão»
ngah 'retirar-se'.
- 17 Andar aos cunhos «andar aos desperdícios, às migalhas»
qns 'agachar-se, apanhar do chão'.
- 18 Cantar o macareno «maldizer, cantar o fado»
- | | |
|-----------------------------|--|
| <i>mk ar 'ny</i> [makareni] | 'o decaído/abatido canta o abatimento/humilhação' |
| <i>mk ar 'ny</i> [makareni] | 'poça/lodaçal de cantar a humilhação/abatimento' |
| <i>mqr 'ny</i> [maquareiny] | 'dedicado à fonte do dizer/responder (= culto/augúrios)' |
| <i>my qr 'ny</i> | 'água da fonte do dizer/das respostas (augúrios)' |
| <i>my qr 'ny</i> | 'quem? fonte diz' |
| <i>mk qr 'ny</i> | 'está aqui, olha!, fonte responde' |
| <i>mk ar 'n</i> | 'o fraco/decaído canta a fonte' |
| <i>mk 'r 'n</i> | 'o fraco/decaído excita a contemplação'. |
- Refere-se aos prantos («fadados») junto das ribeiras, muito comuns no passado; *ar* 'cantar/brilhar/resplandecer' e 'ny 'dizer/responder', frequentes nas expressões culto; *mk 'ny* 'queda/humilhação'.
- 19 Bater a tarola «tremer os dentes de frio»
tara 'tremer'.
- 20 Apanhar um cerote «apanhar um susto»
- | | |
|-----------------------|---------------------------|
| <i>sr ht</i> [seratu] | 'veementemente despertar' |
| <i>s̄rt</i> [xaxerat] | 'cor vermelha' |
| <i>s̄r' ht</i> | 'fluxo desperta' |
| <i>trt</i> [txarat] | 'suor, emanção'. |

- 21 Ir de vendas ao sedeiro «cair»
 ṣd 'chão'
 ṣd ars 'chão de terra'.
 (hb. *shedab* 'chão')
- 22 Fazer o mal e a caramunha «praticar uma falta e lamentar-se»
 qr 'm mn [qaramanu]
 [qaramuna] 'gritar contra o destino, ou contra o próprio'.
 Mn (ac. *manu*) 'o que, qual' mn (hb. *men*) 'destino'.
- 23 Com todos os quindins «todos os requisitos»
 kn dym [kendim] 'regras do julgamento'
 qym dyn 'assistentes (oficiais) do julgamento'.
 Trata-se de uma fórmula jurídica *kn* 'estabelecido/fixado, regra'; *dym* 'julgamento/causa'; equivale a «com todos os conformes», «como manda a lei», «como manda a lei da sapatilha» (*sapatu* 'juiz'), etc. Cfr. *infra*.
- 24 Parece-te atum mas é pichelim «pensas que é uma coisa mas é outra»
 p slm [pishalem] 'apenas a imagem'
 atw maza p slm [atou maza pishalem] 'vir encontrar apenas a imagem'
 p'r ṣsr atw mza pslm [parexexere atou maza pishalem] 'reclamar o príncipe e vir encontrar apenas a sua imagem'
 p'r ṣsr Aton maza pslm [parexexere Aton maza pslm] 'proclamar Aton e encontrar apenas a sua imagem'.
- 25 Para a marina «para a paróquia»
 phr amr'n [peru amarine] 'assembleia de ver e de contemplar (=culto)'.
Phr/pehru é corrente na toponímia. Note-se 'marina' [não «marinha»].
- 26 É um gaifeiro «que gosta de uvas ou fruta»
 gpn ary [gafen ary] 'vinha dos parentes/vizinhos'.
 Refere-se ao antigo costume de os rapazes combinarem roubar de noite uvas, melões e outras frutas aos vizinhos para patuscadas.

- 27 Arraia-miúda «plebe, proletariado»
hbaya mad/me'od [arraia meode] 'vivos numerosos (multidão)'.
- 28 Sanha, sanhudo «raiva, ódio»
sna, snu 'abominar, inimigo'.
- 29 Que salseiro! «que barulho!»
shl [sagal → *salsal*] 'grito'.
 Refere-se aos prantos rituais, geralmente por mulheres.
- 30 Um salsifré! «discussão acesa entre várias pessoas»
shl sipr' [sagalsiphra] 'gritos entrelaçados'.
- 31 Anda a saracotear «a rebolar as ancas»
sr qata [saraqata/saraqota] 'soltar a asa/tentar a asa'.
 Saricoté é uma dança antiga; hb. *sarar*.
- 32 Um sarambeque «baile alegre e lascivo»
sra'n bky 'cantar chorando' ou 'cantar chorando insidiosamente'.
- 33 Sarangonhar «pedinchar»
sara go'ny 'insidiar com voz humilde'.
- 34 És um pailão «és um burro»
phal wn [pualun] 'asno com certeza'
p lun [palun] 'dizer baboseiras (insultos/desprezo)'.
 Ac. *puhalu*; são equivalentes «paio» (=parvo), «pala/palão» (burrice), etc. «Paleio/palheta», de *pa'l* 'falar'.
- 35 Ver-se em palpos de aranha «numa trapalhada»
p'lpt brn [palpte horano] 'ver-se alimento de Horano'.
 Horano, divindade infernal da religião acadiana. Note-se a permanência de 'palpos', que podia ter-se corrompido em 'papos'.

- 36 Pandilha; padilhar «pessoa pouco conceituada; vadiar»
pan, pant il 'peregrinos, hóspedes de um santuário'.
 Religiosos vagabundos, falsos peregrinos, conotados como vadios.

37 Pandanga, Pangaio...

Pan é um termo cultural para 'festa/peregrinação/êxtase'. Os *pant-il* seriam equiparados aos *gar-il* 'garrilhas'. Existem numerosos termos populares derivados de *pan-*: *panga* («delicodocce/mulherengo»), *pangaio* («indolente/fantoches, que se não leva a sério»); *pandanga* («episódio engraçado, coisa cómica»), que parece derivar de *pan Dagon* = festa de Dagon, deus trigo; *panguiar* («devorar/comer»); *panhona* («palerma, sem vontade própria»); *pangaluno* («ocioso»); *panria* («preguiça»); *panta* («troca-tintas»). No fundo, temos a ideia de peregrinos/penitentes. «Pangaio» (pateta alegre) encerra a ideia de «alegria/promessa/redenção» (*gal/gaiul*); «pangaluno», a de penitente (*pang 'olyn* 'penitente do Altíssimo'); o «pangaio» corresponde ao *pan-galus*, os célebres extáticos/místicos que se castravam no santuário, e que adoptavam depois os modos femininos; encontramos alguns na Toponímia. Papagaio («palrador/falador/gralhador») — de «origem obscura» segundo o dicionário de José Pedro Machado — deriva do hb. *pa-pa gal* 'falar-balbuciar alegremente'. Um «papagaial» é uma «pessoa incoerente e inconstante» (ug. *gall*, sir. *gawl* = 'intoxicação, ressaca'). O «papagaial, incoerente», intoxicado, era o extático que «falava em línguas».

- 38 Olhar das chedas do carro «olhar com desprezo, por cima da burra»
s̄d d qr 'campo que apregoa/grita'
'll day s̄d d qrr
 [alal dai xeda de qarra] 'olha por cima do campo que apregoa (proclama)'.

Expressão em crioulo. José Pedro Machado diz que *Cheda* (nome de muitos sítios) «é do céltico», e como prova refere os termos *clata*, *cliat*, *clwid* e *cea*, «existentes no irlandês, galês e piemontês» (mas não diz em que textos se encontram nem o que significam). Em ug. temos *s̄d*, com *s* líquido [*xed*] e no hb. *sade* [*xade*], significando ambos 'campo, terreno'; aparece em documentos portugueses do século XIII provenientes de Bragança: «um campo a que chamam cheda». *Qrr*, além de 'gritar, apregoar', pode significar 'fonte ou cisterna'; é muito frequente, sobretudo como nome de sítio (*Fonte do Carro*, por exemplo).

- 39 E saca, não desenlaca... «e vai daí, e por fim, e finalmente...»
sq an d's 'm lqb/lqz
 [saqa ana desaamlaqa] 'agarra força rodopia até conseguir/
 recolher'
sky'n dsn hlq
 [saqi inadesen halaqa] 'aparece, olha, corre, mata'.

A expressão actual é uma forma estereotipada de pôr fim na descrição de um conto ou episódio, um pouco como «ao fim e ao cabo, vai-não-vai». Note-se a fórmula «desenlaca» [ç], não [ç]. Segundo José Pedro Machado, 'sacar' é exclusivo do português e do castelhano e deriva do gótico (o que é a língua gótica?). Este autor refere textos em latim medieval, em que tal palavra aparece com o significado idêntico ao de hoje: «apanhar», «despossessar» (*sacavit de vestro legamine unum latronem...*); é evidente que *sacavit* é latim inventado na Idade Média.

40 Passar a canhames

«fugir»

ps' 'm kn'ms [pesá am qanames] 'rebelar-se contra a imposição da norma'.

«Canhames», que não existe fora desta expressão, seria uma fórmula jurídica para dizer que o condenado escapou à execução da pena. *Kn'ms* significa 'a norma impõe' (lit. «põe às costas»), decreta uma pena, enquanto «passar a canhames» é fugir à pena. «Passar» teria herdado a homofonia de *pes'a* [pessá], 'transgressão/rebeldia'.

41 Saramagus-magus

«afiadela, palavras que se dizem quando se passa a faca por um alguidar para a afiar»

s' mh mh [saia mag mag] 'prato renova, renova!' (ou limpa, limpa!).

Fórmula que ritma os movimentos da afiadela; *sb* [sagga] 'grita/chama/chama/convida'.

42 Nas vascas da agonia

«estretos, arrancos da morte»

bs' + bq [basa + baqa]
bh sk [begasqa]

'separação' (dois sinónimos)
'na compaixão/no prender/no agarrar'.

José Pedro Machado considera a sua origem «ainda obscura»; Gil Vicente utiliza-o com o sentido de «convulsão».

43 Por fás e por nêfas

«por meios ilícitos, de um modo e de outro»

ps' [p/fesá] *nps* [nêfes] 'rebeldia/temperamento'.

A pessoa em questão faz por «rebeldia e porque essas tendências lhe estão na alma». A expressão está intacta, nem sequer se corrompeu nos acentos [*fáz-nefáz*], e quando também se podia ter transformado em verbos portugueses [faz e não faz]. *Nps* (hb. *nephes*) 'alma/espírito, desejo/apetite'.

44 Preso pelo barbicho

«ter alguém sujeito, preso»

bbrik arsh 'com joelho em terra'.

José Pedro Machado faz a palavra derivar de *barbi* + *queixo* ('ter barba no queixo'), sem dizer o que isso possa contribuir para a expressão ('ter barba' = preso?).

- 45 **Portar-se à recta dos mangos** «portar-se bem, ser correcto»
rht mgn [ragatu magan] 'palma da mão/obséquio'.
 «Responder ao que se pede»; *mgn* [*magne*] → mang], hb. *migen, aram, magan*
 'obsequiar/interceder, pedir'; *rht* 'palma das mãos'.

- 46 **Põe-te a fangos!** «acautela-te, toma atenção!»
ph an ng [faananga] 'ver onde caminha'.

- 47 **Peida gadocha** «ancas salientes»
gd w̄s [gadöche] 'farta e crescida'.

- 48 **Passar muito má rato** «muitas dificuldades»
maht [maggate → marate] 'rês sacrificial'.
Maht e *Magst* [magoste] 'sacrifício/holocausto', donde procede 'magusto'.

- 49 **O negócio tem picos na amarra** «tem dificuldades incontroladas»
pq 'n amrr [epiq ein amarre] 'encontrou o olho do feitiço'
piq 'n amrr [epiq ein amurru] 'encontrou o olho de Amurru'.

Amr tanto significa 'ver' como 'feitiço encomendado', porque um feitiço faz-se perante quem os encomenda; *amrr* 'feitiço' relaciona-se com Amurru, divindade ctónica invocada pelos necromantes (aparecia a quem o chamava, servidor das feiticeiras) (ac. *Amurru*). Passa a ter «dificuldades na vida» aquele que, por exemplo, encontra no seu caminho um feitiço («caqueirada» entre os Minhotos, vaso de produtos fumígenos deitado à rua), um sapo à frente da porta posto por uma bruxa, etc. Essas coisas seriam o «olho de Amurru». No Alentejo diz-se que um doente está «emaraviado» (de *amar* 'embruxado').

- 50 **Está o mar um cão** «Estou com pouca sorte»
amr un kn [amar un kan] 'bruxedo / olho de conjuro fixado'
ast amrru kn [asta amarru kan] 'está Amurru/bruxo prostrado'.

Se a expressão fosse de origem portuguesa, seria «o mar está cão». Mas que relação existe entre o mar e a pouca sorte?

- 51 **É um passa águas** «mole, com pouco expediente»
pzg [pésàga] 'lamentador/lacerante/penitente'.

Os *pzg* 'pazága] eram profetas extáticos, místicos excêntricos, que prantuavam nos santuários e se laceravam por ocasião das epidemias; cfr. *Toponímia*, «Valverde/Tábua».

- 52 É um carunfa! «cobarde, tem medo»
qar 'pp [qarr'upp/ff] 'gritar ao socorro'.
 Também se diz 'cagunfa': hb. *afa/aufu* 'gritar a socorro'.
- 53 Formou-se uma carava «uma súcia, uma reunião para brincadeiras»
qraw [qarawa] 'encontrar-se/aproximar-se'
qrb ba [qarabba] 'aproximados vieram/os vizinhos vieram'.
- 54 Cavalo roaz «cavalo soberbo, por causa das éguas»
rz 'z [ruz iaze] 'concorre / compete o mais forte'
ri'z [roiaze] 'aspecto de forte'.
 Hb. *ro'i*.
- 55 Está uma chafranafra «barulheira, chinfreineira»
spbr npbr [xefranefra] 'silvar de pássaros'.
- 56 Anda a chorar pitanga «lamúria, a dizer que não tem nada»
pit nh [pitnaga] 'de fome suspira'.

Guilherme Augusto Simões, no seu *Dicionário*, dá a seguinte explicação: «Segundo o escritor brasileiro Antenor Nascentes, a frase foi criada pelos colegas do violoncelista Casimiro de Sousa Pitanga na segunda metade do século XIX. Esse violoncelista tocava com muito sentido um solo no seu instrumento; quando era ocasião de entrar esse solo diziam: "Chora, Pitanga!", donde a expressão portuguesa... Como se uma nação inteira se pusesse a reproduzir os comentários de um grupo de estudantes a um espectáculo! No domínio das explicações etnológicas, é frequente entre o povo como entre muitos letrados confundir-se os efeitos com as causas. Se é verdade o facto de os estudantes terem gritado «Chora, Pitanga!», os assistentes reproduziram simplesmente a expressão corrente em razão do nome do violoncelista.

- 57 Chorar a lamba «lamentar-se»
lahm 'pão/comer'
lhm b [lahâmeba] 'pão/trigo vem!'.

Chorar ritualmente para que haja pão, vinho e azeite é costume bem documentado, prantos por ocasião de secas. O deus bíblico desconfiava desses exercícios (*Osé*, 7:14). «Eles não gritam com coração sincero | quando na sua esteira se lamentam | pelo pão e pelo vinho novo; | eles laceram-se, mas depois rebelam-se contra mim!»

- 58 Foi chupar carmorços «foi condenado em tribunal»
spl kmr+kms [xapel komer+
 +kamasu] 'agachar-se como um esforçado+pros-
 trado'.
- 59 Estar a clisar à palma «estar a ver bem»
qls lpnm [qilez alpanime] 'estar frente ao dianteiro'.
 A tradução literal seria 'estar de frente do que está diante'.
- 60 Isso é um cotoniço! «coisa pequena»
ktn's [qatonêsse] 'pequeno pau' (=uma palha).
- 61 Esse tipo é um crancho! « vaidoso, enfatuado »
gra nsu 'levantar figura'.
 'Figura' também se diz *nsa*, *tsu*, *tsan*, em virtude de o *s* corresponder ao *t* líquido hebraico [tch]. Os Beirões dizem 'crantcho'.
- 62 Fazer crescas «barulho sem pancadaria»
gra sk [qaraska] 'lamentação'.
- 63 Fazer cramações «clamores»
gra mtsr un [qramatsarun] 'invocar a chuva (em tempo de) seca/
 aflição'
qr mthr un [qramathara un] 'chagas/lacerações (em tempo de) aflição'.
- «Prantos em favor da chuva.» Lembre-se o interessante relato bíblico no monte Carmelo em que os Cananeus se laceram pela chuva, a qual só veio quando Elías a mandou vir (*I Reis*, 18:1-46; cfr. *Origens Orientais*, pp. 77-102).
- 64 Deu às de vila diogo «fugiu apressadamente»
agdtb' bl tl hg [aadj tebi blitil og] 'começou a galgar sem os marcos/portas contar'
bly tl hg [bilia til og] 'devorou marcos/portas por conta'
ahd bly tl hg [aadj bilia tilog] 'começou a devorar marcos/portas por conta'.

Tl (ac. *tillu*) 'marco/ombreira de porta'; *tl* (hb. *tel*) 'outeiro'.

- 65 **Dar-lhe na mona ou na gana** «repentina ou arbitrariamente»
mn [mun] *gn* [gan] ‘cabeça, figura/arrogância, orgulho’.

Magan é «soberano/benfeitor»; dizer «deu-lhe na real gana» equivale a duplicar a ideia de *gn*. De alguém poderoso se diz que é «maganão do alto».

- 66 **Deu-lhe a zoina** «ficar zangado, amuado»
zu anb [zuianah] ‘secreção do gemido/da queixa’
zu nht [zunagt] ‘ficar humilhado/abater-se’.

- 67 **Mulher de alto coturno** «da alta classe»
ktr [qotru] ‘boa situação’
kt rm [cotrrume] ‘estrado elevado’
qtr un [qutorune] ‘espírito forte, perfume elevado’.

- 68 **Combinado! É como bacacas** «não falha’ = coisa combinada!»
bq' kb [bakaka] ‘fendido! seguro’
kn bq'kb [konbaqaka] ‘assim mesmo! fendido! seguro!’

Forma de juramento em que os contratantes dividiam (fendiam) algo ao meio, geralmente uma refeição. Cfr. *Cortes*.

- 69 **Epre!** «está dito, combinado»
pr [per/pre] ‘cortado!’

Fórmula equivalente à anterior. *Pr* [per/pre] seria o termo para ‘negociar’.

- 70 **É gamote!** «fórmula de saudação entre conhecidos»
hym! hwt! [guim! uot!] ‘Viva! Que viva’
gam hwt ‘dizer viva!’ (voz «viva»).

Talvez a fórmula fosse *hym!* ‘viva!’, ao qual o outro respondia *hwt!* ‘que viva’; associou-se depois a ideia de «dizer adeus» (*gam* ‘voz’). Cfr. *Sem dizer água vai*, p. 101.

- 71 **Está de gorra comigo** «implica comigo»
gr r' [gar rá] ‘oposição ao companheiro’.

- 72 **Está a impar** «está soberbo»
hmp ri [enepari] ‘altivo de aspecto’
ynp'ri [inepari] ‘levanta-se’.

72A Andar às imparicas, ou arimpicas

bmp' r yq
yp' rk
ymp' abr rk
ymp' rqs [impariqas]
in ph rk
ary 'n epiq
ab ri 'n epiq

ary hp yq

«andar em bicos dos pés»
 'ativo move-se a escalar' 'sai acima'
 'levanta-se detrás acima'
 'levanta-se salta'
 'não tem vista por cima'
 'o vizinho ver consegue'
 'do irmão o aspecto experimentar consegue'
 'do vizinho a borda escalada'.

73 Estar com o amoque

'mq [iemuq] (ac. emequ)

«furioso»
 'tenaz, forte'.

74 Estar com o briol

b'r ul [bariul]

«bêbado»
 'acender a força'.

A expressão também se emprega para «energia, combustível», etc.

75 Está triclos meclos

try kl mlht [triql melgt]

«bêbado» (na Póvoa de Varzim)
 'peixe completamente salgado'.

76 Estou de pé calhado

ph q'l ht [péa qal hate]

ph kl ht
ph kl at
ph qlt
ph klt (ac. *ph killata*)

«estou atento»
 'ver de alto em baixo' (das alturas para baixo)
 'ver todo despertado'
 'ver todo o domínio'
 'ver uma volta'
 'ver de ambos os dois'.

77 Fulano está de periquilho

phyr qil [peruquilu]

«arrumado, perdido»
 'integralmente submerso/caído'.

78 Está de cilício

sly siy

«impaciente»
 'reza/conjura da desolação'.

79 Estou em pancas

apnk [apanka]

«aflito»
 'à espera, em câmara de espera'.

- 80 **Está-se burrifando** «desinteressa-se»
b'r rhp [bier rep/ph] 'deixa desandar/viravoltar'
brhp [borref] 'a desandar/dar voltas' (=voltar as costas).
- 81 **Estar com a gosma** «desejar muito»
gma+zma (sinónimos) 'ter sede'.
- 82 **Extru!** «vai depressa»
sat rus 'sai a correr'.
- 83 **É um falagamou!** «valdevinos, vadiolas»
phalu gamlu 'burro da constelação do Cocheiro'.
- Nunca pára. A figura de retórica da «constelação do Cocheiro», ou Auriga, foi muito utilizada no passado como exemplo do «aventureiro, corredor, cursor». A constelação é das mais conhecidas por ser por meio dela que se localiza a Estrela Polar. Cfr. em *Valverde/Belmonte*, a porta «falsa» do castelo de Sortelha (*phalusus* = 'dos burros e cavalos').
- 84 **Faz um chulé** «muito barulho»
ahl shl [ahlé xaahalé] 'Ai de mim!' (prantos / carpidos).
 Grito ritual «para livrar o anátema/perdição/esconjuro» e de prantos colectivos.
- 85 **Fazer tagatés** «caretas para o outro se rir»
th tht [tagtaggate] 'tocar por baixo' (=côcegas).
 É o mesmo que arranhar por baixo dos braços ou dos pés para «fazer côcegas».
- 86 **Fazer gaifonas** «momices, caretas»
gpn w's [gafnôiss] (ar. *gaffa*) 'enfeites para exprimir'.
- 87 **Fizeste um belo cardanho!** «péssima acção»
qrdm 'acto heróico'
qr dn 'apela julgamento'.

- 88 Me melem se... «juramento para protestar a sua inocência»
 ug. *mym 'ly* [maymeali]
 hb. *mimê'ly* [mimeali] 'a água (me) passe por cima'.

Refere-se ao julgamento no rio ou pântano, de que encontramos muitas referências na toponímia (cfr. «Cortes» em geral, e sobretudo «Sapatu»). O Código de Hamurabi estabelece os casos em que, para provar a sua inocência, o acusado devia ser lançado ao rio («ao deus-rio»); se fosse submergido, estava culpado, se resistisse, estava inocente. As acusações de adultério e de feitiçaria eram testadas por este método. Na Bíblia há casos em que as mulheres acusadas de adultério deviam beber certa água; se não lhes fizesse mal, estavam inocentes. O autor do dicionário que vimos citando dá esta explicação para a expressão «Me melem»: «A proveniência da frase deriva do castigo que consistia em colocar ao sol os criminosos untados de mel...», e que é uma explicação deduzida do sentido aparente das palavras, de senso comum.

- 89 Ir à chinchada «roubar fruta das árvores»
sm sd
ahd sm sd [aadj semxade] 'árvores do campo'
trm sd [xermxad] 'colher das árvores do campo'
 'alimentar-se dos campos'.

Sm 'árvores', pl. de 's [esse].

- 90 Ir com quartos ou com quartos «desaparecer»
ktr [qotaru] 'Kotaru' (diabo)
gtr [gotaru] 'Gotaru' (diabo).

Kotaru, ou Gotaru, divindade da magia e da técnica (=Diabo). Note-se a dupla versão lusitana, tal como nas tabuinhas de Ugarit. Outra hipótese: «ir com o fumo», um termo próximo, *qtr* (ac. *qutoru*), equivalente à anterior. Cfr. «o diabo a quatro», coisa inconcebível.

- 91 Ir de catambrias «cair aqui, levantar-se ali; ir bêbado»
qt'm bry [qatambri] 'com a asa cortada'.

- 92 Já o rolão tufa «diz-se da criança que se mostra precoce»
lhm tph [laggam tufa]
 [ggolam tufa] 'come maçãs' (=já tem dentes).

- 93 Ir antrópos-galhopos «tropeçar aqui, cair acolá»
trp gly w'p [terap galiuope] 'debilitado cai e levanta'.

94 Andar a paz de pílula

«não ter dinheiro»

<i>pd d pll</i>	[pdj de palilu]	‘ouro que secou’
hb. <i>paz d pilel</i>	[paz de pilel]	‘ouro que esgotou/secou’
<i>p d p ilu y'l</i>	[padj piluiala]	‘boca que diz «Ilu tem misericórdia»’
<i>p d p ilu 'l</i>	[padj piluala]	‘boca que diz «Ilu preocupa-te»’.

Note-se a variante hebraica que corresponde à actual; *palilu* é do ac. (ug. *pl*) ‘secar, esgotar, explorar’.

95 Ficou de cap'em colo

«só com o fato que traz» [julgamento em penhora]

<i>kp 'n ql</i>	[qapu ien qol]	‘a balança ver cair’ (o prato da balança ver afundar-se).
-----------------	----------------	---

Kap é um prato, e sinónimo de justiça (balança da justiça). As pessoas a quem tal dito se aplica foram vítimas de penhora. A expressão actual não podia ter ficado mais fiel. Repare-se inclusivamente na elisão *cap'em*.

96 Ir nas bimbas

«ir nas perninhas, cópula sem penetração»

<i>bybm</i>	[bibma]	‘estar na amante/protectora/nutritora’.
-------------	---------	---

Ybm ou *ybmt* (hb. *yebamah*) ‘pretendida, protectora, mãe-procriadora, nutriz, amante e a cunhada ou viúva núbil do costume do levirato’. *Estar na bimba* parece referir-se ao antigo rito semita de adopção, chamado na Bíblia e no Código de Hamurabi, «colocar nos joelhos» (entre as pernas), como prova de que adoptou uma pessoa por filho.

Segundo a *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*, *bimbar* é ‘entrechocar as coxas, e por extensão, bater uma coisa contra outra’; *rebimbar* é ‘bater com força’. No seu *Dicionário Etimológico*, José Pedro Machado dá esta explicação: «Parte interna e superior das coxas; este vocábulo talvez provenha de ‘bimbalhada’, em consequência dos movimentos daquela parte do corpo sugerirem o dos sinos»; explicação de senso comum.

97 Estar a troços de baguinias

«sem dinheiro»

<i>tr tar dbh 'ny</i>	[tur tseer debagynia]	‘recurso da família festejado/sacrificado e celebrado’
<i>tr 'sr dbhyn</i>	[tr exer debagynia]	‘recurso de banquete festejado celebrado’
<i>tr tr dbhny</i>	[tur tseir debaynia]	‘o recurso do fiador festejado celebrado’
<i>tr ts dbh 'n</i>	[trutjes deguinia]	‘recursos depredados sacrificados celebrados’
<i>tr tar d bgy hn</i>	[trutxer debaguin]	‘cinto da família mostra a medida’
<i>t'rt tbq'n</i>	[taart tebaqine]	‘algibeira fendeu/abriu um olho’
<i>tr tar tbq'ny</i>	[tur tseer tebaquynya]	‘o cinto da família apertado abatido’
<i>tar bgy'n</i>	[tser bagyien]	‘fiador mostra o olho’.

Tar (hb. *sé'er* ‘parentela/consanguíneos’ e ‘fiador da honra’), *tr* ‘recorrer’ e ‘cinto’; *tir* [tsir] ‘organizadores’. *Dbh* [debag] ‘sacrifício ritual/sacrificar’.

- 98 Levou-o a breca «morreu»
brq 'raio'.
 Também se diz «levado da breca» («irrequieto», como um raio). *Barak*, *baraka* também podem significar 'bênção'.
- 99 Homem de uma cana «de valimento»
amd kan 'sempre firme/sempre o mesmo'.
- 100 Esta lebre está corrida «esta tarefa está acabada»
ḥbr qry [hhebre qary] 'os companheiros saem'
lhbr qry [lhebre qary] 'na reunião/assembleia existe acordo'.
 Pode ter sido uma expressão ritual/processual para pôr fim a uma assembleia ou reunião pública. *Hbr* [ebre] 'celeiro/depósito/comunidade/reunião', talvez também trabalhos em comum; *qry* 'encontrar-se, sair ao passo'.
3. *Continuação dos desvarios linguísticos.*
- 101 Meter-se em assados «em complicações»
asr 'estar ligado'.
- 102 Estar à bebida «estar a jeito, próximo, ao alcance, chegar na altura»
bbyd [bebid] 'à mão'
ba byd [babyd] 'chegar com a mão'
ba byd 'chegada da mão'
ba bydy 'chegar ao cair'.
- 103 Falar à mão «falar a uma pessoa (por exemplo, o patrão a um assalariado) sobre a orientação a dar a uma tarefa que este vai iniciar»
pl/fl ahd mbu [falaadmau] 'inspeccionar, ocupar-se de quê'
pl/fl ahd mb/moah [falaahdma/ moah] 'inspeccionar tomada de juízo'.

Falla corresponde ao ug. *pl* e ao heb. *pílel* 'juiz/árbitro'. *mb* 'juízo/siso'; *ahd mb* [ãa(d) máa] tanto pode significar 'tomar juízo/siso' como 'ocupar-se de quê' (hb. *moah*).

- 104 **Estar com o bicho carpinteiro** «pessoa que não pode estar quieta»
bish d qar pntb [bixe de carpenta]
bish d qar pntb 'r [bixe de carpentairu]
 'com o homem que torce as articulações'
 'com o homem que torce as articulações, agitado'.
- 105 **Estar com a gralha na alma** «estar com um desejo»
qr'l nllm [qaraal nalagama]
gr akl
g'r akl
gb r' 'l
 'gritar por comer'
 'atacar o comer'
 'chamar o comer'
 'voz «companheiro aqui»'.
- 106 **Chove, chove, galinha amole** «dizem as crianças quando chove muito»
glm ml [galima malu]
 'encrespa/enche a corrente'.
- 107 **Enfiar o urso** «fazer acreditar numa mentira»
ph wsr/wrs [pe/fea ourse]
ph/fe usr
 'perceber a instrução'
 'ver, experimentar o membro viril'.
- 108 **Estar com meia aquela** «estar bêbado»
mh kly
mh akl [moa akala]
Mle [mala], *moah* 'comido/devorado'.
 'juízo consumido'
 'juízo comido'.
- 109 **Ainda estar em vê-lo-emos** «estar ainda muito atrasado em relação a um momento que se deseja»
bl hlm / bl halom
 [bel eholme / bel halome] 'fazer sonhos'.

A expressão «vê-lo-emos» (futuro do verbo «ver»), embora seja hoje bom português, não é utilizada no linguajar popular que, como se sabe, constrói os futuros de uma forma irregular.

- 110 **Mas isso é um pau por um olho!** «é uma coisa evidente»
pl phr al [pal peru âlu]
pl phr 'l [pal peru ailu]
pl phr 'l [pal peru al]
 'dizer tudo certo, consenso total [da reunião/assembleia]'
 'falar em reunião de parentes'
 'ver tudo por cima'.

Phr 'totalidade / integridade / comunhão de vistas / comunidade'; *al* 'certo'. A expressão idêntica, «pau pra um olho», no sentido de 'baratíssimo', pode provir da segunda versão.

111 Fazer o ninho atrás da orelha

«pregar partidas com estúcias, enganar, ludibriar»

<i>n'n</i>	[neime]	'gracejos'
<i>wr ay</i>	[uoraio]	'um cego qualquer'
<i>in n'm atr wra ay</i>	[in neime atjrá uoraiu]	'não graceja atrás dum cego qualquer'.

Wral 'enfermo'; *wr* 'cego'. «Comigo ele não faz os gracejos como se fazem atrás de um cego qualquer», ou «Comigo não faz gracejos, que eu não sou um cego qualquer». *Atr* 'depois' [atjar → atraj → atrás].

112 Fazer-se de lucas

«fingir que não percebe, não se dar por entendido»

<i>d lu ks</i>		'que é muito amável' («oh, coitado!»)
<i>d lu k</i>		'o que [dizes] sem dúvida! é assim!'
<i>dal'q</i>	[daluq]	'pobre órfão'
<i>d lu ks</i>		'pobre amável'
<i>d lyk</i>		'que é uma mensagem'
<i>d luh</i>	[de lugg]	'quem [o diz] é a lei'
<i>d lk's</i>		'que é por força da expressão'
<i>d lik</i>		'que é um enviado'.

113 Benza-o Deus! Não lamba o gato!

«A primeira parte é para desejar bem a alguém; alguns acrescentam a segunda parte»

<i>an/na lh̄m bh̄dt</i>	[nalaaam begadte]	'que haja pão fresco'
<i>an 'n lh̄m bh̄t</i>	[anein laambegate]	'que veja pão no forno'.

Não tenha falta de pão = não tenha de comer o gato donde «lamber»; *an/na* é uma interjeição imprecativa, equivalente a «oxalá / Deus queira que / por favor».

114 Levar maré de rosas

«desaparecer»

<i>mr dr' s'</i>	[maréderosaa]	'partir, perder, eliminar' (três sinónimos)
<i>mr d rbs</i>	[maréderââsu]	'partir qual lavagem'
<i>l b'r mr d rbs</i>	[lebar maré de raasu]	'deixando-se partir qual lavagem'.

115 Tão velho como o caçar da ameixa

«muito velho, imemorial» (referente a um costume)

kaħr d 'm hss [qagar de amessa] 'como desde que o povo se recorda'.*Aħr* 'atrás / depois / depois de / parte traseira'.116 Morder o mosco

«assaltar um domicílio para roubar»

msk'pegar/arrebatat' ('morder' é a tradução de *msk*).*mšb*117 Levar um bode

«receber um não»

bd

'afastar-se'

an bd [bâd]

'que me afaste'

lbu airum bd [lebuairum bâd]

'gritou: burros fora!'

lo war 'n bâ ħħ d [lôvar ien bôââde]

'oh! vem ver entrar o imbecil que tal!'

lba 'r 'n bd [lebâir einbâd]

'não venha perturbar a entoação do canto'

lwar 'm bâ ħd [elwar am bâ âd]

'que volte, para vir chuva'

lba ary 'n bo ħd [lebaarii ien bodââ]

'que entre o parente ver vir a chuva'

lwar um bad [levar um bâd]

'que venha a mãe ao papá'

lba 'r w um bd [lebair ouum bd]

'que venha à cidade, porque a mãe passou de mãos'

lab ary um bd [leabari um bâde]

'que o pai dos filhos a mãe passe de mãos'

lyb ary um b'd [lebary um bode]

'que soluce o parente da mãe como testemunho'

lyb 'r un bd [libair um bâd]

'desde que soluce o burro a seca afastar-se'

lwar 'n w 'd [levar ien vouode]

'que venha o olho para que testemunhe!'

la b'r un bd

'vem ilustrar a força do canto'

lbary bd

'para junto do parente afastado!'

lwar um bd

'oh! venha a mãe para outras mãos'

lba 'ry um bd

'que venha nua a mãe entoar um canto'

lba 'ry um bd

'que venha a mãe nua para outras mãos'

lbu 'ry um bw d'y

'gritou: dispa a mãe para ser convidada'

lba 'ry 'n bd

'que vá desnudar olho afastado'

lab 'ry 'n bd

'que o pai descubra o olho afastado'

lab ary um bd

'que o pai dos filhos a mãe passe de mãos'

lba ri'n um bd

'que venha admirar o aspecto da mãe noutras mãos'

lba ary um bd

'que vá para os filhos da mãe passada de mãos!'

*lwar um b w 'd**lyb ary un bd**lib ary nd bd hb**lb'r 'n b ad hb**lba ara 'n bd hb**la bayr'ny bd**la w rum bd**la war w 'n bd**la war 'n bd**lbary un b wd**lwar 'n bd**lwar um bd**lwar un ab hhd**lwar un bhd**lwar an bd**lwar 'm bd hb**lwar 'm b w 'd**lwar um b w 'd**lwar 'm b 'd**lwar 'm bhd**lba rum bd ah**lw ayr 'n bd**lba rum bht**lba rum bd*

‘que venha a mãe para junto do camarada’

‘que os soluços da família a seca afastem’

‘os soluços dos parentes recubram o afastado lodaçal’

‘que cante hinos com o pai do inferno’

‘que ilumine o olho afastado do inferno’

‘força no burro falando em cânticos!’

‘força! para um elevado vou!’

‘força venha ao olho afastado!’

‘força! venha o olho afastado!’

‘oh! na família a desgraça está no aliado!’

‘que venha ver os antepassados afastados!’

‘que venha a mãe entoar um cântico!’

‘que venha ver a desgraça do pai no inferno que tal!’

‘que venha a seca na chuva!’

‘que venha força para entoar um cântico!’

‘que venha o povo afastar o fraco!’

‘que venha o povo para assim testemunhar!’

‘que venha a mãe para assim testemunhar!’

‘que venham os antepassados entretanto!’

‘que venham os antepassados entre a chuva!’

‘que venham as alturas separar os irmãos!’

‘assim como o burro admira entoar cânticos...’

‘que venha o excelso bem-vindo!’

‘oh! venha o ilustre separado!’.

118 Mal de avé-maria*ħwy mbir* [hawi mahir]

«paralisia, estupor»

‘prostração/baixa do vigor’.

119 Está nas minas do caroço!*mn qr̄s* [min qarax̄e]*mn̄h qr̄s**mn qr̄s*

«tem muita riqueza» (‘está como quer’)

‘herança do domínio/fortaleza’

‘repouso do domínio’

‘conta os domínios’.

120 Panos de armar*pnm d amr* [panim de amar]*pnm d'r amr* [panim de iramar]

«simulações, imposturas»

'frente para ver / deixar ver / contemplar' (fachada)

'frente para a cidade ver'.

121 Pé de hóstia*pid hst* [pid oste]*ph d hst*

«chamamento que se dá a qualquer rapaz ou pessoa com quem mantemos muita confiança no trato»

'sentimento/coração de alegria/de fartura'
'visão que alegre'.122 À pá das hóstias*pa d hst* [padoste]

«com fartura»

'falar de fartura/propriedades'.

123 Pá de rabo*pid rb**pd rb**p d rb**pd rb*

«barriga»

'coração grande'

'devorar de chefe'

'boca como rede arrastadeira'

'argola/caracol que arrasta tudo'.

124 Andar a toda a roupa*rpal' rwp* [aroup]*r''p**r''p**rpv**rap/rp**tdrq* (ac. *tadaragu*)*t'daraq*

«andar depressa, roubar quanto possível»

'sumir-se'

'companheiro dos pássaros'

'companheiro voador'

'desaparecer'

'herói ancestral'

'ir a passo rápido'

'atacar depressa'.

125 Armar em carapau de corrida*aqarabaku* [aqarabaqu →

→ qaraqabu → carapabu]

qrd (ac. *qaradu*, *quradu*)*qrv**qaritu/qiritu**carapabu qaritu**qra pl d qrv 'd*

[carrapal de carride]

«fingir-se esperto, mostrar o que não é»

'oferecer, mostrar-se'

'herói'

'oferecer-se, sair ao encontro'

'honra'

'oferecer a honra / mostrar-se herói'

'lembra o juiz que sai ao encontro do camarada'.

- 126 Cantar as saias
saba «cantar cantigas, modas»
 'exclamar, cantar'.
- 127 Estar nos quintos da rolha
knt, knt rwḥ (hb. *kint rh*)
 [kintu ruag] «atrapalhada»
knt rh'ly [kintu ruagly] 'esconderijo do vento / labirinto do
 vento'
 'labirinto do espírito do Altíssimo /
 vento ascendente'.
- Knkt* ou *knknt*: ac. *kaniktu kanakui*, ar. *kinatu, kana, kinu* 'recipiente fechado,
 selado'; cfr. «Morar em cascos de rolha» e «Andar atrás da rolha».
- 128 Foi o diabo a quatro
kotaru/kotru [kotaro/katoro] «acidentes, incidentes de toda a ordem»
 'Kotaro, diabo da técnica e da magia,
 cujo título é «Hábil e Perspicaz»'.
- 129 Mora nos quintos do inferno
knkt/knt [kinktu/kintu] «num lugar desconhecido, inacessível»
 'esconderijo'.
- 130 Qualquer bicho careta
bish qrt [bixhe qeret]
ba ish qrt «indivíduo ou pessoa qualquer»
 'de entre os homens da povoação'
 'vem um homem da povoação'.
- 131 Vai lamber sabão!
sb [sabu]
lb'r sb «vai à fava, vai às urtigas, plantar bor-
 boletas...»
 'desaparece!'
 'deixa desaparecer'.
- 132 Foi à viola
b'olam
ph ab'olam [feabiolam] «perdeu-se, desapareceu»
 'na eternidade'
 'ver o pai da eternidade'.
- 133 Até vais a nove!
naby «vais depressa, vais à força»
 'saltar'.

134 Tal mulher faz cartilhas de mar

qry tl d mbr [qarytildumâr]
qryt lyli d mbr

qaryt lyli d mbr
qry tilu mahru
qry tilu d mahru
krt lyii d mbr

qart lyli mbr
qart lyli lh mbr
qiritu lyli d mbr

qary tli d mbr

qry tliyt l mbr

qryt yly d mbr

«é infiel ao marido, adúltera»

‘sai de casa por causa de um dote’
 ‘encontro nocturno por causa do sexo masculino’

‘cidade nocturna por dinheiro/dote’
 ‘sai de casa do primeiro marido’
 ‘sai de casa por causa do marido’
 ‘querida para o soldado/herói’ (da raiz *ykr*)

‘cidade nocturna do soldado/herói’
 ‘fortaleza nocturna do soldado/herói’
 ‘banquete nocturno por causa de [festejar] o dote’

‘oferece a arma/glória ao que [é] soldado/herói’

‘oferece a vitória/triunfo ao soldado/herói’

‘procura companheiro que é soldado/herói’.

135 O diabo disparou uma tranca

d yabâd ist pr' ntr hnthq
 [diabâ distperâôn teranthqa]

yabd aby ist pr ntr hnthq
 [yabadabi istperô ôn teranthqa]

«diz-se como medida de cautela quando uma pessoa manuseia uma arma de fogo»

‘quem se serve do fogo negligentemente solta-o como uma arma, projecta-o como um dardo’

‘o destruidor ancestral fogo voa como uma arma/dardo’.

Note-se a relação entre disparar uma tranca e disparar arma de fogo. As expressões estão totalmente cruzadas. Apenas lhe falta o ritmo que seria aproximadamente [diabô distperô // ôn teranthqa].

Pr ‘fugir/voar/estender-se’; *hb. pr'* ‘descuidada/desordenadamente’.

136 Parece que é pombo!

ph nb [peanbo]

Ph ‘falar’; *nb* ‘vazio/fundido/recoberto’ (sem conteúdo).

«parece tolo»

‘percebe/vê vazio’.

137 Sair o pombo mocho

ph nb mhs [peanbo mâsh]

Mhs ‘ferir/matar/pelejar-se’; *ph*, *hb. pheah* ‘ver/perceber/experimentar’.

«ter resultado contrário ao que se esperava»

‘perceber esvaziar-se a peleja’.

138 Saúde e bichas

bysa
wis'
wysa
witah [vitjaa]
bish 's

«maneira de se despedir»

'ao partir'
 'e varro(-me)'
 'e saio'
 'e toma irmão'
 'entre homens dizer'.

139 Servir de palito

plitt
pl lyt
p lyt
p lit
p'l lyt
pl ht
pl ht

«objecto de escárnio»

'humilhação'
 'olhares entre maldições'
 'falar com maldição'
 'falar no ser/estar'
 'falar por cima da figura'
 'olha aqui este!'
 'olhares a cair sobre'.

140 Fazer uma sede de água

sd abu [seda agu]
sd abu
phazêr sd d abu

«lançar uma pequena porção de água, regar o terreno»

'verter a ribeira'
 'campo de água'
 'espalhar eflúvio, o da ribeira'.

Sd [sheda] também é 'campo/terreno cultivado' (hb. *shêda* 'irrigar'); hb. *phazer* 'distribuir abundantemente'.

141 Cavalo de cem moedas

kblbl d sm m'd
 [qablابلu de sem moede]
k awl s̄nt m'd
 [kawalu xent moede]

k ab 'l s̄m' 'd
 [kaabailu xemaoed]
k ab'l s̄m 'd
 [kabailu xemâed]

k ball s̄nt m'd
 [kabalalu xent moed]

k b'l s̄nt m'd
 [kabailu xent moed]

«mulher que aparenta opulência de formas e beleza»

'argolas/anéis de metal reunidos'
 'verdadeira supremacia de metal reunido'
 'deveras, o pai de família escuta o aliado'
 'deveras, do pai de família o nome testemunha'
 'deveras, na roupa cornalina/riqueza reunida'
 'deveras, nos parentes riqueza reunida'

<i>qbl s̄nt m'd</i> [kabal xent moed]	'apresenta riqueza reunida'
<i>qbl b̄ t̄ m w'd</i> [kablabu txem moued]	'apresenta-se desde então e testemunha'
<i>h̄bl w̄ s̄nt m'd</i> [habelou xen moed]	'inchada por muita riqueza reunida'
<i>k b'l s̄nt m'd</i> [kabal xent moed]	'deveras, proprietário de gordura reunida'
<i>k b'l smm 'd</i> [kabal sam moed]	'deveras, no proprietário o perfume testemunha'
<i>k b'l d̄ s̄n mb'd</i> [abal de xenmoed]	'deveras, é pessoa que muda o siso do camarada'
<i>k ab al d̄ s̄nt m'd</i> [kabal de xen moed]	'verdade é que o pai não sonha muito?'
<i>k bal d̄ s̄nt m'd</i> [kabal de xent moed]	'deveras, é proprietário que sonha muito'.

Sem e meod (ou *moed*) significam o mesmo: 'numeroso/abundante/abundantemente'. Podia também associar-se a *samadu* 'aparelhado'. Note-se a relação entre «mulher com muitas argolas» (brincos, pulseiras, cordões) e um cavalo aparelhado com opulência, que vale «cem moedas».

142 Cheio de apitos

'pt
(ac. *apitu*)
d'pt
sd'pt [shêdapite]

«com muita fome»
'fome'
'míngua/secura'
'qual fome'
'abundância/eflúvio de fome'.

143 É de apitos

hb. *pittab* ou *ypit*
d'pt
'ed ypit

«diz-se do que é bom»
'seduzir/atrair'
'que fome'
'até seduz / até à sedução'.

144 Todo cheio de nove-horas

nb hrs [nâbe hórss]

«muito enfeitado»
'coberto de ouro amarelo'.

Isto é, «cheio de amarelos» (hb. *hórus*). *Nb* [nabe/nâbe] significa 'vazio' e 'coberto', pela razão de que a cobertura se relaciona com o vazio; os profetas extáticos são *nb*, porque se esvaziavam da sua personalidade e adoptavam uma «cobertura» mística.

145 Ficou com um olho ao peito

all pt [allu pita]
'l pt [al pita]
'l ph t' [allu pêta]
aliy ph y t'

«apanhou uma sova»

'roupa rasgada/aberta'

'por cima aberta'

'do parente experimentar o ataque'

'do mais valente ver, ui!, o ataque'.

Pth [pitá] (hb. *pit/ptiy*) 'abrir' geralmente a roupa; «acontece aos simples, tolos, inexperientes e ignorantes» (*Analytical Lexicon*, p. 636).

146 Pintar o caneco

pth knkt [pitag kanektu]

«fazer diabruras»

'seduzir/abrir o encanto' (=fazer encantamentos).

Pth liga-se à invocação de mortos; *knkt* 'coisa selada / sepulcro / cofre', etc. Podemos entender 'segredo / encanto / lugar ou coisa encantada', 'agir sobre a coisa encantada, desencantar algo escondido', 'seduzir espírito/diabos' (hb. *patah* 'abrir', *pitah* 'seduzir'. Note-se a diferença relativamente a *pth* [pitá], que deu 'peito' na expressão «Olho ao peito».

147 Pintar a manta

pth mnt [pitag mante]

«o mesmo que pintar o caneco»

'abrir o encanto, abrir a fórmula [encantatória]'.

148 Pintar a macaca

pth mh hka [pitag maagaka]

«o mesmo que pintar a manta»

'seduzir o «jovem companheiro» (diabrete das feiticeiras)'.

149 Pintar o sete

pth st [pitag sête]

«o mesmo que pintar a macaca»

'guerreiro mítico, colaborador de Anatu(st) e nome do diabo'.

150 Pintar o caramujo

pth gra msb [pitag qramasu]

«o mesmo que pintar o diabo»

'atrair o chamamento / invocação do mensageiro'.

Ac. *masu*; *msb* 'messias' (=enviado/mensageiro).

151 Dar com os burrinhos n'água

d' r qun b' r ' n ' n abu
[dar qun borinin agu]

d' r qn b' r in ' n abu
[dare cun boriniagu]

d' r qn b' r ' n ' n abu
[dare cun borininagu]

dbar qn b' r ' ny abu
[debar kun boriniagu]

kn b' r iy ' n ng
[kanbor iniinaga]

qm b' r ' n iy ng
[qam baer in naga]

dbr qm b' r ' n iy ng hb
[debar qym bar in ii naga]

dbr qm b' r ' ny ng
[debar qamborini naga]

«ser mal-sucedido»

‘quem burro torto ilumina vê o sulco da ribeira’ (=cai)

‘quem burro teimoso ilumina, não vê o sulco da ribeira’ (=cai)

‘quem burro torto abandona, experimenta o sulco da ribeira’

‘guiar torto ilumina a humilhação da ribeira’

‘estar a iluminar o espião de ver a viagem’

‘inimigo informar de espiões de viagem’

‘guiar o assistente do espião da viagem’

‘seguir o inimigo informado da viagem’.

152 Dar em águas de bacalhau

agga bhalaqu
[bagalaqu → baqalagu]

«não resultar efeito»

‘braseiro ao morto’. Não resultou, foi como aquecer um morto.

153 É bom para amêndoas

ben amaht

«diz-se da pessoa duvidosa, que não merece confiança»

‘filho de escrava, escravos’ (*Canaã*, p. 514).154 É o fim da macacada

mk k' d
makak' d [makakâda]

«é um desastre»

‘estão aqui deveras os camaradas’
‘queda dos camaradas/aliados/testemunho’.

pb makak' d
pb ' ny makak' d [feinimakakâade]

‘ver a queda dos aliados’
‘ver humilhação da queda dos aliados’.

155 Entrar pelo gatilho

<i>gad tillu</i>	«entrar em qualquer casa e não se demorar nada»
<i>gad tillu</i>	‘saltar a ombreira da porta’
<i>ht tillu</i> [gattilu]	‘disparar da arma’
<i>gh tillu</i>	‘ceder da arma’
<i>ht tillu</i>	‘voz da arma’
<i>gad ilu</i>	‘cai sobre a arma’
<i>gh tillu</i>	‘salto de deus’
<i>ht il</i> [gatilu]	‘voz da ombreira da porta’
	‘voo no círculo de deus’.

Gad ‘saltar e disparar-se’ (*Canaã*, p. 606); *tillu* ‘monte, marco ou ombreira de porta’ (*ibid.*, p. 636). Em hb., ac. e aram. *tehi*, *tillu* também significam ‘arma’. O gatilho das armas será *gad tillu* ‘disparador da arma’.

156 Em ponto de rebuçado

«quando se consegue tudo de uma pessoa»

pnth rbass ht [penta rabassate] ‘artelhos/articulações atadas’.

Rbss ‘descansar, deixar-se’; *ht* ‘corda, cinto’.

157 Está a cair da boca aos cães

«extremamente magro»

<i>kabod</i>	‘entranhas/fígado’
<i>qn</i>	‘tubo digestivo / esófago / entranhas’
hb. <i>dabôq</i>	‘colado’
hb. <i>baqôq</i>	‘vazio/esvaziado vazio’ (<i>Isa.</i> , 24:1)
<i>kry d bq’ hsk ans</i>	‘estado de angústia que abre compaixão inexorável’
<i>kr’ dâbôk hsk ans</i>	‘prosternado, alcança compaixão inexorável’
<i>kry d bk hs k ans</i>	‘estado de angústia cujo chorar assusta a irmandade’
<i>qry kbd hsk ans</i>	‘aspecto do fígado/entranhas, insígnia/sintoma implacável’
<i>qry dâbôh hz qn</i>	‘evocar banquete/festa insulta as entranhas’
<i>qry dabok hsk qn</i>	‘sente colar-se rapidamente entranhas / tubo digestivo’
<i>qry dabok hs qn</i>	‘sente o vazio invadir o esófago’
<i>qry kbd hs kan</i>	‘sente o fígado a apressar a paragem’
<i>qry kabod hsk an</i>	‘sente o intestino a prender-se / colar-se fortemente’
<i>gra’ qabed hs qn</i>	‘grito do fígado assusta o intestino’
<i>kbd dabok hsk ans</i>	‘tubo digestivo vazio reter o estado da doença’

- gra' kâbôd hsk ans*
gra' kabd hs qan
gra kkk hs kn
qry d bkk hs k an
qry kabod hsk an
gra d bk 's koen
qry d bkk 's kn
gra k bd hs kan
qry k bk hsk ans
qry d bks k ans
k'r d bk hsk ans
gra kbd hs qn
gra d bk ask an
- 158 Estar de barriga à boca
bq' [baqá]
bôk
- 159 Estar fora da mãe
pr mh [fâra mah]
 (ac. *muhhu*, hb. *moab*).
- 160 Insulto de gente
skllt (ac. *suklultu*) *hnt* [ghent]
- 161 Ir de azelha
hz 'ly [azailia]
- 162 A boca do corpo
bq' qrb
qrb
 ac. *karpu*
 hb. *qereb*
bk qrb [boki qarbe]
- 'grito das entranhas assumido débil'
 'chamar o fígado a apressar o esófago'
 'apelar as vazias entranhas apressadas estarem'
 'encontrar quem com um vaso apresse deveras a força'
 'oferecer o agasalho da misericórdia'
 'invocar quem a bênção exprime de sacerdote'
 'oferecer o que no copo da cepa fica'
 'apelar desde então a isolar repousar estabelecer-se'
 'oferecer, pois então, um copo insígnia da fraternidade'
 'oferecer do que no copo está de verdadeira fraternidade'
 'assim, a povoação de quem o copo é insígnia de irmão...'
 '...evoca o agasalho do apressar das entranhas...'
 '...evoca o que o copo derrama de força'.
- «estar grávida»
 'fender/abrir' (=barriga a fender)
 'vaso grande'.
- «fora de si, descontrolado»
 'romper o recato/juízo'.
- «aglomeração de pessoas»
 'recinto dos lamentos'.
- «ir depressa»
 'flecha que sobe'.
- «vagina»
 'fenda da vagina'
 'interior, vagina'
 'recipiente'
 'vagina'
 'vaso da vagina'.

169 Pariu a galega

phyr galah
phr galah [puri galeg]

«diz-se quando de imprevisto aparece muita gente num local, ou quando muitas pessoas estranhas passam na rua, umas atrás das outras»

‘a aldeia emigrou’.

O dito era próprio dos urbanos quando viam chegar, por exemplo, uma excursão de rurais.

170 Comer cebola

kmer sâbâ lâ

«a gente diz que come cebola quando ouve um discurso e não entende nada»

‘obscuridade, obscurecimento, absolutamente nada’ (três sinónimos).

171 Comer a pinha

kmer (sir. *kmirê*), *pnh pênim*

«enganar, deixar-se enganar»

‘obscurecer o aspecto/face/cara’.

172 Comer queijo

kmer hss (ac. *hasasu*)
 [gasasu → qasu]

«diz-se dos que se esquecem facilmente de qualquer coisa, dum recado...»

‘ocultamento da memória’.

173 Dar no vinte

nh bent

«acertar em cheio»

‘dirigir-se entre, no centro’.

174 É esperto como um alho

aliy

«diz-se, por troça, daquele que pensa que é esperto»

‘esperto, valente’.

175 Estou com a manta pelas pontas

mnt pl pnt

«com a tarefa acabada»

‘ração/porção a ver a juntura’.

176 Estar marreco

m rheq [marâek]

«zangado, de relações cortadas»

‘afastado’.

- 177 E tudo a Marta fiou «gastou-se tudo quanto havia»
mahmrt ph'l [mahâmôrt fêeâl] 'o abismo viu'.
- 178 Ficar como dois com um sapato «indeciso, desfalcado»
qn 'torcido'
d'ys 'voltar'
kn d'ys qn 'm tpt 'ficar a voltar torcido contra o pé/
 /base'
qm d'ys qn 'm tpt 'o adversário saltou, torceu contra o
 pé/base'
qm d'ys qm 'm tpt 'ergue-se, deu voltas o adversário para
 o juiz'
qm d'ys kn'm tpt [qume dêis
 con âmtxapato] 'surgiu, volteada, a norma contra o
 juiz'.
- Tapatu*, em hb. e ac., além de 'juízo', 'causa', significa também 'base', 'pé',
 'apoio'; *qm* 'adversário/réu, o que se levanta'.
- 179 Ficar bem convidado «ser batido ou embriagado por outro»
kn bddy 'estar/ficar inconexo/desmanchado'
bmt kn bddy [bent canbadady] 'o dorso ficar desmanchado'.
- 180 Filho das ervas «indivíduo exposto por se ignorar quem
 são os pais»
brhb 'de Hereb'.
- Hereb foi uma divindade acadiana sob os auspícios da qual se colocavam as colhei-
 tas e as bodas do Verão (*Canaã*, p. 553). Confundiu-se com o Sol, no solstício
 do Verão (hoje festas e orgias de São João). Em certas regiões do Magrebe, em
 1955, os filhos nascidos de uniões sagradas em favor da chuva ainda eram atribuí-
 dos ao espírito de Deus (*Origens Orientais*, p. 195). Com os séculos, por essa criança
 ter sido engendrada num ritual celebrado nos campos, a expressão oral passou
 a confundir o deus-fecundador com as ervas.
- 181 Fogo viste linguiça (roubo) «num abrir e fechar de olhos, num
 momento»
ph gh usb't lhn'ns 'ver fugir as mãos e perceber fugir'
ph gh usb't lhn s' 'ver fugir as mãos e perceber varrer'
ph gh usb't lhn yza
 [fe gusbit laganniza] 'ver fugir as mãos e perceber salvar-se'.

- 182 Há mouro na costa «namoro à vista»
amr nb agzt [amaru naagozte] 'deixar ver suspiros de noivado'
mhr nb agzt 'dote/prenda para o noivado'.
 «Namoro à vista» é o significado que encontramos no dicionário de que nos servimos; a expressão significa hoje com mais frequência, por extensão a qualquer acto suspeito: 'é caso para desconfiar'.
- 183 O homem das calças pardas «homem impossível de identificar, não localizável»
d kl 's ph dr [dakalessy peadera] 'o que todos dizem ver disseminado/divulgado'.
- 184 O das calças amarelas «eufemismo para designar o diabo»
qls amr'l [calse amarele] 'assusta ver presente'.
 «Aquele cuja presença assusta». *Amr* 'aparecer/ver-se/experimentar'; *'el* 'na presença'.
- 185 Há roupa na corda «fale baixo, aproxima-se alguém»
rpy nkr d't [rapay nakordat] 'aparece um estranho, toma conhecimento'
rpy nkr d't 'vira a cara, o inimigo conhece a informação'.
- 186 Ir nas horas de estalar «ir com muita pressa»
ns rz itl [nasuráz itxtal] 'fugir a correr do fumo' (da sombra?).
- 187 É um joelho queimado «é um homem casado»
ish'l hkmd [ichailu akamad] 'parente/companheiro de procriação'
ish'l hk m'd 'o homem está em companhia da companheira/aliada'
ish'l hk mad [isxailu akamad] 'o homem está em companhia da prole'.
 [Ichaouil → choyil → choelho].

Hb. *ich* 'homem, pessoa do sexo masculino'; hb. *awil*; ac. *awil*; hb. *awyyil* 'parente/congênera'; *ich awil* 'parente masculino'. Ug. *hk* [gaqa] 'estar em companhia'; hb. *kamad* 'procriar'.

188 Lamber o fundo ao tacho

lb'r ph nd tht
[laber fonda tggt]
lhm b'r ph nd tht
[lagamber fenda tagt]
lh b'r ph nd tht
[lagber fenda taggt]
tl lhm b'r ph nd tht
[tala lagamber fenda tagt]

tl lh b'r ph nda tht
[tala lagber fenda tgt]

la b'r ph nd tl' tht
[laber fenda taltagt]

«apanhar uma sova até ficar caído no chão»

'até o deixar ver lançado em baixo'

'para comer o deixado caído em baixo'

'o focinho deixar ver emitido em baixo'

'os dentes a comer o deixado caído em baixo'

'os dentes do focinho deixar ver precipitados em baixo'

'até deixar ver lançada a cabeça em baixo'

Ug. *tl'* (ac. *tala'*) 'cerviz' e 'dentes'; *nd, nda* (ac. *nadu*) 'precipitar-se, lançar-se'.
That: [tagat → tagt → tacht].

189 Está a pão e laranja

pn lrs [panlaraxe]
pn lhrsm [panlaraxim]

«estafado, traumatizado depois de um acidente»

'cara/frente em ruína, ou frente à ruína'
'frente ao Deus-te-livre' (agoiro).

190 Andar com o bode amarrado pelo rabo

bd amr d phl rab
[bod amerrado puaalu rab]

«estar raquítico, desfalecido»; diz-se de quem anda embruxado

'passar às mãos de Amurru, qual burro sumo-sacerdote'.

Amurru (ac. *Amurru*), figura de feitiçaria; os lobisomens, que têm a sina de serem também magros, tomam a forma nocturna de um burro-garanhão. O «bode» do *shabat* das feiticeiras influenciou a expressão popular.

191 Andar ao melão*mll* (hb. *malal*)

«andar com fome»

'desperdício/restos/lixo'.

192 Andar atrás da rolha, à procura da rolha

rwah
rh'l

«a procurar uma coisa inutilmente»

'atrás do vento'

'espirais do vento, redemoinho'.

- 193 Aqui há gato «há um problema, um erro»
ḥt [ggatu] ‘erro’.
- 194 Arrepiar cabelo «deixar de insistir, recuar, opor-se»
aḥr rpy qbl [arrerpi cabêl] ‘para trás, retroceder a dianteira’.
Qbl (hb. *qâbêl*) ‘o que está na frente/dianteira’; *aḥr rpy* [ârrepy] ‘para trás, retroceder’; ‘apresentou, ofereceu’.
- 195 Até cheirar a alho «coisa morosa, que não acaba»
atw šḥr ‘l [atou xarar ale] ‘chegar a madrugada a subir’.
- 196 Até vir a mulher da fava-rica «ter de esperar por um tempo indeterminado»
atw b’r mbr p b’l ryqab [atou bir moir fabalriqa] ‘chegar a deixar o herói namorado desanimado’
att b’r mbr’l pb bryqb [atabir moheraliu fabariqa] ‘a mulher deixa o fiador de dote de marido no desânimo’
att b’r mbr p b’l ryqb [atatbir moer fabal ryqa] ‘a mulher abandona o dote do namorado pobre’
att b’r mbr p b’l ryqab [atabir moher fabalriqa] ‘a esposa abandona o dote do namorado sem brio’.
- Cfr. *Nota sobre o dote*. Ug. *ryq* ‘que se mostra débil / pobre / sem brio’; hb. *ryqab* ‘desanimado, sem coragem’.
- 197 Pinto da balseira «filho ilegítimo»
pnt d b’l sr [pentdebaalser] ‘cara tal qual do senhor príncipe’
pnt d b’l t’y’r [pent de baalt-jayre] ‘aspecto tal qual do senhor supervisor da cidade’
p’n nbt d b’l sr [pinnta de balser] ‘fala do sulco do divã do senhor príncipe’
bnt d b’l tar [bent bliseer] ‘criatura de quem o proprietário é consanguíneo’
pnt d b’l tr [pentadeblisar] ‘aspecto do que é dono do dispor’

<i>pnt d b'l s' ary</i> [pent debelsaary]	'figura do que tem o prato dos vizinhos'
<i>pin t d b'l tar</i> [pintadebalseer]	'então não tem o magnífico que é dono da parentela?'
<i>pnt de b'l sr</i>	'parecença do que convida aos banquetes'
<i>pnt b'l tr</i>	'aspecto do proprietário que dispõe da mesa'
<i>pnt d b'l sr</i>	'cara de quem o faz cantar'
<i>pnt d b'l tsr</i>	'aspecto tal qual do proprietário do licor'
<i>p nht d b'l tsr</i>	'fala do divã do que faz o licor'
<i>p ytm d ba ltar</i>	'diz-se órfão que veio para a parentela'
<i>p'n nht b'l tsr</i>	'perna do divã do dono do licor'
<i>p nht d b'l sr</i>	'boca do divã que a faz cantar'
<i>pnt d b'l sr</i>	'aspecto da que o senhor assedia'
<i>p yn t d b'l tr</i>	'fala o vinho do magnífico fabricante de licor'
<i>pnt d b'l s'r</i>	... 'cara tal qual do proprietário da cevada' ...
<i>p'ny t' d b'l s'r</i>	... 'então, diga, o que é que faz a cevada?' ...
<i>ppnt d ba ls'r</i>	... 'eu falo da junção que fez a cevada' ...
<i>bnt d ba'ls'r</i>	... 'a criatura, tal qual, vai à cevada' ...
<i>p in nt d ba ls'r</i>	... 'diz: não tem carregadora que vá à cevada?' ...
<i>hw pytn d ba lsr</i>	... «diz ele: 'concedo que venha a cevada'» ...
<i>p'n nt d ba lsr</i>	... 'então viu o ataque que vem por cantigas' ...
<i>p nht d b'l s'r</i>	... 'falou do divã, o dono da cevada' ...
<i>p ynt db hl sr</i>	... 'falou do divã, atacou, rápido como insidiou' ...
<i>p'n nt d ba ls'r</i>	... 'a perna atacou da que vinha por cevada' ...
<i>p ytn d ba lsr</i>	... «diz: 'concede que vá ao umbigo!'» ...
<i>bnt d ba lsr</i>	... 'a criatura, que tal, foi nas cantigas' ...
<i>pnt d'y b'l sr'</i>	... 'a junção do peito fez o fluxo!' ...
<i>pytm d b' l sr</i>	... 'e aí temos o órfão do dono da cevada!'
<i>pnt d ba'l tar</i>	... 'figura que veio por cima da parentela' ...
<i>pnt d b'l tar</i>	... 'cara daquele que fez de zelador da honra!'

198 Passar a limpo*lybmt*

Cfr. Ir nas bimbis: *bybmt* 'nos joelhos, no seio, da pretendida'; *ybmt* 'cunhada que casará com o irmão do defundo' (levirato); hb. *ybm* 'protectora, mãe adoptante/procriadora'.

«praticar coito»

'na amante, na pretendida'.

199 Está lá ou é de gesso?*'d hš* [éd gness → gess]

«quando o interlocutor não fala»

'entretanto cortar o contacto, desaparecer'.

200 Morreu um escrivão*mbmr*

[maomor]

mbmr 'ms kry ban

[maomor ams keryban]

mr rh 'm shr ban

[morruah am sgribam]

mrr rh' m shqry ban

[morruah am xcribom]

mr rwb 'ms kry ban

[marrua ams kery ban]

mr hw 'm skr ybm

[mareu am skerybom]

mr skn brum

[marr xakan berum]

mra skn b'r am

[murua xakan beram]

mr skn b'r 'm

[mora xakan bieram]

mr hu sak rb 'm

[mor eu xak rab am]

*mbr hw sky brum**mbr hw skb rum*

[mor eu skabrum]

mra 'ms qbr 'm

[marua amesqberam]

mra hw skn ab rum

[mourua eu xekan abrum]

«diz-se quando há vento muito forte»

'furacão'

'o furacão levanta o vulto com força'

'arroja-se o vento contra o poente e o nascente em força'

'arroja-se o vento com o gritar com força'

'deitar o vento carregar em força'

'manda ele que o povo entregue o dom'

'manda o gerente nas alturas'

'mandão gerente abandona o povo'

'parte o gerente iluminar os antepassados'

'manda-o o inspector chefe do povo'
'o vigor dele languidesce nas alturas'

'o vigor dele jaz nas alturas'

'manda levar às costas o sepulcro do antepassado'

'mandou-o inspeccionar o pai excelso'.

Com mínimas modificações de pronúncia, o dito tanto se pode referir a um furacão como à morte de um gerente.

201 Mais do que as mães*ma'adu ke mahyim*

«grande quantidade de pessoas»

‘numerosos como as águas’. (Provérbio hebraico: *mê'yx kemahym* [mêishe ke maâim] ‘mais homens do que águas’.)

«Mais do que a chuva» diríamos hoje; ug. *mad*; ac. *ma'adu*, *mayim* (pl. de *my*) ‘águas’ (arm. *mayya*). A estrutura da frase hebraica (*mêishe ke*) é a mesma que a Bíblia apresenta no momento da expulsão de Caim; *k*, *km* ‘como, assim como’. A expressão «mãe d’água» para depósito de água é uma tradução/duplicação de *mahim*.

202 Alegre como uma pega sem rabo*'up gh sâmeâh bd*
[upega sameag/r bde]

«muito contente»

'up gh sn r' bd
[upega xen reábde]

‘o pássaro fugiu alegre das mãos’

'p gôh smh rb
[upegou semea rab]

‘o pássaro, fugindo, mudou-se da companhia das mãos’

p gh s' 'm rhb
[pega sa am raab]

‘voou gritando alegria grande’

p gôh smh rhb
[pêgou seme raab]

‘grito que varre com amplidão’

p gh tn rhb
[pega txan raab]

‘boca gritante ilumina o largo’

kum p gôh smh rhb
[kum pêgou same raab]

‘boca grita duas vezes larga’

‘levantou a boca gritando alegria larga’.

A correspondência é total entre um pássaro que se escapa das mãos e uma «pega contente», porque fugiu, «sem rabo» deixado nas mãos de quem a prendia. *Gh* (hb. *gabab*, sir. *gho*) ‘fugir/partir/ausentar-se’; *bd* ‘passar de mãos’; *sameah* ‘alegrar-se’.

203 Mais velho que cabelos tenho na cabeça*k hebel*

«diz-se ao ver-se uma pessoa muito velha»

ta'an

‘de facto a velhice’

qbss

‘ataca’

kibbed tmn qbs

‘o clã’

mza b'l hbl t'n qbs

‘a honra da figura branqueada’

[maza bel gabel tan qbass]

‘encontrar o senhor do bando carregado de brancura’

mza balêh k qbl tmn qbs

[maza bale ke kabel têmena qabass]

‘encontrar o ancião que deveras tomou a figura da brancura’

Qbs ‘clã’ e ‘branquear’; *hbl* (hb. *hbel*) ‘destruição, ruína, perca’; *t'n* ‘trespassar, atacar’; *ta'an* ‘atacar’.

204 É um largo dos encontros

<i>lagr</i>		«pessoa amiga de dar e de emprestar, mãos largas»
<i>ark</i>		‘para emprestar’
<i>amth</i>		‘largo, braço largo’
<i>lagr ark amth</i>	[lagro arkâmta]	‘até ao cotovelo’
<i>ark umt ary</i>	[arkuntari]	‘para emprestar, largo até ao cotovelo’
<i>ark um tar</i>	[arkuntar]	‘largueza da família/clã dos parentes/ vizinhos’
<i>hym kun tar</i>	[imkuntar]	‘largueza da mãe da família’
<i>'n qym tar</i>	[einkuntar]	‘dossel de fixação da parentela’
<i>ar kam tor</i>	[arkuntar]	‘olhar do assistente/chefe da parentela’
<i>ynq umt ary</i>	[imkuntary]	‘brilha como o Touro’
<i>'m ka um tar</i>	[amkauntar]	‘amamentar a família dos vizinhos’
<i>'n kun try</i>	[einkuntri]	‘como uma verdadeira mãe da paren- tela’
<i>'m qan tra</i>	[amkantra]	‘fonte dispensadora/criadora de alimento’
<i>an kun tur</i>	[ankuntur]	‘até as entranhas cortar’
<i>'m k amt ary</i>	[amkantary]	‘onde quer que esteja, é um recurso’
<i>'mqu tur r'</i>	[amkuturrô]	‘até ser escravo dos parentes/vizinhos’
<i>'m qun tar r'</i>	[amkuntrô]	‘tenaz cinto do companheiro/pastor/ o próximo’
<i>'m qun nt r'</i>	[amkuntrô]	‘até se constituir fiador do companheiro’
<i>'m qum nt'ry</i>	[amkunntari]	‘até ao ponto de carregar o compa- nheiro’
<i>'m kan umt r'</i>	[amkâumtrô]	‘até ao ponto de transportar os nus’
<i>ank kun tar</i>	[ankuntar]	‘até ser do clã do companheiro’
<i>an qan tra</i>	[ankantra]	‘eu próprio me constituo fiador’
<i>an kun t'ra</i>	[ankuntera]	‘as minhas entranhas lacero’
		‘eu disponho a mesa’.

Lagr [*lagr* → *larg*; *zid* → *dize* / *duse*; *arkante* → *arkonte* → *econtr*]. Também em ug. *arkt* (ac. *aracu*) ‘ser largo’.

205 Mandar para o maneta

mnt (ac. *minatu*)

«dar cabo de alguém, escangalhar
alguma coisa»

‘troço, parte, pedaços’.

206 Comigo não faz farinha

phyr innah [fahirinna]
phr 'n [phareine]

«não convencer, não levar a melhor»

‘comunidade de culto (ou de canto)’
‘acordo de vistas’.

Comunidade de canto=coral («Não faço coral com ele, não participo no coro com ele»). Corresponde ao dito bem português «Não vou com ele à missa». Ug. *phyr* ‘totalidade, acordo total, comunidade’; ug. *'in*; hb. *innah* ‘cantar, celebrar’.

207 Tem cá uma lata; é um papalanata

l at [lata]
la t'
papa la 'n 'ta
papa la 'n ata

«muito palavreado»; «diz gabarolices»

'para convencer'
 'forte ataca'
 'dizer-se forte, ver, atacar'
 'dizer-se forte, ver, dominar'.

Papalanata é o que diz «ser forte, viu e atacou» «Cheguei, vi e venci»).

208 Não sabe da missa ametade

sbu d masy amth
 [sbu da massy ametá]

«está mal informado»

'ocultamento que vai até ao cotovelo'.

Diz «da missa ametade» e não, como seria mais português, «a metade da missa», pela necessidade de adaptação à fórmula antiga. Vejamos o que se pode descobrir: uma história policial.

sb' dama issa amt 'd
 [sabia dama issa amta ede]

'fartava-se de actuar lascivamente com a criada, sou testemunha'

sb'd masy 'm t'dt
 [sabid massy ametadt]

'sete vezes absorveu a sagacidade do tribunal/assembleia'

sb 'd hm ish 'm t'dt
 [saba edem ix ametadt]

'deu voltas em torno da tenda do homem, o povo é testemunha'

sb dam issa adm t' 'd
 [sabu dam issa adam ta ed]

'apeteceu-lhe, venha a mulher do homem, atacar, camarada'

sb dama is hym mtt
 [sabu dama is eim mitat]

'cresceu a lascívia do calor do dossel do leito'

tb dm issa 'm td
 [tjabi dam issa ametjad]

'deu voltas da lascívia da mulher até ao seio'

sb' dm issa t'dt
 [sabia dam issa amtad]

'farta de gemer, a mulher tomou conhecimento'

tb dm ish 'm tht
 [tjabe dama ix am taat]

'repetiu a lascívia de homem, até se pôr por baixo'

sa badam issa amt ad
 [xa badamissa ametad]

'trepou no homem da mulher escrava do pai'

tb dm issa umt ha d
 [txabi dam issa umtaad]

'rompeu o sangue da mulher do irmão que'

<i>sb'd am is hb mtt</i> [xabudamixaamotat]	'se fartou com o cão do inferno dos mortos'
<i>shba dam issa 'm td</i> [saaba damissa amtjad]	'gritou: venha sangue de mulher até ao seio'
<i>sb adam ysa hb mt yd</i> [xaba adam issa aa môtayd]	'sete vezes o homem fez sair o lodo da vara do membro viril'
<i>sb d my tm tt</i> [saba d mi tjamtjat]	'voltou-se: qual é o que aqui tem medo'
<i>sbm adam issa 'mt 'd</i> [sabim adam issa amta ede]	'amordaçou o homem da mulher golpeou em torno'
<i>tb w adam issa hm t' 'd</i> [tjabô adam issa ametaed]	'dirigiu-se ao homem da mulher da tenda, atacou o companheiro'
<i>zby dm itz hmat w'd</i> [saba dama itz emat ôed]	'gazela, toma lá manteiga, parceiro'
<i>s' ab d mza amt 'd</i> [sa aba da meza amtade]	'eliminou o pai que encontrou débil aí perto'
<i>s'abad 'masa d 'mit 'd</i> [sa abad amssa de amitade]	'varreu o escravo que levantou e golpeou entretanto'
<i>sb dam ish hm t'dt</i> [sabu dam ixem em tjad]	'fartou-se de sangue humano, sim, acreditem'
<i>sb d mza am mtt 'd</i> [sibu da meza ammit âd]	'um ancião que topou com os mortos testemunhou'
<i>sabu d maza 'm t'dt</i> [sabu da maza ametadt]	'a tropa que se encontrou com a assembleia/tribunal'
<i>sb w dam ish 'm t'dt</i> [saba ô dam ixem amtadt]	'prende, sim senhor, por sangue de homem do povo, facto/data/testemunha'
<i>sb dam mhs umt ad</i> [saba dam mâsh umtaade]	'recorreu a chorar a raia o clã do pai'
<i>za y ba dm ish 'm t'dt</i> [zayba dam esse am tadt]	'humilhado, ai!, vai ficar quieto o homem, para testemunho'
<i>sbt 'm ysa hb mh ut 'd</i> [sebutamissa aa mouutâed]	'a velhice da gente faz sair o lodo do juízo triturado, juro'

tb d 'm it 'm t'd
[tjabu daamitje amtade]

'repetir tal qual como aqui está com os amigos'; 'repetir o que até aqui deixo para conhecimento'

tb 'm yssa dammt at
[tjabu amissa dammetada]

'repete, contra o assomar do trato lascivo de ti'.

209 O gato foi à broa

hat ph boriah

«diz-se de um homem efeminado»

'o forno teve uma fuga' (=ficou mal cozido)

g't p hb brwh
[gaat fêâa brouah]

'bramido, fala de insídias no ar'

gh tow ph ab'rw hb
[gatou fê ab arô aa]

'voz do desejo do pai descoberto débil'

hdt ph ab'rw hb
[gadt fê ab arô aa]

'novo/renova-se de ver o pai nu débil'

hdt ph ab r'w ah
[gadt fê ab reou aa]

'novo vê o pai companheiro mas / para irmão'

gh tow ph ab r'w ah
[gatou fê ab rw aa]

'voz do desejo de ver o pai companheiro do irmão'

gh tow phe ab bhoah
[gatou fê ab bg/roa]

'voz do desejo de ver o pai no inferno/ lodo'

ht ph ab 'rw w hb
[gatu fê ab rou aa]

'desperta/ressuscita ao ver pai destruído pelo irmão'

ht pheah b'rw ah
[gatu fâaa brouaa]

'acordar/ressuscitar pai dos irmãos'

htu pheah b'rw hb
[gatu feâa brouaa]

'o bastão/vara ver no nu frágil'

htu pheah boriah
[gatu phea boriah]

'o ceptro/vara/bastão viu/conheceu fuga/fugidio'

ht ph ab r'ah
[gatu fê ab ro aa]

'a força [lit. «a corda»] viu o pai dos comparsas irmãos'.

Ph (hb. *peah*, ar. *faha*) 'ver/perceber/experimentar'; '*rw* (hb. '*ara*) 'destruir/desnudar'; '*ry* 'desnudado/descoberto'; *hdt* 'novo / ser novo / renovar-se'; *ht* 'despertar / volver a si / ressuscitar, acordar'; *ht* 'ceptro/bastão/vara'.

Para estas questões, cfr. o mito de Édipo e o mito freudiano da morte do pai pela horda dos irmãos, assim como o episódio bíblico do filho de Noé, Cam, chamado pai de Canaã, que ridicularizou o pai encontrado ébrio e descoberto.

«Noé, agricultor, bebeu vinho, embriagou-se e desnudou-se no interior da tenda. Cam, pai de Canaã, viu a nudez do pai e avisou os irmãos. Mas Sem e Jafé tomaram uma capa e, andando às arrecuas, cobriram a nudez do pai. Quando Noé acordou, soube pelos irmãos o que tinha feito o seu filho mais novo; ele disse: Maldito seja Canaã, que ele seja para os seus irmãos o último dos escravos...» (*Gn.*, 9:20).

- 210 O rabo é sempre mais difícil de esfolar «a última parte da tarefa é a mais difícil»

rab tsfl

'o grande [mais difícil] agachar-se'.

Spl, tspl/tsfl, hb. *sapel* [chapl] 'abaixar-se, agachar-se'.

- 211 Poder do mundo

«muita gente junta»

phru d mud
phru m'd

'assembleia qual muitos'
'assembleia plenária'.

Ug. *phr*, ac. *pubru* 'assembleia, reunião, colecção'; *phr m'od* 'assembleia plenária'. *Mud, mad, mide* 'numeroso'. Note-se a relação entre o «poder» e a «assembleia plenária». Cfr. *Toponímia*.

- 212 Sabe muito mas anda a pé

«diz-se de alguém em cuja sabedoria se não acredita»

an 'd ap [anda ápê]

'onde, quando, com quem?'

Tem ares de pergunta de processo judicial; '*d*', hb. *ad* 'até, junto a, até que, quando', 'tempo' e 'testemunho, garantia' (hb. *ed*).

- 213 Sabe a nozes

«é muito bom»

nsy
nasy

'atrai, é tentador'
'agarra'.

Nsaqa 'beijar'; *ns* 'beber' e 'arrancar'; *nasy/nassa* 'agarrar'.

- 214 Sabe a pato

«diz-se jocosamente de uma refeição que nos foi oferecida»

pt (hb. *pittab*)

'seduzir'.

A refeição grátis pode ter resultado da sedução. «Pato-bravo», «cair como um pato» são expressões que contêm a ideia de engodo, sedução (*pitab*).

215 Sacudir a água do capote

sahā/sedeq aḥd kpt
[sha deq agade kapote]

sedeq dry aḥd kpt
[sedeq adry agade capote]
[sadecadry agade capote]
[sacadari agade capote]

shq/sedeq aḥd kpt
sh/sedeq abu kpt
sq aḥd kpt
shq adir abu kpt

«desculpar-se de modo que não seja culpado, eximir-se a responsabilidades»

‘exibir/reclamar isoladamente justiça’
(lit. ‘balança’)

‘justiça feita isoladamente da balança’
‘reclamou justiça solitária à balança’
‘reclamou justiça do ribeiro balança’
‘agarrar sozinho a balança’
‘rir-se do soberano-ribeiro balança’.

Três termos relacionados com justiça: *sedeq* ‘justiça’; associado a *sahā* [sagga] ‘clamar/clamar à justiça’; *aḥd* [aggad] ‘solitário, um só’; e *abu* [agu], *adir abu* ‘soberano ribeiro’, o juiz-rio como referimos noutra capítulo. *Kpt* é ‘prato’ (prato da balança). Para «sacudir», podíamos também supor *sq* [saq] ‘agarrar’ e *sahq* [saggaq] ‘rir-se’. Temos então quatro hipóteses em que entra sempre a ideia de «justiça solitária»:

216 Saber da poda

p’d [poed]

‘Ed, ‘d, ‘wd; termo da vida judicial ou religiosa, «o que dá testemunho», porque sabe, viu ou ouviu.

«sabe o que diz, conhece o assunto»

‘a boca, a fala, da testemunha’.

217 Quem está de fora racha lenha

rza lh n [raza lágane]

«Joga mentalmente»: *rz* [raza], hb. *ruz* ‘concorrer, competir’; *lahn* [lagne] ‘inteligente, ser inteligente/entender’.

«diz-se aos que presenciam um desafio, o jogo, para não intervirem»

‘jogar mentalmente’.

218 São favas contadas

ph wa kn th’d
[fava qantehad]

«considerar de antemão uma coisa como certa ou acontecida»

‘ver / decidir / presságio certo antecipadamente’.

Ug. *wa* ‘para que, de modo que, de certo, sim de certo’; *kan* ‘o que é, como é, fixo’; *th’d* ‘pré-ordenar, decretar’; *kan tah’d* ‘fixado com antecedência, antes do tempo’.

As «favas» entram em várias outras expressões «Pagar as favas» (= «pagar as consequências, o que daí vier») e utilizam-se favas para fixar as coisas antecipadamente, de que as favas do bolo-rei são o exemplo mais conhecido (aquele a quem cair a fava paga o bolo seguinte). *Pha wa* encerra uma ideia de 'visão antecipada, augúrio' (para que, de modo que), uma fórmula de adivinhação; numa cantiga do Litoral, diz-se que o santo padroeiro de Mira (Cantanhede) fugiu do seu local e que eles se puseram a procurá-lo «por entre as favas», dizendo: «São Tomé de Mira | Onde estais vós | Apareça o santo | As favas paguemo-las nós», cantilena que exprime bem a ideia de augúrio, de adivinhação; eles consultaram um especialista de *fa wa* para saberem do assunto que os preocupava.

219 Sebo nas canelas!*sebu kan la* ('l)

«fujamos, foge»

'marcha/ocultamento [para] lugar seguro'.

La 'seguramente!, subir e na presença'. Outras expressões com «canelas» («Aguentar-se nas canelas») estão associadas à mesma ideia de 'fixar, segurar, estar seguro'.

220 Tirar o pé da lama, do lodo*ph d lah̄m, d ld*
[pé da laama, do lâde]

«enriquecer, prosperar»

'ver/saber o que é comer, o que são delícias'.

Lah̄m 'pão trigo, alimento, alimentar'; *d, da* 'que, o que, o que é'. A expressão actual tem, por si só, um significado autónomo e lógico, mas é possível que uma expressão anterior a tivesse influenciado.

221 Saiu-lhe a porca mal capada*prq mali qp̄d*
[porqa mali capade]
prq al p̄qd/q̄pd
[paraqu al paqadu/capadu]

«viu os seus planos falhados»

'planos cheios cortados/destruídos'

'vislumbrar o não ordenado / o não sucedido', ou 'desfrutar antes de conseguir'.

Pq̄d/q̄pd; hb. *paraq*, ac. *paqadu*; hb. *qapad* 'cortado, destruído'; '*mh* 'com, como, até, contra'; *p̄qd* (paqadu) 'ordenar, fixar, determinado' + '*d* 'que dá a ideia de tempo futuro' (para que).

222 Pôr-lhe mel nos beiços*m̄la b̄sa*
(hb. *male*; *bs'h*)«dizer-lhe coisas que lhe dêem prazer»,
«conseguir o que pretende»

'encher de alegria'; 'encher as medidas'.

223 'Pouco mal e bem gemido!'*bin ghm yd'*

«Ouvi o que disseste e compreendi». «Pouco mal e bem gemido» pode ser outra expressão inspirada no processo judicial: *po'qum al* 'expressar-se em voz alta, gritar de pé'. Outras hipóteses para «bem gemido»: *ben ghm yd'* 'entender a voz do amor'; *ghm ydy* 'gritar alto, desgarrado'.

ben gam ydy
bin gam yd'
beny gmi ydy
bnag 'm ydy
ba ng 'm yd'

ba'n gh mb ydy
ba ny gh mb ydy
beny gmi ydy
ben him yd'
ben sm' yd'
ba'ny s 'm dy
ben hm iy d'y
ba'n gh my d'y
ba'n hm iy 'd'

«frase para quem abusa de padecimentos reais ou imaginários para se eximir do cumprimento dos deveres»

'ouvi a voz [e] compreendi'.

'o filho em voz alta desgarra'
 'compreendi a voz alta do carinho'
 'as criaturas têm sede de amor'
 'na caminhada com o carinho/amor'
 'ir da caminhada da parte/do membro viril'

'vou ver o que é querido'
 'vou dizer alto que mais há'
 'criaturas carecem de carinho'
 'filho da vida do amor / do membro viril'
 'o filho ouve/faz caso de carinhos'
 'vou responder para ouvires carinhos'
 'filho, caso é que estás a convidar-me?'
 'vou ver fugir quem convida'
 'vou ver onde estás'.

224 Por dá cá aquela palha

dk akel p̄hl [daka akela pualu]
 (hb. *dakah*, ac. *pūhalu*)

«por uma ninharia»

'pedaços de comida de burro (restos de comida do burro)'.

Kk (hb. *dakah*) 'pequenos', 'pedaços'; *akl* (hb. *okel*) 'alimento, pão, comer, devorar pelo fogo, secar'; *p̄hl*, *pūhalu* 'burro'. Conclusão: «Por umas pequenas palhas que o meu burro comeu no seu campo.» A nova expressão adaptou-se perfeitamente à antiga, com desvio de situação.

225 Podes tirar o cavalo da chuva

tr 'r qblbl d sby/sbu
 [tir ar qeblablu da xuba]

«não penses nisso, não acontece assim»,
 «desilude-te, o que esperas não vai acontecer»

'desata o asno da argola que prende'.

Enquanto a expressão actual é desprovida de lógica, a antiga tinha-a: «Não acontecerá nada, podes soltar o jumento.» A ligação entre a antiga e a actual é o termo *qblbl*, que não quer dizer cavalo, mas 'argola'; *sby* (hb. *sabah*) 'cativar, cativo, cativador'; 'r' 'jumento'; *tr* (hb. *tūr*) 'recorrer, arrojado', e refere-se a cintas ou bandas. Talvez seja mais correcto: *tur* (ou *tarar*) *qblbl sby* 'retira a argola do cativo' (porque ele não vai fugir).

- 226 Picar o peixe nas águas grandes «preparar um roubo de vulto»
pq ps'a (hb. *hepiq pesa'a*) [pexá] 'encontrar a transgressão'.
- 227 Estar nas mãos da bruxa «muito bem tratado, com muito carinho»
nh mahmd bsr (ac. *ma'ad*)
 [na maa da baxara/braxa] 'tranquilo, muitíssimo contente'.
Mahmd, multiplicativo de *mad*, *mud* 'numeroso, muito'; *bsr* (ar. *bassara* [baxara]);
bsr, *bsrb*, também 'carne' [baxerá]; e *madd* 'amado' (talvez 'tratado com carne'...).
 De uma forma ou de outra, a fórmula antiga tem mais sentido do que a nova,
 uma vez que às bruxas se associam hoje os maus tratos.
- 228 Parece que tem o rei na barriga «orgulhoso, toma-se por importante»
bgy rab, ou *ybagyb rab* 'mostrar-se grande'
rwh ybgy 'o espírito revelou(-se-lhe)'
rwh nh b'r ybgyb
 [rua na barrigybe] 'o espírito dirigiu-se, ilumina e revela'.
 Toma-se por um iluminado. Uma litania popular diz «Eu sou a formiga rabiga
 que te salta em cima e furo-te a barriga», em que se joga com a ideia de ser ou
 parecer grande. Ug. *b'r* 'acender, iluminar', 'abandonar, deixar'.
- 229 Picar-lhe a cevada na barriga «estar folgado, por falta de exercício
 referente a um cavalo»
pq sba 'd nh 'proporciona crescer quando descansa'
shbah 'farto/está calmo (preguiçoso)'.
- 230 Pássaro de bico amarelo «finório, astuto, manhoso»
bik w amar ayil/ilu 'chora para fingir cordeiro'
beky amar ilu 'chora para se mostrar a Deus'
 ou 'chora para ver Deus'
p'sr (hb. *passara*) 'fala em convidar a um banquete'.
 «Cordeiro» encontra-se em dois termos desta expressão: *il* (hb. *ayil*) e *amar* ou
imar (ac. *immeru*), que geralmente significa 'mostrar, aparecer, desejar ver-se'. «Pás-
 sar» podia ser também *ptaru* 'lacera-se', sinónimo de *beky* (*patar beky* 'lacera-
 -se, chora'), referente à atitude dos penitentes hipócritas.
- 231 Pardal sem rabo! «pessoa que se faz esperta mas que não
 passa de um parvo» (a quem não se
 liga atenção)
padr'al sm' rab 'não ouviu a cidade o ancião (o chefe)?'
 Podia ter-se tratado de uma expressão de desprezo por alguém que se ouve, por-
 que tem mesmo de se ouvir, mas a quem não liga importância. 'Al' (ac. 'ul) é
 uma negativa-interrogativa com resposta afirmativa.

- 232 Casaca abana «palerma, parvo» (diz-se talvez mais casacabána)
kasah kabkabh 'cobre/agasalha estrelas (caçador de gambuzinos)'.
- 233 Negócio com caveira de burro «negócio com problemas, segredos, maquinações, azares»
qbr debar (hb. *qaber*) 'sepulcro preparado/falado'.
 «Caveira» corresponde pois a 'sepulcro'. *Debar* (arm. *debar*) 'guiar, fazer marchar, administrar' e (hb. *dabber*) 'falar'. *Kbr* 'sepulcro, sepultar'.
- 234 Cair ânsia «chover»
qwr ans 'fonte implacável/fraternal'.
- 235 Cair a pêlo «chegar na altura própria»
'ap 'l [yape] '[chegar] logo junto de / na presença de'.
- 236 Cair como carrapato na lama «queda em que a pessoa fica deitada no chão, toda estendida»
kry pat [nh lahm] (hb. *karah*) 'a cara atraída (por comer)'
karah rapah 'a cara desaparecida (na lama)'.
Karah 'face/vulto'; *rp* (hb. *rapah*) 'sumir-se'.
- 237 Cair debaixo do ano do nascimento «estar sob o domínio total de alguém»
adon ans samim/sanot [adon ans saminot]; [ado nans saminot]; [do nans saminot]; [do nans simanto] 'senhor implacável dos céus/dos anos'

A correspondência é perfeita entre a ideia de que alguém nasceu sob o signo do «domínio total de alguém» e o título do deus Ilu 'senhor implacável dos anos'. Primeiro procedeu-se à associação dos dois sinónimos: *samim*+*sanot*=*saminot*; depois [*Adon ans sanimot* → *do nansanimot* → *do nanscimote* → 'do nascimento']. «Senhor dos anos» ou «Pai dos anos» (*ab sanot*, *ab sanim*) é um dos títulos de Deus nos mitos de Ugarit (Del Olmo Lete, *Canaan*, p. 631), como quem diz «o eterno». *Snt* ou *sanot* 'ano' (pl. *sanim*); *samim* 'céus'.

- 238 É de escasca pessegueiro «de bota abaixo»
hʒq qass pʒg gr 'penetra lacerante, (lit. 'flecha corta e lacerada, ataca').
 [Eʒek qass/ezeqasq pezeqħ + għer] hʒk 'flecha'; qʒ [qass] 'corta'; pʒg [pézag] 'lacerar'; gr 'atacar'.
- 239 É de três assobios «de trato difícil»
tr usb' [tr ussebi] 'tremar as mãos'.
- 240 Isso é pau «isso é uma burrice»
puhalu 'burro'.
- 241 É mato «é abundante»
mad 'numeroso, abundante'.
- 242 É o da Joana (da Tejoana) «estado de indisciplina; cada um faz o que quer»
tħum an [tegum ana] 'mando eu'
twy an [txuiana → tejuana] 'o chefe sou eu'.
Twy [txui] 'ser chefe, comportar-se como um chefe, dar ordens, falar, estabelecer'; *tħ* 'decretar/declarar' (arm. antigo *tħwmbħ*, ac. *tħum*, hb. *teħum*); *tħm* 'mensagem/declaração'. Popularmente, diz-se sobretudo 'da tejoana', como na origem.
- 243 Estão os tectos baixos «fala baixo que podem ouvir»
astan taħta bataħ/bats 'colocar baixo a conversa'.
Astan 'colocar/pôr'; *tħt* (hb. *taħat*) [tagat] 'baixo, em baixo'; *tħat* 'contacto / pôr em contacto'; *bataħ* 'conversa'; *bħt* [bats] 'salvé! saudação, receber amigavelmente'; *st ast, astan* 'pôr, colocar, deixar, reduzir, dominar'.
- 244 Estou à vara «atrapalhado»
bary (ar. *bara*) 'cortar (a cortá-las)'.
- 245 Estar com o chico «diz-se das mulheres menstruadas»
šky/šyk 'languidecer, brotar (fluxo)'.

246 Estender o guardanapo

stn 'd dr w gr dn ap
[astanededer o gardanap]

«falar sem se calar, sem interrupção,
desordenadamente»

stn 'd dr w gr dn 'p
[astendededer o gardanap]

'expor o testemunho de defesa para se
opor ao julgamento da câmara (tri-
bunal'

st an dr abr dan ap
[astander agrdanap]

'derramar o testemunho da livração
para atacar o juízo de severidade'

hss t'n 'd dr g'r udn ap
[asstan eder garudanap]

'desgarrar a força do discurso depois de
atacar o recipiente da ira'

'excitado, ataca quando fala a apelar
a soberania da câmara'.

Astan, asten 'expor, pôr, colocar, derramar'; *'ed* 'testemunho' (associado a *edr* 'abandonar, largar, livrar'); *gr* (ac. *garu*) 'apelar, atacar, opor-se'; *dan* 'julgar, julgamento, juízo, causa' e 'recipiente, jarra'; *'ap* 'diante, em face de' e 'pátio, câmara'. O recipiente da ira pode ser uma referência às ordálias que consistiam em expor o suspeito à acção de uma bebida diante do juiz.

247 Fazer o sete

st [sit]

«piscadela de olho no jogo de cartas;
qualquer pretensão amorosa»

'prender, dominar, pôr, fixar'.

248 Fazer o quilo

ql/qyl

«deitar-se depois de uma refeição»

'deitar-se, cair, abater-se'.

249 Despedir-se à francesa

nfar ts [nefartxês]; [frantxês]
nfar ts s' [frantjexsa]

«não se despedir, partir sem dizer adeus»

'sair apressado, (como) um depredador'
'escapar-se o depredador apressado'.

Npr, pr (sir. *nfar*) 'sair, escapar-se'; *'s*, *'ssa, assa* 'apressar-se' e *ts* (hb. *sasas*) [txês] 'pássaro depredador'. Fica assim explicada a expressão portuguesa que contradiz em absoluto a *gentillesse* tradicional dos Franceses.

250 Fazer de mim roupa de Franceses

rhp nfar ts
[rapa frantxês]
rp d ph rhm tt
[rapa de feraamtjêj]

«dispor de mim como coisa sua»

'dar voltas apressadas de depredador'

'espírito de morto que experimenta a
donzela seis vezes'

- rp d nfar ts*
[rapa de frantjês] 'retorcer-se qual escapado do depredador'
- rhp d nfar ts*
[raepa de frantxês] 'faz voltear qual apressado depredador'
- rhp d nfar ts*
[raapa de frantjex] 'dar voltas qual escapado ladrão'
- rpu d ph hm tt*
[rapu de fegaam tjédj] 'espírito que experimenta o calor seis vezes'
- ri pd ph rm ss*
[roipude feramseso] 'aspecto da jóia insidia levantar o golpeador'
- ri pd nfar ts*
[roi pide frantxês] 'aspecto do devorar do apressado depredador'.
- 251 Isto é roupa de Franceses! «coisas destinadas a serem roubadas, que todos levam»
- rhap nfra ts* [rapah frantxes] 'voltas de depredadores (coisas para depredadores/ladrões)'
- ri pd nfra ts* 'aspecto do ouro do apressado ladrão'.
- 252 Até a formiga tem catarro «diz-se a um miúdo que toma abusivamente atitudes de adultos»
- ph ri mgy tnqt abr*
[ferimguy tenqataarr] 'parece vir crianças atrás [de mim]'
- atw ph r' mh tmk at abr*
[feromuga temekatarre] 'vem ver um companheiro jovem seguir-te atrás'
- atw phr mh gh t'n kt th*
[atw formuga tan kut tgg] 'vem à assembleia o novato com voz de mijar na cama e dá ordens'.
- Ph ri* 'ver aspecto, parece'; *mgy* 'vir, chegar, marchar, dirigir-se'; *tnqt* 'crianças que mamam' (associado a *yanq* 'amamentar' e ao hb. *tinog, tinoqot*); hb. *tmk* 'seguir'; *t'n* 'mijar'.
- 253 O tempo da Maria Cachucha «tempos já muito recuados, revolutos; costumes desaparecidos»
- mh mrh khsa* [ma mra kahussa] 'águas ancestrais desaparecidas'
- mahir kht ss* [mahir kahatxuss] 'herói do trono desaparecido rapidamente'

<i>mahir khss</i>	'assolador desaparecido' (herói mítico)
<i>mahr khss</i>	'dote desaparecido rapidamente'
<i>mbir ka sus sa</i>	'o herói como cavalo varre'
<i>mbir qs it</i> [mahir qassitju]	
(ac. <i>issu</i>)	'o herói da longínqua existência'
	(=ancestral)
<i>mb ri ks zu s'</i> [mari kas zu sa]	'água de aspecto de vaso, lugar de origem desaparecido' (=primordial)
<i>mb hy ks ysa</i> [maguy kassyssa]	'a água ela amável libertou'
<i>mb hy kz ysa</i> [maguya kazuissa]	'a água, dela a fruta de Verão faz sair'
(hb. <i>k sbush</i>)	'deveras ansiamos (desejamos voltar a elas)'
<i>sbush</i>	'sexto dia da criação' (=tempo antes do actual).

[Maair/maria; qahatxussa/qatxuxa] *Mhamort* (hb. *mahamorah*, ar. *hamara*) 'abismo, águas aquosas, sorvedouro' (abismo mítico, caos). *Mhr* (hb. *mahir*) 'soldado, herói, herói mítico de Anat, nome de heróis míticos semideuses' e 'vigor', e hb. *mohar* 'dote, preço pela esposa'. *Khssa* [kagassa], 'desaparecer rapidamente'.

Os tempos da Maria Cachucha tanto podem ter sido aqueles que desapareceram no sorvedouro do caos, como aqueles em que imperavam os heróis míticos.

254 Em tempos da Maria Castanha

<i>mahir qst an</i>	«tempos recuados, do tempo da Maria Cachucha»
<i>qst anna</i>	'do guerreiro [herói, soldado] do arco forte'
<i>qs tmn</i>	'do guerreiro do arco «servidor fiel»'
<i>ks tn</i>	'do receptáculo do fundamento'
<i>qs t'nb</i> [kastaana]	'da bondade lamentada'
<i>qs tnn</i>	'do vaso do impulso sexual'
	'receptáculo do monstro primordial' (=Yammu).

T'nb, hb. (*Jer.* 2:24); hb. *ka shushanah* 'como divertimento sexual' (*Prov.*, 10:23), em que parece relacionar-se Cachucha e Castanha. *Qst* (ac. *castu*) 'arco'.

Se a expressão anterior parece referir-se a «heróis míticos», esta com mais razão. *Qst anna* parece ser uma figura de «servidor fiel, mensageiro-heraldo, vassalo, assistente, ajudante...» (*Canaan*, p. 602). Num dos mitos de Ugarit, a deusa Anat procura cativar o jovem Aqhatu, pedindo-lhe o seu arco (símbolo sexual); apesar das promessas, chantagens e ameaças da deusa, o jovem recusa ceder-lhe o arco (cfr. *Canaan*, pp. 327-401), muitos elementos comuns aos mitos de Domuzi-Adónis. O nome da deusa acadiana parece até figurar na expressão «Maria Castanha»: *qst anna* (Anat). Mas temos ainda esta hipótese:

<i>hzt an</i> [gastane]	'ditosa / feliz e felicidade / sorte de mim'
' <i>lm hyt hzt (an)</i> [olim ggit	
ggastane] → [oli maggit	
ggastane] → [oli marit kastane]	'eterna vida ditosa' (<i>ibid.</i> , 1.3, V, 31)

A expressão anterior aparece por duas vezes nos mitos do Palácio de Baal, donde, por outro lado, pensamos também terem provindo certos nomes portugueses do Diabo.

mh h̄yt h̄zt an
[maggyt gazetana]
mh h̄yt h̄z̄ tn
[mggyt ggazetan]

‘água da vida ditosa do eu’

‘água da vida ditosa [que] aceito lamentar’.

255 Ir-lhe ao faval

ph w'al [fa vaal]
ph'awyl [faauvil]

«copular»

‘ver por cima / estar por cima’
‘ver o congénere’.

256 Ir-lhe ao farol

gr/far'l
phr'ly
phr ul [farul]
phr 'l
pr/far 'l

«copular»

‘precipitar-se sobre’
‘reunião/compleição de parentes’
‘compleição de cônjuges’
‘compleição de parentes’
‘voar sobre’.

257 Receber a mulher em camisa

mhr
qm ysa
qm issa
qm ish ha
qm ish hb
rz bhr mhr 'm kamasu
[razaber moer amkamasu]
rz bhr mhr 'm km issa
[rezaber moer am kamissa]

rz bhr mhr 'm qm issa
[rs bhr mhr 'm qm ysa]

r'sb hr mhr 'm qm issa
[reexeber moer am qam issa]

r'seb ar mhr 'm qm ysa
[recebâr moer am kamisa]

«casamento sem que a noiva tenha bens ou emprego»

‘dote e vigor masculino’
‘adversário do levantar-se’
‘adversário da mulher’
‘adversário do irmão’
‘adversário do fraco’

‘concorrer no dote em prostração’

‘competir no preço do dote com a mulher’

‘competir no preço do vigor masculino como adversário da mulher’

‘o parceiro cativa o combinado dote com o levantar da mulher’

‘o parceiro deseja um dote em tanto que é adversário do levantar-se’

<i>r' sa b'r mbr 'm qam ysa</i> [reesabeir moer am qamisa]	'o parceiro sobe a discussão do dote com o adversário levantar-se (=aumenta o preço à medida que ela se levanta)
<i>r' tbr mbr 'm qm ysa</i> [ree txeber moer am kamisa]	'o parceiro rompe o dote com o adversário levantar-se'
<i>r' sa b'r mbr 'm qm issa</i> [rassabeir moer am qamissa]	'o companheiro sobe o preço do dote ergue-se adversário da mulher'
<i>r' t̄b hr mbr hm qm ysa</i> [ratxeber moer em kamisa]	'o companheiro recorre ao preço/concepção de dote acaso o adversário levante'
<i>ruz bhr mbr in qm issa</i> [ruceber moer in kumissa]	'competir na concepção do dote não há «levanta-te mulher»'
<i>rs b'r mbr 'm qm ysa</i> [raxebeir moer am qamisa]	'consentir em deixar o herói como adversário do levantar-se...'
<i>rs bhr mbr 'm qm issa</i> [rôxber moer am qamissa]	'... é arruinar-se na concepção do dote em tanto que adversário da mulher...'
<i>rz bhr mbr 'm km isb ab</i> [ruzeber moer am kamixsa]	'... concorre no preço do dote já que o irmão...'
<i>rs bhr mbr hm qam issa</i> [razeber moer em qamissa]	'... se arruina na concepção do vigor masculino, esse adversário da mulher'
<i>r'sa bry mbr hm km isb ab</i> [rasabry moer em kamixaa]	'os parceiros sobem o negócio («corte») do dote: eles erguem o irmão'
<i>'r t̄b hr mbr hn qm issa</i> [areceber moer en qamissa]	'agita-se o leilão do valor do dote: «vem aqui, olha, adversário da mulher!»'
<i>'r̄s b'r mbr ank k mish hb</i> [arrexeber moer ankkamishaa]	'o leito da discussão do vigor/dote, para que o quero de facto? Para o homem fraco'
<i>'r̄s b'r mbr ank k missa</i> [arrexeber moerankkamisa]	'o leito de discussão do vigor/dote, para que o quero de facto? Para a mulher'
<i>r' sa b'r mbr 'm qms</i> [rasaber moer am qamasu]	'o companheiro sobe a discussão do dote até estrangular/agachar'
<i>h̄z hy b'r mbr hm qam issa</i> [raziberber mhar em qamissa]	'aceitam eles discutir o dote, eles levantam-se à mulher'

<i>r' t' b'r mhr ank m'ysa</i> [rotjexeber moar ankameesa]	'parceiro magnífico na discussão do dote: «peço, por favor, levanta-te»'
<i>rz 'br mhr 'm k hm ish hb</i> [ruz 'abara moer amkamisaa]	'a competição atravessa o dote até deveras o fraco absorver'
<i>rz b'r mhr ank ab my by sa</i> [rezeber moer ankaamisa]	'competidor no negócio do dote: «para que quero, irmão, aquela que trepa?»'
<i>rta bhr mhr 'm k 'mm ish hb</i> [rtxabber moer am kammisha]	'havia sujidade na concepção do vigor masculino dos antepassados, de facto, que incluíam homens fracos'
<i>rz bhr mhr 'mq 'm issas</i> [ruzeber moer emqamisa]	'eles concorriam no preço, vigorosamente, com as mulheres'.

Mhr (hb. *mohar*) 'potência, vigor masculino' e 'dote' pago pelo pretendente à parentela da noiva que, no Código de Hamurabi, revertia em propriedade da mulher e de quem, com a sua morte, ela quisesse herdar (cfr. adiante pp. 235-238). A mulher sem dote era uma mulher sem defesa, prostrada («em camisa»).

258 Andar à boa-vida

«estar desempregado, sem trabalho» (ter sido despedido, andar a procurar trabalho)

ba byd

'sair das mãos, separar-se, ir de umas mãos para outras' (andar de mãos em mãos, não ter dono).

É sinónimo do ac. *ba-di-u* [vadio] 'andar de mãos em mãos' (*Canaan*, p. 526). Note-se que, na linguagem popular, «andar à boa-vida» é ter sido despedido pelo patrão, não ter patrão; a expressão actual é um simples decalque. A acepção hedonista que a expressão possa ter em certos meios resulta do fenómeno de mudança da cultura de um meio ou estrato social a outros em que este último entende positivamente o que no outro meio era negativo.

259 E boa-noite tio Pedro!

«diz-se de coisa que não se conseguiu: "ele tentou, mas boa-noite ti Pedro!"»

bnwt pr-du!

'a força deixa-se ir'

bnwt [benout] *tprwdu* [teproudu]

'a força deixou-se voar'

hb. *bnwt pture*

'criatura despedida, isenta de deveres'; abandonada, que dorme na rua (*I Sam.*, 19:10)

bnwt pdr [benouti padru]

'criatura da cidade' (=solitário).

Bnwt 'criaturas/potência' (cfr. *Canaan*, pp. 535-38).

260 Apanhar pés de burro

ap annh' r [ap anen aru]
p' n dt̃ burr [pen dtx bur]

db burr [dobburr]
p' s db burr [pess dob burr]
dob burr [dobburr]

db b' r [dob bor]
phd burr [puaduburr]

aphn arb [apanara]
ap annh' r ph p' n dt̃ burr
 [apanenar pen dtx burr]

ph annh' r p' n dt̃ burr
 [peanenauru pen dtx burr]

aphn arb p' s d burr
 [apanara pêss de burr]

ap annh' r ph' s d burr
 [apannaire pêss de burr]

apen' r pd it̃ burr
 [apen air pêtits burr]

ap' n' r ph' s db ur
 [apeinarupeéss deburr]

ap' n' r p' s db burr
 [apeinar péss dôb burr]

ap nh rp dt̃ burr
 [apanarepêdjbur]

hh p' n' r ph tb burr
 [aapenaru pêtjbburr]

ap' n hh rp p shdb burr
 [apenaarepêshdebur]

apn' r pd burr
 [apan air pid burr]

apen' r p d b' r
 [apen air pê it̃ de bur]

«estar sem ocupação, estar abandonado»

'focinho do jovem burro'
 'pé espalmado na pastagem' (pegadas de burro)

'rasto na erva'
 'fala de erva o animal na pastagem'

'besta ao calor'
 'animal abandonado'
 'cordeiro jovem na pastagem'
 'focinho da novilha'

'o focinho do jovem burro vê o pé espalmado no pasto' (=pegada)

'vê o jovem burro o pé espalmado no pasto'

'o focinho da novilha vê a erva que há na pastagem'

'o nariz do jovem burro excita-se de experimentar qual erva há na pastagem'

'o focinho do burro devora o que há na pastagem'

'o focinho, o olho do burro entendem de erva, besta de erva'

'também entende o burro falar das plantas rastejantes entre as ervas'

'o nariz descansa, relaxa-se, retorçe-se, espalmado na pastagem'

'fraco dos pés, o burro experimenta espojar-se na erva'

'e sente-se fraco, retorçe a boca como uma besta ao calor'

'revolve o burro os arreios na erva'

'acto contínuo o burro diz «olha, que brilho!»'

<i>apen 'r p's db ur</i> [apen aru pêss de burr]	'então o burro fala de erva, de animais, de pastagens'
<i>hp 'n ary p d b'r</i> [epeinary pêdebor]	'orelhas e olhos dos vizinhos percebem 'o que discursa'
<i>ap an 'r p's db ur</i> [apanairu pés dôburr]	'aliás, onde quer (que estejam), os burros falam de plantas, de bestas, de pastagens'
<i>ap 'n 'r p'n dt burr</i> [apein aru pen dtjburr]	'então o olho do burro observa o rasto espalmado na erva'
<i>ah ph hn hr ri p'n shtb ur</i> [aapeanari pêshdeburr]	'irmãos: vejo aqui a concepção do aspecto de um pé como o de um animal herbívoro...'
<i>ah ph hn ar p'n d b'r</i> [aa paanar péne de bor]	'...irmãos, vejam, olhem cá está o brilho do pé que ele transmitiu'
<i>hp 'n ary ph tb b'r</i> [epeinaairipê tjebor]	'as orelhas, os olhos dos vizinhos vêm, prestam atenção ao discurso'
<i>ap 'n arb yp 's db ur</i> [apenarai pess debur]	'o focinho, o olhar das novilhas erguem-se da erva, respondem: «erva!»'
<i>ap'n 'r ph hss dbur</i> [apen aru pees debur]	'também o olho do burro vê excitantes oráculos'
<i>ap pn nyr p's dbur</i> [apenayru pê isse debur]	'logo que o nariz observa os astros, a boca exprime oráculos'
<i>ap 'n nyr p it dbr</i> [ap'einayrpêitj debur]	'de entrada, contempla os astros, depois diz: «cá está ele, deixo-me conduzir»'
<i>apen ar p hss dbur</i> [apenar peess debur]	'é então que a luz lhe diz um excitante oráculo'
<i>ap an ar p it d b'r</i> [apen ari pêitj debor]	'focinho: eu, a luz, digo «está aqui quem brilha!»'
<i>apen ar pd bur</i> [apenar pêdjeburr]	'acto contínuo, brilham os arreios na pastagem'
<i>ah p hn ary p dbr</i> [aa penari pê deborr]	'um irmão diz: «eh! olhem, o vizinho diz oráculos»'

<i>ap an 'r ph's dbr</i> [aa panar pê ess debârr]	'logo de seguida: «eu burro vejo a erva induzir...»'
<i>'p 'n ar pđ bur</i> [apeinar pêdjbur]	'...o conjuro da origem da luz dos arreios na pastagem!»'
<i>apen 'r ph's dbr</i> [apanaripêass debourr]	'depois o burro observa a expressão da estepa/do pasto'
<i>ap any 'r yp' hss tb bur</i> [apanaripesstjeburr]	'o focinho geme, o burro alça-se, excita-se, espoja-se na erva'
<i>'p nh 'r pđ b'r</i> [apanaar pêdje bor]	'enfatiados do descanso do burro, os arreios brilham'.

«Apanhar pés de burro» significa «não fazer nada ou fazer coisas inúteis». As frases que se possam construir com os termos homófonos dos anteriores, porque se associam ao burro, derivam forçosamente em burrices ou em ditos inúteis. A correspondência entre as significações actual e a antiga é exemplar, mantendo-se as ideias de burro, de abandono e de preguiça. O desenvolvimento susceptível de fazer com esta expressão faz lembrar o texto bíblico do diálogo entre Balaão e a sua jumenta (*Num.*, 22:22-31), em que esta pôde ver o «Anjo de Deus» e proferir oráculos.

261 Ir de carrinho

<i>qry'by</i>	«ser expulso, ser corrido»
<i>qr w'ny</i>	'sair humilhado'
<i>qr in</i>	'retorcer-se/retroceder humilhado'
<i>qry in</i>	'murmurar «não há / não tem»'
<i>hrr in</i>	'oferecer um «não há / não tem»'
<i>kry 'n</i>	'ser redondamente «não há / não tem»'
<i>kar 'ny</i>	'cravar o olho'
	'cordeiro humilhado'.

262 Filho do trabalho

<i>palilu atrb bal</i> [palilu atrabal → filho atrabal]	«diz-se dos ladrões»
	'explorar/espionar nas costas do dono'.

Pl (ac. *palilu*, hb. *ply*) 'explorar', 'secar'; 'pelejar, matar'; 'árbitro, juiz' (hb. *pilel*); *pb/fe* + 'l' 'ver/espionar, subir acima'. *atr* [atsr] 'seguir, caminhar', 'atrás, depois, logo, logo depois' e 'resto'; *b'al* 'proprietário'.

263 Filhos do mosco

<i>palilu 'msk</i>	«gatunos da casa; filhos do crime»
	'explora carrega às costas'

Há outras hipóteses: *mash*, *hamasu* [gamasu → masgo] 'matar'; '*ms*, *msk* 'carregar, levar às costas'; *ks* 'copo'; *kasa* 'casa, assento'.

264 Foi como os olhos te viram

yqum hūs'l bariab
yqum huš'l ytbiran
 [qumhuxolytsbiran]
 [fo yqumuxolystbiran]

«desapareceu, fugiu»

'levantou-se apressado [...] fugidio'

'levantou-se apressado rompeu'.

Tb, tbr, tbrn [*t = tx*] 'volver, dar voltas', 'romper, abertura' (ar. *tabira*). *Qm* (hb. *qum*) 'levantar-se, pôr-se de pé' e 'adversário' (hb. *qim*). A coincidência é impressionante.

265 Cinco réis de mel coado

ug. *mli kd*, hb. *male kad*
 ug. *tiql rz* [txicl rûs]

ts iqlum [txiclum]
ruz [rûs]
tiql rz mli kd [txicle rûs meli qad]

«coisa de pouco valor»

'cheio quartilho'.

'o siclo corresponde a (cheio quartilho),
equivale a (um quartilho)'

sinclo → cinco

→ res → reis

'um siclo vale um quartilho'.

Ug. *mli* 'cheio' (hb. *mli*) 'encher(-se)'; ug. *ml* 'corrente, curso' (ar. *maylu*). *Ka* (hb. *kad*, gr. *kados*) 'quartilho' (em esp.). Ug. *tiql*, ar. *tqlu*, hb. *bibil*, *shequel* (Código de Hamurabi), *siqlum* 'ciclo ou siclo'. Ug. *rz* (hb. *rûs* [rêz, râz]) 'concorrer, competir' (corresponder a).

A fórmula «cinco réis de mel coado» constituiu uma mnemónica para a correspondência de dois sistemas monetários/de capacidade: «cinco réis»=1 siclo=
=1 quartilho=12 g de prata.

Vejamos: no Código de Hamurabi, a unidade de base para as medidas de peso/capacidade/moeda era a mina (ac. *manum*, hb. *manê*), que correspondia a 0,50 kg de prata; a mina dividia-se em 60 siclos; cada siclo equivalia a 8,30 g de prata e a 180 «grãos» de cereal (*Hamurabi*, p. 86; «grão» de cereal, expressão que tomamos dos autores, seria um tipo de medida). Porém, segundo os tradutores da Bíblia de Jerusalém, a mina valia entre os Judeus 0,571 kg e o siclo 12 g (11,4 g), referência em *Ez.*, 45:12, onde a mina vale também 60 siclos (*Bible de Jerusalém*, p. 1831). Voltemos à fórmula: se dividirmos a mina — 60 siclos — por 5 («cinco réis»), encontramos 12, que é o quantificativo do siclo. Portanto, «cinco réis»=1 siclo=
=1 quartilho=12. A interpretação está correcta.

«Quartilho», segundo a *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*, corresponde a «um quarto da antiga moeda de ouro portuguesa de 4\$800 réis, isto é, 1\$200 réis», 12 centavos, que é o quantitativo do siclo acadiano/quartilho. Uma das medidas para líquidos, cereais e mel que aparece nos forais é o almude (hb. *muid*), que no Novo Testamento vale 8 litros (8,75 l), e que era o quantitativo em grammas de prata do siclo hamurabiano. O almude tornou-se também a medida de base em Portugal, mas o seu valor varia muito de uma região a outra (entre 16 e 25 litros). Dividia-se em «12 canadas, ou 48 quartilhos», segundo a *Grande Enciclopédia*. O almude podia equivaler ao alqueire (hb. *qor*), medida de base para cereais ainda actual, ou o alqueire valer metade do almude. Na região de Leiria, o alqueire de cereais vale hoje 12 litros e o almude de líquidos vale o dobro.

Por outro lado, «réis», unidade monetária, não é o plural de rei, nem equivale a «reais»: segundo aquela enciclopédia, «“real” diz-se no plural de duas formas “reais”, ou “réis”»: «“reais” deve empregar-se para o tempo em que o real existia como moeda efectiva, isto é, até ao século XVI, ao passo que “réis” empregava-se como moeda de conto ou imaginária, 5 réis, 10 réis...». De facto, «réis», enquanto moeda popular, não tem singular, talvez por não ter a mesma origem do que os «reais». «Mel coado», enquanto produto apícola, seria de outro modo inapropriado para exprimir «pouco valor», por ser o mel mais caro, limpo de impurezas. A fórmula «cinco réis de mel coado» não significou, portanto, «coisa desprezível», mas foi antes uma fórmula de equivalência de moeda e de medida.

266 Deu em vaza-barris

«a fortuna deu em pantanas, arruinou-se»

bzr brh

hb. *beser bariah*, ar. *bazaru*

[bariah → bariag → bariaj → barij] 'ouro refinado fugiu'.

267 Água se Deus a dava

«chovia muito»

šd sa da ba [xâdê xadaba]

'vertia o campo, vinha, em força'

šd sada ba [xadêsaddaba]

'vertia, corria, com força'

sd ši sada ba [sdsixadaba]

'enchia o pântano, corria, com força'

šd šj sa db [xedxisadaba]

'vertia o pântano, trepava, escoava'

sd šj adab [sedêxiadaba]

'enchia o pântano, e com que força!'

šd šeda ba [xadêxedaba]

'vertia o campo em força'

šab

'tirar água com força'

ša db

'trepas com força'

dbb

'verter'

šj d ša db [xidêxadaba]

'o pântano que trepa com força'

šd ša db [xadexadaba]

'vertia trepava com força'

šj d šab db [xidêxabdaba]

'o pântano que tira água com força'

šd ba

'vertia em força'

šbada ba

'sete vezes veio'

šba daba

'fartar-se à força'

šd ša daba

'o eflúvio sobe à força'

šd šba daba

'vertia que se fartava à força'.

Š = *je*, *xe*, *si* 'pântano ou poço'. *Ba* 'entrar, vir, chegar'; *šd* (aram. *seda*, hb. *sadeh* 'verter' e 'campo, estepe, terreno'; *šj* 'pântano'; *ša* 'trepas'. Note-se que a expressão usa-se sobretudo no imperfeito português, e não varia, por exemplo, em «água que Deus nos dava», «água se Deus a mandava», «água que vinha de Deus», etc.

268 Nunca fez boa farinha*ba pbyr 'n* [ba fêriine]*war l pbyr 'n**ph ba pbyr 'n* [fe ba fairine]

«nunca foi sociável»

'entrar na compleição, assembleia/colectividade'

'vir à reunião de culto'

'participar na reunião de culto/compleição'.

Ba, ar. *ba'a*; 'ny 'cantar, celebrar' e 'dizer, responder'; 'n 'ver, contemplar', 'olho', 'fonte'. Expressão idêntica a «Comigo não faz farinha». «Farinha» é um topónimo muito frequente.

269 Pão pingado*p'n pqd* (ac. *penu paqadu*,hb. *pa'am paqad*)*p'n pgt**p'n'n pqd**p 'n pqd**p 'n pqd**ph'n pqd**p 'n ypq t'**p'w ypqd* [póuipaquadu]

«bel-prazer»

'o pé manda' (consegue/obtem)

'pé de infante' (príncipe)'

'o pé e o olho mandam'

'a boca e o olho mandam'

'fala, vê, manda'

'vê e manda'

'o pé vê e ataca'

'gritou e mandou'.

270 Fradinho da mão furada*pr't 'nn* (ar. *far'u*) [fradunon]*mad phrh't* [madefergate]*maph rh't* [maphurate]

«eufemismo para se referir ao "diabo"»

'primordial heraldo' (vassalo, pagem)

'das muitas insídias de mão'

'da forja (=fogo) na palma da mão'.

«Da forja na palma das mãos» parece mais exacto (senhor do fogo, dos flagelos, criador do fogo, mensageiro do fogo). *Pr't* (ar. *far'u*, hb. *pera'*) 'primordial' (ancestral); 'nn, *anna* (hb. *onen*) 'mensageiro, heraldo, assistente'. *Mph* (hb. *mappuah*) 'fole de forja, forja'; *rh't* (palma da mão).

271 O mais pintado / boa pinta*pnt*

«o mais esperto / bom aspecto, bonito»

'cara, aspecto'.

272 Pai do filho de Zebedeu*ben zed**ben zed hl**zu bdhl* [zebedul]

«pessoa anónima, desconhecida»

'filho do ventre («filho da mãe»)

'filho do ventre que sofreu dores'

'habitar no local donde saltou'.

Pode ter-se tratado de uma injúria como as que existem hoje referentes ao seio da mãe. *Zubdhl* 'sítio' [d]onde salta!, ug. *zed* 'peito' (hb. *hezid*), 'sustentar';

zu 'habitat de origem'; *hl* (hb. *hul/il*) 'dar saltos, retorcer-se com dores do parto'.
Ou:

<i>zu</i>	'lugar de origem, secreção, exalação'
<i>za</i>	'humilhar-se';
<i>zu bd ul</i>	'o lugar de origem muda de parente/ marido'
<i>za bd hl</i>	'agachar-se, mudar de parente'
<i>zu bdhl</i>	'agachar na fornicção'
<i>zu bdl</i>	'origem/secreção de gente pobre'.

Pai do filho de Zebedeu:

<i>ba palilu zu bdhl</i>	'vai espreitar o sítio donde saltaste'
<i>ba palilu zu bd ul</i>	'vai espiar o lugar donde vieste pas- sado a outro presente'.

273 Paulinho tem olho!

ply 'n [paliâinu]
ar. *pl aînu*, hb. *pilel 'n*

«estou a ver!» (diz-se abrindo a pálpebra
com o dedo)

'vejo do olho'
'juiz vê, juiz olho'.

Hb. *pilel*, ac. *palilu*, ug. *pl* 'espiar, ser árbitro, ver com olhos de ver, ver muito
atentamente, forçando o olho propositadamente'.

274 Mandar o Bernardo às compras

<i>m ndar</i>	[mandar]
<i>mnd' hr</i>	[mandaêr]
<i>mn dr</i>	[mandâr]
<i>mnt</i>	[mante]
<i>mnt ary</i>	[mantaryu]
<i>mnt ary</i>	[montairo]
<i>mnt hr</i>	[mantâre]
<i>mnt 'r</i>	[mantairu]
<i>benwt 'r dr</i>	[benôtardor]
<i>benwt/benot dr</i>	
<i>bn hr dr</i>	[benârdor]
<i>bny r' dr</i>	[benyreador]
<i>bny 'r dr</i>	[benyôrdor]
<i>bny 'r adru</i>	[beniôradru]
<i>bnh adru</i>	[banaadru]

«diz-se isso em vez de "copular"» (ge-
ralmente referente ao marido)

'a partir de, desde, o voto ou «corte»
'seguramente (como) são concebidas (as
coisas)'

'destino determinado'
'quinhão, herança herdade → monte
alentejano'

'contar os parentes'
'quinhão de parente → herdeiro'
'contar os concebidos'
'contar os animais («asnos», sinal de
riqueza)'

'força que agita a família'
'criatura da família / dentro da família'
'cuidar da concepção da família'
'criar companheiro da família'
'criar a comoção da família'
'criar a comoção do magnífico (soberano)'
'no descanso do poderoso / cerca /
cedro grande'

<i>bnnadru</i>	[benadru]	'no cumprimento de uma promessa'
<i>bhr n adru</i>	[bêernadru]	'no, entre, através do gemido do soberano'
<i>bhr nadru</i>	[bêernadru]	'na [através, por] concepção de um voto'
<i>b'r nadru</i>	[bôrnadru]	'acender [ou deixar] um voto'
<i>bhn adru</i>	[bêenadru]	'com/na concepção de um magnífico'
<i>bn hr d ar</i>	[benârdâr]	'filho concebido para que brilhe'
<i>ber nr'dr</i>	[barnerdor]	'filho que se vê gerar'
<i>kn pr</i>	[compêra]	'fixar negócio' (estabelecer «corte»)
<i>kn prs</i>	[comperase]	'estabelecer um pacto'
<i>kn prs</i>	[comperess]	'estabelecer uma brecha' (=«corte», pacto, negócio)
<i>kn pr's</i>	[comperess]	'estabelecer compra de fruta, árvores'
<i>qm prs</i>	[cymperaz]	'assistente/adversário estende-se'
<i>qm p rs</i>	[qymperuss]	'inimigo vê/experimenta a cabeça'
<i>qm prsb</i>	[qymparashsa]	'inimigo desbulha-se/despede-se/lacera-se'
<i>qm pr 'rs</i>		'assistente rompe, regozija-se'
<i>qm pr rz</i>	[qymperaza]	'inimigo/assistente rompe/foge competição'
<i>qm prs</i>	[qymperess]	'o inimigo abre brecha'
<i>qum pr rz</i>	[qumperuze]	'levantar-se fugir da competição'
<i>qum prsb</i>	[qumperash]	'estar de pé / opor-se despir-se / lamentar-se'.

Esta expressão tem hoje carácter sexual, e é possível que o tivesse tido já antes. É próprio das culturas populares atribuir múltiplos sentidos às expressões eróticas; com a busca de pequenas diferenças de pronúncia encontrar-se-iam significações novas e complementares. Associando cada uma das frases dos três grupos, encontram-se tanto expressões eróticas como regras cívicas e políticas, sob a forma de provérbios, donde teria partido a actual expressão fálica, por exemplo: «Com o vigor da família [...] o inimigo estende-se»; «Cumprindo os votos, o inimigo abandona a competição»; «Criar filhos é a força que agita a família»; «Com o comprar vinhas, conceber um filho, contar os parentes, ter uma herança, afasta-se o inimigo»; etc.

275 Fazer d'inês d'horta

<i>in 's d hrt</i>	[iness dârta]	'não tem hortas para cavar'
<i>in 's dort</i>	[inêss dorta]	'não tem hortas de família'
<i>in hss d hrt</i>		'não se recorda de quem a concebeu'
<i>in hss dort</i>		'não se recorda da família'
<i>in hss d war t'</i>	[iness de orta]	'não se recorda do que vinha responder'
<i>y ns d war t'</i>		'ai esqueci-me do que vinha responder'
<i>in hss d hrt</i>		'não se recorda de quem a despiu'

«fingir-se parvo ou tolo»

y ns d hrt
yn 's dr at
in hss d ar at
in ns dr at
in hss trt
iness dw wrte [inessdâuuorta]
y ns d wrt
in hs d tr t'
in hss tr t'
y ns d or t'
y ns dw wrt
y ns dr dt

y ns tr at
'n's d wart [ien esse de uorta]
'n hst wart [ienâsd uorta]
'n hst war t' [ienâsd uârta]
'n hss d hrt [ienex dârte]
'n hs d hrt [ienâs dârte]

'ai, esqueci-me de quem me despiu!
 'o vinho da cepa cingiu-te'
 'não há memória que te ilumine'
 'não há esquecimento que te vença'
 'falta de memória magnífica, potente'
 'esquecida enferma cega'
 'ai esqueceu-se de que é cega!
 'não teme que o touro a ataque'
 'não se excita se o touro ataca'
 'ai foge que a luz ataca!'
 'ai foge enferma cega!'
 'ai experimenta brilhar como personalidade...!'
 'ai paira um touro por cima de ti!'
 'olho da planta que secou'
 'olho do sepulcro cego'
 'o olho do sepulcro vem ripostar'
 'o olho faz pensar a caverna'
 'o olho está está quieto, qual caverna'.

276 Mais velho do que o azeite e o vinagre nas tendas

zu
zutr
ben gre
benygre
bin gre

tmd
hmt
'nt
'nt tmd [enât temd → na temda]

«muito velho, desde sempre»

'habitat'
 'proteger/cobrir'
 'filho estrangeiro' [guer/gre]
 'gente estrangeira'
 'entre estrangeiros'

'sempre'
 'tenda'
 'agora'
 'agora sempre'

zutr bn gr hmt tmd
 [zutre benagre
 natemtmda]

'habitar entre estrangeiros tendas sempre'.

Tmd/amd hmt 'sempre tenda'; *hmt 'nt tmd* [amt enat temd] 'tenda agora sempre'. Os três termos *amd/tmd* – *gr* – *nt* aparecem numa mesma linha do Mito de Aqhatu (*Canaã*, p. 376; Caquot-Szzyner, p. 453), referindo-se a uma condenação que pesa sobre o local do assassinato de um jovem herói, Aqhatu: «Sejas sempre [*amd*] estrangeiro [*ger*] desde agora [*'nt*]»; é também a condenação de Caim, antepassado mítico dos Cananeus, segundo os Hebreus («Serás sempre um errante que percorre a terra» (*Gn.*, 4:12).

A expressão portuguesa decalcou-se sobre esse tipo de fórmula de condenação mítica ancestral que significaria: «É tão velho como a condenação do ancestral que vive desde sempre entre tendas estrangeiras.»

- 277 Mandar alguém abaixo de Braga «mandar ir passear»
'abes brt (heb. *bariah*
 [abes → abax, bariag → brag]) 'apressar a fugir'.
 Também se pode supor *brq* (heb. *baraq*) 'raio, relâmpago' (*'abes brq* 'depressa como um raio, ir para o raio').
- 278 Sem dizer água vai «sem dizer nada, sem avisar (diz-se sobretudo dos que partem sem dizer nada)»
ah haway [agavai] 'irmão viva! saúde! passe bem!'.
 Trata-se de uma forma de tratamento, *ah* 'irmão/vizinho'. É idêntica a 'Eh gamote!' (*gam hyt, gam hwt*), 'viva! / que viva!'.
- 279 Mil novecentos e... carqueja «dizem os que não se lembram da integridade de uma data, nome, etc.»
iqra ahu isa [iqra aggu isa] 'apelo a ribeira que faz sair'
iqra ahu si [iqra aggú xi] 'apelo a água do pântano/poço/desolação'
iqra ahu hss [iqra aggû essa] 'apelo a ribeira que recorda'.
Abu (hb. *ahu*) 'ribeira, água, junco'. Parece tratar-se de uma forma de juramento em que era o rio-juiz que recordava/decidia/livrava.
- 280 Enquanto um burro zurra o outro
baixa as orelhas «quando se fala fora do tempo»
qm burrum 'estar a esclarecer'
kn b'r [qn bur] 'estar a falar'
hm kn burrum [emqan] 'se estiver esclarecido'
zuburu 'trono'
seru 'trono'
palilu/fala 'juiz'
atr 'depois, logo, atrás de, até'
atr 'o restante, o resto'
bs 'esperar, afastar-se'
bsr 'inteirar-se'
hwr 'l 'escolhe o parceiro'
abr aliy 'atrás do mais forte'
hwr aliy 'escolhe o mais forte'
kn an burrum fala atr bs whwr 'estou eu a esclarecer o juiz, os outros
 'liy [kan an burrum fala
 ôtre bass uoraliu] esperam para escolher o mais forte'.

Burrum é um termo utilizado no Código de Hamurabi para «esclarecer, instruir o juiz».

281 Para isso cachimbo de gesso

pbr ysu ks ybum d hss
[pêru isso qax ybum de jess]

pbr w ysu qšib un d hss hb
[pêru issu qzibum de jessô]

pbr issa w ks ybmt hjss
[pêru issaou kaxibumd jess]

pbr ish w qs ybm 'd hss
[pêru ixou qaz ibum ede jess]

pahru ysu ks ybm yd hss
[paaru issu qax ibum ide jessu]

pahru it ks ybmt 's
[paaru itjo qax ibumde ess]

pahru hst ks ybmt hss
[paaru isxetu qax ibumd jess]

w pahru ysu qs ybm 'd hss hw
[oo paaru isso qax ibum ede jesso]

pahru ish w ks ybmt hss y w
[paaru ishhou qax ibumde jessiou]

pahru issa u ks ybmt yhss w
[paaru issau qax ibumde ijess]

pahru hs qs ybmt hss [paaru
hissu qass ybumde jess]

pahru hst hz 'n bum d hss
[paaru ixtu ggaz in bum de jess]

pahru yss ah qz ybm 'd 's
[paaru isso há qayis ibum ed ess]

pahru hst w ks ybmt d hss
[paaru ixtu, oh qax ibund jess]

«para isto não valia a pena»

‘a comunidade que exhibe a amabilidade, oportunamente recordar-se’

‘a assembleia sem dúvida liberta a fronteira inimiga de um conjuro; entretanto agita o inferno’

‘compleição de mulher... para que a amável pretendida se excite’

‘compleição do homem... para que no extremo do clã o testemunho recorde’

‘a terra/argila que deu/deixou sair o vaso, da oferta carinhosa se recorda’

‘argila é a amável procriadora das plantas’

‘a argila inchada do vaso, a procriadora faz lembrar’

‘é um facto: a argila que deixou sair um pedaço da mãe, jura lembrar-se dele’

‘a argila do homem, oh pedaço! a procriadora recorda-se, oh se recorda!’

‘a argila, da mulher — ai amável nutritora — oh, recorda-se! tanto mais que...’

‘...a argila o pedaço macerado da procriadora excita’

‘a terra inchada aceita contemplar-se na mãe que se excita’

‘a terra faz brotar, ó irmão, a fruta de Verão, dom garantido das árvores’

‘a terra da propriedade, sim, sim! a amável amante que excita’

- p arbu yss ks yb um d hss*
[pa aru isso qax ibum de jesso] 'da boca da vaca libertam-se amáveis vagidos de mãe que recorda'
- p ary sq hs yb um 'd tt* [pa ari suq ass ibum ed tjexui] 'a boca de um familiar agarra num repente a dádiva da mãe; em torno, seis'
- yp' ary s'hz yb um diy ts y*
[ip ari sou hazi ibum dii tjesi] 'assomam os parentes a varrer de flechas o inimigo do clã: «milhafre! ladrão! ai de ti!»'
- p'r'ysu qšib um 'd si hs* [pa rê issu qss ibum ede jiêssu] 'um grito de irmão companheiro emerge dos confins: «o inimigo do clã, o santuário desola, invade!...»'
- wpabru hs ks yb umt hss*
[iipaaru esso qax ibumde jesso] '... e assim, a argila imediatamente um vaso de soluços do clã traz à memória'
- pabru hst qš ybn 'd si's*
[paaru ixtu qass ibun ede jiêssu] '... a argila! confinamento derradeiro — oh filho, quando? — do pântano das ervas...'
- pabru hst qs yb um ts'sy*
[paaru ixtu qaxibum dejessio] '... a argila, o sepulcro! o derradeiro inimigo da família, depredador mal-fazejo'.

Um certo número de ditos populares refere-se às povoações, os quais tanto podem ser uma espécie de ex-líbris como um objecto de ditotes ofensivos para os vizinhos. Eis alguns exemplos, entre centenas que podíamos recensear.

282 Légua da Póvoa

lqh d pl bl [lagag da plable]

«diz-se de uma "légua muito grande" (conta-se como uma légua mas é muito mais)»

'não se consegue atingir' (ir até junto dela não se pode).

283 Justiça de Fafe

hb. *asafsuf* → *assufafe*
'z *ph sp* [azaphesup/azafsuf]

«justiça imediata, justiça popular»

'popular'
'o forte vê a duna'; 'o forte experimenta a maquilhagem'.

284 Deus te livre da justiça de Alenquer! «justiça arbitrária»

'allan qr

'o carvalho murmura'.

Referência dos «terebintos de justiça» (cfr. topónimo *Gonçalo*). Em todas as terras com o nome *Almofala* se diz que uma rapariga foi condenada injustamente e que, passando o seu enterro perto de um álamo, este acusou o verdadeiro assassino. Daí se explica o nome da terra, «alamo fala»; *alamofala* também pode querer dizer 'o terebinto [almo] é juiz'; *alm pl (lfl)* e 'sofrer': '*alm*'.

285 Em Trás-os-Montes «chamam justiça às cheias do rio» (abade de Baçal)

Adon

'deus personificado nos rios'

dn

'julgar'

ad dn

'o pai julga'.

286 Uma história de Vila Velha do Ródão diz que aí existiu um rei cuja mulher lhe era infiel; um dia deitou-a ao rio Ródão, e por isso a terra foi condenada, segundo uma canção que diz: «Adeus Ródão, adeus Ródão | Cercada de muita murta | E terra de muita [...] | Não terás mulheres honradas | Nem cavalos regalados | Nem padres coroados», «mas, graças a Deus, a profecia não se cumpriu» (Lopes Dias, *Etnografia da Beira*, vol. I, p. 21).

RÓDÃO

hb. *ra'idan* (ou *rid*)

'levar aos lábios'.

Expressão por que é conhecida a ordália contra a mulher suspeita de adultério (cfr. nota da Bíblia que determina como as adúlteras «levavam aos lábios»).

287 Histórias de Franceses

Não há aldeia beirã ou transmontana que não tenha a sua história da «estadia dos Franceses» em tal esconderijo, e os cronistas e os etnógrafos aproveitam-nas para se referir, muito patriótica e sabiamente, à «resistência dessas aldeias aos Franceses...» Trata-se unicamente de lendas sobre esconderijos de ladrões ou de aves rapaces.

FRANCÊS

pr/fr ts [farrantxês]

'fuga de depredadores/ladrões'

npr ts [nafartxês]

'ave depredadora'.

Lopes Dias refere longamente a «estadia dos Franceses» num sítio chamado *Barroco dos Franceses*:

BARROCO

brk

'no refúgio/descanso/repouso'.

Cfr. *supra* «Roupa de francês».

288 Fernão Porco

Fernão é nome de muitos sítios. *Fernão Porco* é um sítio beirão carregado de referências a mouras encantadas (Lopes Dias, *ibid.*, VI, p. 15).

FERNÃO PORCO

purlan prk [pur/phurlan paroku] 'sacerdote/mordomo santo (=do santuário)'.
 Note-se a semelhança entre *prk* e 'pároco'.

289 É como a noiva de Arraiolos!

«diz-se das noivas que demoram muito a vestir-se» (suspeita-se que ela se recuse à última hora)

ARRAIOLOS

abr al l [arrial lu] 'depois do sim-com-certeza, o não'
'r yll [iaralalu] 'mudou durante a noite'
'r y'l [iaraioil] 'deixou (mudou) de ser propícia'
abr 'l [arraaylu] 'nas costas do cônjuge'
hb r' 'l 'fraco parceiro marido'
'r r' 'l [arraailu] 'exacerba-se o parceiro marido'.

290 É de Alcanhões

«diz-se da pessoa que anda sempre apressada»

ALCANHÕES

akh nb 'on [akan naion] 'marche em frente, força!' (pra frente marchar!)

Tratar-se-ia de um sinal militar?

291 São mais do que os da Iseda
(aldeia transmontana)

«diz-se quando aparecem mais pessoas do que aquelas que se esperavam»

ISEDA

ysa yd 'sair em demasia'
ysa hd 'sair uma chuva [deles]'
ysa id 'saem de vez'
it 'd 'têm companheiros'
it 'd 'têm testemunhas'
i s' 'd 'donde vem a contagem?'
y t' 'd 'ai que magnífico testemunho'
y t' 'd 'ai que atacam os arredores!'
y sd 'ai o eflúvio! ai a emoção!'
y sd 'ai como corre!'

y s̄d
y t̄d
y zd
y zd
i zd
by s̄d
by s' yd
y sad
ish 'd
ish 'd
ish 'd
'z 'd
y t̄'d

'ai que extensão!
 'pobre peito (das mães)
 'ai os seios!
 'ai o sustento (para eles)!'
 'donde o sustento?'
 'elas amam'
 'elas sobem o carinho / membro viril'
 'ai que conforto!
 'homens de camaradagem'
 'homens em torno'
 'homens de testemunho'
 'fortemente camaradas'
 'ai que magníficos camaradas'.

292 Falperra, terra de ladrões

pl pr
pbl pr
ph 'l pr
ph alp hr
ph alp hr
ph 'l p'hr

«diz-se da serra da Falperra, em Braga»

'espiar, fugir'
 'os asnos rompem (a fugir)'
 'vejo em cima fugir'
 'conhecem mil montes'
 'conhecem o gado *vacuum* prolífico'
 'entendo do alto gritar gemidos'.

293 É como os da Mealhada, o que dizem
 hoje amanhã já não é nada

mb llay ht
mb abdt

«diz-se de quem muda de intenções de
 um dia para o outro»

'o juízo (ou água) em cada noite volta
 a si'
 'o juízo renova-se'.

294 Na Azóia (Leiria) não se pode fazer a pergunta «Onde mora a Carlota?»

CARLOTA

qr laht
qr lt hb
qr lt ab
qr l ht hb

'chamar insultos'
 'invocar as maldições dos fracos'
 'fonte da maldição dos irmãos'
 'os murmúrios do alto caem sobre
 o fraco'.

294 É como os de Santarém, pela manhã estão mal, à noite já estão bem

SANTARÉM

$\bar{s}n \bar{t}ar \bar{h}m$	[xantjarem]	'mudam a família da tenda'
$\bar{s}n \bar{t}'r \bar{h}m$	[xentjarem]	'mudam a disposição da tenda'
$\bar{s}n \bar{t}rm$	[xentaram]	'mudam de alimentação'
$\bar{s}n \bar{t}rmn$	[xentaremne]	'mudam de provisor'
$\bar{s}n \bar{t}r \bar{h}m$	[xentarem]	'mudam os magnates deles'
$\bar{s}mt \bar{t}'r \bar{h}m$	[xamtarem]	'eliminam a agitação deles'
$s' nt' \bar{h}m$	[saantaggam]	'eliminado o ataque do calor'

«Vai à ponte de Santarém que lá encontrarás o teu bem», diz-se numa história de alguém que sonhou que havia um tesouro sob a ponte e que, chegando lá, um outro lhe disse que também havia sonhado com um tesouro perto de uma árvore, em tal sítio, que era exactamente a casa do primeiro; este voltou e encontrou um tesouro, perto do seu domicílio.

SANTARÉM

$\bar{s}nt \bar{a}r \bar{h}n$	[xentaren]	'o sonho ensina «olha isto aqui»'
$\bar{s}nt \bar{a}r \bar{h}m$	[xantarem]	'o sonho ilumina a tenda'
$\bar{s}nt \bar{a}r \bar{h}m$	[xantarem]	'o sonho ilumina-os'
$\bar{s}mt \bar{a}r \bar{h}m$	[xantaram]	'metal precioso ilumina tenda'

294 Não percebo patavina

«não percebo nada».

«Patavina é coisa nenhuma, nada», são concordantes os dicionários; no entanto, alguns fazem derivar esse termo de *Pádua* (cujos habitantes são, em português, paduanos (e só em italiano *patavinos*). Os mesmos dicionários (Cândido de Figueiredo duvida) dizem, por um lado, que patavinidades são 'vícios ou desaires regionais, provincianos' de que a obra de Tito Lívio (que era de Pádua) foi acusada em Roma; por outro, consideram que a patavina portuguesa, significando «coisa nenhuma, nada», deriva de patavinidades que são 'vícios, desaires provincianos'. Existe nestes autores uma manifesta contradição: «patavina» é simplesmente «coisa nenhuma, nada». No Minho e na Beira Baixa significa também «patarata», «idiota», porque não sabe nada de nada... Nem sequer as patavinidades latinas.

'Patavina', que derivou também em 'bóia' («não perceber bóia»), foi um termo ligado a ritos iniciáticos, à transmissão de segredos. Associa-se a 'nabo' (estúpido hoje, primitivamente (ug. *nb*) 'esvaziado, recoberto, soprado, cheio de vento' (cfr. *Canaan*, p. 587). O hb. *nabon* já é «inteligente», corresponde ao ug. *nab w'n*, *nub w'n*, ou seja, 'esvaziado para contemplar' ou 'esvaziado porque contempla (ou vê)'. O português 'patavina', que deriva do hebraico-ugarítico, pode decompor-se de mil maneiras, que resultam sempre na mesma significação. Se hoje 'patavina' significa «nada», era porque o processo iniciático começava por aí: o iniciado pedia que lhe explicassem os segredos da patavina.

PATAVINA

<i>p tebin</i>	'boca da sabedoria, do saber; falar da sabedoria'
<i>pt bin</i>	'abrir o entendimento'
<i>pt bin</i>	'sedução do saber'
<i>pt bin</i>	'caminho do saber e rejuvenescimento do saber' (<i>Canaan</i> , p. 612)
<i>pt b'n</i>	'caminhar no ver, no entender'
<i>p t' b'n</i>	'boca ataca no entender, no ver'
<i>p t bin</i>	'falar o magnífico saber'
<i>p tb hn</i>	'a fala devolve o «eh! olha aqui»'
<i>pt b'n</i>	'entrada no ver'
<i>p tb 'n</i>	'o falar agradável dos olhos'
<i>p tb in hb</i>	'o falar agradável não tem impurezas'
<i>p tb in ab</i>	'o falar agradável não tem semelhante'
<i>p tb 'n</i>	'a boca recorre-se do ver/contemplar'
<i>p tb 'n</i>	'a boca repete o contemplado'
<i>p tb bin</i>	'a boca repete o entender'
<i>pt tb b'n</i>	'caminho de se ir à contemplação'
<i>p t bn</i>	'falar o magnífico entendimento'
<i>p' tb 'n</i>	'gritou: repita a contemplação'
<i>pt tb 'n</i>	'caminho de prestar atenção ao contemplado'
<i>pth bn</i>	'porta/entrada do filho'
<i>pyt bn</i>	'atração/sedução do filho'
<i>p tb b'n</i>	'a fala responde à contemplação'
<i>p tb 'n</i>	'a fala dá volta da contemplação'
<i>p' tb bn</i>	'gritou: presta atenção, filho!'
<i>p' tb bn</i>	'gritou: repete, filho!'
<i>pt sa bn</i>	'porta de subir o filho'.

O saber de que se trata é conhecimento das coisas elevadas (hb. *bina*), especialmente da sabedoria (hb. *tebina*), ou dito sapiencial, enquanto *bina* surge umas cinquenta (*Diccionario teológico*, I, p. 445). A raiz de *bina*, *bin*, está documentada em todas as línguas semitas (cfr. *ibid.*, p. 447), significando 'distinguir, ser inteligente'.

297 Os nomes portugueses do Diabo

O diabo é conhecido por muitos nomes, uns estranhos, outros que parecem de pessoas vulgares. Referindo de memória, temos os que se vão seguir. Todos eles se encontram em dois mitos de Ugarit, nomeadamente o mito da «luta entre Baal e Yammu» (KTU, 1-2), e o «Mito do Palácio de Ba'lu» (KTU, 1, 3-4). O diabo que consta desses mitos chama-se Kotaru (ou Kotaru-Hasisu), com vários títulos, uns que ele próprio se atribui, outros atribuídos pelo escriba. Kotaru aparece nesses mitos como um artífice, o «Hábil e Perspicaz» (é um dos títulos) ou o

«Artesão Ambidestro»; é o artesão do Il (El, Deus supremo), o «mais distante dos deuses», e encontra-se sempre pronto para agir às suas ordens; o diabo é um laçao do grande Il; o seu papel nesses mitos deriva do exercício do ofício de artesão, nomeadamente oleiro, pedreiro e ferreiro (fabrica o raio e transforma as pedras em prata e ouro); durante boa parte do mito de Baal tem uma curiosa preocupação: a de abrir uma clarabóia e janela no palácio do Baal contra a vontade deste, mas ignoramos o seu interesse e as razões da recusa de Baal. Eis alguns títulos por que o Diabo é nomeado na cultura popular portuguesa e a sua correspondência com os mitos.

PERO BOTELHO

pharu bayt ilu
[pero baitilo → botelo] 'oleiro de casa de Il'.

Donde a «caldeira de Pero Botelho». Enquanto oleiro (assim traduz Del Olmo Lete [*ibid.*] o termo *phr* [paharu]), Kotaru constrói um palácio de Baalu e um outro para Yammu ou Juiz Nahar (juiz-rio) (*ibid.*, pp. 166-175).

O VARGAS

Yagrus [Yagrus → Vagrus] 'Yagrus, nome de arma mágica, de *gerš*
(«o que expulsa, expele e abate»,
(*Canaan*, p. 557).

É um título que ele próprio se atribui, «Kotaru Yagrus»: no momento de atacar o deus-rio Yammu diz ele para si próprio: «O teu nome é Yagrus» (*ibid.*, p. 176).

MÁ-JEIRA

mhs jerš [máx jerx] (deriva do nome da arma)
'fere (e) abate' (*ibid.*, pp. 175-6).

PERO (PERO) DE MALASARTES

paharu mhs srt
[pero malhx sarte] 'destrói o inimigo' (*ibid.*, p. 175).

MAFARRICO

mapha raheq 'o do fole, da forja longínqua',

é o mesmo que «Fradinho da Mão Furada» (ver noutro lado).

O CAMAFEU

qm mapha 'o que está na forja'.

DECANTES

dakah nt' (na B.B.)
'ardentes trespassam' (servos de Yam-
mu, *ibid.*, p. 536).

Podem ainda encontrar-se nesse texto alguns nomes ou actividades que teriam dado os nomes por que é chamado o diabo, por exemplo, *Crespo* (*qrs+*) 'morada...', *Cutunto* (Hicuptu, título de Kotaru), *Galhardo*, Galhudo (*gll+*) 'o que funde', *Luzbel* (*lşb+*) 'caretas', *Farrapeiro* (*puharu* → *farru+*) 'oleiro-pedreiro', etc. Mesmo que tenhamos de excluir alguns por não estarem suficientemente identificados, é muito provável que, estando aqueles nomes identificados com o texto citado, este texto fenício fosse conhecido nas nossas regiões.

298 E o Diabo a carregar outra tranca*tr ntq**tr ngh**tr nt̄k**dbb qrn gr atrh tr nt̄k*

[dbad qarnegar otra terantka]

dbb qr gr atrh tr ngh

[debab qarregar atra taranga]

dbb qr grr atrh tr ntq

[debab qarregarrr otra terantka]

«o adversário dá outro argumento»

'recurso do dardo/arma'

'recurso dos cornos'

'recurso da mordidela'

'a besta cornuda ataca depois recorrendo à mordidela'

'a besta apela o ataque depois de arrojarem os cornos'

'a besta apela o bastão depois do recurso da mordidela'.

299 Ladrão da quinta casa*knt kasu**knt ks**knt ks zu**qym nt kasu**kn t' ka zu*

«pessoa, ladrão astucioso»

'esconderijo da casa/trono/assento'

'esconderijo dos vasos'

'esconderijo dos vasos da habitação'

'inimigo ataca a casa'

'estão a atacar a casa'.

300 Põe-me sal na moleirinha*slh muhu lhn* [selag muulagain]

«arrelia-me sistematicamente»

'derreter o siso do entendimento'.

301 Casal de galhetas*gl hta* [galehata]*gh lhht*

«par extravagante»

'alegre, extravagante'

'voz da cerveja'.

302 É uma carinha n'água*qr 'n aghu**kry 'ny hg*

«pessoa alegre»

'invoca/evoca a nascente da ribeira'

'face do dizer de histórias' (=contos de fadas).

303 Estender-se que nem um cação

is try km qalass un
[istary kam qalassun]

«quando o aluno não responde nada»

'animal pescado quando resiste no seco'.

304 Pensar na morte da bezerra

ph sr mt/mgst b srrtu
[pea sar amt/mgst besêrrête]

«a sismar, pensar distraído»

'contemplar os cantares da gente /
banquete nas alturas'.

A expressão poderia ter sido tomada do espaço de dez linhas do Mito do Palácio de Baal, em que se descreve um banquete celeste durante o qual os cantores do céu entoam cânticos. Todas as palavras da expressão se encontram nesse espaço de dez linhas: «O servidor de Baal-o-Vitorioso levantou-se e deu-lhe de *comer* | [...] *comer* [...] *para gente celeste* | Um pagem levantou-se entoou um *cântico* com címbalos nas mãos [...] | Cantou o mancebo de suave voz | Perante Baal nas *alturas* de Sapanu [=Sol] | Contemplava Baal as suas filhas | Olhava para Pydraya, filha da luz | E para Tallaya, filha do orvalho | E os circunstantes reconheceram | Que eram elas as Noivas Gloriosas» (*Canaã*, p. 180).

Fixou-se o termo 'bezerra' em razão do abate de animais para os banquetes.

305 Meter o barato

mh at hr [maater]

«desprezar, não fazer caso» (dizem sobretudo as raparigas dos pretendentes)

'quanto vence o preço?' (= quanto custa?)

m at hr [mater]

'para vencer o preço' (=custo)

mt hr [mater]

'vara do preço'

mt hr [methet]

'distância/medida do preço'

mt hr brd [metag barad]

'quanto cortas?' (=quanto custa?)

mh tr hr brd [matrar barad]

'que recurso de preço cortas?' (=por quanto vendes?)

mh tr hr r' brd [ma tra ra barad]

'que dote de companheiro contratas?'

mtr hr brd/br hta [mt metara/barata]

'a esposa afasta-se/corta, desvia-se'

mt tr hr br hta

'o marido o dote desvia'

mt hr ht [metjr barate]

'a jovem o preço cede'

mt' hr br hdt

'despojar-se do preço jovem/pequeno'

mtr hr br hdt

'esposa cortada (contratada) jovem'

br at [barato]

'corte de vencer' (=negócio fácil)

br hta [barato]

'corte (negócio) extraviado/perdido'
(=negócio pequeno)

br hdt [baraadt]

'corte pequeno' (=negócio pequeno)

b rht [barate]

'na palma da mão'

br rht [br raate]

'corte de palma da mão' (=ganho pequeno)

<i>bhr rht</i>	'por preço de palma da mão' (=pequeno custo)
<i>bhr at</i>	'por preço de vencer' (=barato)
<i>bar at</i>	'no fluir/falar de vencer' (=negócio fácil).

'Barato': Cândido de Figueiredo: «origem incerta»; José Pedro Machado: «origem obscura». (Só esta explicação, pura e simples, nos faz suspeitar da origem do termo...)

306 Amarra de Lobo

<i>mhr r' lb</i> [mârra libu]	«cordão de ouro»
<i>mhr r' lb</i>	'preço da esposa do parceiro do coração'
<i>mhr lb</i>	'dote do parceiro do coração'
<i>mr lb</i> [marra libu]	'preço pago pela esposa do coração'
' <i>m ar lb</i> [amaara libu]	'partir do coração'
' <i>m ar lb</i>	'com o falar do coração'
' <i>m mhr lb</i>	'até brilhar o coração'
' <i>m mhr lb</i>	'como dote do coração'
' <i>m hr lb</i>	'contra o herói do coração'
' <i>m mhr lb</i>	'para/com o preço do coração'
' <i>m mrr lb</i>	'como preço pela esposa do coração'
<i>amr lb</i>	'para mandar / reger / fazer marchar o coração'
<i>amr lbu</i>	'fazer ver o coração'
' <i>m 'r lb</i>	'fazer ver o leão'
<i>hm ar r' lb</i>	'para excitar/exacerbar o coração/leão'
<i>hm ar lb</i>	'eles falam do companheiro do coração'
<i>hm 'r lb</i>	'eles brilham/falam do coração'
' <i>m mh r' lb</i>	'eles agitam/exacerbam o coração'
<i>mr lb</i>	'para se sentir jovem/alegre de coração'
<i>mrr lb</i>	'largar o coração'
	'confortar o coração'.

307 Tirar a palha a alguém

<i>tr pl</i>	«discutir»
	'recorrer à discussão'.

308 Tirar palhinha

<i>pl'n</i>	«desfrutar, fazer troça»
<i>pl'ny</i> [palinia]	'discurso/perlenga'
	'explorar a humilhação'.

309 E moita Carrasco!*mt qr 's abu* [motqrrassk]*i mb it qr 's k* [imaita qarrassk]*i mt qr hzk* [i mot qar gazk]

«guardar segredo»

'castigo invoco dos tragos da ribeira'
 'tão certo como a água que está na
 fonte dos tragos fazer mal mesmo'
 'tal como morte (ou Mot) provocada/
 convidada aceito [se falhar]'.

«Carrasco» por referência ao juiz das ordálias. Trata-se de uma forma de juramento. Os delitos sobre os dizeres eram descobertos por ordálias em certas fontes.

310 Moita quatro vinténs*i mt ktr bn thd*

[i mot kotro bentijd]

«quando o outro não dá resposta»

'tal como o Motu Kotaro divino [ela]
 derrubou'.

Esta frase encontra-se no mito da Luta entre Baal e Mot (deus da seca e da morte), referente à morte ou silenciamento de Mot pela deusa-mãe Anat; falta-lhe Kotaru, que é um outro nome do Diabo. «Um dia e mais passaram | Anat, a virgem, foi procurá-lo [a Mot]; | Como o coração da vaca bate pelo seu vitelo | Assim o coração de Anat batia por Baal | *apanhou o divino Mot* [Kotaru] | Com um cutelo o partiu | E no fogo o queimou | Com pedras de moer o triturou | E no campo o disseminou».

311 Mora lá em casa de Deus ver*mrym ks il td's wtr*

[marim kass il ddeis weter]

«morar muito longe»

'das alturas da casa de Ilo levantou os
 pés e saltou'

mrm'l ks td's wtr

[morom il kass ddeis wetre]

'do alto do monte Ks levantou os pés
 e saltou'.

Aquela frase que parece bem portuguesa podia ter sido decalcada sobre esta que consta do Mito do Palácio de Baal; a ideia de «Deus ver» ressalta maravilhosamente do texto. Anat vem ao monte divino de Ilo [Ks é o nome desse monte, Ilu é o deus supremo] e consegue deste os meios para a construção de uma casa para Baal (Sol) nas alturas do Sol: «[Em Ks, Anat recebe a resposta de Ilu] | Que tragam os montes abundante prata | E as colinas o mais fino ouro | Que se construa uma casa de prata e de ouro! | Alegrou-se a virgem Anat | *levantou os pés e saltou* em terra | para *ver Baal nas alturas* de Shapan [=Sol] | [para lhe comunicar a boa notícia]» (*Canaã*, p. 203).

Deste modo, 'mora' deriva de 'alto'; 'Deus' resulta do termo 'levantar os pés'; 'ver' deriva de 'saltar'; 'casa' está correcto, a casa das alturas onde Anat foi ver Deus. A ideia de «ver» resulta também de «ir ver» Baal-Sol, que está também muito longe.

312 Estar cheio de galga*gll*

«estar com muita fome»

'sedento', nome de certas divindades menores.

313 Ir prò quilé*ql**kly*

«mandado afastar, morrer»

'cair'
'acabar-se'.Ac. *calu* 'acabar com, destruir, consumir'.314 Não perceber peba*ph bl* [pebla]

«não perceber nada»

'perceber nada / sem perceber'.

315 Ir de pantanas*pan tmn*

«cair»

'de cabeça ao fundo'.

316 Com todos os matadores*t'dt mt dr**t'dt mt' d ar*

[todte mataadore]

(hb. *mata'a*)

«como manda a lei, nas regras, como deve ser»

'acreditações, bastonários e pleitos'

'como testemunha de defesa que esclarecem'

qm t'dt mt 'd ar

[qym todte mata edôra]

'com creditações, bastões, testemunhos e pleitos'.

317 É uma oxaria*'m agzary* [am agzaria]*hg tr'* [hagtjara]*ah tr* [aatjar]*ah sa r'* [aa xaré]*hb si ri* [aaxeyri]

«grupo de pessoas que no Alentejo trabalham por baixo salário»

'gente esfomeada'

'as contas rompem' (hb. 'contagem, enumeração')

'o irmão ataca'

'o irmão trepa o companheiro'

'débil desolação do aspecto'.

318 É um selingórnio*slm horn* [xelem gorn]*slm horn* [selemgorn]*sly 'n hrn* [sely ein horne]*slm grny*

«alguém que fala mansamente para enganar»

'perfeito demónio' (horn = divindade ctónica)

'imagem do demónio'

'conjura a origem da concepção (das coisas)'

'os tratados, ou a paz, ataca'.

319 Pássaro bisnau*ps' r'**p sr bit* [passaro bitj]*p sr w bysnah*

[paassaraou bixnaa]

«indivíduo astucioso, finório, de pouca confiança»

'transgressor dos companheiros'

'fala insidiosamente em dar'

'falas insidiosas para adormecer'.

320 Deu-lhe o badagaio*bd hwy* [badaguaia]

«morreu»

'separar-se da vida' (hb. *ḥayah/gaia*).321 Pão de samagaio*̄ma g hu* [xemagôio]*sm hayah**sm hayah**s' mh hayah**̄' mh haya**̄' mh gh hu*

«pão do baptismo»

'nome de o chamar'

'nome de vida'

'tapar/conter a vida'

'eliminar a água da vida'

'prato de quem se sente jovem de vida'

'prato de quem o chamou'.

322 Emaraviado*amr abd*

«adoentado», no Alentejo

'vê-se sofrer minguá'.

323 Estou a fancos*ph nk*

«estou atento»

'olhar fixo'.

324 Tudo a trouxe-mouxe*tr mhs*

«desordenado, de cabeça para os pés»

'arrojar, derrubar'.

325 É do camano

kmn (ac. *kumanu*)

«admirável»

'grande distância' (obrada, medida de superfície).

326 Uma cambada

kn bd

«canalha, gente ordinária / pernas tortas»

'está fora das mãos / desconexado'.

327 Ficar a meia adriça

mh adr ysa [ma adarissa]

mh adr ysa

ad ri issa

abd ri sa

hb d ri sa

hb dr'it

bd ri sa

ab dr' issa

«não ficar completamente satisfeito»

'discretamente a câmara/estância levantou/deliberou'

'discretamente o poderoso/juiz assomou'

'pai (papá) aspecto de mulher'

'sociedade/companhia aspecto arruinado'

'fraco qual aspecto arruinado'

'o fraco disseminado está'

'o chovisco aspecto de trepar'.

'irmão semeado de mulher'.

328 Não é por aí que o gato vai às filhoses

hta ba pl wsr [gata bafilouser]

hta ba hb pl w sr

[gata baaa pilôser]

«não é essa a suspeita»

'o erro vem do juiz da instrução; o erro vem do explorar da causa/ensino'

'o erro vem da fraca exploração na observação'.

329 Honrado como a porca de murça

prk marzh [pork marzea]

«sem honra»

'lugar/objecto sagrado de associação cültica'.

Cfr. *Origens Orientais*, p. 89.

330 Mais velho que a Sé de Braga

bkr

sd bkr

«coisa muito velha»

'o filho mais velho/direito do'
(ac. *bukru*)

'eflúvio/amor do mais velho' (arm. *seda*); 'verter/derramar o mais velho'.

331 Lavar-se em água-de-rosas*l bsr [labaxer] rbs [raasu]*

«alegrar-se com uma boa notícia»

'alegrar-se com uma boa notícia / lavar-se'.

Estranho cruzamento de línguas. Reconstituições da frase podiam ser, por exemplo:

LAVAR-SE EM ÁGUA-DE-ROSAS

l bsr 'n abu rbs

'em/para ter boa notícia ver a ribeira / junco lavar-se'

l bsr 'ny abu d rbs

'desde que boa notícia humilhar-me ribeira me lavar'

l bsr un abu d rbs

'em/para ter boa notícia da aflição ribeira a qual me lava'

l bsr si abu d rbs

'desde boa notícia desolação ribeira me lavar'.

Ou ainda:

LAVAR-SE

lb' r s̄i

'para deixar / ao deixar a desolação'

lba rs

'para vir o consentimento'

lb' rs

'em o inimigo molestando / para o molestar'

lb ar s̄i

'o coração expande-se/fala de desolação'

lba s̄r

'para vir / em vindo a insídia / o príncipe / canto / encanto / umbigo'

lwar s̄r

'em vindo a insídia / príncipe / encanto / umbigo'

la brs

'ser forte no consentimento'

la brs

'prevalecer / ser forte no arruinar / desnudar'

la bars̄

'prevalecer no desejo'

la bars̄

'ser forte no estar arruinado'.

etc.

Todas as composições são conformes com a expressão portuguesa. Deve ter-se tratado de uma promessa ou prescrição religiosa, a de se humilhar/lavar na ribeira, como era aliás costume.

«Lavar-se em água-de-rosas», nas cantigas de namoro da região de Leiria, diz-se das raparigas que esperam por uma decisão dos rapazes com quem estão «conversadas». O termo 'casamento' em acadiano-hurrita inclui *ahuzatu* 'ribeira e junco'. No Alentejo, os juramentos de namorados invocam o junco: «Juro pelo junco verde | que é a jura dos pastores | que enquanto tu me quiseres | serei firme nos amores».

332 Olha lá esse candeeiro!

kdm ar [qadom ara]
kn dr ar (ac. *kan dararu*)
ysa kn dararu
al'l ysa kn in dararu
 [alal issa kanindararu]

«diz-se quando alguém choca com alguma coisa»

'de frente brilha'
 'o que está a iluminar'
 'levantar o que ilumina'

'não levantes o que aí está porque não ilumina'.

333 Ter o rei na barriga

b'r igh
rb nb b'r igh

«dar-se ares de importância»

'iluminado proeminente'
 'vento/espírito dirigir-se iluminado proeminente'.

334 Pantaleão

alanu
pnt un alanu
pnt 'll un
pntb lun
p'n t'n lun (ac. *penu*)
p'n t' lun

«homem desmazelado, mal vestido; pénis» (em Vila Real)

'roupa'
 'aspecto de miséria da roupa'
 'aspecto lamentável de miséria'
 'cara de insulto'
 'pé que trespassa durante o sono'
 'o pé ataca o insulto'.

335 É de Braga e chama-se Lourenço

barak
shmasb lhy harassim
 [barak xhamaxe liuârássim]

«é esperto»

'ter virtude/bênção'
 'o céu que o esconjure/proteja'.

Isto é, 'tem virtude, que Deus o proteja, benza-o Deus'.

336 João da Cruz

̄n dq rz [xan daquruz]
̄mt k rz [xamda keruz]
̄n d k rz [xan de keruz]

«dinheiro»

'câmbio de pequeno correr/concorrer'
 'pedras preciosas de verdadeira corrida/
 concorrência'
 'câmbio que deveras corre'.

337 Para inglês ver

pbr 'n gl 'sy w'r
[puru einguiles wira]

pbr in gly is 'wr
[puru ingaliix iwer]

pbr in g l is 'wr
[puru in g lix iwer]

pbr 'n g l is b'r
[puru ingolix bier]

«destina-se a uma operação visual, obras de fachada»

'a assembleia vê regozijar-se de fazer algo para a cidade'

'a assembleia não se dirige ao homem cego'

'a assembleia não tem voz para o cego'

'a assembleia admira a voz de entre homens ilustrados'.

338 Olha contra o governo

kn tar bhern
kn tr bbrn
kn tr gb bbrn
[cuntra governo]

kn mtrht bhern
[canmetra behherno]
qm trh bbrn

qum gb hbr
qm tr hbrn

«estrábico»

'tem fiador na quadrilha'
'tem recursos na quadrilha'

'tem recurso de voz na quadrilha' (tem fiador na quadrilha)

'tem consorte na quadrilha'
'o adversário esposou-se na comunidade'

'o adversário reúne a comunidade'
'o adversário recorre-se dos companheiros'.

339 Nem o pai morre nem a gente almoça

'lm ysa [almoissa]
̄nt 'lm it [xent almu itja]
t̄nyt ab lmhs [xenit aalemoxu]
t̄nt al mhs [xent al moxe]

'l msh [ail moxu]
almanah it [almanaitja]
almanah issa
almanah ysa
̄nt almanah ysa [xente almanissa]
̄nt almanah ysa

«diz-se de uma coisa que não se resolve»

'a eternidade surge'
'a correr a eternidade está'
'instruiu o irmão para matar'
'repetiu «não matas?»' (para resposta afirmativa)

'o parente mata'
'viúva está' (há ou tem)

'viúva mulher'
'a viúva liberta-se'

'um ano de viúva saiu'
'o sonho da viúva assomou'.

340 Estão as bruxas a pentear-se

«diz-se quando chove e faz sol ao mesmo tempo»

b̄sr apn th hrs [bexer apanteârxe]
pn t'y hrs [pentiârxe]
apn t'y ars [apentearse]

'as adivinhas a frente brunem de ouro'
 'a cabeça rebocam de ouro'
 'depois refazem a terra'.

São muitas as possibilidades de interpretação, todas concordantes com o dito popular. Vejamo-las por grupos:

1) As feiticeiras arranjam os cabelos para molestar.

b̄sr apn th hrs
 [braxa apantaerxe]

'as comunicadoras de boas notícias (adivinhas) o nariz rebocam de ouro; a frente brunem de ouro; a ira brunem de ouro'

st un b̄sr 'p 'n t'y zrh
 [estaun besser apain tiazere]
 (*th zrh* [teazere])
 (*th hb sr* [te aa ser])

'[as que] colocam conjuros de atacar conjuros de olhar inspeccionam o seu dorso; brunem o seu dorso; brunem o lodo do umbigo'

st un b̄sr 'p 'n th ar 'sy
 [estaun bsera apeuntearsei]

'[as que] derramam a desolação com 'o assediar de conjuros do olho, melhoram o brilho de molestar'

hy st un b̄sr apn th ar sr
 [iistaun besra apen tearxe]

'elas semeiam a desolação, atacando-se logo a brunir o brilho do umbigo; a arte do canto; o brilho do príncipe'.

2) A feiticeira-mor prepara os bruxedos.

ist 'n b̄sr pn t'y hrs
 [ixetien bexera pantaiârss]

'a Cadela Divina contempla a cabeça corrigida de ouro' («Cadela Divina»: deusa infernal)

ist un b̄sr pnt hrs
 [ixetaun bexera penteârse]

'a Cadela Divina do bruxedo/conjuro inteira-se do aspecto das rugas'

ist un b̄sr pnt ars
 [ixetaun bexera pentearss]

'a Cadela Divina da seca inteira-se do aspecto da terra'

ist un b̄sr p'n ti ar si
 [ixetaun bexera paintjarxie]

'a Cadela Divina da aflição alegra-se da notícia «fonte do charco brilha de desolação»'.

3) As feiticeiras e a indecisão atmosférica.

<i>b̄sr/br̄s apn th ars</i> [baxara / braxa apentearse]	'as comunicadoras de boas notícias a seguir rebocam/refazem a terra'
<i>ist wun b̄zr p̄nth ars</i> [istaoun beruze pentearss]	'calor e seca na competição da junção da terra/inferno'
<i>'s wtow un brz apen t' ars</i> [es ôtouun beruse apen têars]	'vegetação e deserto aflitos na competição de a seguir atacar a terra'
<i>ist w'n b̄zr apen th ars</i> [istôin beruze apentuarse]	'calor e fonte a desafiarem-se depois a rebocar a terra'
<i>ist w'n brz p̄nth ars</i> [ist ôin bruza pentears]	'calor e nascente na concorrência contínua do aspecto/cara da terra'
<i>ist w un brz apen th ars</i> [ixtôun beruza apentuarrs]	'calor e estação a desafiarem-se depois a rebocar a terra'
<i>st an brz p̄nt ars</i> [extan beruza pentearss]	'estou eu colocado na competição da junção da terra/inferno'.

4) Histórias de bruxas.

<i>hym st un b̄sr ap 'n thr si</i> [imestaun besera apein teorsi]	'elas semeiam a desgraça conjurando o pátio fechado, olho brilhante da desolação'
<i>hym st un b̄sr ap hn th hrs</i> [imestaun bsera apeen te erse]	'elas propagam a desgraça da boa notícia: «Nariz, olha aqui o brunir do ouro!»'
<i>hy st un b̄sr ap t' y hr ši</i> [iistaun bsera apeintaierxie]	'ela derrama a desgraça enfeitizando o olho e, logo, o ataque «Ai!» — gemidos da desolação'
<i>hi st an b̄sr apy hn t' 's sr</i> [iistaan bsera apyente exxere]	'domina a pedido («por favor!»); domina-me a mim; domina a força; domina onde quer com o feitiço de cozer dose atacada de ervas do príncipe; ervas de assediar; ervas de encantar; ervas do umbigo'
<i>hm tt' hw bt r' apen t'hy hrs</i> [emxtoou bexera apenteierse]	'se acaso ele tem medo da vergonha do companheiro, acto seguido ataca a ela: «Ouro!»'

hw sty un b̄sr apen ti hr siy
[ôstiun beser apen tjiersii]

'ele bebe do feitiço e, acto seguido, o charco engendra um assassino'

hy st an b̄sr ap hm th hy hb sr
[iistaan bsera apeem teiiaaxer]

'ela domina a força enfeitizando o nariz deles: eles brunem-lhe [a ela] o lodo do umbigo'

ish t'an b̄sr apn t'y ar s'
[ixteôn besera apenteiarsa]

'o homem ataca a força da carne, depois corrige o brilho do prato'

is tm b̄sr ap'n t' hr ti hy
[istam besera apinte ertjiêe]

'o homem consome-se no feitiço: a parte dianteira olha a concepção de charco dela...'

y is t'n b sr ap an t'y ar sa
[iistaan besera apan tei ar sa]

'...«oh homem, morde no umbigo da frente, força, brune o brilho, trepa!»'

is tn b sr ap 'n ti rē
[istan bexar apeintjiartj]

'o homem, tornado outro pelo bruxedo, então mais experimenta o charco da sujidade'

i st an b ūsr ap nt' ahr si
[istan busera apentiarsie]

'tão certo como: dá força ao membro viril e, então sim, trespassa a vaca arruinada!'

i is tn b̄sr ap 'm t'y y'r si yw
[iistxan bsera apinteiarsie]

'tão certo como: o homem urina no príncipe, mais e mais, até conferir o poço da desolação dele!'

is tm b̄sr ap in t'ay hss sr
[istam bexara apinteyhassere]

'o homem, consumada a separação do pátio, não tem resposta de qualquer recordação do umbigo (ou do príncipe)'

iit an b̄sr ap 'n th hy ar hrs
[itjan bsera apintearerse]

'recebam da minha parte uma boa notícia então: a fonte rebocada dela brilha de ouro.'

5) Uma história particular.

A PENTEAR-SE

ap 'n t'y ars [apeeintiarse]
ap 'n t'y Arsy [apenteiarsy]

'a frente diz: «Inspeccionar a terra»
'«câmara de ver sufrágios da Filha do Sol» (=Terra devoradora)'

<i>ap in th ar hs</i>	[apintearx]	'a frente não está rebocada de luz, assusta!'
<i>ap in t'y by hsr</i>	[apintieiasre]	'a frente não reboca ela, falta'
<i>ah p hn t' by ar hsr</i>	[aapentiearesere]	'irmão grita: «É aqui, olha, ataque!» Ela brilha do falar'
<i>apen t' ar̄s</i>	[apentearse]	'acto contínuo, responde o desejo'
<i>apy 'n t' ar̄s</i>	[apyeintiarse]	'o nariz vê o charco do desejo'
<i>ap y'n ti ars</i>	[apientjiarse]	'a parte dianteira experimenta o charco do inferno'
<i>ah p' nt' ar' sr̄t</i>	[apontiarxere]	'o irmão grita: «Perna triturada! ela molesta!»'
<i>ah in p in t' 'ry 's</i>	[aainpintearissi]	'o irmão não fala, não tem resposta, despido de expressão'
<i>hh y p 'n t' ar 'sy</i>	[aaipeintearssi]	'o inferno, ah! esse fala, fonte responde: «A luz está triste!»'
<i>apn t' ar hs</i>	[apentearss]	'depois responde a luz: «Apressar-se/temer/assustar-se!»'
<i>ap 'n t'ar 'rt̄</i>	[apeinteartjim]	'e na continuação disto, a fonte irradiava de sujidade'
<i>wap 'm t' i Arsy</i>	[ôapanteiarsy]	'de modo que a ira do povo atacou: «É certamente Arsy!»'
<i>w ap 'n t' y ah tr</i>	[ôapeinteiaatjr]	'de modo que a Câmara: «Fonte rebocada, irmãos!» [assinatura] O Touro, magnate da cidade de Habura'.

Tr 'touro e título dos magnates da cidade de *hbr*' [Habura], cidade do rei Krt dos mitos de Ugarit (cfr. topónimo *Valverde-Eiriz*).

Supomos ter esgotado as hipóteses fonéticas do léxico constante da obra de Del Olmo Lete, sem que houvesse possibilidades de construir uma frase favorável às bruxas.

341 Estalar a castanha na boca

		«não conseguir fazer o mal e ser castigado»
<i>k stn 'ny bky</i>	[kastan 'ana boky]	'já que está arrependido, castiga-se'
<i>qst 'n an bk̄</i>	[qast 'ein ana boka]	'o arco de responder ao «por favor», castiga-se'
<i>k it̄ in 'ny bk̄</i>	[kaitxein ana boka]	'por estar arrependido de não responder, castigo'
<i>k st an 'n bk̄</i>	[qa ixt ana eine boka]	'ainda que retenha a força de o dizer, castigo'
<i>ks t'n 'ny bky</i>	[qastaein ana boky]	'o castigo castiga a humilhação do castigo'.

Bk̄ 'copo/vaso grande' para castigos; *bky* 'chorar'; *ks* 'cáliz, copo' para castigos/ordálias.

342 Sorte, sorte vila verde

bal brit
srt srt bly berit
 [sârt sârt bli berit]

Cfr. Toponímia *Cortes-Valverde*.

343 Amigo da onça

ans [ânxe]
km ans

344 Amigo de Peniche

pn it [pan itxe]

pn ish
p 'n ish
apn ish
p'n ish
p an ish
p hn ish
p hn it
p hn ish
p an ish
p ns [penixa]
pn y it
ap an it
ap n̄s [apenexa]
p n̄s [penixa]
p y'n i ish
pn ish
p an 'sy
p any it
p hn it
ph hn i sa
apn it
pn it
p'n it
p'n it
pn 'ny it

«seja o que Deus quiser; palavras que dão sorte»

'senhor de aliança'

'inimizade? inimizade? consumir uma aliança!'

«amigo interesseiro, falso amigo»

'fraternidade de tipo profissional' (corporação)

'verdadeiro companheiro'.

«pessoa que finge amiga»

'cara tem' (aspecto tem ele de amigo)
 'cara há' (aspecto disso há)

'cara de homem'

'boca, olhos de homem'

'nariz de homem'

'pernas de homem'

'diz «eu homem»'

'diz-se medida de homem'

'diz: «Este que aqui está...»'

'dizem «este homem...»'

'diz-se onde quer homem'

'o falar tenta'

'pela frente «com certeza, aqui tens!»'

'pela frente, «por favor toma»'

'imediatamente esquece'

'o dito esquece'

'diz «vi onde o homem?...»'

'...o falar do homem...'

'...diz-me que molesta'

'diz queixoso estar'

'diz: «está aqui este toma...»'

'...vê este como ele trepa!'

'logo a seguir: «ai tens!»'

'a cara toma'

'o pé toma'

'do pé: «toma lá»'

'da cara humilhado estou'.

345 No dia de São Serejo

<i>srg</i>		«data para enganar, como o dia de São Nunca»
<i>sr h̄s</i>		‘embrulhar/enganar’
<i>sr h̄ss</i>		‘insídia de andar depressa’
<i>sr hg</i>		‘insídia de fazer excitar’
<i>sr it̄</i>	[xereitju]	‘cantar contos/fórmulas’
<i>sr hh it̄</i>		‘a mentir estar’
<i>sr̄r it̄</i>		‘a insidiar o débil estar’
<i>tar it̄</i>	[tjereitju]	‘a ocultar estar’
<i>sr it̄</i>		‘da parentela ser’
<i>s' ary it̄</i>		‘parente ser’
<i>sr it̄</i>		‘prato de parente ser’
<i>sh r' it̄</i>		‘a insidiar estar’
		‘a convidar/gritar/chamar o companheiro estar’
<i>shr it̄</i>		‘seco/abrasado estar’
<i>it̄' r it̄</i>		‘a imaginar estar’
<i>za 'r it̄</i>		‘a humilhar o companheiro estar’
<i>s' ri it̄</i>		‘a eliminar o aspecto estar’ (=enganar)
<i>s' hr it̄</i>		‘a eliminar a concepção estar’
<i>s' ar it̄</i>		‘eliminar a fala estar’
<i>sr it̄</i>		‘a desafiar estar’
<i>sr it̄</i>		‘a ocultar estar’
<i>s' ar it̄</i>		‘a varrer a luz estar’
<i>sar it̄</i>		‘quieto estar/ficar’
<i>sr h̄s</i>		‘desafiar estar quieto’
<i>sr h̄s</i>		‘desafiar assustar-se’.

346 Perder um tostão e achar cento e dez

«diz-se de uma pessoa que é coxa, que tem uma perna mais curta do que a outra».

Esta curiosa expressão, que hoje é tão despropositada para falar de um coxo, desdobra-se em muitas fórmulas consoante queiramos falar de coxos ou de negócios. A frase seria uma espécie de matriz a partir da qual, com a ajuda de pequenas variações fonéticas, se podiam reproduzir vários provérbios e regras económicas ou de bom senso.

<i>tlst̄ ans</i>	[tolstjanx]	‘roturar um músculo’
<i>pr d hr t̄ls tm</i>	[perder tolstam]	‘negócio concebido incompleto’
<i>t̄ls tn hn</i>	[tolxtjaan]	‘enganar-se na medida’.

TOSTÃO ACHAR CENTO E DEZ

<i>ttlst̄ ans ahr s̄nt d' s</i>	[ttjoltstānes agjar xent dēes]	‘roturar um músculo quando / depois de / com o partir aos saltos’
---------------------------------	--------------------------------	---

<i>tlt an abr sn td's</i> [tjolstan agjar sentdêes]	'perder a força atrás partir a dar saltos'
<i>tltan 'sr snt d's</i> [tjaltjan asar sent dêes]	'cavalos de carro de força necessita de partir aos saltos'
<i>tltan abr snt d's</i> [tjoltjan agjar sent dêes]	'cavalos de carro quando parte em força salta'
<i>tlt 'm abd 'r snt d's</i> [tjoltjam agjdear sent dêes]	'cavalos de carro com/para tomar agitação parte aos saltos'
<i>tlt ans 'sr smt d's</i> [tjoltans asar semt dêes]	'partido/débil/vacilante necessita sebo, o qual apressa'.

1) Coxos.

<i>p'n d hr 'm ts shtan ab sr snt</i> <i>i d'ys</i> [pender am toxetano aaxar xent idêis]	'perna que se concebe como perdida a irmã assedia a correr e para mais aos saltos'
<i>p'n dr 'm tlt an 'sr snt yd 's</i> [pender am tjoltjam axar xent idess]	'a perna fluente da pessoa a partida convida a partir em perna de pau'
<i>p'n d hr 'm tls tam ab sr snt</i> <i>i d'hs</i> [pen der am tolstam aaxar xenti dêis]	'perna que se concebe incompleta, a irmã assedia a correr e com que pressa'
<i>ab sr snt id hs</i> [aaxar xent idés]	'a irmã insidia a andar mais depressa'
<i>ab sr snt yd hs</i> [aaxarxentidés]	'a irmã assedia: «Sebo, querida, depressa»'
<i>p'n d ar 'n 'm tlt an ab sr snt</i> <i>yd hs</i> [paan dar ein am tjoltan aaxar xent ides]	'a perna que anda fluente diz para a partida: «força irmã, arranca querida, estou apressada»'
<i>p'n d hr un tls tam hb sr snt</i> <i>i d'ys</i> [paan der un tlstan aaxar xent i dêis]	'a perna que concebeu o infortúnio de ser falsamente completa a irmã assedia: «Eu mudo do mesmo modo que tu saltas»'
<i>p'n dr 'n tl tan hb tar snt</i> <i>i yd' hs</i> [paan dara ein tjoltan aatjar xentiidiés]	'a perna brilhante diz: «incompleta, fraco fiador o sebo, tão certo como tu conheceres o andar depressa»'

pr dr 'n tšštan ab šr šnt yd' 'z
[perdjär ein toxstan axar
xentidêiâzz]

'cortado o braço diz o extraviado:
«Irmão parente, sebo, transpira como
um forte!»'

p dr 'm tlt an ab šr šnt yd' 'z
[pê djar am tjoltam axar
xentidêiâzz]

'diz o braço para o partido: «Por favor,
irmão, assedias a mexer, tu desgarraste
de ser forte»'.

2) Negócios.

pr d hr 'm tl tamm' sr smt i d's
[perder am toltjam axar
xemtideiss]

'negócio que se concebe para ganhar
oitenta assedia o metal deveras a dar
saltos'

pr d hr 'm tl tn abr smt i d's
[perder am tolstjan ahar
xemtudeis]

'negócio («cortar») que se concebe para
ter êxito de tecidos carmesim depois
da lã azul dá deveras saltos'

pr d hr 'm tl tn abr snt idt
[perder amtljtjan ahar sent
idtjês]

'negócio que concebe para ter êxito de
tecidos carmesim depois de um ano
multiplica por seis'

pr d hr 'm tlt un abr snt i d hs
[perder am tjolstan agjar
sent ides]

'negócio que concebe o bronze em força
passado um ano deveras que entra/
/invade/assusta'

pr 'dr 'm tšš tam ab tar snt yd' s
[per eder am tolstan ah tjar
sent idess]

'negócio de rebanho com um engano
completo do irmão fiador parte o
amor da vinha'

pr d hr 'm tšštann hs ar smt
yd' s [perder am tolshtanno
axar sem tidess]

'negócio concebido para se perder as-
susta falar; aniquila a querida vinha'

pr d hr 'm tšš tm abr sn t'y d's
[perdeer am tolstam gjar sen
teidess]

'negócio que se concebe como falsa-
mente completo parte a inspeccionar
qual a vinha [vender]' («falsamente
completo = em que não se recebe,
com caloteiros?»)

pr dry 'm t̄l̄s t̄n hn hb sr snt
yd d's [perdari am tolstjaan
 aa xar xent iddess]

'negócio de [trigo] joeirado com enganadas medidas, do fraco obriga o metal amado a saltar / dar reviravoltas'

pr dr' 'm t̄l̄s tam ahr smt i yd 's
 [perdera am tolsjtam ahar
 semtiidés]

'negócio de semear enganado completamente ao fim do ano ai querida horta'

pr d hr 'm t̄lstan ah tar sm t̄i
d'ys [per der am tolstan
 aatjar t̄ji d̄eis]

'negócio concebido para perder o irmão tem como fiadora a Atart do pântano a saltar' (Atart = deusa-mãe; cfr. a expressão «Moita quatro vinténs», referente à «deusa aos saltos»

pr d hr 'm t̄l̄st an hb sr smt yd it̄
 [perder am tolstan aasar
 semt yd itje]

'negócio que se concebe com três, o queixoso fraco assedia a cornalina e ainda mais «toma lá!»'

pr d'r un t̄shtann hs ar snt i d's
 [perdira um tolstan hassar
 sent i d̄és]

'fruta que cidade de miséria perde apressa o brilho da partida tão rápida como se levantam os pés'.

3) Vacas saltitantes ou parideiras.

prt abr 'm t̄l̄stnn ahr snt d's
 [pêtahêr um talxetane agjar
 sent d̄eis]

'vaca novilha com o perder-se atrás parte a dar saltos'

prt hr 'm t̄lt an 'm s'r snt isd hs
 [perter am tjoltan amsar
 sent isd és]

'vaca do monte com debilidade à força de cevada corre / muda o passo / muda a perna depressa'

p ar 'dr 'm t̄lt un ahd ar sn t̄dt
 [pearder am tjoltjun agjdjar
 xen tjideje]

'diz-se que o rebanho com três estações toma o brilho de mudar seis vezes'

prt abr um tshtann ahr ar snt
i d'ys [pertâer um tolstano
 agjar sent i d̄eis]

'vaca novilha perdida, a mãe toma sebo tão certo como saltar'

prt abr 'm t̄l t̄ am ahr snt id 's
 [pertaer am toltjan agjar
 sent idess]

'novilha para resultar oitenta depois de um ano de erva'

prt hr um tlt̄ an abr smt yd' s
[perter um tolstjan agjar
sentidess]

p hr d hr um tl tmm ab tar
smt yd' s [peerdeer um tol
tjam aa tjar semt idess]

prt hr 'm tl st an 'sr smt yd' s
[parter am tolstan asar semt
idess]

prt hr um tl stan ha sr sm ti d' s
[parder umtolstan aasar
semtjidess]

'a vaca concebe de mãe três vezes em
força, depois muda: membro viril?
Erva!; depois muda: carinho? Erva!;
depois muda: ração de erva!'

'falar de concepção, que concepção a
mãe ganha oitenta: o irmão sai fia-
dor da cornalina, do membro viril /
/ carinho e da horta/vinhas/árvores'

'vaca de concepção para êxito dispor
em força necessita de um ano do
carinho da erva'

'vaca de concepção de mãe, êxito: dispor
irmão touro, Atart, charco o da erva'.

347 **Algumas palavras usuais, derivadas por via semântica normal (encontradas ao acaso dentre as anteriores)**

ZOINA (prostituta)

RACHA (brecha)

SACAR, AGARRAR

TRAPO, FARRAPO

MONTE (propriedade)

CASA

BICA (fonte)

ISQUEIRO

CANA, CANORA

VASCULHAR (com ramos)

SACANEAR, ENGANAR

TER GANAS

PECO (estúpido)

CASCAIO (meretriz)

CARCAIO, MERETRIZ

CASAMENTO («côdea que se retira do
pão quando se enceta uma das
cabeceiras»)

TER CABIDELA EM CERTA CASA

CASAR (partir, quebrar)

hb. *zonah* 'prostituta'

hb. *rash* 'brecha'

tacar 'estretitar'; ug. *sq* 'agarrar'

trp, ug. *trp* 'peça debilitada'; hb. *trep*
'objecto pessoal'

mnt 'porção em herança'

ug. *kasy* 'abrigo'; hb. *kasah* 'casa'

bik 'fonte'

esch car 'pedra de fogo'

kinor 'cítara, canto'

basqul 'ramos'

hb. *sakana* 'perigoso'

gan 'arrogância'

pehu 'tapado'

kaskayl 'que ama a todos'

karka ay 'domínio de todos'

casahmant 'a parte que cobre'

kbd 'ter as honras'

khs 'partir'

CARRANHA ou CASCARNA MOCO EMPASTADO NO NARIZ	<i>qarah rane</i> 'saída do muco'
CASARUPA (casa pequena)	<i>casah 'p</i> 'gaiola'
CARAUMA (faúlha que sai do lume e «alminha»)	<i>qara 'm</i> 'apelo dos antepassados'
CARCALHOTA (ostra)	<i>krkr hol</i> 'caracol da areia'
LAMBÃO (comilão)	<i>lahm ban</i> 'o que come com força'
ARRAIAL (por el-rei de Portugal!)	<i>abr ah 'l</i> 'atrás, irmãos, com ele!'
	<i>abr' 'l</i> 'irmãos companheiros levantemo-lo!'
ARRAIAL (festa popular)	<i>ab r'ly</i> 'fraternidade de parentes/congê- neres/vizinhos'
ALDRABAR	<i>hb 'l dbr</i> 'dizer palavras, maliciosamen- te' (<i>Diccionario teológico</i> , I, p. 616)
GADO	ac. <i>gadu, gad</i> 'riqueza e animal' (lit. «cabritos»)
CARNEIRO	<i>kar</i> 'carneiro'
CATATUA (velha que se veste espalhafatosamente)	<i>katatu</i> 'turbulento'
CHANATO (sonhador)	<i>snetu</i> 'sonhador'
CHAMAOUCA (cabeça)	<i>samaku</i> 'parte superior'
CHALAÇA (zombaria)	<i>shq</i> 'riso'
DARONA («mãe do Céu»)	<i>tar adon</i> 'parentela do Senhor'
ENTROU O BISPO (esturrado)	<i>hb. bysp</i> 'consumido no fogo'
INCHAÇO	<i>hissatu</i> 'inchação'
BICHA (fila de espera)	<i>bs [bxa]</i> 'esperar' (<i>hb. bošes</i> 'esperar')
FANCHONA (mulher bonita, apa- ratosa)	<i>phm'n sh</i> 'brasa'
FANAITE (desmaio)	<i>pn/fnn hta</i> 'frente extraviada'
GUITA (corda)	<i>hta</i> 'corda'
FANDONGA (farinheira)	<i>pnm/fnm dagon</i> 'interior de trigo'
RAPA (jogo) e RAPAR	<i>rhp</i> 'tornear'
PITO (pinto)	<i>pit</i> 'volátil'
CAIÇAS	<i>kls</i> 'vestido'
GAIMILA (súcia de rapazes)	<i>gml</i> 'constelação do Cocheiro' (expres- são muito usada)
GAILADA (alegra-se)	<i>gl, gil</i> 'alegrar-se'
GAINHA (rapaz que fazia recados)	<i>gh'ny</i> 'voz de dizer'
GAIBÉU (trabalhador do Norte no Ribatejo)	<i>gbl, gabalu</i> 'gente dos montes'
GALOPITO (copo pequeno para aguardente)	<i>glp</i> 'concha de caracol'
GAITA (choro de criança cansativo)	<i>g't</i> 'bramido'
CARA (face)	<i>kara</i> 'face, vulto'
CAQUEIRA (cabeça)	<i>qdqd</i> 'crânio, moleirinha'
CÁ QUEDA (travinca de segurar o chocalho à coleira)	<i>qaqadu</i> 'cabeça'.

Parte segunda

OS «DEUSES DA LUSITÂNIA»

Capítulo primeiro

Os deuses enquadrados numa grelha

Neste capítulo, além do glossário de Del Olmo Lete, já referido, utilizou-se apenas uma obra (para as inscrições lusitanas): *Divindades Indígenas sob o Domínio Romano em Portugal*, de José da Encarnação (Imprensa Nacional - Casa da Moeda, Lisboa, 1975), que constitui uma recolha de dispersos, um «dicionário de divindades», como lhe chama o autor, contendo o texto das inscrições e as leituras que delas fizeram os epígrafos, além de um anexo fotográfico. Depois de expor as leituras epigráficas e as interpretações dos vários autores para cada «deus» ou inscrição, Encarnação acrescenta um comentário da sua autoria. Nada de novo.

A crer no que se tem escrito sobre os «deuses da Lusitânia», não houve povo no mundo com tão grande quantidade de deuses. Cerca de cento e cinquenta. Havia deuses que só seriam conhecidos duma povoação, porque apenas são referenciados num sítio. É evidente que a existência de uma turba-multa de divindades no seio dum povo tão pequeno podia ter sido posta de lado desde há muito tempo, porque a Etnologia e a Sociologia a contradizem frontalmente. O problema não reside tanto aí: a ideologia tradicional e o etnocentrismo romanizante do século XIX incutiram a ideia de os pré-romanos venerarem muitos deuses, porque eram um bando de mentecaptos a quem a colonização romana trouxe o bom senso e o sentido do religioso.

Como se criaram tantos deuses neste minúsculo éden lusitano? Deste modo: há cem anos, Hubner inventou uma grelha para a decifração de inscrições. Essa grelha foi adoptada por Leite de Vasconcelos e seus discípulos; compreende uma série de palavras e nomes latinos. Segundo eles, todas as inscrições antigas têm de ser ex-votos ou epitáfios. Toda a inscrição deve caber nessa grelha, seja epitáfio, seja ex-voto.

Perante uma inscrição — que se deduz sempre ser latina —, todo o grupo de letras um tanto bizarro, impossível de latinizar, será o nome de um deus. Como há por esse país fora muitas inscrições com séries de letras impossíveis de latinizar, o resultado imediato é a criação de uma caterva de deuses. Depois, como certos grupos de letras impossíveis de latinizar são longos e impronunciáveis, os deuses da Lusitânia tinham nomes estranhíssimos, longuíssimos, bárbaros e rebarbativos: Revelanganidaei-guius, Aracoaranioniceo, Banda Velugustoiraecus, Cibianbaovio, Tarmucembaeci Oeceaeci...

Nunca terá aflorado à mente desses autores a hipótese de essas inscrições estarem numa língua local escrita em caracteres latinos? Pelo menos nunca o disseram, e todos as tratam como se fosse latim. Segundo a ideologia e o etnocentrismo dominantes, uma inscrição em caracteres latinos encontrada no que foi o Império Romano tem de estar forçosamente em língua latina. A partir do nome, criam-se atribuições divinas (como se um simples nome actual, por exemplo «Aldo», nos pudesse dizer alguma coisa sobre o culto a um pretense santo homónimo. Emergem então da terra «deuses

aquáticos», «deuses benfeitores», «deuses infernais», etc., consoante a sonoridade dessas letras. Depois busca-se nesse conjunto uma ou duas sílabas que se assemelhem a tal palavra irlandesa ou germânica... e temos «uma divindade aquática celta», malfeitora ou benfeitora, conforme a sonoridade do nome.

Vale a pena observar o funcionamento da grelha. Porque (segundo ela) todos os «ex-votos» têm de ser formulados do mesmo modo, à romana, é indispensável descobrir duas coisas na inscrição: em primeiro lugar, a fórmula final L. V. S. (*libens votum solvit* 'de boa mente cumpriu o voto', como diria um bom latinista). Se essas letras não estão claras, devem descobrir-se, criam-se. O processo mais simples consiste em desgarrar os três últimos caracteres da inscrição e tomá-los como sendo essa fórmula (eventualmente dir-se-á que «estão mal gravados»). Em segundo lugar, importa descobrir o nome do dedicante e sua filiação. Procura-se no texto uma palavra latinizável da qual se fabricará um nome romano; faz-se seguir de um F [F(ilius)], mais o nome do pai que pode ser apenas uma letra [F(ilus) C(amaldii)], obrigatoriamente no sistema de filiação romano — e temos um indígena assimilado a falar latim: «Um Tal, filho de Camaldo, a tal divindade, de bom grado cumpriu o seu voto.»

Outros recursos, para além da grelha de Hubner, são muito usados nestas expedições em busca de deuses perdidos. Por exemplo: a latinização dos conjuntos de letras pode ser difícil, os nomes não aparecem, a fórmula é pouco latina; parte-se então do princípio de que o escultor abreviou, que juntou letras que deviam estar separadas, que separou as que devia ter unido, contraiu palavras, omitiu sílabas, omitiu palavras, omitiu frases. Preguiça ancestral, dir-se-ia. Para a remediar, criou-se um sistema de abreviaturas: imaginam-se pontos para todo o momento em que seja necessário; qualquer sinal na pedra serve de ponto; se a pedra estiver impecável diz-se, pura e simplesmente, que o escultor se esqueceu de o assinalar: um *S* no fim dá sempre S(olvit); um *L* pode ser L(ibens) sempre que se queira; um *A* é A(ugustae) se está no início, mas é A(nimo) se está no fim; o *P* só pode ser P(osuit); o *T* tem de ser T(itulum); de um *D* pode criar-se D(icavit), DAN é a abreviatura de Dan(ditatideaugui); *I* é I(usso), FIL(ius), LUCR, LUCR(etius), TUROLIC(ensium), SA(t), BLS(sensis), LIC(inius), AN(orum)...

Além desta invenção de abreviaturas, que já resolve milhares de casos, os caracteres que o escultor separou podem unir-se, os que ele uniu podem separar-se à mercê, como também se pode — veja-se bem — intercalar texto entre duas letras unidas. Deste modo, não tem limites a imaginação criadora de inscrições latinas, de deuses e de ex-votos. Vejamos¹:

VAL C	→	VAL(erius) C(aturo)
O	→	Ordo zoelarum («Ordem dos Zoelas», segundo o abade de Baçal)
LICIAE	→	(pub)LICIAE
Ti C	→	Ti(berius) C(aesaris)
SGS	→	S(salute) G(rato) S(ibi)
GS	→	G(enio) S(ancto)
CRONISNIS	→	CRONIS(e)NSI (o <i>S</i> final salta, por estar a mais)
AROL	→	ARO L(ibens)

¹ Limitamo-nos a alguns exemplos. Não referenciamos as páginas do livro de José da Encarnação, porque casos destes encontram-se em todas as páginas.

D S TVRIBRICI	→	D(eae) S(anctae TURUBRIGE(nsi) (além de o C passar a G, o I a E)
ATURR UM	→	ATURRO(o) (sacr)UM
NIA	→	(Iun)NIA
VITO	→	(a)VITO
FLAUS	→	FLA(vi)US
SULE AVITUS	→	SUL(pitius) AVITUS (em que o E também se torna inútil)
AIL	→	(m)IL(es) (o A passa a M por ser mais cómodo)
IN CIFER CHOZ	→	Imaginifer Chor(tis) (independentemente dos caracteres)
AL	→	(g)AL(orum)
CEN	→	CEN(turia)
AO DESTI	→	(m)ODESTI
A POS	→	A(ram) POS(uit)
N O	→	(a)N(im)O
VOLE	→	VOLE(ns)
DOM	→	DOM(ino)
DEVOR	→	deorum
GV	→	G(aius) V(ibius)
AVI	→	AVI(tia)
NVM	→	(a)N(or)UM
SALACI UM	→	SALACI(anor)UM
EI	→	EI(us)
SS	→	S(ua) S(ponte)
OPERA	→	OPERA(andas)
CEDAN	→	CEDAN(tur)
ICONIAE	→	ICONI(c)AE
VAE	→	VA(cc)E
EA	→	E(t) A(lii)
T	→	(solvit)T
SF	→	S(acrum) F(ecit)
...		

Tudo isto pode provocar o riso dos leitores, mas a culpa não é nossa; não inventamos nem romanceamos. Basta abrir aquela obra: as centenas de inscrições lusitanas que foram tratadas até hoje foram-no com esta grelha e com estes critérios, sobretudo a partir de Leite de Vasconcelos.

Desejando retomar estes textos epigráficos, num primeiro momento, não estando familiarizados com a epigrafia, tentámos fazer confiança aos textos referenciados na obra de Encarnação, provenientes de vários autores. Conhecendo o funcionamento da grelha, podíamos precaver-nos contra o vício e reanalisar o texto bruto. O problema é que, além de os textos poderem estar viciados para satisfazer a grelha, há outros que não se prova terem existido: podem ser textos fictícios, deuses criados do nada. Este é um perigo real. A obra comporta, de facto, não poucas inscrições que «se perderam», ou cujo paradeiro «se desconhece», e não há fotografias das mesmas. Há pretensos textos que foram unicamente referenciados por uma pessoa «que os viu», «os copiou» e os transmitiu a um autor, mas não se sabe onde param os textos nem deles há fotografias. Estas pretensas inscrições, porque se furtam como os anjos a qualquer espécie

de controlo, não deveriam merecer muita confiança científica. Isso não impediu a admissão desses deuses no panteão lusitano e no «dicionário das divindades».

Um outro perigo diz respeito à reduzida confiança que nos merece o levantamento desses textos feito pelos vários autores. Algumas dessas inscrições existem de facto nos museus, mas Encarnação não publica fotografias. Em muitos casos apercebemo-nos de que os vários autores sugerem os seus resultados epigráficos procedendo à análise das propostas dos outros autores; mas a partir do momento em que a versão de Leite de Vasconcelos avança, a crítica estanca. Quem tem razão? Qual é o teor do texto epigráfico? Uma vez ou outra, José da Encarnação aproveita uma dúvida do mestre para sugerir timoratamente um ou outro elemento, em todos os casos sem novidades. Portanto, também nos casos em que vários autores viram a pedra, em que ela existe mas não se publicam fotografias, o resultado de uma nova análise é arriscado. Aproveitámos, no entanto, uma ou outra, assinalando a circunstância, nomeadamente em que parece haver um certo consenso quanto à gravação epigráfica.

Uma ou outra inscrição é latina, uma boa parte está em crioulo, um grande número está em língua cananita escrita em caracteres latinos. Os longos conjuntos de letras que os autores tomam por nomes de deuses são a expressão escrita cananita na sua fase antiga, isto é, sem separação silábica ou vocabular. A distinção dos vocábulos na escrita desse idioma é um processo recente (a Bíblia, por exemplo, foi escrita deste modo, sem separação de vocábulos, apenas com separação de versículos). Como vimos na p. 29, as línguas semitas são concebidas pela e para a oralidade, portanto sem distinção de palavras. É a sonoridade e o ritmo da dicção que orientam o sentido e procedem à divisão dos fonemas.

Vimos também (p. 30) que a expressão cananita arcaica se desenvolve segundo uma dinâmica própria, a qual prescinde da estabilidade dos vocábulos, e que os monossílabos (e até as simples consoantes) são permutáveis no interior da mesma frase, sem que o sentido seja abalado, fornecendo sentidos complementares. Algumas inscrições lusitanas acusam esse traço arcaico, podendo ser lidas com diferentes divisões silábicas, ou estão concebidas exactamente para esse efeito. Por vezes, o escultor adoptou um processo astucioso de escrita: um mesmo carácter latino confunde-se com um outro que lhe está sobreposto; isso leva a que uns epígrafos leiam [A] enquanto outros lêem [O]. A confusão é voluntária: os signos estão sobrepostos de modo que a mesma palavra possa ter várias leituras, com sentidos complementares, sendo que a mesma palavra deve ser lida duas vezes, com os dois valores fonéticos. O alcance da «astúcia» é notório: uma vez que a escrita latina não permitia reproduzir o funcionamento oral do idioma que era o desenvolvimento de uma expressão matriz, sobrepunham-se os caracteres latinos. Estamos perante uma prova de como a oralidade funcionava (segundo a dinâmica que vimos) por reprodução de uma fórmula com sucessivas e pequenas variações fonéticas.

Capítulo segundo

Os «deuses da Lusitânia» não falavam latim

1 «Deus ABNA»

Figura numa inscrição encontrada em Santo Tirso. Os seus caracteres estão «bastante obliterados», segundo um autor citado por Encarnação: «A lápide, de granito esboraável, não nos permite mais do que uma leitura hipotética», informa este autor. Tudo isso não impede a criação de um deus chamado «Abna». Dos poucos caracteres em que não existem divergências de leitura são as palavras ABNE, numa face, e MLAP noutra face. ABNE significa 'pranto, lamentação'; MLAP [ml ap] significa 'por causa da ira' (de Deus).

2 «Deus AMEIPICER»

Ara encontrada perto de Braga, segundo se diz, mas «desconhece-se o seu paradeiro». Leite de Vasconcelos diz que o seu texto era o seguinte, corroborado por outro autor: «AMEIPICRI | SACRUM | ACRASSICIVS | PATERNUS | VSLA».

O mesmo autor diz o seguinte: «Ameipicri pode ser Ameipicier (cfr. *pater, frater, mater*) ou Ameipicris. Já vimos outros nomes de deuses cujos nomes acabam em *-is*; provavelmente seria uma ninfa, como as ninfas de Ameucni». E traduz: «A Ameipicri, Aulus Crassicius Paternus, cumpriu o voto.» Para tanto, teve de inventar um texto novo. Fazendo confiança a este texto, a inscrição comporta duas leituras, que são complementares, artifício que se conseguia pela escolha de palavras homófonas. Numa primeira leitura expõe-se a situação, numa segunda leitura diz-se qual foi o remédio:

Primeira leitura.

Definição da situação (com variações concordantes)

AMEIPICRI

hm piq ri [hâmeipicri] 'seca/calor proporcionou aspecto'.

Variações. *Hm yp qry* [hâmeipiqueri] 'seca aparecida saiu'; *hm ypq ri* [hâmeipiqueri] 'seca obteve o aspecto'; *hm yp qry* [ameipiqueri] 'eles aparecidos saíram'.

SACRUM

sk rumm 'praga de insectos (extensão de insectos)'.

Variações: [sak rumm] 'manifestação de insectos'; *sk rm* [sakrum] 'manifestação do Excelso (=castigo de Deus)'; *sk rum* [sak rum] 'manifestou-se o touro

(=Deus); *sk hm* [sak gum/rum] 'manifestou-se a seca'; *shrr 'm* 'secou-se/abrasou-se a nuvem'; *s' k rum* [sakrum] 'varreu deveras o Excelso'; *sh, rum* [saggrum] 'gritou o Excelso/Touro'.

AGRASSICIUS

<i>agr s'it</i>	[agarsêitju]	'campo varrido ficou'
<i>hb hrsit</i>	[agueraxitxi]	'debilitado o trabalho ficou'
<i>hb hrit</i>	[agratxitxi]	'débil a lavoura/lavrador ficou'.

Variações. *Agzary 'sy 's* [agzarisyiêss] 'vorazes molestadores das plantas'; *hkr siy it* [akrasiiitju] 'efeito de desolação haver'; *abr siy it* [agar siiitju] 'depois desolação houve'; *hb grs it* [aagarxiitxu] 'o inferno arrojado esteve'; *hb g'r siy it* [agarsiiitxu] 'o poço atacado de desolação; *ag hr it tt* [agaritxitxiu] 'contar provoca o medo'.

PATERNVS

<i>pdrn's</i>	[padernu ss]	'sementeiras/plantas'
<i>pdrn it</i>	[padernu tx]	'sementeira ficou'.

VSLA

<i>w slb</i>	[uxla]	'por causa disso derretidas/desoladas'.
--------------	--------	---

Segunda leitura.

Resposta.

AMEIPICRI

<i>'m pq ri</i>	[am epicri]	'o povo proporcionou aspecto/manif estação'
<i>'m pqry</i>	[amepicari]	'o povo ofereceu / fez sair'.

SACRUM

<i>sh k rum</i>	[saa k rum]	'lamentação retumbante/alta'
<i>sh rum</i>	[sag rum]	'gritou alto / levantado'
<i>sk rum</i>		'manifestação alto'
<i>skrn</i>	[sacaron]	'embriagou-se' (=entrou em transe, lamentação)
<i>skr'm</i>	[sakarom]	'empregou-se contra' (=lutou contra)
<i>sk rm</i>		'manifestação do alto'
<i>sk rmm</i>		'praga de insectos'.

AGRASSICIUS

<i>agzrt si ysu</i>	[agzartsiisu]	'ansiosa ruína livrar'.
---------------------	---------------	-------------------------

PATERNUS

<i>pdrnu s</i>		'sementeira/árvores'.
----------------	--	-----------------------

USLA

<i>utla</i>	[ujla]	'humedeceu/fortaleceu'.
-------------	--------	-------------------------

Primeira leitura.

«O calor proporcionou uma praga de insectos devoradores das plantas, arrojados pelo inferno, os campos ficaram varridos pela desolação, contar isto até causa medo».

Segunda leitura.

«O povo então ofereceu uma lamentação retumbante que livrasse da angustiada ruína, as sementeiras e as vinhas humedeceram [ou seja, choveu]».

Agzrt 'anelante/angustiada' significa também 'portadora de água' (=lamentação portadora de água); *siy* também significa 'deserto' e 'terra desolada' (=insectos do deserto).

Trata-se do memorial de um pranto para implorar a chuva (exemplo *I Reis*, 18:25 segs.), rito conhecido em todo o Mediterrâneo.

Reduzindo a monossílabos o termo *paternus* 'sementeira', temos por exemplo:

<i>pt hrn 's</i>	[pataernusse]	'seduz os trabalhadores das plantas'
<i>pd hr usn</i>	[paderusn/padernus]	'do comer concebe o dom'
<i>pt hr usn</i>	[paternus]	'abrir o caminho da concepção do dom'
<i>pt hr usn</i>	[paternus]	'seduzir a concepção do dom'
<i>p tar usn</i>	[patjernus]	'da boca da parentela o dom'
<i>p tar usn</i>	[patjernus]	'diz-se fiador do dom' (ou: diz-se da parentela o dom)
<i>p tar ns</i>	[patjernus]	'assim a parentela intenta' (ou: a boca da parentela intenta)
<i>p t' r usn</i>	[patjernusn]	'assim preparar a mesa do dom'
<i>ph tr ns</i>	[peaternus]	'ver o recurso intentar/tentar/agarrar'
<i>ph tr n̄s</i>	[paternux]	'ver o cinto fugir'
<i>p tr n̄s</i>	[paternux]	'a boca do cinto levanta-se/carrega-se'
<i>p tar n̄s̄</i>	[patjarnâúss]	'a boca da parentela agarra'
<i>pdr usn</i>		'de Pidra [deusa-mãe] o dom'.

Com metáteses.

<i>dp hrn's</i>	'ergue os trabalhadores das plantas'
<i>trp enus/ans</i>	'ramo/planta medicinal dos doentes/fraternal'
<i>t pr ns</i>	'magnífica fruta intenta'
<i>tp̄h ns</i>	'as maçãs intentam'.

3 «Deus AERNO»

Segundo os autores citados por Encarnação, há três inscrições a este «deus lusitano». Duas lápides de que este autor apresenta fotografias estão, uma partida, e outra coberta de cal, de modo que as leituras são impossíveis. Uma delas está falsificada: de um *I* fez-se um *E* para dar a palavra DEO; da terceira nada se sabe. Apesar destas falhas, os autores discorrem sobre este «deus lusitano». O nome do

deus Aerno foi inventado a partir de duas inscrições diferentes: com os caracteres AEP de uma, e com os caracteres RNO visíveis noutra lápide, sem relações entre si. Apesar destas falhas intoleráveis, todos concordam, a partir das fantasias de Hubner, em instalar um Aerno no panteão lusitano. O abade de Baçal viu numa delas, sem que os outros autores saibam como, a expressão ORDO ZOELARUM, a «Ordem dos Zoelas, uma tribo celta».

4 «Deus ANTISCREUS»

Trata-se de uma pedra esboroada, segundo Encarnação. As leituras são as mais variadas, mas, desde o momento em que Leite de Vasconcelos aí viu o deus Antiscreus, ninguém mais ousou ter dúvidas. E a partir de que leitura? Leite de Vasconcelos descobriu-o a partir desta leitura:

PROS
NSC *ou* IC NSC
REO SU
ERMI S *ou* HERMI S
V SLM

reconstituiu-a nesta fórmula:

PRO S TI C ANTISCREO HERMES U.S.L.M.

traduzindo-a deste modo: «Pro salute Tiberii deo Antiscreo Hermes u.s.l.m., donde se vê que certo indivíduo chamado Hermes cumpriu um voto que havia feito ao deus Antiscreus»; e comenta: «A nova divindade dos Bracari apresenta-se aqui manifestamente, como em geral as divindades locais, com carácter salutarífico.»

José da Encarnação, depois de considerar que a pedra se encontra esboroada, propõe outra versão: «PROSSerpina ou PROSSalutem Tiberii». E todos concluem, a partir de tão manifestas imprecisões, que se trata do deus Antiscreo.

5 «Deus APONIANICO POLISCINIO»

Encontra-se numa ara descoberta no sítio de Poço de Cortes (Poço do Bispo, Marvila, Lisboa). O texto é claro e legível:

G. S.
APONIANICO
POLISCINIO
SACRUM
A.L.

O modo como os autores transformam esta inscrição em latim é digno de nota (e também de riso): entre os citados por Encarnação, um lê:

G(enio) S(acrum)
Aponia
Nipolis Genio
sacrum
a(nimo) l(ibens)



«Deus Aponianico Poliscinio». (A partir de José da Encarnação, *Divindades Indígenas sob o Domínio Romano em Portugal*, 1975, foto 5).

José da Encarnação lê:

G(enio) S(anto)
Aponianico
Poliscinio
sacrum
a(nimo) l(ibens)

ou seja: «Consagrado de boa vontade ao génio santo Aponianico Poliscinio».

A inscrição está em ugarítico. O escultor até assinalou a possibilidade de duas pronúncias para APONIANICO, que poderá ser APONIANICO ou AFONIANICO, fazendo um pequeno sinal sob o laço do P; de facto, as duas possibilidades existem também em ugarítico: *apbn* ou *apon* significam 'logo, imediatamente, acto seguido'.

AFONIANICO

<i>apn i any k</i>	[aponianico]	'logo que eu me queixei deveras'
<i>apn any k</i>	[aponianico]	'após queixumes deveras'
<i>apbn an ikw</i>	[afonianico]	'após queixumes tão rápidos como'.

POLISCINIO

<i>plitt saniu</i> (ac. <i>politx sinu</i> , hb. <i>pales sinw</i>)	'a humilhação partiu'.
---	------------------------

SACRUM

<i>sk rum</i>	'manifestou-se o Excelso'.
---------------	----------------------------

Ou seja: «Após gemidos [uma queixa, um pedido], o alto manifestou-se, tão certo como eu agora estar bem.» A fórmula estilística «tão certo como» é muito

usada neste tipo de situação: *any ikw* 'um gemido e rapidamente aconteceu'. Ug. *apn* ou *apbn*: 'depois que, então, na continuação de'. Ug. *sn*, *arm*, *seni/sani*, ac. *sanu*, hb. *sinna* 'partir'. Ug. *plit*, hb. *pales* 'humilhação, aspensão/expiração'.

Consegue-se também descobrir o problema que levou o dedicante a cumprir este rito: foi uma questão de feitiçaria ou uma injúria. Encontra-se encoberto nos caracteres INIO, cujo I está misturado com um E, dando então:

POLISCENIO, POLISCINIO, POLISCENIO ou POLISCEINO

POLISCEINIO

<i>plit ein</i>	[politjeino]	'humilhação, aspensão de Énio'
<i>plit 'n</i>	[politjeino]	'humilhação, aspensão da fonte'
<i>plit 'ny</i>	[politjénio]	'aspensão da humilhação'.

Hyn [Ein] é o nome alternativo de «diabo/deus da magia» (hb. *Hayyanu*, ar. *Ayynu*). O texto terá então esta leitura complementar: «e tão rápido como uma aspensão/humilhação de Enio, o alto manifestou-se», ou «aspensão da fonte/humilhação» (=ordália).

A ara foi encontrada no Poço das Cortes, ou Poço do Bispo (Lisboa). *Kort* e *bysp* é o mesmo sítio em dezenas de constelações toponímicas; um sítio contíguo chama-se *Brito* (*kort'berit*); *Marvila* procede de *ma'aravi* 'lamentação, pranto'. No mesmo local, segundo Encarnação, foi encontrada uma ara ao deus «I Assaeco». *Assaeco* é sinónimo de *kort* 'cortar, contratar' (cfr. «I. Assaeco», p. 164). A «aspensão de Énio» pode ser uma ordália no rio destinada a descobrir a veracidade da acusação (se o rio rejeitasse o suspeito, a acusação era falsa; foi o que se passou). As ordálias no rio eram um rito a Yammu ou Yw (deus do rio, juiz-rio).

Reduzindo APONIANICO a monossílabos homófonos, encontramos:

<i>ap an 'n 'q</i>	[apôniânico]	'parte dianteira minha / nariz meu viu o pântano profundo'
<i>ap'n yw nky/kn</i>	[apônyôneco]	'parte dianteira / nariz viu Yammu estar lá'
<i>ap 'n 'ny kw</i>	[apêiniano]	'parte dianteira vi humilhada deveras'
<i>ap on/an in ik</i>	[apôniôninko]	'parte dianteira força não teve seguramente'
<i>ap an i any kw</i>	[apôniânico]	'ira minha tão certa como queixume verdadeiro'
<i>'p un 'n i kw</i>	[opuniênico]	'ave da desgraça vi tão certo como certo'
<i>'p un ien i kw</i>	[opuniênico]	'ave agoirenta de Eino certeza absoluta'.

6 «Deus ARENTIUS»

«Há quatro monumentos epigráficos encontrados em território português dedicados a esta divindade» (Encarnação, cit., p. 97). Leite de Vasconcelos, Santos Júnior, F. Alves Pereira, etc., deram largas à imaginação para circunscrever a natureza do «deus lusitano» Arentio. Na Academia das Ciências de Lisboa (nada menos) foram apresentadas no princípio do século várias comunicações sobre o famoso deus Arentio. Nas páginas de revistas e respectivas separatas, Arentius deu que falar;

só faltou consagrar-lhe uma grande praça na cidade de Lisboa. Os mesmos autores criaram depois uma deusa Arentia (porque não convém que o homem fique só).

ARENTIO, ou ARANCIO, que se encontra sempre em título das inscrições, é uma corrupção de HARASSIM termo imprecatório correspondente ao nosso *vade retro* ou «longe esteja o agoiro».

7 «Deus ARANTIO TANGINICIAECUS»

Tal nome não existe. Tomou-se uma frase inteira por um nome. Da lápide consta este texto bem legível:

ARANTIO
TANGN ou TANGIN
CAECO ou CIAECO
AVITA
VITALISF
A.L.V.S.

Dentro do [C] de CAECO pode também ler-se um [I] ou um [L]: CALECO.

ARANTIO

brsm [aratjim] 'esconjuro'.

TANGN

t'nbn [tangene] 'trespassado/atacado seja' (ou trespassado ele)

t'n hin [tangine] 'trespassado o diabo'.

CAECO ou CALECO

kkk [caeko] 'deveras aqui'.

CALECO

ql hkb [kaleco] 'cair aqui'.

TAN pode associar-se a *tan* 'lamenta-se'; GIN, a ginguinu no interior da terra; *bn* [guine] é uma fórmula pronominal para 'este'; *hin* é 'diabo' (Kotaru, deus da magia); *qal eku* associa-se a 'tumba' e 'triturado sob a terra'; *tn* 'chacal'; *tln* 'moer, triturar'; *tan* 'duplo'; *hk* 'aqui' (hb. *haka*); *gn* 'arrogância'. TANGIN CIAECUS é, pois, uma fórmula de antifeição, na consequência de uma qualquer perseguição de mau agoiro ou feitiçaria.



«Deus Arencio». (*Ibid.*, foto 8).

8 Outra pedra comporta por título ARENTIA ET e o texto

ARENTEIA ET
ARENTEIO
MONTA NUS
TANGI... (fractura)

Temos a famosa Arência, mulher do deus Arêncio...

ARENTEIAE ET

brsn ht [aratxim ete]

‘esconjuro cair’ (ou conjuro imediato).

ARENTEIO

harasim

‘esconjuro’.

MONTA NUS

mnt ns [montanus]

‘digo que fuja’ (ou destroço fuge).

TANGI [...]

t'n [...]

‘trespassado’.

O vocábulo *mnt* significa ‘fórmula de conjuro’, equivalente às actuais fórmulas de «talhar», e também «membro humano / troço / destroço»; *ns* ‘fugir’; *n̄*

'levantar-se'; *tan si* 'levanta-te longe' (fórmula de visão'). Há fórmulas actuais de esconjuro que se referem à Mantariana como se fosse uma fórmula eficaz:

Se vens por parte do inimigo
Couces dum brava besta
Nessa maldita cabeça
E quando este mal te não baste
Deus to queira acrescentar
Em nome de Deus e da *Mantariana*...².

9 Uma terceira inscrição «ARENTIO»

ARENTIO
SUNUA
CAMAL II
V SLM

Leite de Vasconcelos (cit., p. 103): «Ao primeiro aspecto, a palavra Arentius parece formada do particípio latino *arens* 'seco', 'árido' [...], mas como a terminação *-entius* (*-entios*) se encontra também em céltico [...] e como Sunua, nome da dedicante, e Camalus, nome do pai dela, são bárbaros [...] dificilmente teremos em Arentius uma palavra latina.» Então cria esta tradução: «Ao deus Arentio, Sunua filha de Camalio cumpriu o voto de livre vontade.»

ARENTIO

brsm

'esconjuro'.

SUNUA

sna

'partir' ou 'odiar' (ac. *sanu*, hb. *sanow*).

CAMALI

qm'al [qamali]

'levantar-se'

qm'l i

'levantar-se de onde (está)'

qam'l i

'levantar-se de sobre onde (está)'

km aliy

'como um forte/valente'.

V SLM

ug. *w slm*

'para ficar em paz'

hb. *w slm*

'como pagamento (da promessa)'

w slm

'para / de modo a paz (ter)'.

A inscrição diz então: «O esconjuro/inimigo partiu, eu ergui-me de modo que tenho paz». *Sunu* é também 'abominar' e 'inimigo': «Esconjuro! Abomino-te! (ou: o abominável/o inimigo) levantou-se...» O segundo *I*, mais pequeno que o primeiro, pode ter o valor de [i]: 'tão certo como'. Será: «Esconjuro partiu levantou-se, tão certo como a paz (ter)». A expressão *slm* significa, «em hebraico e em púnico, 'pagar uma dívida'»³.

² Cfr. TEÓFILO BRAGA, *Cancioneiro Popular Português*, vol. II, J. A. Rodrigues, 1919, p. 262.

³ *Diccionario teológico del Antiguo Testamento*, vol. II, Crisandad, Madrid, p. 64.



«Deus Arencio Sunna». (*Ibid.*, foto 10).

10 «Deus ARENTIO CRONISENSIS»

É um outro «deus latino», parente do Arêncio e da Arência. Santos Rocha lê do seguinte modo:

ALBINUS /PROFULIF /ARENTIO CRO /NIS(E)NSI
/EX VO /O PISIRINOER(C)/ AVI S(M)L

Os caracteres [E], [C], [M] acrescentou-os o autor a fim de poder dar um nome latino. Almeida lê: «Albinus/Proculi f(ilius) Arentio Crinicensi ex voto Pisiri Noerc/avi s(olvit) m(erito) l(ibens)». 'Albino, filho de Proculo, cumpriu de boa vontade ao voto feito por Pisiro Noercavo ao mérito de Arentio Cronicense'. Encarnação comenta: «Oferece possibilidades de confronto com o teónimo CORONUS».

A leitura da última palavra não merece confiança, os autores procuram sistematicamente para o final a fórmula estereotipada do ex-voto latino (se não está lá, inventam-na). Nas *Memórias da Academia das Ciências*, Alves Pereira encontra nesta mesma inscrição «Cravesica, que é nome de mulher»; Cravesica seria a sua adoradora. Fernando de Almeida propõe-se acrescentar um A para ter a fórmula romana SLAM. Depois demonstram os vários autores a respectiva erudição quanto ao «deus Coronus», que aqui estaria mascarado; porém, não atinam com a última parte da inscrição: escapa às grelhas. José da Encarnação fecha o debate, dizendo que «os longos extractos que fomos forçados a incluir trouxeram bastante luz sobre esta divindade». Vejamos:

ARENTIO

brsm

'esconjuro'.

CRO

gra

'gritar/convidar'.

MISNSI

nisnis

'fugir', 'fora daqui'.

PISRI NOER

psr nhr [pesri nahar/noer]

'dizer canto do rio' (rio-juiz), 'insidia do rio'.

Pisiri significa em hb. 'bruxedo, feitiço, encanto' (*Dicionário de Teologia*, I, p. 1264). A fórmula PISIRI aparece escrita em vasos nas ruínas da citânia de Britteiros e Sanfins; cfr. a frase *Estão as bruxas a pentear-se*, p. 120.

AVI

aby

'ancestral/paternal' (=o rio).

«Dizer canto» corresponde a «dizer fórmulas / invocar»; *kr'* 'prosternar-se'; *nisnsi* 'fora daqui'. Portanto, para se ver livre de um feitiço, a pessoa em questão penitenciou-se ou invocou o rio.

Em conclusão, os textos lusitanos com a menção «Arantio» relacionam-se com a necromancia e a magia; alguns encontrados em Espanha mencionam AMERRU-NAECOS: *Amurru 'n bk* 'amurru que se vê ou Amurru do bruxedo'.

Amerru é uma personagem assíria e babilónica invocada pelos feiticeiros.

11 «Deusa AUGA ou AUGE»

Encontrada em Fontes (Santa Marta de Penaguião). «É considerada uma deusa grega por todos quantos a estudaram» (Encarnação). No entanto, o nome é do ugarítico:

AUGA ou AUGE

abu

'ribeira'.

Está traduzida por *Fontes*, nome do sítio onde foi encontrada. No raio de 2 quilómetros deste sítio (veja-se a carta militar 114), temos o seguinte conjunto de nomes:

Cortes e Bertelo: *kort e berit*, situados na confluência dos rios *Bandugem* e *Aguilhão*.

Bandugem: *bandu abu* 'na/para/entre ribeira' (cfr. «deuses Banda» e «deusa Bandoge», p. 148).

Aguilhão: *abu Yamu* 'ribeira de Yamu', relacionado com a justiça; *abu un* [aguun] 'água da aflição'.

Penaguião, na margem da ribeira de Aguilhão: *pn abu yamu* [penaguiamu] 'em frente da ribeira de Yamu' (no século XII, *Penaguyam*). Leite de Vasconcelos⁴ diz que *Penaguião* procede de *Pena de Aquilone* 'nome do vento'. Vento Norte (talvez porque se encontre ao norte de Lisboa...); segundo Piel, «é do antropónimo godo Pena de Goiam», mas não diz quem foi esse homem nem que tem

ele a ver com esta povoação (um nome de homem inventado a partir do nome da terra).

Concieiro, contíguo de *Cortes*: *kn* 'regras/direito'; corresponde aos *Famalição*; talvez *kn ans* (cfr. *Maunça* de outras *Cortes*).

Sanhoane: *snn Yamu* 'ranger de dentes de Yamu', relacionado com a justiça do ribeiro.

Lebre, o cabeça onde se situa *Fontes*, sobranceiro a *Cortes*: *hbr* 'companheiros' e 'comunidade', relacionado com *kort* (cfr. *Maunça* e *Enxabarda* de outras *Cortes*).

Salgueiros: *slh* [salga] 'resplandecer' (lamentação/pranto) e 'sanar, restabelecer'.

Quartas: *kotaratu*, deusa do parto; associa-se às vizinhas *Santa Quitéria* e *Senhora do Monte*, contíguas de *Quartas*. Perto nasce a ribeira da Meia Lé-gua: *Malaguya*, uma das deusas *Koratu*; passa pela Ortigueira (*wort* 'primeira esposa').

Mafomedes, contígua de *Cortes* e de *Concieiro*: *mḥmd* [magomade/mafo-made] 'desejar o amado'; refere-se ao ritual de dotes/esposórios.

12 Os «deuses BANDA»

José da Encarnação dedica um bom capítulo ao que ele e outros autores chamam «grupo dos teónimos Banda». «É um dos assuntos mais interessantes sobre que nos debruçamos e — disso estamos certos — só o seu título justificaria uma tese de licenciatura» (se o Arantio entrou na Academia das Ciências, por que não há-de o «grupo Banda» entrar na universidade?) Resumo das posições que lhe dizem respeito: Adolfo Coelho: «Bandiae seria o ant. irlandês *bandea*; o grego *gune* também significa 'mulher', é uma palavra empregada para exprimir o feminino de certos substantivos irlandeses, desde o princípio do século VII [...]». Leite de Vasconcelos: «Encontra-se na área das línguas celtas e significa 'ordenar, proibir' [...]; a frequência de BAND nos nomes de divindades justifica-se então muito bem». Belásquez Martínez: «Há uma série de nomes de divindades indígenas em que entra a raiz BAND, que significa 'ordenar, mandar'; estas divindades teriam um carácter de senhores e donos das cidades ou castros onde seriam venerados como padroeiros [...]». Pokorny propõe para esta raiz outro significado totalmente diferente, o de 'gotejar': «estes deuses seriam, por conseguinte, divindades aquáticas. Sem embargo, os deuses indígenas com esta raiz assemelham-se a 'Tutela', pois um deles aparece representado como tal deusa». Etc. Os nomes dos «deuses Banda» são variadíssimos. Alguns exemplos citados pelo autor (de que não apresenta fotografia, pelo que não os podemos interpretar): *Bandariciaicus*, *Bandavelugostoi-recos*, *Bandioilienaicus*, *Bandavizes*, *Bandulha*, *Bandoga*, *Bandiaepolosego*, *Bandibrialecus*, *Bandareiecus*, *Bandarabariaicus*, *Bandistatibeaicus*, *Bandisisibraia*, *Bandisvorteaceus*, *Bandueveigebreaceo*.

Não aparece propriamente BANDA, mas BANDI, BANDEI ou BAND-.

⁴ In *Dicionário Toponímico*, de José Pedro Machado.

BAND é do ug. *b'nd/b'dn* [bâned] 'para, (oferecido) a'; relaciona-se ou confunde-se com *bn/ben/bent* 'para', 'entre as mãos de'; *b nd* 'lançar/emitir'; *ndy* 'amor'; *bn idym* 'entre as mãos', hb. *bn yadayim* 'na frente, entre os olhos'; *bn diy* 'no peito / na asa de'. É da mesma raiz que *b'd* 'passar de mãos'. Comum ao hebraico.

Tal é o segredo das dezenas de «deuses lusitanos» Banda. Existem ainda hoje termos como «bandear» (=passar de mãos) e «bando» (=anúncio público).

13 «Deus BANDAVELUGUSTOIRAECUS»

Uma inscrição diz, segundo a fotografia,

BANDEVE/ LUGO. TOIR / AECO

<i>B'nd bl ygh tr hk</i> [bande belyg toiraeke]	'para o senhor excelso Touro aqui presente'
<i>B'nd w lh tr hk</i> [bandeve lugo toir aeke]	'oferecido para o vigoroso Touro aqui presente'
<i>b'nd b lh tr hk</i> [bandebe lugo toir aek]	'deixado entre as mandíbulas do Touro aqui presente'
<i>b'nd we lh tr hk</i> [bandeve lug toir aek]	'deixado para que / de modo que vigore o Touro aqui presente'
<i>b'nd blh tr hk</i> [bande belâgue toir aek]	'oferecido por mensagem / lei do Touro aqui presente'.

14 «Deus BANDI ISIBRAIE»

<i>bandi 'z ibr hyy</i> [bandi azibrahiia]	'para o forte Bezerro vivo / que dá vida'.
---	--

Ibrh: *h* sufixo pronominal, *ibr* 'bezerro / animal corpulento / macho'; *is* 'animal'; *'z* 'que é forte'.

Foram encontradas três lápides a este «deus», todas elas na região de Idanha-Penamacor. Uma povoação perto de Idanha chama-se *Zebreira* (os naturais dizem *Zibreira*) que corresponde a *Zibraie*. Ainda hoje existem nesta mesma região fortes vestígios do culto do Touro semita, nomeadamente «capeias» e «touradas à vara larga», a festa brava de Idanha-a-Velha. O culto do Touro anda associado ao abate ritual do touro (cfr. *Origens Orientais*, pp. 138 segs.).

15 «Deus BANDI OILIENAICO»

Segundo consta da inscrição:

BANDI / OILIEN / AICO

Bandi alyom hk

elion

'ly 'n hk [olien aak]

'para o vitorioso aqui presente'

'para os deuses aqui presentes'

'para o altíssimo que se vê aqui'.

16 «Deus BANDOGA»

O nome que consta da lápide é BANDOGE: *bandu abu* 'dedicado à ribeira'. Foi descoberta no castro do Mau Vizinho; de facto, *Mau* é nome frequente de rios; deriva de *mab* 'água', que é frequente na toponímia.

17 «Deusa CABAR»

Esta lápide foi encontrada numa igreja de São Pedro do Sul. Consta do seguinte:

DE AL ABAR
SULE AVITUS
AIL. IN CIFER CHOZ III
AL CEM TIB. CLAUDI
AO DESTI VAS

Hubner «reconstituiu-a» (sic) deste modo (Encarnação, cit., p. 152):

Deae Cabar
Sulpicius Avitus
miles imaginifer chortis III
Galorum centuria Tib. Claudii
Modesti votum libens animo posuit

E traduz: «À deusa Cabar, Sulpicius Avitus, militar magnífico da coorte da III centúria gaulesa de Tibério Cláudio, deixo o meu modesto voto.» Assim se inventam os deuses lusitanos. A primeira linha está escrita da direita para a esquerda, como nas línguas semitas: RABA LA ED. Respeitando escrupulosamente o texto, temos a tabela da p. anterior:

Lápide	Ugarítico	Tradução
1 DE AL ABAR [RABA LA ED]	<i>rabba la 'd</i> [raba la ed]	'grande força testemunhada'
2 SULE AVITUS	<i>sly hwy</i> [suly awit]	'conjurar terra/região'
3 AIL. IN CIFER CHOZ III	<i>hl' n s' pr ts III</i> [ael. in sifer tjos III]	'esta/nossa. Atacar depredador da III'
4 AL CEM TIB. CLAUDI	<i>'l sm tib. Claudii</i> [alsem Tib. Claudii]	'conter/cair sobre Tib. Cláudio'

<i>Lápide</i>	<i>Ugarítico</i>	<i>Tradução</i>
5 AO DESTI VAS	<i>w tsyt w'z</i> [ôu tesit vase]	'de modo que o triunfo ser forte'
	<i>w tsyt w hs</i> [ôu tesit vas]	'de modo que o triunfo entrar/ /assustar'
	<i>habhu des it whs</i> [ao desit vase]	'inferno/fracos; o medo está; pelo que tememos'
	<i>habhu dhst whs</i> [ao dexsit vas]	'inferno/fracos o sepulcro deve- ras tememos'
	<i>habhu detit w hs</i> [ao detjit vas]	'inferno/fracos esmagados esta- mos pelo que tememos'
	<i>habhu dst whs</i> [ao dexsit vas]	'o inferno qual assolador pelo que tememos'
	<i>habhu d st whs</i> [ao dexsit vas]	'fracos dos pés pelo que tememos'
	<i>habhu d st w'z</i> [ao dexsit vase]	'fracos de pé / base que sejamos fortes'.

A inscrição teria tido a mesma função que os cartazes políticos dos nossos dias. Refere-se a Tibério Cláudio, imperador romano no século I da nossa era. A escrita da direita para a esquerda, como nas línguas semitas, aparece noutras inscrições. Talvez com isso se pretendesse reservar o seu conteúdo.

«Grande vitória testemunhada. Salva/conjura (ou conjurou?) a terra (que é) esta; ataca, faz recuar ou fere a III (coorte?), cai sobre /contém Tibério Cláudio, para que o triunfo se apresse.»

Mas há problemas quanto a *tsyt* 'triunfo', porque *hs* tanto significa 'entrar/invadir' como 'temer'. A linha 5, lida da direita para a esquerda, exprime a ideia de «cativos caçados os irmãos» (*sb tised ab*). A mesma ideia se encontra em todas as sílabas tomadas individualmente ou juntas entre si: *desit* lida ao inverso dá 'salteador', 'atacar a caça' *ti sd* [tijzed]; *sht* [set] 'matador, degolador'; *sit* 'guerreiro assolador'; *des sit* 'esmagar o guerreiro assolador'; *tit* [tjit] 'ter medo'; *des tjit* 'esmagar o medo'; *hz* [ez] 'insulto'; *hst* [axxet] 'sepulcro'. Na linha 3, a leitura é hipotética [*xoz? caboz?*]; *khs?* [cahoss] 'partir', *kh?* [kahasu] 'trono'. E o que é a III? está no imperativo ou no passado?

18 «Deusa CAEPUS»

Encontrada em São Domingos (Benespera, Guarda). Consta deste texto:

CAEPO
FIRMU
SABINAE
LUSL ou USL



«Deusa Cepo». (*Ibid.*, foto 20).

A última linha merece uma atenção: os autores, na mira de nela verem a fórmula latina do ex-voto, encontram IVLS ou VSL. Leite de Vasconcelos lê IULS, José da Encarnação propõe USL. De facto, poderão ser ambas, porque as letras podem estar sobrepostas a fim de permitir várias leituras complementares; onde se lê E (CAEPO) poderá ser também L, e o E de SABINAE pode ser um T, etc. Na Galiza encontram-se inscrições deste género (o nome do mesmo «deus») que mencionam CEPOL.

Diz Leite de Vasconcelos: «A palavra Caepus pode ser latina, da língua comum popular, mera masculinização de caepa, cebola [...] Cepus apresenta-se como o deus das cebolas, protector das hortas, espécie de Priapo lusitano [...] Da natureza da divindade, se a minha interpretação é verdadeira, da simplicidade social das pessoas, traduzida nos nomes, e da palavra Firmus 'firme, constante' que revela talvez a condição de alforria do escravo, resulta um quadro etnográfico em cuja contemplação nos deleitamos um instante, pois aí se nos desenha uma família que na singeleza do seu viver rural venera em paz um deus a quem julga dever o bom êxito das sementeiras...» (Encarnação, p. 153). A nosso ver esta pedra é um achado de grande importância.

Trata-se de uma espécie de banco cujo topo comporta um buraco central proeminente com um sulco em torno. Está concebido para nele se sentar uma mulher, que ficava com a inscrição entre joelhos. Era um dispositivo para uso das mulheres nos locais destinados à fecundação, e talvez também para excitar a noiva quando dos encontros festivos para o primeiro contacto. Há ainda, no Minho pelo menos, referências a essas pedras, «semelhantes a mós de moinho», cujo contacto, segundo se diz hoje, tornava as mulheres fecundas; fizemos-lhe uma referência na *Religião Popular Portuguesa* (p. 29).

O texto da inscrição é susceptível de variadíssimas leituras, todas concordantes

e complementares; umas são *modes d'emploi*, outras sugerem um sentido mais simbólico-poético. O texto é o seguinte, nas suas possíveis traduções:

CAEPO	<i>kp, cp w</i> (ac. <i>kappu, ceppu</i>)		'prato para'
FIRMV	<i>pbr mh</i>		
	(ac. <i>muhu</i>)	[firmu]	'integralmente rejuvenescer'
SABINAE	<i>sb'n hy</i>	[sabeinâe]	'dar voltas olho dela'
IVSL	<i>lusr</i>		'até/para membro viril'.
CAEPO			'prato para'
FIRMU			'integralmente rejuvenescer'
SABINAE	<i>sb'n aby</i>	[sabinâae]	'dar voltas olho da relação'
LULS	<i>lult̃</i>	[lutj]	'até/para humedecer/misturar'.
CEPO	<i>sp w</i>	[sepou]	'mira para'
FIRMU	<i>pbr mu</i>	[firmu]	'integralmente jovem/rejuvenescer'
SABINAE	<i>sb'n</i> (ac. <i>sabu</i>)	[sabuina]	'do sulco/olho'
LUSL	<i>lusr</i>		'para o membro viril'.
CEPO	<i>sp w</i>		'mira/miradouro para'
FIRMU	<i>ph ir mh</i>		'ver ardor rejuvenescer'
SABINAE	<i>sb'ny</i>	[sabinia]	'repetir sete vezes'
LUSL	<i>lusr</i>		'para o membro viril'
	<i>lult̃</i>		'para humedecer misturar'.
CEPO	<i>cp w</i>		'prato para'
FIRMU	<i>pbr mh</i>		'integralmente jovem'
SABINAE	<i>sbu'ny</i>	[sabuinia]	'apetecer celebrar'
LUSL	<i>lusr</i>		'força do membro viril'.
CEPO	<i>cp w</i>		'prato para'
FIRMU	<i>pbr mh</i>		'integralmente jovem'
SABINAE	<i>sb'n aby</i> (ac. <i>sebu</i>)		'saciar olho/sulco da relação'
LUSL	<i>la usr</i>		'prevalecer membro viril'.
CEPO	<i>cp w</i>		'prato para'
FIRMU	<i>pbr mh</i>		'integralmente jovem'
SABINAE	<i>sb'an</i>	[sebiania]	'recorrer força'
LULS	<i>lult̃</i>	[lults]	'da ferramenta'.
CAEPO	<i>cp w</i>		'prato, certamente!'
FIRMU	<i>ph'r mu</i>		'insidia da povoação destinada'
SABINAE	<i>sb'n aby</i>		'saciar a fonte da relação'
ULSL	<i>ulsl</i>		'gozo sem dúvida'.
FIRMU	<i>pbb'ir mh</i>	[feeirmu]	'insidia da povoação destinada'
SABINAE	<i>za b in ay</i>	[zabinay]	'humilhar quem não tem um qualquer'.

CAEPO			‘prato para’
FIRMU	<i>ph 'r mb</i>	[fêirmu]	‘ver excitar-se alegre’
SABINAE	<i>sa bhū hi'n aby</i>	[sabuhinae]	‘trepar nele ela celebrar relação’
	<i>sb bhy 'n aby</i>	[sabeinae]	‘trepar ele nela dizer relação’.
FIRMU	<i>ph rm</i>	[fermu]	‘ver arrojarse’
SABINAE	<i>sb in aby</i>	[sabuinae]	‘anciã que não tem relação’.

E ainda:

CAEPO

<i>ka apy/ epu (ac.)</i>		‘quando cozer, de certo que coze’
<i>kp w</i>		‘juntos para’
<i>kp hw</i>		‘junto dele’
<i>ka ap</i>		‘quando/é certo a entrada/parte dianteira’
<i>ka po</i>		‘quando a boca/grito’
<i>kpy (ar. kafa)</i>		‘satisfazer’
<i>kpy hw/w</i>		‘satisfazer ele’
<i>ka 'p</i>		‘quando o fastio’
<i>ka 'p</i>		‘quando a dureza’
<i>ka ypo (hb. hopia)</i>		‘quando crescer / é certo crescer’
<i>s'p'</i>	[sapou]	‘prato do grito’
<i>sp</i>	[sapio]	‘duna, e adorno’
<i>s' p'</i>	[sae po]	‘trepar gritante’
<i>s' 'p</i>	[saâp]	‘trepar do pássaro’
<i>s' 'p</i>	[saâp]	‘prato de propiciar/implorar’
<i>s'p hw</i>	[saapou]	‘prato da boca dele’
<i>sap hw</i>	[sapou]	‘devorar ele’
<i>sap ah</i>	[sapââ]	‘devorar o companheiro’
<i>ē po</i>	[txâ po]	‘magnífico grito’
<i>s' 'p</i>	[sa ypo]	‘eliminar o fastio’
<i>s' hy po</i>	[saeipo]	‘eliminar ela o grito’
<i>sap hw</i>	[sapiou]	‘devorar ele; pão dele’
<i>s' hy p hw</i>	[saeipêô]	‘eliminar ela dizer dele’
<i>ypq/qyb w</i>		‘obter de certeza’
<i>qpa</i>		‘secar-se’
<i>qpa hb</i>	[caepaô]	‘secar água/poço/lodaçal’.

FIRMU

<i>ph ir mu</i>	‘ver esplendor/brilho de alegre/rejuvenescido’
<i>ph 'r mu</i>	‘ver exacerbar-se/comover/mudar em jovem/alegre’
<i>ph rum (ac. rimu)</i>	‘ver o touro’.

SABINAE

<i>sab' 'n hy</i>	[sabineâe]	'girar o olho/a fonte dela'
<i>sab' 'n aby</i>		'girar o olho da relação'
<i>sb in aby</i>		'dar voltas sem ter relação'
<i>tb 'n hy</i>	[txabinae]	'fazer girar o olho dela'
<i>s' abn aby</i>		'prato de pedra de relação'
<i>s' ab in aby</i>		'prato de o pai não ter relação'
<i>s' ab 'n aby</i>		'prato de o pai experimentar relação'
<i>s' ibn aby</i>	[saibnaie]	'prato da gema/cópula da relação'
<i>s' ibn ay</i>		'prato da gema/cópula de qualquer um'
<i>s' bn ay</i>	[sabenaie]	'prato do filho de qualquer um'
<i>s' bn aby</i>		'prato entre relação/dentro da relação'
<i>s' bin aby</i>		'prato de entender relação'
<i>s' bin hy</i>		'prato entender ela'
<i>s' bn ay</i>		'prato de uma criatura qualquer'
<i>s' bny hy</i>		'prato criador dela'
<i>s' bny aby</i>		'prato criador de relação'
<i>s' bny hb</i>		'prato criador de irmão'
<i>s' bny ay</i>		'prato criador de qualquer um'
<i>s' ha bn hy</i>		'prato do irmão do filho dela'
<i>s' b'n hy</i>		'prato no olho dela'
<i>s' b'n aby</i>	[sabiienâe]	'prato para fonte de relação'
<i>s' bn hy</i>		'prato do filho dela'
<i>s' abyn ay</i>		'prato de um pobre qualquer'
<i>s' aby in aby</i>		'prato [do] ancestral [de] não ter relação'
<i>t' b in aby</i>	[txabinae]	'magnífico para a não relação/por não ter relação'
<i>t' b in aby</i>		'magnífico não tendo relação'
<i>t' b in aby</i>		'magnífico sem ter relação'
<i>t' bin hy</i>		'magnífico entender ela'
<i>t' b 'n hy</i>		'magnífico no olho dela'
<i>t' b 'n aby</i>		'magnífico por experimentar relação'
<i>t' bn aby</i>		'magnífico filho da relação'
<i>t' bn hy</i>		'magnífico filho dela'
<i>t' abn aby</i>		'magnífica pedra da relação'
<i>t' abn hy</i>		'magnífico pranto dela'
<i>tb in ay</i>		'recurso do não ter qualquer um'
<i>tb in aby</i>		'recurso do não ter relação'
<i>tb 'n hy</i>	[tsabeinai]	'romper olho/fonte dela'
<i>sa bn hy</i>		'trepar filho dela'
<i>sa bn hy</i>		'trepar dentro dela/entre ela'
<i>sa bny hy</i>		'trepar da criação dela'
<i>sa b'n hy</i>	[sabiienai]	'trepar ao ver ela'
<i>sa b'n hy</i>	[sabeinâe]	'trepar na fonte/olho dela'
<i>sa bin aby</i>		'trepar entende-se relação'

<i>sa ibn ay</i>	[saibenai]	'trepar a gema/cópula de qualquer um'
<i>si ab in hy</i>		'desolação do pai sem ela'
<i>si ab in hy</i>	[siabinâe]	'ruína do pai sem ela'
<i>sa b in aby</i>		'arruinada em não ter relação'
<i>sa b'ny hy</i>		'ruína no dizer dela'
<i>si ab 'n hy</i>		'lodaçal do pai fonte dela'
<i>sb 'n by</i>		'saciar olho/sulco dela'
<i>sb 'n hy</i>		'apetecer olho/sulco/fonte dela'
<i>sb in hy</i>		'fartura não tem ela'
<i>sibu in aby</i>		'velho não tem relação'
<i>sibu hn y</i>		'velho: é aqui, olha!'
<i>sbu in hy</i>		'o cativo não a tem'
<i>sby in hy</i>		'a velha / o velho não a tem'
<i>sbu in hy</i>		'exército não tem ela'
<i>tbm hb</i>	[tsabinae]	'dirigido ao frágil'
<i>sb un ay</i>		'ocultar desgraça de qualquer um'
<i>sb un aby</i>		'ocultar segura da relação'
<i>si ybn hb</i>		'desolada, oh filho! Fraca'
<i>si b'n hy</i>		'desolação no dizer dela'
<i>si b'n aby</i>		'desolação na resposta da relação'
<i>si b'n ay</i>		'desolação no dizer de qualquer um'
<i>sab b'n ay</i>		'tirar a água da fonte/olho/sulco de qualquer um'
<i>sab bn hy</i>		'puxar a água entre/dentro dela'
<i>sa b'n aby</i>		'desolação na fonte da relação'
<i>sa bin hy</i>		'de ruína entende ela'
<i>sb' 'n hy</i>		'sete vezes responde ela'
<i>sb' 'n aby</i>		'sete vezes experimentar relação'
<i>sb'ny aby</i>		'septuagésima relação'
<i>sb''n hy</i>		'saciar olho dela'
<i>sb' an hy</i>		'saciar por favor ela!'
<i>sb yn aby</i>		'saciar de vinho a relação'
<i>sb' in aby</i>		'saciar-se sem relação'
<i>sb' 'n ay</i>		'fartar-se de ver qualquer um'
<i>sb' un ay</i>		'saciar-se da minguia/seca de qualquer um'
<i>sb''n aby</i>		'fartar-se de experimentar relação'
<i>sb yn hy</i>		'velho vinho dela'
<i>sb'in aby</i>		'repetir pela sétima vez não ter relação'
<i>zby nb i</i>		'o herói/nobre descansa por certo'
<i>zby in aby</i>		'o herói/nobre não tem relação'
<i>zby in ab i</i>		'o herói/nobre não tem um irmão por certo'
<i>zby 'n hb i</i>		'o herói/nobre ver frágil por certo'
<i>zu b'n hy</i>		'exalação na fonte/olho dela'
<i>zu b 'n aby</i>		'exalação na fonte/olho da relação'
<i>za bin aby</i>		'agachar-se entende-se relação'
<i>za b 'n hy</i>		'agachar-se no olho dela'
<i>za bn hy</i>		'agachar-se entre ela'.

ULS

<i>ult</i>	[ultj]	'humedecer, misturar; ferramenta de pedreiro'
<i>uzr</i>		'alimento'.

A pedra foi encontrada em São Domingos, freguesia de Benespera. O nome de sítio *São Domingos* está associado aos rios e, como ficou demonstrado nas *Origens Orientais* (pp. 17 e 211), não tem a ver com o São Domingos de Gusmão, fundador dos Dominicanos, mas com *Domuzi*, *Domungus* ou *Dongo*, que é a terceira pessoa de uma tríade suméria, fenícia e cartaginesa. Na Idade Média, o nome *São Domingos* (os locais onde se instalou este santo católico) andou também associado à procriação e às pragas agrícolas, sem que o santo dominicano tenha a ver com esses problemas; nem ele gozou algum dia de culto popular; o culto que lhe foi atribuído nas aldeias (sobretudo beirãs e alentejanas) deriva da confusão com o velho culto agrícola (pensamos dedicar-lhe um capítulo num próximo

trabalho). Para já, digamos que, segundo Frei Luís de Sousa⁵, a princesa Santa Joana nasceu depois da intervenção de São Domingos:

D. Afonso V visitou com muita devoção uma ermida do nosso santo patriarca São Domingos a que chamam *São Domingos da Queimada*, no bispado de Lamego. Tem toda aquela comarca fé e experiência que, por intercessão do santo, alcançarão remédio os casados que se temem de esterilidade. Assim o alcançou el-rei porque nove meses depois desta romaria pariu a rainha uma filha cuja vida e costumes foram tais que bem mostrou Deus nela que foram dádiva sua. Nasceu esta senhora no ano de 1452 e logo foi jurada princesa por todos os estados do reino que acertaram a achar-se juntos na conjunção de seu nascimento.

A princesa ingressou depois na Ordem de São Domingos: retorno às origens. «Queimada» é um decalque sobre o hb. *acamad* 'criação'. Esta *Queimada* a que o rei recorreu para fecundar a mulher chama-se hoje Serra da Queimada e Eira Queimada, a poucos quilómetros de Lamego; coincide com a região da Meia Légua-Britiande, muito rica em topónimos relacionados com encontros nupciais/sexuais, e que hoje se encontra convertida à Senhora dos Meninos (cfr. Meia Légua-Lamego). O sítio de São Domingos, da freguesia de Benespera onde foi encontrada a pedra Caepo, coincide com a região de Cortes-Benespera; o rio que passa por esse local chama-se *Teixeira* (*taħum* 'contacto') ou *rio da Gaia* (*ħyy* 'vida, viver, reviver'). Um lugar vizinho chama-se *Porto* (*Purbatu*, uma das *Kotaratu*, deusas do parto); o cabeço que domina o sítio é do Bispo (*b yspy* 'na reunião/colecção'). Perto encontra-se uma constelação de nomes dedicada aos encontros nupciais (cfr. Cortes, Gonçalves).

O procedimento de se sentar sobre pedras fecundantes foi muito usado no passado; por vezes, as mulheres escorregavam também sobre lajes que tinham a mesma fama. O processo era eficaz para as mulheres falsamente estéreis (cuja esterilidade provinha dos maridos). No orifício da pedra devia pôr-se água (água-benta?) ou outras substâncias líquidas que escorriam pelo círculo; a pedra tocada por uma mulher cujo parceiro fosse estéril, no seguimento do contacto de outras mulheres cujos parceiros o não fossem, tornava fecunda a «mulher estéril» pelo

⁵ FREI LUÍS DE SOUSA, *Crónica de São Domingos*, vol. I, Lello & Irmãos, Porto, 1977, p. 1057.

efeito dos resíduos fecundantes depositados na pedra pela precedente. Bastava que antes e depois do rito as mulheres tivessem relações com os respectivos maridos para fecundarem... com o esperma do outro homem. Ironia das coisas: as mulheres falsamente estéreis eram fecundadas pelas que o eram de facto.

A inscrição revela bem o segredo da metodologia: «trepar dentro dela», «trepar no olho dela». Ter relações antes e depois de se sentarem na pedra devia ser uma regra, uma vez que iam a esse local para terem filhos. No passado recuado, pelo menos, as relações sexuais para esse efeito tinham lugar no próprio templo ou nos arredores, talvez em albergues. Note-se o nome actual bem adaptado: Nossa Senhora dos Meninos.

Caepo, Cepol (na Galiza) 'pedra de fecundar' corrompeu-se depois na ideia de tocar com uma «cebola» para fecundar, como é hábito na noite de São João, tipo de corrupção semântica frequente nas tradições populares.

19 «Deus CORONO»

Inscrição encontrada em Serzedelo (Guimarães), «perto do local onde a tradição situa a cidade de Pedrauca»; numa face tem a palavra CORONO e numa outra o texto seguinte:

PATERN / VS FLAV AAPOS / VIT IIXSV / OO MII

Trata-se de um «deus lusitano chamado Corno», disseram Sarmiento, Vasconcelos, Adolfo Coelho, Oliveira Guimarães, Lopez Cuevillas... Leite de Vasconcelos «reconstituiu a inscrição» deste modo: *Paternus Flaviu ara posuit ex voto merito animo*: «Ara que Paterno filho de Flávio pôs de boa vontade», inventando as palavras *filho, ara, ex-voto, merito, animo*) e abandonando uma boa quantidade de caracteres. E conclui: «O que para mim não tem a menor dúvida é que o dativo CORONO [...] é o nome de um deus». Todos os que vieram depois repetiram o mestre.

Sem tirar nem pôr, vejamos a inscrição com a respectiva tradução:

CORONO

qoran w (w=o)

'para evocação' (=memorial).

PATERN

padern

'as sementeiras'.

US

iz [ijs]

'estar/ter'

's [ess]

'vinhas/árvores/plantas'

w's [ôêss]

'e as plantas'.

FLAU

palu/falu

'secas'.

AA	<i>hb</i> [ââ]	'débeis'.
POSVIT	<i>poslit</i>	'clamamos; ou lacerámo-nos'.
IIXSU	<i>liqz</i> <i>liqz w</i>	'recolhemos' 'recolhemos e'.
OO	<i>hb</i> [ââ]	'o poço, o pântano' (ah [âô]=a ribeira).
MIL	<i>mli/mil</i>	'cheio/encher'.

Eis então o deus lusitano chamado Corno: «Para evocação: as sementeiras e as vinhas estavam secas, débeis; clamámos, recolhemos e a ribeira encheu-se.» Um pranto, como já encontrámos outros, contra as pragas bíblicas. Ainda existem hoje: chamam-se em neolatim «rogações ou preces pela chuva».

A pedra foi encontrada em Serzedelo.

<i>srs 'd ilu</i> [sersedilo]	'parentela ou clã do testemunho de Deus'.
-------------------------------	---

Propomos esta solução de preferência a outras possíveis por existir nesta freguesia um velho costume ligado a privilégios ou atribuições de família, que consiste em, no dia 3 de Maio, levarem (só essas famílias) cada uma a sua cruz de flores «contra as pragas agrícolas», privilégios estes que se encontram noutras regiões sob várias formas (cfr. *Origens Orientais*, p. 97). A cidade Pedrauca, de que fala a lenda, parece bem ser *pdru hka* [padruhaka] 'povoação esta' (dito pelos próprios habitantes).

20 «Deus DENSUS»

A ara dedicada a esta «divindade encontrou-se em Cilhades, Felgar, Moncorvo». Consta de

DENSO / VARSC F / LIBENS DICAVIT

Encarnação propõe: «A primeira ideia que nos surge é a comparação com o adjectivo “denso”, “numeroso”, “cheio”. Ora acontece que tal atributo pode qualificar um elemento vegetal, aquático ou outro...». Vejamos:

ug. DENSO	<i>d nsu</i> [densu]	'[este] que se levanta' (=o monumento).
-----------	----------------------	---

VARSC F

war sk ph [varske fê] 'vem fazer visível'.

O restante da inscrição poderá ser:

LIBENS

lib ans 'coração fraternal/inexorável'.

DICAVIT

d ik bht [dikabet] 'que tão depressa deu acolhimento'.

Bht 'dar acolhimento, dar as boas-vindas'.

21 «Deus DURBEDICO»

«Se houvesse indícios de que Durbedicus era o deus de fonte, de nascente, propor-se-ia uma etimologia assaz atraente. [...] O nome Durbedico significaria pois "o que goteja", "faz gotejar" [...] ligar-se-ia a um nome irlandês *derb*» (Coelho). «Seria pois um deus aquático, de uma fonte ou do rio Avus que passa perto...» (Leite de Vasconcelos).

A inscrição é

CELEA/ CLOVT/ DEO D/ VRBED/ ICO EXU/ OTO A

As duas últimas palavras não são claras. Os autores tentam sistematicamente fazer coincidir as inscrições com as fórmulas latinas que eles têm em mente.

DURBEDICO

debar dq (ac. *daqqu*) 'guia dos pequenos/fracos'.

O restante da inscrição poderá ser:

CELEA

slb 'desolado' (ac. *salabu*).

CLOUT

qlt 'queda' (relaciona-se com *ql* 'ir a correr').

O monumento pode referir-se a alguém que, tendo caído, implorou o Guia dos fracos». O [D] está separado para poder sugerir sentidos complementares:

D URBED ICO

d urbt ik [derbetico] 'o qual (é) clarabóia imediatamente'
d ur bd ik [durebadico] 'o qual a comoção separa imediatamente'.

22 ENDOVÉLICO e TANGOENABIAGUS

Cfr. *Origens Orientais*, § 5, Retrato dos Antepassados, pp. 211 segs.

23 «Deus TAURACEAICO»

Ara encontrada em Estorões (Ponte de Lima). «Tiauranceaicus é uma palavra genuinamente ibérica» (Pereira). «O estudo de Pereira é o mais completo feito até hoje sobre esta ara» (Encarnação). «As divindades cujos nomes acabavam em *-aicus* deviam ser Genii loci» (Leite de Vasconcelos).

TIAUR ANCE AICO

<i>t aur ans abyko</i> [tjaur anse aeiko]	'touro inexorável amigo verdadeiro'
<i>hayko</i>	'vivo'
<i>baka</i>	'que está aqui'.

Estorões é o nome do sítio onde se encontrou a ara:

ESTORÕES

<i>st taur un'z</i> [estourunze]	'onde está (ou: onde se apanha) o touro da força'.
----------------------------------	--

Foi nesta região que assinalámos um culto do Touro, ao qual pertencia um ritual que hoje se chama «vaca das cordas», consistindo em os rapazes tourearem um bovino preso a uma corda (*Religião Popular Portuguesa*, p. 43). «Em Braga, a procissão do Corpo de Deus integra um boi-bento coroadado de flores e grinaldas; em Ponte de Lima, no mesmo dia, a sua força masculina é objecto de admiração e de troça; levado em procissão em volta da igreja, o boi é atado com várias cordas e entregue aos homens que o puxam de todos os lados, divertindo a multidão. Não se trata de uma tourada, mas de uma festa de Primavera na qual se simula a apropriação das potencialidades masculinas do boi. A tourada de que os Portugueses são grandes apreciadores consiste num duelo entre dois machos» (*ibid.*). Quanto a outras manifestações do culto do Touro e às suas origens em Portugal, cfr. *Origens Orientais*, pp. 138 segs.

24 «Deus A. BRIGUS»

Uma ara encontrada no Monte de São Miguel-o-Anjo (Delães, Vila Nova de Famalicão) diz:

A. BRIGO / FLAUS A / PILI VAL / A. BRICII/NSIS...

«Briga é a palavra que entra na formação de grande número de topónimos com significação de fortaleza», diz um autor. «O nome do deus é simplesmente a voz celta — briga masculinizada», diz outro, enquanto Leite de Vasconcelos remata afirmando que «a palavra *Brigus* deve ser a mesma que a irlandesa *brig* 'forte'». Encarnação traduz a ara deste modo: «A(ugusto?) Brigo/ Flaus A/piliū (filius) Val/abrigensis vo/tum s(olvit) l(ibens) m(erito) merito» (sic); ou seja: «Flaus,

filho de Apilo, natural de Valábriga, cumpriu de boa vontade a promessa feita ao mérito do Augusto Brigo.»

A inscrição está deteriorada em várias partes, pelo que pretender lê-la integralmente é inventar texto que ela não contém.

Os pontos depois dos dois [A.] (A. BRIGO, VAL A. BRICII), bem visíveis, não são siglas de pessoas: é um processo para evitar desenhar o *B* que vem na palavra seguinte; portanto, será:

AB BRIGO

ab b'r ygb [ab berigo] 'pai que ilumina proeminente' (=o Sol).

VAL A. BRICENSIS

Bal Ab B'ryb 'senhor pai que ilumina proeminente'.

Se o nome da terra figura na ara, como afirma Encarnação (VALBRICENSIS, de Valbrica), então dizemos que este topónimo não deriva do latim como a inscrição o daria a entender (segundo esses autores), mas do ugarítico *Baal Brigo*; é um exemplo de latinização dos vocábulos pré-latinos que induz em erro muita gente. De facto, São Miguel, actual padroeiro do monte onde se venerava Baal Brigo, sucedeu em muitos locais ao Baal-Sol.

25 «HERMES DEVORIX»

Lápide encontrada em Outeiro Seco (Chaves).

HERMAEID / VOR — CEKAEC

Entre *Vor* e *Cekaec* existem algumas linhas ilegíveis ou discutíveis.

Para dar nome latino os autores propõem (e cumprem) acrescentar-lhe umas letras, enquanto José da Encarnação é da opinião de que Devorix «é perfeitamente celta pela sua forma», significando «Hermes rei dos deuses», como se Hermes não fosse o deus pelasgo, fenício e grego mais popular do Mediterrâneo. Baseando-nos apenas nas referências dadas por este autor, que não apresenta a fotografia, temos:

Primeira versão.

HERMAEEI DEVOR... CEKAEC

HERMAEI *Herma ih* DEVOR *debôr* 'Hermes irmão condutor'.

Segunda versão.

Se considerarmos a versão de outros autores, teremos:

HERMMEID VOR

herm ydy b'r [hermeidi bor] 'Hermes querido ilumina/brilha', ou
'Hermes falus, ilumina/brilha'.

As variações são equivalentes; as inscrições referentes a Hermes estão geralmente sobrepostas de modo a permitir várias leituras, algumas das quais obscenas. Trata-se de Hermes condutor/guarda dos caminhos, que se representava nas bermas e nas encruzilhadas sob a forma de um falo. CEKAEC, que consta da última linha, como refere Encarnação, é o mesmo que o nome do sítio onde foi encontrada (*Outeiro Seco*), detalhe importante que os autores não referem. Hubner traduziu este termo por Ceraecius «flamine da Provincia de Hespânia Citerior».

26 «Deusa IGAEDA»

Ara encontrada na Senhora do Almortão (Idanha-a-Nova), com a seguinte inscrição:

IGAEDO
CETRO
NIA
VITALIS...

A primeira palavra está sobre toda a linha, como uma dedicatória. Encarnação cita D. Fernando de Almeida, que diz: «É de importância fundamental, pois o revelar-nos ter existido uma divindade de nome *Igaedus* leva-nos a supor serem os Igaeditani assim designados por venerarem Igaedus.»

IGAEDO

ih 'd

'fraternal testemunho'

yh 'd [igaede]

'elevado testemunho'.

27 «Deus MUNIS»

Segundo alguns autores, era uma «deusa». É referida em duas pedras encontradas na região de Idanha, nas quais figura como cabeça de inscrição; numa lêem-se estas palavras:

MUN DI ICAED
MU[N] DI ICAED

Alguns interrogam-se sobre o [N] no qual, segundo a fotografia, só falta a perna, pelo efeito de uma quebra da pedra. Pereira, citado por Encarnação, restaura a inscrição (que, no entanto, é inequívoca) deste modo:

MU [N] DI (la?) IGAED(itanus)

Com tais restaurações procura-se dar um deus à Idanha. Outro autor diz «que esse deus da Idanha já não é desconhecido».

Observando a fotografia, e partindo do princípio de que, além da perna do N, não falta letra nenhuma, temos:

MVN DI ICAED

mn di yqy'd [mun di iqaed
hb. *yqahab*)]

'figura/inscrição/porção que rende preito do testemunho'

mnd'yqahab'd [mundi icaed]

'verdadeiro preito de testemunho'.

A versão hebraica é *yqahab* [icaa] 'render preito, temer, obedecer' (= ICA). Segundo Del Olmo Lete, *mnd'* deriva da raiz *yd'* [ida] 'parte, razão, mão' e 'amor, carinho'. Talvez o nome da Idanha tenha a ver com esse termo; nesse caso seria «lugar do testemunho», frequente na toponímia, lugar onde reside o rei ou o juiz. Note-se que *mnd'* deriva, é sinónimo, de *yd'* (*yq+icaed*=igueditania, Idanha); *tamn* é sinónimo de *mnd'* 'figura, porção' e 'fundamento'. No fim de contas, *igueditania*, *Egitania* são dois sinónimos precedidos de *igh* 'alto' (*ygh yd' tamn*), ou três (*yqa'edi tamn*), enquanto *Idanha*, *Iditania* são apenas dois sinónimos (*yd' tann*). Se assim for, *Egitania* não é do latim, nem *Idanha* deriva de *Egitania*: foram duas maneiras de dizer a mesma coisa, uma mais redundante que outra.

28 «Deus lusitano JUPITER ASSAECO»

«Chamam-lhe «Júpiter» por a primeira linha ser I ASSAECO, em que o I está separado por um ponto triangular de tipo «aspas». Foi encontrada no Poço de Cortes (Marvila, Lisboa) e consta do seguinte:

I. ASSAECO / VOTUM / ANIMO / LIBR / MCAICILUS / CAENO SOLVIT

Os autores, entre os quais Encarnação, interpretam: «Iovi Assaeco Votum Animo Libens Marcus Caecilius Caeno Solvit», e traduzem 'A Júpiter Assaeco Marco Cecilio Cenão satisfiz este voto com a melhor vontade'.

Dizer que I significa «Iovi» é arbitrário. *Assa* significa 'Córte', que aliás é o nome do sítio onde foi encontrada.

ASSAECO

<i>hss ahu</i>	[assa aggu]	'o Córte da ribeira'
<i>Assa hk</i>	[assaaco]	'o Córte aqui presente'.

CAENO (solvit)

<i>kan</i>	[cano]	'a norma' (cumpriu).
------------	--------	----------------------

A inscrição está em crioulo, *Ug, hr*, (cs. ac. *Hissu*) 'corte', relacionado com *hss* ou *hsy* 'cortar' (cfr. *Canaan*, p. 548, Caquot, p. 308).

Um autor citado por Encarnação pergunta: «Terá o epíteto Assaeco relação com os rios Asseca de Portugal, especialmente com o do Alentejo?» De facto, os rios e ribeiros *Asseca* têm a mesma origem: «Córte da Ribeira». Na margem do rio *Asseca*, no Vale de Azambuja, perto do Cartaxo, encontra-se um conjunto de nomes bem significativos relacionados com a justiça, obsessivamente presentes nas constelações de *Cortes*, sendo *Azambuja* a «região do povo e *Thamuje*». Vejamos alguns desses nomes num raio de 4-5 quilómetros:

ISENTA

<i>ysmt'</i>	[isemta]	'maldizer, má-língua' («tribunal dos dizeres»; cfr. <i>Lisandro</i> , <i>Lis</i> , <i>Lena</i>).
--------------	----------	---

FALCÃO	Falcão, <i>pl kan</i>	'juiz das normas'.
--------	-----------------------	--------------------

PILAU	Pilau, <i>pl (hb. pillel)</i>	'juiz/árbitro'; <i>pil hb</i> [pilao] 'juiz-água'.
-------	-------------------------------	--



«Deus Jupiter Assaeco». (*Ibid.*, foto 48).

Trata-se, de facto, do nome de um deus, mas traduz-se por «corte» (contrato/juramento). Foi encontrada em Cortes, Poço do Bispo (Lisboa); o I refere-se a Iammu ou Iw, o nome do deus-rio. A inscrição está em crioulo; note-se *caeno solvit* 'a norma [ug. *can* "norma, lei, coisa estipulada"] cumpriu'.

FAU *pl* (um pouco mais a norte, já perto de Santarém).

ANANA

é o nome do rio Asseca em frente da Isenta. Este termo está associado à difusão do direito e à aplicação da justiça entre os Semitas, constituindo uma fórmula de juramento

kort' mana

'juramento de fidelidade'
'contrato de fidelidade'.

É por esta fórmula que começa a «Assembleia da Comunidade» descrita no *Livro de Neemias* (10:1), que transcrevemos nas pp. 230-31⁶. Fórmulas judiciais muito próximas desta são:

an ana

'eu requeiro'

an an [ana on]

'digo que'.

CASAI DO REIMÃO, do outro lado do rio

ri mun (ac. *ro'i manu*)

'destino' ou 'que destino'.

ALMODOLIM, contíguo de *Isenta* sobre o rio

amadu lin

'ponto final das pessoas'

amadu lim (ac. *limu*, hb. *liom*)

'aniquilar pessoas', (mais prosaico).

⁶ Cfr. art. «Berit», *Dicionário de Teologia do Antigo Testamento*, vol. I, p. 499.

MATA-QUATRO, contíguo de *Almodolim*

Não tem a ver com o português 'matar', mas com

mt Kotaru [mat kotaro] deus dos infernos ou da magia.

Kotaru anda associado a Yammu nos antigos mitos. Os fiéis, penitentes ou supliciados, despiam-se nas ribeiras por exigência do diabo Kotaru, a fim de serem julgados pelo deus Yammu. Kotaru desempenharia o papel do actual juiz-acusador. Cfr. «Deus Aponianico», p. 140.

MATO-O-DEMO

Não se refere ao demónio português, mas a

md adama [mad adama] 'abundante choro', 'fluir de lágrimas',
associado a *dm* (ac. *damu*) 'sangue'.

PERO-FILHO, contíguo de Mato-o-Demo

pubru pilel 'reunião/compleição do juiz'.

CHARRUADA, contíguo de Mato-o-Demo

sr ri ht, ou *sr ht* [charriate] 'assediar o ceptro' (= recurso ao tribunal).

Voltando à inscrição de Lisboa, o I da primeira linha separa-se do A por um ponto. Trata-se de um artifício de certos copistas, para não terem de repetir a vogal que vem a seguir; encontram-se outros exemplos. Não abreviado seria IA, IAV, ASSAECO: YW é um nome alternativo (talvez mais antigo, segundo Del Olmo Lete) de Yamu ou Yawu, representado nos rios e ribeiros, também dito Nahar Tapatu ('rio-juiz'), em virtude de ser por meio dele que se descobriam ou puniam certos delitos, nomeadamente injúrias e adultérios. As estelas portuguesas comportando J., Jov ou Jovi (interpretadas como sendo em honra de Júpiter Jovis) poderão referir-se a Jaw, Jow, Jav ou Jov, portanto nome de Yammu. O nome *Yammu* derivou depois em *São João*, *São Gião* e *São Julião*. No rio Asseca, Yamu deu precisamente São João da Ribeira, a montante da Isenta. A temática judicial de Yammu Tsapatu é omnipresente na toponímia em volta dos sítios *Cortes*. Com a romanização, o grande Yamu podia ter sido confundido com Júpiter Jovis, «deus supremo» do panteão imperial.

A penúltima palavra é CAENO, que não é nome de pessoa, mas uma corrupção de *kan*, que encontramos nas mesmas constelações de *Cortes* sob a forma de *-cão* (*Famalicão*, *Cacães*, etc.), para dizer 'norma, direito'. O dedicante da inscrição a «norma cumpriu» (*caeno solvit*), uma expressão em crioulo.

Encarnação refere duas outras inscrições de que não apresenta fotografia em que «Jovis» é chamado, respectivamente, DEPULSORI e REPULSO. São dois títulos inspirados nas atribuições do Yammu fenício:

DEPULSORI

d plt [de politjsê] 'o que humilha, aspira, asperge' (cfr. «deus Aponianico Poliscênio»

associado a *pl* 'juiz' e a *ptr* 'rachar, fender e expulsar, afastar', atribuições do rio-juiz, que «aspirava» ou engolia os criminosos e «expulsava» ou rejeitava os inocentes. Na inscrição ao «deus Aponiânico» aparece o mesmo termo 'aspersão' (*plē*), que os autores interpretam como nome próprio, «Poliscênio».

O sítio de Lisboa chamado *Cortes* (Cortes-Marvila), não era diferente das dezenas de outros homónimos que encontramos pelo país fora. Um sítio nesse bairro lisboeta chama-se *Brito* (*kort berit*); foi um lugar de reunião cultural e de administração da justiça, como de negócios e contratos. Tal como *Poço do Bispo* deve ter a mesma origem que os outros sítios *Bispo*, nome que, literalmente, significa 'no local de reunião' (*bysp*). Seria coincidência de mais o nome da divindade ter a mesma significação que o nome do sítio onde ela se encontrava, sem que houvesse relação entre esses dois factos.

29 «Deus LAESUS»

Encontrada em Susilhão, Vinhais (Bragança). Não a podemos julgar porque Encarnação não apresenta fotografia. A transcrição que nos oferece não merece confiança: o abade de Baçal foi o único a interpretá-la, colocando pontos no interior das palavras e separando letras, a fim de encontrar siglas e abreviaturas para as conhecidas fórmulas latinas.

Na falta de fotografia, digamos apenas que Laesus, lido da direita para a esquerda, dá o nome da terra onde foi encontrada:

LAESUS → SUSEAL → susil ão → Susilhão,

o que demonstra que havia o hábito de escrever e ler este nome divino à maneira semita. Em si próprio o nome significa

<i>Sus ill un</i> [susilun]	'cavalo de Ilu poderoso' (título de Baal-Sol); Susilhão.
-----------------------------	--

Lesus, lido da esquerda para a direita, ou o inverso, significa o mesmo:

<i>lesus</i> – <i>le sus</i>	'poderoso cavalo (Sol)'
<i>susil</i> – <i>sus il</i>	'cavalo de Deus' (ou <i>sul el</i>)
<i>susel</i> – <i>sus 'l</i>	'cavalo do Alto'
<i>zu zl</i> [zusel]	'lugar de origem do brilho/luz'
<i>t zl</i> [tjusel]	'magnífico brilho'.

30 «LARES IUBANC»

Encontrada em Conímbriga, esta inscrição foi considerada «estranha» por Encarnação. Está em quatro linhas:

LARES IVBANC
DOVILONICOR
HORVM ALBV IV
CAMALI F SACR



«Lares Lubanc». (*Ibid.*, foto 50a).

A pedra devia estar colada a uma parede como hoje se colocam azulejos com dizeres do género «Deus te dê o dobro daquilo que me desejas», «Tens inveja do meu viver? Trabalha malandro!», «Estes são os cornos daquele que me quer mal».

Consta de uma pedra que estaria apenas a um suporte, talvez a uma parede. Trata-se de uma oração sob forma de praga. Apesar de os caracteres estarem perfeitamente visíveis, alguns autores tentaram modificar ou acrescentar-lhe o texto. Em nota, Encarnação escreve: «In *Compte-rendus...*, 1969, pp. 221-22, J. Alarcão e outros apresentam a seguinte transcrição: Lares Lubanc(i) Dovilonicor(um) Horum(,) Albui(us) Camal[i ou ae] f(ilius) sacr(um). Traduzindo: «Os Lares Lubanci dos Dovilonicor, aos lares destes, Albuius, filho de Camal (us ou a) consagrou (esta pedra)». Jacques Heurgon, em comentário à comunicação, prefere ligar *Horum* a *Dovilonicorum*: «Os Lares Lubanci dos Dovilonici que estão aqui». O v final da terceira linha seria uma posterior transformação de *hedera distinguens*. Achamos preferível traduzir: «Os lares Lubanci destes Dovilonici, Albuius, filho de Camalus, consagrou» (*ibid.*, p. 217, nota 1). Está em ugarítico.

IVBANC

lbank

[lubanq]

'de coração peço' («de coração, por favor!», «oh!, por favor!»).

DOVILONICOR

d bwy l nkr

[dâouilonikor]

'quem tem desejos pelo alheio'
(=quem cobiça o alheio).

HORVM ALBV IV

brum whbl iy [horum able iu]

'se desgrace e se destrua, tão certo'.

CAMALI F SAGR

<i>kam 'l ph sgr</i> [qamali fê sagre]	'como do alto [tu] veres as instâncias fechadas'
<i>km 'l ph tgr</i> [kamal fê tjagre]	'como tu por cima veres as portas'
<i>km 'l ph šhr</i> [camal fê xaâgare]	'estás por cima a ver, deus da aurora e do ocaso'.

LARES, a primeira palavra, tanto pode ser latim (= *deuses lares*) como ugarítico: *l ary* 'dedicado aos parentes'; *lars* 'na terra, no interior da terra (inferno)'; *larš* 'para desejar'.

A existência desta inscrição em Conímbriga, ex-libris da colonização romana, ilustra como outras lápides que — depois de introduzir nelas texto que elas não contêm — passam por latinas quando de latim têm apenas os caracteres. A presente inscrição está em ugarítico-hebraico correctíssimo, tal como se encontra no cuneiforme do século XV a. C., apenas com duas metáteses.

Esta espécie de oração contra os ladrões, ou os invejosos, pode ter outros sentidos e traduzir-se por pragas. Note-se que, enquanto a segunda linha forma um conjunto homogêneo, DOVILONIKOR, a terceira linha já se encontra com clareiras que sugerem leituras diversificadas. Os sentidos que daí se deduzem são complementares, relativamente aos ladrões ou invejosos. Por exemplo:

HOR VM ALB V IV

<i>hr um hlb u hv</i> [horum alb u iw]	'a caverna da mãe torce de dores por ele'
<i>hr um hlb u hw</i> [horum albueue]	'a concepção da mãe dê saltos para ele'
<i>wbr um hl bu hw</i> [uhorum albueue/eve]	'para a concepção da mãe, olha aqui vai ele!'
<i>hr um hbl u ib</i> [horum habluib]	'a caverna da mãe inchada pela fruta'
<i>hr um hbl u ib</i> [horum ableuib]	'a concepção da mãe inchada para o inimigo'
<i>hr um hbl w ib</i> [horum ablevib]	'conceba a mãe uma revoada para o inimigo'
<i>hr um hbl wib</i> [horum ablevib]	'a concepção da mãe esterco da deusa dos frutos'
<i>hr um hbl w ib</i> [horum ablevib]	'concepção da mãe esterco para os frutos'
<i>war um ab lb yb</i> [uârum aalbuib]	'venha a mãe do irmão o coração em soluços'

<i>war um 'l bu ib</i> [uârum albuib]	'venha a mãe do parente para uma cópula'
<i>war um 'l bu hw</i> [uârum albueue/eve]	'venha a mãe do parente para ele'.

CAM ALI F S AGR

<i>qm l f takr</i> [cama li fê txacre]	'levantar-se para entregar [o produto roubado]'
<i>qm aly ph s'agr</i> [qam aly fê sa agre]	'adversário o mais valente ver eliminado entregue'
<i>qm aly ph s'gr</i> [qamali fê sa gre]	'do adversário mais valente ver varrer a pele'
<i>qm l f s'agr</i> [qama li fê sa agre]	'levantar-se para ver eliminar entregar'
<i>km al pzg gr</i> [kam al fêssa gre]	'então de certeza que lacera a pele'
<i>km al ps' gr</i> [camal fêsagre]	'então de certeza penitencia a pele'
<i>km al ph s' gre</i> [camal fêsagre]	'então de certeza vê varrer o estranho'
<i>km al ph s' hrg</i> [camal fêsargue]	'então de certeza ver varrer a morte'
<i>km al ps' hgr</i> [camala pê/fêsaagre]	'então vê o transgressor preso/cingido'
<i>km 'l ph shr</i> [camal fêsagre]	'então o parente vê o deus da aurora emparelhado com o do ocaso!'
<i>km al ps' agr</i> [kamal pê/fêsagre]	'então não és transgressor de terreno alugado/cultivado?'
<i>km al ph sa agr</i> [kcam fê saagre]	'então não vê eliminar o terreno alquegado?'
<i>km al ph gsr</i> [qamal fê gaser]	'então não vê os limites [das propriedades]?'

31 «Deus LURUNIS»

«Encontrada em Cavernães (Viseu), junto de uma fonte onde foi encontrada um pia ou fonte de pedra muito grande, [daí] podemos admitir que o deus Luru simbolizaria o culto das águas e dos caminhos», diz um autor citado por Encarnação. Hubner relacionou o deus LURUNIS com topónimos franceses (*Lurdu-nun*, etc.).

A lápide, segundo Encarnação, está partida, lendo-se apenas duas ou três palavras completas, que é quanto basta; são elas LURUNI [...] ROSAI. O «deus lusitano» de Cavernães significa simplesmente

LURUNI [...] ROSAI

lur un [...] *rbs ay*(ac. *rahasu*) [râhâsay]

'no ardor da seca [...] lavar-se cada um/todos'.

Talvez um memorial: «No ardor da seca, celebrámos um rito na fonte...» Talvez *Cavernães* derive desta «grande pia»:

<i>qr bhrn</i>	[karbarranu]	'fonte das caravanas'
<i>qr bhr un</i>	[karberun]	'fonte de prantuar [gemer] as desgraças'
<i>qr war run's</i>	[carwarrunis]	'fonte de vir prantuar'.

32 «Deus MANDICEUS»

Encontra-se no Museu de São Miguel de Odrinhas (Sintra). Os caracteres estão bem visíveis.

CASSIA MATE
RMAA
DICEO
USL

Cardoso compara este teónimo com Mamdica, «uma divindade indiscutivelmente ibérica, até pela ressonância bárbara do próprio nome», e propõe-se ler MATERNA em vez de MATE/RMAA, enquanto Encarnação diz (p. 233) que «os AA não apresentam travessão e a epígrafe lê-se perfeitamente» (veremos porque é que, quanto a nós, os AA não apresentam travessão).

A pedra é de facto um ex-voto, mas não tem a ver com a pretensa divindade MANDICEUS. Tem duas leituras; para tanto, as letras estão sobrepostas.

Primeira leitura.

CASSIA MATE

<i>khş mt</i>	[kahassia mate]	'desapareceu, irmão, completamente / morreu'.
---------------	-----------------	---

RMAA

<i>rm hb</i>	[ramaa]	'praga de insectos do inferno'.
--------------	---------	---------------------------------

DICEO

<i>d itw</i>	[ditxêô]	'a que aqui está por isso [=aqui ta deixo por isso]'
<i>ditbw</i>	[ditjeo]	'aqui está ele'
<i>dysa w</i>	[dissão]	'o que se levanta/ergue por isso'.

USL

<i>itl</i>	[ixlu]	'aroma/oferenda'
<i>ult</i>	[ultx]	'de pedreiro/alvanel'.

«Deus Mandiceus». (*Ibid.*, foto 54).

Segunda leitura.

«Propaganda política».

Na segunda linha, os dois AA não têm travessão para se poderem confundir com um M; de facto, 'praga de insectos' pode escrever-se com dois *mm* (ac. *ramam*); fazendo passar o M por AA simboliza-se que os insectos são «do inferno». Porque não imprimiu as vogais em certos termos, o dedicante podia subentender um «segundo sentido» político, ou melhor, dois segundos sentidos:

CASSIA MATE

khs ih mt [kassiamâté]'desapareceu, irmão, o báculo'
(hb. *matteh*).

RM AA

romah'do alto' (hb. *romah*).

DICEO

dtwy [ditjuie]
dysa'o que dá ordens [ou: do chefe]'
'o que assoma / se ergue'.

Terceira leitura.

Também política.

CASSIA MATE

kht ih mwt [kaatj ia môté]

'o trono, irmão, está morto'.

RMM

rmm (ac. *ramamu*) 'retumbou'.

DICEO

ditjêo 'aqui tens por isso'
ditbw 'aqui está ele'
dysaw 'que se ergue por isso'.

As «versões políticas» seriam então: «Desapareceu, irmão, o Báculo do Alto que dá Ordens», e «O Trono está morto, retumbou, por isso aqui tens a oferenda». As expressões «O Trono, trono que dá ordens, trono do chefe» referem-se ao poder político da região. Note-se, a propósito, que do termo ugarítico *ṭwy* [txui] 'o que dá ordens, o chefe, o que se comporta como chefe' deriva o termo da gíria portuguesa «chui», aplicado hoje aos agentes da polícia.

A lápide procede da Madre de Deus de Sintra. É possível que o nome deste sítio seja um decalque sobre

mate rma d ṭwy 'báculo do excelso/da altura que manda'

[*mat ruma ditjue* → *matre ditjêue* → *madri deuje* → *madre deus*].

33 «Deusa NABIA»

Referem-se três inscrições à «deusa Nabia» (Pedrógão Pequeno, Baltar e Braga). Uma delas, de que se publica fotografia, diz:

CICERO
 MANCI
 NABIAE
 L.V.S.

Hubner considera romano o nome do filho (CICERO) e o do pai (MANCI) estrangeiro; Leite de Vasconcelos responde: «Temos aqui claramente como nome próprio de um bárbaro o cognome de Mancius, que em certa época passou à classe dos gentílicos», e traduz: «Cícero, filho de Mâncio, cumpriu de boa mente o voto a Nabia». Explica depois que Nabia é do sânscrito («curso de água»).

Nabia: hb. e ug. *nabi* 'profeta/peregrino/flagelante' (ug. 'esvaziado / fundido / que dá saltos', profeta extático). A lápide comemora a entrada de alguém no grupo dos extáticos, com flagelação à maneira dos nabim cananeus:

CICERO

ss ri [sisseró] 'golpeei a figura/flagelei-me' (ac. *sissu*; sir. *sessu*; hb. *ro'i*).

MANCI

mnhy [mangui] 'oferenda' (cfr. hb. *minḥab*).

NABIAE

nby hb [nabiae] 'de profeta irmão'.

Uma das lápides «a Nabia» foi encontrada no sítio do Pedrógão. *Pedrógão* deriva exactamente de *pdr glm is* 'terreiro dos gali' (extáticos/flagelantes), como dissemos no capítulo *Toponímia*. Os nabi operavam, flagelavam-se em favor da chuva, nas épocas de seca e junto dos rios e ribeiras, o que terá levado alguns a supor que se tratava de uma «divindade aquática». O rio era a representação do deus Baal-Dagon (trigo) ou Thamouze (água-trigo).

34 «Deus PICIUS»

«A ara desta divindade foi encontrada na igreja de São Pedro de Lourosa, Oliveira do Hospital; divindade de carácter desconhecido» (Encarnação). Diz ela:

ARCO MAUCI / E. PICIO VLISM

Cortez, que leu ARCO MAUCI (filio) PICIO V(otum..), explica que «comemora-se pois o cumprimento do voto prometido a PICIO por ARCO, que era filho de MAUCI».

O deus PICIO teve de ser inventado para dar sentido latino à frase: esta refere-se simplesmente a «matanças de rezes para o ispy».

F (*ph*) 'ver/experimentar (participar)'.

PICIO

yspy/tisp/yitsp [pici/pist/istpy] 'reunião (banquete)'.

Portanto, «Participei/paguei o banquete». O nome do sítio é *Oliveira do Hospital. Hospital*, nome de muitos sítios, deriva de *asp, ispi, yits* (ispyt'ly) 'reunião/colecção dos congéneres', reunião cultural ou de difusão do direito.

VLISM

wlsm 'para o sacrifício de comunhão', 'para pagamento' 'para ter paz'.

Lourosa significa o mesmo:

l rasa

'onde se come/devora'

lhasu [larasu]

'falar, onde se fala'.

Cfr. adiante 38 «Deus RANNELPICIO».

35 «Deus lusitano REVELANGANIDAEIGUIUS»

Dissemos que toda a palavra que não seja susceptível de ser transformada pelos vários autores num patronímico latino leva forçosamente o «nome de um deus» (por isso os Lusitanos teriam o panteão mais bem fornecido do concerto dos povos). No caso presente, como a integridade do texto não cabe nas grelhas, todo ele passou a ser «nome de um deus lusitano». Foi assim que Leite de Vasconcelos entendeu serem essas palavras as partes do mesmo nome; todos os discípulos o seguiram porque não se pode contradizer o mestre, nem sequer duvidar dos discípulos quando eles invocam o nome do mestre.

«Deus Revelanganidaeiguius». (*Ibid.*; foto 63).

A inscrição foi encontrada em Medelim (Idanha), e consta do seguinte texto, bem legível e com esta disposição:

RECTUS
RUFIF
REVE
LANGA
NIDAEI
GUIUS

Leite de Vasconcelos refê-la deste modo:

RECTUS RUFII F. REVELANGANIDAEIGI V.S.

e traduz «Rectus filho de Rufi cumpriu o voto a Revelanganidaeiguis». Depois hesita sobre a terminação do nome, se é *-guis* ou *-gus*. Os autores que se lhe seguiram não puseram em dúvida nem a certeza nem a dúvida do mestre. Encarnação, aproveitando uma sugestão de Leite de Vasconcelos, propõe dividir o nome do «deus» em duas partes: REVA para um lado, o resto para outro. «Foi um deus aquático (nadador?), e o nome está no «dativo pré-céltico», sem dizerem o que se deve entender por «dativo pré-céltico» (?). Discutiram depois sobre se o deus é masculino ou feminino (a androginia, facto demonstrado entre os deuses, não foi afluída); Encarnação opina que é masculino. E deste modo fizeram todos muita ciência.

O texto, distribuído por seis colunas (cfr. foto), constitui o que nós hoje chamamos um «cartaz publicitário», ou, talvez melhor, um anúncio de feira popular ou romaria. Refere-se às capacidades de um bruxo, adivinho ou médium:

RECTVS

rht [raggtu]

‘palma da mão’

RECTUS *rht us*

‘palma da mão ter’

RECTYS	<i>rḥt yx</i>		'palma da mão / do homem'.
RVFIF			
	<i>rḥi pḥ</i>	[repyph/refif]	'espírito/vidente que vê'.
REVE			
	<i>ḥw</i>	[ggave/rave]	'vida'.
LANGA			
	<i>lḥn</i>	[lagan/langa]	'inteligência'.
NIDAEI			
	<i>ndy aby</i>	[nidiaei]	'amor de relações/carinhos'.
GVIVS			
	<i>ḥwy us</i>	[gui/gwi]	'desejos (desejos de ter)'
	<i>ḥw ḥy</i>	[gu ghi]	'dele, dela'
	<i>ḥwus, ḥyus</i>		'ele ter, ela ter'.
GVLVS	<i>ḥl</i>	[gul]	'dores de parto'
	<i>ḥl it</i>		'dores de parto ter'.

O I de GUIUS confunde-se, pode também ser um L, confusão voluntária a fim de poder indicar 'parto, dores do parto', *ḥl* (hb. *ḥl ḥil*) [ggul/ghil]; com essa astúcia, interessavam-se também as mulheres casadas.

RECTUS tanto pode ser um adjetivo latino, fenómeno de crioulo, como o nome do adivinho, nome apropriado à profissão: *rḥt* (ar. *raḥatu*) 'palma da mão'. *Rḥi*, *rḥu*, *rḥa*, *rapiu* ou *rapai* significam, antes de mais, 'herói/guerreiro divinizado, moradores egrégios do inferno, antepassados divinizados, ancestrais e benéficos', aquilo a que hoje chamamos almas santas, espíritos bons, espíritos de luz; é também um atributo de Baal traduzido então por «O Curandeiro», e entra na formação de nomes pessoais (nomes teóforos). O V de RECTVS difere dos outros, aproximando-se do Y; pode também ter sido voluntário, para exprimir *isḥ* [yx] 'homem': *Rectus*, termo latino, nome de homem, título de deus ou do adivinho, associa-se na oralidade à 'palma da mão=verdade/rectidão'. Repare-se também que «desejos» está muito próximo dos termos para «ele» e «ela».

A inscrição tanto podia ser dedicada ao Curandeiro que é Baal, como podia ser o local de estadia dos adivinhos ou médiuns que actuavam através da possessão ou mediunidade. A estadia de profetas e de adivinhos nos santuários é um facto bem conhecido do mundo mediterrânico antigo; ainda hoje é assim entre nós: as «mulheres de virtude» instalam-se nas redondezas dos santuários populares ou aconselham os seus clientes a ir visitar um ou outro, conforme os costumes e as tradições a que esses locais se ligam.

Medelim, local onde foi encontrada esta inscrição, pode bem ter sido *mahd lim* [maadelim] 'na reunião/comunidade do povo':

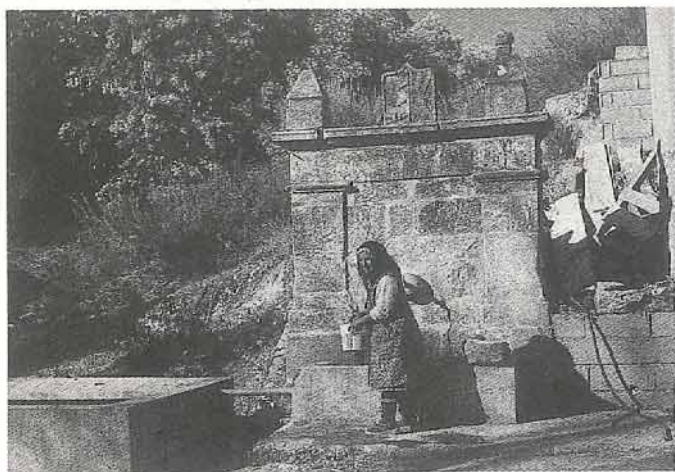
<i>mad lim</i>	'no pai do povo'
<i>md lim</i>	'reprodução/criação de gente'.



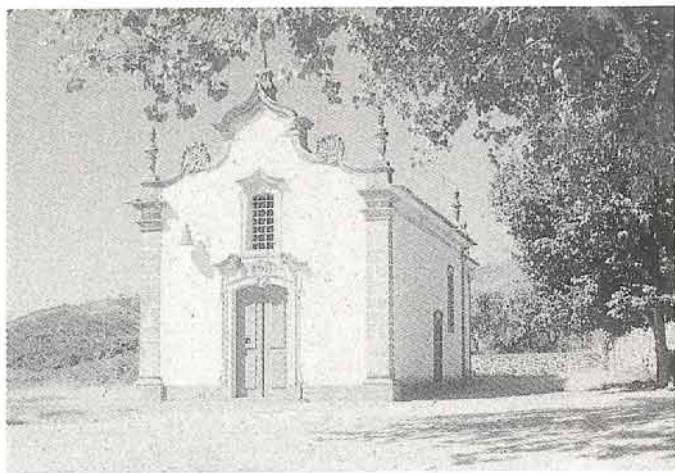
1

1 Desfile do pão na festa da Senhora da Gaiola e do Espírito Santo (Cortes, Leiria). (Foto de Severino Pereira, Leiria).

Gaiola deriva de *g'eul* 'pagamento, remissão'. Cada família que se propõe oferecer pão e bolos para o bodo da Gaiola leva três açafates no desfile processional; um deles contém uma imagem do Menino Jesus «alugada a famílias que possuem essas imagens». Foi outrora um privilégio de «certas famílias apenas»; esses proprietários recebem depois, como forma de pagamento, os bolos contidos no açafate.



2

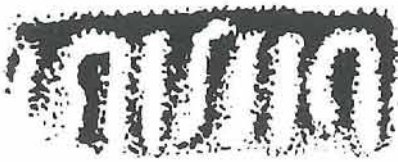
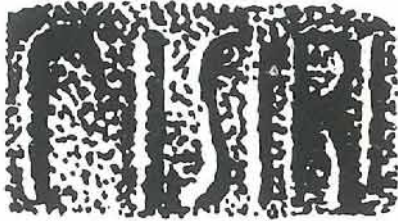
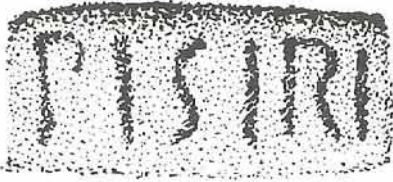


3



4

- 2 Pedra em forma de brasão sobre a Fonte de Mor, no ribeiro de Mor, na serra de Mor (Gonçalo, Guarda).
- 3 Capela em cujo adro se encontra a Fonte de Mor, em honra da Senhora da Misericórdia (ac. *miseru Kort* 'regra acordada, normas do pacto'; hb. *miseru kort* 'fronteira cortada/acordada').
- 4 Conteúdo da pedra: seis falos e a fórmula MARIA AVE (*mhr aby*) 'vigor paternal'. Foi a fonte do *mhr* 'dote, vigor'.



5



6



7

- 5 PISIRI e IRISIP (inversão de PISIRI): inscrições provenientes do mesmo local, reproduzidas pelo mesmo autor e nas mesmas circunstâncias, que as consideram também «marcas de oleiro». *pisiri* significa 'bruxedo, feitiçaria', usado na Bíblia (cfr. Jenny e Westermann, *Dicionário Teológico*, I, (p. 1264). Em ug. *pi sry* 'boca solta', *pi sr* 'dizer encantos'. Também na citânia de Sanfins foi encontrada outra PISIRI.

A inversão da fórmula corresponde à leitura normal do hebraico e de outras línguas semitas; mas pode ser um artifício mágico significando 'esconjuro', como o benzer-se com a mão canhota ou rezar fórmulas ao contrário, para agradar ao diabo. Inscritas num vaso, as fórmulas ARSI OFFIC e PISIRI — IRISIP teriam servido para os bruxedos e antibru-xedos. Ainda hoje no Minho se procede a este género de esconjuro com vasos chamados caqueiradas: durante a noite lança-se um vaso com plantas e produtos fumígenos para a rua, para exorcizar o bruxedo ou mau-olhado que passará para aquele que pisar o produto (cfr. *Religião Popular*, p. 166). No entanto, ou por isso mesmo, IRISIP também pode ser *yry sp* 'disparar o vaso', *yry ispi* 'disparar o ajuntado/consumido'; *irh 'sp 'p* 'da lua molesta o agouro'; *'sy rpi* 'fazet/molestar de curandeiro'; *'rz yp* 'o Terrível [nome de deus] aparece/assoma'. A fórmula PISIRI NOER AVI encontra-se no texto de uma ara lusitana significando «insídia/sortilégio do rio ancestral» (cfr. «Deus Arencio Cronisen-sis», p. 146).

- 6 ARCI OFFIC: inscrição encontrada na citânia de Briteiros (a partir de Armando Coelho Ferreira da Silva, *A Cultura Castreja no Nordeste de Portugal*, Museu Arqueológico da citânia de Sanfins, 1986, est. LXIV).

O autor apresenta unicamente a inscrição numa estampa de desenhos, abreviaturas e inscrições sem a fotografia dos respectivos suportes, fora do contexto, dizendo que se trata de «marcas de oleiro». *Arci offic* significa 'Arsi conjurada'. Arsi era uma deusa-demónio confundida com a Terra subterrânea ou o Inferno, a bruxa-mor associada à Lua, enquanto *ars* significa 'terra'.

- 7 Imagem da Senhora da Misericórdia venerada na capela. Parece-se mais com uma noiva do que com uma mãe.



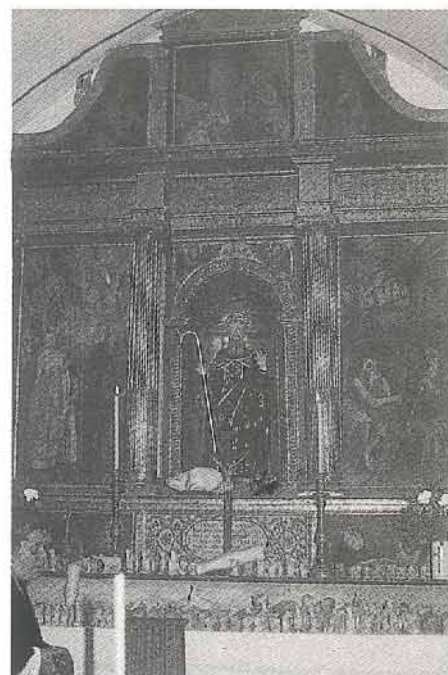
8



9



10



11

- 8 Exemplo de contiguidade dos sítios: em primeiro plano, à direita, *Reixida e Fontes*; em último plano, da esquerda para a direita; *Cortes (Gaiola)*, *Famalicão*, *Mourões*, *Soutocico*, *Curvachia* (mata em relevo), *Abadia* e santuário da Senhora dos Prazeres (ponto branco).
- 9 Aldeia de Cabeça (Loriga), vista do *Bando Real* e da encosta das *Cortes*. Ao fundo, o pico do santuário da Senhora do Culcorinho.
- 10 Vista lateral da capela de Santo Antão (Óbidos, Estremadura).
 À direita, contígua à capela-mor, encontra-se uma cozinha com um forno, reminiscência de um altar em que se queimavam as vítimas que se consumiam na festa. De facto, o culto do santo consiste unicamente em consumir chouriço assado em fogueiras que os romeiros acendem no próprio adro, ou no forno contíguo da capela-mor. As assadas de carne no adro da capela derivam dos antigos «sacrifícios de comunhão», refeições gratuitas e públicas actualmente chamadas «bodos».
- 11 Altar de Santo Antão (Óbidos).
 O culto português de Santo Antão, particular aos criadores de gado, é uma corrupção do culto de Aton/Adon, deus pastor; deste culto partiu depois o de Santo António de Lisboa. O de Óbidos é, no entanto, imaginado nos muitos locais e representado nos azulejos da capela como uma personagem caridosa que socorria os pobres, os enfermos e os caminhanes perdidos nos montes junto dos quais se fazia reconhecer pelo toque da campainha com que a sua imagem é representada. Estes traços do santo podem ter-lhe vindo da confusão com o título *atn* [aton] 'mordomo/sacerdote', que em cananita e em hurrira era o título dos sacerdotes que presidiam aos sacrifícios de comunhão (bodos) e aos actos da caridade.



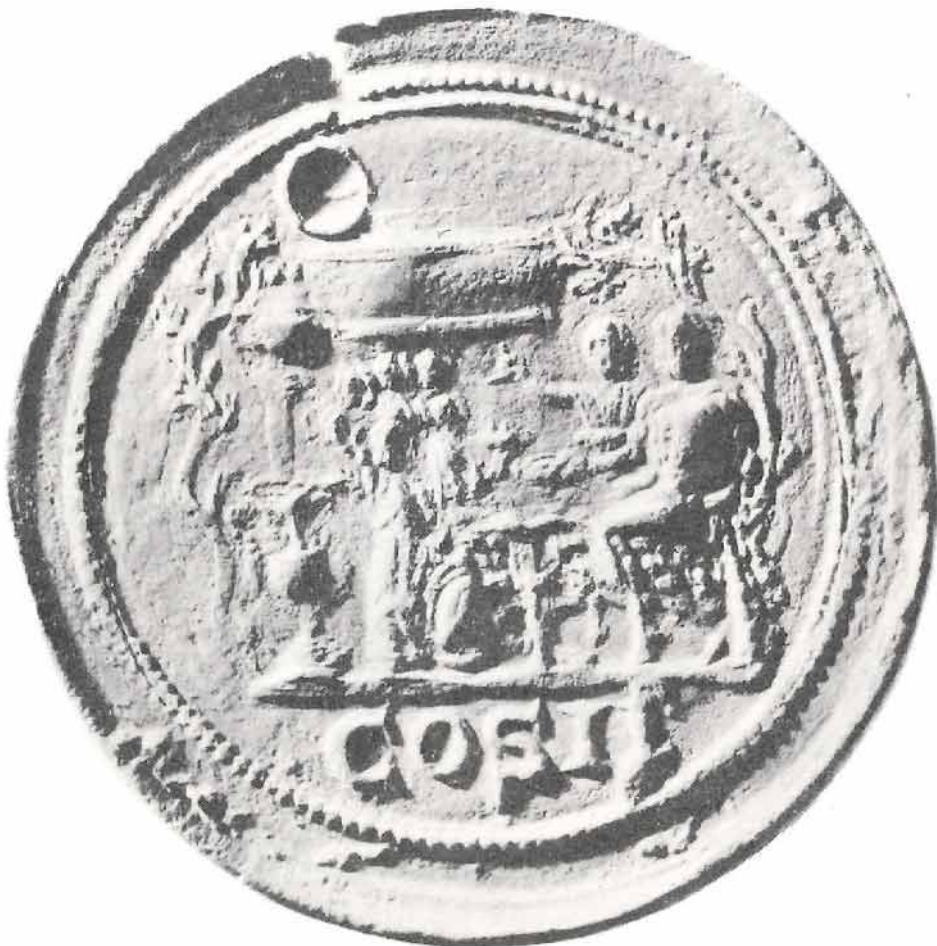
12

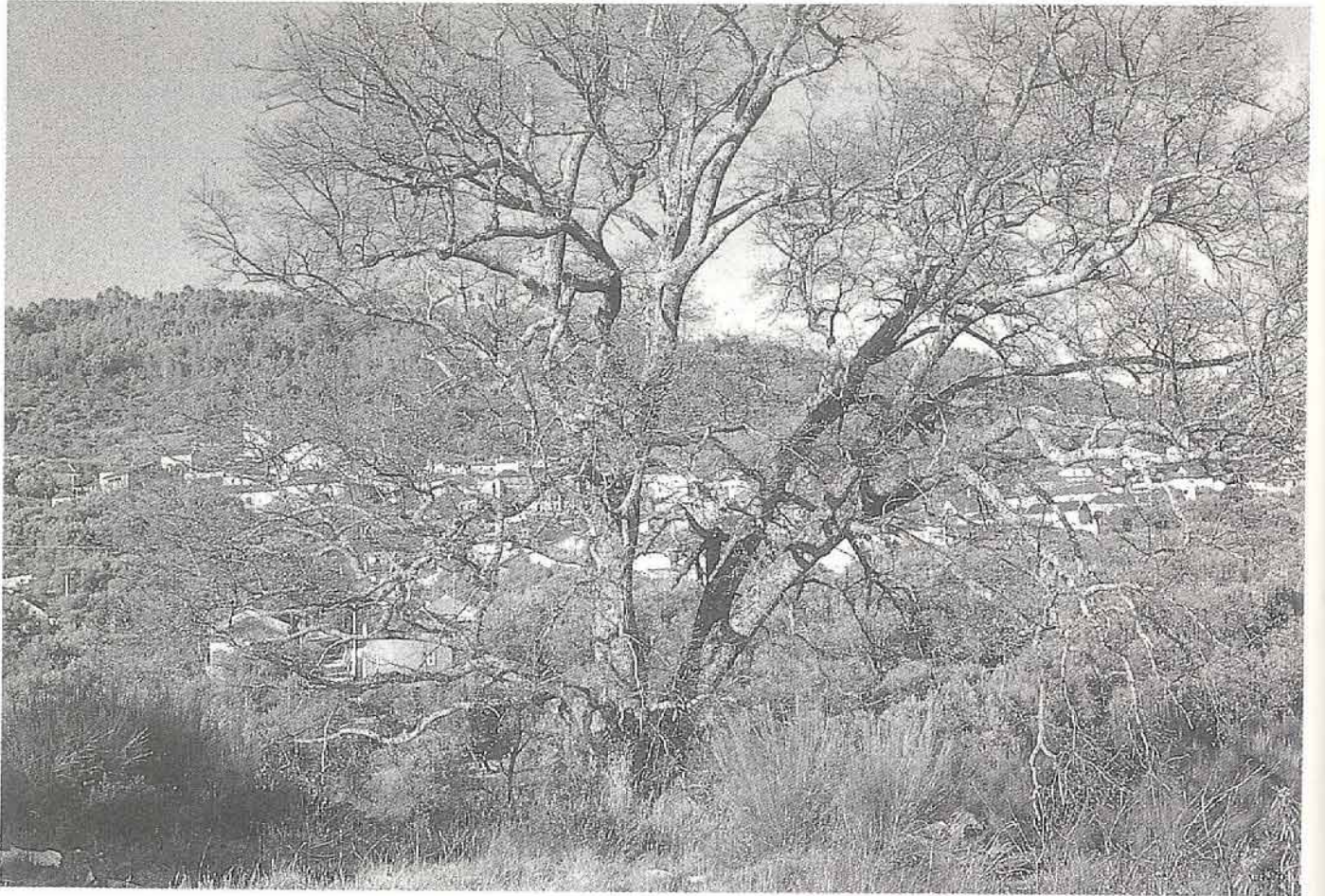
12 Moedas cartaginesas com a efígie do Cavalo Solar.

O deus supremo cartaginês tinha, tal como na Fenícia, um carácter solar. Sobre o cavalo vemos ora um disco solar (Balseiman) ora o símbolo de Astarte (crescente lunar, com o sol no interior), ora uma palmeira, que era um dos emblemas da Fenícia. Os balões de São João popular (homenagens ao solstício do Verão), ainda há pouco tempo podiam ter a forma de um cavalo. Fotos e interpretação in J. FERRON, *Le caractère solaire du dieu de Cartage*, Institut national d'Archéologie e d'Art, Tunis, I, 1966, África, tábuas I e II.

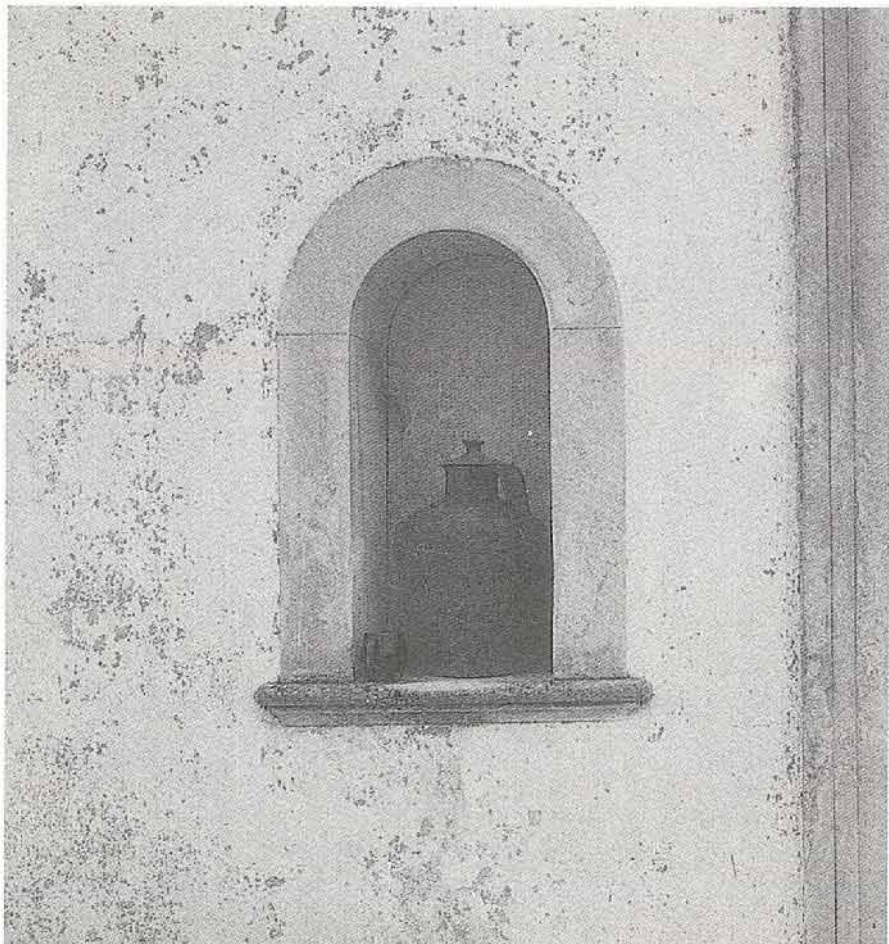
13 Medalhões romanos do século III d. C. representando um banquete sagrado em honra de Melkart de Tiro (a primeira personagem da direita).

A cena do culto refere-se ao templo de Melkart-Hércules existente em Roma, mas de origem cananita e mantido por sacerdotes fenícios. Ao fundo vê-se uma enorme caldeira envolvida em chamas, a qual tomava o lugar do altar de outras religiões. O costume de imaginar o próprio deus como um participante do banquete era comum nas confrarias fenícias; o principal benfeitor do bodo, assim como o presidente da confraria que o organizava, podia chamar-se «rei» e «deus» (cfr. *Origens Orientais*, p. 89). A bem dizer, Melkart — que segundo os autores figura nestes medalhões — é mais um título do que um nome próprio (*melk qrt* 'rei da povoação'), tal como o benfeitor dos bodos portugueses do Espírito Santo se intitula «imperador» e, em certos locais, «Espírito Santo». O templo romano-fenício em honra de Melkart estava situado perto dum mercado antigo, e era o local onde os fiéis juravam fidelidade aos contratos e alianças; o deus fenício velava pelos pesos e medidas e garantia a honestidade dos negócios (DENIS VAN BERCHEM, *Sanctuaires d'Hercule-Melqart. Contribution à l'étude de l'expansion phénicienne en Méditerranée*, separata da «Syria», XLVI, 1967, fascs. 1-4, pp. 73-109, 307-338, ed. Librairie orientaliste Paul Geuthner, Paris.

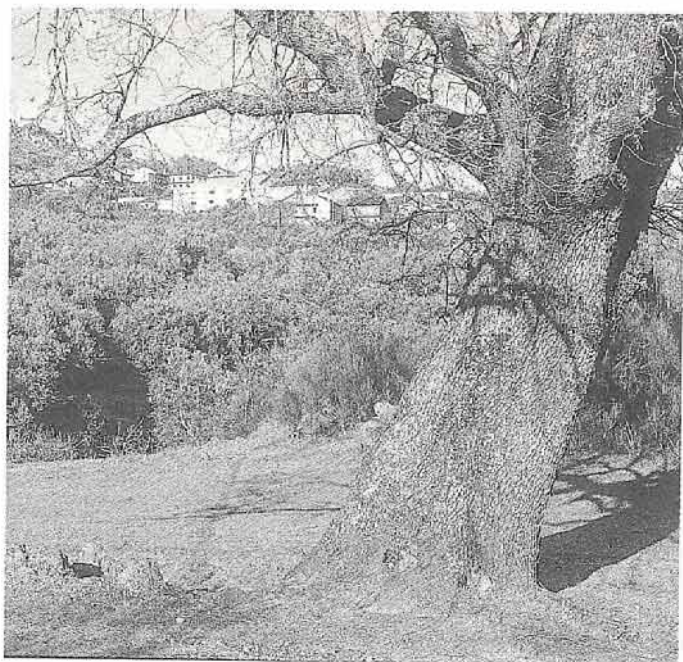




14



15



16



17

14 e 16 Gonçalo (Guarda), através do Carvalho Santo.

Carvalho Santo, na periferia de Gonçalo, donde partem as procissões da Senhora da Misericórdia. O nome da povoação (Gonçalo) deriva do nome «carvalho», que foi objecto de oráculos. O carvalho podia ser o próprio juiz (os movimentos das ramagens indicavam a sentença) e um testemunho dos contratos e das alianças: *gzy àllon* [gozièialon] ou *gzyn lalù* [gozienlalu] 'obséquio/culto do carvalho', 'venerando carvalho', *gzyn 'l* [goziè-nealu] 'venerando antepassado/parente'.

15 Légua: cântaro da hospitalidade. Capela de São Jorge (Cruz da Légua, Batalha).

Esta capela, geralmente associada à batalha de Aljubarrota, comporta um nicho com um cântaro e um púcaro para uso dos transeuntes. Um mito erudito local retomado pelos historiadores pretende que o cântaro foi aí mandado colocar por D. Nuno Álvares Pereira para servir aos soldados perdidos depois da batalha. Ora o sítio chama-se *Cruz da Légua*, nome que deriva precisamente de cântaro: *lg bh* [lâguaa/Lôguaa] 'cântaro da água'. Trata-se de um costume lusitano e semita que consistia em dispor de um cântaro junto da porta, ou no caminho de um santuário, para a prática religiosa da hospitalidade e da caridade. Ainda há vinte anos, nomeadamente nas paragens de São Jorge, Cruz da Légua e no caminho para Fátima, havia pessoas (geralmente mulheres idosas que, não podendo ir ao santuário, exerciam o dever religioso (uma pretensa «promessa de família») de manter em permanência, sobretudo nos dias de peregrinação, um cântaro e um púcaro para satisfazer aos peregrinos. O velho costume deu origem a muitos topónimos: *Légua*, *Longra*, etc. Num caso ou noutro, o cântaro da hospitalidade podia ser uma armadilha de ladrões para atrair os transeuntes exaustos que «caíam no logro»: *lg gr* [lôggueru] 'cântaro dos estranhos'; *lg 'rw* [lôghrô] 'cântaro dos exaustos'.

17 Casas numeradas da Enxabarda.

O número nas ombreiras das casas desta povoação — cujo nome significa «associação/confraria de pastores» — teria a função que é hoje a dos cartões de sócio.



18 Enxabarda.

No dia da festa não há um único habitante que não se integre na procissão, rito de integração e de homogeneização que a religião popular preza antes de qualquer outro. No passado também não havia estranhos, transeuntes ou mendigos em Enxabarda que ficassem sem comer ou sem dormir, porque era dever sagrado da povoação acolhê-los.

19-21 Penecro (Fundão).

Nas *Origens Orientais* (pp. 9-10) fez-se referência a um tipo de colunas fálicas que se encontram prostradas diante de muitas moradias, palácios e propriedades antigas portuguesas. Na religião popular da Fenícia e da Ásia Menor (e nos meios populares gregos), semelhantes colunas associavam-se ao culto de Hermes, advogado dos proprietários, protector dos roubados e, também, cúmplice dos ladrões. Entre os muitos títulos que lhe atribuíam, o mais frequente era «o que está junto dos gonzos ou das portas». Por vezes as colunas erguidas ao longo dos caminhos comportavam um falo articulado que os transeuntes, para se protegerem dos perigos das viagens, accionavam puxando um cordel; chamavam-se então em grego *nevropastes* 'movido por meio de cordel'.

Encontram-se essas colunas por todo o Portugal, diante de moradias aristocráticas e nos limites dos bairros ou dos pátios. No Fundão, ora lhe chamam «penecro» (ou «peneco»), ora «frade». O mais frequente é encontrarem-se exactamente junto dos gonzos, esculpidas nas ombreiras como mostra a fotografia. O nome «penecro» ou «peneco» provém de várias expressões cananitas homófonas que significam propriedade privada: *pn agr* [panagro] 'diante do proprietário/da propriedade'; *pn hkl* [penécalu] 'em frente do palácio'; *p nkr* [panécro] 'fala/entrada da propriedade/aquisição', 'entrada do estranho'; *p hn agr* [pênagro] 'diz «isto é / aqui está / olha aqui o proprietário!»'; *p ngr* [pênâguero] 'voz do porteiro/mordomo'; *p 'n agr* [pêcinagro] 'diz que olha/responde pela propriedade'; *ap ngr* [apenêguero] 'nariz do porteiro/mordomo'; *p'n hk* [pâinaco] 'pé/coluna de companhia'; *p'n abr* [pâinagâro] 'coluna da saída'; *p'n akh* [pâinákro] 'coluna da frente'; *p'n hrk* [pâinârko] 'coluna da tua concepção (falo)'; *p'n agr* [pâinagro] 'coluna de proprietário/propriedade'.

O nome «frade» — por que também são conhecidas essas colunas — pode ter derivado de *p'rt* [ferate] 'ancestral', um dos títulos de Hermes e de deus em geral; o ancestral (*p'rt* 'frade') associado ao falo «movido por um cordel» participava no culto de Adónis. Depois dos prantos rituais, as mulheres passeavam festivamente nas ruas accionando o falo de um figurino «para promover a fecundação»; deu o nosso frade franciscano da louça das Caldas. O falo/«frade» aplicado à propriedade privada pode ter derivado de: *pr at* [ferate]



19

20



21



'foge/afasta-te'; *pr 'd* [ferade] 'fugir dos arredores/da proximidade'; *p'r ad* [farade] 'reclama-se do pai' (falo); *ph hr ad* [fêêrade] 'ver a concepção do pai' (falo); *ph ri ad* [ferriade] 'ver o aspecto do pai'; *ph ht* [ferate] 'ver/experimentar o bastão', 'ver o terror'; *phr ad* [fârade] 'compleição / reunião / clã do pai'; *phr at* [fârate] 'agarra-te'; *phr ht* [fârâte] 'une-te a este', 'agarra a este', 'agarra, aqui', 'agarra agora'; *phr 'd* [fêrade] 'acordo testemunhado', 'a assembleia atesta' (título de propriedade).



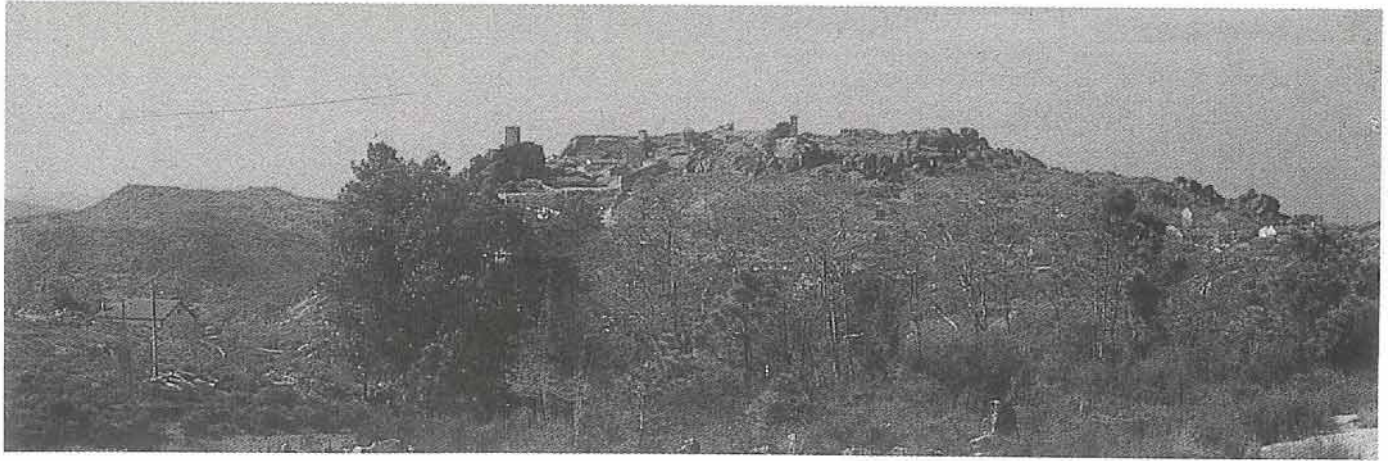
22

22 Torreões fálcos na igreja do Arnal (Maceira-Lis, Leiria).

Sob a igreja, abre-se um precipício onde cai em cascata um riacho que nasce perto. No precipício, sob a cascata, a cerca de 20 m do nível dos alicerces do templo, existe uma velha capela e uma fonte santa em honra da Senhora da Barroquinha

Durante a festa de Santo Amaro (santuário contíguo desta igreja, muito concorrido pelas aldeias das freguesias vizinhas), as raparigas que desejam encontrar noivo juntam-se no fosso da cascata para significar que estão livres. A festa de Santo Amaro é hoje sobretudo uma romaria de homens, agricultores e caçadores. Nas aldeias do concelho da Batalha (contíguo de Arnal), diz-se que os casais se «arranjam no Santo Amaro»; entre as pessoas idosas há vagas reminiscências de como a gente da contígua freguesia da Batalha aí contratava casamento. Por outro lado, Santo Amaro (como em todo o Litoral) é invocado em favor dos «ossos partidos» (pernas e braços). Tudo o que aqui dizemos está significado nos nomes da constelação de sítios em torno de *Arnal*, os quais remetem para a ideia de elo, aliança, ligação, casamento, escolha de mulheres, ritos eróticos: *Valverde*, *Santo Amaro* (santuário), *Maceira*, *Cavalinhos*, *Casal do Relvas*, *Casal do Marra*, e *Barroquinha*: *Valverde*. *B'l berit* 'fazer alianças' ou *b'l berit* 'senhor da aliança' e 'marido do casamento'; *Casal do Relvas*. *R' ybl* 'companheiro da argola/aliança'; *Amaro*. *Mabru* 'primeiro', 'marido', 'cabeça de casal' (*Código de Hamurabi*, ed. cit. p. 147), sinónimo de *b'l* 'marido, senhor'; *amar* 'ver, contemplação' e 'ligação, laço, bruxedo'; *amar ud* 'bezerro solar', (título do deus babilónico Marduk); *amraru* 'bendito', (título de Marduk); *amarru* 'deus dos infernos e dos feiticeiros'; ac. *amaru* 'plenitude, tornar cheio' (Naster, *Chrestomathie accadienne*, p. 83) e 'coisas empilhadas' (Labat e Malebranche-Labat, *Manuel d'épigraphie accadienne*, p. 309); *m haru* [amaro] 'para escolher uma mulher' (Naster, *ibid.*, p. 89). *Casal do Marra* (*da Amara*, segundo os naturais). Deformação de *Amaro*, *Amarru*, *Amraru*: *m haru* e talvez também de *mhr* 'dote' e 'vigor masculino'. *Cavalinhos*. *Qbl 'ny* [cabalêiniu] 'argola, braçadeira, correia, cinto'; confunde-se com os seus homógrafos *qbl* 'apresentação, oferta' e *qbl/qbs* 'clã' (apresentação, oferta do clã). *Maceira*. *Mzah*, *mza ary* 'encontro, ligação', 'encontro dos parceiros/vizinhos'.

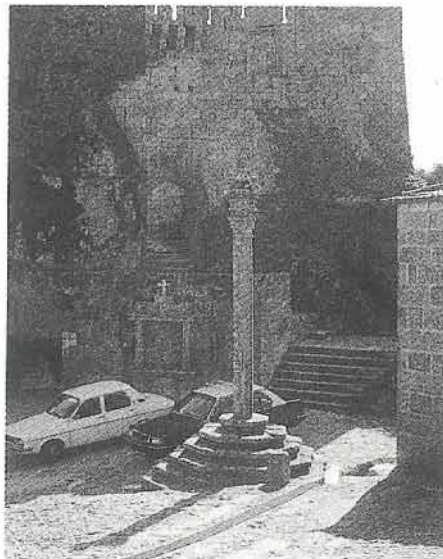
O nome *Arnal* é um achado: tanto se refere à cascata, como ao precipício ou *Barroquinha*, ao encontro para o namoro e o casamento, ou ainda aos falos: *ar nhl* [arnal] 'fluir/correr da torrente' (cascata); *haru nhl* [arunal] 'barroca da torrente' (Barroquinha) (Naster, *ibid.* p. 89); *r nalu* [arnalo] 'brusco cair/deitar/dormir' (cascata) (*ibid.*, p. 95); *har nh 'l* [arunaalu] 'escolher a mulher para parente' (namoro/dote) (*ibid.*, p. 94); *har nalu*



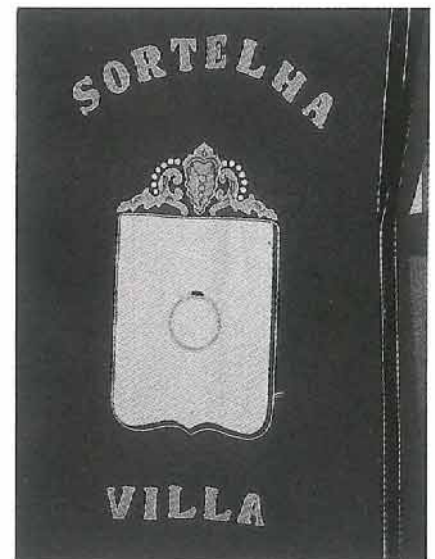
23



24



25



26

[arnalo] 'escolher a mulher de dormir' (casamento) (*ibid.*, p. 95); *hr nh 'ly* [arnaalio] 'suspiros de parente' (namoro), 'conceber um parente' (erotismo) (*nh* é duplicação de *hr*); *'r nh 'l* [arnaal] 'excitado, dirige-se para cima (falo)'; *'r nh 'l* [arnaalio] 'excitado/vigoroso para o parente' (falus);

As atribuições de Santo Amaro (cura dos ossos partidos) vêm-lhe das várias homofonias: *amaru* 'coisas empilhadas', 'encher' e *amar*, que tanto significa 'ver' como 'encargo encomendado', tipo de feitiço (coisa ligada num molho, silva ou vime atado), que «enlaça, enfeitiça» quem o vê.

Amarru (deus das feiticeiras) era um deus ligador; Santo Amaro restaura os ossos partidos, reempilha os ossos.

23 Sortelha, vista de Barbas Ruivas.

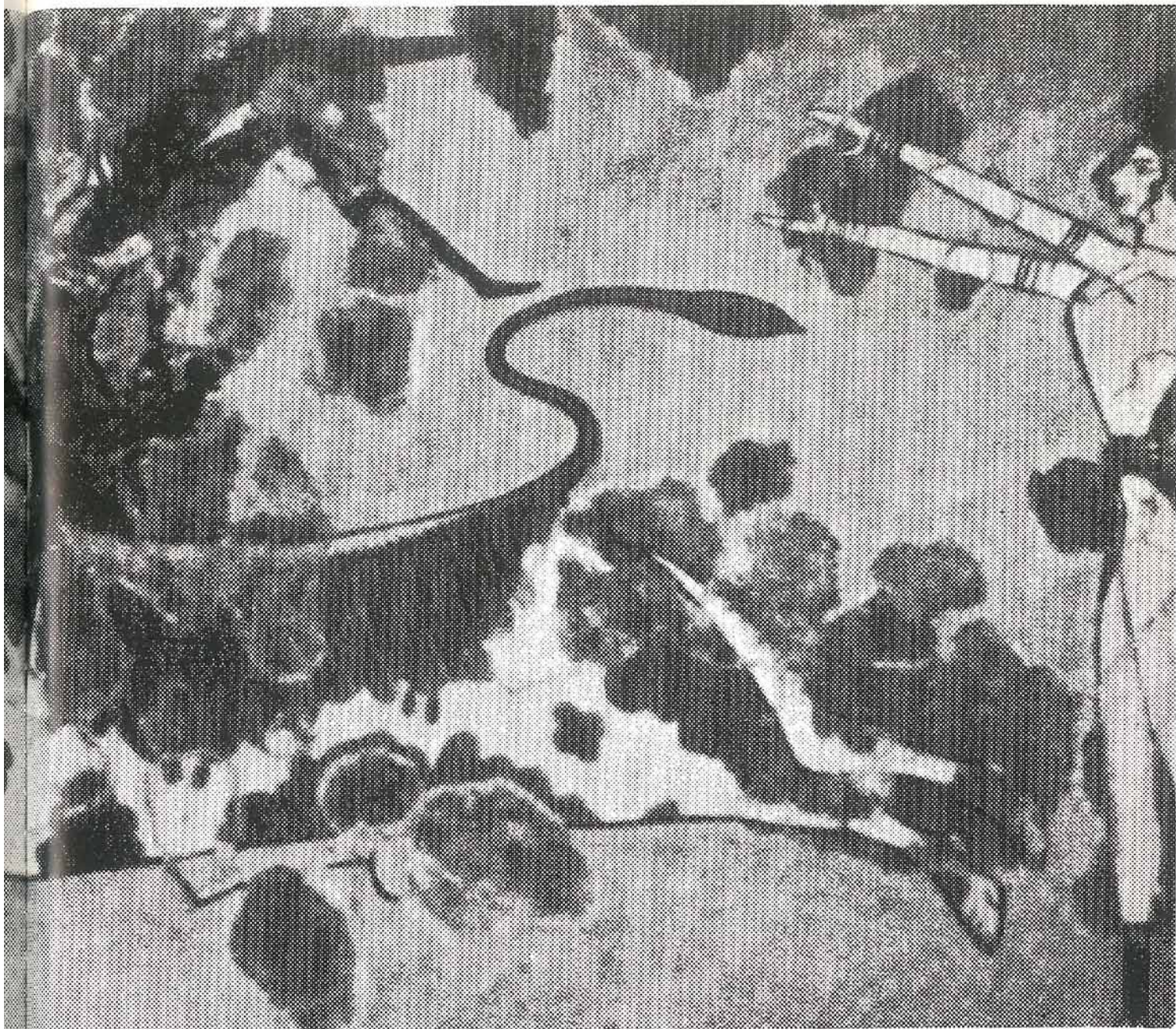
24 Sortelha, porta principal do castelo.

Na ombreira da porta vêem-se dois padrões para aferição do metro e do côvado; deram origem a Cofre, nome do bairro e do lanço da muralha que começa nesta porta: *kp 'r*, *kf 'r* «balança de permutar»; *kp pr* «balança de negociar/cortar» *kpr* «satisfazer (aferir)»; ac. *qpr* «cortar/negociar».

25 Sortelha, pelourinho e Varanda de Pilatos (*pl ht*, *p last*, *plt*, *pltt*).

26 Emblema da Sortelha: anel, argola ou aliança (*̄rt*, *ybl*, *berit*, *qblbl*).

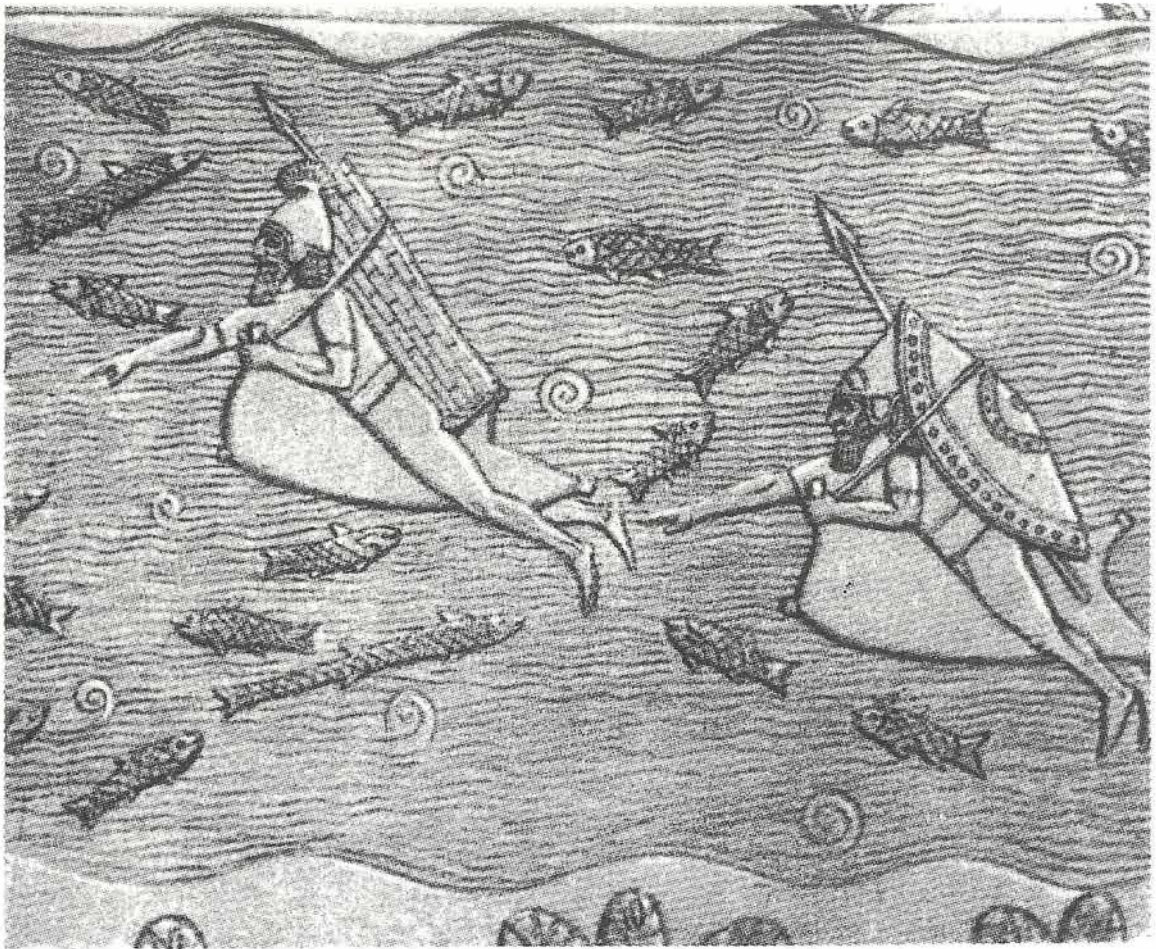




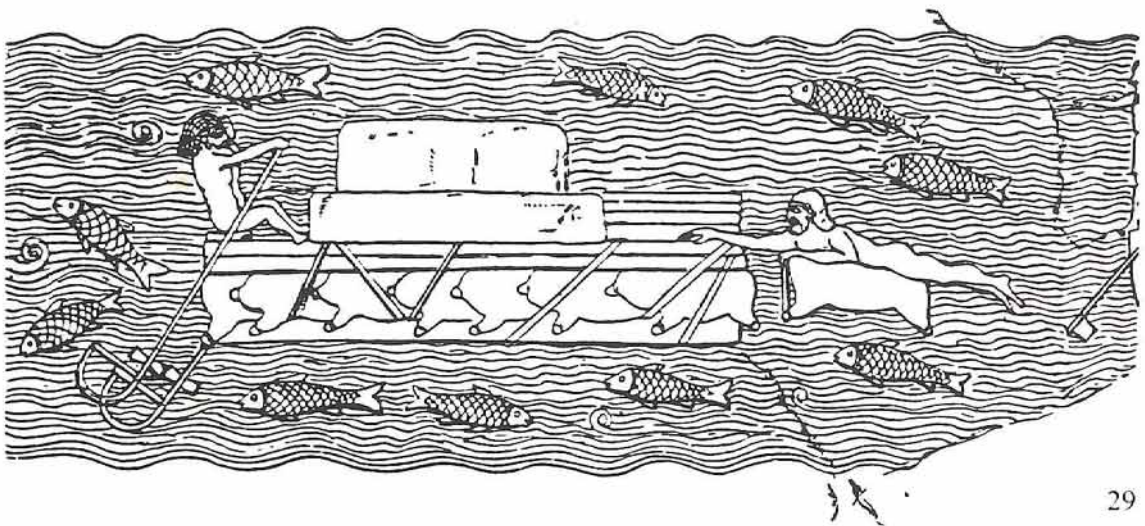
- 27 Tourada em Creta, fresco de Cnossos, 4000 a. C. (A partir de Zvi Herman, *Peuples, mers, navires, Arts et metiers graphiques*, Paris - Massadah, PEC Press, Tel Aviv, 1964, p. 131).

Nas *Origens Orientais* dissemos (p. 138) que o abate de touros para os bodos apresentou no passado um aspecto particularmente lúdico sem o qual, para as confrarias, não havia promessa cumprida. A carne consumida no bodo do Espírito Santo tinha de ser de «touro bravo» corrido na praça pública; a carne das «reses mansas», à qual o bispo de Leiria pretendeu obrigar o povo festeiro, desaparecia por obra e graça do Espírito Santo, a quem não agradava a moleza dos outros bichos. Sugerimos até que o abate de centenas de touros que David e outros senhores de Israel ofereciam ao templo de Jerusalém transformou a Cidade Santa num imenso e permanente festival taurino. Assim seriam também os *yspi* do *berit* lusitano.

Na figura vemos um homem que apanha o touro pela frente, uma mulher atrás (vestida com uma peça de vestuário semelhante aos nossos calções de banho), e uma outra a saltar sobre o animal como num exercício gímnico que faz lembrar os forcados ribatejanos. Zvi Herman diz que as mulheres de Creta participavam no desporto taurino e, noutros jogos perigosos, ao mesmo título do que os homens; em todos os outros domínios, a mulher cretense gozava dos mesmos direitos que o homem.



28



29

28-29 «Barcos de couro», relevos do palácio de Nínive. (*Ibid.*, pp. 321-22).

Para incutir a ideia de atraso dos Lusitanos aquando da conquista da Península pelo império romano, Estrabão diz que os Lusitanos usavam «barcos de couro». Pela figura 28 ficamos a saber em que consistiam tais barcos: «soldados assírios sobre flutuadores atravessando uma ribeira».

Em 29 um meio de transporte consistindo numa espécie de canoa construída a partir de um estrato horizontal de odres; à popa um homem sobre um outro odre, como num atrelado. É evidente que as embarcações concebidas com odres eram muito mais rápidas e sustentavam maior peso do que as de madeira.

«Deus Tuareo». (*Ibid.*, foto 68a).

36 «Deus TUERAEUS»

Inscrição encontrada no castelo de Vila da Feira (Douro Litoral), onde se encontra.

DE [?]
 TVERAEO
 VOIENTI (ou VOIENT L)
 ARCIVS
 EPEICIB (ou EPEICI B)
 RACARVS
 [?]

Duas ou três letras numa última linha não se podem ler por causa da cal que fixa a pedra à peanha. A primeira linha não é igualmente legível, embora os autores aí vejam DEO. Na terceira linha vemos bem VOIENT (com um I, não um L), conquanto os autores leiam Volenti (para dar o adjectivo latino «benévolo»).

Leite de Vasconcelos traduziu-a deste modo: «Ao benévolo deus Tueraeus consagrou este monumento Arcio, filho de Epeico, brácaro de nação», referindo que «o nome do deus bem como Epeicus são desconhecidos, mas o sufixo *-aeus* é variante de *-aius* ou *-aios*, que se tem por céltico; o nome bárbaro Arcius lê-se noutra inscrição peninsular». Encarnação refere que a sigla final S. F.(?) «é susceptível de outras interpretações» que, por enquanto, desconhece, e, finalmente, associa este «deus» a outros chamados «Toiraecus, Banda Velugus...».

Tanto o I na segunda linha, como o B na quinta, encontram-se um tanto destacados da palavra precedente sem estarem no entanto ligadas à seguinte, artificio conhecido: tanto se podem ler como letra final como primeira letra da seguinte, permitindo efeitos de leitura novos ou complementares que trazam variações/complementos à ideia.

O vocábulo EPEICI é inconfundível, tal como está ou decomposto: *hpt̄* (ac. *hpt̄ju*) 'soldados / mercenários / homens livres'; *hpt̄t̄* 'liberdade, qualidade

própria de quem é soldado-mercenário'; *h̄p syb* [apsib] 'beira-mar/ocidente' e 'cativo'; *aps* (hb. 'epes) 'extremo'; *sbu, sbi* (ac. *sabu*; hb. *saba*) 'exércitos, tropas'; *ap'* (hb. 'epe'eh) 'víboras'; *tyb* [tsibe] 'voltar-se, volver-se'; *tybr, ytybr* 'romper, romper-se'. ARCIVS: *ars* 'terra', *lars ytb* [larss itxibe] 'regressar à terra'. ARS EPEICI é igualmente uma expressão consagrada. Vejamos então as várias hipóteses, cada termo separadamente.

TVERAEO

<i>t' r r' ab</i>	[tuaraeio]	'dispor mesa de companheiro'; 'cinto de companheiro irmão'
<i>twr rehu</i>	[tor reao]	'touro nosso [touro que habita aqui]'
<i>tr'</i>	(aram. <i>tera'</i>)	'fender-se/lacerar-se'
<i>tur r' hwy</i>	[tuerea euiu]	'cinto de companheiro ser'; 'cinto de companheiro desejar'
<i>thw r' hwy</i>	[tourea euiu]	'desejar companheiro ser'
<i>thw r' hwy</i>	[toureaeuiu]	
	(hb. <i>rea'</i> , <i>re'eh</i>)	'ter desejo de companheiro ser'
<i>th r' hwy</i>	(hb. <i>tuah̄</i>)	'renovado companheiro ser/desejar [=ser iniciado]'
<i>thr ab ih</i>	[teara io]	
	(hb. <i>tahor</i> , ar. <i>tahura</i>)	'puro irmão, brilhante irmão'.

VOIENTI

<i>w in nth</i>	[voiente] (hb. 'ien)	'por não ser levado/carregado'; 'por não ser agitado/sacudido'
<i>w in nt'</i>	[voiente]	'por não ser atacado/trespasado/triturado'.

ARCIVS

<i>ars</i>		'terra/circunscrição'
<i>ars h̄ptib</i>	[arss epetxib]	'lugar dos mercenários da Morte inimigos'.

L ARCIUS

'entre a terra/circunscrição, para a terra'.

EPEICI

<i>h̄pt</i>		'soldado / mercenário / homem livre'
<i>h̄pt b</i>		'soldado na'; 'soldado entre'
<i>h̄pt ib</i>		'soldado inimigo'
<i>h̄pt syb</i>		'soldado cativo'.

B RACARUS

<i>rhq</i>		'longe, apartado'
<i>rahq rz</i>		'afastada luta / afastado da luta'.

EPEICI B RACARUS

<i>h̄ptb rhq ruz</i>	[epetjiberacaruz]	'homem livre longe da luta'
<i>'p tib h̄k ruz</i>	[epetjiberacaruz]	'escapado da companhia dos lutadores'
<i>h̄pt syb rhq rz</i>	[epetjibraagcaruz]	'litoral/ocidente afastado da luta'
<i>h̄pt syb h̄k rs</i>	[epetjibgaacaruz]	'litoral/ocidente aqui imobilizado/tranquilo'

<i>hp sb rḥq rz</i>	[epesibrhaacaruz]	‘ocidente inimigo da longínqua luta’
<i>hpt̄ ib rḥq rz</i>	[epeitjirhacaruz]	‘liberdade inimiga da afastada luta’
<i>'p yṭibr(t̄br) ḥkrz</i>		‘voar cortado da companhia dos com-
	[ôpeitjibrhacaruz]	petidores’
<i>hp sbu rḥq rz</i>	[epesibrhacaruz]	‘banda de soldados afastados da luta’.

O termo *ar̄s* (cfr. ARSIUS) anda associado, por antítese, a *hpt̄* em certas circunstâncias, significando ‘terra/casa da perca da liberdade’ ou ‘circunscrição dos mercenários da Morte’ (teatro da guerra), como também ‘prisão’, ‘lazareto’, ‘ossário’ e ‘terra dos lamentos’ (Del Olmo Lete, *Canaã*, p. 553). Na inscrição temos exactamente LARCIUS EPEICI. Portanto, muito provavelmente,

VOIENTI ARCIUS EPEICI B RAKARUS

‘por não ser agitado/carregado na circunscrição dos mercenários/soldados em a longínqua luta’; ‘por não ser atacado/arrastado o litoral/ocidente com/para a afastada luta’; ‘por não ser circunscrição nossa dos mercenários da Morte, afastada a luta’; ‘por não ser a terra nossa local de liberdade dos mercenários da Morte, longe da luta’. Refere-se portanto a uma região ou a alguém que ficou livre de ser atingido pelos mercenários/soldados da Morte que lutam em região distante. Se se refere a uma pessoa, parece ela ter cumprido um ritual de «companheiro», ou ofereceu um bodo, «bodo de companheiro» (para a significação de ‘companheiro’, cfr. topónimos adiante *Cortes*, *Relvas* e *Redondo*).

A palavra que serve de título à inscrição, DEO como os autores a lêem, pode não ser latina («a Deus»), mas ugarítica, *d hb* [dao] ‘qual inferno/lodo’, ou *d w* [dão] ‘quem/qual, por quê’ (=este monumento é por...).

37 «Ninfas campestres FIDUENA e COSUENEA»

Duas inscrições gravadas numa rocha no local chamado Bouça do Capitão de Ferrença, constantes dos seguintes textos, segundo Martins Sarmiento,

NIMIDI (ou NIMID) FIDUENEARUM HIC e COSUENEA E HS

Leite de Vasconcelos, a fim de construir uma frase latina, corrigiu a primeira inscrição, descoberta e transcrita por Morais Sarmiento para: «Numinibus Fidueneam hic», traduzindo-a em «Aos poderes divinos das Fiduena aqui [se pratica o culto]».

Os termos *nimid* e *fiduena* são sinónimos em ugarítico, relacionados com a actividade sexual: NIMID *n'm yd* [neimid] ou NIMIDI *n'm ydy* [nimidi] ‘gracioso amor’.

FIDUENEAM é o que consta da inscrição, e não FIDUENEARUM. Simplesmente, o A tem um sinal, espécie de cruz, no interior. *Fidueneam* é a associação de duas expressões: ‘ver / experimentar amor / carinho / membro viril’ e ‘gracioso/amável’.

FIDUENEAM

ph ydy n'm [fe idi eneam] ‘experimentar amor gracioso’.

Expressões próximas: *ph ydnh* ‘ver estimular’; *phh ydnh* ‘insídia da estimulação’; *mm* [amam] ‘envolver, incluir, cobrir’ (emprenhar).

HIC

yqy ‘render preito, temer, obedecer’.

COSUNEAE

kasu'ny [Kasuenia]'trono/assento de dizer/responder ou de cantar/celebrar'. (AE: *ahy* 'relacional, fraternal/social').

HS

[ass]

'corte/contrato'.

Portanto, trono de dizer/celebrar contrato. Foi um local de ritos eróticos/nupciais. O sítio está incluído no âmbito da constelação Valverde/Eiriz (cfr. adiante), vizinho dos sítios *Costa* (*agzt* 'núpcias') e *Pedra Posta* (*bht* 'vergonha/desvergonha', como consta da toponímia). Um lugar da freguesia chama-se *Vale de Amores*. A rocha onde está gravada a inscrição é rotunda como um seio, semelhante às que ainda hoje se associam ao culto mariano e ao parto (cfr. *Religião Popular*, pp. 28 segs.). O termo *kasu* exprime geralmente 'altar/trono'. *HS* é 'corte/contrato'. Um lugar próximo chama-se *Paraíso*: *parasu* 'corte/convocação'; *pa rrs* 'falar contrato'.

38 «Deus RANNELPICIO»

Encontrada na capela de São João Baptista, Vilar de Mó, Belver (Gavião). Consta do seguinte texto:

AMINUS [ou AMMINUS]
TALTICI
[RA] NNEL
PICIO
DVL

Jalhay lê «Amnius Taltici filus Rannel Picio dedit votum libens merito», e traduz: «Amino, filho de Taltico, cumpriu contente um voto feito a Rannelpicio»; «a fórmula da dedicatória (DUL) é um pouco original, e não me lembro de a ter lido noutras epígrafes do país». Parece não se ter tratado de uma ara, mas de uma simples inscrição numa coluna espetada no solo. Os M da primeira linha têm uma perna em comum. A lápide está deteriorada na terceira linha, no local assinalado por parêntesis rectos; os autores interpretam RA.

AM MINUS

hm minus

'vestíbulo de contar / vestíbulo da razão/do destino'.

'm ns

'para separar/desarreigar/carregar [receber]'.

TALTICI

T'lt it [taaltitx]

'evocação/curadoria oferta'.

RANNEL

hnn 'l

'benfeitoria dos congêneres'

hnn 'ly [ranenel]

'benfeitoria do Altíssimo'

hnn n'l [ranenel]

'benfeitoria/ofertas de andor/palanquim'.

PISCIO

yspi it [yspítxio], [pystxio] 'reunião/coleção/banquete de oferenda'.

DUL

dl [dál] 'pobre'
dll 'tributo/homenagem'
dul 'a da força (da coesão)'.

A pedra assinalaria o local onde se agrupavam os dons oferecidos para o bodo dos pobres?

O nome do sítio, *Gavião*, derivado de *hwyn* [gaviun] significa, por um lado, 'prostração' e, por outro, 'reunião, união' (lugar do culto).

39 «Deusa VIBONIS»

Encontrada no santuário da Senhora da Hedra, Cova da Lua (Bragança). O abade de Baçal leu-a:

[?] CVS
 VIBONIS [?]
 L.V.V.I. [?]

e interpretou-a «[Fla]cus viboni s(olvit) l(ibenter) v(otum) v(otum)» 'Flaco cumpriu de boa vontade a promessa feita ao deus Vibon'. O mesmo autor diz que «faltam letras» e que há «vestígios de letras» em vários sítios. Fala de cinco linhas quando unicamente apresenta três. A sua tradução não corresponde às letras. Também não explica as razões que levaram o gravador a escrever duas vezes V(otum). Apesar destas deficiências, os autores não hesitam em referir-se ao deus Vibono. Como não se apresenta fotografia nem nenhum outro autor leu tal lápide (segundo Encarnação), o abade de Baçal, no nosso entender, não merece confiança.

Podemos, no entanto, dizer que *Hedra*, o nome da Senhora em cujo santuário foi encontrada a pedra, procede de *Atrt* [atjart], deusa-mãe-esposa de Ilu, mais conhecida por Atart, ou Astarté, cujos santuários se diziam exactamente *Atr* [atre] 'lugar santo, santuário', *Adr* [adre] 'cerca, árvore grande' e *hdr* [hedra] 'câmara, estância'. O topónimo *Cova da Lua* pode referir-se ao mesmo culto, sendo a Lua o símbolo de Astarté.

VIBONIS pode ser *bi bny* 'na criação' ou 'na criadora'.

Os lugares próximos são *Espinhozela* e *Santa Comba*. *Espinhozela* = *yspi'ny shl* ou *yspi'ny zl* 'reunião de dizer/celebrar' ou 'reunião de brilhar/resplandecer', que é o mesmo em ugarítico. *Santa Comba* é, como referimos nas *Origens Orientais*, um dos nomes da Astarté das Viagens, a Santa Columba dos Fenícios.

40 «Deus ARIBU TARMUCENBAECI OECEAEICI»

Encontrada em Granjinha, Chaves. Encarnação atribui-lhe o texto que segue, mas os autores não entendem o sentido dos atributos destes «Lares». O texto diz bem ARIBU, mas todos os autores persistem em ler LARIBUS. Leite de Vasconcelos também não entende o texto. Isto não impede de o referir a um deus lusitano.

Humber diz que TAR «parece ser um topónimo, baseado porventura no antropónimo celta Tarvos». Eis o texto:

		ARIBU TAR MUCENBAECIS OECEAECIS AELIUS RAVV VSLM	
ARIBU			
	<i>ar bu</i>	[arebu]	'luz chegou'
	<i>arybu</i>		'parente chegou'.
TAR			
	<i>tar</i>	[tjar]	'zeladores da honra/parentela'
	<i>tar</i>		'fiança [de casamento]'
	<i>arb'</i>	[arabu]	'quatro'
	<i>rb'</i>	[arbiu]	'quatro' e 'entregar/compor'
	<i>ah rb'</i>	[aarbiu]	'o irmão compôs/entregou'.
MUCENBAECIS			
	<i>mswn bh̄t̄it̄</i>	[mexon baetx̄it̄x]	'comissários/delegados bem-vindos são'.
OECEAECIS			
	<i>w hss h̄s it̄</i>	[uesse aessit̄x]	'para que se recorde «corte»/contrato/ promessa existente'
	<i>w hss h̄s ish</i>	[uesseessix]	'para recordar contrato/promessa de homem'
	<i>hss ass it̄</i>	[oesse esse it̄x]	'recorda-se o acordo/promessa existente'.
LAELIVS RAVV			
	<i>lh̄litrhb</i>	[lahelit̄x raab/raav]	'para baluarte ser [continuar] amplo'
Ac.	<i>rabu</i>	[ravu]	'grande'.
VSLM			
	<i>w slm</i>		'para pagamento / como pagamento [da promessa]'

A expressão *slm* significa 'paz' e 'pagamento' (da promessa). A expressão *hl rb* 'baluarte amplo' é uma fórmula consagrada para dizer «Deus», «O Senhor», «Fénix (de asa) ampla», e um símbolo maternal da cidade (*Canaã*, pp. 547, 309 linha 9). Aparentemente político (visando agradecer a vinda de delegados ou fiadores de um acordo), o texto pode também referir-se à vinda do namorado («compôs-se o acordo»), sendo *tar* simultaneamente 'parentela, fiador da honra, organizadores ou acompanhantes'. O «baluarte amplo» será então o clã ou a família, à qual a expressão também se aplica.

41 «Deus ARACOARANIONICEO»

O nome de mais este «deus lusitano» encontrou-se em Manique (Alcabideche, Cascais). Leite de Vasconcelos apresenta-o: «Divindade de carácter incerto. Aracoaranionoceus? Coaranioniceus? Infelizmente é muito incerta a leitura, pois -ARA pode fazer parte do nome da divindade ou ser o substantivo comum “ara” que às vezes se encontra nas inscrições desta espécie. O resto da inscrição não é mais claro...». «Quanto ao seu nome, é provável que Niceus queira dizer “oriundo de Niceia” ou “cultuado em Niceia”. Esta hipótese um tanto simplista talvez implique um contacto dos povos desta área com as civilizações orientais. [...] Mas tudo isto serão, quiçá, fantasias sem valor. [...] O nome Maxuma é frequente. Em votos de Endovelicus encontramos uma Critonia Maxuma e uma Iulia Maxuma, ambas sem indicação de filiação; todavia, a dedicante é indígena por parte do pai. Sobre Auvus, cfr. Palomar, p. 47, onde se alude à forma *Auva*, registada em Ávila» (José da Encarnação, *ibid.*, p. 97).



«Deus Aracoaranioniceo» (A partir da mesma obra, foto 6).

Contém este texto, e disposto deste modo:

ARACOARANIO
NICEIOIMAXUMA
AVVIVASLS

A inscrição está seguida sem fazer qualquer separação das palavras. Este efeito não se deve à «singeleza» ou ignorância dos escribas, como os autores têm tendência a dizer. O que se procura é o efeito contrário: possibilitar várias leituras, sempre complementares, nunca contraditórias. Pode ter sido um memorial sobre uma aflição colectiva, uma praga agrícola, por exemplo; a primeira parte é um dito referente à luz ou brilho, a segunda é um exemplo prático para corroborar a filo-

sofia desse dito; deste género: «Alarga-se a luz do suspiro | exalado de cada um, tão certo como a desfalecida mãe | reviver para a tábua de amassar.»

A «luz» nesta linguagem tanto pode ser o «esplendor» de um rito, a sua difusão no meio, ou a sua beleza formal, como o resultado do rito, o seu efeito divino. A ideia inicial, a primeira parte, ilustra-se com um exemplo prático, banal, ligado por um elemento estilístico que é o I [i], 'tão certo como'.

O autor teve a preocupação de deixar numa linha ARACOARANIO, que dá a ideia-base da «filosofia» do dizer, sendo as outras duas os complementos ou a demonstração. Comparando esta inscrição (numa pedra esmerada e ostentatória) com a «APONIANICUS», também pedra rica e esmerada, constatamos que o autor daquela se preocupou sobretudo em transcrever um texto sem ambiguidades, assinalando inclusivamente as diferenças de pronúncia. Nesta inscrição, o autor deixou a possibilidade de múltiplas leituras do texto, desenhando os caracteres de uma forma idêntica, «filosoficamente», ocupando apenas um pequeno espaço de uma ara enorme, com apenas — não é seguro — uma diferença mínima antes e depois do I. Os dois VV podem confundir-se com um W, enquanto, aqui como nas outras, o V tanto pode ter valor de B como de U. Também não sabemos que valor fonético tinha o CE: SSE ou XE? Ambas as fórmulas são possíveis entre os Portugueses de hoje, por maior razão entre os antigos; como também não sabemos se o X de MAXUMA se lia X ou QS. Para nos aproximarmos do sentido do texto, teríamos de esgotar todas as hipóteses, o que é difícil. Vejamos pelo menos estas:

ARACOARANIO NICEO

<i>ark ar any an ysa ay</i> (ac. <i>araku</i>) [árâkoâranionissâio]	'alarga-se a luz do suspiro que se liberta de cada um'
<i>ark ar any an ysa hu</i> [aracoâranionissâeo]	'larga a luz do gemido que saiu dele'
<i>ark ar any an issa hu</i> [aracoâranionissâeo]	'estendeu-se o brilho do gemido forte da mulher dele'
<i>ar ko ârany wns ay</i> [ârâcoâraniônissâio]	'a luz, sim, brilha deveras, e intenta qualquer um'
<i>ar ko ar an y ns'ay</i> [ârâcoâraniânissâio]	'a luz, pois, que ilumina onde quer, deveras, desprende-se de cada um'
<i>ar ko ar 'n ns ay</i> [ârâkoârâinenixâio]	'a luz, já que ilumina a visão, paira sobre cada um'
<i>ar ko hr 'n ns ay</i> [ârâkoaraeinenissaio]	'a luz, pois que engendra a visão, intenta cada um'.

IMAXUMA AVVI VASLS

<i>im h̄s um hwy w's ls</i> [imaxuma avivasls]	'assim se apressa a mãe de reviver para a tábua de amassar'
<i>im šhm hwy w hs ls</i> [imaxuma avivasls]	'assim se alegre de viver para apressar a amassadura'
<i>ym šmh hwy w's ls</i> [imaxuma awi b's ls]	'um dia se alegre de viver/reviver na tábua de amassar / lenha de amassadura'
<i>i ms um hwy w's ls</i> [imassuma awi vasls]	'assim como desfalece a mãe da vida / a mãe viva para a lenha / tábua da amassadura, assim como a desfalecida mãe reviver para a tábua / lenha da massa'
<i>i mss um hwy b's ls</i> [imassume awi basls]	'assim mamar a mãe a vida / a mãe viva / a mãe da vida na tábua / lenha da massa'
<i>i mss um hb hwy w's ls</i> [imssumea awi wasls]	'como mamar a mãe frágil de vida, mas tábua da amassadura como sucção a mãe um pântano, para que lenha / tábua da amassadura (haja)'
<i>i mtum hb hwy b's ls</i> [imâxumaa awi basls]	'tão certo como o moço da mãe fraco reviver na tábua da massa'
<i>i mh smh hwy bs ls</i> [imaxema awi basls]	'assim como se renova a alegria da vida, o levantar / levedar da massa'
<i>imza um hwy b's ls</i> [imazaume awi bêsls]	'assim se encontrar a mãe da vida / mãe viva na tábua de amassar'
<i>i mza um hwy b'ls ls</i> [imazuma abwi balsls]	'tão certo como encontrar a mãe a vida / o apetite na alegria de amassar'
<i>i mza um hwy w hs ls</i> [imazuma awi vasls]	'tal como se encontra uma mãe viva por ter de cortar a massa'
<i>imz um hwy w'ls ls</i> [imzuma awi walsls]	'assim como encontrar a mãe viva graças à alegria de amassar'
<i>i mh šhm ab w b's ls</i> [imaxuma abwi basls]	'rejuvenescer de alegria o pai, pôr a lenha para amassar (ter de ir)'

- i mhs um hwy bs ls*
[imaxuma awi bs ls] 'tão certo como ferir a mãe o vivo
atraso da amassadura'
- i msh um hwy b̄l ls*
[imaxuma awi basls] 'tão certo como matar(ia) a mãe o
desejo de se envergonhar de amas-
sar'
- i mz um ab byb zl s'*
[imazuma a bibazlsa] 'tão verdade como encontrar a mãe
do irmão a soluçar no brilho do
prato'.

Outras possibilidades:

- i mz 'm ab bib zl sy*
[imaxâma ab bibazlsi] 'tal como o encontrar-se contra o pai
entre inimigos reflecte a ruína'
- i mhs um ab w b̄l ti*
[imaxuma awibatxltxi] 'tão certo como matar a mãe do irmão
até envergonha um charco'
- i mh sm' hwy b̄lt̄*
[imaxâma awi batxltx] 'tal como rejuvenesce o fazer caso dos
desejos em bronze [=riqueza]'
- mh sm' ab w t̄t̄*
[maxuma aby watjltx] 'tão certo como é ter juízo o ouvir o
pai e repetir três vezes'
- i mz sm aby b' l t̄t̄ / b' t̄t̄*
[imzxuma abi baltjttj/batjttj] 'é certo como encontrar o «nome do
ancestral Baal» em seis (letras)';
«nome de Baal» é a deusa-mãe,
Atirat, com seis letras
- i mz mh hb w bz l sy*
[imazumaaawibaslsi] 'tão certo como encontrar a água do
lodaçal ser certamente o brilho da
ruína'
- ym sm aby w hs sl sy*
[maxumabiwaslsi] 'o Mar da ruína do Ancestral deveras
apressa o brilho da desolação' (jus-
tiça dos rios, Ym e Aby).

Note-se que *b' ls* 'tábua, madeira de amassar' encontra-se em balseiro, que é uma tina ou dorna de madeira, onde os agricultores curtem as uvas que, neste estádio da fabricação do vinho, se chamam «massa».

Parte terceira

CULTURA POPULAR

Capítulo primeiro

Danças e cantigas como sempre foram

Danças.

1 Malhão

m̃la

«dança de roda»¹

‘rotundo, cheio’.

2 Góta

h̃t [gâta] [gôta]

«em que os dançarinos, postos de início frente a frente, giram sobre si próprios, depois espalham-se volteando-se»

‘voar rodopiando’.

3 Piruló

phru
phr lu

«pouco ou nada dançada; os participantes dispõem-se em círculo, batem as palmas, fazem gestos a pedido uns dos outros», etc. Também se chama assim um jogo infantil em que se propõe aos participantes levantar ou não o braço, segundo «tal coisa voa / não voa»

‘assembleia’

‘assembleia de ganhar ou de sim-não’.

4 Ciranda

sr and

«dança rápida, rodopiante»

‘fortemente rápida’.

5 Fandango

phandan gan

«em que dois dançam frente a frente, empertigados e ao desafio»

‘aproximados ao desafio’.

¹ Caracterização tomada de PEDRO HOMEM DE MELLO, *Danças de Portugal*, Avis, Porto, s. d. (1960).

- 6 Salto «semelhante ao fandango: os pares frente a frente, um dá um passo, o outro recua»
t/s̄ [talxo/xalto] 'enganar'.
- 7 Serrinha, vira velho, espanhol ou fandango serrado «em que os homens e mulheres procedem em filas separadas, frente a frente, juntando-se depois no centro dando as mãos»
 «Espanhol», «vira velho» e «serrinha» são decalques sobre títulos do Sol:
 VELHO *bel/bal* 'Senhor' (cfr. Sol velho, p. 197)
 ESPANHOL *sapanu'l* [sapnuol] 'morada do Sol alto'
 sapon'l [saponol] 'sol do alto'.
 Serrinha espanhola, *srry'n span'l* [sarrin spanol], 'excelso das alturas' (Del Olmo Lete, *cit.*, p. 616). A terminação *-inha* deriva de 'ny 'cantar, celebrar' (=dançar).
- 8 Rosinha «os dançarinos dispõem-se em quatro fileiras, deslocam-se para os lados, atrás e à frente mantendo sempre a figura inicial»
rz 'ny [ruzinia] 'concorrer, correr, competir a dançar'.
- 9 Vareira «um tipo de malhão, em roda, em que os participantes ora avançam ora recuam um passo»
wa'ara yra [vaara ira] 'ida e volta'.
- 10 Vareira Chula «em que os dançarinos se organizam em duas filas frente ao público cruzando-se depois ao meio»
s/h [xala] 'estender-se, alargar-se'.
- 11 Regadinho «em que os dançarinos evoluem aos pares lentamente, dando as mãos, tocando os ombros do outro, dança graciosíssima»
rhm yd'in [regamidino] 'afectuosos carinhos dizer'.

Isto é, passeio de namorados. Uma quadra diz: «Água leva o regadinho | Água leva o regador | Enquanto rega e não rega | Vou falar ao meu amor».

12 Cana Verde Ricoqueira

«Cana Verde em que os dançarinos, dispostos no início em grupos de quatro, se separam, afastam-se e passam para o outro lado do terreiro, cruzando-se no meio»

qry rabaq [qary ragaq → rayq oqar] 'saem para longe'.

Cfr. § 2, *Poesia popular*.

13 Mugiga

«gênero de vira em que os bailadores se alinham em quatro filas, fazendo movimentos de vaivém, com os braços abertos»

magy gl [magigal] 'marcha alegre'.

14 Tirana

«à base de rodar em grupos de quatro, ora formando círculo ora dando as mãos dois a dois rodopiando»

tr'ny, hb. *tur'iana*
tr'nn, hb. *tur'anan*
'roda de dança, de canto, de culto'
'roda de comparsas'.

15 Perim

«dança de dois pares começando por um rectângulo, os homens em frente das mulheres». Algures chama-se *perrim*

ph ary
'falar/ver o companheiro/vizinho/parente'

ph ary'ny [parin]
'falar/ver o companheiro de dança/fala/namoro'.

Poesia popular.

16 Cana Verde

Numerosas quadras populares referem-se à cana verde (que também é nome de dança, cfr. *supra*), quando esse arbusto, que nem é particularmente poético, tem uma função económica mínima e até é pernicioso por ser açambarcador dos terrenos. Segundo essas cantigas, há canas verdes na areia, no mar, a bordo dos navios, etc. Não serão as mesmas canas que os arbustos. As cantigas com cana verde recolhidas por Leite de Vasconcelos, por exemplo, referem-se todas a namoros, casamentos, fidelidade do namoro, etc., enquanto, por exemplo, as do «limão verde» têm mais a ver com augúrios e adivinhações.

(3) Quem achar a cana verde

kn tar kn berit [kan tjaar kan berit]
 'fixar parentes contrato de aliança'

Queira-me restituir
 Eu trazia-a no meu peito
 Não dei fé de ela cair

Ó minha caninha berde
 Ó minha berde caninha
 Quando há-de ser a hora
 Em que eu te hei-de chamar minha

Ó minha caninha berde
 Ó minha berde caninha
 Na praia de Magarelos
 Tu és rei eu sou rainha

magan 'obsequiar, alguém que oferece'
magan ary 'obsequiar o companheiro'

17 Cabaços

Certas cantigas referem-se a cabaços. A recusa de uma proposta de namoro por parte da rapariga diz-se «dar um cabaço».

qbs [qabass]
dbr qbs [debar qabass]
al bary kbs

'parentela, família/clã'
 'palavra da família'
 'não-contrato/escolhido de clã/família'.

Quem quiser comprar cabaços
 Vá lá cima à cabaceira
 Vá comendo vá bebendo
 Vá metendo na algibeira

knpr kbs 'fixar negócio de clã'
qym kbs ary 'juiz do clã dos parentes'

Já levaste um cabaço
Colhido na cabaceira

lbary qbs 'não-contrato de clã'
ql qbs ary 'derrubado do clã dos parentes';

Já te podes ir gabar
 Que não achas quem te queira.

qls qbs ary 'oposição do clã dos parentes'.

18 Videirinha

Ao contrário das Canas Verdes, que são de esperança de uma relação, as da «videirinha» referem-se à solidão. Exemplos de entre muitas, todas semelhantes de um extremo ao outro do país:

Chora a videira

bd ary 'afastamento, separação do companheiro'

Videira chora

bdy ary 'desorganizada a parentela/companhia'

Pelo seu amor
Que se vai embora

Chora a videira

bd ary 'afastado do companheiro/vizinho/parente'

Das penas que tem
Eu choro se estou
Longe do meu bem

Chora a videirinha
Deixá-la chorar
Pelos amores
Que a vão deixar

Chora a videira
Da pena que tem
Eu choro se estou
Longe do meu bem.

19 Limão, verde limão

São igualmente numerosas as cantigas que se referem ao «limão verde». Têm hoje a ver com pedidos de namoro, augúrios, adivinhações e sortes. «Limão verde» é um decalque sobre *lemôn*, que é uma pergunta ou resposta conforme a entoação: «Sim ou não?», «Sim, certamente».

Pergunta	<i>lemôn berit</i>	'queres contratar?'
Resposta	<i>berit lemôn</i>	'aliança com certeza!'
ou		
Resposta	<i>lima lemon</i>	'Por que não?' (pergunta de censura).

Algumas cantigas referem-se ao casamento da «lima» com o «limão»; noutras, a lima passou a ser «laranja» (vista como feminino do limão). O carácter pueril que algumas cantigas parecem ter assumido encontra-se nesses diálogos entre frutos.

Dá-me a tua mão esquerda
Que a quero apertar
A direita não ta dou
Que já não ta posso dar

Ó limão,
Meu verde limão
Solteirinha sim
Casadinha não.

lemôn 'queres ou não?'
berit lemôn 'contratar queres?'

Ó limão
Meu verde limão
Amor da minha alma

berit lemôn 'aliança... Sim ou não?'
lemôn! Berit lemôn! 'sem dúvida,
aliança com certeza!'

Dá-me a tua mão
 A laranja foi à fonte
 O limão foi atrás dela
 A laranja bebeu a água
 O limão à espera dela.

Nos casos seguintes, *lemôn* refere-se a augúrios e adivinhações, que constam do mesmo tipo de pergunta.

Atirei com o limão verde
 À tua porta parou
 Quando o limão te quer bem
 Que fará quem o deitou

Botei o limão ao ar
 À tua porta passou
 Diga o mundo o que quiser
 Quero-te bem, acabou

Deitei o limão correndo
 À tua porta parou
 Olha a graça do limão
 Parece que adivinhou.

Portanto, uma fórmula de adivinhação podia ser (lançando os dados, por exemplo):

<i>lemôn</i>	'sim ou não?'
<i>lemôn</i>	'sim!'
<i>le mun</i>	'quem? qual? quanto? que destino?'

20 Prantos

Já os verdes campos choram
 Já não têm que vestir
 Já romperam as galas
 Que lhes deu o mês de Abril

berit 'promessa'

gl 'alegria'
galab 'enfeites'

Já lá vai a Primavera
 Já o Março não m'engana
 Agora vou conhecendo
Arburina pela rama

Harhabbu 'divindade do Verão, o Sol';
 'arab 'sem ramas' (destruídas pela
 seca); 'arab 'n 'despido vejo'; *Har-*
habbu in rhm [harabu in ragam]
 'Harabu não tem compaixão'; *Har-*
habbu 'n pl rhm [harabu ein pal
 ragam] 'Harabu entende secar a
 compaixão'

Semeiei a salsa verde

À beira dos pinheirais
Para ver se me esquecia
Cada vez me lembro mais

Salsa verde no mar

É mais alta que o navio
Amor sustenta a palavra
Que eu sustentarei meu brio

Salsa verde no rio

Alecrim da outra banda
Hei-de lograr teus olhos
Ainda que ponha demanda

Fui-me deitar na ribeira
Para ver nadar o sol
Ai Jesus que venho doida
Do cantar do rouxinol

Outros exemplos.

Grande bicho é a aranha
Que pica no pau do pinho
Tem mais força no perçote
Do que o porco no focinho

A perdiz canta no mato
Ela cuida que está só
Quando mal se aparcata
Já está presa na enxó

Atirei no ar ao jafo
E o jafo não morreu
Inda agora me estou rindo
Das voltinhas que ele deu

Ó zorra encolhe o rabo
Que além vêm os caçadores
Os alfaiates de fila
Talham-te um vestido de mil cores

slh berit [sals berit] 'gritei/lancei uma promessa'
sly 'conjurar'
sh̄ḥa berit 'estabelecer uma promessa'
saḥah 'estar sedento, gritar'; *slh* 'ter êxito, pôr em acção'

slh berit mbr 'fiz contrato de dote'
alt nby 'altar do sacerdote/profeta'
pl hbr 'dizer de companheiro'
bry 'contratar'

(o rio era o lugar dos prantos/exorcismos/contratos)

nadar 'fazer um voto'
shl 'gritar, exclamar'
lharassin 'esconjuro'.

horanu 'divindade ctónica, demónio'

peress 'faz brecha'; *pr srt* 'corta o inimigo'; *pr sut* 'corta a base'

pebat 'aperceber-se'
'*sy*, *asable* 'molestar, fazer mal'

'*afa*, '*ap* [/af] 'voar, pássaro'

galah 'fugir'; *Hyly* [guili/fili] 'lutadores'

Ó minha pombinha branca
De biquinho amarelo
Quando vais beber ao rio
Pões os pés no carambelo

amar'l 'ver por cima'

qrb bnt 'interior, entre'; *qrb ybl* 'interior da argola (armadilha)'; *qrb bll* 'interior da humidade / água derramada'; *qr bll* 'fonte derramada'; *qr'n bll* 'fonte da nascente derramada'.

O sol testemunha dos juramentos («sol de justiça»).

O serpão é miudinho
Tem a folha ao desdém
Olha que já passa o ano
Amor que te quero bem

sps mid, sapon mid 'Sol de muitos, Sol imenso'; *srp mid* 'queima muitos, a imensidão'; *pl/fal* 'secar/explosar'

O serpão é miudinho
De miúdo cobre a terra
Não achas amor tão firme
Nem leal como eu te era

sps srp mid 'o sol queima a imensidão'
me'od 'totalidade' [sapon me'od]

Perguntei ao sol se viu
A lua se percebeu
Às estrelas se encontraram
Amor firme como o meu

(Juramentos pelo Sol/Sol testemunha)

O sol é marco da lua
Capitão-mor da beleza
Ama-me com lealdade
Qu'eu t'amarei com firmeza

Claro e limpo nasce o sol
Por entre nuvens sombrias
Como pode o sol ser velho
Nascendo todos os dias

bel, bal 'senhor'. (Depois de se perder a antiga significação, *bel*, supõe-se que se trata de «sol velho»)

Quando o sol nasce é rei
Capitão das monarquias
Como pode ser o ser ser velho
Nascendo todos os dias

bel, bal; cfr. acima

Se eu quiser dizer bem sei
De que banda nasce o sol
Nasce nas bandas de além
Na rains (sic) do sarapol

'rsins [arasins] 'leito'; *sarap'l* 'queima de cima'; *sapon'l* 'sol do alto' («O sol nasce no leito do sol, do que queima»)

Se eu quiser dizer bem sei
De que lado se põe o sol
Põe-se nas bandas de além
Na rains (sic) do arrebol

'rsins 'no leito'; 'rb 'l 'ocaso, pôr-do-sol [arebâl]; *abr ba'l* 'depois de [o sol] entrar de cima'; *abr rb'l* 'depois do pôr-do-sol'.

Esconjuro contra coisa ruim (rito de talhar, ou exorcismo)³.

Um exemplo apenas. As fórmulas de desenfeitiçar perderam todo o nexo pela necessidade de permanecerem fiéis às antigas palavras cujo sentido se perdeu: a sua eficácia reside na repetição mágica das mesmas; como se perdeu o antigo sentido, as palavras decalcaram-se sobre outras quaisquer, foneticamente idênticas. Vejamos estas hipóteses:

Eu te requeiro da parte de Deus
Que digas o que queres
Eu te esconjuro
Para os Mares amarelos

amar Amurru'l 'manifestação de Amurru' (=mestre dos feiticeiros nos textos de Ugarit)

Se vens por parte do inimigo
Couces duma brava besta

qs bry bst' [qax bary basjta] 'talho, corto, afasto, ataco'

Nessa maldita cabeça
E quando este mal te não baste
Deus te queira acrescentar
Em nome de Deus
E da mantariana

bs t' 'afasto, ataco'
qra 'invoco'

E da bicha
Com que se poda a vinha

mnt Horanu 'fórmula de Horanu (esconjuro)'
bisha 'aparta-te!'
kn sd ph b'n 'pôr insídia pelo olhar (mau olhado)'

Todos te batem eu também

t'lt bd t'bn 'conjuro deixar de atacar a criatura'; *t'dt bd at bn* 'estou credenciado a separar-te da criatura'

Por ser filho do bem.

sr fl bbn 'bruxedo seca na criatura'; *srh d fl bn* 'fulmino/solto quem seca a criatura'.

Amen.

³ Cfr. TEÓFILO BRAGA, *Cancioneiro Popular Português*, II, p. 262.

Capítulo segundo

As éguas da Lusitânia emprenhadas pelo vento

As éguas da Lusitânia andaram nas bocas do mundo. Os novos (refiro-me aos de dois mil anos a esta parte) não se podem lembrar dessa glória dos antepassados Lusitanos, dos tempos heróicos que eram tão felizes que até o vento lhes emprenhava as éguas... Não houve historiador ou poeta clássico, romano, grego ou troiano que não se referisse às éguas da Lusitânia, que tinham o condão de serem «emprenhadas pelo zéfiro»: as de Ulissipo, mas também as de Scalabis, Conímbriga ou de algures.

António Pereira de Figueiredo, historiador português do século XVIII, escreveu¹:

Não há fábula mais autorizada nem mais acreditada do que a de conceberem e de parirem algumas vezes do vento as éguas da Lusitânia nos campos de Lisboa. Varrão foi o primeiro entre os Romanos quando no livro *De rustica* escreveu assim: «Em matéria de fecundidade sucede em Espanha uma coisa incrível mas que passa assim na realidade: é que, na Lusitânia, junto ao Oceano, no território onde está Lisboa, no Monte Tagro, concebem algumas éguas do vento em certa estação, mas os potros que delas nascem não vivem mais do que três anos.» A Varrão seguiu-se Columela, que também em *De rustica* escreveu deste modo: «É coisa que todos sabem: em Espanha, no Monte Sacro, que corre para ocidente junto ao Oceano, tem acontecido várias vezes aparecerem as éguas prenhes sem o cavalo as ter coberto, e criarem o feto que pariram, o que todavia é inútil, porque antes de encorporar, morre aos três anos.» A Columela seguiu-se Plínio, que duas vezes tocou e asseverou esta maravilha; no seu livro *História Natural* (IV, 22), onde chama a Lisboa «cidade nobre pelas éguas que nos seus campos concebem do vento favónio» *favonio vento conceptu nobile!* Noutra referência, o mesmo autor (VIII, 42) diz: «É uma coisa constante que, na Lusitânia em torno de Lisboa junto ao Tejo, voltadas para onde corre a viração do favónio, atraem as éguas o espírito animal e dele parem uns potros de suma ligeireza mas que não vivem mais do que três anos: *equas favonio flante obversas animalem concipere spiritum, ideque partum fieri, et gigni perniciosissimum ita ut trienium vitae non excedat.*»

A Plínio seguiu-se Solino que, no cap. 36 do seu *Polystor* se explica assim: «Na Lusitânia há um promontório ou cabo que uns chamam Artrabo, outros Lisbonense que separa o céu, a terra e os mares. Ali está a cidade de Lisboa fundada por Ulisses. Ali o rio Tejo que, por causa das suas douradas águas é anteposto a todos os mais. Nas vizinhanças de Lisboa é coisa admirável que as éguas no tempo do cio lhes serve de marido o favónio do qual concebem e parem [...]» Virgílio, no Livro 3 das *Geórgicas* (vv. 266 segs.) diz: «*Exeptantque leves auras et saepe sine ullis | conjugis vento gravidae (mirabile dictu) | saxa per et scopulos, et depressas convalles | diffugiunt.*»

Singularmente, nota Virgílio, é na Primavera que as éguas concebiam do zéfiro, por ser nessa estação que o calor começa a mover os espíritos. Sílio Itálico, concordando com Virgílio quanto à estação em que as éguas concebiam do vento, discorda todavia dos outros quanto ao tempo que os potros duravam; não lhes dando Varrão, Columela e Plínio mais

¹ *História e Memórias da Academia Real das Ciências*, Lisboa, 1825, tomo IX, pp. 100 segs.

do que três anos, Sílio lhes estende a vida até sete. No Livro II da *Guerra Púnica*, tratando dos diversos povos de Espanha com que Hanibal Cartaginês reforçou o seu exército para marchar contra os Romanos, depois de nomear os Biscainhos, Asturianos, Galegos, Lusitanos, cita os Vetões, dando-os a conhecer pelas suas castiças éguas que nos seus campos concebem e parem pelo zéfiro. Livro III, vv. 390 segs.: «*At Vettonum alas Balarus probat aequore aperto | Hic adeo cum ver placidum flatuisque te poscit | Concubitus servans tacitos grex prostat equarum | Et venerem occultam genitale concipit aura. | Sed non multa dies generi, properatque senectus. | Septiamque bis staulis longissime ducitur aetas*»².

Esta passagem de Sílio é notável não só porque ilustra a fábula das nossas éguas fecundadas pelo zéfiro ou pelo favónio mas também porque decide uma questão em que André de Rezende [historiador do século XVI] se cansou muito, a saber, se os Vetões pertenciam à Lusitânia ou se estavam fora dela. Rezende, no seu Livro I das *Antiguidades*, prova que alguns Vetões pertenciam à Lusitânia e que outros não pertenciam. Alega pelos primeiros a passagem de Plínio «circa tagum Vettones»; alega Prudêncio que, no *Hyno de Santa Olaya*, chama a Mérida «ilustre colónia vetónia», e alega várias inscrições do tempo dos Romanos achadas em Mérida, Évora e outras partes onde a Vetónia vem incorporada na Lusitânia.

Com estes mesmos documentos mostrou em nossos dias o Padre Flores no tomo I da *Espanha Sagrada* (cap. 12) que a Lusitânia compreendia parte dos Vetões. Mas nem Rezende nem Flores se lembraram deste lugar de Sílio Itálico que, como era espanhol e tão antigo, era um juiz muito mais competente do que Plínio e Prudêncio, o qual claramente põe os Vetões naquela parte de Espanha onde as éguas concebiam do vento e que, por testemunho de todos os historiadores romanos, era nos campos do Tejo junto a Lisboa, como temos dito.

O mesmo autor refere depois uma célebre polémica sobre a localização exacta do Monte Tagro: se em Lisboa, Alenquer, Sagres, na Beira ou em Castela.

Tanto a polémica das éguas, como a dos Vetões, como ainda a do Monte Tagro derivam de uma desastrosa confusão de línguas. Tudo isto porque aqueles escritores ou os seus informadores não conheciam a língua dos naturais. Os Lusitanos diziam, em ugarítico, que as suas éguas eram *xphen bziro* e os estrangeiros compreendiam esses termos como se fosse uma algaraviada em latim: «[emprenhadas] zé..f...iro», que significaria, se assim fosse dito em latim, «[emprenhadas] pelo zéfiro». Os Lusitanos passavam assim por uns exóticos que acreditavam em milagres deste género.

Zepen bziro [zefen bziro → ben zefiro] significa, muito simplesmente, 'penetradas por trás', como o são todas as éguas que Eloim *berechid* criou...

Enquanto uns diziam que era o zéfiro que emprenhava as éguas, outros afirmavam que era o favónio, e a expressão de Plínio é *favonio flante*, que é uma corrupção latina do que seria um trocadilho popular lusitano:

puhalu ben falata

[falu ben falata]

'burros pequenos largam'

fubalu ba fl nte [faluba flante]

'dos burros vêm carregadas'.

² «Na extensão da planície, Balarus inspeciona os esquadrões dos Vetões; na terra destes, quando vem a Primavera, as manadas de éguas prestam-se a secretos acasalamentos e o vento fecundante emprenha-as com um germe misterioso, mas não duram muitos dias, cedo envelhecem, duram o máximo sete estações.»

Outros diziam que era simplesmente o «vento» (*vento gravidæ*), sem precisar se o do Norte ou o do Sul.

<i>Benwt</i> → vento	'potência' (=emprenham abundantemente)
<i>bnwt</i> → vento	'criaturas' (=engendram criaturas)
<i>benwt</i> → vento	'criadoras' (=são parideiras)
<i>Benot</i> → vento	'dentro' (=engendram nas entranhas).

Solino diz que as éguas em questão «cicientes viros aurarum spiritu mariantur» 'estando ciosas de machos concebem pelo espírito das auras, isto é, dos ventos'.

lat. <i>aurarum</i>	'[prenhas] dos ventos'
ug. <i>arym</i> → <i>arum</i>	'companheiros' (=prenhas dos parceiros).

Sílio, fazendo poesia, diz que engendram

lat. <i>venerem occultam</i>	'um germe misterioso'
ug. <i>ben erym wkl tam</i> [benërim ocoltam]	'filhotes nus e todos completos'.

Plínio, por duas vezes, fala dos potros que tais éguas dão ao mundo:

lat. <i>gigni permissimum</i>	'potros de suma ligeireza'
ug. <i>gngn</i> [ginginu]	'do coração, do interior' (=com amor).

Mas não duram muito: três anos segundo alguns, sete anos segundo Silius Italicus: «Septimaque his stabulis longissima ducitur aestas 'estas crias duram o máximo sete estações/anos'.»

lat. <i>septimaque</i> → septem que	'desaparecer completamente' (=duram até morrer).
ug. <i>sepa tam</i> → septam	

Na origem destas confusões estaria o brincalhão de um lusitano que em Roma se entretinha a fazer trocadilhos entre o latim e a sua língua natal. Possivelmente tais trocadilhos circulavam na Lusitânia, onde os historiadores e poetas de Roma, ou os seus informadores, os recolheram ignorando que se tratava de brincadeiras.

A polémica sobre os Vetões foi fértil em deduções geográficas (cfr. texto transcrito à p. 200). Quem eram os Vetões? Eram Lusitanos, ou não? Onde moravam? No sul da Península ou em todo o litoral? Viviam todos na Lusitânia ou só alguns?

Vetão (do lat. *veton*) é a latinização de um termo local (ugarítico), *veto*, para dizer «potência, força», «povo forte, povo potentes»; *benwt* → *venot* → *veto*. *Benwt* corresponde ao latim *viriatu* 'homens fortes', que os historiadores antigos confundiram com um homem singular. Isto é, *Viriatu* é tradução latina de *benwt* → *beton* 'potente'.

O ugarítico *beten* também significa 'serpente' (ar. *batanu*, hb. *peten*). Por efeito de uma má pronúncia, *beten* deriva facilmente em *veton*. Mas aqui o problema complica-se. Sabe-se que os povos do Norte de Portugal eram conhecidos por «serpentes» ou «serpentes venenosas», que devia ser o seu totem. Outro nome que lhes davam era Sefes («serpentes venenosas»), que os Gregos traduziram por *ofiussa* 'serpentes'³.

³ Cfr. J. DE VRIES, *La religion des Celtes*, p. 177.

Seref é a serpente que Yaveh mandou erguer a Moisés no deserto para curar as mordeduras das serpentes (*Num.* 21:8); *saraf*, *soref*, *sefifon* são outros nomes hebraicos para serpentes⁴.

Voltemos à referência de Silius Italicus às éguas do Tejo. O texto menciona um tal Balarus: «At vettonun alas Balarus probat aequore aperto...» Quem era este Balarus, que comandava os Vetões? É o dono de um burro...

Balarus

<i>b'l 'r</i> [balaru]	'proprietário do burro'
<i>b'l ary</i>	'senhor dos parentes'
<i>b'l arb</i>	'dono da vaca'
<i>ba la ruz</i>	'vem forte competição'.

Discorrem depois os autores sobre onde se situava o monte Tagro. Alguns deformaram o nome para Sacro, a fim de o situarem em Sagres, ou na Beira, enquanto outros, dos quais os bem acreditados André de Rezende e Frei Luís de Sousa, o situam em Alenquer (Montejunto), onde existe um sítio chamado *Tagarro*. Segundo estes autores, *Tagro*, *Tagarro* e *Sacro* vai tudo dar ao mesmo: os antigos é que se enganavam na sua língua e não falavam como deviam. Varrão diz bem: «Naquele território onde está Lisboa, no monte Tagro, concebem algumas éguas do vento...»

Tagro

<i>tgr</i> [tagru]	'porta, foz' (do Tejo).
--------------------	-------------------------

O monte da «Porta» é Sintra ou Monsanto; os Fenícios chamavam às fozes dos rios 'porta, de entrada ou de saída'.

Artabro é outro nome de monte que provoca polémica. Solino, falando das éguas milagrosas, escreve: «Na Lusitânia está um promontório, ou cabo, a que uns chamam Artabro, outros Lisbonense...» Plínio também lhe deu esse nome, mas como hoje tal nome já não existe, divagam os autores em saber onde se situava ele, depois aventam as conclusões do costume, isto é, que deve ter havido engano, os informadores não conheciam a geografia da sua terra:

Artabro

<i>abrtabru</i>	'depois da abertura' (=depois da foz).
-----------------	--

É o mesmo que o anterior, dito doutra forma, e um sinónimo (*tabru*).

Quanto a outros dados geográficos transmitidos pelos vários autores antigos, muito haveria ainda a dizer. Os nomes de povos que Estrabão diz existirem na Lusitânia são nomes fictícios, não são nomes de etnias nem de povos, mas referências a costumes, a ritos particulares, a alcunhas que umas regiões impunham às outras, etc. Refere, por exemplo, como povos que ocupavam a Lusitânia os

Túrdulos

<i>Tr dulul</i>	'tremedores mensageiros' (de Deus).
-----------------	-------------------------------------

⁴ Cfr. *Avot de Rabi Nathan*, Verdier, Paris, 1983, p. 438.

Era a religião fenícia/hebraica nos séculos X-VI a. C.

Os Turdetanos

tur d' t'an

'recorrem a declarações' (=praticam as profecias e augúrios).

Para Estrabão os Túrdulos, ou Turdetanos — que outros autores reconhecem como sendo os Fenícios —, eram os mais cultivados da Península e tinham a «sua gramática e uma literatura de antiga memória, poemas e leis em verso, que eles dizem datar de há seis mil anos. Os outros Iberos têm também uma gramática própria, mas esta não é uniforme porque não falam todos a mesma língua»⁵.

Samios, Nebrides ou Nebrissos, confundidos com etnónimos, são nomes deformados para dizer «profetas/profetisas», os *nabim* que no Sul da Península, segundo Silius, se cobriam com uma pele de carneiro «nas suas festas báquicas» (entenda-se «festins rituais» de tipo bíblico e essênio.) Diz ainda que esses Lusitanos/Turditanos animavam *thyases* (em grego, confrarias, os ciros e as confrarias de congêneres) e honravam uma divindade Nebrissa (hb. 'profetisa'), festejavam as «sagradas nebrides» (sagradas alianças: *neb+berit*).

Sílio fala de Vxama, cidade dos Vetões, que enviou um contingente de soldados para as guerras púnicas, «gente indócil, resistente aos sofrimentos e às ordens que os guiam» (III, 384); Uxama é uma deformação de *ysmah* 'iluminados'. Os mesmos tinham à cabeça das suas tropas um tal Rindacus; o nome parece ser inspirado no facto de esses soldados serem alegres e amantes da música, os quais levavam à sua frente, não um homem chamado Rindacus, mas... uma cítara: *rimt abd* 'cítara agarrada'; eram amadores do que hoje chamamos guitarras. Esses soldados vieram de um meio rústico, não conheciam as armas eficazes, armavam-se apenas de *spare* «arma bárbara com ponta curvada». Voltamos à música: *spare* não seria uma arma bárbara, mas cítaras «encurvadas», como todas as da sua espécie: esses homens eram *sipor* 'bons cantadores'. «Os mesmos rudes Lusitanos das aldeias, ainda segundo Silius Italicus, passavam o tempo a caçar, ou viviam de violências e de pilhagens» — uma enorme confusão! Os *sipor* tanto podem ser «cantadores», «cítaras» ou «cães perdigueiros»: portanto, quem passava o dia a caçar, ou a pilhar, podiam não ser os homens, mas os cães perdigueiros.

São igualmente curiosos os nomes que Estrabão aponta como sendo de povos da Península Ibérica; essas informações são mais que suspeitas. Diz ele: «Poderia fazer uma descrição destes povos mais alargada, mas renuncio a uma descrição enfadonha pois que ninguém estaria interessado em ouvir falar dos Pleutaroi, Bardietai, Allotriges e outros nomes menos belos e mais ignorados.» Os Cónios, Cinetes, Cunetes ou Cinésios — nomes por que se costuma referenciar o povo pré-romano da região correspondente ao Algarve actual — podem ser simplesmente os Kani, Keni, Kuni, Kanani, Caniti, variações antigas para «Cananitas», «Cananeus», «Fenícios» e «Cartagineses».

⁵ ESTRABÃO, *Geographia*, III, 1, 6.

Parte quarta

O CONTRATO SOCIAL E A NORMA

Capítulo primeiro

O pacto social

Nesta parte apresenta-se um certo número de constelações de topónimos, no interior de pequenas regiões, referentes a relações sociais arcaicas (difusão do direito, exercício da justiça, contratações conjugais).

Esses topónimos podem reportar-se ao estágio de civilização que seria o da fixação das populações à terra, ao início da agricultura ou à prática do pastoreio em territórios fixos e ajustados pelos vários parceiros sociais. Foi de facto neste período que as comunidades vizinhas tiveram de assimilar os mecanismos jurídicos do relacionamento, abandonando o tipo de justiça em vigor até então, baseada na violência.

O mecanismo jurídico subjacente é o «fazer pacto» (contrato social), que em cananita se dizia *kort berit*; *kort* derivou nas centenas de sítios portugueses chamados *Cortes*; *berit* passou a *Verde* e *Valverde* (*Bal berit* 'senhor do pacto'). Uma vez ou outra, encontramos a expressão completa: *Cortes Verde*. Por via de consequência, instalou-se o conceito de «norma, regra fixada» que se dizia *kan*, e que deu *Cão*. «Exercer, manter o direito» dizia-se *gamali kan*, como no Código de Hamurabi e na Bíblia, e deu os nomes *Famalicão*. Os sítios teriam sido nomeados a partir da adopção destes valores jurídicos, que são ainda os actuais, e porque era aí que as práticas tinham lugar.

O momento histórico da adopção desses conceitos seria comparável a uma revolução verdadeiramente radical, e por esse motivo impregnou centenas de pequenas regiões. No raio de 1 quilómetro em torno do topónimo que nos serve de guia, há nomes de sítios que são literalmente fórmulas processuais (por exemplo, o sítio onde «a regra diz»), do mesmo modo que nos capítulos precedentes encontrámos expressões orais estereotipadas que foram decalcadas sobre regras processuais, e que mantêm a mesma significação.

Se não podemos estabelecer épocas ou datas em que estes conceitos foram instalados, certos nomes vizinhos parecem referir-se a uma organização de tipo clânica, um estado-município de pequenas dimensões, comparáveis, por exemplo, a um concelho actual.

A língua é a cananita antiga, ou ugarítica. As referências mais antigas ao conceito de *berit* (pacto) vêm-nos das culturas semitas. Os nomes referentes ao rio-juiz encontram-se no Código de Hamurabi (século XVIII a. C.) e nos Mitos de Ugarit (século XV a. C.); as referências às ordálias pela água, praticadas até muito mais tarde, encontram-se nos livros jurídicos da Bíblia (século VIII a. C.). Certos termos relativos ao «funcionário de justiça» actual existem igualmente nos livros bíblicos de Samuel. Se é possível comparar esses valores jurídicos com os do antigo direito escrito, isso não significa simultaneidade temporal; a sua prática e o «baptismo» dos sítios tanto podem ser anteriores ou coevos daquele direito escrito, como coexistentes com o direito imperial romano.

1. *Locais da constituição de relações jurídicas.*

Certas relações contratuais e a renovação anual do pacto social que ligava os vizinhos aos detentores do poder tinham lugar junto das nascentes dos rios e, sobretudo, na confluência de rios ou de ribeiros; a actual designação geográfica de «rio tributário» e «rio tributante» era perfeitamente aplicável a estas antigas relações de poder. O local seria também central relativamente às aldeias ou clãs que se reclamavam do território comum envolvente. O costume de considerar os rios, poços e fontes como locais para o estabelecimento e a manutenção das relações contratuais foi abordado nas *Origens Orientais* (pp. 15-20, 77-102).

2. *Difusão do direito.*

O modo como as populações lembravam, reactualizavam ou apreendiam o direito — fosse ele costumeiro ou imposto pelo ocupante — não devia variar muito, uma vez que a linguagem é a mesma, dos processos praticados em outros pontos do Mediterrâneo, de que passagens bíblicas podem servir de termo de comparação. Encontramos nestas constelações de sítios uma grande variedade de nomes ligados ao direito. Os termos para ‘direito’ e ‘norma’ são omnipresentes.

O direito, que seria uma emanção de um senhor regional (assinalado pelos termos ‘rei’, ‘senhor’, ‘juiz’), seria transmitido em sessões públicas, festivas e culturais (transmissão de mitos, por exemplo), presume-se que de carácter anual, com banquetes ou bodos públicos em que participava a população ou o clã, no seu todo ou através dos seus representantes. Todo o tipo de pacto e sua renovação expressavam-se numa refeição, que tanto podia ser um gigantesco bodo, com milhares de participantes e o abate de centenas de reses, como um patuscada entre contratantes. Lembramos o que dissemos noutro trabalho (*Origens Orientais*, pp. 77 segs.): a refeição ou banquete ritual, que estabelecia ou renovava os pactos, não tinha a função de festejar a sua «assinatura» pelos parceiros em questão como hoje: a partilha da comida representava ela mesma a partilha das prerrogativas e das garantias. Manducar uma refeição em comum era exprimir o assentimento, partilhar da mesma comida correspondia à actual assinatura. Numa organização social e política rudimentar, como seria a desses tempos, o local da difusão do direito e da renovação dos pactos seria para muitos, unicamente, «o sítio onde se vai comer» ou o «sítio da festa».

O conceito de relação contratual expressa nestes topónimos — que é o mais antigo que se conhece na Bacia Mediterrânea — derivava da ideia de «cortar um pacto» (*kort berit*). «Cortavam-se» as responsabilidades entre os parceiros sociais, do mesmo modo que se trancha uma rês cozinhada ou se distribuem pães por uma multidão; a partilha representava a própria atribuição de deveres e de direitos aos contratantes-presentes. Esses deveres e direitos decorriam da administração política (relação do poder com os naturais) ou eram instaurados pelos particulares (relações matrimoniais, contratos vários). A ideia de «cortar» como relação jurídica parece ter vigorado entre nós até à Idade Média: encontramos-la, por exemplo, no foral de Afonso X (‘talhar’ em vez do ‘decidir’ actual).

Com a transcrição de alguns passos da Bíblia não pretendemos profanar o espírito ou a letra do texto que mais de metade da humanidade reconhece como sagrado.

Antes consideramos que um texto sagrado inclui obrigatoriamente elementos da cultura do povo e da época em que foi difundido. Uma mensagem — provenha ela de Deus — tem de ser transmitida pelos processos próprios dessa cultura, pelos modos costumeiros. Se os profetas, os enviados ou os messias utilizassem processos estranhos ou contrários aos costumes, se se exprimissem com símbolos de outras culturas ou se inovassem quanto aos métodos, a mensagem não penetraria. Se a Bíblia nos diz que a Lei era dada regularmente a conhecer em grandes reuniões populares, «perante todo o povo» ou «perante todos os chefes de família», deduzimos que era desse modo que se davam a conhecer ou se impunham as leis e os regulamentos. Se outro fosse o costume, os enviados tê-lo-iam utilizado, uma vez que esses enviados não pretendiam impor «novos meios de comunicação», mas simplesmente transmitir mensagens, leis e regulamentos. Deste tipo de análise dos textos sagrados (a partir do que eles contêm de relação factual ou de concepções antropológicas) se deduz a importância dos textos bíblicos para a Etnologia Histórica do Mediterrâneo.

3. Poder político e administração da justiça.

Encontramos alguns títulos pomposos de reis ou chefes locais, tribais ou clânicos, que não desmerecem o actual «excelentíssimo e ilustríssimo senhor» — que, para mais, se tornou trivial e plebeu. Os precedentes eram mais imaginativos: «Senhor de largos braços», «Largueza do senhor» (*Arkadon, Arkambal*) ou, e ao modo mais propriamente fenício e talvez mais recente, títulos teocráticos que significam «escravo» e «escravo de Deus» (*Abdos, Obdos, Abdilo*). Os sujeitos do rei (ou os funcionários de justiça?) chamavam-se «Companheiros, Parceiros do senhor», ou «Parceiros do escravo de Deus» (*heber, réadônedo, heber abdilu*).

São muito frequentes as referências a uma «assembleia ou consenso» (*phr, phyr, phr'ly*), que deram *Pero, Peras* e *Foral*; é inútil procurar saber quais seriam as suas funções exactas (legislativas, judiciais, administrativas, religiosas), porque seria tudo isso ao mesmo tempo. Aqui e ali parece-nos descobrir uma «assembleia de anciãos, de chefes»; chamamos «assembleia de dizer/responder» (*phr'n* [fârine]) que deram *Farinha* (*Pouca Farinha, Pedra Farinha...*), e que tanto podem referir-se a audiências de tribunal (ainda hoje se diz «responder em tribunal» para qualquer audiência), como a um culto religioso ou à ideia geral de «consenso».

São numerosas as referências a 'reunião-geral, totalidade' (dizia-se *moed, phr moed*), que se perpetuaram nos vários topónimos *Moeda*.

Mais frequentemente temos *yspi* 'reunir, colher', não sabemos se pessoas se coisas (celeiro, entreposto), ou se ambas, uma vez que as recolhas de coisas (impostos) se deveriam também processar durante a reunião geral/festa; *yspi* (reunião, recolha) derivou nos nomes *Bispo* (*byspi* 'na reunião, na recolha, no entreposto') e *Espinheiro* (*yspi'n ary* [espinária] 'reunião-de-dizer da colectividade'). «Reunião de dizer», «reunião de dizer o direito», «reunião do direito», «reunião de recolha de direito» (impostos) dir-se-iam *yspi'n, yspi'n'ssy, yspi'n'ssy kan* [ispine, espinaße, espinaßican], que deram os vários *Espinho, Espinhaço* e a serra algarvia do *Espinhaço de Cão*.

Os nomes significando 'juiz' (*pal, fal, pilel*) são muito generalizados (*Palha, Pala, Pêlé, Pilel, ...*) e *tapat* [txapato] corrompido em *Sapato*, e encontram-se nas expressões orais decalcadas. Outras referências que hoje têm conteúdo religioso ('sacerdote',

'mordomo' *nagar, purlani*) podiam ter sido equivalentes a «juiz». Uma vez ou outra topamos com uma assembleia de mordomos/sacerdotes/juízes (Pero Negro, por exemplo). Os nomes que exprimem a ideia de «juiz» associam-se aos rios.

No processo judicial entrava a ordália pela água, em recipientes, nos ribeiros e nos rios, prescrita aliás como um processo vulgar pelo Código de Hamurabi e pelos textos bíblicos. O rio era então *nagar txapatu* (rio-juiz) ou *txapatoa* (juiz-água); na parte II, capítulo das inscrições lusitanas (atribuídas aos «deuses lusitanos») encontramos também referências ao juiz-rio, I. Assaeco (cfr. p. 164). Parece que nem todos os casos jurídicos eram julgados por meio dos rios; estes julgavam sobretudo os processos jurídicos provocados pelos «dizeres», calúnias e casos decorrentes do «diz-se que»: se o rio engolisse o suspeito, a acusação era justa; se o expelisse, estava inocente (segundo a formulação do Código de Hamurabi). Inúmeros rios mantêm o nome dessa função antiga: Lis/Lena (*lissen*) 'dizeres, acusações'; Falcão (*falkan*), 'juiz das regras'; Lisandro (*lissen ndrú*), 'dizer de promessa' ou 'dizer um voto'; Sanguinhedo (*shakened*) 'manifestar o testemunho'; Pélé, Pilel (*pilel*), 'juiz', etc. «Castigo» dizia-se *serizu*, como no Código de Hamurabi; os criminosos eram supliciados nos actuais sítios *Raposeira* e noutros locais com nomes bem identificados. Estrabão refere que os Lusitanos lançavam os criminosos das falésias; p. 243.

Consultavam-se vísceras, não sabemos se de animais se de humanos. Estrabão refere que os Lusitanos consultavam as vísceras de seres humanos condenados. Nos locais dessas práticas ficaram os nomes *Crespo* e *Corujeira*, mas essa consulta podia referir-se também (ou sobretudo) à magia.

4. *Relações matrimoniais: dote e casamento.*

Extensas camadas de nomes relacionam-se com «casamento, desposórios», sobrepostos aos nomes de conteúdo jurídico ou religioso. *Mhr*, termo para 'dote', também significando 'vigor', 'marido' e 'herói', derivou em *Mór*, *Moura* ou *Mourato* (*mhr hdt* 'dote dos novos'), aparece frequentemente.

Relacionando os costumes existentes hoje nesses locais com os de outras partes do Mediterrâneo antigo, diríamos que, além de ser o sítio do encontro de namorados, nele se praticavam relações sexuais públicas e isentas do recato ou pudor actuais, sobretudo entre parceiros casados ou ligados pela promessa de casamento. Eram normais as práticas sexuais nos recintos sagrados do mundo mediterrâneo antigo, com vista à procriação, entre parceiros instituídos, entre estranhos ou ocasionais, ou por processos «mágicos» como o inscrito na pedra a que Leite de Vasconcelos classificou como «dedicada à deusa Cepus» (cfr. figura da p. 152). Dizemos hoje, com base nos escritos antigos, que os antepassados imputavam a esterilidade do casal exclusivamente às mulheres; ora, entre os remédios sagrados para combater a «esterilidade das mulheres», havia o contacto com um homem estranho no santuário, prova suplementar de que uma coisa são os dizeres masculinos (de hoje como os de outrora), e outra coisa é a prática da cultura. No mundo mediterrâneo antigo, a filiação não era biológica mas social: a mãe podia engendrar o seu filho no santuário, ou até trazer para casa uma criança ou um adulto, sentá-lo nos joelhos, e ele passava a ser «filho do marido» (ela «dava um filho ao marido»), sem se distinguir do filho carnal. A esterilidade do casal podia resolver-se pelo escorregar sucessivo das mulheres estéreis e falsamente estéreis sobre uma mesma

O termo 'verde' é um decalque sobre o cananita *berit* ('aliança, contrato, promessa'. As cantigas referentes ao limão verde, a que nos referimos na parte III, cap. I (p. 192), encerram sob decalque a pergunta e a resposta do «casamento por palavras»:

<i>Lemon berit</i>	Sim, aliança?
<i>Berit lemon</i>	Aliança, sim.

A referência alentejana ao «junco», planta aquática, é uma reminiscência aos pontos de água, locais onde se contraíam as alianças e os contratos.

5. *Clãs e comunidades.*

Encontramos vários termos para «comunidade»: *hbr* [âbre] 'comunidade', que deu *Lebre* e *Lavre* (*lhbr* 'referente à comunidade'); *qrb'll*, *qrb'ly* [carbalal] 'na parentela', que deu *Carvalhal*; *sbr*, *sebura* ou *siburat* 'clã, comunidade', que derivaram em *Sobral* e *Sobrado*; *ans* 'irmandade, corporação', que deu *Onça*, *Maunça* ou *Mainça*, sobretudo nome de cabeços (*mans* 'referente à confraria'); *qrt*, *qaryt*, *qirya*, *pdr*, 'r, *ary* [eir, eiria], *qryt ay* [caritaia/catraia], etc., significam 'povoação', e que deram uma grande quantidade de nomes de sítios.

6. *O método de análise dos nomes dos sítios.*

No *Ensaio sobre Toponímia Antiga* (pp. 260-63) expõe-se um método para a descoberta da significação dos nomes, «o método dos sistemas» (verbal, linguístico, geográfico, histórico ou legendário), inspirado em Victor Berard⁶. Partindo do nome a estudar, *a*) procede-se ao levantamento de todos os homófonos que deverão estar traduzidos ou duplicados nos nomes vizinhos (sistema verbal); *b*) estuda-se a sua possível etimologia (sistema linguístico); *c*) esta última deve ser concordante com a natureza físico-geográfica do local. Se a hipótese aponta, por exemplo, para a significação de «rio», o nome tem de referir-se a um rio (sistema geográfico); *d*) a origem do nome deverá ser corroborada por referências históricas ou legendárias (sistema histórico).

O autor do presente estudo introduziu novos elementos nesse método: *a*) a nomeação é funcional e objectiva, e os nomes organizam-se em constelações; *b*) encontrada a significação dos nomes por meio daqueles «sistemas», aqueles deverão explicar-se pelo seu inter-relacionamento (constelação local), ou seja, *a significação de um nome só é aceite se ela se integrar no conjunto coerente e funcional de uma pequena região*. Por exemplo, a significação de 'fornalha' fica demonstrada se nas imediações encontrarmos «metal» ou «mina»; *c*) além desta cláusula, já bastante segura, introduz-se uma outra, derivada da própria noção de experiência científica: para que as significações sejam correctas, *as constelações de nomes têm de reproduzir-se em várias regiões sob a mesma forma* ou sob formas equivalentes. Foi assim que naquele *Ensaio* se exploraram os topónimos em torno de *Carcavelos*; os resultados foram surpreendentes, concluindo-se que tais nomes se referem a uma região onde existiram «indústrias mineiras».

⁶ Cfr. *Les Phéniciens et l'Odysée*, I. *Noms de lieux*, Armand Colin, Paris, 1927, pp. 116 segs.

Na análise actual, uma vez que percorrem os nomes de coisas abstractas como o direito, não podemos fazer intervir o sistema «físico-geográfico» (que Berard considera, aliás, menos importante do que o sistema linguístico). Em compensação, como para superar a deficiência natural das coisas abstractas, as duplicações e os sinónimos (sistema verbal) e a fidelidade fonética (sistema linguístico) reproduzem-se abundantemente, sob a forma de decalque, que é própria da expressão oral. As constelações repetem-se com uma regularidade espantosa.

Diferentemente do *Ensaio sobre Toponímia Antiga*, em que se exploraram todas as constelações do nome *Carcavelos* incluídas no *Reportório Toponímico de Portugal* do Ministério do Exército e respectivas cartas (escala 1:25 000), no presente estudo, dado que os nomes a estudar se repetem mais de uma centena de vezes, optou-se por uma amostragem de seis dezenas de cartas, previamente retiradas de forma aleatória, e só se estudaram os nomes em análise que constam dessas cartas.

A distribuição da amostragem entre o Norte e o Sul não é idêntica, uma vez que as duas regiões diferem muito em densidade toponímica (à razão aproximada de 1/20 entre o Alentejo e o Minho; em certa quadrícula, as cartas do Alentejo apresentam 1 nome enquanto as do Minho contêm 20). Adoptando-se mais ou menos cartas conforme a densidade dos nomes, analisaram-se mais cartas a norte do Tejo do que a sul.

Testaram-se alguns nomes fora dessa carta e noutras regiões; por exemplo, encontrado um nome «significativo» junto de *Córtex*, procedeu-se à interpretação dos nomes da sua própria constelação em todas as outras cartas da amostragem em que esse nome existe, a fim de testar a sua significação com a ajuda dos nomes vizinhos. Testaram-se os nomes *Margarida*, *Sapata*, *Raposeira* e *Meia-Légua*. Um levantamento deste género, sucessivamente apoiado em testes, sobre um grande número de constelações, permitiria descobrir uma grande parte do antigo léxico.

Encontrar a significação do topónimo não representa encontrar exactamente o sítio onde a função tinha lugar. Os nomes sofrem certas mudanças, que são as do *habitat* e da visão que os habitantes têm do seu espaço; ora alargam ou restringem o território com que se identificam, ora se deslocam. Quanto mais despovoada for uma região, mais os nomes-sítios se alastram; inversamente, quanto mais habitada (e, portanto, nomeada) ela for, maior é a correspondência entre o antigo nome e o seu sítio se mantém. O nome *Córtex* (que tomámos como paradigma das relações contratuais) encontra-se geralmente a menos de um quilómetro do sítio onde ocorriam os ritos contratuais, nas nascentes ou na junção dos rios.

Os sítios foram (e são-no ainda hoje) «baptizados», pelos seus vizinhos ou frequentadores, segundo um critério prático que exclui os nomes poéticos ou subjectivos. Toda a nomeação era objectiva e funcional; povoações e sítios isolados ficaram com o nome do que aí se fazia ou decorrente da sua situação geográfica: «o monte», «a encosta do monte», «o rio dos julgamentos», «onde está o juiz», «onde se reúne a assembleia», «pastagens», «à entrada das pastagens do domínio», «na pastagem», «sítio onde há água». As povoações igualmente: os naturais não tinham necessidade de «dar um nome» à sua terra, uma vez que viviam num regime de autarcia económica e social, em que a vida social se desenrola totalmente em torno da comunidade e da parentela (podiam até não conhecer outras povoações ou não ter relações com elas). Diziam unicamente «a povoação», «onde a gente mora», «onde moram os parentes», em oposição à morada dos outros, que podia chamar-se do mesmo modo, e para distinguir o local de habitação dos campos, pastagens ou solidão envolventes. Daí a frequência de termos

que significam 'cidade', 'povoação', 'clã', 'comunidade', 'na parentela'. Diga-se a propósito — e para desdizer tanto os mitos ou crónicas locais como a visão dos portugueses em geral, que atribuem hoje extrema importância à distinção entre aldeia, vila e cidade — que pelo termo 'cidade' [qiryā, qaria, eiria, ...] (referido na toponímia, na arqueologia e nas reminiscências populares actuais referentes a esses sítios) não se entendia no Mediterrâneo uma povoação grande ou alinhada como as que hoje têm esse título em Portugal, mas unicamente 'povoação', sem distinção entre grande ou pequena. Parece, no entanto, que *qrt ay* [cartaia/catraia], que significa literalmente 'povoação do comum, de qualquer um', se referia a 'povoação pequena' (como hoje «catraia» na Beira), ou talvez 'povoação de gente comum, de camponeses'.

No passado, os topónimos seriam mais extensos ou mais reduzidos do que actualmente; toda uma encosta podia ter-se chamado «serra dos casamentos», quando hoje esse nome corresponde apenas a um lugar insignificante; e um local podia ser conhecido por vários sinónimos. Há constelações inteiras cujas dezenas de nomes são duplicações de dois ou três nomes originais (a constelação de Valverde-Mafra é bem significativa como desdobramento de termos relacionados com a ideia de poder).

Duplicações e sinónimos são provas muito seguras da significação funcional do nome — prova irrefutável se se demonstrar a sua sinonímia. A sinonímia de topónimos vizinhos pode explicar-se desta forma: num modo de vida autárcico, que era o das aldeias do passado, muito antes dos mapas e das estradas modernas, as povoações vizinhas conheciam um mesmo sítio por nomes diferentes mas funcionalmente sinónimos (*kort* 'fazer ou renovar o pacto' é sinónimo de *gamalikan* 'manter o direito'). Uma aldeia nomeava o local pela primeira fórmula, a aldeia vizinha adoptava a segunda. Os vários sinónimos por que era conhecido o sítio mantiveram-se com o correr dos tempos, os nomes correspondentes ao mesmo sítio passaram depois a ser contíguos, deslocando-se no raio de um ou dois quilómetros. Dissemos naquele *Ensaio sobre Toponímia* que, como as culturas, os nomes dos sítios tendem a ser imorredouros, restringem-se, deslocam-se, subdividem-se e disfarçam-se para não desaparecer da memória das populações que os utilizam.

Disse-se nesse trabalho que os «fitotopónimos» (nomes de sítios derivados de plantas) só existem nos dicionários onomásticos e toponímicos, e que os rurais — que são os exclusivos autores dos nomes de sítios rurais — não nomeiam os lugares pelas plantas que aí se encontram — a vegetação é que é referenciada por um nome (*Mata do Rato, Olival do Mocho*). Para além da recusa dos «fitotopónimos», vão aparecer certas propostas de significações que escapam igualmente à interpretação erudita tradicional. Entre eles, temos as inúmeras *Costa* (primitivamente *Acosta*, que interpretamos por «desposórios» ou «festa». De facto, uma coisa é imaginar um nome isolado e outra é a sua localização ou relacionamento com os nomes vizinhos. Há mais exemplos que talvez perturbem, como os de: *Carvalhal*, que interpretamos como derivado de *qrb' ll* 'na parentela'; *Sobral*, de *sbr' ll* 'comunidade dos parentes'; *Venda Nova* e *Casa Nova*, de *nabi, bent nabi, kasu nabi* 'profeta/sacerdote/juiz/adivinho'. Tais interpretações podem parecer à primeira vista ousadas, mas são justificadas pelo relacionamento destes nomes tão vulgares com os seus vizinhos. Certos nomes aparentemente significativos como *Mata-Quatro, Boa Vista, Audiência*, etc. são um misto de eufemismo e de tradução, tendo o decalque fonético algo de comum com a significação precedente, significação «melhorada», dado que a antiga passou a ser condenável.

Os morros cimeiros, visíveis a muitos quilómetros, são hoje referidos pelo que de mais notável existe nessa região: feira, corporação ou romaria. O cabeço identifica o povo que habita a região. Por mais forte razão, assim seria também no passado. Prestamos então grande atenção aos nomes dos cabeços sobranceiros, mesmo que se encontrem afastados alguns quilómetros, mas nem sempre o podemos fazer; eles podem situar-se na carta vizinha que não entra na amostragem.

Um princípio metodológico para um levantamento inédito consiste em não ter demasiado receio de que o joio do erro se introduza na colheita. Demonstrado o princípio de que os nomes actuais podem ter sido decalcados sobre os antigos, neste tipo de levantamento é mais grave abandonar elementos no terreno com medo de errar do que errar por excesso de recolha, uma vez que poderá proceder-se a uma selecção futura. Além deste procedimento para o levantamento inédito, as preocupações desta pesquisa não são o prazer de decifrar as charadas que os topónimos poderiam conter, como também não é fundamentalmente descobrir o funcionamento exacto da instituição a que se atribuem os nomes, mas antes de mais a descoberta do léxico.

Capítulo segundo

«Kort berit», cortar uma aliança

Os povos semitas não concebiam relações sociais sem que estas estivessem condicionadas por um pacto estabelecido pelos antepassados, ao qual ficam obrigadas as gerações vindouras. Costumes, regulamentos, normas sociais, ritos religiosos, etc. têm origem nesta visão contratual da existência, perpetuados por teologias ou por mitos. Do respeito pelas regras dependem não apenas a ordem social e o bem-estar, mas também o ritmo astral, o regulamento das estações e a ordem cósmica. A ordem política e jurídica estava também condicionada por essa visão contratual, que desvalorizava a tirania e a prepotência dos governantes, uma vez que impunha limites à sua vontade; assim também as populações se sujeitavam mais facilmente aos regulamentos injustos, partindo do princípio de que «assim está estabelecido, as coisas são assim». Esta concepção da existência proporciona a continuidade da cultura ao longo dos milénios: «Procede-se hoje desta forma porque está estabelecido que assim se deve fazer, porque sempre se fez.»

Nas línguas semitas, o pacto, contrato e aliança designam-se por *berit*, que implica obrigações recíprocas. O fundamento da religião judaica é a aliança existente entre o povo judeu e Yaveh, é a *berit* sagrada mais conhecida; a partir dela desenvolveu-se a religião cristã, que se reclama da «promessa» (ou Testamento) decorrente dessa aliança. As cláusulas da *berit* hebraica são a *Tora* (A Lei), isto é, os cinco primeiros livros da Bíblia.

Historiadores e teólogos têm vindo a interessar-se estes últimos tempos por este tipo de relação contratual¹.

Tal como a sociedade se ligava ao seu deus na sequência de um pacto firmado «desde o princípio» e renovado periodicamente, assim a ordem política e jurídica estava sujeita a uma relação contratual, a qual vinculava os naturais entre si e estes ao senhor. Do mesmo modo eram instauradas as relações impostas pelas novas conjunturas sociais e políticas (por exemplo, a conquista de um território). Os servos e os senhores, os vencidos e os vencedores, os pastores e os agricultores, os pastores entre eles para a divisão dos pastos, etc., estabeleciam *berit* nos respectivos níveis, renovados anualmente, tal como os naturais e certas categorias de residentes não-cidadãos que eram «hóspedes», com privilégios próprios decorrentes das várias *berit*, enquanto os outros eram «estranhos, estrangeiros».

Berit procede do acadiano *biritu/britu*, que significa 'cadeia/corrente'; depois derivou para 'acordo vinculante'. O conceito é comum a todas as línguas semitas;

¹ Cfr. *Origens Orientais*, pp. 77 segs. e Bibliografia. A essas referências acrescenta-se, para os aspectos teológicos e linguísticos, o excelente estudo de WALTER EICHRODT sobre a *berit*, *Teología del Antiguo Testamento*, I. *Dios e Pueblo*, Cristiandad, Madrid, 1975, e E. JENNI e C. WESTERMANN, *Diccionario teológico manual del Antiguo Testamento*, Cristiandad, Madrid, 1978, pp. 492 segs. MAX WEBER, sociólogo das instituições, dedicou-lhe um capítulo do seu *Le judaïsme antique*, Plon, Paris, 1970, pp. 79 segs.

relacionava-se, filologicamente e na expressão prática, com: 1) *brb* e *baru* 'ver, contemplar, escolher, designar', termos aplicados às visões e aos augúrios através dos quais se decidia da escolha dos parceiros sociais e do conteúdo dos pactos; 2) os ugaríticos *bry* [bary] 'cortar', *hs* [asse] 'cortar', *brd* [barad] 'separar, trancar, repartir'; e 3) o acadiano *ba'rium* 'funcionário, chefe local', no Código de Hamurabi.

O pacto, *berit*, não se firmava como hoje por assinaturas no termo da série de cláusulas, mas com uma refeição em comum. Esse é o seu aspecto mais curioso dessa instituição. Partilhar uma refeição era assinar um pacto indelével. Convidava-se alguém a um banquete para impor ou renovar uma aliança. Os textos semitas antigos, profanos e sagrados, políticos ou privados, dão-nos frequentemente conta da «assinatura» de uma *berit* tanto por meio de banquetes rituais, como de refeições singelas, e até de patuscadas, entre os parceiros mais diversos, Deus e homens, vencedores e vencidos, pastores entre si, irmãos desavindos, relações matrimoniais, tribos adversárias. Partilhar uma refeição era, só por si, aceitar o pacto, quaisquer que fossem a intenção, os subentendidos ou mesmo a má-fé dos participantes. No momento em que os Hebreus se preparavam para entrar na terra de Canaã, Deus preveniu-os (*Ex.*, 34:15):

Yaveh tem por nome Ciumento, porque é um deus ciumento. Não farás alianças com os habitantes do país porque, quando eles se prostituírem aos seus deuses [ou seja, venerarem os seus deuses] e lhes oferecerem sacrifícios, convidar-te-ão e tu comerás desse sacrifício; depois disso tomarás as suas filhas para os teus filhos, as suas filhas prostituir-se-ão e farão com que os teus filhos se prostituam também.

Não obstante o conceito de aliança (liga, prende), não se dizia «ligar um pacto», mas o contrário: «cortar um pacto» (*kort berit*, e a lógica era esta: assim como uma refeição em comum se partilha, corta, divide e se distribui pelas duas partes, assim se «cortam» os direitos e as responsabilidades respectivas. Aponta-se para a origem da instituição um costume arcaico que consistia em aquele que propunha a aliança cortar um animal ao meio e passar depois por entre as partes colocadas uma em frente da outra, sugerindo que o que faltasse às cláusulas teria a mesma sorte que o animal despedaçado². Assim procedia também o deus dos Hebreus quando estabelecia ou renovava a Aliança, fazia-se representar por fumo que circulava por entre as partes do animal (*Gn.*, 15:17; *Jer.*, 34:15):

Quando chegou a noite, Abraão viu uma coluna de fumo que passava por entre as partes do animal porque nesse dia Yaveh estabeleceu com Abraão uma aliança.

«E a estes homens que traíram a minha aliança estabelecida com eles na minha presença, vou torná-los iguais ao vitelo que eles cortaram ao meio para passarem entre os seus bocados; os príncipes de Judá e de Jerusalém, os eunucos, os sacerdotes e todo o povo do país que passou entre os pedaços do vitelo, eu os entregarei às mãos dos inimigos; os seus cadáveres serão o pasto das aves do céu e das bestas ferozes».

A aliança arcaica associa-se à manobra do poderoso que atrai a si um fraco, ou à diligência de um deus ocioso que procura uma clientela. O poderoso pode ser um invasor que submete os vencidos às cláusulas que ele próprio elaborou de sua exclusiva iniciativa, como neste caso (*Ez.*, 17:12):

O rei de Babilónia veio a Jerusalém, prendeu o rei de Israel [Joachim] e os grandes do país, levando-os para a sua terra; tomou depois um descendente do rei [Sedecias], concluiu com ele uma aliança e obrigou-o a prestar juramento a fim de que o país ficasse modesto e sem ambições, obrigando-o a guardar fidelidade a essa aliança e a mantê-la.

² Cfr. JENNI, *ibid.*, I, p. 1173.

Uma vez firmada, a aliança, religiosa ou não, torna-se irreversível. O respeito pelos acordos é absoluto, nada poderá justificar o não-cumprimento das cláusulas: nem o seu carácter injusto, nem uma nova situação, nem sequer os interesses patrióticos e colectivos poderão justificar o desrespeito da aliança. Deus é testemunho das cláusulas das alianças firmadas, por opressivas que sejam para uma das partes. A Bíblia demonstra essa severidade, em prejuízo até do próprio povo de Israel oprimido pelo império de Babilónia. Tendo Sedecias, rei de Israel, faltado aos compromissos assinados com o opressor, impostos por este, e tendo-se aliado ao Egipto contra o rei de Babilónia, foi castigado pelo seu próprio deus, uma vez que «faltou à aliança» assinada com o seu inimigo (imposta por ele), e o profeta é bem claro (*Ez.*, 17:16):

Juro pela minha vida, oráculo de Yaveh: uma vez que ele rompeu a aliança, será no país do rei que o pôs no trono, será nesse país, que ele [rei de Israel] morrerá porque menosprezou o juramento; será em plena Babilónia que ele morrerá. O faraó não o salvará com o seu grande exército. Porque ele menosprezou o juramento rompendo a aliança a que ele próprio se comprometeu. Não se salvará.

Também podia a *berit* derivar da iniciativa de um povo ameaçado a fim de que o poderoso o não destruísse e antes protegesse: foi o que fizeram os adversários de Isaac, quando previram que este pensava exterminá-los; pediram-lhe que «houvesse uma aliança entre eles, que Isaac jurasse que não lhes faria nenhum mal; então Isaac preparou um festim e eles comeram e beberam» (*Gn.*, 26:28); outros casos semelhantes (*II Sam.*, 3:21; *II Cr.*, 23; *Is.*, 28:15; *Jer.*, 34:8; *II Reis*, 11:4; os pactos entre iguais chamam-se *berit abim* [aliança de irmãos]).

Weber explica a importância do conceito da aliança entre Semitas pela estrutura social destes povos, que repousava quase exclusivamente numa relação permanentemente definida por contrato entre os clãs guerreiros que possuíam as terras e as tribos de nómadas que eram os seus hóspedes: pastores nómadas, artesãos, mercadores e sacerdotes. Toda a estrutura social era dominada depois por uma rede de associações fraternais (*ibid.*, p. 119).

A divindade podia chamar-se «Senhor da Aliança». Conhecem-se entre os Cananeus ou Fenícios invocações divinas a Baal Berit e El Berit. Conheceu-se um templo de Baal Berit em Siquém (Canaã), onde fora firmada uma aliança entre Cananeus e Hebreus, supondo-se então que Baal Berit fosse, pelo lado cananita, o guardião do pacto com o povo de Israel. Sabemos também por meio da Bíblia que o tesouro do templo era simultaneamente o tesouro da cidade, e que a divindade era o «guardião das alianças e dos juramentos», tal como lhe competia castigar as transgressões respectivas³. Para os Hebreus, o guardião da fidelidade aos pactos e juramentos era Yaveh. As cláusulas da aliança compreendiam «palavras abençoadas» e «palavras amaldiçoadoras», ameaças de pragas e de maldições. Os castigos terríficos com que Yaveh ameaçava Israel, se este desrespeitasse a Aliança, são um exemplo da percepção semita do respeito pelos pactos; exemplificámo-las nas *Origens Orientais*.

O código jurídico de estado era entendido como uma aliança firmada entre o rei, ou o seu mandatário, e o povo. O rei não era a fonte do direito, mas a divindade de que o rei era o agente. Hamurabi faz uma longa introdução ao seu código dizendo que é mandatário de Shamash (o Sol) e de outras divindades, que são a outra parte

³ Cfr. EICHRODT, *ibid.*, p. 194.

social do contrato. Para se conhecer a vontade da parte divina, consultavam-se os profetas, os adivinhos, procedia-se a uma consulta de sortes ou a uma ordália, observava-se o efeito do vento nas árvores, o estado das vísceras de animais ou de humanos, etc. A este propósito, certos autores notam que o povo de Israel e outras nações semitas actuais ficaram mais afeitos à visão teocrática das leis civis do que certos outros povos semitas da Antiguidade. Hamurabi, por exemplo, afirma expressamente que «separou o templo do palácio», querendo com isso dizer que as suas leis não eram teocráticas, embora fosse mandatário de Shamash. Havia, portanto, em variados povos mediterrâneos, de cultura semita ou não, uma aliança religiosa separada da aliança civil. Os direitos acadiano e babilónico apresentavam um certo grau de superioridade relativamente ao hebraico, que era teocrático; por outro lado, o direito de Hamurabi era classista — diferentes estratos tinham obrigações e direitos diferenciados —, enquanto o hebraico é igualitário.

Juridicamente, *kort berit* traduz-se por 'estabelecer uma determinação, fixar as obrigações respectivas'. O termo *berit* aparece 287 vezes no Antigo Testamento, das quais 80 na fórmula *kort berit*, usada com mais frequência por volta do século VIII a. C. Em torno da expressão *kort*, aparece um conjunto de outros termos associados à fixação do direito⁴. Vamos encontrá-los também como nomes dos sítios portugueses, dentro do raio de um quilómetro em torno dos sítios *Cortes*. Eis alguns deles (referindo-nos unicamente ao texto bíblico):

'hz	'agarrar, colher, ter a ver com'
'ed	'compromisso, mandato'
'amana	'compromisso'
'men	'ser firme, seguro'
'al	'«peso» da dívida'
ans	'inexorável /ser irmão / irmandade'
bw'	'entrar' (numa <i>berit</i>)
btḥ	'confiar'
din	'direito'
ger	'estrangeiro, hóspede'
qeyam	'juramento, promessa'
qym	'assistente' (=representante de uma das partes, «o que está de pé»)
gzar qyam	'estabelecer uma determinação'
gzer'dn	'cortar, estabelecer uma determinação'
gamali kan	'manter o direito'
qyn	'estabelecer, fixar; o que está determinado, coisa fixada'
qrb	'entrar' (=em juízo)
g'l	'redimir; pagar a dívida; vingar o sangue'
heber	'companheiro, sócio'
heber berit	'participante da <i>berit</i> '
harssim	'anátema/maldição'

⁴ Cfr. JENNI e WESTERMANN, *ibid.*, p.

<i>kan</i> (ac. <i>kanu</i>)	'a norma, o estabelecido, sistema social; dispor, ordenar'
<i>kun</i>	'estar fixado, seguro'
<i>kort harassim</i>	'cortar a maldição', 'fazer um juramento afirmativo'
<i>kort amana</i>	'estabelecer uma determinação fixa'
<i>miseru</i>	'fronteira, separação' (sinónimo de <i>kort</i>)
<i>neder</i>	'voto, promessa, fazer uma promessa'
<i>parasu</i>	'cortar, separar, diferenciar, decidir' (sinónimo de <i>kort</i>)
<i>piqqudim</i>	'ordens'
<i>ps'</i>	'transgressão, rebeldia'
<i>re'a (re' u)</i>	'parceiro, próximo, associado'. Próximo de <i>ro'eb</i> 'pastor'.
<i>sm'</i>	'ouvir'
<i>sebu'a</i>	'juramento'
<i>sedek</i>	'justiça'
<i>šapatu</i>	'julgar'
<i>slm</i>	'pagar uma dívida'.

A vontade de manter a ordem estabelecida, assim como as novas leis, era difundida em reuniões anuais de toda a população de uma aldeia, tribo, confederação de tribos ou região. Os clãs iam na sua integridade ou mandavam os seus delegados. Uma vez que a «assinatura» das alianças e a vontade de respeitar as leis estabelecidas se processava por meio de um banquete, a reunião jurídica assumia o aspecto de uma orgia alimentar. Assembleia jurídica, orgia alimentar, romaria, culto religioso, feira, tribunal criminal ou civil, instrução do processo judicial por adivinhação, testemunhas ou de ordálias, contratos de toda a ordem, pagamento de dívidas, namoros, arranjos nupciais, pagamento de dotes, primeiras relações sexuais entre namorados comprometidos por dotes, o casamento — enfim, tudo quanto assumisse a ideia de «pacto» podia ter lugar no mesmo local e ao mesmo tempo. Vamos encontrar todas essas relações contratuais expressas toponimicamente no raio de um ou dois quilómetros em torno de um sítio central. Era um *yspi 'n assy kan* [espiinassican] 'encontro de exprimir o direito'.

Tais reuniões tinham lugar junto dos rios, nomeadamente das suas nascentes ditas «fontes dos rios» ou na junção de um afluente. Os locais chegam até a chamar-se, no texto bíblico, «Fonte do Direito» ou «Fonte do Julgamento». As fontes do Jordão eram uma «Fonte do Direito», e *dan* significa 'julgamento' (*Jor-dan*). Os patriarcas-pastores, como Abraão e os seus filhos, estabeleciam contratos com os pastores vizinhos (para a divisão dos pastos) ou com os agricultores junto do «Poço dos Juramentos». Cades, cidade cananita e lugar de encontro de pastores transumantes, era conhecida por «Fonte do Direito» (*'n michpat*).

«Berit»: identidade de cultura, de língua e de instituições.

A instituição da *berit* está, portanto, ligada ao reconhecimento do poder político e aos pactos de fidelidade fraternal ou de cumplicidade política. «Homens da *berit*» e «homens da paz» podem ser sinónimos na Bíblia; é um rito de solidariedade cujo

efeito depende das intenções de quem o «corta». Pode ser cortado com vista a uma acção particular, como um golpe de estado ou de reconhecimento de uma dinastia, para instituir uma amizade indelével ou criar uma união completa e eterna entre o povo e os deuses, entre o povo e o chefe ou entre dois povos. Um casamento é uma *berit*, a esposa é a «mulher do teu *berit*». Associar-se a uma *berit* é querer e não querer as mesmas coisas. O carácter mais antigo da *berit* é unilateral, estabelecendo relações de poder, o que explica como o vocábulo pode significar «ordem, lei, cláusulas jurídicas». O Livro da Lei (*Tora* para os Judeus, o Pentateuco dos cristãos) é sinónimo de «Livro da Aliança» para os Judeus (*sefer ha berit*), a Antiga Aliança para os cristãos. Um país conquistado no seguimento de um pacto é a «Terra da Aliança» (isto é, Canaã). Uma aliança entre os Semitas assume um carácter indelével; nem sequer Deus pode desfazer o pacto que estabeleceu.

O sinal bíblico da Aliança entre Deus e Noé, na qual Deus prometeu que não haverá outro divórcio, é o arco-íris a que a Bíblia chama «arco da Aliança» ou, entre nós, «Arco da Velha» (=«Velha Aliança»)⁵. *Baal Berit* tanto se pode referir a uma invocação divina, «Senhor da Aliança», como a um senhor-proprietário no contexto de «contrato social», como ainda a «marido do casamento/aliança», uma vez que *baal* significa essas três entidades masculinas, e *berit* qualquer tipo de aliança, contrato ou promessa. Os Cananitas veneraram em Siquém, sítio de contratos e de promessas, uma invocação divina chamada Baal Berit. El-Berit e Baal-Berit eram igualmente títulos de Deus entre os Hurritas (Ásia Menor); Baal Berit era sinónimo de Baal Dan 'Senhor do julgamento' entre os Cananitas, e confundia-se com o seu homónimo Baal Dan 'Senhor das nascentes ou Senhor dos poços', donde proveio o nome do rio Jordão. Entre os Judeus deportados em Elephantine (Baixo Egipto) no início da nossa era, Baal Berit ou El Berit era também 'Senhor dos juramentos' e representava-se por um bétilo, coluna de pedra ou estela (*baytilu* 'casa de Deus').

O estabelecimento implícito de uma aliança com outrem exprimia-se por vários processos além da refeição em comum, convidado expressamente para ela ou forçado pela fome a fazê-lo. Oferecer voluntariamente uma prenda a alguém significava «propor uma aliança», e a sua aceitação «reconhecia a aliança»⁶. Beber da água do cântaro do outro, atar o seu cântaro ao do outro, partilhar da mesma bilha ou da mesma panela («estar à mesma panela», «ter contrato de sal») era ser parceiro de um pacto, donde o sacrifício de comunhão nos recintos sagrados. Pedir para beber da água do cântaro de uma rapariga estranha que se encontrava na fonte era «pedi-la em casamento» (*Gn.*, 24:14, 20). Ao contrário, roubar a bilha de alguém correspondia a tomá-lo como adversário⁷. Qualquer contacto corporal ou sexual,

⁵ «Deus falou deste modo a Noé e aos seus filhos: "Estabeleço a minha aliança convosco e com os que vos sucederem e com todos os seres animados que estão convosco, aves, animais, toda a espécie de bicho, isto é, tudo quanto saiu da arca; estabeleço a minha aliança: as coisas que existem não serão mais destruídas por águas de dilúvio, não haverá outro dilúvio para destruir a terra. Eis o sinal da aliança que eu instituo entre mim e vós e todos os seres vivos que estão convosco, por todas as gerações: eu coloco o meu arco nas nuvens e ele servirá como sinal da aliança existente entre mim e vós; quando eu ajuntar as nuvens e o arco aparecer no céu recordar-me-ei da aliança existente entre mim e vós e todos os seres vivos, quer dizer, toda a carne, e as águas não se tornarão mais dilúvio para destruir os seres de carne. Tal é o sinal da aliança que eu estabeleço entre mim e toda a carne que existe na terra"» (*Gn.*, 9:12 segs.). Segundo as observações meteorológicas populares, a formação de um arco-íris que surge em períodos de fraca nebulosidade significa que a chuva não foi ou não será abundante.

⁶ Além da bibliografia para *kort*, cfr. também ELIE BIKERMAN, *Couper une alliance*, in *Anthologie sur l'histoire du droit oriental*, V, 1951, pp. 134 segs.

⁷ *I Sam.*, 26:11. A última ceia de Jesus, na celebração da Páscoa, que para os cristãos representa a Nova Aliança, foi celebrada na casa de um homem cujo sinal, dado por Jesus aos discípulos que deviam alugá-la, foi: «Ide à cidade; encontrareis um homem transportando um cântaro de água; segui-o e onde ele entrar digam ao proprietário: "O meu mestre manda perguntar onde é a sala em que Ele pode celebrar a Páscoa com os seus discípulos?" Entrai e encontrareis uma sala mobilada de almofadas, fazeis aí os preparativos» (*Marcos*, 14:13).

como por exemplo entre homens, o toque das partes sexuais do outro, era jurar fidelidade, pactuar⁸.

Nos meios populares portugueses existiu o costume de manter em certos locais um cântaro com água para o serviço dos passantes e peregrinos, sinal de hospitalidade, nomeadamente em sítios chamados *da Légua* (*lg* 'cântaro'). O termo 'logro' é sinónimo de «esparrela, ludíbrio»; 'esparrela' (*cair na esparrela, num logro*) corresponde às refeições contratuais às quais se associavam alianças indeléveis (*ispa r'ly* 'comida/reunião de parceiros'), de que encontraremos outras variantes em nomes de sítios. Sendo sinónimo de 'esparrela', 'logro' pode derivar de *lg gr* 'cântaro dos passantes ou dos estranhos', isto é, ser enganado pelo costume do cântaro da hospitalidade. José Pedro Machado faz derivar o termo 'logro' do latim *lucrum* ('ganho, lucro'), quando se trata de duas significações independentes ou contrárias.

Na Ásia Menor e em Canaã havia lugares tradicionais para celebrar ou reafirmar acordos e alianças. O lugar que se chamou Siquém, em território cananita e na Samaria, foi referenciado por dezenas de passagens bíblicas; aí se pronunciavam os juramentos solenes, se anunciava o direito, se reconhecia a legitimidade dos conquistadores, dos senhorios e da realeza, se propunha a unificação das tribos dissidentes, etc., desde a mais alta antiguidade bíblica, desde Abraão a Melquisedec, Jacob e o tempo dos Juízes, até a uma época recente, constado também pelo historiador profano Flávio Josefo⁹. Em Siquém existia, como dissemos, um templo cananita a Baal Berit. Certas passagens (*Gn.*, 12:6; *Deut.*, 11:30; *Juízes*, 7:1) precisam que tais encontros contratuais tinham lugar «junto do carvalho de Moreh», *mhr r'*, que em ugarítico significa 'vigor de companheiro', 'dote de esposo', porque aos lugares de contrato se associam a cada passo contratos de casamento. Moreh assemelha-se curiosamente aos topónimos *Morreu*, *Moreira*, etc., que vamos encontrar nas constelações de *Valverde*, onde também encontramos os carvalhos da adivinhação como eram os de Moreh. Siquém (sítio de) significa «dar/apresentar o ombro» (contratos), *seken* 'estela, aparição'. A identidade da toponímia portuguesa com a das instituições cananitas ou fenícias em Canaã (venham elas referenciadas na Bíblia) não deve ser motivo de espanto, nem deve ter outra explicação que o costume das sociedades reproduzirem nas colónias os nomes dos sítios e das instituições da mãe-pátria. No *Ensaio sobre Toponímia Antiga* vimos alguns sítios chamados *Jericó*, *Tróia*, *Atouguia*, etc., contíguos de *Carcavelos*. No presente capítulo vamos encontrar de novo *Atouguia* (Guimarães, Ourém), que foi um outro nome de Ugarit.

O *Valverde* lusitano (*Baal Berit*) parece referir-se sobretudo a um culto festivo primaveril com forte conotação erótica. O termo *berit* deu um culto católico muito popular nas Beiras chamado da Senhora do Verde, do Espinheiro (*yspi 'n ary*), que se festeja entre a Páscoa e o Pentecostes, sobretudo no domingo de Pascoela (primeiro depois da Páscoa). O culto é assinalado com bodos no adro das capelas ou com passeios e farnéis nos montes com — num ou noutra sítio — fortes reminiscências de cultos eróticos «para arranjar casamento». Nestes casos, *Valverde* significaria mais precisamente 'marido de casamento ou de aliança', tanto mais que os sítios *Valverde* se encontram

⁸ Diz Abraão: «Põe a tua mão sob a minha coxa, far-te-ei jurar por Yaveh, Deus do céu e da terra que não darás ao meu filho uma mulher dos Cananitas entre os quais eu moro, mas que irás à terra dos meus antepassados e aí escolherás na minha parentela uma mulher para o meu filho Isaac» (*Gn.*, 24:2). «Põe a tua mão sob a minha coxa, mostra-te benevolente e piedoso para comigo: não me enterres no Egito, faz-me esse juramento» (*ibid.*, 47:29).

⁹ Cfr. ALBERT VINCENT, *La religion des Judeo-araméens d'Elephantine*, Librairie Geuthner, Paris, 1937, p. 617.

associados a Meia-Légua (*ml lg* 'dote'), *Ortiga* (*wrttega* 'primeira mulher'), *Mor* e *Moreira* (*mhr* 'dote / vigor masculino'), *Santo Amaro* (*maru*, caldaico 'marido', ac. 'rapaz'). As Senhoras do Verde, que também se chamam dos Prazeres (*parasu* 'normas/convocação') e que herdaram o culto do Deus da Aliança, representam-se com um ramo de flores que ostentam aos fiéis; algumas são criptojudaicas e sugerem a «aliança ou promessa» dos Hebreus e Fenícios com o seu deus. Nas *Origens Orientais* (pp. 46 segs.; 77-97) descrevemos o processo como uma imagem mariana de Viseu tida por «Senhora dos Prazeres» para os cristãos-velhos e por «Santa Rainha Ester» para os cristãos-novos.

Na linguagem popular da região de Aveiro, *valverde* significa «balbúrdia, confusão, chinfim» (feira, festa, falatório) e, algures, «pênis de borracha usada por viúvas e por divorciadas», segundo o *Dicionário de Expressões Populares Portuguesas* já citado. Balbúrdia (sinónimo de valverde), que os filólogos consideram de «origem obscura», tem a mesma origem: *bal-berite* → *bal berute*. José Pedro Machado diz que certos documentos antigos registam «balborda»; neste caso, pode derivar de *baal bârod* 'senhor do corte/contrato'. A expressão popular *Sorte, sorte vila verde* significa 'seja o que Deus quiser' e 'são palavras incentivadas para tentar a sorte'. Pode bem associar-se a *bly berit* 'consumir/executar a aliança, o prometido', venham as consequências que vierem. Alguns autores fazem variar o termo *berit* do acadiano *baritum* 'espaço intermediário'; *kort berit* significaria então 'cortar o espaço que separa os contratantes'¹⁰.

O poder do Estado e o direito dos pastores no Médio Oriente Antigo.

As passagens bíblicas em que o rei oferece, sob a forma de sacrifício de comunhão, refeições colectivas, periódicas senão quotidianas (para as quais se podiam imolar centenas de reses no terreiro do templo), foram confirmadas por certos estudos recentes sobre o Próximo Oriente, Ásia Menor e Pérsia, com base em outro tipo de fontes¹¹. Tratava-se de manter a ordem e o respeito pelas leis e o reconhecimento da soberania real, mediante a oferta de dons, banquetes, ofertas gratuitas de carácter não obrigatório, mas que exigiam uma contrapartida de outro género por parte dos beneficiários. Tais prestações voluntárias significavam, antes de mais, a fraqueza do poder real face à anarquia da sociedade envolvente. Vemos também nesse costume a teoria sociológica de Marcel Mauss quanto ao dom e contra-dom.

Ciro, fundador do império persa (século VI a. C.), e Alexandre o Grande, de Macedónia (século IV a. C.), respeitaram e instituíram como uso imperial um costume particular a certas regiões conquistadas que consistia na distribuição anual de dons, de prendas e até de tributos aos pastores indomáveis que controlavam as montanhas. Essa distribuição exprimia-se em termos de contrato e de paz (em cananita, *tlm* tanto significa 'sacrifício de comunhão' como 'paz'). Historiadores como Estrabão e Diodoro referem que esses dois «grandes reis» respeitaram (e por vezes traíram) essas instituições arcaicas, associando-os ao mito da obra civilizadora de Dionisos: respeitaram-nos porque eram os continuadores de Dionisos. De facto, os mitos eruditos gregos ligam tais costumes ao culto de Dionisos (o Baco romano), distribuidor da alegria e da abundância. Segundo esses mitos, foi Dionisos quem, na Síria, Pérsia e Índia, «instituiu

¹⁰ Cft. E. LIPÍNSKI, *Recherches ougaritiques*, Syria, tomo I, 1973, faces 1-2, p. 50.

¹¹ Cft. PIERRE BRIANT, *Etat et pasteurs au Moyen-Orient ancien*, Maison des sciences de l'homme, Paris, 1982.

as cidades» (em oposição à rebeldia dos pastores), transferiu aldeias para sítios mais conformes, instituiu o culto divino em lugares fixos e estabeleceu leis e tribunais. Dionísio foi, portanto, o fundador da ideia de Estado. Sob o Império Romano o conceito de Estado parte da ideia de *civis, civitates* (donde o termo 'civilização'), quando nos nossos sítios (à semelhança do Próximo Oriente) essas aglomerações urbanas já existiam, aparecendo sob várias designações: *eiria, qary, qaryt, padru*, etc. A «fundação» de *civitates* no Médio Oriente por Alexandre o Grande visou o desenvolvimento da agricultura, a qual, em virtude das deportações massivas de pastores e de camponeses, tornaria os costumes dos povos mais «brandos» e mais submissos. Tal ideologia encontra-se igualmente em Estrabão, quando se refere à «obra civilizadora» dos Romanos na Lusitânia e que os historiadores portugueses retomaram sem pestanejar. Enquanto isto, autores recentes demonstram que as sociedades pastoris e mesmo nómadas eram sociedades perfeitamente constituídas e não apenas pálidas representações das sociedades sedentárias anteriores à revolução agrícola — o que permitiu a sua longa resistência aos estados centralizados.

Alguns, entre populações citas, Alexandre recebia dons dos naturais em troca da sua liberdade (ou não-submissão) política, propunha casamentos entre os homens do seu clã e as mulheres indígenas, e nomeou um «companheiro» encarregado de receber os dons e de superintender aos casamentos e aos juramentos. Como contrapartida, os naturais forneciam-lhe soldados para as suas campanhas guerreiras. O «companheiro» de Alexandre corresponde ao *rea' melek* 'companheiro/funcionário do rei' (cfr. outro texto); pode ser equivalente ao «redondo» que encontramos insistentemente em Cortes (*rea' adon wd* 'companheiro do senhor da aliança'; *'edu* 'do trono').

A oferta de dons (festas e bodos) por parte do clã do soberano, sob Alexandre o Grande, dizia-se em grego *dora, doradokein* 'dons', 'dar/receber dons', o que corresponde aos ugaríticos *dary* 'cortar, contratar', *adr* 'soberano' e *darâk* 'domínio, poder'. Temos em tais costumes uma ilustração do que Marcel Mauss analisou, em certas sociedades arcaicas, sob a designação «dom constrangente»¹², nas práticas chamadas *Potlach*. Nessas sociedades, o dom apresenta um carácter voluntário, por assim dizer livre e gratuito. É uma «prestação total», na medida em que, por intermédio do seu chefe, é todo o clã que contrata, por tudo quanto ele possui, por tudo o que ele faz. É constrangente no sentido em que o dom liga o beneficiário à obrigação de retribuir, estabelecendo-se deste modo uma relação funcional entre dom e troca, em que o primeiro não é senão um elemento de um sistema de prestações recíprocas, ao mesmo tempo livres e constrangentes. A liberdade do dom é o mecanismo que obriga o destinatário a um contra-dom de outro conteúdo, ou a dons compensatórios, como por exemplo a obediência política ou o recrutamento de soldados para as guerras senhoriais. Mauss lembra que os habitantes da Trácia obrigavam as pessoas a dar-lhes presentes, de modo que não havia entre eles mendicidade, mas uma maneira original de fazer contratos, e que Artaxerxes defendia o princípio de que «Para um rei é mais digno dar do que tomar.»

É sob esta luz que devemos entender o dom anual do soberano: o costume dos banquetes do *berit*, dom voluntário, tem o valor da consagração de um acordo. Embora,

¹² *Essai sur le don. Forme et raison de l'échange dans les sociétés archaïques*, in *Sociologie et anthropologie*, Presses Universitaires de France, Paris. Cfr. também PIERRE BRIANT, *ibid.*, pp. 88 segs.; PIERRE BENVENISTE, *Don et échange dans le vocabulaire indo-européen*, «Annales de sociologie», 1948-49, pp. 3 segs.

como refere Briant, nem sempre se tratasse de um tratado propriamente dito, porque estamos mais no domínio do pré-direito como hoje o entendemos, «é evidente que, em todo o caso, este encontro anual dá conta de um estado de paz entre pastores e soberanos ou, se se prefere, um estado de hostilidade regulada»¹³. Tal seria também na Lusitânia a instituição da festa do contrato celebrada periodicamente por iniciativa do clã detentor do poder político, à qual eram convidados os clãs de pastores e de agricultores, e que implicava simultaneamente a promulgação das leis e dos regulamentos e os contratos de casamento entre os clãs.

Na continuação dessa instituição jurídica, atravessando os milénios, temos hoje entre nós reminiscências bem arreigadas dessas festas e banquetes: os bodos populares celebrados anualmente por centenas de aldeias e freguesias portuguesas para satisfazer uma «promessa antiga»¹⁴, nomeadamente no culto do Espírito Santo, cujo donatário, usando toda a simbólica das práticas ostentatórias, como as das sociedades analisadas por Marcel Mauss, se chama exactamente imperador.

A *berit* fenícia ficou na toponímia lusitana sob a forma de *Verde*, *Valverde* (*Baal Berit*) e, por vezes, *Vilaverde*. À primeira vista, parecerá uma ousadia a associação entre *Berit* e *Verde*, uma vez que é muito mais confortável dizer que *Verde* deriva da «cor verde». As constelações de nomes em torno dos sítios *Verde* demonstram bem que se tratou de sítios relacionados com o direito: basta ter a paciência de as percorrer.

Kort ficou sob a forma de *Córtes*, nome de sítios. Uma *côrte* na Beira Interior é hoje o lugar onde se albergam os rebanhos na serra; este significado actual compreende-se facilmente a partir do conceito cananita de *kort*: a *kort* era sobretudo «divisão» de pastos, de clãs, de territórios e de responsabilidades jurídicas, enquanto os sítios lusitanos chamados hoje *Córtes* devem referir-se a lugares ou terreiros da época pastoril onde ocorriam os encontros dos habitantes dos territórios vizinhos para conhecimento e reconhecimento do direito, elaboração de contratos, pagamento de dívidas, de impostos, de promessas e de dotes, exercício da justiça, etc.

Existem várias centenas de sítios chamados *Córtes* e seus derivados, entre os quais *Cortegaça* (*kort*+*hs* 'corte+corte'). As vinte constelações de *Córtes* que se encontram na amostra, compreendendo várias regiões do país, são admiravelmente idênticas entre si, até monótonas, dando bem a entender que a instituição era a mesma de uma região à outra. Nelas descobrimos toda a linguagem ugarítica referente à justiça, lugares de elaboração e de propagação do direito, morada do juiz, alusões ao processo judicial e à execução dos condenados, lugares de pagamento dos dotes, de casamentos, de relações matrimoniais, lugares de culto, culto das deusas do parto, etc. Encontram-se vários sítios contíguos chamados *Cortes-Verde* e *Cortes-Valverde*, *Cortes-Britel* e *Cortes-Briteiros*. Em Marvila (Lisboa) encontramos uma *Cortes-Brito*...

Não exageramos se dissermos que as religiões semitas se notavam sobretudo pelos banquetes rituais. Expusemos nas *Origens Orientais* o tipo de sacrifício cananita e hebraico que consistia em três porções de alimentos, uma das quais se denominava «sacrifício de comunhão». Um «sacrifício de comunhão» era um banquete público. Segundo se previa mais ou menos povo nos santuários e, sobretudo, segundo a generosidade dos senhores, podiam imolar-se centenas de touros, milhares de carneiros, etc.

¹³ PIERRE BRIANT, *ibid.*, p. 90.

¹⁴ Cfr. *Origens Orientais*, pp. 77-142.

A estes banquetes públicos afluía, como podemos imaginar, imenso povo, tal como entre nós no passado afluía aos bodos primaveris. O costume português dos bodos populares do Espírito Santo ou da Senhora têm esta origem, como ficou demonstrado no trabalho citado.

Tais reuniões clânicas ou tribais ter-se-iam chamado *yspi'n assy kan* [espinassican] 'banquete, reunião, ajuntamento de exprimir as normas', *bispy mo'éd* [bispimoeda] 'na reunião geral' e *okel mo'éd* 'banquete geral'¹⁵. Estes termos passaram a ser nomes dos sítios onde ocorriam tais ajuntamentos, chamados hoje *Bispo*, *Hospital*, *Espite*, etc.: *yisp it* [espite] 'banquete oferecido', *yisp it'ly* [espitali] 'banquete do Altíssimo', *asp*, *yisp* significam também 'colher para si, recolher, arrebatrar', podendo então referir-se a «celeiros» ou a um lugar de recolha de impostos, dízimos, etc. A constelação dos nomes contíguos pode sugerir-nos um ou outro desses significados. Talvez se referissem a ambas as coisas.

¹⁵ Cf. EICHRODT, *Dictionnaire*, I, pp. 142, 221, 361.

Capítulo terceiro

Textos paradigmáticos

1. *Elaboração e difusão do direito.*

1.1. «Kort Berit» entre Jacob e Laban (século XVIII a. C.). Um exemplo entre muitos.

Laban disse a Jacob: «Estas raparigas são minhas filhas, estas crianças são meus filhos, este gado é meu, tudo quanto vês é meu; mas que poderei eu hoje fazer pelas minhas filhas e pelas crianças que elas derem ao mundo? Vamos! Façamos um pacto eu e tu e que isso sirva de testemunho entre mim e ti.» Então Jacob tomou uma pedra e levantou-a como uma estela. Jacob disse aos seus irmãos: «Ide apanhar pedras.» Eles apanharam pedras e fizeram um montão e comeram aí mesmo, sobre o monte de pedras. Laban deu a esse montão o nome *Sabaduta* [arm. = 'Monte do Testemunho'] e Jacob chamou-lhe *Galeed* [hb. = 'Monte do Testemunho'] e chamou-lhe também *Miçpa* [hb. = 'Árbitro'], porque ele disse: «Que Yaveh seja um vigia entre mim e ti, quando deixarmos de nos ver. Se maltratares as minhas filhas, se tomares outras mulheres além das minhas filhas, mesmo que ninguém esteja connosco, Deus é testemunho entre mim e ti.» E Laban disse a Jacob: «Olha este montão que eu levantei entre mim e ti, e vê esta estela. Este montão é testemunha, a estela é testemunha; que eu não possa passar este montão em tua direcção e que tu não possas passar este montão e esta estela para o meu lado com más intenções. Que o Deus de Abraão e o Deus de Nahor julguem entre nós dois.» E Jacob jurou pelo pai de Isaac, seu pai. Jacob fez um sacrifício no alto do monte e convidou os seus irmãos para a refeição. Comeram e passaram aí a noite. Tendo-se levantado cedo, Jacob pôs-se a caminho e dois anjos afrontavam-no; disse ele: «É o campo de Deus», e deu a este campo o nome de *Mahanayim* ['dois campos'] (*Gn.*, 31:43 segs.).

1.2. Estabelecimento da aliança entre o povo e Deus (século XIII a. C.). Reunião no sopé do Sinai.

No terceiro mês depois da saída do Egipto, os Israelitas atingiram o deserto do Sinai [...]. Moisés subiu então ao monte para ver a Deus, e Deus diz-lhe: «Falarás deste modo à casa de Jacob, tu declararás aos Israelitas: "Vistes o que eu fiz aos Egípcios, como eu vos trouxe sobre as asas das águias, e como viestes até mim. Agora, se ouvirdes a minha voz e se guardardes a minha aliança, eu tomar-vos-ei pelo meu bem pessoal entre todos os povos porque toda a terra me pertence; tomar-vos-ei por um reino de sacerdotes, uma nação santa. São estas as palavras que tu dirás aos Israelitas"». Moisés convocou os anciãos e expôs-lhes o que Yaveh havia ordenado, e o povo inteiro, de comum acordo, respondeu: «Nós faremos tudo o que o Senhor disser.» [Segue-se a *Tora*: descrição detalhada da Lei, norma por norma, lei civil, religiosa, política e económica.] Moisés foi dizer ao povo todas as palavras de Yaveh e todo o povo respondeu a uma voz: «Todas as palavras que Yaveh pronunciou, nós as cumpriremos.» Moisés escreveu todas as palavras de Yaveh [sobre lajes],

levantou-se cedo, construiu um altar no sopé do monte e doze estelas, uma por cada tribo de Israel; depois mandou aos jovens israelitas fazer sacrifícios e imolar touros como sacrifícios de comunhão [=banquete]. Moisés tomou metade do sangue e deitou-o em bacias, a outra metade derramou-o sobre o altar. Ele tomou o Livro da Aliança e procedeu à sua leitura perante o povo que declarou: «Tudo o que Yaveh ordenou nós cumprimos e obedeceremos.» Moisés tomou o sangue e derramou-o sobre o povo dizendo: «Este é o sangue da Aliança que Yaveh estabeleceu hoje convosco em contrapartida de todas estas cláusulas.» (*Ex.*, 19:24).

O mesmo episódio noutra passagem (*Deut.*, 5):

Moisés convocou todo o povo e disse-lhe: «Israel, escuta as leis e os costumes que eu pronuncio hoje aos vossos ouvidos; ouçam-nos, respeitem-nos e ponham-nos em prática: Yaveh, o nosso Deus, concluiu connosco uma Aliança, não foi com os nossos pais, foi connosco, nós mesmos que estamos hoje aqui vivos. E eis então as leis e os costumes que vós guardareis e praticareis no país que Yaveh vos concedeu como domínio vosso, em cada dia que vós viverdes neste solo.» [Segue-se o texto do Código Deuteronomico, que consta de uma reforma da Lei.]

1.3. Fixação de um estatuto junto das Águas Amargas (século XIII a. C.).

Moisés fez partir Israel do mar dos Juncos, dirigindo-se para o deserto de Shur; andaram três dias sem encontrar água. Quando chegaram a Mara não puderam beber dessa água porque ela era amarga, por isso mesmo se chama Mara. O povo murmurou contra Moisés dizendo: «Que vamos nós beber?» Moisés gritou para Yaveh e Yaveh mostrou-lhe um pedaço de pau. Moisés deitou-o à água e a água tornou-se doce. Foi nesse local que Yaveh lhes fixou um estatuto e um direito; foi aí que ele os pôs à prova. Depois disse: «Se tu escutares a voz de Yaveh e se te portares com rectidão, se prestares atenção aos seus mandamentos e observares todas as suas leis, todos os males que infligi ao Egipto não tos infligirei a ti porque eu sou Yaveh, o que te cura.» Depois chegaram a Elim, onde encontram doze fontes e setenta palmeiras, e acamparam à beira da água, (*Ex.*, 15:22 segs.).

«Fixar um estatuto» significa, para alguns autores, atribuir regulamentos. A expressão «Foi aí que ele os pôs à prova» refere-se ao processo penal por meio de ordálias pela água, possivelmente para descobrir os responsáveis do motim.

1.4. Puhru Meod (reunião geral) com recitação de mitos no termo do deserto.

Moisés pôs esta lei por escrito e deu-a aos sacerdotes com esta ordem: «Uma vez de sete em sete anos, ano sabático, quando Israel se reunir para ver a face de Yaveh, no lugar em que ele escolher, tu pronunciarás esta lei diante dos seus ouvidos. Reagrupa o povo, homens, mulheres, crianças e estrangeiros que vivam no seu seio a fim que eles ouçam e que eles aprendam a temer Yaveh, e para que eles guardem todas as palavras contidas nesta Lei. Os seus filhos que ainda a não conhecem ouvirão. [...] Escrevei agora, para vosso uso, o cântico que vou dizer: ensinai-o aos Israelitas, que eles o cantem, que ele sirva de testemunho [...]. Reuni em torno de mim todos os anciãos das vossas tribos e os escribas para lhes fazer ouvir as palavras do cântico que vou dizer, tomando como testemunhos o céu e a terra, porque eu sei bem que, depois da minha morte, vós não cessareis de vos afastar do caminho que vos tracei.» Depois, estando a ouvir toda a assembleia de Israel, Moisés pronunciou as palavras deste cântico da primeira à última:

Ouvi céus, prestem o ouvido, que eu vou falar
terra escuta o que eu vou dizer

Que a minha doutrina esorra como a chuva
 que a minha palavra caia como o orvalho
 Como as ondulações sobre a erva verdejante
 como as brisas sobre a relva!
 Eu vou invocar o nome de Yaveh
 e vós cantareis a sua magnificência.
 Ele é o Rochedo, a sua obra é perfeita
 todas as suas vias são o Direito
 É um Deus fiel e sem iniquidade
 ele é Justiça e Rectidão.
 Eles corromperam-se, os que foram criados sem tara
 geração desonesta e tortuosa.
 No país do deserto, ele encontrou esse povo
 na solidão sinistra da estepe.
 Ele protegeu-o, criou-o, guardou-o
 como a menina dos seus olhos... etc. (Deut., 31 e 32).

O «Cântico de Moisés» é uma obra de grande poesia. As assembleias para a proclamação do direito compreendiam a recitação de cânticos e de recitações respeitantes à história do povo. Os Mitos de Ugarit estavam estruturados para serem cantados durante as grandes festas populares, sendo alguns deles verdadeiras liturgias religiosas, jurídicas e nupciais.

1.5. Proclamação do direito após a conquista de um território (século XIII a. C.).

Josué incendiou Ai e fez dela uma ruína para sempre, um local desolado até hoje; quanto ao rei de Ai, suspendeu-o a uma árvore mas ao pôr-do-sol Josué ordenou que o tirassem da árvore e depuseram-no à entrada da cidade, sob um montão de pedras que ainda hoje lá existe. Josué ergueu um altar a Yaveh sobre o monte Ebal, como Deus havia ordenado a Moisés, um altar de pedras brutas em que o ferro ainda não havia penetrado. Ofereceram holocaustos a Yaveh e imolaram sacrifícios de comunhão.

Josué escreveu sobre as pedras uma cópia da Lei de Moisés, que este havia escrito diante dos Israelitas. Todo Israel, com os anciãos, os escribas, os juízes, se postou de um e de outro lado da Arca da Aliança em face dos sacerdotes levitas que sustinham a Arca da Aliança, os estrangeiros como os cidadãos, metade sobre a encosta do Monte Garizim e metade sobre a encosta do Monte Ebal. Depois Josué leu todas as palavras da Lei — as palavras abençoadoras como as amaldiçoadoras — seguindo tudo o que estivesse escrito no Livro de Lei. Não houve uma palavra sobre o que havia escrito Moisés que não fosse lida por Josué na presença de toda a assembleia de Israel, homens, mulheres e crianças, além dos estrangeiros que andavam com eles (*Jos.*, 8:30-35).

1.6. Puhru Moed de Siquém e erecção da Estela do Testemunho.

Josué reuniu todas as tribos de Israel em Siquém; depois convocou os anciãos de Israel, os seus chefes, os seus juízes, os seus escribas, e todos se alinharam na presença de Deus. Josué disse então ao povo: «Assim fala Yaveh, Deus de Israel: do lado de lá do rio habitavam outrora os vossos pais, Terac, pai de Abraão e de Nahor, e eles serviam outros deuses. Então eu tomei o vosso pai Abraão no outro lado do rio e fi-lo percorrer toda a terra de Canaã, eu multipliquei a sua descendência e dei-lhe Isaac; a Isaac dei Jacob.»

Descreve os benefícios recebidos, lembrando os episódios da libertação do Egípto, a história do povo, etc.

Nesse dia Josué concluiu uma aliança em favor do povo; ele fixou um estatuto para o povo e estabeleceu-lhes um direito em Siquém. Josué escreveu estas palavras no Livro da Lei de Deus. Depois pegou numa grande pedra e ergueu-a nesse mesmo local, debaixo do carvalho que está no santuário de Yaveh. Josué disse então a todo o povo: «Eis, esta pedra será um testemunho contra nós porque ela ouviu todas as palavras que Yaveh pronunciou; ela será um testemunho contra vós para vos impedir de renegar o vosso Deus.» Depois Josué despediu o povo cada qual para sua casa (*Jos.*, cap. 24).

Fixou-lhes um estatuto e estabeleceu-lhes um direito, para além da lei religiosa que lhes leu.

1.7. Puhru Moed na Porta das Águas para reformar o direito (século V a. C.).

Os Israelitas haviam regressado do exílio de Babilónia. Neemias, no exílio, recebe a missão de reorganizar a Comunidade de Israel e convoca um «reunião geral».

Os que haviam partido comigo de Babilónia para Jerusalém, reagrupei-os perto da ribeira que corre em direcção de Ahava; acampámos aí durante três dias. [...] Proclamei aí, perto da ribeira de Ahava, um jejum: tratava-se de nos humilhar diante do nosso deus e de lhe pedir uma feliz viagem para nós, para as pessoas ao nosso cargo e para todos os nossos bens. A 12 do primeiro mês deixámos a ribeira da Ahava para ir para Jerusalém: a mão de Deus estava connosco e, nas estradas, ele protegeu-nos dos ataques dos inimigos e dos ladrões (*Esd.*, 8:14).

Quando chegou o sétimo mês [Setembro], estando os Israelitas nas suas cidades, todo o povo se reagrupou como um só homem na praça situada diante da Porta das Águas. Disseram ao escriba Esdras que trouxesse o Livro da Lei de Moisés, que Yaveh havia prescrito a Israel. Então o sacerdote Esdras trouxe o Livro da Lei diante da assembleia que se compunha de homens, de mulheres e de todos quantos tivessem uso da razão; era o primeiro dia do sétimo mês. Na praça situada diante da Porta das Águas, Esdras leu o Livro, do romper do dia até ao meio-dia; todo o povo escutava o Livro da Lei.

O escriba Esdras estava de pé sobre um estrado instalado para a circunstância; ao seu lado estavam Mattyah [...]. Esdras abençoou o povo em nome de Yaveh, e todo o povo, de mãos levantadas, respondia «amen, amen»; os levitas [...] explicavam a lei ao povo, enquanto o povo ficava de pé. Esdras lia o Livro da Lei, traduzindo-o e explicando o seu sentido: assim compreendia-se a sua leitura. Então Sua Excelência Neemias e Esdras, o sacerdote-escriba, e os levitas que instruam o povo disseram a toda a gente: «Este dia é santo! Não estejais tristes, não choreis!» E disse-lhes ainda: «Apressai-vos a comer carnes suculentas, bebei bebidas doces e levem-nas a quem nada tem preparado [...]». No segundo dia os chefes de família de todo o povo e os levitas reuniram-se em torno do escriba Esdras, para escutar as palavras de Yaveh. Eles aí ouviram, na Lei prescrita por Yaveh a Moisés, que os Israelitas habitarão durante sete dias em tendas construídas com ramagens durante a festa do sétimo mês; foram então pelas montanhas buscar ramos de oliveira, murtas, palmeiras e outras árvores folhudas e fizeram cabanas, no adro do Templo, na praça da Porta das Águas. Esdras lia o Livro da Lei todos os dias, do primeiro ao último; sete dias durou a festa. No oitavo dia houve uma reunião solene.

Cobriram-se de sacos, a cabeça coberta de pó, jejuaram, pranturaram os seus pecados e recitaram um longo poema de conteúdo penitente, em forma de confissão pública.

Por causa de tudo isso, nós tomámos um compromisso firme, e por escrito; no documento selado figuravam os nossos chefes, os nossos levitas, os nossos sacerdotes e o resto do povo, cantores, porteiros e oblatos, enfim, todos quantos se separaram dos estrangeiros para aderir à Lei de Deus.

Segue-se a descrição das reformas: dízimos, premícias, tarefas para a reconstrução do Templo, ofertas diversas nomeadamente por ocasião da lua nova, abstenção de trabalhar ao sábado, reorganização da vida religiosa, etc. (*Livro de Neemias*).

1.8. Sofetas.

Após a conquista de Canaã por Josué, vivendo a parte dos conquistadores entre a população cananita, os Israelitas eram chefiados por «juízes» (*sophet*). Um «juiz» não era propriamente o tipo de funcionário conhecido hoje por esse termo, mas um chefe local, líder do clã ou da tribo, guerreiro ou bandoleiro. Esse personagem representa uma população ainda não completamente sedentarizada, uma minoria intrusa no seio de um povo que a rejeita ou gozando de um estatuto político ainda precário e indefinido e, politicamente, um estado de espírito anárquico: «Nesta época ainda não havia rei em Israel e cada qual fazia como muito bem entendia» (*Juiz.*, 21:25). Certas passagens são claras: a cada momento do Livro dos Juízes se diz que «os Israelitas procediam mal aos olhos de Deus», e por isso eram submetidos ou deportados pelos reis vizinhos. Na sequência do infortúnio «Deus mandava», um chefe (*sophet* 'juiz') que os libertava. Entre os *sophet* encontramos uma profetisa-juíza, que era simultaneamente general das tropas, de nome Debora, que «julgava Israel sob a palmeira chamada de Debora». Os *sophet* eram chefes locais carismáticos, tribais, heróis libertadores que defendiam as aldeias ou pequenas regiões contra a prepotência da população estabelecida e contra os seus chefes. Eles «julgavam Israel», o que incluía a administração da justiça, mas ultrapassavam essas funções. O mesmo verbo significa noutras regiões semitas 'governador', enquanto 'juiz' é sinónimo de 'rei'. Aos 'juízes' de Israel correspondem os sufetas de Tiro e de Cartago que, numa civilização e organização política muito mais avançada, eram *baal* (senhores) locais, chefes de uma região, uma cidade, um estado-município.

1.9. O povo pede um rei a Samuel, profeta e juiz.

Enquanto o Código de Hamurabi estabelece e regulamenta uma ordem de juízes, entre os Israelitas eram os profetas, adivinhos ou vizinhos de reconhecido respeito que desempenhavam esse papel. Samuel, profeta de Israel (século XI a. C.), era juiz nas grandes festas populares: juiz e adivinho, capaz de descobrir o paradeiro de uma burra extraviada. A passagem bíblica que se segue é explícita quanto à necessidade, ultrapassada a fase do juiz-bruxo, de se passar à do rei-juiz.

Samuel julgou Israel durante toda a sua vida. Ia todos os anos fazer um giro por Betel, Gilgal, Miçpa [=direito], e julgava Israel em todos estes sítios. Depois regressava a Rana, onde tinha a sua casa; construiu aí um altar a Yaveh. Quando Samuel envelheceu,

estabeleceu os seus filhos como juizes de Israel, eram juizes em Bersabeia; mas os seus filhos não seguiram o seu exemplo, foram atraídos pelo ganho, aceitavam presentes e fizeram flectir o direito. Então os anciãos de Israel vieram procurá-lo a Rana e disseram-lhe: «Tu estás velho, os teus filhos não seguem o teu exemplo. Pois bem: dá-nos um rei para que ele nos julgue, como fazem as outras nações.» Este pedido desagradou a Samuel que invocou Yaveh, o qual lhe respondeu: «Satisfaz o seu pedido; não é a ti que eles recusam, é a mim, não querendo que eu reine mais sobre eles; simplesmente, adverte-os solenemente sobre o direito que irá ter o rei que governar sobre eles.» Samuel repetiu todas estas palavras ao povo que lhe pedia um rei e disse-lhe: «Eis o direito do rei que vai governar sobre vós: tomará os vossos filhos, afectá-los-á às suas estrebarias e aos seus cavalos e eles correrão à frente do seu carro. Empregá-los-á como chefes de mil e como chefes de cinquenta; fá-los-á lavrar o seu campo, ceifar a sua seara, fabricar as suas armas de guerra e os arreios dos seus carros. Tomará as suas filhas como perfumistas, cozinheiras e padeiras. Tomará os vossos campos, as melhores das vossas vinhas e dá-las-á aos seus oficiais. Das vossas culturas e das vossas vinhas far-se-á ele pagar do dízimo e dá-lo-á aos seus eunucos e aos seus oficiais. Os melhores dos vossos criados, das vossas criadas, dos vossos bois e dos vossos burros, tomá-los-á para ele. Far-se-á pagar do dízimo dos rebanhos e vós sereis os seus escravos. Então gritareis por causa do rei que haveis escolhido, mas Yaveh não responderá, nesse dia.» O povo recusou-se a ouvir Samuel e disse: «Não! Nós teremos um rei, e nós seremos, nós também, como as outras nações. O nosso rei julgar-nos-á, ele será o orgulho da nossa cara e lutará nos nossos combates.» Samuel ouviu todas as palavras do povo e transmitiu-as ao ouvido de Yaveh, que lhe disse: «Satisfaz o seu pedido e entroniza um rei.» Então Samuel disse aos homens de Israel: «Regresse cada qual para a sua terra.»

Havia entre os Benjaminitas um homem chamado Qish [...] homem de condição; tinha um filho chamado Saul, na flor da idade e belo, nenhum era tão belo como ele entre os filhos de Israel: do ombro para cima e para baixo nenhum era tão belo como ele. As burras pertencentes a Qish, seu pai, haviam-se extraviado. Qish diz então ao filho: «Toma contigo os teus criados e vai à procura das burras.» [Atravessaram muitos países sem as encontrarem, e quando Saul quis regressar, um criado respondeu-lhe:] Nesta cidade mora um homem de Deus, tem muita fama, tudo quanto ele diz acontece de certeza; vamos vê-lo, talvez ele nos elucide sobre esta nossa viagem. [...] Quando subiam o monte em direcção à cidade, encontraram umas raparigas que buscavam água e a quem perguntaram: «O vidente está em casa?» Outrora em Israel, quando se ia consultar Deus, dizia-se «Vamos consultar o adivinho», porque, em vez de 'profeta', como dizemos hoje, dizia-se 'adivinho'. As raparigas responderam: «Acabou mesmo de chegar, apressai-vos; veio hoje à cidade porque há um sacrifício de comunhão para o povo no lugar alto [santuário no monte]; ao entrar na cidade encontrá-lo-eis, antes que ele suba ao lugar alto para a refeição; o povo não comerá antes de ele chegar, porque é ele quem benze o sacrifício e só depois disso é que os convidados comerão.

[Samuel veio ao encontro de Saul porque uma revelação o havia inspirado.] Amanhã a tal hora enviar-te-ei um homem da tribo de Benjamim, ungi-lo-ás como rei porque será ele quem julgará o meu povo. [...] Samuel disse depois a Saul: «Quanto às burras que perdeste, não te preocupes, já se encontraram; aliás, para quem deve hoje ir toda a riqueza de Israel, não será para ti e para a casa do teu pai?» (*I Sam.*, 7:15; 8:9).

1.10. Instrução de um processo de inocência.

Se se descobrir, sobre a terra que Yaveh te deu como domínio, um homem assassinado deitado no chão sem que se saiba quem o matou, os anciãos e os escribas irão medir a distância entre a vítima e as povoações em torno para saber qual fica mais perto. Depois

os anciãos dessa povoação tomarão uma vitela que ainda não tenha trabalhado nem carregado um jugo. Os anciãos desta povoação farão a vitela descer até a um ribeiro ou rio que nunca seque, num lugar que ainda não tenha sido trabalhado nem semeado, e uma vez na corrente, quebrarão a nuca da vitela. Os sacerdotes filhos de Levi aproximar-se-ão, porque são eles os escolhidos por Yaveh para o seu serviço e para abençoar em nome de Yaveh, compete-lhes por isso pronunciar-se sobre todas as querelas e sobre todas as vias de facto. Então, todos os anciãos da povoação mais próxima do morto lavarão as mãos na corrente, sobre a vitela abatida. Eles pronunciarão estas palavras: «As minhas mãos não derramaram este sangue, os meus olhos nada viram; perdoa a Israel teu povo.» E este sangue ser-lhe-á perdoado, enquanto tu farás desaparecer do seio do povo toda a efusão de sangue, e isto, se quiseses estar bem aos olhos de Yaveh (*Deut.*, 21:1-9).

2. O processo judicial. O rio-juiz e as águas amargas.

2.1. O rio-juiz no Código de Hamurabi.

Lei 2¹.

Se um senhor imputa a outro práticas de bruxaria^a mas não as pode provar, o acusado de bruxaria irá ao rio^b, e deverá arrojarse ao rio. Se o rio o arrastar^c, o acusador arrebatará a fazenda^d; mas se este senhor for purificado pelo rio saindo dele são e salvo, o que acusou o outro de manobras de bruxaria será castigado com a morte, e o que foi acusado de bruxaria arrebatará a fazenda do seu acusador.

Lei 131.

Se a mulher de um senhor é acusada por seu marido, mas não é surpreendida a coabitar com outro homem, ela pronunciará o juramento em nome do deus [rio] e voltará a sua casa^e.

Lei 132.

Se a esposa de um senhor é apontada a dedo [pelos outros] culpada [de adultério] com outro varão, mas não foi surpreendida por seu marido a coabitar com outro homem, ela se arrojará ao rio^f.

¹ Tradução do caldaico e notas por Federico García Peinado, *Código de Hamurabi*, Tecnos, Madrid, 1986.

^a Práticas de bruxaria ou sortilégios. Este conceito era utilizado para as diferentes fórmulas de encantamentos maléficos. A adivinhação não entrava no mesmo conceito.

^b Por 'rio' não deve entender-se um rio particular, mas qualquer rio próximo do lugar do crime. O rio (qualquer rio) funciona como juiz-deus, enquanto julga a causa pelo recurso à ordália da água. A prova era sofrida pelo acusado, não pelo acusador. Nos Mitos de Ugarit, menciona-se o nome do deus: Yammu *nabr tapatu* 'Yammu, rio-juiz'. Todos os rios, enquanto juizes, eram o deus Yammu.

^c Literalmente: «engolir».

^d O acusador não se expunha a uma condenação se não demonstrasse os factos. Era o acusado quem devia lançar-se ao rio, e a acusação era julgada apenas quando o acusado, submetido à ordália por imersão na água, era declarado inocente pelo deus-rio trazendo-o à superfície. Neste caso, o acusador era castigado com a pena capital e perdia a sua fazenda.

^e Pode interpretar-se que a esposa fosse obrigada pelo seu marido a realizar a ordália da água, ou então que a mulher o fizesse por sua própria iniciativa, para justificar a sua inocência; deste modo provaria o seu amor ao marido ao ponto de se lançar à água. Os especialistas consideram a primeira hipótese como mais provável.

^f A estela diz «se arrojará ao divino». O rio seria em definitivo o juiz supremo, que demonstrará ou não a inocência da esposa no suposto adultério assinalado pelo rumor público.

Lei 133.

Se um senhor é feito cativo e tem em sua casa suficiente para viver, a sua esposa [até que acabe o cativo do seu marido] cuidará de si mesma e não entrará em casa de outro homem. Se essa mulher não cuida de si mesma e entra em casa de outro homem, se testemunhas provarem contra essa mulher, ela será arrojada à água⁸.

2.2. O rio-juiz nos Mitos de Ugarit.

A identidade de Yam não gera nenhuma dúvida, [...] é o nome semita para «mar» [hb. *yam*]; tem o título de *zbl* 'príncipe', dado também a Baal, o Sol. Também é chamado *tpt* [txapatu]; *nhr* [nahar] significa 'rio'. Trata-se do curso de água que envolve o universo, de que o mar é um segmento segundo as representações cosmogónicas de alguns Semitas. *Tpt* corresponde ao hb. *sofet* 'juiz'. É o inimigo de Baal nos combates entre os deuses [cfr. Caquot e Sznycer, *Textes ougaritiques*, pp. 109-10]. Yammu é o deus das águas subterrâneas, enquanto Baal é o deus da chuva, do céu, da fertilização, personificação de todas as forças benéficas (Del Olmo Lete, cit., p. 149); «Yammu, nosso mestre, nosso senhor, nosso juiz» é o tipo de linguagem referente a Yammu, enquanto o deus da seca e da morte é Motu. A Grande Dama Atiratu do Mar é a principal inimiga de Yammu. O fenómeno do Mar (Yammu) é, para as gentes de Ugarit que vivem nas suas margens e incessantemente o sulcam, um elemento de interesse mistificador que transcende e é independente da significação meramente sazonal que o mau tempo invernal pode representar. Trata-se de um contraste mais radical e primordial, e por isso [no mito da luta entre Baal e Yammu] se acaba com ele de uma vez para sempre e se assegura a supremacia de Baal, que garante a tranquilidade, inclusivamente da navegação: a ousadia de lançar-se ao «Mar» vencido. O próprio Antigo Testamento guardou também vestígios desta concepção mítica, como no relato tardio da Criação (Del Olmo Lete, *ibid.*, p. 146).

2.3. Processo das Águas Amargas contra a mulher suspeita na Bíblia.

O julgamento pela ordália foi praticado em toda a Antiguidade até à Idade Média para obter uma decisão de justiça quando faltavam provas. Conheceu-se em todo o Médio Oriente a prova judiciária pelas águas do rio, ao qual se lançavam os suspeitos, mas a prova das águas amargas contida na Bíblia não tem analogia (nota à *Bible de Jérusalem*, p. 166).

Yaveh falou a Moisés e disse-lhe: «Fala aos Israelitas; dir-lhes-ás: se há alguém a quem a sua mulher enganou, se houver um homem que sem o conhecimento do marido tenha dormido com ela, que ela se tenha tornado impura em segredo, sem que haja testemunhos contra ela e sem que ela tenha sido surpreendida nos factos; se houver um espírito de ciúme que venha sobre o marido, o torne ciumento por sua mulher o ter desonrado, ou ainda se este espírito de ciúme que vem sobre ele o torna ciumento de sua mulher inocente, este homem conduzirá a mulher diante do sacerdote e fará por ela uma oferenda de um décimo de medida de farinha de cevada. Não oferecerá azeite nem incenso, porque é uma oblação de ciúme, uma oblação comemorativa que deve recordar uma falta.

O sacerdote aproximará a mulher diante de Yaveh. Depois deitará água viva num vaso de argila e, tendo tomado poeira no solo da Morada [=Templo], derramá-la-á nesta

⁸ Logicamente, para que a mulher se afogasse. Arrojar uma mulher ao rio para que se afogasse era o castigo infligido em caso de adultério.

água. Tendo colocado a mulher diante de Yaveh, atará os cabelos dela e porá nas suas mãos a oblação comemorativa (isto é, a oferenda do ciúme). Mas nas mãos do sacerdote ficarão as águas da amargura e da maldição.

De seguida, o sacerdote passará o juramento à mulher: «Se não foi verdade que um homem tenha dormido contigo, que tu te tenhas entregue e tornado impura, enquanto o teu marido tem poder sobre ti, que estas águas de amargura e de maldição te sejam inofensivas! Mas se é verdade que tu te tenhas entregue enquanto o teu marido tem poder sobre ti, que te tenhas tornado impura, e que um outro homem que não o teu marido tenha partilhado a tua cama, que Yaveh te faça servir no meio de teu povo, com imprecações e juramentos, fazendo cair o teu sexo e encher o teu ventre! Que estas águas da maldição penetrem nas tuas entranhas e que o teu sexo caia!» A mulher responderá: «Amen! Amen!» Depois o sacerdote porá por escrito estas imprecações e molhá-las-á na água de amargura. Fará beber à mulher estas águas de amargura e de maldição, e estas águas de maldição penetrarão nela para lhe serem amargas.

Tomando então das mãos da mulher a oblação do ciúme, o sacerdote estendê-la-á a Yaveh em gesto de apresentação e colocá-la-á no altar. Ele tomará um punhado dela, em memorial, que ele acenderá sobre o altar. Fará a mulher beber estas águas. E quando ele lhas tiver dado a beber, se é verdade que ela se tornou impura rompendo com o seu marido, então as águas de maldição, penetrando nela, ser-lhe-ão amargas: o seu ventre inchá-se-á, o seu sexo dobrar-se-á (ou cairá) e para o seu povo ela será um exemplo de maldição. Se, pelo contrário, ela não se tornou impura, ficará indemne e terá filhos.

Tal é o ritual para o caso do ciúme, para quando uma mulher se entregou e se tornou impura ou um espírito de ciúme se apoderou do seu marido e o tornou ciumento de sua mulher. Quando o marido levar a sua mulher diante de Yaveh, o sacerdote aplicará integralmente este ritual. (*Num.*, 5:11-31).

Ritual esse que é mais explícito e mais detalhado, e também a mais estranha de todas as prescrições ritualistas do Antigo Testamento. O texto é de origem sacerdotal (século VI a. C.), do mesmo teor que outras prescrições puritanas integradas no texto bíblico pela mesma altura, sem muita relação com o espírito que anima os textos das épocas anteriores.

3. *O dote da esposa no direito arcaico.*

3.1. No Código de Hamurabi.

O Código de Hamurabi (1792-50 a. C.), reflexo do direito dos antigos povos do Médio Oriente, teve grande influência sobre os povos do Mediterrâneo, e prevaleceu até ao direito romano nas províncias do antigo império cartaginês. Estabelece duas partes no dote: a primeira era o *tirhatum* ('pagamento de um sinal ou garantia', 'arras', 'sinal') entregue pelo noivo à parentela dela no momento em que os jovens estabeleciam um compromisso, como garantia de casamento, ficando a parentela dela fiadora desses dons e também fiadora da honra da rapariga. A segunda parte, no momento do casamento, consistia numa oferenda à noiva dada pelo seu pai. A entrega das arras, ou «sinal», garantia que aquela rapariga seria mais tarde a sua esposa; não tinha relação com o momento do casamento nem com a idade núbil. A ideia de que o dote nestas culturas era a «compra da rapariga» é falsa. Os dois montantes do dote eram propriedade exclusiva da esposa. O montante entregue pelo pretendido à parentela dela pode ser considerado uma espécie de «preço-garantia de virgindade».

Lei 137².

Se um senhor se propõe divorciar-se de uma mulher *suggetum* [concubina] que lhe havia dado filhos, ou de uma mulher *naditum* [sacerdotisa de alto nível] que lhe havia proporcionado filhos^a, ele devolverá o dote a essa mulher^b e dar-lhe-á a parte do campo, da horta e dos bens familiares para que ela possa criar os seus filhos; depois de ter criado os seus filhos, constituirá herdeiro e então poderá tomar o marido da sua escolha.

Lei 138.

Se um senhor se propõe divorciar-se de sua esposa *hirtum*^c que não lhe deu filhos, ele dar-lhe-á prata até perfazer a quantidade do *terhatum*^d e dar-lhe-á o dote que ela trouxe da casa de seu pai. Depois poderá repudiá-la.

Lei 142.

Se uma mulher toma ódio ao seu marido^e e lhe diz: «Tú não me terás mais como esposa», uma investigação será feita no seu distrito [comunidade/aldeia]; se se averiguar que ela foi cuidadosa, e que nunca lhe faltou e que, por outro lado, o seu marido saiu e a descuidou muito, essa mulher não é culpada; retomará o seu dote^f e irá para casa do seu pai.

Lei 149.

Se uma mulher [cujo marido tomou outra mulher/concubina, que tinha uma febre maligna] se nega a viver em casa do seu marido, ele devolver-lhe-á o dote que trouxe de casa de seu pai e ela poderá ir embora.

Lei 162.

Se um senhor tomou uma esposa e esta lhe deu filhos, se esta mulher morre, o pai não poderá reclamar o dote; o seu dote pertence exclusivamente aos filhos.

Lei 163.

Se um senhor tomou esposa que não lhe deu filhos, se ela morre e se o *terhatum* que esse senhor havia levado a casa do seu sogro, este o havia devolvido, o marido não poderá reclamar o dote de tal mulher; o seu dote pertence exclusivamente à casa do pai dela.

Lei 164.

Se o seu sogro não lhe devolveu o *terhatum*, o marido deduzirá do seu dote [*seriktum*] a quantidade do *terhatum* e devolverá o resto do seu dote a casa do pai dela^g.

² Seguimos novamente a edição de Peinado.

^a As sacerdotisas e as monjas não estavam sujeitas à castidade, podiam casar-se mas não podiam ter filhos; daí se dizer: «Proporcionar filhos». As esposas podiam «proporcionar filhos» para os maridos recorrendo às escravas (como na Bíblia, *Gn.*, 16:1 segs.) ou por outro meio, inclusivamente pedindo as crianças de outra mulher que «engendrassse filhos». Recorrendo aos filhos das escravas, a mulher fazia com que o marido não procurasse ter outras esposas.

^b O dote entregue pelo noivo aos familiares da noiva como oferta nupcial e que, com o casamento, permanecem propriedade da mulher.

^c De *hwort* 'escolhida', a primeira mulher, a legítima.

^d *Terhatum* era a quantidade de prata que o pai do noivo entregava à família da prometida cujo pai fixava o montante exacto. Usualmente variava entre um e trinta siclos de prata. Estes bens eram propriedade exclusiva da noiva; o dote *terhatum* não era o «preço da noiva», mas uma riqueza pessoal que lhe garantia a estabilidade. O *terhatum* corresponde ao *mhoar* dos Hebreus (*mhr* em acadiano e ugarítico). Além do *terhatum* dado pelo noivo, ela trazia um dote (*seriktum*) dado pelo pai dela, que também lhe pertencia.

^e O *Deut.* (24, 1:4) considera também o «ódio ao marido» como razão de divórcio.

^f O montante do *terhatum* e do *seriktum*.

^g O que demonstra que o dote dado pelo pai era superior ao dote da prometida.

Lei 167.

Se um senhor tomou esposa que lhe deu filhos, se essa esposa morre e se depois da sua morte tomou outra mulher que também lhe deu filhos, depois de o pai morrer, os filhos não repartirão a herança segundo as suas mães^h; tomarão os dotes cada um da sua respectiva mãe, enquanto os bens da fazenda paterna serão distribuídos equitativamente.

Lei 171.

Se o pai não disse aos seus filhos da sua escrava que lhe deu filhos «Sois meus filhos»ⁱ, depois de o pai morrer os filhos da escrava não participarão dos bens da fazenda com os filhos da esposa *hirtum* [a legítima]; conceder-se-á a liberdade à escrava e aos seus filhos, sem que os filhos da esposa *hirtum* possam reclamar os filhos da escrava para escravidão. A esposa *hirtum* tomará o seu dote e a doação que o seu marido lhe havia dado e residirá em casa de seu marido; enquanto viver desfrutará do seu usufruto, não os podendo vender; a sua sucessão reverterá exclusivamente aos seus filhos.

Lei 172.

Se o seu marido lhe não concedeu doação, ser-lhe-á entregue o seu dote; dos bens de herança do seu marido tomará uma parte igual à de um filho herdeiro. Se os seus filhos a maltratam para a fazer sair de casa do seu marido, os juízes investigarão os seus antecedentes; se a culpa é dos filhos, essa mulher não abandonará a casa do seu marido; se essa mulher se propuser a sair, cederá aos seus filhos a doação que o seu marido lhe entregou, mas tomará o dote que trouxe de casa do seu pai; então o homem da sua escolha a tomará em casamento.

Lei 173.

Se essa mulher, na casa em que entrou, der filhos a um segundo marido, se essa mulher depois morre, os primeiros e os segundos filhos repartirão entre si o dote.

Lei 174.

Se não deu filhos ao segundo marido, os filhos do primeiro receberão o dote.

Lei 181.

Se um pai consagra ao deus uma filha como mulher *naditum*, *qadistum* ou *kulmasitum* [classes de monjas ou sacerdotisas] e não lhe entrega dote, depois de o pai morrer, ela receberá um terço da herança paterna e enquanto viver terá usufruto dela; a sua herança pertencerá aos seus irmãos.

Lei 182.

Se um pai não entregou dote à sua filha, mulher *naditum* do deus Marduk de Babilónia e não lhe escreveu um documento selado, depois de o pai morrer, receberá um terço da fazenda paterna e não assumirá as obrigações da sua administração; a mulher *naditum* do deus Marduk pode dar a sua herança a quem lhe aprover.

^h Ou seja, os direitos dos respectivos filhos não dependem da ordem do casamento.

ⁱ Trata-se do rito de adopção. A pessoa, homem ou mulher, que pretendia adoptar alguém como prole, genro ou nora viúvos, sentava-o nos seus «joelhos» e dizia «Tu és meu filho»; os «joelhos» simbolizavam o órgão sexual. No Livro do *Gn.* (30:3) lemos: «Raquel [que não tinha filhos] disse a Jacob: «Eis a minha serva Bilha, vai ter com ela e que ela engendre sobre os meus joelhos; por meio dela também eu terei filhos.»; Raquel deu ao marido a sua serva Bilha que engendrou um filho para Jacob e Raquel disse: «Deus fez-me justiça, ouviu-me e deu-me um filho.» Depois deste deu-lhe mais dois. Mais adiante (50:23): «José [filho de Jacob] viu os seus bisnetos que ele teve de Efraim; os que teve Makir, filho de Manassés, também nasceram sobre os seus joelhos.»

Lei 183.

Se um pai entregou um dote a sua filha, mulher *sugetum*, e se lhe concedeu um marido e lhe escreveu um documento selado, depois de o pai morrer não terá repartição da fazenda paterna.

Lei 184.

Se um pai não entregou dote a sua filha, mulher *sugetum*, e não lhe concedeu marido, depois de o pai morrer os seus irmãos proporcionalmente à quantia da fazenda paterna entregar-lhe-ão um dote e conceder-lhe-ão um marido.

3.2. Nos mitos portugueses.

O antigo dote das esposas deve ter gozado de grande prestígio na cultura lusitana. Encontramos inúmeros nomes de sítios, ligados a *Cortes* e a *Verde*, que se referem a «dotes» e a «dotes de jovens». O termo para «dote de noiva» (ug. *mhr*, hb. *mohar*) também significa 'vigor sexual masculino' e 'guerreiro, soldado'. Na fonte do Mor, sobre o ribeiro de Mor e na serra de Mor — em Gonçalo-Guarda onde, por meio da análise dos nomes, havíamos suposto um antigo local de encontros nupciais — encontrámos seis falos numa espécie de brasão, rodeados do lema «Maria Ave», que é um decalque sobre *mhr aby* [mór abi] 'vigor paternal' (veja-se *Cortes-Gonçalo*). 'Marialva', enquanto tendência machista e donjuanesca (que não tem a ver com personagens históricas com este nome), deriva certamente de *mhr aby* (Maria Ave):

mhr aby [mâr avi → mariave
'marialva'] 'vigor paternal'.

Mhr deve ter também influenciado os mitos da «moura» encantada. A ideia de que a Moura das aldeias guarda um tesouro pessoal que ela só entrega a quem ela quiser e lhe for fiel, adolescente ou adulto, participa desse prestígio, além de integrar outras simbólicas, sendo os mitos um imbróglgio de velhas reminiscências (cfr. *Origens Orientais*, pp. 221 segs.). A ideia sempre presente segundo a qual, no momento do desaparecimento dos Mouros, as suas mulheres se refugiaram nas grutas e nas fontes, levando consigo os seus tesouros, contém elementos que se associam aos antigos direitos das esposas em face do repúdio ou da desgraça dos maridos.

mhr [mor] 'dote, fortuna da mulher'
moura.

É possível que «os três vinténs», expressão vulgar e marialva aplicada ao direito da virgindade, derive do ug. *trh* (ac. *tirhat* e *tirgat*) 'pagar o preço da mulher', 'honra da mulher' e 'fiador da honra da mulher', acrescentado de *bent ish* 'rapaz'. Seria então

trh bnt ish [tera bentix] 'pagamento do dote de rapaz'
ac. *tirhatu*
trh tar bnt ish 'pagamento de fiança de noivo'
trh tar bnt issa [tera tra bentixa] 'garantia da honra da rapariga'.

De facto, era a partir do pagamento do *tirgatum* que a rapariga se considerava noiva do rapaz, ficando os pais dela fiadores da sua honra, enquanto se não casassem; a «honra» da rapariga, ontem como hoje, dizia unicamente respeito aos estranhos, não

ao noivo. Segundo o direito, tendo o noivo pago o *tirgatum* (que por assim dizer era o «preço da virgindade»), usufruía dos seus «direitos» com a primeira relação sexual, donde a expressão vulgar. A palavra «vinténs» (no sentido de dinheiro) perpetuou-se a partir da ideia de «quantia em prata / dinheiro» que o noivo depositava nas mãos da parentela dela. A própria palavra 'namorar' pode derivar de *nh mhr* [namor] 'dirigir o dote' associado ou *n'm* [naim] 'gracioso, jovem'.

3.3. No Foro Real de Afonso X (século XIII).

[Das arras]³.

[1]

Todo o homem que casar não pode dar a essa mulher em arras mais do que o décimo de quanto tiver; se mais lhe der, a doação não vale e os parentes do marido podem reclamá-lo. Se a mulher, que tiver filhos deste marido, morrer, a quarta parte será por sua alma, o resto será para os filhos do marido, se os houver; se não houver filhos, faça das arras o que quiser. Se a mulher tiver filhos de dois maridos ou de mais, cada filho herde as arras correspondentes ao seu pai de modo que os filhos de um marido não herdem as arras do outro marido.

[2]

Se alguém for tão pobre no tempo em que se casou e não tiver que dar e se prometer à sua mulher que lhe dará do que ganhar quando casado, mandamos que logo que ela o peça ao seu marido este lhe dê quanto lhe prometeu, desde que não lhe dê mais do que a décima parte daquilo que ele tiver no momento em que ela o pedir.

[3]

Quando aquele que casa der arras à rapariga com quem casa, se ela não tiver 25 anos, o pai ou a mãe da rapariga tenha o poder de guardar estas arras para a sua filha porque não se podem vender nem alienar; se a rapariga não tiver pai ou mãe, os irmãos ou parentes mais próximos ficarão com esse poder. Quando a rapariga tiver 25 anos, entreguem-lhe as suas arras. Mas se não lhe deu logo arras e prometeu dar-lhas, as pessoas sobreditas podem pedi-las e guardá-las como ficou dito. Enquanto tal, a rapariga e o marido usufruam dos frutos comumente.

[4]

O marido de uma mulher não pode vender nem alhear as arras que deu à sua mulher, sem ela autorizar; também ela as não pode vender nem desbaratar enquanto o marido viver, sem ele autorizar, nem depois da morte se tiver filhos; poderá gastar apenas a quarta parte, como manda a lei.

[5]

Se o esposo der dons ou panos ou alguma coisa à sua esposa e se morrer o esposo antes de ter vivido com ela e a beijou antes de morrer, a esposa tenha metade das coisas que ele lhe deu; a outra metade seja para os parentes dele ou para quem ele mandar. Se a não beijou, restitua ela a eles o que dele recebeu. Se lhe deu arras antes de morrer e não viveu com ela, restitua os dons aos seus parentes ou a quem ele mandar; se viveu com ela, tenha-os como manda a lei. Se ela deu alguma coisa ao seu esposo, quer a beijasse quer não, se não viver com ela, restitua [este] tudo quanto lhe deu; se ela morrer, voltem aos seus herdeiros; se viveu com ela, não voltem.

³ Adaptação do título II de *Afonso X, Foro Real*, edição e estudo linguístico de José de Azevedo, INIC, Lisboa, pp. 201 segs.

[6]

Se uma mulher cometer adultério com outrem e se este for provado, a mulher perca todas as arras se o marido quiser. Do mesmo modo, se a mulher sair de casa do seu marido e se partir com o motivo de fazer fornicção, perca as arras.

Dos parágrafos [3] e [5] se deduz que as arras podiam não ser um dote propriamente dito, mas uma garantia (um «sinal») pré-matrimonial segundo o modelo do Código de Hamurabi.

O Foro Real de Afonso X «foi lei em Portugal durante muito tempo», segundo A. H. Oliveira Marques⁴. «Mesmo entre os menos abastados, podiam as arras ser consideráveis. Os costumes de Riba-Coa, do século XII, fixavam-nas em 12 maravedis, 2 fangas de trigo, 1 porco, meio boi, 5 carneiros e 50 cabaças grandes de 1 cântaro cheias de vinho»⁵. Para este autor, as arras «traduziam a compra do corpo. Este uso germânico, oposto ao costume romano da dotação da mulher pelo pai, vigorou plenamente em Portugal durante quase toda a Idade Média, até porque se escorava no rito muçulmano que era idêntico». Nós sugerimos, pelo contrário, que se tratava de uma garantia para a mulher contra as leviandades do marido ou como precaução contra os infortúnios da família de que a mulher é o principal responsável, segundo o modelo de família dos meios populares. O abundante ouro que as mulheres minhotas e as de certas sociedades do Magrebe e do Médio Oriente ostentam sobre o peito é um vestígio deste tipo de antiga riqueza pessoal da mulher.

4. *Linguagem do antigo direito no Foro Real de Afonso X.*

O Foro Real de Afonso X, o Sábio foi, segundo Oliveira Marques, lei em Portugal durante muito tempo, mas, no juízo de G. Braga da Cruz, ele teve entre nós um carácter puramente subsidiário⁶.

Um conjunto de termos jurídicos constantes desse código medieval são de origem ugarítica ou acadiana, quanto à etimologia e quanto ao conceito jurídico. Neste parágrafo apresenta-se a expressão do Foro Real, a significação sugerida por Azevedo Ferreira (na coluna da direita), seguida de citações. Finalmente, apresentamos o termo cananita e a respectiva significação.

1 **Aprazar, aprazamento, emprazamento** «O mesmo que convocar, convocação»

«Se o que for três vezes aprazado quiser mostrar algum embargo sobre alguma demanda» (I, 697); «se algum homem for aprazado por mandado do alcaide que venha ante ele» (II, 249); «se o alcaide per querella dalguu ome emprazar outro [...] que venha fazer direyto ao quereloso, e o emprazado seya teudo de uijr ao plazo» (II, 239).

«O mesmo que acordo»

⁴ Cfr. *A Sociedade Medieval Portuguesa*, Sá da Costa, Lisboa, 1974, p. 128.

⁵ *Ibid.*, p. 117.

⁶ Cfr. JOSÉ DE AZEVEDO FERREIRA, *ibid.*, p. 29.

«Auenãsse de o uender a alguu de ssy ou partã antre sy cun aprazamento doutras cousas se as ouverem» (III, 208).

ug. *prz* [perazu] 'convocação, acordo'.

2 Arreygamento, arreygado

«Arreigado, com raízes, morador no concelho com bens de raiz na terra»

«Se aquele que demandaren for arreygado esté en seu arreigaento e faça direito» (II, 392). «Se o vendedor não for arreygado receba dea boo fiador e valha a venda» (III, 701). Discordamos do autor:

ug. *abd 'r* [agadréa] 'comunidade' (tomado como companheiro)

hb. *arreeh* [arreeg] 'comunidade, membro de comunidade'.

Isto é, «se o que fizer uma demanda for da localidade».

3 Asarrado

«Encerrado, terminado»

«Pois que as partes ouuerem as razões asarradas ant'o alcayde, o alcayde dê a sentença» (II, 748).

hb. *azeret* 'fecho, encerramento'.

4 Baylia

«Bailiado, jurisprudência do Bailio»

«pera demandar seus direytos sobellas cousas que perteençem as baylias» (II, 79, 80, 81).

ug. *baal* 'senhor, proprietário'.

5 Britar

«Partir»

«ca os que de dya furtã non soen a britar parede nem soen a britar porta, se não fôr em lugar ermo» (III, 1051, 1052).

ug. *brit* 'partir, fender'.

6 Cabeçal

«Testamenteiro»

«Mandamos que se o cabeçal em que leixar o morto sa demanda non quizer ser cabeçal della que perça aquilho que lhy foy mandado» (III, 398).

ug. *hbs* [gâbess] 'governador, governar'

qbs [qabâss] 'clã, parentela'

hbs'l [gabessal] 'governador dos parentes'.

- 7 Foro «Costume»
 «Este é o primeyro livro dos foros» (I, 3); «E se ist não lhy prouar assi como foro é» (II, 684).
 ug. *pbyr* [fur, fir] 'integridade, totalidade, assembleia' e
pbr [pôr, pêro, fôro] 'compleição, consenso'
pbr'l [foral] 'consenso dos congêneres'.
- 8 Madre Além de «mãe» (latim *mater*), «leito do rio»
 «e se o ryo leyxar a madre per u soy correr» (III, 295).
 ug. *mayim* 'águas, rio'. Madre (do rio) é uma latinização de *maym*.
- 9 Mizcrar «Misturar»
 «nõ seya ousado de mizcrar dous vinhos em un pera vender» (III, 684).
 ug. *msk* 'misturar, misturar vinho'.
- 10 Osmar «Estimar, calcular»
 «osme bem quanto se perdeo e quanto asaluou de seu» (III, 1074).
 ug. *mzsnm* (hb. *moznaim*) 'balança' (lit. 'para calcular').
- 11 Paadijo «Em público, claramente»
 «nõ collã de noite nen a ffurto mays paadijo e a vista de todos» (I, 315).
 ug. *p*, *pehab* 'ver'
pehab it [peaitje] 'estar à vista'.
- 12 Recabedo «Quitação pela qual se desobriga o devedor»
 «se for de C marauidis a iuso dê recabedo assy como aos alcaydes juigarem e tyverem por em» (II, 306). Um «recabedo» seria um «cabedo» em retorno.
 ug. *kabed* 'honra, satisfação, prestar satisfações'.
- 13 Reda, fiador de reda «Renda?»
 «aquele que o demandar dê bons fiadores de rreda de todos quantos o demandarem» (III, 1114); «Todo o homem que fôr fiador da reda por outro de herdade ou por outra cousa aia prazo o fiador assy como manda a ley dos autores» (III, 1351).
 ug. *abad* [aggâde, arrade] 'tomar, colher, apoderar-se'.
 Fiador de reda seria o «fiador das posses» (talvez se dissesse «fiador de arreda»).

14 Sacar «Tirar, arrancar»

«possa o seu senhor sacar da eygreyja» (III, 1549).

ug. *sq, suqa*

'tirar, agarrar'.

15 Talhar

«1 — Cortar; 2 — Acordar, convir, entrar em acordo»

«os contendedores antre sy s'auueeren e talharem ao plazo» (II, 245); «non possa demandar o preço que havia talhado» (IV, 798).

É a tradução de *kort*, simultaneamente 'cortar' e 'entrar em acordo'. Chegar a um acordo correspondia a talhar, cortar: «talhar ao plazo» 'cortar o prazo' (*krt parazu*. Cfr. *supra* cap. II, *Kort-berit*).

5. Os Lusitanos referenciados por Estrabão («*Geographia*», III, 3, 6-8).

Ao norte do Tago estende-se a Lysitania, a mais forte das nações ibéricas e a que durante mais tempo lutou contra os Romanos^a. Limitam esta região: para o sul, o Tago, para o oeste e o norte, o Oceano e a este, as terras dos Carpetanos, os Ouettanos, os Ouakkaioi, os Kallaikoi, para citar apenas os mais conhecidos. Os demais povos não são dignos de menção pela sua pequenez e pouca importância, ainda que, contrariamente a isto, alguns autores modernos chamem a estes também Lysitanoi. Para a parte do oriente, os Kallaikoi têm limite com os Astures e com os Iberes, e os demais com os Keltiberes. A sua longitude é de trezentos estádios e a sua largura muito menor desde o lado oriental à costa oposta. A parte oriental é elevada e áspera e a outra parte para o mar é plana excepto algumas montanhas de pouca elevação. Por esta razão Poseidónios diz que Aristóteles não pensa bem ao supor que este litoral e o da Maurousia [Marrocos] é causa dos fluxos e refluxos, já que o mar baixa e sobe, porque como a costa é alta, recebe e repele as ondas com força; mas falando rectamente a verdade, é exactamente o contrário, pois as costas são na sua maior parte baixas e arenosas^b.

A região de que estamos a falar é rica e regada por rios grandes e pequenos que procedem do oriente e correm paralelos ao Tago. A maior parte deles são navegáveis e têm grande quantidade de areais de ouro^c. De estes rios, os mais conhecidos a partir do Tago são o Moúndas e o Ouakaoûa navegáveis só em parte; segue-se o Dourios, de afastada nascente que passa junto a Numantia e outras muitas cidades dos Keltiberes e Ouakkaioi [...]. Entre o Tago e os Artabroi habitam umas trinta tribos; esta região é naturalmente rica em frutos e em gados assim como em ouro, prata e muitos outros metais; no entanto,

^a Reproduzem-se os nomes em grego, em conformidade com o texto de García y Bellido (Espasa Calpe, Madrid, 1980, pp. 118-25), que publicamos.

Tendo em conta os vários autores e certas passagens de Estrabão, a Lusitânia e a Galécia correspondiam a toda a faixa costeira da Península com uma entrada para Espanha ao nível da Beira Baixa. Os limites entre a Galécia e a Lusitânia aparecem muito confusos ou até se identificam nos vários autores.

^b Os Gregos supunham que os fluxos e refluxos do mar eram devidos ao bater das ondas na costa.

^c Ouro fluvial, palhetas de ouro na areia, testemunhado por outros autores. Noutras passagens, citando Poseidónios, que fala da abundância de metais na Ibéria, diz: «[No norte da Lusitânia] o solo tem florescência de prata, estanho e ouro branco misturado com prata. Esta terra é arrastada pelos rios e as mulheres, depois de terem apanhado a areia, lavam-na em crivos tecidos sob a forma de cesta» (III, 2, 9).

a maior parte destas tribos renunciaram a viver da terra para medrar com o banditismo em lutas contínuas mantidas entre eles próprios, ou atravessando o Tagos, para atacar as tribos vizinhas. Os Romanos obrigaram-nos a descer das montanhas para as planícies reduzindo as suas cidades a simples povoados. Na origem de tal anarquia estão as tribos montanhesas, habitando um solo pobre, desejarem os bens dos outros; mas como estes, por sua vez, tinham de abandonar a sua própria lavoura para os afastar, tiveram de mudar o ofício dos campos pelo da milícia e em consequência disso a terra não só deixou de produzir como ainda por cima se povoou de ladrões^d.

Dizem que os Lysitanoi são peritos em emboscadas e perseguições, ágeis, rápidos e dissimulados. O seu escudo é pequeno, de dois pés de diâmetro e côncavo pelo lado anterior; levam-no suspenso por diante com correias e não têm, ao que parece, braçadeiras ou asas; vão armados também de um punhal; a maior parte leva couraças de linho e poucos cota de malha, e capacetes de três cristas; outros cobrem-se com capacetes tecidos de nervo; os novos usam perneiras e levam vários dardos; alguns servem-se de lanças com ponta de bronze. Entre os povos que habitam sobre o rio Douros dizem que há alguns que vivem ao modo da Lacónia^e e usam azeite^f; aquecem os seus recipientes com pedras enrubescidas ao fogo, banham-se em água fria e não fazem mais do que uma comida, comidinha e simples. Os Lysitanoi praticam holocaustos e examinam as vísceras sem as separar do corpo^g. Observam sobre si próprios as veias do peito e adivinham palpando; também ocultam as vísceras dos prisioneiros cobrindo-as com *sagoi* [capas de lã de uso corrente]; quando a vítima cai às mãos do «horóscopo» [adivinho] fazem uma primeira predição pela caída do cadáver. Amputam a mão direita dos cativos e consagram-na aos deuses.

Todos estes habitantes da montanha são sóbrios; só bebem água, dormem sobre o chão e usam cabelos longos ao modo feminino, se bem que para combater cinjem a fronte com uma banda. Comem principalmente carne de chibo; a Ares^h sacrificam chibos e também cativos e cavalos. Costumam fazer hecatombes de cada espécie de vítima, ao uso grego, e para dizer ao modo de Píndaro, imolam «um centenário»ⁱ. Praticam lutas gímnicas, hoplíticas e hípicas, exercitando-se para o pugilato, a corrida, as escaramuças e as batalhas campais. Nas três quartas partes do ano os montanheses não se nutrem senão de bolotas que, secas e trituradas, se moem para fazer pão, o qual se pode guardar durante muito tempo. Bebem «zithos» [espécie de cerveja] e o vinho, que escasseia; quando o obtêm consomem-no de seguida nos grandes festins familiares. Em vez de azeite usam manteiga. Comem sentados em bancos instalados em volta das paredes, alinhando-se neles segundo

^d García y Bellido considera que esta passagem é de grande importância: «Refere-se ao "banditismo" lusitano (como lhe chamavam os Romanos) e que não era senão a luta das tribos lusitanas do Norte contra o ocupante por um lado e contra os seus aliados da região sul mais romanizada. Durante a guerra de independência, os "bandoleiros" serviram de núcleo de recrutamento de gente de todas as classes, ansiosas por opor-se à injusta dominação romana; assim, houve momentos em que estes bandos cresceram até formarem verdadeiros exércitos, às vezes com mais de 10 000 homens, os quais puseram em duríssimos apertos os Romanos e os aliados indígenas; em tempos de paz os "bandoleiros" surgiam espontaneamente de entre as classes de ofícios ou dos deserdados em resposta aos insultos à dignidade, às traições da palavra dada, aos saques, às matanças maciças, às confiscações e roubos cometidos pelos próprios Romanos [...]»

^e Segundo García y Bellido, «ao modo lacónico ou espartano quer dizer: uma vida austera sóbria e de exercícios contínuos para endurecer o corpo e o ânimo». Lacónicos: dados à reflexão, pouco exuberantes, com intensa vida interior.

^f Contradição com outra passagem.

^g Referência aos augúrios e às adivinhações que encontramos assiduamente (cfr. topónimos *Crespo* e *Corujeira*).

^h Ares, divindade da antiga mitologia grega associada à guerra. Ignoramos qual possa ser essa divindade ou invocação divina entre os Lusitanos. Os Gregos (como os Romanos) designavam as atribuições das divindades estrangeiras pelos nomes do seu próprio panteão; todas as divindades estrangeiras eram cópias das suas. Por «chibos» deve entender-se «cabritos», medida de economia, por o cabrito e o chibo serem menos necessários do que as cabras. Além disso, os animais que se sacrificam são sempre machos.

ⁱ Hecatombe em grego significa «uma centena de vítimas». Trata-se dos festins de clã de que a toponímia está repleta (*asp*, *yspi moed*, *yspi'n ary*, *yspi'n assy can*, etc.).

as idades e as dignidades; os alimentos fazem circulá-los de mão em mão. Enquanto bebem dançam os homens ao som das flautas e trombetas, saltando para o alto e caindo de joelhos^j. Em Bastetania as mulheres bailam também de permeio com os homens unidos uns aos outros pelas mãos. Os homens vestem-se de negro e a maioria usa «sagos» com o qual dormem nos seus leitos de palha. Usam vasos trabalhados em madeira, como os Keltói. As mulheres usam vestidos com adornos florais. No interior, em vez de moeda praticam o intercâmbio de espécies ou dão pequenas lâminas de prata recortadas. Os criminosos são despenhados e os parricidas lapidados tirando-os fora dos seus limites e da sua pátria ou cidade. Casam-se segundo o modo grego. Os enfermos, como se fazia na antiguidade entre os Assírios, são expostos à beira dos caminhos para serem curados pelos que hão sofrido a mesma enfermidade^k. Antes da expedição de Broutos [137-38 d. C.], usavam apenas barcos de couro^l para navegar pelos estuários e lagoas do país, mas hoje já usam navios feitos de um tronco de árvore, ainda que o seu uso seja raro. O seu sal é purpúreo mas faz-se branco ao ser moído. Assim vivem estes montanhese que, como disse, são os que habitam no lado norte da Ibéria, isto é, Kallaikoi, Astures e Kantabroi, até os Ouaskones e o Pirene, tendo todos eles o mesmo modo de viver. Podia fazer uma lista mais vasta destes povos mas renuncio a uma descrição enfastiosa, pois que a ninguém agradaria ouvir falar dos Pleutauroi, Bardietay, Allotriges e outros nomes menos belos e mais ignorados.

A sua rudeza e selvagismo não se devem apenas aos costumes guerreiros senão também ao seu afastamento, pois os caminhos marítimos e terrestres que conduzem a estas terras são raros e esta dificuldade de comunicações lhes há feito perder toda a sociabilidade e toda a humanidade. No entanto, hoje o mal é menor graças à paz e à chegada dos Romanoí. Onde estas duas vantagens não chegaram conservam um carácter mais brutal e feroz sem ter em conta que esta disposição natural entre a maioria deles possa ter aumentado por causa da aspereza do país e do rigor do clima. Mas, repito, todas estas guerras estão hoje acabadas. Os mesmos Kantabroi, que de todos estes povos eram os mais apegados aos seus hábitos de banditismo, assim como as tribos vizinhas, foram dominados por Sebastos Kaisar [César Augusto] e, agora, em vez de devastarem como antes as terras dos aliados do povo romano, levam as suas armas ao serviço dos mesmos Romanoí, como acontece precisamente com os Koniakoi e com os Plentouisoí que habitam para as fontes do Iber. Tiberius, aliás por indicação do seu predecessor Sebastos Kaiser, enviou a estas terras um corpo de três legiões cuja presença já fez muito não só pacificando senão também civilizando uma parte destes povos^{l bis}.

^j García y Bellido considera curiosa a referência a este tipo de dança que diz ser semelhante a uma dança russa. Diferentemente deste autor, consideramos que não se trata de danças vulgares, mas de danças culturais extáticas caracterizadas por movimentos violentos e saltos seguidos de prostração. Dançavam depois de beber, por a bebida favorecer a entrada rápida em transe, processo usado na antiguidade. Assinalamos alguns sítios cujos nomes derivam desse tipo de culto: *Pedrôgão, São Geães, Fazemão*, etc. Cfr. *Origens Orientais*, parte I, cap. v, §§5-6, *Os Loucos do Espírito* e *A Noite do Vitó*, pp. 117-21.

^k Referência inédita, não a conhecemos de nenhum outro autor. Consultámos várias obras sobre medicina assíria e babilónica e não identificámos esse costume. Um autor diz precisamente que os Assírios não tinham esse costume, que lhes foi atribuído por autores clássicos. No tempo de Estrabão já existiam na Lusitânia casas, albergues e refúgios para doentes.

^l Dizer que usaram barcos de couro antes dos de madeira é falso; a forma mais antiga de atravessar os rios foi o tronco de árvore. Trata-se de bóias para as pequenas distâncias, técnica que já era utilizada, por exemplo, pelos guerreiros assírios, muito antes de Estrabão.

Parte quinta

OS SÍTIOS DO PACTO

1. «Cortes» e o direito do Senhor

[LEIRIA]



Escala aprox.: Num raio de 3km a partir de Cortes

1 Cortes 1 (Leiria)

(297)

A três quilómetros de Leiria, na nascente do rio Liz, Cortes é contíguo de Reixida, Famalicão, Redondo e Abadia.

Reixida/Fontes. *Rexith* 'início', refere-se à nascente do rio traduzido por Fontes; os naturais, com mais razão, dizem *Raxida*. É a primeira palavra da Bíblia:

b rexyth bra elohim 'eth haxxamain w'eth ha' arêtz
 [be rechida bare eloin aet axamain u aet haarêtz]
 'No início criou Eloim os céus e a terra'.

Famalicão. *Gamali kan*, 'cuidar/salvar/retribuir o direito'¹. Em acadiano e no Código de Hamurabi, *gamili* é 'o que preserva, beneficia, outorga, benfeitor', do verbo *gamaku* 'preservar e outorgar'; *gamali kan* 'o que outorga as normas'. Foi o sítio do reconhecimento do direito e da sua difusão.

¹ JENNY E C. WESTERMANN, *ibid.*, p. 608.

O *Reportório Toponímico do Exército* aponta oito sítios chamados simplesmente *Famalicão* (além de outros eventualmente chamados X de *Famalicão*). Na nossa amostragem encontrámos outro *Famalicão* (Cortes-Benespera). Um sítio perto de Alcobaça-Óbidos (que não entra nesta amostragem) chama-se *Cortezinhas de Famalicão*.

Redondo. Nome que aparece nestes contextos de difusão do direito, em quase todas as *Cortes*; por ora retenhamos *r'adn'd* [rêadónedu] 'parceiros do Senhor do testemunho' ou 'parceiros do senhor trono'.

Redondo. é presença obsessiva nestas constelações de *Cortes*. Vamos tentar alargar o leque de hipóteses para este topónimo.

a) *r'* [réal] é comum a várias línguas semitas: hb. *re'a* [réaa] 'companheiro' e 'pastor'. Corresponde a um tempo aos *r' mlk* [réamelek] fenícios. 1) 'companheiros do rei, amigos do rei', que podiam ser (confrarias de) escribas, chanceleres, mordomos, juizes, funcionários. (Pelo termo bíblico *roé*, correspondente hebraico do *r'* ugarítico [réá, rá], eram também designados pelos Hebreus os juizes-videntes ou visionários no tempo de Samuel (século XI a. C.); o próprio Samuel foi um *roé* (cfr. o texto bíblico sobre Samuel). Saul, que lhe sucedeu na vidência-jurisprudência, tanto se intitulava *roé* como *nabi* (profeta extático); os *roé* também se chamavam 'homens de Deus' (em virtude do seu poder jurídico por meio de sonhos), 'videntes', 'companheiros do rei' e 'companheiros ou amigos do senhor', o mesmo tipo de personagem (Max Weber, *Le judaïsme antique*, pp. 146-68.) 2) 'próximo, parente, amigo, camarada' (aparece duzentas vezes na Bíblia); 3) 'parceiro, interlocutor de Deus'; 4) 'interlocutor jurídico'; 5) 'o mesmo que *qrb* e *gue'ul'* (cfr. *Gaiola e Curvachia*); 6) o mesmo que *hbr* 'companheiro'; 7) 'pastor', 'pastagem' e 'pasto', o mesmo que *nawe* e *ré'u* [reiu].

Estas significações — cfr. *Diccionario teológico* de Jenni e Westermann, II, p. 989 — fixaram-se nos nomes de sítios *Redondo* e *Nova* (*nabi*). Em torno das constelações *Córtes*, encontramos ora *Redondo* ora *Nova* ora *Nave*. Antes de significar 'funcionário ou juiz', *r'* [réá] significou 'companheiro' e 'amigo do próximo', segundo Weber, derivado por seu lado de 'pastor'; pode encontrar-se confundido com *heber* 'companheiro que partilha da mesma fé' e 'parceiro de uma *berit'* (Weber, *ibid.* p. 114).

b) *r' 'dn 'd* [readónedo] 'parceiros/pastores reunidos [= parceria, confraria] do testemunho/trono/assembleia/santuário/fraternidade/aliança', ou 'parceria de ajuntamento/armazenagem do testemunho'.

c) *r' 'dn 'd* [readónedo] 'confraria de assinalar o momento/estação/festa do testemunho'; neste caso, *'dn* deriva da raiz *'yd* 'testemunho', *'dn* e *'d* serão sinónimos ou duplicações.

d) *r' 'dn 'd* [readoniôdo] 'parceria de assinalar o momento do tempo/estação'; neste caso, *'d* 'tempo' é duplicação de *'dn* 'assinalar o momento'.

e) *r' 'dn 'd* [readoniédo] 'parceria de assinalar a aliança/contrato/acordo'.

f) *r' eden 'd* [raêdênedo] 'confraria / parceria da fecundidade / delícias da aliança'.

g) *r' udn 'd* [reaudónedo] 'parceria de ouvir o testemunho'.

h) *r' udn 'd* [reaudónedo] 'parceria/pastores do lugar de soberania/domínio'.

i) *r' adon'd* [réadonedo] 'pastagens/pastores do domínio/senhor'.

j) *r' dn 'ed* [readoniedo] 'confraria de assinalar o flagelo', referente ao mito das secas e das pragas agrícolas contra as quais ainda hoje se pratica o culto local.

l) *ra' a edun 'd* [raaedunedo] 'catástrofe do dilúvio passado' (em acadiano/sumério, utilizado também na Bíblia; cfr. Jenni e Westermann, *ibid.*, I, p. 200).

Esta hipótese é conforme a um ritual assinalado para recordar o dilúvio, tanto na Síria como em Sagres (segundo Estrabão, *Geographia*, III, 1, 4). Quanto à Síria, refere-se a ele o historiador grego Lucien de Samósata na sua obra *Dea Siria*: os fiéis vinham de todas as regiões do Mediterrâneo ao santuário da Deusa Síria, em Hierápolis, porque estavam obrigados a um culto que consistia em deitar água por uma fenda das pedras existentes no santuário «em memória do dilúvio e em honra de Deucalião» (nome grego para o Noé bíblico que criou os homens lançando pedras para trás das costas). O mesmo culto foi constatado no *Promontorium Sacro* por cronistas gregos como Artimidoros e Ephoros, citados por Estrabão, consistindo em revolver pedras, derramar água em cima delas e voltar a pô-las no seu lugar. Lembremos que os Cananitas-Fenícios se diziam descendentes de Noé. Uma das obsessões míticas das aldeias portuguesas é o dilúvio, de que alguns falam como se fosse do tempo dos avós; inclusive, muitas aldeias reclamam-se de terem sido fundadas pelos descendentes de Noé. É frequente o costume de lançar pedras para trás das costas por medo dos rios (que evocam o dilúvio); cfr. *Religião Popular Portuguesa*, pp. 22, 35; *Origens Orientais*, p. 352. Se houve relação entre esse culto e *Redondo*, o topónimo *Conego*, constatado nestas constelações, deverá traduzir-se por 'canal de libação'. Em Trás-os-Montes, *Redondo* é um bodo fúnebre, «refeição que se dá aos que velem um morto» (*Dicionário das Expressões Populares Portuguesas*).

Sítios há em que *Redondo* 'parceria' é contíguo de *Ruivo* e de *Relvas*, remetendo então para uma parceria/associação cúlrica (ou *mrz'h*), bem documentada nos textos sobre os Cananeus, organizadora de festins ou bodos, que era o seu tipo característico de culto (*Origens Orientais*, p. 89). *Redondo* pode ser sinónimo de 'assistência', albergue.

Abadia. *Ab-adir* 'pai majestoso/poderoso', atributo fixo de várias divindades, é na área cananita usado no fenício-púnico e no ugarítico². Encontra-se este título em muitos sítios referidos no *Ensaio Sobre Toponímia Antiga*. Foi possivelmente local de um bétilo. Talvez o *ab-adir* fosse o próprio juiz ou o chefe local; no *Código de Hamurabi* e nos textos semitas antigos nem sempre se faz distinção entre o legislador, o juiz e o próprio Deus que é *so ab-adir* por excelência. Por outro lado, o *Código de Hamurabi* recomenda aos oprimidos que recorram «junto da sua estátua», que seriam as estelas onde estavam gravadas as suas leis, ou o próprio bétilo.

Soutocico. Presente em quase todas as *Cortes* sob a forma *Souto*: *ṣut*, *ṣit* [xuto, xito] 'sede', 'lugar onde se está ou se põe, sede de uma actividade'; 'derramar, colocar, fixar, reduzir, dominar'. *Ṣut syk* [xutosico] 'pôr de comer', 'sede/assento do bodo'. É uma referência ao local-sede do direito (*Cortes*, *Famalicão*) e do festim/sacrifício de comunhão que continua no bodo das Senhoras da Gaiola e dos Prazeres. *Souto*, no Minho, duplica-se em *Assento*.

Vidigal. *Berit g'al* [beritgal] está duplicado em (Pinhal) Verde; *Bit gal* 'no pagamento'. *Gaiola G'eulla* 'redenção, pagamento de dívida ou promessa'.

Gaiola. O lugar das *Cortes* também assim conhecido em razão da padroeira, local (Senhora da Gaiola). No primeiro domingo de Maio, uma confraria de mordomos organiza a Festa do Pão, ou do Bodo, em cumprimento de uma «promessa antiga», que é a «gaiola», contra as pragas bíblicas dos gafanhotos e do pulgão; fazem-se referências a este culto nas *Origens Orientais*. Encontrámos uma aldeia chamada *Gaiola* na freguesia de Fátima, com um culto semelhante, em honra da Senhora da Ortiga, nome este que se refere a «contratar esposa» (cfr. adiante *Ortiga*). *Gaiola* encontra-se nas

² *Ibid.*, p. 76.

línguas semitas antigas: *go'el* 'vingador de sangue de um próximo parente'; *g'eulla* 'direito, obrigação jurídica, resgate, pagamento de uma dívida, redenção': *g'al*, termo próprio da legislação familiar: 'resgatar o próprio do domínio dos estranhos'; em linguagem religiosa, 'transcende o juramento jurídico e abarca o carácter salvífico do conceito, uma vez que a recuperação dos bens tribais perdidos traz consigo a libertação, a salvação, a renovação de uma ordem anterior e o restabelecimento de uma totalidade perdida. (Jeny e Westermann, *Diccionario teológico manual*, I, p. 549); ug. *gl* ou *gll* também significam 'festa' e 'profeta extático' (associado a promessa, voto).

Entre os costumes inerentes ao Bodo da Gaiola (pagamento de uma dívida à Senhora), há este elemento que nos remete para uma *g'eulla* profana ('direito, obrigação jurídica, resgate, pagamento de uma dívida, redenção'): certas famílias da freguesia têm o privilégio antigo de possuir uma imagem do Menino Jesus; os que quiserem oferecer pães para o Bodo, deverão pedir a imagem do Menino a uma dessas famílias (se não a tiverem) e destinar-lhe uns grandes bolos, «como pagamento pelo aluguer da imagem». A oferta de pão para o bodo comporta então três partes repartidas por três açafates: 1) uns tantos quilos de pão para oferecer ao público; 2) uns bolos grandes para a igreja (em favor do culto); 3) uns bolos do mesmo tamanho «para o Menino», que vai num dos açafates assente entre os bolos.

Prazo. Na encosta da citânia de Curvachia e da Martinela: *perazu* '[lugar da] convocação, dos acordos ou dos contratos'. No Foro Real de Afonso X, *prazo* (*parazu*) significa ainda 'convocação'.

Prazeres (Senhora dos Prazeres ou do Monte). Adaptação de *parazu*. O nome Senhora dos Prazeres ou do Monte deriva de *parazu*, que em muitos lugares passou a um culto mariano por uma confusão criada ou mantida pelo clero. Diz Frei Agostinho (século XVII): «Chamam-lhe Senhora do Monte, mas o seu nome foi dos Prazeres»; cultua-se na encosta no domingo de Pascoela, também com um bodo de pão e muitas liberdades sexuais. É frequente ouvir-se na região que «é na Senhora do Monte que se arranjam os namorados», reminiscência do antigo lugar do «dote». Outras Senhoras chamam-se *do Paraíso*, por corrupção de *parazu*. A Senhora dos Prazeres encontra-se igualmente confundida nas Beiras com a Santa Rainha Ester, heroína judia (cfr. *Origens Orientais*, pp. 46-52). Prazeres, Paraíso correspondem, noutras constelações, a Senhora da Misericórdia (*miseru kort* 'fronteiras da divisão/acordo).

Rio Liz/Lena. Tem um nome semelhante ao Lisandro, que veremos em «Valverde/Mafra» Hoje o Lena é um afluente do Lis. Segundo alguns, o rio Liz ter-se-ia chamado Lena, e vice-versa, ao ponto de não se saber qual será o tributário e o tributante; a confusão já é antiga, uma vez que Lena e Liz têm a mesma origem, e são sinónimos: ug. *lsn* [lêsen] 'calúnia/dizeres/língua' (ac. *lisane*); hb. *lissen* 'caluniar'. Ambos os termos podem ter dado *Liz* e *Lena*, que seriam «rio dos dizeres» (que julga/atesta os dizeres/calúnias/mentiras); em conformidade com a justiça e com o direito que aí se praticavam. No linguajar popular, *lena* é uma «conversa», e «mulher bisbilhoteira, alcoviteira».

Zambujo. Deus Tamujo (Thamouze), ou o seu povo. As regiões ao sul do Mondego chamaram-se também «de Tamujo».

Gaiola — Prazeres e Azambuja. Frei Agostinho de Santa Maria, referindo-se ao culto da Senhora do Paraíso, na Azambuja (Ribatejo), diz que «antigamente a gente desta terra estava obrigada a ir em círio à Senhora da Gaiola das Cortes, contra o "pulgão, lagartas, borboletas" e outras pragas agrícolas» (*Santuário Mariano*, II, p. 367). Mas

levanta-se esta questão: ou a Senhora do Paraíso-Azambuja estava geminada com a da Gaiola-Prazeres (associação de santuários que remete para uma identidade étnica), ou Frei Agostinho se deixou iludir pela confusão dos topónimos cultos. De facto, encontram-se na Azambuja e nas Cortes os mesmos nomes Tamouze-Zambujo, Paraíso-*gue'ula*. Talvez os habitantes da Azambuja dissessem que estavam obrigados a um ritual chamado «gaiola das cortes» (*gue'ula kort*) e ele confundisse com o sítio *Gaiola das Cortes*. As terras que estão obrigadas a círios marianos são frequentemente vizinhas de sítios *Zambujal*.

Martinela (geralmente *Martinho* ou *São Martinho*). Lugar dos contratos de casamento. *Martinho*: *mhr thm* [moartehumo] 'pagar dote de declaração (de noivado)'; *mhr thm 'l* [mârtehumailu] 'pagar dote de declaração de parente'.

Margarida, Santa. *Mhr gary'd* 'pagamento de dote/garantia'; *mhr* 'dote/pagar o dote'; *gry* 'nomear delegado'; *ed* 'garantia' («pagar um dote a um delegado como garantia»); hoje diríamos «arranjar uma noiva». Refere-se ao local onde se encontravam os noivos e se estabeleciam os contratos de casamento; que devia ser o mesmo, que *Cortes*. Hoje os noivos encontram-se a um quilómetro de Santa Margarida, em torno do pequeno santuário da Senhora dos Prazeres ou do Monte, no primeiro domingo depois da Páscoa. Tal festa sempre foi conhecida como orgiaca e própria para se encontrar namorados; diz-se em toda a região «ir arranjar um noivo à Senhora do Monte»; as coisas pouco mudaram, portanto. Como teste de *Margarida*, vejamos a seguir dois *Margaride*, em Felgueiras e em Guimarães. Associa-se ao actual culto da Senhora dos Prazeres.

Mourões. *Mhr wn* [mourôn] 'dote combinado/fixado', expressão contratual.

Tárrio. *Tar* 'parentes' (sítio onde eles se reuniam ou «povoação»?)

Arrabal. *Hr bal* 'monte do senhor' (deus ou príncipe), ou corrupção de Arrabalde, *ahr balad* 'depois/para lá do distrito/povoação', associado a Curvachia, uma citânia. [Uma deslocação ao terreno fez-nos descobrir algo de impressionante, de que não vimos referência em nenhum autor: uma vastíssima área de ruínas sob uma quase impenetrável floresta de carvalhos. Todo o cabeço da Curvachia é uma imensa área de paredes derrubadas. O recinto está cercado por uma dupla muralha (com um caminho entre elas); cada muralha chega a medir, aqui e ali, metro e meio de largo. As pedras das muralhas — como na citânia de Eiriz — parecem não ter sido unidas com argamassa. Ao contrário daquela, as ruínas da Curvachia encontram-se numa encosta da serra, embora se estendam sobre todo o morro. O perímetro das muralhas deve atingir entre seis e oito quilómetros].

Cónego. *Knkt* 'suporte / recipiente / lugar secreto de libação / sepulcro como lugar de libação / canal de libação' (ac. *kankanu*). Refere-se à prática das ordálias no rio, ou significa apenas 'canal', 'tubo'? Aparece noutras *Cortes* sob este mesmo nome.

Curvachia 1) *qwr b̄s* [kurbaxia] 'fonte para exprimir / para fazer mal' (julgamento, ordálias) *qrb rs* [qorbarssial] 'no local do abatimento' (julgamento); 2) *qrb assy* 'na expressão', 'no local da expressão / do dizer'; 3) *qrb bt̄s* [qôrbatxia] 'no local do poder/força'. É o mesmo sítio que *Chitas*.

Chitas, ribeiras. *Sty* 'beber' [xti → chit].

Varino. Na confluência dos rios: *b'r'in*, *bar'in*, *bry'in*, ou *barb'n* [barin] 'pessoa, eleito, que preside a um culto / cerimónia, adivinho, iluminado'; 'acto de cortar / repartir; acto jurídico da *berit* (= *kort*), barra / separação' (= margem, costa). Um

«varino» podia ter sido um juiz, um comprador-vendedor ou um habitante da costa. Hoje as varinas são «vendedoras»; os vareiros são os da costa.

Lagoa. É «subida», conforme com o terreno (cfr. *Origens Orientais*, p. 350).

Magueixa. *Torre da Magueixa*, *Vale da Magueixa* e *Reguengo da Magueixa* eram os nomes das povoações vizinhas no século XII: hb. *ma'hoz* [magoge] 'circunscrição administrativa'. A gente da Torre reclama-se de uma grande antiguidade, dizendo que essa povoação teve a primazia sobre as outras da região, e que a terra foi o berço de uma santa chamada Iria. *Iria* é corrupção de 'r [ayr] (hb. 'ir) 'povoação/lugar onde a gente mora'.

Iria e *Leiria* procedem de 'r, *ary* 'povoação': ug. *ary* 'parentela' (= lugar onde mora a parentela); ar. 'yria [airia] 'correlação de pessoas' (= parentela, povoação); *leyria* — escrito desta exacta forma em aramaico — 'na povoação', 'entre vizinhos'. São portanto falsos (estritamente poéticos) os mitos e as etimologias eruditas que fazem derivar este nome de *Lerena*, uma latinização de *leyria*.

Dissemos que muitos nomes de sítios significam simplesmente 'povoação' ou 'lugar onde a gente mora' dito pelos naturais, expressão que reflecte um estado de autarcia e de endogamia locais. É muito provável que a Torre da Magueixa, numa encosta donde se avista toda a região, fosse a sede do poder administrativo, como pretendem os habitantes. Em frente temos *Colipo*, uma *villa* romana onde se encontrou um espólio importante, nomeadamente a estátua de um cidadão romano trajado à moda dos senadores de Roma, obra perfectíssima, existente na agência de Turismo de Leiria.

Piqueiral. *Pq ary* 'encontro/abastecimento de vizinhos' (= povoação).

Maunça. Morro na base do qual brotam as águas do Liz, encontra-se noutras *Córtes*: *mans* (*m ans*) 'referente à confraria / corporação'; *mb ans* [maânse] 'rio da confraria'.

Existem topónimos *Onça* (âns), e vamos encontrar *Cova da Onça* (*Cortes-Gonçalo-Guarda*). *Cova da Onça* procede de *kbd ans* [kábeda ans] 'albergue da confraria', que derivou depois para nome de restaurantes populares. *Ans* (corporação) deu 'amigo da onça' (amigo interesseiro). Nas *Cortes-Fundão*, em torno de um outro cabeço *Maunça*, a corporação chamou-se *Enxabarda* (*ans brt*, *ans heber*), uma corporação de pastores.

A Torre da Magueixa, na encosta da Maunça, anima a mais antiga confraria da região de Leiria, cujos estatutos serviram de modelo a dezenas de outras da diocese, que incluem como membros de direito «todos os que aí moram». Hoje chama-se Confraria de Santa Iria (= povoação). A Torre animou até há poucos anos uma mútua de gado, de que faziam parte todos os pastores. *Carmulo* é corrupção de *Carmol*, que era a montanha sagrada dos Cananeus e dos Hebreus; este nome de sítio associa-se a cultos caracteristicamente fenícios nomeadamente na Serra do Caramulo como demonstramos nas *Origens Orientais*.

Carmulo/Carmelo. Frequente nestas constelações toponímicas, a montanha dos Cananeus e dos Hebreus.

Palheirinhos. *Pl* 'juiz'; frequente.

Rio Seco, ou rio das Cortes. No princípio do rio Liz; podia ter sido *sedeq* 'justiça/legitimidade'. Corre sob a Magueixa (o «distrito») e os Palheirinhos/Galhetes (prostração/juiz).

Azenha do Rouco. Azenha é a tradução de *Rouco*: *rh* [raq] 'pedra de moinho'.

Lourais. *L war'l's* [lorales] 'em vindo de cima', ladeira, escada descendente.

Cantomilho. *Kntu mil* 'recinto, cerca do rio'.

Garruchas. Geralmente aparece *Corujeira* 'casa de adivinhação' (*Garruchas* seria

geres + *ygaruṣ*?); ver adiante *Corujeira* e *ygaruṣ*. Ainda hoje, por maldade das aldeias vizinhas, se diz que *Garruchas* é «a terra das bruxas», que se diziam *bṣr*, *brṣ* [bêxera].

Colipo. Antigas ruínas romanas; os historiadores (Leite Vasconcelos, Hubner...) dizem que o topónimo contém *ippo*, o termo fenício para 'cidade'; *ippo* nunca foi terminação fenícia para 'cidade'. Colipo é simplesmente *kl yp'* [kolipo] (sir. *kol*) 'totalmente no alto', em conformidade com o terreno. (Cfr. supra *Iria* e *Leiria*).

Marvila. Hb. *ma'aravi*, 'lamentação, pranto'; ainda hoje aí se pratica o culto da Senhora da Agonia (= do Pranto). Em Lisboa, junto ao Tejo, existe um sítio *Cortes-Brito* em Marvila.

Sobral, Sobreira. Andam de par com *Cortes*: *sbrt* (aram. *sibura*) 'comunidade/clã' (lugar de habitação do clã); *Sobral*: *sibur'ly* 'comunidade dos congêneres'; *Sobreira*: *sibur ary* 'comunidade de parentes/vizinhos'.

Barreira. São várias no raio de 2 km, e sempre nas constelações de *Cortes*, *Barrio*, *Bairro*, *Bairrada* e *Barrimau*.

Barreira, Bairro, Barrio; hb. *barrur* 'região do distrito', 'região onde todos podem circular, cultivar ou apascentar gado, campo aberto', em oposição às regiões demarcadas e apropriadas pelos particulares ou pelos senhores. Corresponde ao lat. *rus* 'campos' e ao ingl. *open field* 'campo aberto' (cfr. Gerahrd Lisowsky, *Konkordanz zum Hebraischen Alten Testament*, pp. 280-89) e aos antigos baldios portugueses, ou raçoeiras, terrenos comuns de uma povoação em que cada habitante podia cultivar uma parcela sem se apropriar dela. Neste caso, as propriedades em torno de *Barreira* ainda se chamam *Raçoeira*. Portanto, *Barreira* e *Telheiro* referem-se à demarcação de zonas públicas relativamente às apropriadas, de que serão vestígios actuais três grandes e velhas quintas contíguas da *Barreira* e do *Telheiro*. Para as raçoeiras, terras comuns, cfr. Albert Silbert, *Le Portugal Méditerranéen à la fin de l'ancien régime*, SEVPEN, Paris, 1973.

Br ou *bar* (port. *Barros*) 'puro, escolhido, testado, eleito, que se eleva', 'o que separa ou o que é separado', pode referir-se a um tipo de funcionário, chefe local, ou a um simples marco. *Bary* e *kort* podem ser termos equivalentes (cortar/decidir/que estabelece limites ou responsabilidades). *Bar'ium*, no direito acadiano e no *Código de Hamurabi*, 'funcionário' (ug. e ac. *bry* 'o que trancha/decide'), sempre associado, ou equiparado, a *redum*, que é o proprietário de um feudo territorial (cfr. Federico Lara Peinado. Entre nós, «nos registos de propriedades medievais e nos testamentos, *barriu* e *barru* eram sinónimos de quinta, cerca, lugar pequeno, aldeia, casa de campo, abegoaria e, depois, arrabalde, parte de uma cidade; estes termos circunscrevem-se à Península». O *Dicionário Etimológico* de José Pedro Machado (donde extraímos estas informações respeitantes a Portugal) explica a sua origem pelas «barras» que separavam as terras e as povoações. Nós perguntamos: onde é que, antes da Renascença, os campos e as aldeias estiveram cercados de barreiras? em que cidades do mundo estiveram os «bairros» ou as praças cercados de tapumes fora dos dias de tourada? Machado crítica Gonçalves (*Apostilhas aos Dicionários Portugueses*, Lisboa, 1906, pp. 120-26) que sugere para estes termos uma «origem arábica», dizendo que «tal ideia peca pela prosódia, pela semântica, pela fonética e até pela ausência do artigo *al-*». Perguntamos de novo: será que as dezenas de milhar de palavras das dezenas de línguas e dialectos «arábicos» começam por *al-*? Além disso, o que é a «língua árabe ou arábica»? *Bairro* pode ser simplesmente *b ary* ou *b ary ay* [barrio, barraio] 'nos parentes, na vizinhança', 'entre os vizinhos de todos/de qualquer um', quer dizer, lugar de habitação do povo.

Telheiro. *Tel* 'outeiro'; *tillu* 'porta, marco', sinónimo de *bry* 'o que separa'. *Fontainhas*, à entrada de Leiria. Talvez *pnt 'ny*, *pnt any* [pentinaia] 'em frente do suplício, aspecto/junção do local de suplícios' ou *pnt 'n* 'em frente da fonte, a encruzilhada da fonte'. As significações suplício-fonte são concordantes, tendo sido a fonte um lugar de ordálias; existem várias outras *Fontainhas* junto a *Cortes*, mas seria necessário estudá-las em conjunto (testámos algumas). No caso de Leiria, confunde-se com *Guimarota*.

Guimarota. Tem várias etimologias concordantes: *gmrt* [gumarota] 'besta depredadora'; *gmrt* (ar. *gamratu*, ac. *gumarut*) 'brasas vivas' (lugar de suplício); *gmrbd* [gamarad] 'o Vingador' epíteto de Baal-Sol; ac. *kamarut* 'rede' (prisão). Pode ser a associação/confusão destes termos.

2. Os compromissos de Margarida



Escala: No raio de 2 km de Margaride.

2 Margaride (Felgueiras) Teste de Margarida-Martinela

(99)

No raio de 1 km em torno da confluência de dois ribeiros que formam o rio Sousa:

VM
h-
253

Margaride, *mhr gards'at* 'dote pago em fiança'.

Vide. Vários montes Vide, como *Vidi-gal* de Cortes, Margarida de Leiria.

Verdial. No lado oposto, como verde/berit.

Souto. Como *Soutocico*, é o m.s.q. *Argonda*.

Vila Cães. Como *Famali-cão*: *kan* 'regras/normas jurídicas'. Talvez até *ybl kan's* [yabal canis] 'transmitir normas' (cfr. adiante *ybl* 'corrente/varal').

Santa Marta. Como *Martinela*: *mhr* 'dote'.

Moure. Como *Mourões*: *mhr* 'dote' e 'vigor masculino' (conotação sexual).

Argonda. *Ark adon* 'largueza de braços do senhor', epíteto de 'justiça/senhorio', título frequente (*ark* ou *arkt*); corresponde a *Redondo/Abadia*.

Arnozela. Significa o mesmo que *Arrabal*: *hrsn/hrns ilu* [Ursanu ilu/arnus ilu] 'montanha divina, morada de Ilu' (cfr. o Parnassu de outros povos do Oriente). É o m.s.q. Simões.

Simões. Corrupção de Samões?: *simm* (hb. *sammayim*) 'céus' (morada de Ilu).

Costa (Acosta). *Agzt* 'contrato matrimonial, desposório, núpcias e tempo de núpcias'.

Pinhal da Rebeza. *Rab' az* 'chefe forte', como *Ab-adir*.

Barreiro/Barreira. Como sempre veremos por todo o lado.

Boavista. Pode ter sido o local de uma «casa da sexualidade», uma hospedaria ou um templo.

Casas Novas. Decalque sobre *casu nab* 'lugar do sacerdote/juiz/profeta'.

Fontainhas. Como nas *Cortes/Leiria*, por ter sido o local de um tofé (braseiro cultural/de justiça).

Telheira. *Tel e til* 'outeiro ou marco'.

O local das *Cortes/Berit* teria sido sobre o actual rio Sousa, na confluência de dois ribeiros que vão formar o rio.

Num raio de 2 km de Margaride:

Ribeiro da Longra (Dalongra). No Monte de Vide (*berit*): *dll+agr*, dois sinónimos: *dll* 'tributo, homenagem' (ac. *dalilu*); *agr* 'aluguer ou serviço'; é um dos nomes do rio Sousa.

São Domingos, monte. Corresponde ao *Zambujo* das *Cortes*.

Santa Quitéria. Um santuário importante: 'a que corta'. É a Astarté guerreira dos Fenícios, associada a *krt*, a senhora do *berit/Parazu*.

Quinta da Adega. *Ahd* 'colher, tomar para si, apoderar-se', frequente em *Cortes*; teria sido um celeiro, um entreposto, ou simplesmente a ideia de banquete.

Pé de Milo. *Palt maylu* 'barbeito da corrente' (nascente de ribeiros que vão formar o rio Sousa), talvez lugar de ordálias.

Casa da Lebre. No sopé do actual santuário de Santa Quitéria. *Ksy lhbr* (hb. *kasab leber*) 'sede dos companheiros'. (Encontraremos outras). Foi o que hoje se chama, nos santuários populares, casa de confraria ou albergue de romeiros, e que algures se chama Cova da Onça. Segundo Max Weber (*Le judaïsme antique*, cit.), diziam-se *heber* as pessoas do mesmo local, profissão ou religião, e sujeitas ao mesmo *berit*.



Escala: Raio de 2km de Margaride, excepto o cabeço do Moço que se situa a 5km aprox.

Num raio de 1 km em torno de Margaride

Costa (Acosta, ribeira da). Como no anterior: *agzt* 'contrato matrimonial, desposório, núpcias e tempo de núpcias'; ribeira dos noivados.

Cruz da Argola (Agola?). De *go'el*, *g'eúlla*, ou tradução de *ybl* 'aliança', que dá noutros sítios *Ruivo*?

Arcela. Como *Arnosela*.

Mainça. Como *Maunça*, confraria, corporação.

Sobreiro. Como *Sobral* nas *Cortes/Leiria*: *sbrt* 'clã, comunidade'.

Verguinha. *Bry ghin* [berighima] 'cortar (jurar/dizer) em voz alta'; como *Varino*.

Quinta da Galé. *Gal*, *go'el*, *g'eúlla* como *Gaiola/Vidigal*.

Mesão Frio. *Mezohan pr'* [mezanfrio] 'impuros, abandonados' (= gafaria); refere-se a um hospício. Ver *Valverde-Monção*, *Peixe Frio*; de gafos (*mzohan pr'* 'impuros, leprosos abandonados').

Fofe. *Pe pe* [papa/fafa] 'falar com a boca', expressão hebraica equivalente a 'jurar solenemente', 'falar pessoalmente'; mas também *pe pe* 'comer', *phe* 'quinhão', *pe pe* 'falar de boca a boca' (cfr. *Diccionario teológico*, cit., II, pp. 516 segs.).

Lamilios. *Lhm yly* [lahamili] 'refeição/comida dos companheiros'; talvez *lhm elin*

'comida dos deuses', ou até *lhm yly elim*, 'comida dos companheiros de Deus' [lamili enli → laminliu]; refere-se ao lugar do festim.

Quinta da Barreira. Como as anteriores: *bar'ium*, *bry* ou *b ary*.

Telhado. Como nas anteriores.

Num raio de 1,5 km de Margaride:

Adeganha. *Ad gan* 'senhor soberbo/magnífico/formidável', epíteto de rei (ac. *adda gan*); ou aplicado a deus: *ad dagan* 'senhor/pai («paizinho») do trigo' (hb. *dagon*), título de Thamouze; corresponde ao Ab-adir; confunde-se com Devesa.

Monchique. *Mnh y yqy* [monghi iqi → monchiqi] 'oferenda/tributo de obediência, preito ou de homenagem'.

Bela Vista. Corresponde a *Boavista* (*ba bst*), 'no altar, albergue', ou eufemismo de 'na casa da sexualidade', ou ambas (cfr. *Boa Vista*, *Valverde-Monção*).

Atães. *Atan eš* [atanenx] 'mordomo/sacerdote que oficia'; *atan purli*, 'mordomos da casa ou do templo' (cfr. *Mitos y leyendas de Canaan*, p. 519).

Souto, *Negrinha*, *Boca*, *Naia*, *Gondosalvos* e *Condelo* são o mesmo sítio: duplicações ou complementos recíprocos:

Negrinha. *Ngr'ny* [negrinya] (hb. 'ynna, 'iyyen) 'mensageiro / mordomo / sacerdote / juiz que diz / canta / celebra / vê / experimenta'; seria um juiz ou um sacerdote. Encontramo-lo frequentemente.

Boca. *Bk* 'vaso grande' (panela, recipiente) ligado a bodos e assistência.

Souto. Como *Soutocico*. É o m.s.q. *Gondosalvos*.

Gondosalvos. *Gadu salon bs* (?) 'animais de paz/amizade+de alegria' [gadusalombes → gadonsalves]. Corresponde a *Naia/Souto*; '(lugar do) abate de animais para renovar paz e amizade'? Festins/sacrifícios?, ou derivação de *Gonçalo*? (cfr. *Gonçalo*).

Condelo. Corresponde a *Famali-cão* 'direito/normas/recompensa do pobre' (hb. *dal*), ou apenas 'lugar de paragem / residência dos mensageiros / correio'.

São Martinho / Boavista. Como nos precedentes, *mhr* 'dote / casa da sexualidade'.

Naia. Fen. 'naya 'hospedaria'; confunde-se com *Souto* 'sede/lugar de fixação'.

Vinagreira. *Bn agr* 'no sítio dos alugueres/contratos/recompensas', ou 'no sítio daquele que nos emprega, aluga ou recompensa', ou ainda *ben gr* 'lugar dos estrangeiros'.

Casas Novas / Venda / Casinha. Poderão ser *kasu nab / bent nab / kasu'ny* 'casa dos profetas ou juízes'; *kasu 'ny* 'casa/sítio do dizer/responder'.

Aldão. *Adon* 'senhor' (cfr. *Aba-adir*, *Abadia*); com a persistência/diferença do *t* e do *d* em *Atães* (*Atan*) e *Aldão* (*adon*).

Mainça. Como *Maunça*.

São Domédio e São Mamede. Domédio é único no país, inventado pelos naturais: *mo'ed* 'reunião, assembleia' [mo ède → do mède].

Mamede. Também corrupção de *mo'ed*. São Mamede é um santo dos pastores. Em São Mamede da Serra (perto das Cortes de Leiria), o sítio contíguo da igreja do santo cujo culto teve origem num culto - encontro - feira de pastores, chama-se *Moeda*

(hoje um lugar de turismo: Grutas da Moeda). O local também se chama *Moita do Martinho* (como *Martinela*).

Do outro lado de Guimarães, um subúrbio da cidade:

Codeceira / Casa Nova. *Codeceira* foi *kadosh ary*, 'santuário da povoação', associado a Casa Nova (*kasu nab*).

Atouguia. Antioquia, um dos nomes da cidade de Ugarit que já havíamos encontrado nas constelações Carcavelos.

A pequena região de *Margaride* «de que omitimos muitos outros nomes» está dominada pelo *Cabeço do Moço*, corrupção de *Maunça* ou derivado de *mza* [môza] 'encontro'?

4 Fontainhas (Urgezes/Guimarães)

(85-A)

Fontainhas é o mesmo sítio que *Penalrique*: *Paut 'nx* 'lugar de suplícios ou ordálias'. *Penalrique*. *Pon aḥalyqt* [penaraliqte] 'frente ao livrar do anátema' (*Mitos*, p. 511); *yqy* 'temer, obedecer'; *qt* 'arrastar'. Diante do Deus te livre é o m.s.q. Santo Estevão martir cristão que morreu num braseiro; o santo cristianizou o lugar do suplício.

Mainsa. Como *Maunça*.

Vaca Negra. É o mesmo sítio que *Boavista*: *Vaca*: *bk* 'recipiente, panela'; *Negra*: *ngr* 'sacerdote/juiz'; *Boavista*: *ba bst* 'albergue'? 'altar'?

Fontainhas (em Gondizalves/Braga).

No sopé do monte São Gregório. No raio de 1 km de Fontainhas:

Cabrita. *Kbrt* 'rede' (= prisão; ver adiante a ideia de rede noutros topónimos).

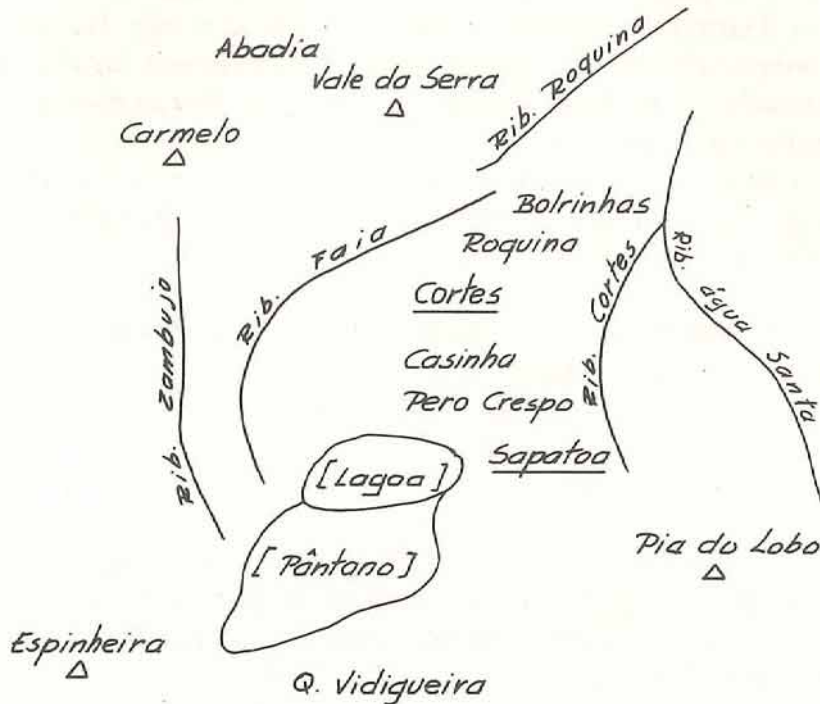
Gondizalves. Como *Gondosalvos*.

Gregório. *Grgr* [gargorou] 'arrastar, prender' (cfr. *Fontainhas* [Leiria] em que a ideia de arrastar é expressa por *Guimarrota*); *grgr* 'garganta'. Também daqui derivam os termos — bem portugueses — 'gargarejo' e 'garganta' que se devia dizer 'garganta': *grgr+nt*, em que *nt* é uma partícula que significa 'passar através'. Ficamos também a saber porque é que os Portugueses invocam São Gregório contra os males da garganta, e engasgar-se se diz 'dar-lhe o gregório'. As virtudes atribuídas aos santos populares derivam geralmente do próprio nome do santo (cfr. *Religião Popular Portuguesa*, p. 136). José Pedro Machado diz que 'garganta' deriva de 'gargalhar' (rir) e «do ruído da água ao passar na garganta». Não será o contrário?

Ponte Falcão. *Pl kn* 'juiz das normas'.

Bairro. Como *Barreira*, *bry*, *bary*.

Naia. *Naia* 'hospedaria'.



Escola: Num raio de 8 km. de Cortes, para os nomes mais afastados.

Cortes e Ribeiro das Cortes. Numa região em que os topónimos são extremamente raros, comparados com o Minho e as Beiras (ã razão de 1/20), mesmo assim, a maioria deles identifica-se com *Cortes*; os mais afastados entre si distam entre 5 e 8 km.

Roquina e ribeiro da Roquina. São o mesmo que *Cortes*: hb. *raqú'a* 'plataforma/trono' (cfr. *Diccionario teológico* cit., II, pp. 198, 207); *roquá'a'ny* [roqahaini] 'plataforma/trono de dizer-responder' (tribunal). O *Ribeiro da Roquina* é o mesmo que *Ribeiro da Água Santa*, *Bolrinhas* e *Vale da Serra* (infra.)

Bolrinhas. B'l g'yny [bolggine → bolrine] 'senhor que diz-responde ou faz falar'; refere-se ao rio-juiz.

Vale da Serra (uma elevação). Bl sr 'senhor rei' (ac. *bal sarru*); surry 'sublime' (= Ab-adir).

Palheta e Faia. Ribeiro que nasce na Roquina: pl 'juiz/árbitro'; pl ht [palhete] 'julgamento/juiz que dá conta', ou 'juiz da vara'; ht, ac. *hatu* tanto é 'vara, bastão' como 'volver a si / dar conta de si'; *ribeiro da Palheta* é o mesmo que *ribeiro da Faia* (pl 'juiz').

Surra Peles. Outro ribeiro que nasce na Roquina/Cortes: srry pl 'sublime juiz' ou 'rei juiz', ou ainda zr pl 'espalda/dorso (do trono)' e sr 'assediar/recorrer' (ao juiz); sir, siro.

Sapatoa, *Pero Crespo*, *Casinha* e *Palheta* são contíguos.

Sapatoa, nas margens de uma lagoa.: *Tpt hb* [txapatoa]; 'juiz/julgamento da lagoa'; *tpt* [txapat], ac. *sapatu*; *hb*, ac. *habhu*; hb. *hoah* 'água/lodaçal/pântano'. *Sapatoa* foi um lugar de julgamentos pela água; o nome do sítio mantém-se tal e qual como no tempo de Hamurabi (apenas se escreve *Sapatoa* e não *Txapatoa*). Segundo o *Reportório Toponímico do Exército*, existem em todo o país sete *Sapatas*, três *Sapatoas* e quarenta *Sapateiraslos*, sobretudo ao sul do Mondego. Testaremos a seguir as que entram nesta mesma amostragem territorial.

Pero Crespo. *Phr krs p* [puêrú qresspu] 'assembleia/reunião/encontro dos adivinhos'; ug. e ac. *pubru* 'reunião/assembleia'; *krs p* 'tripa/entranhas falar'. Vamos encontrar outros *Crespo*, geralmente associados a *Corujeira*. É o m.s.q. *Casinha* e *Pia do Lobo*.

Casinha. *Ksu 'ny* 'assento/casa do responder-dizer' (lugar dos julgamentos) [casiny]; *casu* 'tronol/assento'; *casy* 'abrigo/casa' (hb. *casah*). Vai com *Sapatoa*.

Pia do Lobo. *Pe'a lb* 'boca/sítio da justiça'; ou *pe lebab* [pêalobo] 'fala da justiça/justeza'. Proveniente de *pe'a* 'sítio/lado' (ac. *pi'um*, *pa'um* (cfr. *Diccionario*, cit., II, p. 516). *Pe*, *pê* 'falar/jurar/determinar'; *lb* (ac. *labab*, hb. *leb*, ar. *lubb*) significa 1) 'coração / bons sentimentos / rectidão', 2) 'conhecer', 'amor/amizade/rectidão, força vital', 3) 'comer' (= sustentar o coração) (cfr. *ibid.*, I, pp. 1176 segs.).

Raminha. Contíguo de *Sapatoa* e nas margens do pântano: *rmy' ny* 'arrojar para dizer - responder' ou 'arrojar para humilhar/abater' (ordália, hb. 'ana, inah).

Abadia. Como nas *Cortes/Leiria*. É o m.s.q. *Carmelo*.

Carmelo. A 2 km de *Roquina*, como nas *Cortes/Leiria*.

Ribeiro do Zambujo, paralelo do ribeiro da *Palheta*. *Thamouze* e povo *zamujo*, como em *Leiria*.

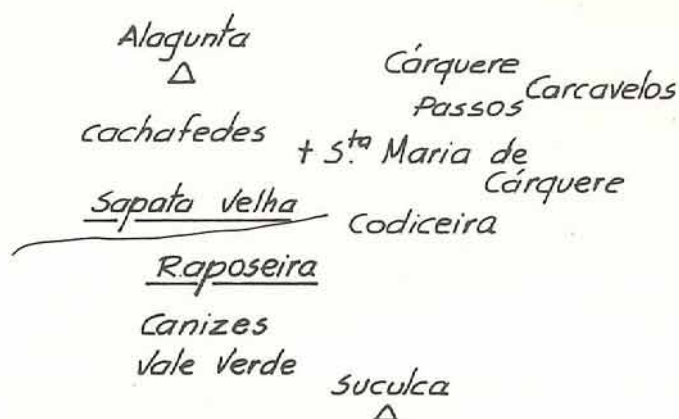
Vidigueira. Junto dos ribeiros *Zambujo* e *Palheta*, como anteriormente: *berit gal* ou *go'el* (hb. *gu'e* 'confiança').

Malhadas. De *ml* '(sítio onde há) água'.

Espinheira. *Aspi'n'ary* 'banquete/reunião da comunidade'.

Num espaço relativamente pequeno, e apesar da escassez de nomes, um grande número de sítios ligados com a *kort*/justiça.

3. A lei do «txapato»



Escala: Num raio de 2Km de Sapata Velha.

6 Sapata Velha (Carquere, Sinfães)

(136)

Sapata Velha. *Tapatu bal* 'juíz senhor', 'julgamento do senhor'; 'base, pé do senhor' (= assento); É o m.s.q. *Cachafedes*.

Cachafedes. *Kasah ph 'ed, qs ph 'ed* [caxafede] 'lugar/limite/corte do testemunho', associado a *qzb* 'cortar/arrancar'; *qzb'ed* [qazabede] 'arrancar o testemunho'.

Raposeira. *Rpa sa* 'entregar/eliminar os assassinos', lugar de suplício (cfr. adiante).

Vale Verde (que nada tem de vale). *Bal berit* (cfr. constelações *Valverde*).

Torre de Beba. *Bb* (hb. *babe*) 'à entrada' (de palácio ou recinto).

Canizes. Hb. *cniss* 'entrada', sinónimo de Beba (também pode ser 'igreja').

Passos/Carquere/Carcavelos. *Patum* 'distrito administrativo'; Carcavelos: *karka belus* 'domínio do senhor'.

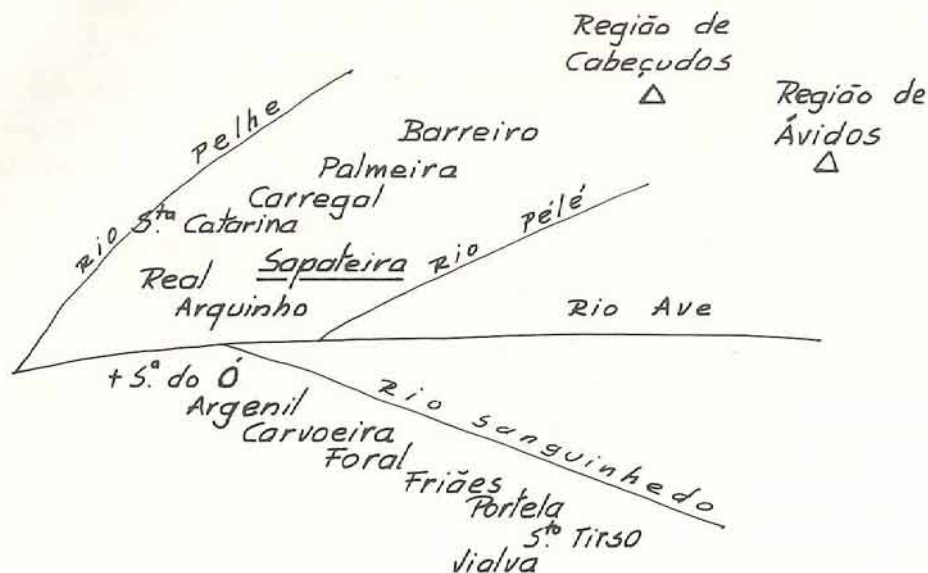
Codiceira ou *Santa Maria de Carquere.* Santa Maria de Carquere é um velho santuário; *Codiceira* a sua designação primitiva: *kadosh ary* 'santo/santuário da comunidade'.

Corvo, ribeiro (nasce na *Codiceira*). *Karb* 'do culto' (ac. *karabu*).

Os morros sobranceiros:

Seculca (onde se encontra *Vale Verde*). *Skllt* 'recinto' (ac. *suklultu*) 'recinto do culto/berit'.

Alagunta. *Alagh nht* [alaganta] 'subida do sólio/trono'.



Escala: Raio de 1.5 km de Sapateira, excepto os morros.

Subúrbios de Santo Tirso, na confluência do ribeiro Pélé e do rio Vizela. *Sapateira* é o mesmo que *Arquinho* e *Real*.

Sapateira. *Tapatu* 'juiz'.

Arquinho. *Ark'ny* 'largo/longo de braço' (título de rei); foi o local da justiça.

Real. *R'l* [rèaly] 'parceiros congêneres'; frequente.

Rio Pélé. *Pl* 'juiz/árbitro' (hb. *pillel*).

Rio Pelhe. Como *Pélé* (*pl'ly* 'juiz dos congêneres').

Palmeira. *Pl ambr* [palemara] 'juiz/árbitro ver/aparecer' (ac. *amara*); local onde se ia ver o juiz.

Carregal. *Qr go'el* ou *qr gal* 'fonte do pagamento', 'fonte da festa'?

Barreiro. Como de costume (a 2 km).

Santa Catarina. *Katar/kort* 'cortar'.

Na margem sul do Rio Ave, em Santo Tirso:

Argemil. (?) *ml?* 'rio, água' (como *Cantomilho*).

Sanguinhedo, rio. Em frente de *Sapateira*, desagua no local que foi dos julgamentos: *skn'ed* [shequinedu] 'estela do testemunho' e 'aparição, manifestação' (ac. *sknu*, hb. *schekina*); *skn* (ac. *sakanu*) 'cuidar', *skn* (hb. *soken*, ac. *saknu*) 'chefe/caudilho'. Se estela houvesse, teria sido um bétilo, o *ab-adir*, símbolo do poder. Senhora do Sanguinhedo, frequente no Ribatejo, foi a «senhora aparecida». Na foz do Sanguinhedo,

nhedo, temos *Senhora do Ó*, *Carvoeira*, *Foral* e *Friães*, o mesmo sítio com vários nomes.

Senhora do Ó. O *Ó* pode ser um sinónimo de 'socorro', nome associado a lugares de justiça (cfr. *Valverde Mafra*); a capela situa-se no lugar que foi dos julgamentos.

Carvoeira de Baixo/Cima. *Kar b ara* [carboara] 'pedra/estela/altar que brilha/fala', pedra da justiça, estela de testemunho, duplicação de *Sanguinhedo*, bétilo ou estela da justiça (hb. *kar* 'pedra, altar'); *qrb b ary* [carboária] 'cercanias da povoação'.

Foral. *Phr'l* [phyral → foral] 'reunião / assembleia / ajuntamento / consenso dos congéneres/parentes'. Existem ao todo, cinco *Foral*, tendo nós encontrado três nas constelações de *Cortes*. É o mesmo que *Friães*.

Friães. *Phyr'am's* [firiãmis] 'integridade/totalidade/reunião do povo se exprimir'.

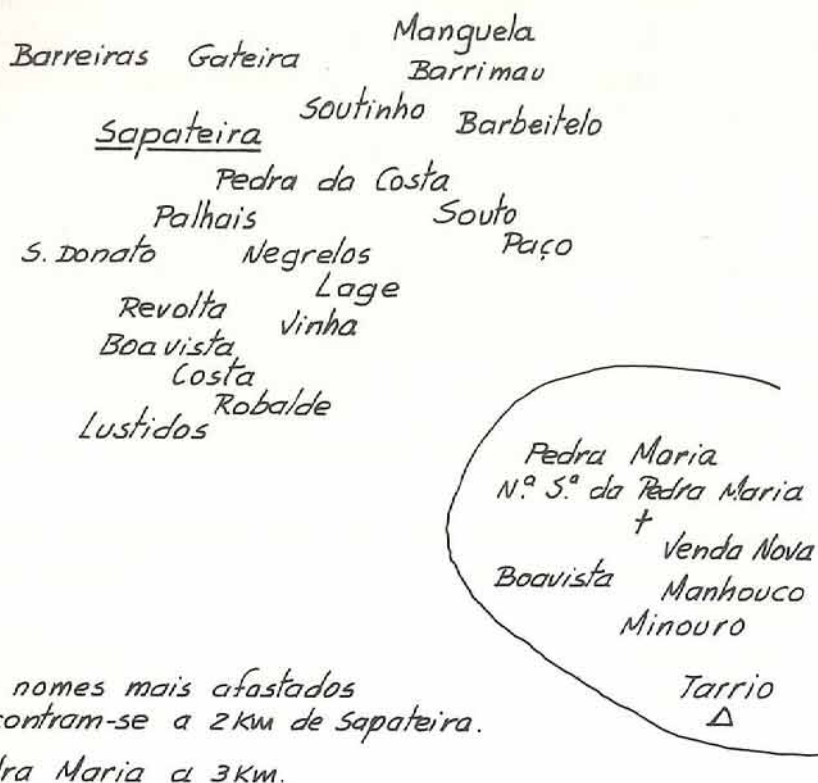
Santo Tirso. *Tardich?* (= Tartessos, nome de vários sítios fenícios).

Vialva, no interior de Santo Tirso depois da Portela. *Bi aba* 'na casa/proximidade/presença do pai ou do ancestral'; *blaby* [bilaby] 'no ancestral'; *b'l aby* [bilaby] 'senhor ancestral', (título de chefes e de deuses), tem parentesco com o Ave. Para o norte é a região do Ave, dos *Avidos* e dos *Cabeçudos*.

Rio Ave. *Aby/ab* 'ancestral/pai'. Ancestral tanto podia ser o rio como o rei, ou ambos. É o mesmo que *Avidos*.

Avidos (região). Associado a *aby/Ave* 'paternal/ancestral'; corresponde aos *Óbidos*, de *abd* [abdo] 'escravo' (título de reis fenícios) (cfr. *Óbidos* de *Cortes/Olival*; Vila Nova de Ourém).

Cabeçudos (região). *Kbs udu*, 'clã do santuário, da assembleia, do testemunho, dos companheiros ou dos aliados'; contém *kbs* [kabass] 'clã' e '*d*' (ar. *udu*); 'trono/santuário/edícula'; 'companheiro/aliado' (hb. '*wd*'); 'assembleia' (hb. '*edab*').



Nota : Os nomes mais afastados encontram-se a 2km de Sapateira.
Pedra Maria a 3km.

No raio de 1,5 km, Sapateira é contíguo de Gateira, Barreira, Palhais, Barrimau, Manguela, Souto, Paço, Airães, Pedra da Costa.

Sapateira. *Tapat ary*.

Gateira. Hb. *gadêre* 'muralha/muros'.

Barreira. Como de costume.

Souto. Como de costume. É o mesmo que Palhais.

Palhais. Pl 'l' 'juiz dos congêneres'.

Negrelos. *Ngr ilu* (ac. *nagaru*). 'sacerdotes/profetos/mordomos/juízes de Ilu'. É o mesmo que Lage.

Lage. *Lh*, [lague] (hb. *luag*). 'mensagem/ditado/declaração/escrito'.

Manguela. *Mgn'l* [maganel] (hb. *miggen*; ar. *maggan*) 'soberano/benfeitor'. É o m.s.q. Barrimau.

Barrimau. Ac. *ba'irum* 'funcionário / superintendente / chefe militar, juiz'; talvez 'juiz águas.' Cfr. adiante *Teste de Barrimau*.

Carvalhal. *Krb'll* [qrbalaylu] 'entre congêneres' (comunidade dos congêneres, povoação).

Paço. *Patum?* 'distrito/território'.

Barbeitelo. *B'rb bayt ilu?* 'entrada do templo de Ilu'.

Entre 1,5 e 2 km:

Boavista, Donato, Revolta, Robalde, Costa (outra), *Lustidos* são contíguos. Parecem todos ligados à sexualidade sagrada.

Boavista. Bo bst 'casa da sexualidade', 'altar' ou 'hospedaria'.

Costa. Agst 'desposórios' (= sítio de contratar o dote).

Donato (São). Um eufemismo: *dnt* [donatu] 'luxúria/fornicação'. São Donato associa-se ainda hoje a ritos com pedras fálicas (cfr. António Cerejo, *O Mistério dos Santos Mártires*, in «Boletim Cultural e Informativo da Câmara Municipal de Tomar», n.º 6, Outubro de 1983, pp. 25 segs.). O seu dia é 25 de Março, uma data relacionada com o culto da deusa-mãe (Cíbele, etc.), o dia do sangue para os adoradores de Átis.

Revolta. Outro eufemismo: *rb tlt* [rabortatu] 'grande senhora / virgem' (Anatu), associado a *rb bt* (ac. *rabatu baytu*) 'grande casa' e a rituais eróticos nos templos. É m.s.q. *Robalde*.

Robalde. Rb 'grande chefe / senhora' (hb. *rabah*, ac. *rabatu*); *rab lty* 'grande senhora amada' (hb. *ledet*); talvez esteja na origem de *Revolta*.

Lustidos. Confundido com *Boa Vista, Costa* e *Revolta. Lahst yd* 'conversas amorosas' (como *Martinela/Margaride*).

Pedra Maria. A 3 km de *Varziela*, outra constelação ligada à sexualidade sagrada que ainda hoje existe.

No raio de 1 km de Pedra Maria:

Boavista na Mata do Barreiro. *B bst* 'na sexualidade'.

Minhoure, Minhoco e *Minhoteira* (a 2 km). Hb. *miniout, mine* 'sexualidade'; ug. *mnt* 'membro' (sexo masculino).

Pedra Maria / Senhora da Pedra Maria. Uma pedra fálica (c. *mnt*) em torno da qual encontrámos ainda ritos sexuais em 1980. As mulheres consideradas estéreis tocam a pedra que tem a forma de um falo saído da terra («Tocam a pedra mas sem malícia», segundo os vizinhos.) No dia da festa, as raparigas, sentadas nos degraus de uma capela com as pernas abertas na direcção da pedra, «dão espectáculo» no dizer do prior. São resquícios de prostituição sagrada (cfr. *Religião Popular Portuguesa*, p. 31). *Pedra Maria* foi a «pedra dos casamentos» (*mhr*). A 2 km ao sul, o Monte do Tarrío.

Tarrío, monte. Tar 'parentela, consanguíneos', como nas *Cortes-Leiria*.

Venda Nova. Bent nab 'profetas/noviços/aprendizes', ou *benwt nab* 'casa dos profetas...'

Teste de Barrimau

Existem dez *Barrimau*, três dos quais se encontram na presente amostragem.

9 1) Barrimau (Guisande, Braga, carta 70)

Sítios no raio de 1 km. *Barrimau* é o mesmo que *Souto*, *Guisande* e *Bate-Folha*. *Guisande*. *Gzy adn* 'implorar/obsequiar o senhor' *gzxdd* 'da casa', 'obsequiar'. *Bate-Folha*. *Bt pl* [bait fala], (ac. *bayt palilu*) 'casa / palácio / sala do juiz'. É o m.s.q. *Lages*: *lh* 'mensagem/ditado'.

Souto. Como *Soutocico*. É o m.s.q. *Formiga*, *Cal* e *Hospital*.

Cal. *Kl* 'todo/todos ou colectividade / bairro/coisa comum'; hb. *kahal* 'assembleia'.

Formiga. *Phr mgn* (hb. *miggen*). 'assembleia de interceder/implorar'.

Casal Mau. *Mh* 'da água'.

10 2) Barrimau (Nevogilde, Penafiel, carta 112)

Barrimau, bairro de Nevogilde. Contíguo de *Souto*, *Carvalhal*, *Vinhais*, *Vento*, *Nogueira*, *Costa*, *Mézio*.

Souto, *Carvalhal*, *Costa*. Já conhecidos.

Nogueira. *Ngr* 'sacerdotes/juízes/mordomos'. É o m.s.q. *Nevogilde*.

Nevogilde. *Bnwn gilt* 'edifício da prostração' [benogilt → nebogilt], ou *nebum gilt* 'profetas/adivinhos/escribas da prostração/extáticos'. É o m.s.q. *Vento/Vinhais*.

Vento e *Vinhais*. *Bent/ben'aly* 'filho/filho do altíssimo' (título de profetas/extáticos/adivinhos que eram os negrelos [*ngr* 'ly] ou pessoas da justiça). Segundo o abade de Baçal, há um dito transmontano que diz «Deus te livre da justiça de Vinhais».

Mézio (rio e vale). *Megzy* 'buscar o favor / propiciar'. Deu a actual Senhora da Ajuda, que se venera no local.

Lagoa. Foi um lugar de culto.

11 3) Barrimau (Boim, Penafiel, carta 112)

Nomes num raio de 1 km. *Barrimau* é o mesmo que *Carcavelos*, *Redolho*, *Arcas* e *Costa*.

Carcavelos. *Karca belus*.

Real. *R'l* [realy] 'parentes/congéneres'; *roē'l* 'videntes', 'parceiros do rei'.

Arcas. *Ark* 'largueza de braços' (título frequente do juiz/senhor).

Redolho. Parece ser do ac.-sum. *redum* 'feudo' (feudo do *ilku*, tipo de funcionário no *Código de Hamurabi*); talvez *redum ilku* [redm lik → redokle → redolh]. A existência, no raio de 1 km, de dois nomes suspeitos de derivarem de *barrium* e de *redum* — e numa constelação de nomes acadianos relacionados com a administração e a justiça — poderá ser uma casualidade rara.

Costa. *Agzt*.

Pontarrinhas. Ribeiro que passa por *Barrimau/Redolho* diante do monte de Santa Ana (Anat): *phn trmn* [pantarrimne] 'face do excelso' (refere-se à deusa-mãe Anat, chamada «face» (de Deus) pelo fenício-púnico, como hoje dizemos «esposa»).



Escala: Num raio de 3km de Sapateira.

No raio de 2 km de Sapateira, sobre o rio Ceissa:

Sapateira. *Tapat* 'juiz'.

Peras Ruivas. *Phr r'ybl* [peru raíble] (ac. *pubru*, hb. *yabal*) ou *r'l ybl* [realíble] 'reunião/assembleia dos companheiros da corrente/cinto' ou 'companheiros comedores' (*r'bl*, hb. *rea billah*), nomes que encontramos frequentemente (*Relvas*, *Real*, etc.); ou simplesmente *phyr rb'l* [peru rabaylu] 'assembleia/reunião dos anciãos/chefes dos congéneres', o que dá no mesmo. O cinto ou corrente era um símbolo de poder que encontramos em velhos textos semitas e babilónicos; talvez fosse um símbolo iniciático, ou uma outra maneira de dizer *berit*, que em acadiano deriva de 'corrente'. Pensamos aprofundar esta questão noutra ocasião.

Carregal. *Qr gal*, como em *Santo Tirso*.

Atouguia. Tal como a de Guimarães cidade vizinha de Ugarit, ou a própria Ugarit.

Vale de Leiria, confundido com Atouguia. *L'r* [láira] 'na cidade', *l'yria* [leyría] 'na parentela' (aram. *l'yria* 'na correlação/ajuntamento de pessoas, povoação').

Ponte dos Cónegos. Como nas *Cortes/Leiria*: *knkt* (ac. *kanaku*) 'recipiente selado / sepulcro' e 'conduta de libação', 'canal'.

Penigardos. *Penm grds* [penimgardes] (sir. *gardes*) 'em frente dos derrubados' (referente ao lugar de suplício, que seria no morro da actual Vila Nova).

Vale do Lobo. Talvez *bal luputum*, expressão da civilização assíria, 'chefe/condes-

tável'; *bal lbu* [bal lâbe] 'senhor recto'; *bal lb* [bal libo] 'senhor do acordo'.

Pinhel. Pinah 'juntura' (encruzilhada).

Zamujos. Thamouze, como de costume.

Vale de Vinte Mouros. Na encosta da velha vila, merece especial atenção: *bnt mahr* [bint mahar], lit. 'constituir o dote', onde os rapazes se entendiam com a parentela da rapariga quanto ao montante do dote. Está traduzido em português vernáculo por *Ponte dos Namorados*, efeito de velhas reminiscências. É o m.s.q. *Carapita*.

Carapita. Qr pyt [carapite] 'fonte da sedução', onde se discutiam os dotes e se namorava; *gra pyt* [carrapite] lugar de 'frequentação da sedução' (lugar dos namorados); *kar pyt* 'altar da sedução' (hb. *kar* 'altar de pedra').

Mulher Morta. Aplicado hoje à vertente mais íngreme da velha vila de Ourém: *mhmrt* 'sorvedouro' [mohamorte], foi despenhadeiro ou precipício, como o seu equivalente em hebraico.

Entre Mulher Morta e Vilar de Prazeres, um grupo de nomes ligados a esconjuros:

Santo Amaro, Tijolo, Laranjeiras, em *Vales* (o ponto mais alto), são contíguos ou duplicações:

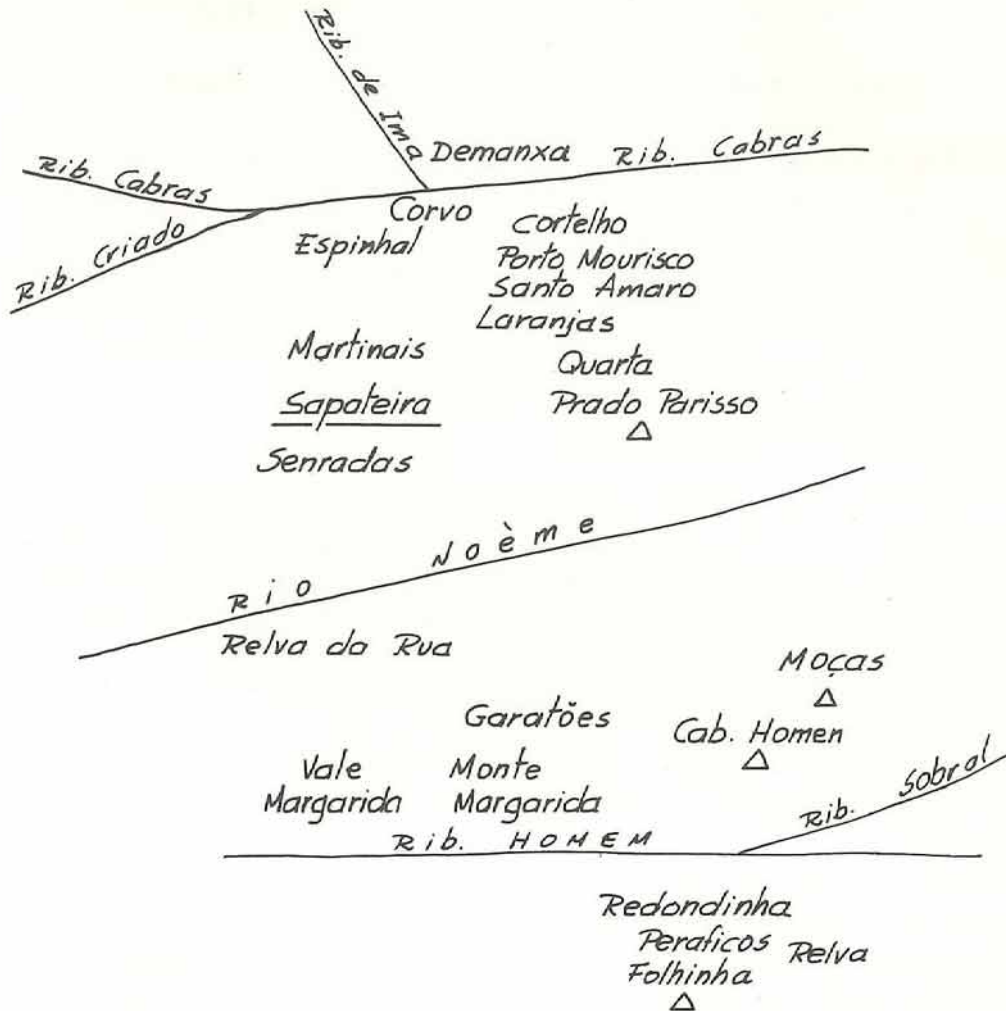
Amaro. Mbr 'dote / vigor sexual'; *amr* [amaro] 'o que mostra, o que diz'; *amrr* [amrraru] 'duplo, espírito, visão sobrenatural'; *mharu* 'primeiro marido'. *Amarud*, nome do deus Marduk no tempo de Hamurabi; ac. Amurru é o deus dos contactos com os espíritos/demónios, donde o nome *Laranjeiras*; *mahru* 'marido' (sum.-ac. 'primeiro marido', lit. 'o que está diante, o anterior'). O culto de Santo Amaro associa-se a desposórios.

Tijlo pode ser derivação de *te'hla* 'fonte' e 'esconjuro'.

Laranjeiras. L'hrs [laarax] (hb. *l'harassim*) 'esconjuro'. Encontramos a mesma associação *Amaro-Laranjas* em *Sapateira-Rochoso*.

Espertos, Vale de Prazeres. Yispr 'colher/recolher, reunir' colheitas, ou lugar de banquetes, que se diz do mesmo modo.

Vilar dos Prazeres. Parazu 'convocação'.



Escala: Num raio aprox. de 5km de Sapateira.

Numa região erma, em que os topónimos são muito afastados.

Sapateira, na confluência dos ribeiros *Ima* e *Noème*, está a 2 km de um conjunto de sítios cujos nomes remetem para pactos e actividades eróticas.

Cortelho ou *Porto Mourisco*. Uma corrupção de *kort ilu*; 'mouro/mourisco' tanto pode significar *mhr* (dote e vigor masculino), como ser uma referência aos pré-romanos, Fenícios ou Cartagineses, a que os Romanos chamavam «mouros». Também pode ser do neolatim, significando 'entrada'.

Martinais. Como *Martinela*.

Espinhal. *Yspy'yn'l* [espieinailu]; 'reunião do culto dos congêneres' ('reunião/ajuntamento de dizer-responder dos congêneres'). Ainda existem na Beira encontros e bodos culturais cripto-judaicos em locais chamados *Espinheiro*; Nossa Senhora do *Espinheiro* é cripto-judaica (cfr. *Origens Orientais*, p. 46).

Ribeiro da Ima. Yam, Yammu 'deus-ribeiro//ribeiro-juiz'.

Rio Noême. N'm (hb. *no'ame*) 'gracioso', (título de príncipes/deuses) e 'lugar de delícias' (talvez de orgias).

Laranjas e Santo Amaro. Confundidos, mesma associação que em *Sapateira-Ourém*.

Moita do Corvo / ribeiro das Cabras. Krb (ac. *qarabu*, ar. *quriba*) 'lugar do encontro/culto'.

Da Demanxa [dademanxa]. *Dd mans* (ac. *dadu*) 'amizade fraternal, amigo da fraternidade/confraria', como *Maunça. Ddym ans* [dadimanxe] 'concórdia fraternal'; ou *dudaym ans* 'mandrágoras da fraternidade', sendo a mandrágora uma raiz ou fruto afrodisíaco (talvez mítico) utilizado pelas esposas dos patriarcas. Neste caso associa-se a *noême* 'lugar de delícias'.

No raio de 2,5 km:

Relva da Rua. Geralmente aparecem Relva e Real separados (*r' 'l*): *r'* [rêá] 'companheiro/parceiro', ou *roê* 'vidente' (um juiz); *Relva* pode ser duplicação de *Rua*: *r' bl* [rêabal] 'companheiro do senhor' ou 'pastagem/pastores do senhor'; *r' ybl* [rêaible] 'companheiro da vara/corrente/aliança'. É contíguo do rio e *cabeço do Homem*.

Homem. Nome de muitos rios e ribeiros: Adon 'senhor', como ficou dito in *Origens Orientais*, a partir dos nomes recolhidos por outros investigadores, nomeadamente José da Silveira: *adon* → *d'aom* → *d'om* → *dhomem*. O culto de Adon, o trigo e a água, que passou a *Homem* e *Santo Antão*, devia ter sido intenso. Vários sítios têm origem nesse nome.

Garatões. Gr aton, gr adon 'hóspedes/romeiros de Aton/Adon'.

Quarta. Corresponde a kort. É o mesmo que Prado Parisso.

Prado Parisso. P adru przu [padru parazu] 'recinto das audiências'.

Margarida. Como as anteriores; já vimos.

A 5 km de Sapateira, um conjunto de topónimos relacionados com 'assembleia-reunião':

Pero Ficos. Puhru pq 'assembleia de encontrar/recorrer/proporcionar' (hb. *hepiq*); *ph k* [fik] 'ver certo'; *p yqy* [fiqy] 'assembleia das disposições/ordens'; ou todas estas significações em simultâneo. Duplicado por *Folhinha*.

Folhinha. Pl (ar. *falla*) 'juiz' (*pl'in* 'juiz de dizer-responder'). É o m.s.q. *Redondinha*.

Redondinha. Correspondente a Redondo (*r'don'd*), nas margens do ribeiro, do Sobral (*sbrt* 'clã/comunidade').

Cabeço das Moças. Como algures (*mabs* ou *mans*) 'inexorável/fraternidade'.



Escala: Num raio aprox. de 1,5km de Sapateira

Região muito rica em nomes lusitanos.

No raio de 1 km:

Sapateira. Contígua de *Lapa dos Dinheiros*, *Preza*, *Alrote*, *Barro*, *Raposeira*, *Sardinha* e *Canada*, tudo duplicações.

Lapa dos Dinheiros. *Din* 'julgamento/juiz'; *din ary* 'juiz da povoação'.

Preza. *Prz*.

Barro e *Raposeira*, o mesmo sítio. *Barro*, *bai'rum* ou *bary*. *Raposeira* foi um lugar de execução de criminosos.

Alrote. Contíguo de *Sapateira* e de *Sardinha*: *ah! rt* [agalrat] (hb. *ahale*, ar. *rawtu*) 'agoiro imundo', epíteto dos lugares de execução (*Raposeira*).

Canada. *Kn* 'direito'.

Sardinha. *Sr dn* 'recurso do juiz' (hb. *din*), ou do vaso (ac. *danu*).

Quatro nomes relacionados com uma obra hidráulica antiga:

Sumo. *Sm* (hb. *sum*) 'tapar/conter, represa'; levada de água que une dois cursos que abastecem a aldeia. Está bem visível no mapa: mede aproximadamente um quilómetro.

Teixeira. Thum 'contacto', geralmente referente ao contacto dos espíritos (cfr. adiante), mas pode referir-se à 'puxada de água, ligação, atalho'.

Carpeteiro. Krp (ac. *karpatu*) 'copo/cálice/recipiente', para ordálias, ou, simplesmente, o depósito de água acumulada pelo *Sumo*.

Ubufo, no sítio de outra conduta. *Ybl'p* [yblup/f] 'conduta, conduzir, domesticar'.

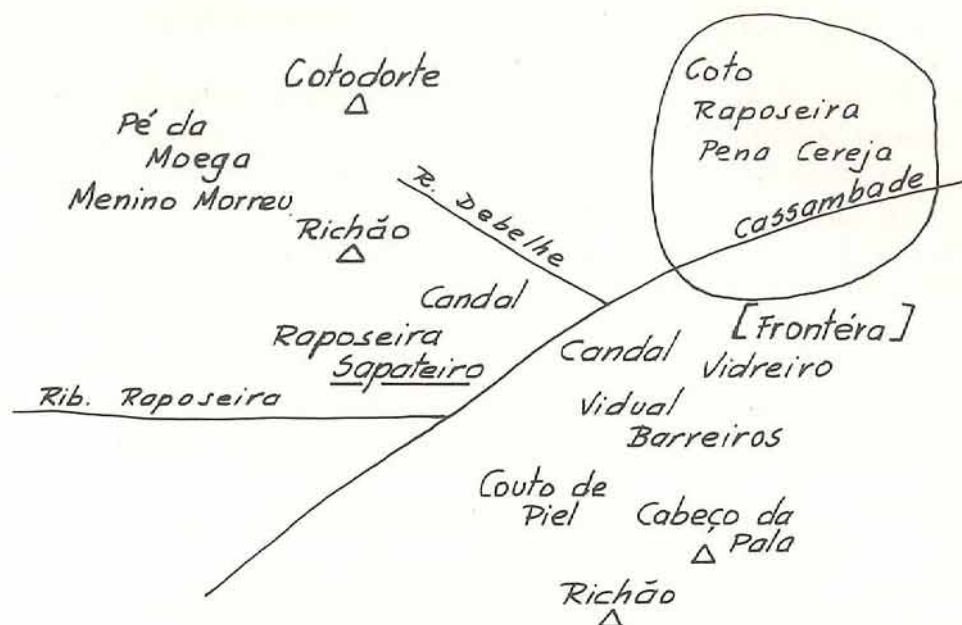
Moeira e *Gaio* correspondem ao lugar das festas: *Moeira, mohar* 'contratar o dote'; *Gaio, go'él/gal* 'pagamento' ou 'festa'.

A 2 km de Raposeira:

Darruas. D rh (hb. *d rwh*) [daruág] 'do alento, do sopro, da vida'. É hoje o santuário da Senhora da Saúde; *da'ah rhya* [daia raaya] 'moinho de vento'; *d r', d roi* 'que vê' (adivinhos, juízes).

Vale da Vida. Bal berit (cfr. *Vidigal*; ou tradução de *rh* 'sopro, alento, vida'?

Corvo (Cabeço do). Krb 'encontro/culto'.



Escola: Num raio aprox. de 5Km de Cotodorte.

Sapateiro, contíguo de uma das *Raposeiras*, e o mesmo que *Cotodorte* e *Rio Mau*.

Cotodorte (de que *Coto* é frequente). a) *kt drkt* [kutu darâkâtu] 'estrado/terraço do poder'; b) *kt dr tk* [kutu dor itk] 'estrado/terraço das gerações/famílias ligadas'; c) *kt dr yqt* [cutu doriqata] 'terreiro das gerações arrastadas'; d) *kt d't* [kotu dota] 'terraço da amizade/conhecimento', em que o *r* seria de *r'* ('parente/congênera').

Rio Mau. *Mh* 'água' (das ordálias?), contíguo de *Piel*, *Pala* e *Richão*.

Piel. *pl* [pala] (hb. *pillel*) 'juiz'. Está intacto: *pillel/Piel*; portanto, *Sapateiro* equivale a *Piel*, desdobrado em *Pala*.

Pala (*sic*). *Pl*, como o anterior.

Candal e *Candel*. *Can dll* 'normas do magistrado/mensageiro', ou 'homenagem/tributo' (ou «direito dos pobres», *kan dal*).

Cabeço do Vidoeiro e do *Vidual*. *Berit ary*, contíguo de *Barreiros*.

A 1 km de *Raposeira*:

Pé da Moega é uma duplicação de *Menino Morreu*, e fórmulas rituais/contratuais que passaram ao nome do sítio onde eram utilizadas.

Pé da Moega. Quatro hipóteses, que são complementares: a) *p dmgy* [pédamogy] 'falar lascivamente' (*dmgy*, deusa escrava de Atiratu/Astarté encorajadora da orgia sagrada); b) *p dmm hg* [pédamoêga] 'falar de lascívia' (*p* e *hg* são sinónimos: 'falar'; no Alentejo diz-se «tal vai a moenga» (tal vai a brincadeira!); c) *p dm + hy* [pédamuiha]

'actuar/chorar lascivamente+dela'; *d*) associa-se a *mlghy* [mulugu hiyal] (ac. *mulugu*), uma das deusas dos partos (kotarot) e, por outro lado, significa 'dote'; *Mulugu-hiya* deu, em várias regiões, *Meia Légua*. Se entendermos que este último nome estaria mais acertado (uma vez que corresponde aos Meia-Léguas), tratou-se de *p mlghy* '(sítio onde) se fala o dote'.

Menino Morreu. Corresponde a uma pergunta ritual-contratual: 1) Menino: *mnn* (ac. *minu*, *manu*) 'quanto?', ou *mn'n* [minu'in] 'que, quanto diz?', e *mnn* [maninu] 'incrustação'; 2) Morreu: *mhr r'* 'dote/vigor de companheiro' (hb. *mohar re'a*), sítio da discussão de contratos matrimoniais.

Em resumo: *Pé da Moega*: *p dmm hg* [pêdamoêga] 'falar de lascívia'; *Menino Morreu*: *mnn mhr r'* [manune morrêa] 'quanto é o dote de casado?', *mnn mhr r'* [maninu morrêa] 'penetração do marido companheiro', 'incrustação do vigor do marido'.

Nos arredores de *Tourém*, uma segunda *Raposeira* corresponde aos sítios *Pena Cereja* e *Cassambade*, na fronteira. *Tourém*. *Tar umt*, *tar um* 'parentela do clã / da família'.

A região é dominada pelo *Cabeço de Moz Pedroso*. *Moz* equivale aos cabeços chamados *Moço* e *Moças*, que já encontramos.

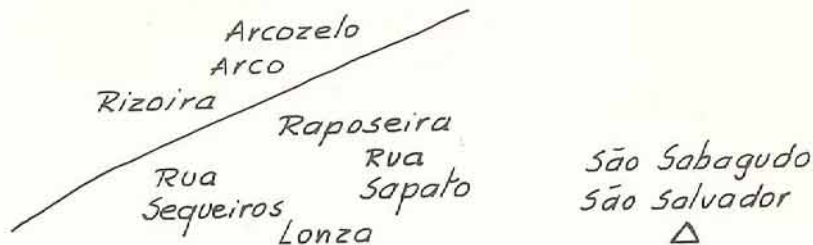
Quatro nomes contíguos relacionados com «castigos»:

Raposeira e Coto. Já conhecidos.

Pena Cereja. *Pen serisu* 'no lugar dos castigos', *serisu rabitam* 'castigo severo'¹.

Cassambade. Várias leituras complementares: *a) qs'm bd* [qasambade] 'fronteira do povo separação'; *b) qsm bd* [qasambade] 'o fosso separa' (fronteira); *c) khs'm bd* [cahassambade] 'desaparecido do povo separado' (executado); *d) ksm bd* 'ramo separado' (executado).

¹ Código de Hamurabi (§ 282, 27 e 28): «Eu sou Hamurabi a quem Shamas [o Sol] concedeu a verdade; as minhas palavras são da melhor escolha, as minhas obras não têm igual, só os imbecis as têm por vãs. Se algum rei destruir os meus decretos, a minha estela, se revogar a minha legislação, se menosprezar as minhas maldições ou se substituir o meu nome pelo seu, para desviar as maldições [...] que Sin, o senhor dos céus, meu divino criador, lhe imponha com o seu azorrague supremo um serisu rabitam.» O termo *serisu* é extremamente raro no Código, (cfr. Federico Lara Peinado, *Notas ao Código de Hamurabi*, p. 192). Em acadianos *sr* 'atacar', *srh* 'fulminar'.



Escala: Raio de 1.5 Km.

Uma pequena região, com 1 km de raio, bem identificada com a prática de justiça. *Sapato*, numa encosta escarpada. A 1,5 km de uma *Raposeira*.

Contíguos de Raposeira:

Rua (*R'*) (hb. *roē*) 'vidente, juiz' ou *ri* (hb. *roi'*) 'aspecto/aparato'.

Raposeira confunde-se ainda com *Sardoal*, *sr dl* 'príncipe condutor/mensageiro' (hb. *sar*, ac. *sarru*; ac. *dalilu*, ar. *dala*), que seria o título do juiz. É contíguo de *Arco* (dois sítios), *Arcozelo* e *Rizoira*:

Arco. *Ark* 'largo, magnânimo, omnipresente' (título de reis ou juízes).

Arcozelo. *Ark zbl* [arcozebulo] (hb. *zebul*) 'largueza do príncipe'. *Ark zbl* é um «sinónimo de *sapatu* e de *melek*» (rei) (Del Olmo Lete, *Mitos y leyendas*, cit., p. 544). *Zbl* tanto significa 'príncipe' como 'principado'.

Rizoira (*sic*). Metátese de *serisu* 'castigo', que se decompõe em *ri zr* [rizeru] (ac. *seru*) 'ver o juiz, aspecto do juiz'; *ri* (hb. *roi*) 'aspecto', *rid* 'remover / levar aos lábios' (ordália). Cfr. *infra* Sapato, Urqueira, onde aparece *Rezouro*.

Sequeiro. *Sq* (hb. *suq*) 'agarrar, tirar'; algures pode significar 'represa, açude' (agarrar a água).

São Sabagudo - *São Salvador*, nome do cabeço. a) *sby ahd* [sabiagade] 'cativos presos'; b) *sby ahd* [sabiaguda] 'cativos da sociedade; c) *snt sby ahd* 'altura dos cativos presos'; d) *sanu sby ahd* [xanusabiaguda] 'deixar os cativos da comunidade'; e) *sanu sby ahd* 'partir os cativos presos'. Tudo isto está traduzido por *São Salvador*, que é um outro nome do monte.



Escala: raio de 1.5 Km de Sapatos

Sapato é um morro em frente de Urgueira, em torno do qual correm os ribeiros da Amieira e da Urqueira.

Vale das Forcas. Confundido com *Sapatos*, é a tradução de *Sapatos* por vias de reminiscências populares.

Rezouro. Metátese de *serisu* 'castigo', como *Rezoira*, *Pombeiro de Vizela*. O *Reportório Toponímico do Exército* aponta três *Rezouros/Risoiros*, que correspondem aos dois *Sapato* que encontramos nesta mesma amostragem².

Só estes dois nomes, associados a *Sapato*, quase bastariam para demonstrar a origem do conceito de justiça que aqui se praticou.

Anhams. M.s.q. *Sapato*; *an ans*? 'força inexorável, implacável / fraternidade / corporação'. É o mesmo que *Charruada* e *Rezouro*.

Charruada. (Cha+rua); *sr r'* [charrué], *sd* 'campo/estepo/eflúvio', do *roé* 'vidente/juiz', ou dos *r'* 'companheiros'. É o m.s.q. de *Gamoá* e *Lagoinhas*.

Gamoá, ribeiro. *Ghm hh* [gamoaa] 'apelar à água'.

Lagoinhas. *Lh'n's* [lagoinis] 'a mensagem diz' (fórmula jurídica).

Redonda. Como os anteriores *Redondos*; os juizes eram os *r' adn 'd* [réadondu]. Perto temos *Óbidos* e *Cortes*.

Demos uma volta pela constelação do *Sapato/Sapateira*. *Sapato*, lembremos, significa 'juiz'. Admitindo, mais uma vez, que tenhamos errado na adopção de um ou de outro nome desta constelação, é fora de dúvida que ela encerra o mais arcaico ritual de justiça-esconjuro que se conhece.

² No *Código de Hamurabi*, aparece uma vez *serisu* como sinónimo de 'azorrague vingador', e *serisu rabitam* 'severo castigo' ministrado pelos deuses aos inimigos do rei/legislador; segundo Federico Lara Peinado (*ibid.*, p. 192), trata-se de um castigo que deixa marcas no corpo.



Escala : Os nomes mais afastados situam-se a 2-3km de Cortes.

Uma região muito rica em topónimos significativos e achados arqueológicos. Referiremos apenas os que algures se encontram relacionados com o *Kort/berit*, limitando-nos a um raio de 2 km.

Cortes é o m.s.q. *Barreira* (várias), sobre um ribeiro que desagua no ribeiro de *Espite*.

Redonda. Como nos outros grupos.

Cerejeira. *Cerisu* 'castigo'. É o m.s.q. *Cinzoeiro*.

Cinzoeiro. Relacionamento de dois sinónimos, *cerisu+sns* (ac. *sinu*; hb. *sines*) 'cinturado'.

Mistura. *Mhst+mthr* 'chaga/golpes/castigos'; sir. *tahara*, *mitharu* [mitaru], hb. *theorim*, ar. *mṭharu*, associado a 'chover' (*mṭru*), 'bater com cinto' (*mhs tur*) e a 'tribunal' (hb. *mishpat*); *msht* 'ferir', *mṭhorim* 'chagas'.

Vale de Leiria. Como as *Leiria* anteriores.

Fonte do Lobo e *Barranco dos Lobos*. *Lbu* 'do acordo', dos contratos.

Balancho. *Bal ans* 'senhor implacável'. É o m.s.q. *Cubal*.

Cubal. *Kbl* [kubalu] 'braçadeira/cinto'.

Vale Mosqueiro. Hb. *smok'al* 'confiança'.

Espite. Hb. *spt* 'dar/retribuir' (Jenny e Westermann, *ibid.*, II, p. 184). Era o lugar de bodos, ou da entrega; associa-se a *ispy* 'recolha, reunião'.

Vale de Diana (*Dediana*). Deve ter sido *ddym* [dedaiama], 'concordia/paz', relacionada com o *kort/berit*.

Meliceira. Talvez *mzli sr* [mazlissar] 'sortear e desafiar', ou *mli sr* 'atacar veementemente' (*mas yssar* 'sair-se/salvar-se').

Ugreiro. *Ugr* 'campo'; talvez *ugr ary* 'campo da parentela' (povoação).

Padrita (cabeço a 5 km). Teria sido *pdru* 'cidade, terreiro' (equivalente a 'r) ou *padry*, nome de deusa, se não *padr'dt* [padridita] 'cidade da confluência/constelação'.

Braga. *Bqr* [bakara] 'fonte'; *brk* [baraka] 'bênção/virtude'. É o m.s.q. *Salgueiral*.

Salgueiro. *Shl* 'imploração, pranto'; sítio da oração.

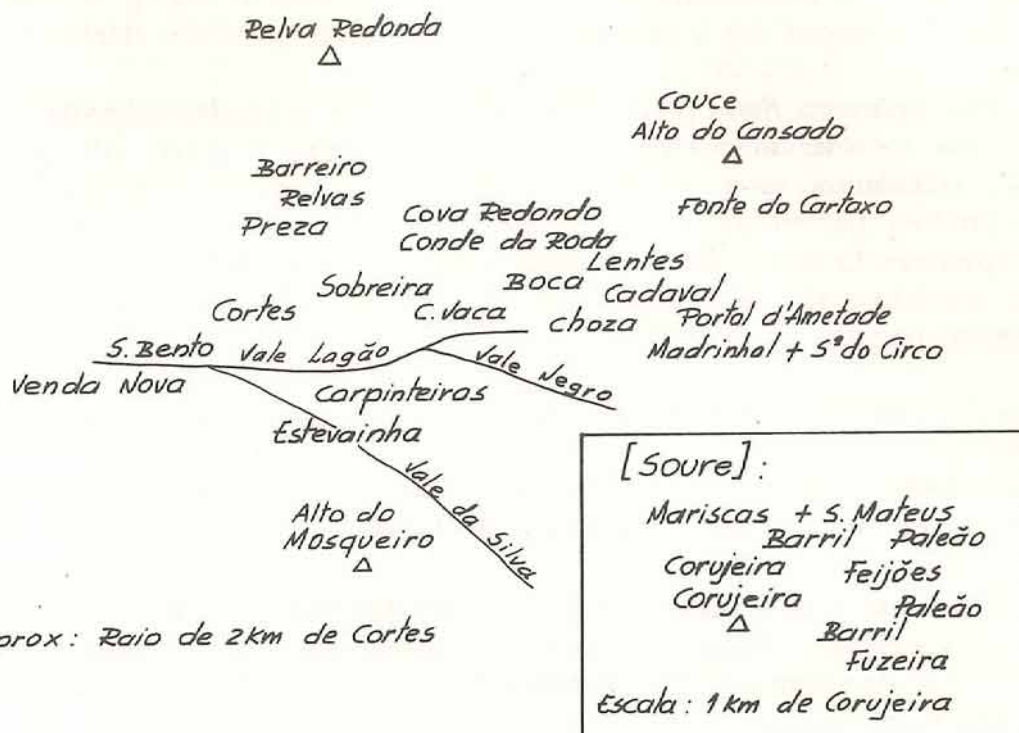
Óbidos. Cabeço que domina a pequena região, contígua do conjunto *Sapatos/Urgueira*; Cabeço pode ter sido *kbs* (clã). Há vários *Óbidos na amostragem*.

Os etnógrafos atribuem uma origem latina a *Óbidos* (lat. *oppidum* 'cidade fortificada'), mas não poderão demonstrar que os muitos sítios assim chamados tenham conhecido tal estrutura; exceptuando o *Óbidos de Peniche*, todos os demais são regiões e cabeços, e nunca conheceram muralhas; deduzem «cidade fortificada» por associação com o *Óbidos de Peniche*, como se no mundo não houvesse outros.

Óbidos pode ser *Obodas*, *Obudas*, nomes/títulos de vários reis/sacerdotes nas colónias fenícias. Em documentos fenícios referentes a festins, aparecem reis ou sacerdotes com o título *Obudos* (*Óbidos*) encarregados de organizar «as sagradas refeições» e de zelar pelos locais santos (cfr. *Origens Orientais*, p. 89). *Abydos* [= *Óbidos*] foi o nome de uma cidade do Médio Oriente habitada por Fenícios e por Hebreus no I milénio a. C., e referenciada como muito próspera nos arquivos de Elephantine (cfr. Bezal Portel, *Archives from Elephantine. The life of an ancient Jewish military colony*, pp. 41, 43, 257, 280, 282, 288).

Nomes como *Obed*, *Oebdon*, '*Obadia*', '*Obida*', '*Abudda*', etc., muitos numerosos, são nomes de autoconfissão utilizados nos meios cananita e hebraico significando 'escravo, servo' (de Deus) (cfr. Jenny e Westermann, *Diccionario teológico*, II, p. 240). As pessoas piedosas eram «escravos de Deus» e até «cães de Deus». Os vários *Óbidos* terão sido regiões onde os senhores tinham título de «escravo» (*abd*) que, por outro lado, se confunde com *aby'd* 'ancestral/paternal testemunho/trono' e com *ab adir* 'senhor soberano'; corresponde ao *Bal*, *Bel*, *Belus*. Na presente carta 298, *Óbidos* corresponde a *Redonda* e a *Vales*, que é um cabeço. A menos de 5 km, temos *Carcavelos* (*Karcabelus*), com uma muito sugestiva constelação de nomes, entre os quais *Cartaxa*, *Caxarias* (= *qart adach+ary* 'cidade nova'), *Abadia*, *Gaiteira* (*gader* 'muralhas'), rio *Almo* (*alm* 'carvalho-juiz'), etc. Cfr. ainda *Origens Orientais*, p. 293.

4. «Companheiros da argola», isto é, festineiros



Escala aprox: Raio de 2km de Cortes

Cortes. M.s.q. *Sobreira* (sbrt 'comunidade/clã', arm. *sibbura*, ar. *subaratu*). Situa-se no ribeiro Lagão.

Lagão. Lh [lag] 'mensagem, escrito, direito'. Lhm [lagam] 'trigo, pão'. Corresponde a *Famalicao* e a *Soutocico*.

Carpinteiras. M.s.q. *Lagão*. *Kar p'n tar* 'pedra/altar da parentela' (= *altar dos casamentos/desposórios*); *kar ben tar* 'altar/pedra de conceber parentela'; *krpn tar* 'recipiente/cálice/copo / da parentela' (ac. *carpu*, *karpatu*, *hur*, *karpani*); *pit* (hb. *pitah*) 'seduzir'.

Cortes, *Cabeço da Vaca*, *Vale da Silva*, *Venda Nova*, *Mosqueiro*, *Vale Negro*. Sítios contíguos, ou o mesmo sítio. A sua significação ronda a função de culto/normas/assistência (bodos ou albergues).

Vale da Silva. M.s.q. *Carpinteiras* e *Estevainhas*. Pode ser vale dos sacerdotes/anciãos/conversos; *sib yhl* 'ancião da corrente / assistência' (cfr. *Valverde*, *Monção*).

Vaca. Como vimos *bk* 'vaso grande / recipiente'. Geralmente ligado a assistência-bodos).

Preza, *Barreiro*, *Relvas* e *Cova Redonda*, são o mesmo sítio.

Preza. *Parazu*.

Barreiro. Como os anteriores.

Relvas (sic). Frequente nas constelações de *Cortes* e de *Valverde*.

Relvas aparece associado a *Cortes* e a *Redondo* (existem várias *Relva Redonda*), de que pode ser uma duplicação.

Os filólogos latinistas não se entendem quanto à origem do termo 'relva' (erva). José da Silveira deriva-o de *re-levare* 'levantar de novo' ou *re-herbare* 'semear de novo a erva', que teria sido usado no baixo latim. Propomos *r' bly* 'pastagens de comer' (*r'* 'pastor/pastagens' *bly* 'comer/devorar'; hb. *r' bilab* [rébila → réleba] 'pastagem de comer'.

Como topónimo, *Relva* pode conter uma significação jurídico-religiosa ligada a *Kort*: a) ug. *ybl* 'corrente/aliança/varal'; *bl, abl* e 'corrente de água'; hb. *ybl* 'promessa, aliança' e sinónimo de *krt berit* (cfr. José Luis Sicre, *Los dioses olvidados*, p. 83); b) *r' ybl* [reible] 'parceiros/fiéis, da assistência' 'próximo assistido'; c) *r' ybl* [réible] 'parceiros/pastores da argola/aliança/corrente/varal'; d) *r' ybl* [réably] 'companheiros comedores' (festineiros); e) *r' bal* [réabal] 'parceiros do senhor'; *fr' bal* [réabal] 'pastagens/pastores do senhor'.

Relva associa-se aos topónimos *Ruivo* (*r' yble*), como veremos em Valverde, Belmonte.

Redonda. Como nas anteriores; *re' a adond/r' d un yd* [readonedu/readunidu] 'parceiros do senhor do trono'. Duplicação de *Relves*.

Dois cabeços da região chamam-se *Relva Redonda* e *Couce*.

Relva Redonda. Uma duplicação: *re' a bl+re' adn 'd*. O banquete sagrado da *kort/berit* ainda existe com muita intensidade na região, como se demonstrou in *Ori-gens Orientais*.

Conde da Roda. Trocadilho a partir de *Redonda*, introduzido por *kan* 'normas/direito'.

Vale Negro. *Ngr* 'mordomo/sacerdote/juiz' (ac. *nagiru*).

Fonte do Cartaxo. *Qr th/thm* [qor tagg/taggumu] 'fonte das declarações/contacto' significando ligado às fontes ou rios, 'adivinhação / invocação de espíritos' ou 'fonte de baixo'. Pode confundir-se com outros sítios chamados *Cartaxo* (Cartago), que derivam de *qrt adacht* 'cidade nova'.

Venda Nova (ribeiro). *Ben nab* 'criaturas profetas', 'filhos profetas' (*bintu nab, bent nab*), 'sítio/prédio da profecia ou dos oráculos'. Ug. *nb* 'vazio/insuflado de vento' (inspirado pelo espírito), e 'saltar' (danças extáticas). Hb. *nab* 'acesso estático', *naby* 'profeta/iniciado'; *nebia* 'profetiza'; *nebua* 'palavra profética' (cfr. *Diccionario teológico*, cit., II, p. 21).

Lentes. *Lmd* 'discípulos'.

Cadaval. *Kbd' dl* [cabedal] 'albergue dos pobres', deromeiros, ou residência de pessoal religioso; corresponde aos Cova da Onça. É o m.s.q. *Portal da Metade, Cova do Madrinhal* e *Choza*.

Portal da Metade. Entre o *Cadaval* e a *Senhora do Circo* (confundível com ambos), com possível referência a consultas de profetas/adivinhos/feiticeiros, para conhecer o destino ou pedir conselhos, (tal como hoje se faz com as médiuns), lugar de «acreditações divinas», um «mosteiro de prostitutas sagradas», ou tudo isto simultaneamente.

Portal da metade: a) *p ubryt 'l adm t' dt* [purital adametádet] 'dizer o destino último da humanidade por testemunha/embaixada/acreditação' (bruxa, médium); b) *p ubryt' l adm tht* [purital adametage] 'dizer o destino humano que está pré-ordenado' ou 'que está diante'; c) *p ubryt' l d amth ' dt* [purital damtaedte] 'dizer o destino

que está [da palma da mão] até ao cotovelo datado'; *d*) *p uryt' l d' mt' d* [purital dametaede] 'dizer o destino golpeado/destinado como testemunho' ('*mt*' sentido mágico segundo Del Olmo Lete); *e*) *pbr tl d amt' ' d* [pêrutil dametade] 'consenso da marca que o escravo testemunha' ou 'de que a escrava (bruxa) é testemunha'; *f*) *pr' t' ly adm t' dt* [pertal adamtadte] 'do soberano Deus, dos homens acreditado'; *g*) *pr' t' l ad' m d' t* [pertal adamdate] 'do soberano Deus, pai como uma comunicação' ou 'do soberano Deus, pai do povo conhecido'; *h*) *pbr it' ly dmm tht* [pêrutil dametagt] 'assembleia/reunião das consagradas da lascívia / lágrimas que põem em contacto' (mosteiro, alberguistas?)

Madrinhal. *Mb hdr' n' l* [maadaraainal] (hb. *badarah*) 'revelação/visão + dizer-responder', em que *mb* significa 'o quê?' (que desejas de mim? que vês tu?) Se assim for, seria uma pergunta dirigida ao médium/espírito: «Que vês tu no meu destino?» É o m.s.q. *Chosa*.

Chosa. *Hx, /hzt* [gâza → châza] (ar. *hazzu*), 'sorte / dita / felicidade / lotaria' associado a *hss* 'recordar / excitar / fazer pensar' e a *tdt* [tsadsu] 'repetir seis vezes', número de perguntas/frases utilizadas nas adivinhações/esconjuros. Nos mitos de Ugarit o próprio Ilu esconjura o mal, perguntando seis e sete vezes. «Quem pode esconjurar a enfermidade?»

Senhora do circo. Antigo santuário num local esplêndido, ponto de encontro de toda a região. A Senhora é irmã de outras seis Senhoras das regiões de Coimbra, Pombal, Soure, Ansião e Figueira (cfr. *Origens Orientais*, parte I, cap. II, § 7, *As Sete Senhoras Irmãs*, pp. 34-36, sete senhoras padroeiras de sete comunidades irmanadas através da Senhora). A Senhora do Circo sucede a um antiquíssimo local de culto que contemplava actividades extáticas e oraculares no topo da serra. Nos seus santuários actuavam adivinhos/profetis. As «sete comunidades» ou clãs irmanados pelas respectivas Senhoras (segundo propusemos in *Origens*) seriam sete clãs que deram as várias *Sobreira* ou *Sobral* da região. Como disse no meu anterior livro, uma das funções dessa irmandade de Senhoras/comunidades era o escoamento dos excedentes da respectiva produção agrícola. *Circo* talvez derive de *srk* 'falar', ou de *sky* 'aparição'.

Perto de Soure, este conjunto em torno da Corujeira:

Paleão. *Pl anh/un* [paleiana/paleiuna] 'juiz das queixas/aflições'; ou *pl umt* (hb. *ummah*) 'juiz do clã'. É o m.s.q. *Fuzeira*.

Fuzeira. *Ph zr* [fezeru] 'ver o espaldar (trono)'; ou *pzg* [ar. *fasa'*] 'lacerar'?

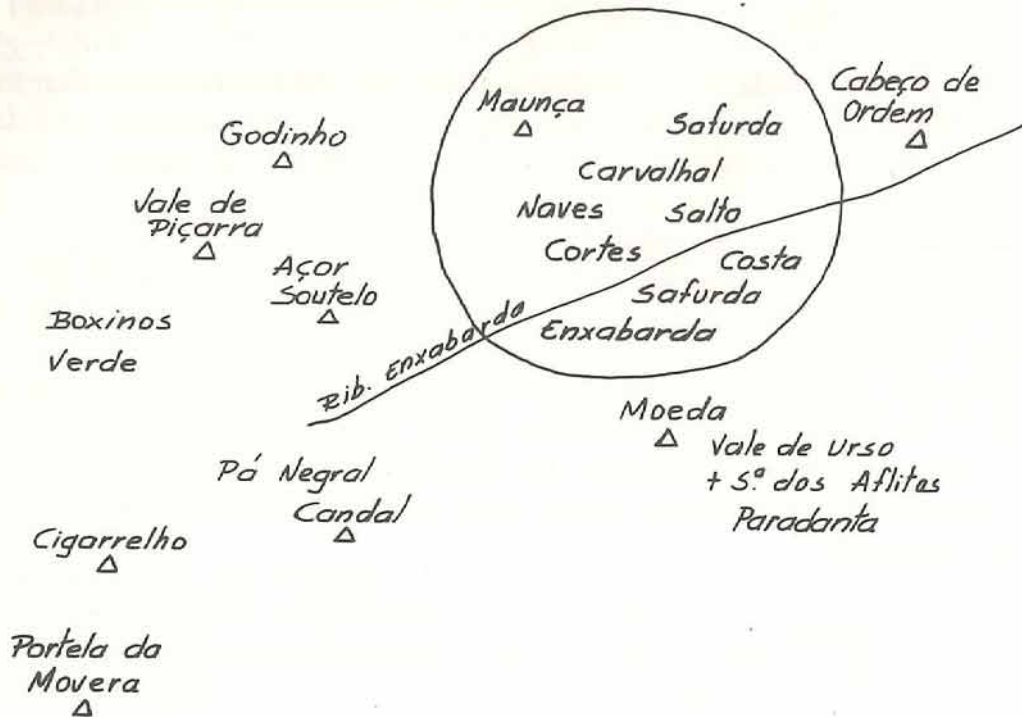
Corujeira, *Qerešar*, 'entranhas falam' (augúrios por meio de entranhas animais ou humanas).

Barril. *Bry* 'separar/cortar/talhar (talhar, dizer ensalmos)'. Confunde-se com a quinta/capela de São Mateus, à qual associamos um antigo culto semita, culto do medo, baseado no pavor divino (Baal ou Yaveh), em ritos mágicos de «talhar males» e em cultos extáticos (cfr. *Origens Orientais* p. 166). Eis a razão:

Mateus. *Mt*. (hb. *matteh, mot*) 'báculo/vara' e 'tremar/assustar-se'.

Camoieira. *Kms* (ac. *camasu*). 'prostração'.

Mariscas. *Mrs* 'enfermo', *mrs krs* [marasskeress] 'doentes do ventre'. São Mateus ainda é invocado contra as lombrigas: quem se quiser livrar delas, encerra uma numa garrafa e oferece-a ao santo.



Escala: Os nomes incluídos no círculo encontram-se num raio de 2km de Cortes.

Os nomes são raros, os sítios extensos e desérticos. Fazem referência a mais de metade dos constantes na carta, num raio de 10 km, assinalando as relações de contiguidade.

Cortes. É o mesmo que *Enxabarda*, na ribeira de *Enxabarda*, e *Maunça*.

Enxabarda. Esta palavra merecia uma homenagem nacional. No sopé da cabeça da Maunça, *Enxabarda* tem várias significações homófonas, todas concordantes: a) *ans bard* [anxebarde] 'parceria/confraria do corte/aliança' (*berit*); b) *ans berit* [anxeberite] 'parceria/confraria do pacto', 'ser irmão do pacto'; c) *ans hbrt* [anxabarte] 'parceria/confraria de comunidade/sociedade' ou 'parceiros irmãos', 'parceiros de uma sociedade'; d) *ans hbrt* [anxabarte] 'implacável/fraternal sociedade/comunidade'; e) *ans hbrt* [anxeberite] 'companheiros da (mesma) panela'; f) *ans hprt* [anxeeperte] 'companheiros de ovelhas, associação de pastores'; g) *ans bbrt* [anxebarte] 'ser irmão na concepção', 'ser irmão no custo'.

Na mesma palavra estão reunidas as três ideias-base do pacto: *ans*, *hbr* e *brt* — e tudo isto existe ainda nessa aldeia.

A *Enxabarda*, antiga aldeia de pastores, cultivou um costume de *inexorável fraternidade* que consiste em acolher todos os forasteiros. Ninguém come ou pernoita na rua; uns dizem que é só nos dias de festa, outros dizem que é sempre, em qualquer época ou dia do ano. Qualquer vizinho se preza em recebê-lo. Segundo os teste-

munhos das aldeias dos arredores, parece ter sido verdade no passado mas o costume foi-se perdendo. Na festa de 1988 constatámos que alguns forasteiros ficaram na rua.

As casas mais antigas ou as mais bem conservadas (mais sólidas, mais ricas) de Enxabarda, da Safurda (sede de freguesia) e de outras pequenas povoações contíguas, comportam números gravados nas ombreiras das portas; há-os das várias séries de centenas, da série do 300 à do 1000 em ordem completamente dispersa. Algumas dessas casas numeradas parecem datar da Renascença, pelo menos. Ninguém nos soube explicar a origem de tais números, que alguns vizinhos, de instrução rudimentar, atribuem erroneamente a datas de construção do edifício. O costume de numerar as casas não é vulgar, e só o notamos com esta persistência nestas aldeias. Parece tratar-se de um registo de mútua de gado, corporação ou colectividade cujos membros seriam as famílias/casas de pastores; o número equivalia à certidão, ou carta de sócio, dos nossos dias.

Os antigos pastores dessas aldeias exprimiram-nos uma certa nostalgia pela sua profissão. Investigámos o significado do termo 'Córtes'. Segundo eles, Córte [córte] significava, no seu tempo, lugar de recolha do gado. Ter uma córte era ser-se rico, ter um estatuto de rico na profissão dos pastores e na aldeia. Implicava ter uma zona de pastoreio exclusiva, de que o abrigo era a estrutura central; os que não a tinham eram um tanto vagabundos, à mercê da boa vontade dos vizinhos. Eram frequentes os conflitos entre pastores vizinhos, córtes vizinhas ou pastores com córte e sem ela. Portanto, *córte* significa ainda «território de um pastor», resultante de acordos entre pastores. O padroeiro é Santo António (Antão, Aton), a quem os vizinhos oferecem as melhores peças das reses que abatem em família.

Quando os interrogamos sobre o que significa *Enxabarda*, narram-nos este mito: «Passou por aqui uma mulher pobre que pediu um punhado de castanhas a certo proprietário, e este, generoso, respondeu «enxa a bada» [bada, não barda], explicando-nos vários vizinhos que *bada* é como se diz na região 'beira, borda do avental, ou beira de outra coisa'. Sendo assim, os habitantes perderam a ideia da «inexorável fraternidade», que constituiu a origem da sua terra, mas continuam a falar ugarítico: *bd* [bada] significa, de facto, 'borda, separação, passagem para outro lado'.

Maunça, morro cimeiro a *Enxabarda*. *Mans* 'referente à implacável fraternidade', como nas *Cortes*, Leiria.

Safurda. Contíguo de *Enxabarda*, duplicação da mesma: *šprt* [sap / furta] 'cuidar / entrelaçar'; *šphudr* [xapha udre] 'estirpe/geração nobre/poderosa'. Ambas estão de acordo com a *hans hbrt*.

Carvalhal. Contíguo de *Naves* (*karb' ll* 'clã', *nawe* 'pastagens').

Açor. *Asr* pode ser 'de Tiro', «Aser» (tribo de Israel). É o m.s.q. *Soutelo*, *Pã Negral* e *Candal*.

Soutelo (= Souto). *Sut* 'l *sut*, (hb. *set*) 'base' e (hb. *sut*) 'pôr/colocar', e 'l (hb. *ul*, *aylu*) 'congénere/parente' e 'por cima' (*ilu* 'Deus'). *Azere Soutelo* poderá ser o desdobraimento de uma única frase: *asr sut aylu* 'banquete dos parentes, ou de Deus'.

Pã Negral. *P ngr' l* 'mordomo dos congéneres (juiz)'. É o mesmo que *Candal* e *Malha da Verde* (*sic*).

Candal. *Kn dl* 'coisa/direito dos pobres'.

Malha da Verde. *Berit?* *Malha* corresponde a *Malhada* (*ml* 'água').

Boxinos (riacho, fonte). Contíguo de *Pã Negral* e de *Verde*. *B ah' ny* [baxini] 'na fonte dos oráculos/respostas/visões'. *Verde* é o *berit*.

Piçarra. Contíguo de *Boxinos*. *P sarru* 'boca do rei' (juiz/funcionário).

Malhada. As várias *Malhada* que por aqui existem são sítios onde há água (*ml*), terra regadia. A palavra pode decompor-se: *m lht* [malhate] 'para alimentação' (hortas); *m lht* 'para a força vital'; *m lht* [malhate] 'para bebida/sumo'; *ml hta* 'água dispersa'; *ml ht* 'a água desperta'; *ml 'd* 'água perto, em torno'; *ml 'd* 'água do testemunho, da aliança'; *ml' da* 'água distribuída'; *ml at* 'a água vence'; *ml ad* 'água do pai' (pai do céu, paizinho).

Paradanta / Senhora dos Aflitos. *Pr' t nt* [perátânetâ] 'soberana Senhora' (Anat, deusa mãe); *pr' t* (hb. *pera*) 'primordial/soberana'. Deu a actual Senhora dos Aflitos, que por seu lado pode ser um decalque sobre *ap lyt* [afelite] 'rosto de ansiedade', 'ira da maldição'.

Sete cumes da região:

Godinho. *Gdy* [gadu] (ac. *gadu*) 'cabritos' mas também 'alimentar/fartar' (ar. *gada*); *gd* 'inchado/farto'; *gd yn* [gadiiain] (hb. *yayin*) 'farto de vinho'; *godel' yny* [godelyany] 'grande heraldo/mensageiro/lugar-tenente' (título de chefes). Neste contexto, *Godinho* pode ser uma associação de tudo isso simultaneamente.

Moeda. *Mo' ed* 'assembleia/totalidade'.

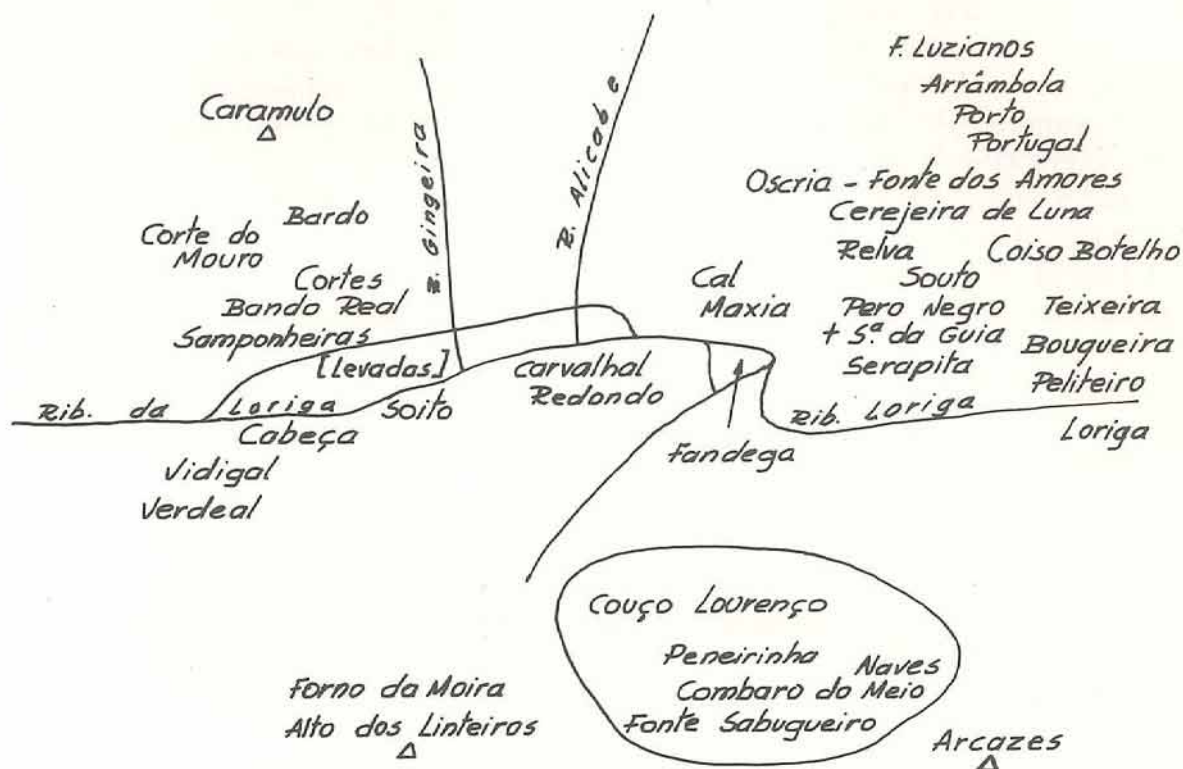
Candal. *Kn' d al* 'constituído/normas/direito dos congêneres' mas também 'constituído/fixado até ao alto / no alto'; *kn dal* 'direito dos pobres' (baldios, albergue?) *kn dalal* 'fixação/direito do mensageiro/correio'.

Cigarrelho. *Shr ilu* [saggarailu] 'reagrupamento dos parentes/congêneres'.

Cabeço de Ordem. *Kbs drdr* [qabassdordor] 'clã de gerações e gerações' (de muitas gerações, antigo, nobre).

Portela de Movera. *Mdbr* [midebara] (hb. *midebar*) 'deserto'. Conforme com o aspecto da região que é inteiramente despida de vegetação.

A fidelidade destes nomes é deveras espantosa.



Escala: Cabeça dista 5km de Loriga.

Chama-se *Barroca das Cortes* / *Corte de Mouro*, em Cabeça, a uns 5 kms de Loriga. A constelação é muito rica em nomes significativos. Apontamos apenas os mais estritamente ligados às constelações que vimos estudando. Os nomes sucedem-se entre *Cabeça* e *Loriga*, de modo que não sabemos se se referem a uma ou outra povoação que teriam costumes e língua comuns.

Cabeça. Kbs 'clã'.

Souto. Sut.

Relva. R' bly ou r' yble.

Redondinha. É o mesmo que *Relva*: re' a adn.

Barroca do Bardo. Brd 'cortar/apartar' (=berit → barte; cfr. supra *Enxabarda*).

Bando Real. Existem apenas dois «Bando Real», sendo o outro em *Valezim* no mesmo concelho de Seia, que caiu na nossa amostragem; *ben*, *bent*, *benwot*, *benot*, diversas significações concordantes; 1) «filhos, criaturas»; 2) «edifício, estrutura»; 3) «entendimento»; 4) «força»; 5) «produto»; *bant*, *b' nt* 'para ti, oferta'; *bnt r' 'l* [bante réal] 'companheiros congêneres', 'estrutura, edifício' dos companheiros congêneres, 'força dos companheiros congêneres', 'criaturas congêneres'. É provável que seja *bent re' a' l* [band real] 'edifício dos companheiros congêneres' (casa da irmandade/colectividade, diríamos hoje).

Alicable. Akal bly [akalbli] 'festim' (lit. 'comer, devorar') (hb. 'akala billah); '*aly akl ybl* 'companheiros do festim da corrente/argola/aliança'; '*ly akl bly* [aliaqalebly] 'congêneres comedores devoradores'; *aliy ka ybl* 'valorosa/forte aliança'; *aliy qbl* 'valerosa oferenda'; *aliy qblble* 'forte corrente, aliança, argola'.

Gingeira. A carta assinala a existência de uma conduta que aproveita a água de vários riachos e abastece todos os sítios de *Cabeça*: *gngn* 'conduta/canal' (ar. *ginginu*) *gngn' r* [gingineira] 'canal da povoação'; *gingin' r* está traduzida por *Levada da Cabeça*. Numa breve visita à aldeia, constatámos que a conduta da Gingeira, ou da Cabeça, constitui o único meio de cultivar a terra; a levada é engenhosa, aproveita todos os riachos mas abastece-se (sobretudo no Verão) no riacho principal. Os vizinhos referem-se à *Levada da Cabeça* como ao seu único meio de subsistência. Vimos outros sítios cujos nomes se referem a obras hidráulicas; adiante temos um outro, *Peliteiro*, (cfr. p. 483).

Cerejeira da Luna (sic). Inconfundível: *cerizu ln* 'castigo dos insultos/calúnias'; hb. 'dos rebeldes', (hb. *lun, theluna*). *Lun*, em hebraico bíblico, significa 'rebelar-se, revoltar-se'.

Oscria ou *Oscrial* (nome único). A montante da Loriga, no riacho onde se encontra a Fonte dos Amores. A razão desta associação é: *Oscria*: *usk yra*, ou *usk yry* 'membro viril excitado ou descoberto'; ug. *usr/usk*, ac. *isku*, hb. 'esek' 'membro viril/testículos'; ug. '*r/yra*, hb. *ur* 'excitar/exacerbar'; ug. '*ry*, hb. *arah* 'descobrir/desnudar'. Uma casualidade ou uma ilusão do investigador estão excluídas neste caso em que a associação é flagrante tanto mais que *usk* só tem esta significação, e além disso, está traduzido por *Fontes dos Amores*.

Oscria, ou *Oscrial*, *usk yry' l* 'membro excitado, levantado'. Os mais instruídos tentam baptizá-lo de *Escurial*, outra prova de que muitos nomes foram deformados pela escrita e pela erudição. Alguns vizinhos recordam ainda que a fonte (hoje abandonada, à beira da estrada da vila industrial) era o lugar de «encontro de namorados»; note-se, como o «membro viril / ponto dos amores» derivou em *Oscria*, 'cria-os'. Veja-se em *Maria Ave — Marialvismo* a descrição de uma hierogamia que seria um modelo de orgia sagrada nestes locais.

O linguajar da gente de Loriga merecia ser estudado enquanto vivem os idosos de hoje. De facto, a expressão das pessoas menos letradas torna-se por vezes incompreensível para os estranhos, ao ponto de, no primeiro contacto, ser necessário perguntar a outrem o que dizem eles. Sobretudo, as vogais latinas não contam aqui para nada, e a confusão entre o [o] e o [a] é total: «Padre, clérigo» pronuncia-se [podre]; «Pinhal» é [pinhoul], etc., tal como no cananita. Certos [a] são abertos, mas correspondem ao *alef* hebraico ('), ao *yayn* (') ou ao [a] ugarítico (como em *ab* 'pai'), vogais que são aspiradas e se consideram consoantes; o [i] é bem pronunciado, mas é também uma consoante em ugarítico.

Serapita. Srp' d 'queimadouro'; *srp* [serap] 'queimar'; *yd* 'ração, parte', 'amor, carinho'; *ydy* 'arrojar'; *ytm* 'órfão'; *ytn* 'entregou/deu'; lit. 'toma / aqui tens!' Teria sido um lugar de holocaustos?

Serapite. É o mesmo que *Pero Negro / Senhora da Guia*.

Pero Negro. Puhru ngr 'assembleia/reunião dos sacerdotes/mordomos/juízes'. É exactamente o mesmo sítio que o actual santuário da Senhora da Guia, muito conhecido na região, herdeira de Ishtar / planeta Vénus, e ainda hoje associada a banquetes rituais na Beira Litoral.

Fandega. Pan dag 'ajuntamento/poça de peixes?'; a carta assinala uma poça no rio, na junção de dois afluentes (ug. *pnt*, hb. *pinah* 'junção').

Caramulo, o outeiro. Como os anteriores, é o Carmelo, montanha santa da Fenícia.

Cal e Maxial, o mesmo sítio, duplicação. *Kl* [cale] 'todos / assembleia / lugar público / fórum'; *maza'l* [maxaal] 'encontro, lugar de encontro'.

Vidigal. Berit go'el.

Verdeal. Berit 'ly, berit do Altíssimo (ou dos congêneres).

Peliteiro. Palt'r [palteiro] 'canal/regueiro' (a carta assinala uma levada nesse sítio).

Teixeiro, contíguo de *Coiso Botelho. Th'ary* [tagari/taxari] 'contacto' (atalho, puxada de água, como se vê no terreno).

Bouqueira. Bk 'recipiente, reservatório'; talvez topé, dado o contexto.

Rio Cabrum, a 1 km da *Loriga*. Rio dos sacrifícios, corresponde aos rios *Cabril* (hb. *Kabrum* 'sacrifício').

Arrâmbola, na encosta. Perto de um lugar chamado *Portugal*, que por seu lado é contíguo de *Porto. Ahr'm bly* [arrâmbele] 'por detrás de / ultrapassado o lameiro' (chão húmido, hortas), ou *ahr'm bly* 'por detrás do povo do festim' ou 'por detrás do chão da relva'.

Fonte dos Lusitanos, a 5 km de *Loriga*. Na serra (será Lusitanos?)

Dois nomes dos cabeços mais próximos de *Cabeça* já são conhecidos:

Soito. Sut 'base/assento'.

Arcases. Ark 'largo' (epíteto de príncipes); *ark 'z* 'amplo de forças'.

Forno da Moura, o cabeço, tem um segundo nome, *Alto dos Linteiros*. Tendo em vista os nomes pomposos que encontramos nestes locais, *Linteiros* pode ser *ilym tar* 'divinal parentela' [ilnimtar → limtar]; referente à Moura; *ilim tar* 'deusa da povoação'; referente ao forno da Moura: *ilit 'n ar* 'a Deusa vê ilumina', 'a deusa da fonte/sulco/olho brilha/fala'. É costume chamar-se «fornos» da Moura a fontes ou grutas onde se diz que habita a Moura. A Moura popular das aldeias, como se disse nas *Origens Orientais*, é a Astarté cananita e a Shequina de Yaveh, *Ilit* (fem. de *Ilu*) e *Atiratu* são nomes que nos mitos de Ugarit se dão a Astarté.

Em *Loriga*, em torno de *Lourenço* e contíguo de *Oscria*, temos um conjunto de topónimos ligados à adivinhação/esconjurios.

Couço Lourenço. Kasu l hrs 'assento do esconjuro' (hb. *harassim*).

Fonte do Sabugueiro. Sbu g'r 'oculto descoberto/chamado' ou *sb g'r* (hb. *saba'*) 'sete vezes chamado'. A ideia de «pau de sabugueiro» encontra-se nas fórmulas de encantamento/adivinhação por causa desta etimologia. (Para desmascarar as bruxas, bate-se-lhes com um pau de sabugueiro).

Combaro do Meio e Peneirinha. Combaro, nome estranho para o linguajar de hoje (*do Meio* e único, a carta não regista outros); *Peneirinha* é tradução de *Combaro*, um lugar de feitiços: *kbrt* (hb. *kebara*) 'peneira'; *Combaro do Meio: kbrt d mh* [kebara du mâ] 'peneira, que tal'?

Uma casualidade seria quase um bruxedo. A peneira era um instrumento de adivinhação ainda utilizado em Lisboa no século XIV, e que um regulamento municipal dos anos que precederam 1385 (ou desse mesmo ano) pretendeu proibir. Bruxedos à parte, o nome deste sítio, *Peneirinha*, deriva igualmente do ug. *pn 'r 'n* [penarein] 'peneira, responde'. O termo 'peneira' (objecto de peneirar) tem a mesma origem: *pn'r, pn ara* 'diante excitar / mudar'. Segundo José Pedro Machado, 'peneira' deriva

do lat. *panaria*, relacionado com cesto de pão; ora 'peneirar' significa mexer, excitar, e só incidentalmente tem a ver com pão; 'panaria', no feminino, não existe em latim, inventou-a Machado para justificar a sua posição, ou é uma latinização tabeliônica de 'peneira'; existe *panarium* 'lugar onde se guarda o pão' e *panarius* 'padeiro'. A ideia de 'diante excitar' aplica-se a todos os gestos de peneirar, que se executam sempre com os braços diante do corpo.

As bruxas utilizavam a peneira nas suas adivinhações. A partir da figura desenhada pelos objectos peneirados, elas diziam o que vai acontecer à pessoa. O processo equivale a muitos outros cuja eficácia se atribui à noite de São João (o Sol), como partir um ovo num copo de água, remexer papelinhos, expor folhas ao relento, etc., e decifrar depois a configuração formada sob o efeito da mudança operada. É possível que o uso da peneira nestes augúrios seja devido a uma confusão linguística, porque a 'peneira' dos augúrios corresponde a uma fórmula ritual. Peneira: *pen ara* [penara] 'aspecto fala', 'aspecto esclarece'; *pen 'ra* [peneira] 'aspecto/cara/figura da mudança'; *pen 'ry* [peneírie] 'cara/aspecto descoberto, ao descoberto'; *pen ary* [penaria] 'a cara dos vizinhos'; *pen yra* [peniâre] 'aspecto de atemorizar'; *pen hry* [penâria] 'o aspecto da concepção'; *p hn yrb* [penâira] 'diz a medida/quantos do mês'; *p 'n yry* [peneyria] 'fala da visão/resposta disparada'; *p 'n 'ra* [penâira] 'fala a visão/resposta da agitação/mudança'; *p 'n 'ra* [penâira] 'fala a resposta da agitação/mudança'; *p 'n hr by* [penêrêia] 'fala a visão da concepção dela'; *p hn 'ra* [pêeneira] 'fala a medida da mudança/agitação'; *p nyr* [penâiru] 'diz Luminária' (o Sol); *p 'n yhr* [peniâra] 'diz a resposta do deus Lua', 'responde o olho da Lua'; *p hn 'ra* [pêeneira] 'diz aqui a mudança', ou 'diz esta mudança...'.
 As três últimas fórmulas correspondem ao que se diz ao copo de água na noite de São João, a noite do Sol, a grande luminária, e ao relento (sob a acção da Lua), segundo uma cantiga popular; «São João de Deus amado | São João de Deus querido | Ditai-me a minha sorte | Neste copinho de vidro».

Fontes das Naves. *Nab* 'profetas/adivinhos/tremedores/lacerantes', ou hb. *nawe* 'pastagem'.



Escala: 1.5 Km

Na ribeira de Valezim:

Cortes. É o m.s.q. *Palheiras*; *Po*, *pl*.

Bouqueira, ribeiro. É o m.s.q. *Cortes* e *Palheiras*; *bk* 'recipiente'.

Dola, segundo nome de *Boqueira*. *Dll* 'mensageiro/condutor, conduta'.

Chães (sic), contíguo de *Cortes*. Suspeito de ter sido *kn* 'direito'; cfr. *Canes*.

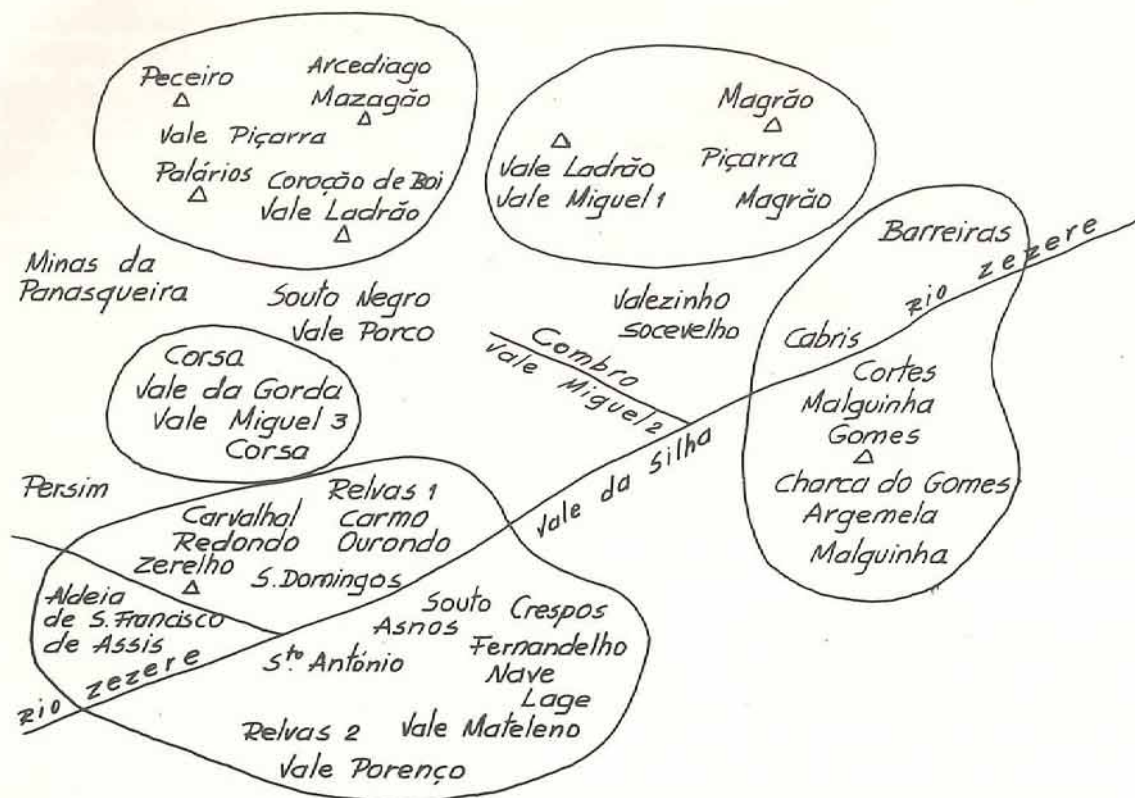
Bando Real. Como na *Loriga*, *bent r'ly*.

São Domingos. Riacho em cuja foz se situa o *Bando Real*; *Domuzi*, o próprio rio divinizado.

Cruche. Ribeiro vizinho de *São Domingos* e de *Bando Real*. Pode ser *qrs* (hb. *qereš*) [querex] 'morada/pavilhão/fortaleza' ou *krs* 'ventre/tripa', (referência a augúrios e a *Boqueira*?)

Costa. Contíguo de *Bando Real*; *agazt*.

Corvo, o cabeça. Como nos anteriores, *qrb* 'culto', 'cercania'.



Escala: Os nomes incluídos nos círculos situam-se no raio de 1 a 2 km;
os círculos situam-se num raio de 10 km.

Perto do Zêzere, uma região desértica. Os nomes são raros, e por isso dificilmente comparáveis. Referimo-nos aos vários núcleos de topónimos.

Cortes e Barreira situam-se na região dos Cabris, nome de rios, 'rio dos sacrifícios', cujas margens têm o nome *Vale da Silha*, de *sly* 'chorar' (rio do choro).

Primeiro grupo: *Gomes* — *Argemela*.

Cabeço do Gomes. *Qms* [qomes] 'cabeço'; *gom* 's' 'exprimir-se em voz alta / prantuar'. Tem um segundo nome, *Charca do Gomes*; *srk* 'falar' (hb. *sorek*).

Argemela. *Ar hamal* 'ly' 'derramar lágrimas' (sítio onde isso se faz). Um mito local exprime a ideia de chorar contida em *Argemela*; uma moura «vem chorar» a esse local, interpretando o nome do sítio por «no ar geme ela»; existe, portanto, um elemento comum entre o mito e a etimologia, *Gomes* e *Argemela* podem referir-se a um ritual de prantos.

Malquinha. É o m.s.q. *Argemela*. Corresponde à *Meia Lêgua* de outros sítios, que tanto pode significar o nome de uma deusa do parto como «dote»; cfr. *Meia Lêgua*.

Alguns nomes encontram-se em duplicado ou sob sinónimos:

Vale Miguel / Vale do Ladrão. Vale Miguel: primeiro e segundo: *B' al melek* 'Senhor rei'; Vale do Ladrão: *b' al adru* 'Senhor imponente/poderoso'.

Pissarra. *Pe sarru* 'boca do rei, em nome do rei'; *Peceiro:* *pe sar* 'acusar'.

Mazagão. *M sakanu* 'gerente/intendente'; *Arcediogo:* *ark+ygh?* 'largo+proeminente'.

Vale Miguel, terceiro. *Ba' al melek* 'Senhor rei'; *Vale da Sorda:* *ba' al Sur?* 'senhor de Tiro', *Corsa:* *qeress?* 'morada, fortaleza, domínio' *Coração de Boi* (morro). *Qeress b' al?* 'residência do senhor'.

Souto Negro. *Sut ngr* 'sede dos juizes/mordomos'. *Porco:* *Prk.*

Arteia. *Aht hy* [árreteia] 'irmandade de relação'.

Palários. *Pl' r* 'juiz dos congéneres'.

Carvalhal Redondo. *Qrb 'll re' a adn' d* [qrbalailu readonede] 'na parentela dos parceiros da aliança/trono'. *Carvalhal,* associado a *Cortes* e a *Valverde;* *qrb* 'entre, no seio'; 'll (alailu) 'parentes'; isto é, 'povoação, onde a gente mora'.

Relvas. *R' ybl* 'parceiros da argola/corrente/aliança' ou simplesmente 'pastagens dos Readonede'.

Vale Domingos. *Dommuzi, Adon.* Note-se a fidelidade do nome, não é «São Domingos».

Santo António. *Aton, Adon.*

Souto. *Sut* 'sede'.

Crespos. *Qrs p* 'entranhas dizer'. É o m.s.q. *Fernandelho.*

Fernandelho. Lugar de esconjuros? (*pbr+nd* 'reunião de expulsar/emitir').

Porto dos Asnos. *Adonis* [dadonis → dadosnes → dasnos].

Relvas, segundo. *Re' a ybl.*

Porenço. *Pubru 'sy* 'assembleia de se exprimir', ou *pubru ans.*

Mateleno (sic), sobre o rio. *Mat len* 'castiga calúnias' (cfr. rio Lena/Lis. É o m.s.q. *Lage (lh).*

Nave. *Naw* 'pastagens', ou *nb* 'sacerdote/profeta'; já conhecido.

Ourondo e Carmo. *Ourondo* teria sido o rio Orontes, da Fenícia, e *Carmo* o Carmelo.

Domingos (que não «São Domingos»). Sobre o rio *Porsim.*

Rio Porsim. *Porsh' n* 'flagelantes', relacionado com o culto de *Dommuzi/Adon.*

Assis (Aldeia de São Francisco de Assis), no ribeiro do *Porsim.* Decalque sobre 'asy 'penitência/tristeza', por causa do culto de *Adon/Dommuzi.* Sobranceiro a *Assis,* o monte *Zerelho.*

Zerelho. *Zr' ly* 'encosta de cima', ou 'encosta do Altíssimo' (do santuário). A 5 km de *Cortes,* perto de *Silvares,* *Malga* é o m.s.q. *Godinho* e *Vale da Casa.* São duplicações: *Malga meleq* 'rei'; *Godinho gâd' ny* 'grande heraldo/lugar-tenente/gerente'; *Vale da Casa casu/casab* 'trono' do lugar-tenente.

Parte destes nomes situa-se nas *Minas da Panasqueira,* cujo rio se chama *Cebola,* corrupção do hb. *sabala* ← basal ← barsel 'ouro', mas, segundo nos parece, indica metais em geral.

Podíamos supor que certos chefes foram *melek/sarru* desta região e isto durante muito tempo, ao ponto de impregnar toda a região com os seus títulos. Explorou-se aí metais. Os cultos aí praticados eram característicos dos Cananeus-Cartagineses, com prantos e lacerações, sacrifícios nos rios e, talvez, sacrifícios humanos a Melek.

5. Maria Ave e o marialvismo lusitano



Escala aprox. 2km de Cortes para as nomes mais afastados.
Vide Sapata Rota - Gonçalo que é a continuação desta constelação.

23-24

Cortes 8 (Seixo Amarelo, Guarda)

(214)



circulo 1 - Nomes relacionados com contactos eróticos.

2 - Nomes relacionados com a justiça.

Escala: Num raio aprox. de 2km de Sapata Rota.

Sapata Rota (Gonçalo, Guarda)
Raposinho

(214)

Unicamente os nomes ao longo do rio Caldeirão, ou de Famalicão, num raio de 2-3 km de *Cortes*, que aqui se chama *Corte das Almas*.

Cortes das Almas situa-se no Carvalhal (*krb'ly*). É o m.s.q. *Barrocal*, *Barreiros* e *Foreiro*. *Corte das Almas* não se entenderá 'almas do Purgatório', mas 'almah (hb. 'elem) 'servidor/príncipe/mensageiro', e 'alm 'terebinto de adivinhação', relacionado com *Gonçalo* (culto do).

Na periferia de *Gonçalo* venera-se um belo carvalho, a que chamam 'Carvalho Santo'. As procissões da Senhora da Misericórdia acabam e começam sob esta árvore. Foi o Carvalho Santo (o actual, talvez centenário, terá sucedido a um outro) que deu o nome à povoação: *gzy aln* [gôzyalno] 'propiciar o carvalho'; *gzy 'ny 'l* [gôzynialo] 'propiciar a resposta do alto'.

Misericórdia, nome da região. *Miseru+cort* 'território dividido'; *miseru* 'fronteira, território'; 'lugar do tratado de fronteiras/território'; cfr. *infra Misericórdia da Sapata Rota*).

Famalicão, ribeiro de. *Gamali kan*; tem um segundo nome, *Caldeirão*.

Caldeirão, ribeiro do. *Kal dor umt* 'totalidade das famílias' (*dor* 'família', *umt* 'clã'; hb. *um* 'família' ug. *um* 'mãe').

Foreiro. Como *Foral* de outros sítios: *phyr* 'reunião/assembleia'.

Pedrógãos. *Pdr* (ac. *pidoro*) 'terreiro/cidade'; *pidro ghilm's* [pidrogãilms] (hb. *galamb*) 'terreiro dos mensageiros/mancebos/príncipes ou sacerdotes/juízes/adivinhos'. É o m.s.q. *Famalicás*.

Fonte do Carro. Duplicação: *qrr* 'fonte'.

Sarzedo, próximo de *Cortes*, *Misericórdia*. *Tar* 'parentela'; *tar z éd* 'parentela do testemunho ou do trono'. É o m.s.q. *Soito* e *Senhora do Soito*.

Soito / Senhora do Soito. *Sut* 'sede/assento'; *Sut* é também um dos nomes de Anatu, deusa mãe ('senhora').

Vale Martinho. Como em outras *Cortes*.

Porqueira. *Prk* 'santuário/terreiro' (ac. *parakku*, hb. *peroket*). É o m.s.q. *Quinta da Lage*, *Rabelal*, e *Costa*.

Lage. *Lh* 'mensagem/lei'.

Rabelal. *Rb* 'mestre'.

Costa. *Agzt* 'encontros/desposórios, sítio da festa'.

Mosqueiros, contíguo de *Cortes das Almas*. Hb. *smoh'al* 'confiança'.

São Geães. *Gh'ilm is* [geailms] 'heraldo/porteiro da casa de Deus' (sacerdote/juiz/profeta/adivinho).

Cabeço do Bispo. *Bysp* 'no festim' (ou no celeiro?) Está repetido em *Espinho* (*spy'n* 'reunião do culto').

Nave Seguida. *Naw* 'pastagens'.

Amarelo. *Amar el* 'ver a Deus', *amar al* 'ver por cima' (adivinhos), *amar 'aily* 'ver os congêneres'.

Fontainhas. Foi um tofé? É o mesmo sítio que *Cachofa*.

Cachofa. *Ks 'pp* 'recipiente dos encantos' ou o 'limite'?

Galgueira. *Gl* (hb. *galah*); *gal* 'profetas/peregrinos'.

Monteiro. *Mnt re'a* 'parte / quinhão / membro da sociedade'.

Coito. *Kt* (ac. *kutu*) 'estrado' (altar, mesa?)

O seguinte conjunto de nomes traduz um espaço dedicado ao convívio sexual onde até se invocavam as deusas assírias do parto. *Quintas* e *Tapadas*, é como são designadas

as povoações pequenas nesta região. Os topónimos organizam-se em três grupos: 1) *habitat* do clã; 2) espaço dos contratos e cerimoniais do casamento; 3) território dedicado aos contactos sexuais, à adivinhação e ao culto.

Quinta: Na região da Guarda como na Beira Baixa em geral, todas as povoações pequenas ou sítios de uma casa são designadas por *Quinta* ou *Tapada*, correspondente ao «casal» de algures, sem o correcto sentido agroeconómico do termo. José Pedro Machado diz que «a sua origem continua obscura, mas derivaria acaso da agrimensura romana; na nossa Idade Média, a palavra teve a significação fundamental de sub-unidade agrária dentro de uma *villa* rústica, provida de casa, terra lavradia, pomares, vinhas, soutos, etc.» O termo 'quinta', propriedade rústica auto-subsistente, ou sítio de casas, deriva do ug. *kin nht* [quíneta] 'fixar residência, trono, lugar de repouso, divã, assento'; ac. *kīnetu* 'local fechado'; *kintu* 'estrado/tarimba'. Existem outros homófonos como *kin nt* 'fixar interiormente'; *qym nth* 'inimigos afastados'; *kin tat* 'fixar as ovelhas'.

Tapata: *Ṭpd* 'apoio, assento' e 'proporcionar, fornecer'; semântica e foneticamente próximo de *tapatu* 'apoio, base', 'proporcionar' e 'juiz, causa'.

Casa: *Ksu* [casu] 'trono, estrado, dossel'; *kry* 'cobrir-se'; hb. *kasab* 'cobertura', sinónimo de 'quinta' e de 'tapada'. Parece que em latim também se dizia 'casa' (utilizado por Virgílio, segundo o *Dicionário* de Santos Saraiva, que não refere o local). Como saber donde provém a 'casa' portuguesa?

'Catraia', um denominativo beirão para «aldeia pequena», «lugarejo» ('casal', no Sul): *kryt aya* 'povoação/cidade vulgar, povoação qualquer, povoação do vulgo' [karit aya → catraia]. O *Dicionário Etimológico* de José Pedro Machado anuncia «etimologia obscura».

1) Residência do clã:

Quinta da Sobreira. *Kintu sburt* 'recinto do clã'.

Quinta do Botão. *Bt* (*bayt*) 'palácio/templo/sala'. É o mesmo sítio que *Praço* (*prz*).

Rio Avereiro. *Hbr* (sil. *habura*) 'reunião/comunidade/depósito/celeiro' (*habur ary* 'reunião/comunidade de vizinhos').

Espinho. *Yspy* 'celeiro/festim' ('ny, hb. *innah* cantar/celebrar). Está relacionado com *Cabeço do Bispo* (*bispy* 'no celeiro / reunião'). A associação *Espinho-Bispo* existe algures e reforça a hipótese de se referirem a lugar de reunião (de coisas ou pessoas). Espinho poderá ser de preferência 'reunião de culto' (cfr. *Espinheiro*, enquanto *Bispo* seria 'celeiro / lugar de arrebatrar coisas para si').

Ribeira da Gaia *Hylly* [hggay] 'viver / reviver / dar vida / reviver', e nome de divindade.

2) Desposórios na Serra do Mor:

Mor é o nome de toda a encosta que continua na Serra de Moura ou Mora: *mhr* 'dote' e 'vigor sexual masculino'.

Pito. *Pt* (hb. *pitah*) 'sedução'.

Marialvismo Lusitano

Uma visita ao local fez-nos descobrir uma interessantíssima relação entre a toponímia e uma série de costumes aí existentes.

Em frente à capela da Senhora da Misericórdia, sobre o ribeiro de Mor, existe uma fonte encimada por uma pedra em forma de brasão dividido em dois sectores; um comporta seis falos esculpidos, com testículos; o outro sector contém a expressão MARIA AVE (cfr. foto na capa deste mesmo livro). Um inquérito junto dos habitantes sobre este emblema torna-se muito difícil, dado que o nosso interesse pode ser mal interpretado. Sem fazer referência aos falos, disseram-nos que a fonte é sagrada, uma vez que comporta a menção MARIA AVE. O brasão-emblema está bem conservado, mas não sabemos classificar a sua época; talvez do período renascentista, copiada de outra. Note-se a inversão MARIA AVE em vez de Avé Maria, pormenor sobre o qual os habitantes nada dizem.

MARIA AVE é um decalque: *mhr aby* [móraby], [mar avi] 'vigor paternal / vigor ancestral'; cfr. a expressão oral «mal de avé-maria». Ficamos também a saber que o actual 'marialva' (falocrático, machista, donjuanesco) deriva de *mhr aby* 'vigor paternal'.

<i>mhr aby</i>	[móraby]	'vigor paternal'
<i>mhr awil</i>	[móravil]	'vigor do marido'
<i>mhr b'l</i>	[mârabal]	'vigor do marido, vigor do senhor'
<i>mhr ab'ly</i>	[mâriabalia]	'vigor do pai em ascensão'
<i>mhr ab aliy</i>	[mârabalia]	'vigor paternal valente'
<i>mhir rab'l</i>	[mahirrabal]	'herói chefe dos congéneres'
<i>mhr ib b'l</i>	[maribal]	'vigor da cópula do marido/senhor'
<i>mhr ib'ly</i>	[maribalia]	'vigor da cópula do parente'
<i>mhir awil</i>	[mâravil]	'herói marido, herói parente'
<i>mhir ab b'l</i>	[mairabal]	'herói pai senhor'
<i>mh ri awil</i>	[mâriavil]	'juventude do aspecto do marido'
<i>mh ri ab b'l</i>	[mariabal]	'qual é o aspecto do irmão do pai'
<i>mhr ybl</i>	[mâriable]	'vigor do varal, vigor da corrente/aliança'
<i>mr' awil</i>	[mâriavil]	'fertilidade / terra fértil do marido'
<i>mr' ab'ly</i>	[mariabal]	'fertilidade do pai dos parentes'
<i>mr' ib aliy</i>	[maribalia]	'fertilidade da cópula do valente'
<i>mhir al w</i>	[mairalva]	'herói deveras, juro'
<i>m' ry 'l ba</i>	[maarialba]	'despido sobe (ou despido para cima vai)'
<i>m' r 'l ba</i>	[mairalba]	'excitado, sobe'
<i>mh' r hl ba</i>	[mairealba]	'jovem macho aos saltos entra'
<i>mr y ha lba</i>	[muriaaleba]	'cachorro, oh irmão! vem!'
<i>mry 'l ba</i>	[merialba]	'arrojado vem/entra'
<i>mry hlb</i>	[marialbe]	'arroja-se maciço'
<i>mry hlb</i>	[mariálba]	'arroja-se o promontório'
<i>mr i hlb</i>	[meriálba]	'ai cachorro maciço!'
<i>mra 'l w</i>	[meraialva]	'engrossado depois deveras'
<i>mry hl w</i>	[marielwa]	'arrojado dá saltos por certo'
<i>mry hl ba</i>	[marielba]	'arrojado aos saltos vem'
<i>mry hb lba</i>	[mariaalba]	'arroja o fraco até vir, até chegar'

<i>mry lba</i>	[marialba]	'arroja-se até entrar'
<i>mry awil</i>	[maravile]	'arrojado marido'
<i>mhr by lba</i>	[mâriaalba]	'herói dela no vir / no entrar'
<i>mr by lb</i>	[mariilabo]	'reconforta dela o coração'
<i>mhir lb</i>	[mairlabo]	'herói leão / guerreiro do coração'
<i>mh r' 'l ba</i>	[maréalba]	'jovem companheiro por cima vem'
<i>mh ri al ba</i>	[marialba]	'rejuvenescido de aspecto, por certo entra'
<i>mhr y hl ba</i>	[marialba]	'herói, oh! olha aqui, vem / herói prontamente vem'
<i>m' bry ah lba</i>	[mârialba]	'para conceber um irmão no vir/no entrar'
<i>m' ary 'l ba</i>	[marialba]	'para o companheiro do parente vir'
<i>mry hl ba</i>	[mariálba]	'deixa a dor do parto chegar'
<i>mh ary hl bba</i>	[maryálba]	'o jovem parente salta ao chegar'
<i>mr y 'l ba</i>	[murialb]	'cria amada por causa / por cima vem'.

Fonte do Mor corresponde à fonte dos Amores-Oscria da Loriga.

Nos mitos de Ugarit, traduzidos por Del Olmo Lete, descreve-se a liturgia de uma orgia sagrada, ou hierogamia; primeiramente, os coros cantam uma antífona aos «deuses galantes», que são Ilu (deus supremo) e as «consagradas» (prostitutas sagradas, esposas de Ilu); em seguida, passa-se a uma operação de sedução erótica, após a qual se procede a um esconjuro/propiciação utilizando um pássaro «frente à caldeira sacrificial», com a presença dos namorados; finalmente, é o momento do acasalamento, do acto sexual / de fertilidade contra a acção do deus da esterilidade. Toda esta liturgia ficou marcada nas constelações de topónimos lusitanos que temos encontrado, e de que encontraremos outros exemplos; os sítios dos contactos eróticos/matrimoniais são sempre vizinhos de nomes que apontam para esconjuros. Exemplo de uma passagem do ritual (*ibid.*, pp. 440-48).

(Antífona)

«Vou cantar os deuses galantes
invoco os que mamam nos peitos da Senhora
À saúde dos oficiantes e da notável escolta
que vêm ao sacrifício de acção de graças.

(Rito de sedução)

Dirigiu-se Ilu às bordas do mar
e marchou nas margens do Oceano
Tomou Ilu duas consagradas
em frente da caldeira sacrificial.
Olhai: uma agachava-se, a outra levantava-se
olhai: uma gritava «pai, pai»
e a outra «mãe, mãe»
O membro de Ilu estendeu-se como o mar
o membro de Ilu como uma maré
Era extenso o membro de Ilu como o mar
era extenso como a maré
Tomou Ilu as duas consagradas
as duas consagradas frente à caldeira sacrificial
tomou-as e levou-as para casa.

(Rito de esconjuro)

Tomou Ilu o seu cetro
 endireitou o cetro na mão
 Depenou um pássaro sobre as brasas
 porque Ilu quis realmente seduzir as duas mulheres.
 Se ambas gritassem: «Homem, homem, o teu cetro afrouxa
 endireitaste o cetro na mão
 um pássaro depenaste no fogo
 assaste-lo nas brasas»
 Então, as mulheres seriam mulheres de Ilu para sempre [...]

(Hierogamia e parto)

Inclinou-se, beijou os seus lábios
 os seus lábios eram doces
 doces como as romãs
 E ao beijá-las concebeu
 Agacharam-se e deram à luz
 a Sarru e a Salimu.

O texto é o mito/rito de um ofício em favor da fertilidade «do pão em plenitude», como se diz no texto. Os gestos executados pelas divindades *in illo tempore* são o modelo primordial dos ritos dos humanos. Sarru e Salimu são respectivamente, a Aurora e o Ocaso. Segundo André Caquot e Maurice Sznycer (*ibid.*, p. 376), este acto criador de Ilu concerne o momento de organização do cosmos.

Pito. Pt (hb. *pitah*) 'sedução'.

Nossa Senhora da Misericórdia. Decalque sobre *miseru kort* 'território separado', 'separação do corte/acordo' (acordo/aliança). É o m.s.q. *Prazo e Sapata Rota*.

A região contígua de *Gonçalo* chama-se *Quinta da Senhora da Misericórdia*, distinta da Misericórdia de Cortes, Seixo Amarelo. A Senhora que reside na bonita capela desse lugar é objecto de um culto que deriva de *miseru-kort* 'fronteiras divididas' ou 'fronteiras contratadas', 'acordo de fronteiras'. Em certo dia do ano, a Senhora sai da sua capela e vai passar uns dias a Gonçalo, sede de freguesia. Daí parte depois em procissão para o seu lugar. Esta procissão que atravessa (ou que une) dois territórios constitui um vestígio da divisão dos espaços e a confirmação do direito dos seus respectivos habitantes sobre eles.

Prazo. Prz (hb. *prz*) 'convocação/encontro para uma decisão ou cumprimento de pacto'; 'obrigação/ração de parceiro'.

Sapata Rota Tpt rt (hb. *sapatu rta*) 'juiz do apaziguamento'. Antes de significar 'juiz', *tapt* [txapat] significa 'poiso/apoio' (ac. *tapatu*, hb. *sapatu*), correspondente aos *sut, suit* ('sede do apaziguamento, da acalmia', seria outra tradução); *rta* [rata] também significa 'sujidade', um termo moralista para relação sexual; *hdt* [ggato/rato] 'novos', 'bases dos novos', correspondente aos *Mouratos*.

Moral/Mor/Moura, vários sítios, fontes e ribeiros. *Mbr* 'dote/vigor/marido/herói' [mohar, mahru]. Existe aí ainda hoje o sinal desse marialvismo antigo. São o m.s.q. *Pão Quente e Boa Vista*.

Pão Quente. *Pq nht* [poqénete] 'encontro do sólio' (hb. *pwq*, ac. *nehtu*). Corresponde a *casah*, *knt*, etc., de outros locais, tribuna/estrado/abrigo'.

Boa Vista. Geralmente, corrupção de *bbst* [baboxte] 'sacrifício de vergonha-desvergonha', local de ritos eróticos.

3) Uniões e esconjuros:

Ameiais. *Am 'l* 'parentes/antepassados/povo'.

Quinta da Cotela. *Kt 'l* 'estrado/recipiente' (ac. *kutu*). Está duplicado/corrompido com *Castelo dos Mouros* (*mahr*, *mhr*).

Corujeira. *Kr̄ ara* [karaxara] 'as vísceras, as tripas falam/brilham'; *Krs ̄r* [karaxara] 'as vísceras insidiam, as tripas cantam'. Lugar de esconjuros e de magia que ainda existe. É o m.s.q. *Lourenço*.

É surpreendente que *Corujeira* seja ainda hoje um local de feitiçaria. *Corujeira* é apenas o nome de umas propriedades na encosta, sem habitações. Nasce aí a fonte de um riacho que é aconselhada pelas «bentas», «mulheres de virtude», ou bruxas. As pessoas que estas aconselham vão aí buscar uns garrafões de água para feitiçarias, de que não conseguimos saber o teor, uma vez que nem umas nem outras são da região; os motoristas de táxi são geralmente os elos de ligação entre essas pessoas chegadas a Gonçalo e a fonte, que é de acesso difícil. A relação entre *Corujeira* (*Kr̄ ara* 'as vísceras falam') e os locais de augúrios encontra-se ilustrada neste local tal como a relação entre *Corujeira* e *Lourenço*.

<i>qwr asr</i>	[côraxara]	'fonte de ligar, de atar, de engaranhar' (= feitiço)
<i>qra asr</i>	[qôraaxara]	'invocação de ligar, de engaranhar'
<i>qwr 'sy r'</i>	[côraxiria]	'fonte de molestar o próximo'
<i>qra ̄r'</i>	[câraxária]	'invocação do fluxo' (= dom para molestar)
<i>qr ār hy</i>	[câaxária]	'fonte do umbigo / do príncipe dela'
<i>qr ās ary</i>	[côraxária]	'fonte de atacar os vizinhos'
<i>k r' ̄r hy</i>	[cârraxária]	'deveras o próximo ataca ela'
<i>qr arsy</i>	[côrarsy]	'fonte de Arsi' (deusa da feitiçaria, a Lua)
<i>qwr ūsr</i>	[côruxaru]	'fonte dos falos'
<i>qra ūsr</i>	[côrauxaru]	'invoca o falo, apela o falo'.

Note-se que a primeira fórmula, 'fonte de ligar', é a versão exacta de «fonte do angaranho», ou fonte dos bruxedos, existente em muitas aldeias. As bruxas, ou fantasmas nocturnos, chamam-se 'corujas ou carochas' em razão desta etimologia (um menino raquítico diz-se «chupado das carochas», e deve ser levado às «fontes do engaranho»). A última fórmula, 'fonte dos falos', parece ser a duplicação da *Fonte do Mor*; «falo ou figas», pois que a figa contra as bruxas representa um falo introduzido numa «vagina» formada pelo indicador; a bruxa, mulher que se subtrai ao poder do marido, é um ente que se vence com um falo; cfr. *Fonte dos Amores*, *Oscria* (Loruga).

Lourenço. *Lhrsm* [laarassim] 'para esconjuros' [laraxin] (hb. *harassim*). Esconjuros e adivinhações faziam parte dos acordos e dos casamentos.

Quinta da Retórica. *Rtqt* (+ 'r) [retaquít] 'ligação' + 'companheiros' =[retoquitrá] (hb. *rataq*) 'união de companheiros'. É o m.s.q. *Quetrote*.

Quetrote. Qtrt [qeterote] 'Kotaratu, divindade feminina que preside ao parto'. As suas auxiliares eram denominadas «Andorinhas da Luz» ou «Filhas da Luz». Digamos então que as ligações entre companheiros na *Sapata Rota* compreendiam um mínimo de retórica. Seriam acasalamentos para cujo êxito se invocava a eficiência das «Andorinhas de Kotaratu». Pode ser também uma variante de *Retórica*, *rtqt r'* [reto-quitrá].

Lanchal/Lancheiras, nome da região. *Lans'l* 'para a fraternidade/amabilidades'.

Amarota. Mrt [amerrata] 'gente/povo apaziguado'; '*m rt* 'para a paz, acalmia'; '*m hdt* [amarato] 'gente nova', relacionada com os dote/vigor.

Gonçalo. Gzy elion, gzy all (ac. *allalu*) 'obséquo do terebinto, do Altíssimo, dos espíritos'.

Cova da Onça. Kbd ans [cabeça onça] 'culto da corporação', 'honras da confraria' ou 'agasalho fraternal' (associa-se a albergues). Corresponde às *Maunça* e à *Enxabarda*.

Tapada do Bico. Bk 'vaso grande' (para abluções?) e 'chorar, lamentar-se'.

Quinta das Vaidades. Bddy (?) 'da separação'. É o m.s.q. *Raposinho*.

Raposinho. Rp sy 'lugar de suplícios' (lit. 'torcer os assassinos').

A encosta da *Serra de Mor* teria sido o local de encontro sexual de dois ou mais clãs vizinhos, onde se celebravam acordos relativos ao território e trocas matrimoniais interclânicas. Um dos processos tradicionais de «apaziguamento» de antagonismo entre os clãs era a troca de noivas.

6. Teixeira e o sufrágio das Almas



Escola : os nomes mais afastados situam-se a cerca de 2km de Cortes.

25 Tapada das Cortes (João Antão, Benespera)

(214)



Escola : raio de 1km de Ervedal.

Teixeira (Chinfrões, Mesão Frio)

(126)

Nas encostas dos rios Teixeira e Amezendinha.

Teixeira. *T' h sr* [teiâxâra] sítio ou pessoa de 'contar ofertas', 'oferecer fórmulas seriadas/contadas', 'contar / narrar fórmulas'; 'oferece banquetes'. É sinónimo de *Benespera* (cfr. adiante).

João Antão, rio. *Yammu Aton*, *yam adon*; é o deus-rio ou rio-juiz. Um dos parceiros de *Yammu* nos mitos acadianos é o Sol, que também vemos no mapa; *Balsemão* (*baal seiman*, 'Senhor Sol').

Quinta dos Sete, *Santana da Azinha* são sinónimos e contíguos de *Benavente*: *Sete*. *Sut* 'Senhora' (título de Anat [Ana] deusa-mãe, uma das principais figuras da religião cananita traduzida/repetida em Santa Ana).

Azinha. Duplicação de *Santa Ana*: *Arsy* ou *Arsaya*, outro nome da deusa Anatu (Ana). Tem relação com *azimn* 'imponente/forte'.

Benavente. *Bny bnwt* [benibenout] 'criador, criadora das criaturas' (título de Ilu e de Anat, que é Santa Ana de Azinha).

Cambalhota. Pode não ser um nome original, mas 'cambalhota' não deixa de ser de origem ugarítica: *qm' al hwt* [camalhôte] 'estar de pé, cair'.

A de Moura. 'Dote/vigor sexual masculino': *abd mhr* [ademora] 'reunião do dote/vigor' ou 'dos maridos'.

Catraia do Barriga Negra tem algo que se lhe diga:

Catraia: *qrt ay* [qartaia] 'povoação do vulgo' (povoação qualquer, pequena).

Barriga: *b' r ibgyh* [barribgya] 'iluminação, ensino' (*b' r*, *bgy*, *ibgyh* são sinónimos, 'iluminação+revelação'); *b yrgb* [bairgbe] 'formidável, divino' (título de reis cananitas, *Mitos y leyendas* p. 562). Refere-se a um juiz ou legislador.

Negra: *ngr* 'mordomo/juiz/sacerdote'. Portanto, *Barriga Negra*: 'iluminação/revelação do mordomo/juiz/sacerdote/profeta' ou 'imponente mordomo/juiz'. Deve ter relação com o *Purgul*; um colégio de profetas/mordomos estaria então sediado na actual *Santana da Azinha*. Talvez o título *Azinha* lhe fosse também aplicado no sentido de *azimn* 'imponente/forte'.

Na região de *Sobreira*, *Carvalho*, *Barreira* (nomes conhecidos), *Purgul*, *Abladario* e *Laginha* são contíguos:

Purgul. *Pubru* 'assembleia/reunião da promessa' (*pubru+g' el*).

Abladário [abadlário]. *Aby dll* 'paternal condutor/mensageiro' (ar. *dalilu*); *dalilu* é também 'tributo'. É o m.s.q. *Laginha*, *lh* 'escrito/mensagem'.

Nave Seguida, outras *Nave* e várias *Nova*: *Naby*, ou *naw* 'pastagem'.

Na outra margem do rio Teixeira:

Dominga Feia, *Lentos*, *Soito*, *Aldeia Nova*, *Galgueira*, *Rabolal*, e *Raboleira* são o mesmo sítio, na encosta do Teixeira:

Dominga Feia. Talvez *dan' mmy' affala* [dâimigafala], lit. 'julgamento dos braços largos do juiz'; corresponde ao *ark adon*; 'affala' é uma variante de *pl*, 'juiz/árbitro'.

Lentos. *Lemd* 'ensinar/amestrar' e 'discípulos' (mestres/discípulos).

Rabeleira e *Rabolal*. *Rab* 'chefe/mestre'.

Galgueira, cabeça e outros sítios *gal-*. Também pode ser 'festa'.

Aldeia Nova. *Nab* 'profeta/mestre/iniciado'; relacionam-se com os *rab-* de *Rabolal* e *Rabeleira*; talvez *naw* 'pastagens'.

Soito. *Sut*, foi a sede dos profetas/assistentes/mordomos.

Amezendinha, ribeiro, do outro lado da encosta. *Maza dyn* 'encontrar julgamento'.

Quinta do Arrassaio, sobre a ribeira de João Antão. A origem de *Arrassaio* deixa poucas dúvidas: *harassim* 'esconjuro', sendo João Antão o nome do deus/juíz/rio com atributos um tanto satânicos.

Benespera. *Bn spr* [bênesepère] 'contador, escriba, narrador' e 'livro, receita'. *Bensafrim* significa o mesmo, no plural [bensopherim] (cfr. in *Origens Orientais*, pp. 361-62, a interessante constelação de nomes referentes, aparentemente, a uma escola ou empresa). Encontramos um outro *soferim*, igualmente nas margens de um rio Teixeira, que veremos a seguir, o qual se refere ao culto dos mortos.

Numa pequena área ao longo deste rio Teixeira, além de um certo número de nomes associados à justiça acadiana/fenícia e de deuses do mesmo panteão, encontram-se vários vestígios de ter havido, em torno de *Cortes*, assembleias ou sítios de assistentes/mestres/discípulos/escribas, além dos habituais mordomos/juízes/sacerdotes.

Topónimos contíguos no raio de 1 km em torno de *Ervedal*: *Ervedal* | *São João*. *Hrbh dl* 'bodo, núpcias'; *hrhb* [êreb] 'deus do calor, do Verão e das ceifas, o Sol'. *São João* é o seu substituto, por ser festejado no solstício do Verão; *hrhb dal* 'bodo dos pobres'; *'arb dal* 'oficiante, mordomo dos pobres'. É sinónimo do *Teixeira* enquanto «Mordomo». *Chinfrões* | *Feitoria*. *Spr* 'recitar, ler uma lista', 'livro', e talvez também 'receita'; *soferim* 'recitadores, contadores, livros, escribas'; *sofer un s* [soferunis] 'recitar a força/estação/esconjuro/desgraça'; *sofer un ish* [soferunis] 'recitar a força/desgraça/conjuro do homem'. Uma metátese bastou para encontrar imediatamente a fórmula actual: *soferim un 's* [sinfrounis → sinfrones], chinfrões. É sinónimo de *Teixeira*-«narrador» e de *Benespera*-«contador».

Arufe, ponte de. *Ar 'op* [arauf] 'falar/cantar esconjuros'; *'op* 'pássaro'. É o m.s.q. *Chinfrões*.

Casal Dufe. *Opp/uff* 'esconjurar', 'dominar/domesticar' (os espíritos). É sinónimo de *'sr* [eissara] 'pássaro'; *t' h 'sr* [eissara] 'o que relata conjuros, que conta os pássaros'. Sinónimo de *Teixeira* 'oferente de pássaros/esconjuros'.

Cruz e *Portela* são contíguos de *Dufe*. *Kr̄s* 'augúrios', e *p ubryt* 'fala do destino último', *pr' t* [pertâ] 'primordial, antepassado', *pr' t 'ly* [periteile] 'antepassados dos familiares'.

Frende, ponte de. *Phr ndd* [ferende] 'reunião dos errantes' que são as Almas; *ndd* 'ser errante' é sinónimo de *t' y*, *t' h 'egaga* [teieigaga] — teixeira, ou desdobramento de *Portela*: *pr' t ndd* 'antepassados errantes' [perintende → fritende]; *p' r nd* 'proclamação emitir'; *pr' nd* 'primícias enviar'.

Almas. *Alm*, *'lym*. 'Olmo, antepassados, espíritos', traduzido por *Carvalho*. É o m.s.q. *Carvalho*.

Miquas. *Mks+yqy*: *mks* 'cobertor', *yqy* 'prestar honras, render preito' (hb. *migen* 'obsequiar, agasalhar'). *Miquas* está, portanto, bem identificado com a ideia de honrar/agasalhar; *magzy* 'regalo, obséquio'; *mgt* 'sacrifício', relacionado com oferendo de banquetes.

Bacelinhos, contíguo de *Miquas*. *Bht ilim* [batjê ilim] 'bem-vinda aos divinos'. *Bht* [bâtjê] 'bem-vindo', 'dar as boas-vindas', 'salvé'; é muito próximo foneticamente de *btt* [bâxt] 'festa, «sacrifício»' e 'vergonha/desvergonha'. Temos então, mais uma vez, a ideia do «banquete» aos espíritos.

Somate. *Sm 'mt* [sâmmate] 'ouvir / atender / fazer caso dos mortos' (=adivinhação).

Quinta de Guimarães. *Gmr* (ac. *gumaru*) 'braseiro'; *gumaru un* 'braseiro do esconjuro'.

Pena Curva. *Pn qrb* [pencârba] 'em frente do chamamento, da evocação'.

Barqueiros, nome do cabeço. *Bqra 'ry* [bacraeiriu] 'na encomendação dos desfalecidos' (=no agasalho dos mortos).

Feitoria. Não será a tradução do nome de uma empresa fenícia, mas antes o efeito conjugado dum decalque e de uma reminiscência local quanto a ditos populares ou eruditos sobre uma «feitoria» nessa região: *pr't* [fareit] 'primordial, ancestral' [fareit → fateire]. É o mesmo sítio que *Chinfrões*, na carta a menos de 100 m.

A relação entre todos estes nomes permite perfeitamente concluir que se tratou de um lugar de oferenda de agasalhar os mortos, invocar ou encomendar as almas que tinha lugar no cabeço chamado *Ervedal*. A referência a Almas (*alm* 'carvalho', *ilm* 'espíritos') e a um *Carvalho* (almo) remete-nos geralmente para o culto dos mortos e para os augúrios, como temos visto, relacionados com os almos ou olmos.

O ritual chama-se hoje entre nós «Encomendação das Almas», de que algumas fórmulas são enumeradas, como para serem executadas em várias etapas ou jornadas. Vários autores coleccionaram os respectivos textos, em verso, nomeadamente Lopes Dias, na Beira. Durante certas noites da Quaresma, um grupo de pessoas (só homens ou só mulheres) sobem a um monte, ou andam de porta à porta, e apelam, rezando, gritando, cantando e por vezes lamuriando, em direcção dos vizinhos a fim de que se recordem das Santas Almas. Sítios há em que os apeladores se cobrem com um lençol branco (como se imaginam as almas); noutros lugares, forma-se uma procissão que percorre a aldeia de um extremo ao outro até à porta da igreja, com o fim de «encaminhar as Almas»; nesta procissão os participantes abstêm-se de olhar para trás, porque suspeitam serem seguidos pelas Almas; chegados à igreja, batem à porta com os cacetes, «entregam» as boas Almas e «desencomendam» as más que se teriam infiltrado na procissão.

O culto doméstico dos mortos ainda se chama «agasalhar um morto»; até há poucos anos em Trás-os-Montes (não sabemos se ainda se faz), a família que havia perdido um parente fingia recebê-lo à mesa durante nove dias reservando-lhe um lugar vazio, ou convidando para o substituir um pobre que se vestia com a sua roupa. Durante nove dias punham sobre a cama todo o pão existente em casa e convidavam diariamente o «Leão» a servir-se, costume esse que Amílcar Paulo identifica como um elemento da cultura judaica transmontana. Fizemos referência a estes costumes fúnebres in *Religião Popular* (pp. 180 segs.) onde associamos a Encomendação das Almas às sementeiras, no fim do Inverno.

Tudo condiz, portanto, até ao mais pequeno pormenor da linguagem — com o ritual de Ugarit. Simplesmente, nos séculos (ou milénios?) passados o ritual seria de importância incomparável, ao ponto de dar o seu nome aos sítios onde se praticava. O «templo das divinas estrelas» aconselhado pela tabuinha seria uma fórmula para dizer «sob as estrelas», durante a noite.

Concluindo, recorrendo à homofonia, temos para *Teixeira*:

<i>t' ȳr</i>	[teixâra]	'oferece série de fórmulas, receita cânticos seriados'
<i>t' ys' 'ry</i>	[teisaeire]	'oficiante de levantar os desfalecidos'
<i>t' isa' ry</i>	[tâisseire]	'apressa-se a levantar os desfalecidos'
<i>t' y' ̄r</i>	[teieissâra]	'oferece matar a fome', 'oferece banquetes'
<i>t' y' ̄r</i>	[teixeira]	'mordomo, oficiante do banquete'
<i>t' y' tr</i>	[teitjâra]	'oficiante que dispõe a mesa'
<i>t' y' s' 'ry</i>	[teisaire]	'mordomo/oficiante do prato dos desfalecidos'
<i>t' y' ̄r</i>	[teixeire]	'oferece o pássaro'
<i>t' y' s' 'r</i>	[teisaeire]	'oferece o prato de permuta'
<i>t' h̄s' ry</i>	[taexeire]	'ataca-se a agitar / a apressar os desfalecidos'
<i>t' h̄ss' ry</i>	[tasseire]	'ataca-se a recordar / a agitar a memória dos desfalecidos'.

E para Benespera:

<i>bn spr</i>	[benesspere]	'criatura do livro / da contagem; recitador, escriba'
<i>bin spr</i>	[bienesspere]	'entende a contagem, conhecer a recitação'
<i>bn spa' r</i>	[benasspaire]	'criatura da colecção/reunião/celeiro da permuta'
<i>bn sper</i>	[benspere]	'criatura ocupada dos esfomeados'
<i>bn sipr</i>	[benxipâra]	'criatura do pássaro'
<i>bn̄s pr</i>	[benaxpere]	'na colocação da fruta'
<i>bhn asp pr</i>	[benaspere]	'no momento da colheita da fruta'
<i>bhn asp pr</i>	[benasppere]	'está aqui a colecção das primícias'
<i>bn asp' ry</i>	[benaspeire]	'criatura do repasto dos desfalecidos'
<i>bn h̄sp' ry</i>	[benaspeire]	'criatura de aspergir os desfalecidos'
<i>bhn asp' ry</i>	[benaspeire]	'no ajuntamento dos desfalecidos'
<i>bn̄s p' ry</i>	[benaxpeire]	'com o levantar da voz dos desfalecidos'
<i>bn h̄ss p' ry</i>	[benassepeire]	'criatura de recordar a voz dos desfalecidos'
<i>bn h̄s p' ry</i>	[benexpeire]	'criatura de agitar/apressar a boca dos desconhecidos'.

Encontramos em Mesão-Frio um outro rio *Teixeira*, afluente do Douro (cfr. carta 126) e um sítio chamado *Chinfrões*, que se associa imediatamente a 'contar', como *Benespera*. Em torno destes nomes, uma série de outros, no raio de 1 km, remetem-nos para três direcções: contar, agasalhar as Almas e adivinhação. *Teixeira*, *Benespera* e *Chinfrões* significam por si só tudo isso, e ainda por cima alguns desses nomes estão decalcados sobre frases do próprio ritual.

Vejamos primeiro o nome *Teixeira*, os ritos ugaríticos referentes aos mortos e comparamos enfim os nomes registados pela carta militar no raio de 1 km. *Teixeira* significa antes de mais 'contar fórmula', 'recitar encantamentos': *t' y' ̄r* [teixâra] ou *t̄r* [tjeixeira] 'oferecer cânticos'. Refere-se ao que os especialistas designam por rito do *t' y* [tjeei], chamado assim por aparecer numa fórmula que deve ser executada sob a forma de uma contagem até sete *t' y*: «ofereço uma, ofereço duas», etc. O hb. *t' h̄* [teia] significa 'extraviar, errar, buscar de um lado a outro' e 'seduzir'; é sinónimo de *̄egaga* 'errar, extraviar' (cfr. Jenni e Westermann, *Diccionario teológico*, cit., II,

p. 1092). Quanto ao culto ugarítico propriamente dito: «A expressão *bt t'y* [baitêie] significa 'casa da oferenda', equivalente a casa do ver; *bt t'y* seria um lugar de adivinhação [...]. Uma boa atestação de *t'y* [têie] consistia na série chamada 'Invocação aos Repaim' [espíritos] a propósito da qual A. Caquot refere uma fórmula do ritual em que um gesto é efectuado sete vezes acompanhado cada vez de uma oferenda. Anda ligado à pessoa do rei, pelo menos com um dos seus antepassados por referência ao rei Niqmad. No fim da tabuinha precisa-se que se sacrifica um pássaro, depois vêm os desejos de paz para o rei e para a cidade de Ugarit; esta tabuinha é intitulada *Livro dos Sacrifícios* (*spr dbh*); ora os sacrifícios mencionados são os sete *t'y* e o pássaro» (cit. Jean Michel Tarragon, *Le culte à Ougarit*, 1980, p. 59). Aparece acompanhado de *ilim* (deuses, espíritos) e da expressão «no templo das divinas estrelas», cuja natureza se ignora até hoje; *sr* [xara] relaciona-se também com o número 10. *T'y sr* 'oferecer um fórmula', 'oferecer um pássaro' e 'oferecer dez'.

Com este sentido de 'oferecer', o português Teixeira encontra-se depois na expressão ugarítica *t'y sr* [têiêxâra] 'oferenda alimentar', 'oferenda de matar a sede', 'dar um banquete', 'oferenda de agasalhar, de receber em casa' (cfr. *ibid.*, p. 102). Por outro lado, segundo o glossário de Del Olmo Lete, *sr* [xara] significa 'cantar', 'insidiar', 'assediar' e 'tocha', e é um elemento do nome de Motu Šarru (deus da morte); *srh* [xâra] 'soltar'; *sr'* [xaria] 'fluxo'; *T'y sr* [Têieixâra] 'ofereço um banquete'.

Vejamos em que consiste a Invocação dos Repaim, nos mitos de Ugarit. Este texto corresponde ao nosso rito popular da Encomendação das Almas, baseado na ideia de chamar, oferecer um banquete, agasalhar, propor guarida aos espíritos. Os autores conhecem-no pelo nome de «Saga dos Repaim» (*repauuma* ou *refaim*), e está muito incompleto por a tabuinha se encontrar quebrada. No poema, os curandeiros (*rpa*, pl. *repaim*) são incitados a oferecer sacrifícios, banquetes, «agasalhos», aos seus homólogos sobrenaturais, os Repaim, curandeiros divinos ou espíritos, tal como procedeu o curandeiro Daniilu do texto que, no seguimento de uma invocação desse género, obteve descendência e prosperidade.

Os curandeiros humanos (*repai* pl. *repaim*) e os divinos (*Repaim* encontram-se confundidos no texto, ao ponto de ambos serem classificados de divinos (*ilim*). Segundo Del Olmo Lete (*ibid.*, p. 413) «[a Saga] pertence à série dos textos que fazem menção de Daniilu (Daniel), mas os autores ignoram se Rapauma [Repaim ou Refaim] são seres divinos ou humanos; alguns traduzem Repauuma por "Manes", "Heróis legendários do povo", "heróis mortos ou divinizados". O poema dos Repaim é uma exaltação ou uma evocação sem se poder precisar até que ponto a comemoração é cúltica. Dado o seu carácter antifonal, poderia ser um texto cúltico-funerário; os Refaim são objecto de repetido agasalho, correspondendo talvez ao culto doméstico, e participam, ao que parece, em vicissitudes celestes em torno de Baal. Resulta em contrapartida, mas muito mais hipotético, que a função concreta deste poema é a de assegurar a sobrevivência da família de Daniilu e resolver a seca e a fome que se haviam desencadeado após a morte de seu filho Aqhatu, acarretando inclusivamente a entronização e a divinização do herói. Daniilu teria participado nesta saga na qualidade de *repai*, isto é, como um dos heróis divinizados».

Caquot e Snycer chamam a esta saga «Convocação dos Repaim», e citam Viroleaud, que diz figurar aí um chefe dos Refaim, o qual responde à convocação. Algumas passagens menos obscuras informam-nos da actividade dos Refaim: uma viagem de três dias condu-los aos «ares» e sobre as «plantações» e, aparentemente, aí se

banqueteiam durante uma semana. O poema comporta o anúncio de que alguém terá uma posteridade [...]. Os Repaim de Ugarit correspondem aos Refaim da Bíblia, aos «Manes» romanos e aos *'lm* ou *'ilnym* púnicos ('seres divinos'); admite-se sem dificuldade que os Repaim sejam os habitantes do Sheol e que o *Deuteronomio* (2:11) aplica aos habitantes pré-históricos da Palestina [...]. É impossível separar este termo da raiz *râpâ* — que significa 'curar'; o P.^o Lagrange não hesitou em reconhecer os Repaim da Bíblia como «os curadores por excelência». O facto de eles virem «sobre as plantações» deixa supor a sua acção na fertilidade da terra, porque o «curar» bíblico entende não apenas o restabelecimento da saúde dos indivíduos como a restauração de uma potência destruída e a própria fertilidade. Há também quem os considere como derivados do termo 'enfraquecido', aplicado aos defuntos: os Repaim seriam os que se encontram no mundo dos mortos designado no poema por «cidade dos Repaim», com o poder de curar, (*ibid.*, pp. 466 segs.).

EVOCÇÃO DOS REPAIM

[Convidam-se os repaim, curandeiros, a agasalhar os Repaim celestes]

[...] cordeiros, repaim, sacrificareis
 Vítimas oferecereis sete vezes, divinos,
 Para que quando morrerdes
 Com os filhos de Ilu vos sentares
 E no conselho dos santos tomares assento
 Nos dias de Verão nutrireis os divinos,
 Carnes comereis [...]
 Na continuação disto os repaim sacrificaram cordeiros
 [...]

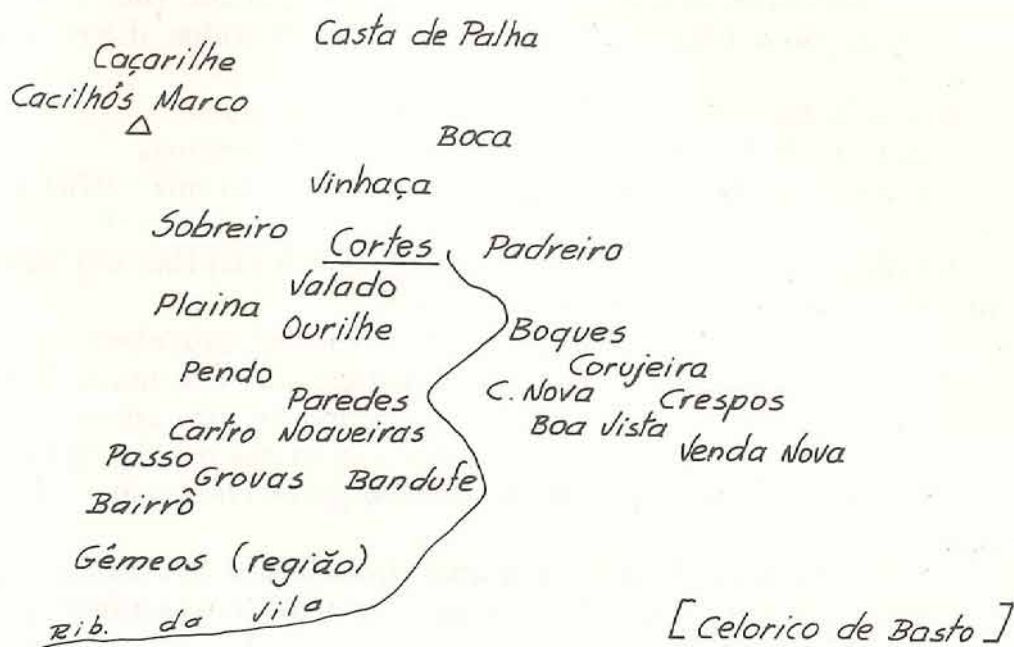
[Daniilu, repai, executa]

Vinde a minha casa, Repaim
 A minha casa vos convido
 Convoco-vos, seres divinos, ao meu palácio
 [Depois disso] os Repaim puseram-se em marcha
 Depois disso partiram os divinos
 Atrelaram os cavalos
 Montaram seus carros [...]

Marcharam um dia e outro
 À aurora do terceiro dia
 Chegaram os Repaim às eiras,
 Os divinos às plantações [...]

[...] e disse o *marza'y* [mordomo]
 Vinde a minha casa, Repaim,
 A minha casa vos convido
 Chamo-vos, divinos, ao meu palácio
 [E depois disso] os Repaim marcharam
 Depois disso partiram os divinos... *etc.*

7. Ter pacto com o terebinto



Escola: Os nomes mais afastados situam-se a cerca de 3 km de Cortes.

Cortes. É o m.s.q. *Sobreiro*, *Padreiro*, *Ourilhe*, *Plaina* e *Vinhaça*.

Sobreiro. *Sbrt*; já conhecido.

Valado. *Baladu* 'distrito/região'.

Padreiro (sic). *Pdr* 'povoação'; *pdr ary* [padrairo] 'povoação dos congêneres'.

Ourilhe. *Wâr 'ly* (hb. 'awil') '(lugar da) vinda dos congêneres'.

Plaina. *Pl'ny* 'juiz/julgamento' (lit. 'juiz de dizer-responder').

Vinhaça. Ac. *binussu* 'parentela/relações de família'.

Boca, Boques. *Bq'* (hb. *baka*) 'partir/abrir/fender', e *bê* 'recipiente'.

Marco. Hb. *makom* 'o sítio/lugar'.

Caçarilhe. É o mesmo que *Cacilhôs*: *ksl* 'costa', 'espaldar', talvez *ksl'z* [cacilazz] 'espaldar, costa forte', ou 'espaldar do forte' (título de rei). *Cacilhas*, como sinónimo de ignorante («passar pela universidade de Cacilhas=universidade dos burros ou dos analfabetos»), deriva do hb. *ksl* [kesil] 'imbecil, ignorante'. Note-se a homologia entre 'costa / espaldar' e 'imbecil/burro', na medida em que os burros servem de espaldar/trono; em Canaã e na Síria, o burro era um animal de luxo (antes da recente introdução do cavalo). Alguns explicam este dito pelo pretenso facto de «haver em Cacilhas caravanas de burros para alugar», mas é uma explicação criada a partir do próprio dito popular.

A 2 km:

Corujeira. É o m.s.q. Crespos, *Venda Nova* / *Casas Novas*.

Corujeira. Sítio dos augúrios: *krs ara* 'vísceras/tripas falam' [karaxare]; *krs sr* [caraxara] 'entranhas insidiam'; *krs sr* 'entranhas cantam' (hb. *ser*).

Crespos, num ribeiro. *Krs p* [kerespo] 'as entranhas dizem' (sítio/pessoa dos augúrios).

Venda Nova. *Bent nab* 'profetas/adivinhos/iniciados'.

Boa Vista. *B bst*, santuário e/ou lugar de ritos eróticos.

Casta (sic) de Palha. *Kht pl* [kahatj pala] 'sólio do juiz'; relaciona-se com *Caçarilhe*.

Bandufe / *Azenha de Bandufe*. *Bent pp* [bentufe] (hb. *uf*) 'edifício dos esconjuros' ou 'profetas/iniciados dos esconjuros'.

Nogueira. É o m.s.q. *Bandufe*; *ngr/nbr* [nagar] 'juiz/ribeiro'.

Bairro. *Bry* ou *barrium* 'governador/mandatário'. É o m.s.q. *Passô* e *Grovas*.

Passô *Paum* 'distrito administrativo', 'termo de uma administração'.

Grovas. *Rgb/yrgb* [rogbe] 'formidável', (título dos reis de Ugarit [rogbe → gorve → grova] (sir. *ragaba*). O *paum* do *barrium* *grove* era a 500 m do sítio hoje chamado *Castro*.

Pendo. *Pnt* 'junção'; refere-se a uma encruzilhada de estradas à saída do *Crasto*.

Gêmeos, região. *Glm* (hb. 'elmem) [gelmeos] 'servidor/príncipe'.



Cortéis (*kort' lys'*) situa-se sobre o Rio da Vila, afluente do Tâmega.

No raio de 1,5 km:

A região, *Britelo*, tem um segundo nome, *Foral*.

Britelo/Foral, *Paixão*, *Paço*, *Crasto*, *Mosqueiros*, *Seturrada*, *Touro* e *Cordoeira* são sítios contíguos e indistintos.

Britelo. *Berit'ly* [berit awil] 'pacto dos congéneres/parentes'. Temos mais uma associação da expressão cananita *kort berit*.

Foral. *Pubr'ly* 'reunião/totalidade/consenso dos congéneres'; sinónimo do anterior.

Passar. *Ptr* [patsar] 'fender/rachar' (= *kort*).

Cordoeira. *Qry dor* (hb. *qarah*) 'encontro da parentela/famílias'.

Seturrada. *Sutu/sut rt* 'base/sede do apaziguamento', ou *st rt* 'sítio da sujidade'; referente a um lugar de imolações que foram os rios Cabril e Tâmega. É o m.s.q. *Touro*.

Touro. *Tar* 'parentela'; *tr* [tor/tar] 'touro/llu'. Podia ser ambos, porque *tor-llu* e *tar-parentela* confundem-se. Corresponde ao *Tarrio* de outras constelações; é o m.s.q. *Santa Iria*.

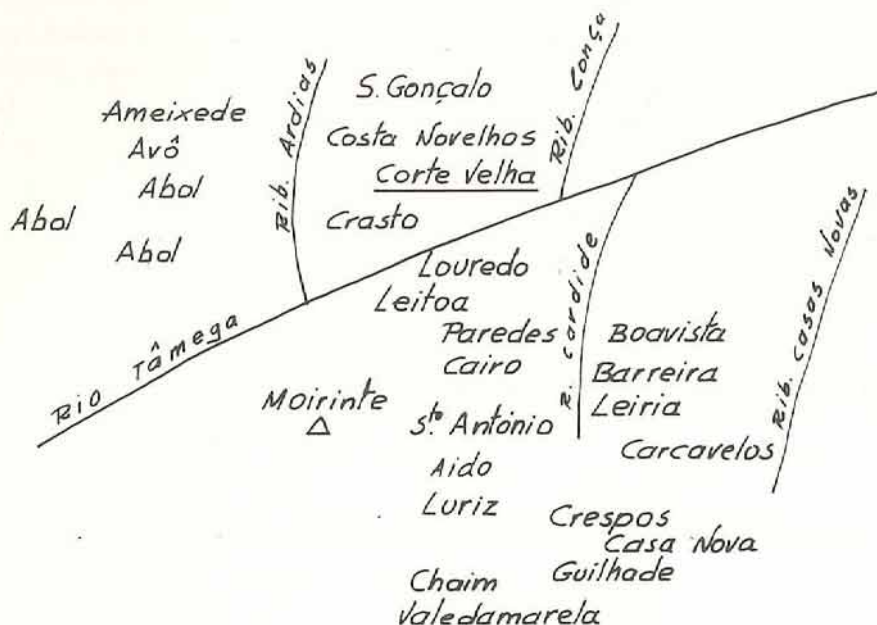
Santa Iria. 'R, 'ir [aire] 'povoação'; *ary* 'correlação de parentes' (=Leiria); *Situ 'ir* 'assento da povoação' (Santa Iria).

Mosqueiros. Hb. *smok'al* [→ moscal] 'confiança'; tem relação com os ug. *mks* [mokass] 'cobrir' e *smkt* [samku] 'altura/firmamento'.

Paço. Pode ter sido *patum* 'região administrativa'; *Paixão* será uma corrupção de *patum?* [patxum].

Fontela, nome do monte e de um pequeno lugar. *Pnt/fnt?* (+*ayl*) 'junção dos parentes'; *ph umt* (+*'ayl?*) [funtail] 'encontrar/ver parentela/clã' (sítio onde se encontra/mora a parentela/clã). Confunde-se com *Castro*.

Tanque, um morro numa volta do rio. *Tnqp* [tanaqu p] 'volta/giro', referente a uma volta caprichosa do rio e do caminho que o acompanha.



Escala : Os nomes mais afastados situam-se a 2km de Cortes.

Cortes Velha: note-se que *Cortes* é feminino singular, apesar de ter um *s*. Sobre o rio Tâmega e o ribeiro da Conca, no local de um *Castro* e numa região onde os sítios sobre os rios/ribeiros têm tendência a chamar-se *Matos*.

Cortes é o contíguo de *Louredo*, *Conca*, *Novelhos*, *São Gonçalo*.

Louredo. *Lwar ed* [lorouedo] 'onde se vai ao testemunho'.

Conca. *Knkny* 'sepultura', 'conduta de libação' (corresponde aos *Cónego*); *kn k* 'fixação, normas, direito, estabelecer normas' (corresponde aos *Famalicão*).

Novelhos (sic). *Nab 'ly* 'profetas' (do Altíssimo?) É o m.s.q. *São Gonçalo*.

São Gonçalo. *Gzy 'n alal* 'propiciar os almos/espírito/ministro de Deus'. Como o culto pode ter fins matrimoniais, os 'ministros' podiam ter sido os «novelhos». *São Gonçalo* é o m.s.q. *Costa*.

Costa. *Agzt* 'desposórios / encontros para os desposórios'. Estes sítios estão sobre o ribeiro de *Ardias*.

Ardias, ribeiro de, (contém águas sulfurosas). *Atry* [atjry] 'sorte / resultado final' (julgamento pela ordália, lugar de adivinhações, ao *Gonçalo*). Tem relação com *atryt* 'lugar santo'. É o m.s.q. *Ameixede*, *Abol*, *Casal do Avô*.

Ameixede. *Am'sy ed* [amaxiede] 'povo/gente/antepassados exprimem testemunho'; refere-se aos ritos divinatórios invocados no *Gonçalo*.

Abol (região) e *Avô*. *Aby'l* 'antepassado/espírito paternal', rio ou parentela (*Avô* é uma corrupção de *Abol*, e mesmo sítio); corresponde aos *Ave* e *Alva*.

Do outro lado do Tâmega, na vertente do Moirinte:

Cardide, ribeiro que desagua em *Cortes*. *Qr ydd* [caridade] 'fonte dos amantes'.
Boa Vista a 1 km de *Cardide*. *Ba bst* 'na sexualidade/desvergonha'.

Leitoa. *Lty/yld* 'engendrar, parir'.

Luriz, a 1 km de *Leitoa*, na nascente do *Cardide*. *Lusr* (ac. *išaru*) [luxir → lurix] 'pênis, membro viril'; corresponde aos *Mór*.

A região onde tudo isto se passou chama-se *Moirinte*, nome do morro sobranceiro a *Cortes*.

Moirinte. *Mbr umt* [marumte] 'dote de clã' (*um* 'mãe', *umt* «família/clã»).

Paredes. *Prd* (hb. *pardess*) 'parque/jardim/palácio'. É o m.s.q. *Cairo*.

Cairo. *Qryt, qry* 'povoação/cidade' (hb. *qiryā*); algures existe *Caria* e *Alcaria*.

Santo António. *Aton*.

Barreira. *Bry* 'corte ou marco', ou *barri'um*; vai com *Leiria*.

Leiria que é o mesmo que *Carcavelos*. *Leiryā* 'à cidade'. Note-se a associação *Barreira-Leiria*, como nas *Cortes/Leiria*.

Crespos, a 2 km. *Krs p* 'as entranhas falam' (lugar/pessoa dos augúrios). É o m.s.q. *Praino*, *Casa Nova* e *Chain*.

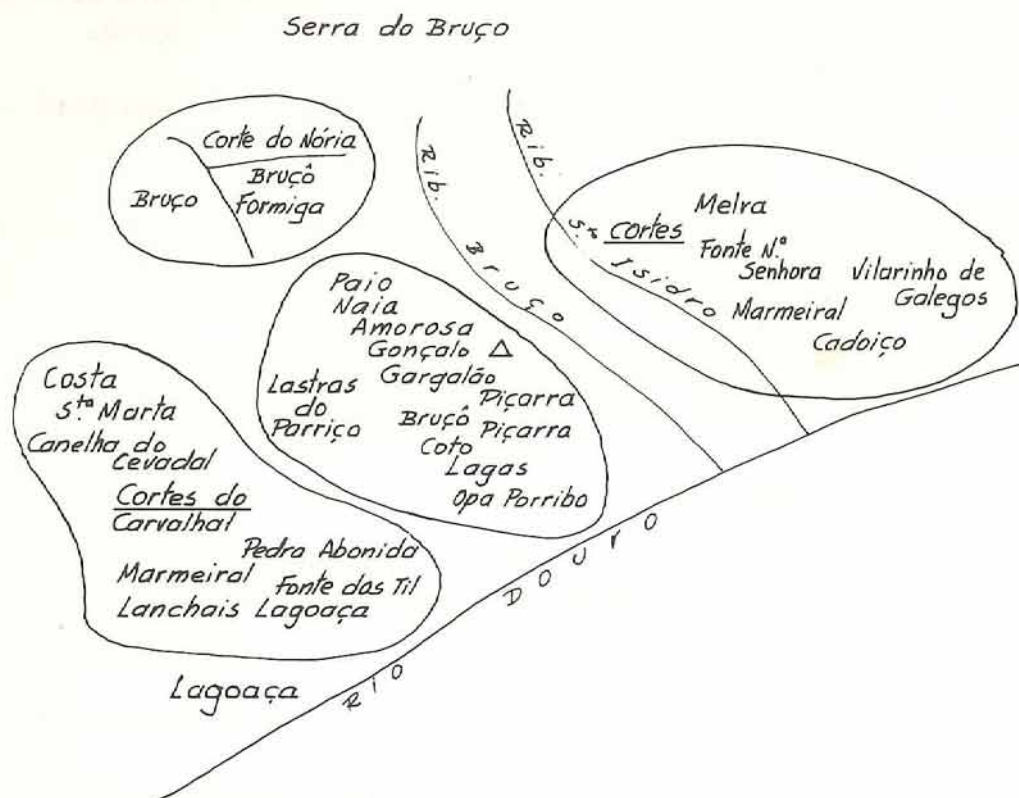
Praino (*Plaino*). *Pl'ny* 'juiz que vê / vê por cima' (adivinhação) (cfr. *Plaina / Ourilhe*).

Casa Nova e ribeiro das *Casas Novas*. *Kasu nb* 'assento dos adivinhos'.

Chain. *Šal' lim?* [xalim] 'interrogar almas/espíritos' (= *Gonçalo*).

Guilhade. *Hl ad aḥ l ad* [agaléade/agalade], lit. 'agoiro replicado' ('implorar contra o anátema/agoiro'). É o m.s.q. *Chain*.

Valdamarela (*sic*), contíguo de *Chain*. *Pal d amr' l* [baldamarale] 'senhor que vê por cima' (adivinho).



Escala: Os nomes incluídos nos círculos situam-se num raio de 1 a 1,5 km.

Os círculos situam-se num raio aprox. de 5 km.

Três *Côrtes* distam entre si uns 7-10 km, numa vasta região, desabitada, toda ela chamada *Bruçó*, em que os sítios/nomes são extensos.

Bruçó. Talvez de *b̄sr* 'l' (ar. *basira*) 'cortar/cindir/talhar', ou de *b̄sr* 'espreitar/espionar/inteirar-se de/comunicar uma boa notícia, bruxo' (ar. *bašara* [baxara]). O termo 'bruxa', enquanto pessoa que se inteira/adivinha/espia para comunicar uma informação', derivaria de *bsr* [baxara → braxa → bruxa].

Fonte de Nossa Senhora, Marmeyral. *Amarm* 'encargo encomendado' (feitiço); *mbr ary'ly* [mormorale] 'dote de cônjuge'; é contíguo de *Cadoiço*.

Cadoiço. *Kadosh* 'santuário', a actual Nossa Senhora.

Rio Santo Isidro ou *Rio de Bruçó*. *I'srit* [iserit] 'da felicidade/alegria', 'boa notícia (adivinhação)'; [isrid → isidr]. Rio dos adivinhos, da boa sina. Talvez até *snt isrit* [sant isidr] 'sonho da boa sorte'.

Ribeiro do Poio, afluente do *Bruçó/Santo Isidro* e *Serra do Poio*. Talvez *po'yw* [poiô] 'apelar ao rio/Yamu'. *Yw* é o nome abreviado de *Yammu*, deus/rio/juiz.

Fonte da Naia. Fen.-pun. 'anaia' 'hospedaria'. Muito frequente.

Piçarra (monte). É o mesmo que *Bruçó*, *Abicheiros*, *Lastras do Pariço*, *Lagas* (várias), *Coto*, *Faia da Opa* e *Porribo*.

Piçarra. *P sr* [pissarro] 'boca do rei' (juiz/adivinho/lugar-tenente).

Lastras do Pariço. Talvez *parz* 'convocação' (*lahst* 'charlas'); ou *lahst pr issa* [lasta parissa] 'conversas de contratar mulher' (namoro, dote; corresponde aos *Mór*).

Lagas. *Lh* [lag] 'mensagem/ditado/escrito'.

Lagoaça. *Lg hss* [lagueasse] 'mensagem/leis do corte' (= leis de contrato).

Coto. *Kt* (ac. *kutu*) 'estrado' (do rei/juiz/legislador).

Faia da Opa. *Pheah* 'pps' 'ver por cima' (conjurios). É o m.s.q. *Porribo*.

Porribo. *Puhru aby* 'assembleia do ancestral'; *puhru rabi* 'assembleia dos mestres/anciãos'.

Abicheiros. *Aby sr* (hb. *šaršer*) [abicher] 'paternal príncipe/ancestral parente'.

Corte do Noria. É o m.s.q. *Bruço* e *Gonçalo*.

Corte do Nória. *Krt nhr* 'kort do rio'.

Gonçalo. *Gzy' all* (*aln*) 'propiciar o almo/espíritos/assistente'. É o m.s.q. *Gargalão* e *Amorosa*.

Gargalão. *G' r g alanu* 'lançar voz / apelar ao almo/roupa' (ac. *alanu*). Refere-se a um culto que consistia em suspender roupa nos terebintos (a que chamamos «culto do Gonçalo»); *alanu* ('roupa') confunde-se com *elablelon* 'terebinto', *elin* 'espíritos' e '*lm' ln* 'sofrer'.

Amorosa. Deve ser uma tradução actual, referente ao culto erótico do *Gonçalo*, embora pudesse ser decalcada sobre *amar* ('ver / ter visões').

Marmeirai, *Abonida* e *Lanchais* são contíguos, relacionados com o casamento e o erotismo.

Marmeirai. *Mhrm ary' ly* 'dote de cônjuge' (= *Mór*)

Pedra Abonida. *Abn yd* 'pedra dos amores'. 'Pedra' é tradução de *abn yd* 'membro, razão, amor e falo'.

Lanchais. *L ans' l* 'amabilidades/fraternidade' (como na *Sapata Rota*, *Gonçalo*).

Fradinho (rio e vários sítios). *Pra/fra t' n?*, *pr' t dyn?* 'soberano/primordial do direito/julgamentos' (cfr. expressão «Fradinho da Mão Furada»).

Fonte dos Til (*sic*) [do stil]. *Sty* 'beber'. A *Fonte dos Til* é a fonte de beber, pura e simplesmente.

Cortes do Carvalhal (*Lagoaça*), *Santa Marta*, *Costa*, e *Canelha do Cevadal* são contíguos:

Costa. Foi o lugar dos desposórios.

Cortes do Carvalhal. *Kort qrb' ll* [corte carbalailu] 'corte dos congéneres'.

Costa. *Agzt*.

Santa Marta, um santuário. *Mhr* 'dote' (= *Martinho*), que tem um segundo nome, *Canelha do Cevadal*.

Canelha do Cevadal, coincide com o terreiro do santuário de *Santa Marta*. Algumas hipóteses deveriam ser testadas no local: a) *kn' ly sb dl* [kanelya sebadal] 'costume/sítio de o Altíssimo saciar o pobre' (lugar de bodos ou de um albergue); b) *kn*

'ly sb dl [canalia sebadal] 'costume/sítio de se ocupar do pobre'; c) qn aly sb' d al [canalia sebadal] 'o estômago é mais forte sete vezes de certeza'; d) k an hl sb' d aliy [canala sebadalia] 'deveras a força rapidamente sete vezes mais valente'; e) khn 'ly sb dl [kohenely sebadal] 'sacerdote do Altíssimo sacia o pobre'; f) kn 'ly sb dll [hb. sabab, ar. dala] 'sítio do convertido / extático profeta / mensageiro' (convento, ermitério); g) khn 'ly sb dll 'sacerdote do Altíssimo convertido profeta/mensageiro'.

Podemos ainda acrescentar: $\bar{y}b$ (hb. $\bar{y}bab$) 'ancião' e 'cativo'; dll (ac. *dalilu*) 'tributo/homenagem'. Podia até ter sido tudo isto ao mesmo tempo, uma vez que os santuários eram multifuncionais.



Escala: Num raio aprox. de 2km de Corte.

No raio de 2 km:

Córtes, no rio Aguilhão. É o mesmo sítio que *Bertelo*.

Bertelo. *Berit* 'ly 'aliança dos congêneres'; nova associação *kort berit*.

Concieiro. Ou *kn ans ary* [canansario] 'normas da corporação dos parentes/congêneres'; *qns ary* [cônessario] 'agachamento/procriação dos parentes'. É o m.s.q. *São Martinho*.

São Martinho. *Mbr* 'dote, vigor sexual masculino'.

Aguilhão, rio. *Ahu yam* [aguiamu] 'água de Yammu' (=rio-juiz).

Bandugem. *B'nd abu* 'dedicado à água'; *bn d abu* 'filho que é da água'. Traduzido por *Fontes*; neste local foi encontrada uma ara com a inscrição AUGE (cfr. *supra* p. 147).

Barreiro. Como de costume.

Lebre, o morro sobranceiro. *L hbr* [laabura] 'sítio dedicado aos companheiros/parceiros', 'comunidade/parceria'.

Note-se a importante associação dos três nomes: *kort*, *berit*, *hbr*. Esta pequena constelação de sítios bastaria para demonstrar a correspondência das afirmações dos autores quanto à *berit* cananita e este nosso estudo. Cfr. introdução a este capítulo, e o que diz Max Weber sobre a associação *Kort - berit - hbr*.

De um lugar a outro, *Gonçalo* podia ter-se formado de vários modos, conservando o mesmo sentido:

gzy 'ly [gazyalo] 'implorar o Altíssimo ou o Eterno'; *gzy 'lyn* [gazialin] 'implorar o Altíssimo, o Eterno'; *gzy 'ny 'l* [gazianialo] 'implorar os dizeres do alto'; *gzy aln* [gazialen] 'implorar o terebinto/almo/carvalho'; *gzy 'lim* [gazielion] 'implorar os espíritos'; *gzy 'lim* [gazialim] 'implorar o vizir / instruído / ministro do culto'; *gzy all* [gazialalu] 'implorar a roupa', 'implorar com a roupa'; *gzy alnu* [gaziálenu] 'implorar a capa'; *gh zl 'l* [gozelalo] 'voz do reflexo do alto, voz do

eco do alto'; *gb zi 'ly* [gozialio] 'voz do habitáculo do Altíssimo'; *gb 'n zl* [goinizalo] 'voz de dizer o reflexo/eco'; *gn zu 'ly* [ganzualo] 'interior do habitáculo do Altíssimo'; *g za all* [gazaalalu] 'voz da humilhação da roupa'; *g zu all* [gazualalu] 'voz do habitáculo da roupa'.

A associação entre imploração e *roupa* deriva da raiz 'll, que tanto significa 'roupa' como 'lamentação'. Os prantos, ou lamentações, incluíam o costume de rasgar a roupa talvez diante da árvore ou debaixo dela. O carvalho seria objecto de um culto em favor da saúde, que consistia, nomeadamente, em suspender a roupa nas suas braças. Este costume existe ainda no islamismo popular norte-africano, de origem pré-muçulmana.

Existem ao todo 20 *Gonçalo*. Além dos que encontrámos em torno de *Cortes*, os outros compreendidos nesta mesma amostragem são os seguintes:

Gonçalo, na *Maia* (Carta 110). É o mesmo sítio que *Alheiro* (*alalu* 'roupa/vestidos') e *Folgosa* (cfr. *p/fzg* 'rasgar os fatos');

Gonçalves (*ibid.*), é o m.s.q. *Amorosa* e *Rodão*. *Amorosa* é a tradução do precedente. Vimos este mesmo nome em *Gonçalo*, *Cortes*, *Lagoaça*. *Rodão*: a) *rw dnt* [rodant] 'refrescar/rejuvenescer a luxúria/fornificação'; b) hb. *rai' dan* 'aspecto' (ordália); c) *ro' i dnt* 'aspecto/aparato da fornificação'.

Gonçalo, em *Pombal* (carta 274). É o m.s.q. *ribeiro da Garriapa* e *Pragueira*. *Garriapa*: *g' r' pp* [garriap] 'atrair o conjuro'; *Pragueira*: é a tradução (pragas).

Gonçalo, perto de *Mafra* (carta 402). É o m.s.q. *Além* (cfr. *elin* espíritos') *ribeiro do Coxo* (cfr. *ks* 'amado') e *ribeiro da Borracheira* (*bsr* 'informar-se de / comunicar boas notícias / bruxos' + *ar* 'iluminar/falar').

Um *Gonçal Mendes* (*sic*) e outro *Gonçalo Mendes*. Faz-se referência ao tipo de roupa que se suspendia nos carvalhos: 'vestidos (*md*) de doentes / de danados / enfeitados' (ug.-ac. *ans*, *ens*, *anús*, 'doente');

Gonçalo Mendes gzy aln md ens [gazyalno mad ens] 'propiciar o carvalho dos vestidos, propiciar o almo do fato de doente'.

Dois *Gonçalo Anes* (*anús* 'doente', *ans* 'fraternal');

Gonçalves Anes gzy' aln anes [gazialn anes] 'propiciar o almo dos doentes/danados'.

Sete *Gonçalinhos*, *Gonçalvinhos* e *Gonçalveiros*;

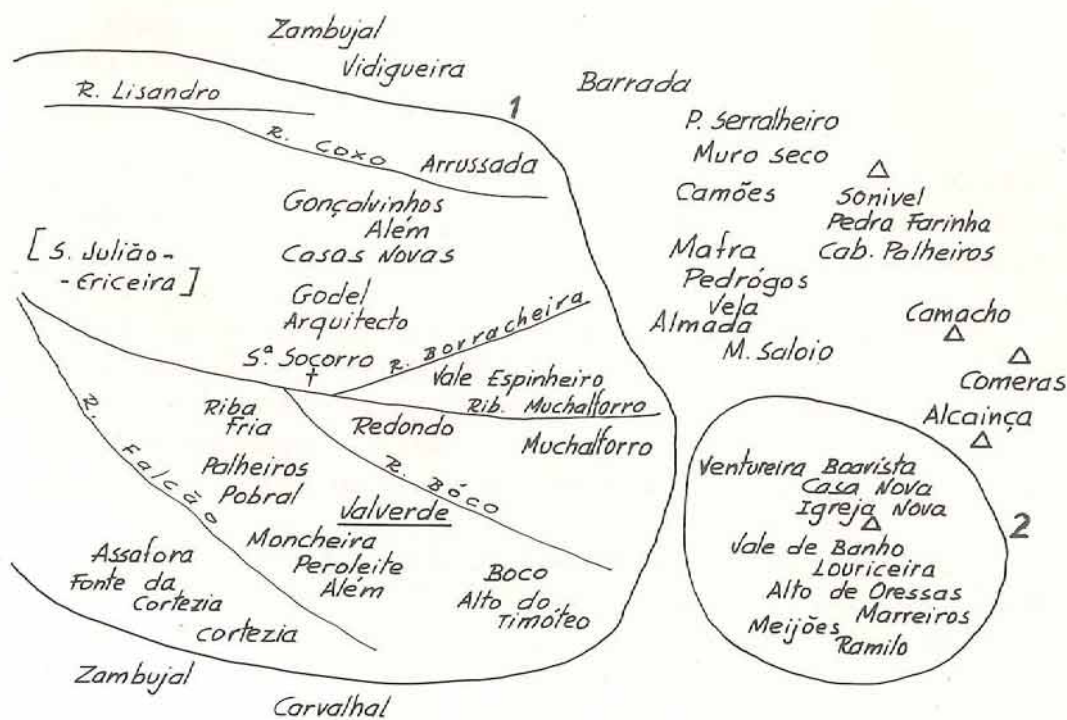
Gonçalinhos gzy aln 'n 'propiciar o almo que diz/responde'

Gonçalvinhos gzy aln bin 'propiciar o almo que entende ou que cria/procria'

Gonçalveiros gzy aln b' r 'propiciar o almo que ilumina/inspira'.

Perto de *Aveiro* era costume recente em certa festa as mulheres fecharem-se na sacristia e introduzirem uma imagenzinha de São Gonçalo (ou São Gonçalinho) sob as saias, dizendo que, com isso, «mostram o sinal ao santo». O São Gonçalo de Amarante é objecto de um culto erótico em que as mulheres «tocam o bordão» da sua estátua jazente, gesto consolador das mulheres idosas.

8. Bal - Brit é uma festa



- Círculo 1 - Nomes relacionados com o pacto e a justiça.
 2 - Nomes relacionados com contactos eróticos.

A região compreendida entre o Atlântico e o Tejo é riquíssima em topónimos fenício-cananitas, origem que os achados arqueológicos confirmam. Para não nos alongarmos, referiremos apenas alguns dos que rodeiam *Valverde* num raio de 3-5 km, interessando-nos exclusivamente pelos termos relativos à justiça e ao *berit*. A actual vila de Mafra terá sido o local de residência de um potentado político.

Valverde situa-se num ribeiro tributário do rio dos Cheleiros, que desagua na Ericeira, numa região em que identificámos uma forte presença de antigas indústrias fenícias. *Valverde* é *bal berit* 'senhor da aliança' (deus ou homem).

A menos de 2 km de *Valverde*:

Os ribeiros *Muchalforro*, *Coxo*, *Borracheira* e *Celeiros* nascem na encosta do outeiro de Mafra, encontrando-se num local hoje ocupado pela capela da Senhora do Socorro, e outrora um local de reuniões cálticas e de julgamentos.

A encosta de *Mafra* (sítio desabitado) tem o nome *Arquitecto* e, no interior, *Godel*: dois nomes inconfundíveis e de grande préstimo, por serem um lema de justiça:

Godel Arquitecto

godel araketyktu [godel araketiktu] 'o grande iluminado do estrado do trono' (título de rei); 'a grande potência-de-braço do trono'; 'a larga envergadura do estrado do trono'; 'a grandeza do iluminado do estrado do trono'.

A fórmula *gadul arakty* existe tal qual nos mitos de Ugarit, por exemplo, nesta expressão de ameaça: [Fala a deusa Anatu]: «Eu posso alcançar [os meus inimigos] com a minha direita, eu posso desfazê-los com a 'potência do meu braço'; posso destroçar a tua cabeça, posso fazer correr o teu sangue pela tua barba.» (*Mitos y leyendas*, cit. pp. 190, 518). Caquot e Szyner propõem «larga envergadura» (*ibid.*, p. 175). *Gadol* ou *godel* (hb. *gadula* 'grandeza') é normalmente título de príncipes, ou de magnates. Encontra-se com frequência nas constelações *Carcavelos*. Literalmente, a expressão compõe-se de 'largo' (ac. *araku*) e 'estrado' (*kty*, *ktu*). O topónimo *Arquitecto* repete a ideia de 'trono' (*kty+ktu*): *kt* 'estrado' dos juízes ou legisladores (ac. *kutu*).

Valverde e *Arquitecto* são contíguos de *Redondo*, *Espinheiro*, *Boco* e *Timóteo*.

Redondo. *Re'adon 'd* 'confraria/sociedade do senhor do trono'; *adon* 'senhor, deus ou príncipe' é sinónimo de *adr*, *adir*, (ac. *adru*, hb. *adir*) 'magnífico/estupendo/poderoso' (*ndr* 'fazer voto/promessa'). Corresponde aos *Abadia* e aos *Pisarro*. Segundo Del Olmo Lete, *ndr* é uma derivação de *adr* (*ibid.*, p. 511).

Vale Espinheiro. Local da capela da Senhora do Socorro. *Asp 'n 'r* [aspeinareo] 'reunião cultural dos parceiros ou da comunidade' (lit. 'reunião de dizer/responder'), 'banquete de culto do clã', e outro tipo de culto colectivo. *Aspy* equivale ao *ispy* e *qbs* (Jenni e Westermann, *Diccionario teológico*, cit., II, p. 738), '*spy 'n ary* [aspeinário] 'comunidade de culto da povoação ou dos vizinhos' (a actual paróquia católica).

O nome e o culto da Senhora do Espinheiro, muito popular na Beira e comum aos Cristãos e aos Marranos, isto é, lugar de encontro das duas comunidades no mesmo dia (cfr. *Origens Orientais*, p. 46), deriva da *ysp 'n ary*. Com esse encontro, os Cristãos-novos festejavam a dádiva da Lei ao povo hebreu no sopé do Sinai.

Senhora do Socorro, na junção dos ribeiros. É um título bem aplicado à ideia deste tipo de justiça; a escolha do nome da Senhora pode ter sido inspirado em *rks* (ac. *rakasu*) 'cercar, cinturar, ligar' [*rakasu* → *kasaru* → *sakoru* → *socorro*], referente tanto à justiça como ao facto de os ribeiros se «ligarem» nesse local.

Boco, povoação e ribeiro. Tem relação com a justiça e com a aliança; várias hipóteses: *wky* (ar. *waka*) 'assento/sentar-se/sentar-se a meditar' (a chocar uma decisão, por exemplo); *bk* (gr. *bikos*) 'vaso grande' (recipiente para ordálias ou para sacrifícios); *bky* 'choro, pranto'; *bkr* (ac. *bukru*) 'primogénito'. Deve entender-se preferencialmente 'vaso grande' (para ordálias? Um tofé, relacionado com Timóteo?); refere-se a lados?

Timóteo, Alto do. *Thrmt* 'rede/malha' (ac. *tahrimatu*), sendo a rede, «como nos demonstram vários textos e obras de arte, um instrumento utilizado pelos deuses e pelos reis da Mesopotâmia, com cujas malhas capturavam e encerravam os seus inimigos». 'Ser rede' é sinónimo de 'ter poder': «Eu [Hamurabi] sou rede contra os inimi-

gos a quem Erra [deus da destruição] me faz alcançar o que eu desejo» (Federico Lara Peinado, *Código de Hamurabi*, p. 69).

Cheleiros. Lembra *shl* 'desolação' (ac. *salabu*) e *sh* 'derreter, fazer fluir', inclusivamente lágrimas (hb. *selah*), culto em que entravam prantos. Também pode ser rio do descampado/desolação.

Muchalforro, ribeiro. Deu o nome a *Mafra*: a) *mins* *pubru* 'domínio/governo da assembleia judicial / de culto'; b) *mins* *l pubru* 'estadia/ocupação da assembleia'. *Pubru* 'reunião/assembleia/comunidade/comunhão de vistas'; *phur* 'sortes' (augúrios). Hb. *Mimsal* «coincide frequentemente com *rei* (*melek, sarru*), e tem o sentido de «governar, dominar politicamente, constituir-se senhor», comum ao hb., ac. e ug., frequentemente utilizado» (Jenni e Westermann, *ibid.*, I, p. 1265). *Mins* 'lugar de estadia/acampamento/quartel'. *Puhru*, que costumamos traduzir em 'assembleia', pode também entender-se 'reunião/integridade/totalidade'.

Mafra de que existem versões antigas em *Maffora* e *Maffara*, e para o qual «ainda se não encontrou uma explicação» (José Pedro Machado, *Dicionário Onomástico e Etimológico*), relaciona-se com *Michalforro*: *mh phur/pubru* [máfuro] 'rio das sortes / rio da assembleia' (julgamento pela água).

Para além do raio de 2 km:

Carvalhal. *Qrb 'll* [carabaalal] 'entre parentes', 'no seio da parentela' (povoação, lugar de residência do clã).

O cabeço de *Mafra* tem um segundo nome, *Alto dos Pedrogos*, que pode ter sido o primeiro nome de *Mafra*.

Pedrogos (como *Pedrogãos*, *Pedrouços*...). *Pdr* 'cidade, vila' e 'estrado, terreiro', associa-se a *lugal* e a *sarru*, respectivamente em sumério e em acádio, 'rei'; *pedru lugal* 'terreiro do rei, estrado do rei'. Tem um duplo nome: *Alto da Vela*, duplicação de *lugal/sarru*; *bel* 'senhor'.

Almada, sobre o *Muchalforro*. Poderá ser *aliy mad*, ou *la mad* 'força imensa', referente ao poder do clã ou do rei; *la, aliy* 'forte/prevalente'; *mad*, sinónimo de *me'od* e de *phuru* 'imenso/multiplicador' (títulos frequentes nos textos antigos e nos topónimos). Correspondem a *rab, ark, arkt*.

Gonçalvinhos, região e aldeia. *Gzy al bin's* 'propiciar o espírito que entende/responde', que deve ser o rio/juiz. É o m.s.q. *Além, Grossinho, Arrussada, Casas Novas, Coxo, Borracheira*.

Coxo. Será *ks* 'recipiente', um limite (hb. *qaseh*), ou sinónimo de *kort* 'cortar'; há outros *Coxo* nestes contextos de *Berit* (exemplo, *Sortelha*).

Borracheira, ribeira. Da raiz *bšr* 'comunicar uma boa notícia / inteirar-se de / espisar' (ar. *bassara*) [baxxera]; refere-se aos julgamentos ou ao culto do *Gonçalvinhos/almos/adivinhação*.

Além, Casal de. Numa vertente, 'encosta' (*aly* 'subida').

Peroleite. *Pubru lyt* 'assembleia/comunidade de discípulos'.

Assafora, na encosta do vale Falcão. a) *hs phuru* [assafuru] 'corte da comunidade'

b) *atr phuru* (ac. *asru phru*) 'lugar/santuário da assembleia'. *Hs* é homófono de *h̄s* [axafora] 'atemorizar-se'. É o mesmo sítio e sinónimo de *Cortesia* e *Fonte da Cortesia*.

Cortesia e *Fonte da Cortesia*. *Kort 'sy* [corteissia] 'corte de beber um golo' (expressão ritual da ordália pela água, sinónimo de «fazer mal») ou 'exprimir' (uma sentença). É o mesmo sítio que *Fonte dos Mouros*. Em Valverde-Tábua, temos «Cortezes».

Vidigueira, na encosta de Mafra oposta a Valverde. Duplicação de *Valverde*, *berit gè' è, gal*, correspondendo aos *Vidigal das Cortes* (hb. *ghè' è* 'confiança'); *ghè' r* [brigueira] 'confiança de vizinhos' (parceria); comum nestes contextos.

Monte do Saloio. Confundido com *Pedrogos* e *Vela*. Segundo José Pedro Machado, este nome vem do ar. *çabrauii* 'habitante do deserto'. Não vemos como seja possível passar-se de *saaraoui* a 'salóio', uma vez que há o [l] bem pronunciado enquanto, por outro lado, o [r], consoante persistente, não se transmitiu em «salóio». Além disso, Mafra não é o Sara. Diz-se «salóio» por referência à «região saloia», que é precisamente a de Mafra-Ericeira. Sugerimos então para a «região saloia» *slh ay/sl̄w ay* [salóio] (hb. *salah ayyu, salew ayyu*) 'dado em concessão; entregue/autorgado a todos / qualquer um', 'região de qualquer um'. Esse «qualquer um» seria o povo, a plebe que ocupava essas courelas, em oposição ao senhor e aos *barry*, que possuíam terras delimitadas. A região saloia corresponde aos *Bairro, Barreira, Barredo* e *Bairrada* do Norte, que se referem igualmente a regiões de terras comuns; a associação Salóio-Bairrada encontra-se igualmente a norte de Mafra, com a *Mata da Barrada*, entre os ribeiros Chelos e Vidigueira, no *Zambujal*.

Camões. Região contígua de Mafra, duplicação de Camocho, o outeiro vizinho: *km ans* [kemânxe] 'deveras inexorável, inabalável, fraternal', ou 'vosso irmão' [kamânche] (hb. *kemo*) [kemoanxe]. Corresponde às *Maunça* (confrarias).

Serralheiro, Pinhal. Contíguo a Barrada, pode ter relação com *sarru* 'rei'. *Muro Seco* pode ter a ver com *sedeq* 'justiça'.

Em torno de Igreja Nova:

Igreja Nova não é um edifício de culto católico, mas um morro onde o mapa não assinala a presença de capelas (no sopé, é nome de povoação). O curioso é que *Igreja*, nome de morro, pode derivar de *ygr̄s* [ighârâxe] 'expulsar/expelir' e 'nome arma mágica'.

Boa Vista, Banho, Casa Nova, Ventureira, Louriceira, Alto das Oressas, Ramilo e *Cabeço dos Marreiros* são contíguos:

Boa Vista. O eufemismo que sabemos.

Banho. *Beny* 'construir/criar' (hb. *bana*); *benwn* 'edifício' (hb. *binyan*).

Oressas. Metátese de *usr* (hb. *yissar*, ac. *asaru*) 'instruir/leccionar' ou de *ūsr* (ac. *išâru*) 'pénis / membro viril'. A presença de *Boa Vista* permite optar pelo segundo.

Louriceira, contíguo de *Oressas*. É o m.s.q. *Oressas* (*l oress*). O *l* 'para, a, até, em'.

Ramilo. *Ram ilu* (ac. *ra' amu, rama*) 'apaixonado/amado de Ilu': *rumt/rama ilu* 'amadas/os de Deus' (o *t* representa o feminino). Muito próximo de *ram*, temos *rum* (hb. *r' em*, ac. *rimu*) 'touro selvagem'. O termo português 'rameira' (prostituta) derivaria do ac.-ug. *rama* 'amada'; esta explicação será, pelo menos, mais lógica do que a dada por José Pedro Machado e os autores em geral, que a fazem derivar do «ramo»

que ostentam as tabernas das cidades. Se assim fosse, porque é que os homens, que são os principais frequentadores desses locais, os zaragateiros, os bêbados, os libertinos e os taberneiros, que têm esse ramo como referência de vida e de convívio, não se chamam também 'rameiros'? A rameira portuguesa não tem a ver com tabernas, mas com a sexualidade livre e libertina: *ram ary* 'amadas dos vizinhos'; na gíria temos também 'carcaio' (*kark ay* 'pertence a todos'); 'coia' (*k ay* 'de todos'); 'biralha' (*bi r'ly* 'vai com os parceiros'); 'croia' (*qr ay* 'chama a todos'); 'ervoeira' (*hrb ary* 'chupa, seca os vizinhos'); 'galdéria' (*glt ary* 'prostra os vizinhos', *gl* 'festeiro, romeiro'), etc. Cfr. Guilherme A. Simões, *Dicionário*, cit., p. 274; cfr. ainda *Ramila* em Ortiga, Fátima.

Casa Nova. Foi o *kasa dos/das nabim*.

Ventureira. Outro eufemismo: *benwt* 'criaturas/iniciados' (*nabim*).

Meijões. *Mswnb* [mexuna] 'compromissário/delegado', como também eram chamados os que velavam pela honra da rapariga depois de o noivo pagar o «dote da virgindade». É o m.s.q. *Oressas* e *Marreiros*.

Deduzimos a hipótese de ter existido na região um sítio onde havia questões de dotes e de actividades sexuais não privadas.

Rios formados pelos ribeiros de Valverde, *Falcão* e *Lisandro*:

Falcão. *P/fl kn* 'juiz das regras'.

Lisandro. *Lsn ndrú* (ac. *lisan ndrú*) [lisannedru] 'falar/dizer um voto/promessa'. Tem relações com o Lis/Lena, das Cortes, Leiria (*lissen/ln*); foi o 'rio que julga/entende os dizeres/juramentos'.

Cabeços em torno de Mafra:

Cabeço do Sonivel. *Sna bel* 'inimigo, ódio do Senhor, ranger de dentes do senhor', referente ao poder político/jurídico; *snt bel* 'altivez do senhor' (hb. *sanab*). Também se chama da *Pedra Farinha* ou de *Palheiros*:

Pedra Farinha. *Pdr phry'in* [padru fariine] 'terreiro da associação/coesão de dizer-responder' (lugar de culto ou tribunal).

Palheiros. 'Dos juízes'.

Camocho. *Qamas* (ac. *qamasu*) 'o que abate' ou — o que dá no mesmo — *km ans* [kamancho/kamoncho] 'deveras inexorável/fraternal' (confraria, parceria); *kimu ans* 'colina da confraria'.

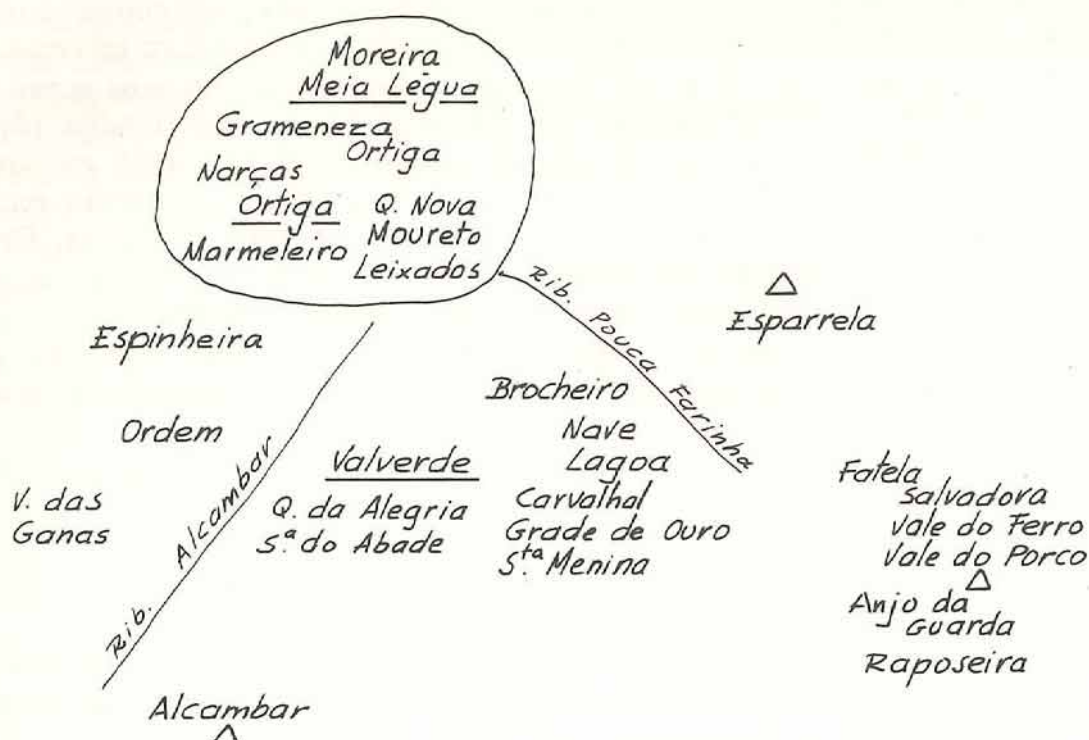
Cabeço da Alcainça. *Hk ans* [aaqaanxe] 'corporação deveras fraternal/inexorável'; *hlq ans* [aalcaanxe] 'assento/cadeira, pousadouro da confraria', 'ração da confraria'; *hlxa* 'correr, marchar'.

Alto da Comeras. Ac. *kamru* 'alturas'; talvez *kmr* (hb. *komer*) 'sacerdotes'.

Um santuário muito concorrido devia ter sido o de São Julião, na Ericeira, onde desaguam os rios Lisandro e Falcão. Julião foi Yammu, o deus da justiça, confundido com o mar/ribeiro, denominado 'rio-juiz', *nahar-tjapatu* e *nahar yam*, no Código de Hamurabi e nos textos de Ugarit (cfr. Cortes, Penaguião).

Esta região deve ser comparada com as de Carvalhos - Vila Nova de São Pedro (Cartaxo) e com as Carcavelos-Ericeira, de que é a continuação (*Origens Orientais*, pp. 346-47, 286-89).

9. Encher o cântaro da noiva, na meia-légua



Escala: Cerca de 3km em torno de Valverde.
No círculo, nomes ligados ao dote.

32 Valverde (Fundão)

(246)

O que nem sempre acontece, *Valverde* consta de um vale na Cova da Beira, a 2 km do Fundão.

Valverde. É o mesmo sítio que *Carvalhal*, entre os ribeiros da Pouca Farinha e Alcambar.

Carvalhal e ribeiras da *Carvalha*. *Qrb' ll* [carbaalalu] 'no seio da parentela', hb. *qarb ayyilu* 'junto/entre congêneres/parentes'.

Ribeira de Alcambar. *Ark an bal* 'largueza da força/potência do senhor'. Corresponde ao *Godel Arquitecto*, de Mafra.

Grade de Ouro. a) *qrd d ar* [carade dora] 'herói que ilumina/brilha/fala'; b) *qryt ary* [caritary] 'povoação dos parentes'; c) *qryt/qrd dor* [carit dora] 'povoação das famílias'. É o m.s.q. *Carvalhal*.

Pouca Farinha. *Pk phyr' in* [pokafuriin] 'encontro da associação/reunião/coesão'; *pk* (hb. *pwq*) 'encontrar/proporcionar'; cfr. *Pedra Farinha*, de Valverde, Mafra e a expressão «Não faz farinha comigo».

Senhora do Abade, contíguo de *Valverde*. *Ab, ab adir* 'chefe, chefe estupendo'.

Santa Menina. *Menina* corresponde aos *Menino Morreu* e aos *Casal Menino*; *mn*,

mnn 'porção' e 'quanto?' (ac. *minu*, *mannu*); *Santa* pode ser um eufemismo decalcado sobre *sknt* [shekunt] 'imagem/estela', e *Menina* uma duplicação de 'santa': *min' n* [minine] 'imagem/estela'.

Brocheiro. Corresponde a *Borracheira*, de Mafra, e é contíguo de *Nave*, *Quinta da Serra* (que é um baixio) e *Lagoa*: *br̄* 'comunicar notícias/espionar/adivinhar'.

Nave. Lugar dos *nab*/adivinhos, ou hb. *nawe* 'pastagem'.

Lagoa. Geralmente deformação erudita de *Alagoa*, lugar de culto (ou pequena subida).

Ortiga (dois sítios), *Moreira*, *Meia-Légua*, *Marmeleiro* e *Marmeleira*, *Quinta das Narças*, *Moureto*, *Leixados*, *Quinta da Grameneza*, contíguos e confundidos no raio de 1 km, referem-se a um lugar de escolha de esposas/dotes/desposórios:

Ortiga. *Hwrtergat*: No Código de Hamurabi, *hwr* 'escolher a primeira mulher' e *tergat* 'penhor, sinal' (cfr. Federico Lara Peinado, *ibid.* p. 131). Em sum. *hwrtergati* significa 'mulher escolhida penhorada'; *ortiga* é essa mesma expressão com um mínimo de modificações fonéticas. Em Fátima, existe um velho culto orgíaco em honra da Senhora da Ortiga, numa aldeia chamada *Gaiola* (*g' eol*, *g' eol*, como a Senhora da Gaiola de Cortes, Leiria, 'redenção, vingança de sangue, pagamento de uma dívida': cfr. teste *Senhora da Ortiga*). É o m.s.q. *Meia-Légua*.

Meia-Légua. *Mlg*, *mlghy* 'dote' (hb. *melog*, ac. *mulugu*), 'pagamento do dote'. Trata-se de uma região consagrada a ritos nupciais. Testaram-se outras *Meia-Légua* presentes na amostragem. O paralelismo entre elas é total; *mlg*, *maleghy*, *mulugu* ou *maleghuia* associam-se a uma série de significações concordantes: *Mulughuya*, nome de uma das deusas do parto: *mh/maya lg* 'água do cântaro', *ml lg* 'encher a barriga / o bojo do cântaro'; *mh lg* 'rejuvenescer o cântaro'; *mhl lg* 'festejos do cântaro, na alegria do cântaro'; *mala' hg* 'encher a contagem'; *mayl lg* 'corrida dos cântaros'; *mayl lhg* 'corrida na contagem'; *mhy lhg* 'para que ela conte'; *mhy lh* 'para ela ser forte'; *mh by lh* 'o juízo/recato dela é lei'; *mhy hl gh* 'desde então o quarto crescente evoca'; o hb. *mahalal hg* significa 'louvares, fama, alegria, honra contada/formulada'. A referência aos cântaros não é despropositada. Na Idade Média, os dotes das noivas portuguesas eram expressos em cântaros: «50 cabaças grandes de um cântaro cheias de vinho além de doze maravedis, duas fangas de trigo, 1 porco, meio boi e 5 carneiros», na região de Riba-Coa (cfr. Oliveira Marques, *A Sociedade Medieval Portuguesa*, p. 117). Um cântaro correspondia a cerca de 12 litros.

É exactamente o mesmo sítio que *Moreira*, sinónimo, portanto, de *Meia-Légua*:

Moreira. *Mhr hr* [morere] 'dote de concepção'; *mhr ara* 'dote / vigor brilhante'; *mhr 'ry* [morária] 'dote / vigor de trocas, dote / vigor ao descoberto'.

Marmeleiro/a. *Mhr ml 'ry* 'de dote / vigor cheio a descoberto'; *mhrm lary* 'herói por companheiro'. O termo da gíria 'marmelada' (jogos eróticos) derivou do mesmo princípio: *mhr mld*, *mhrm ld* 'dote das delícias'; *mhr mld* 'vigor/dote para o prazer'; *mh hr mh l 'd* 'alegria no gemido pelo camarada'; *mhr mh l abd* 'vigor jovem pela posse'.

O conjunto *Meia-Légua* - *Moreira* - *Marmeleiro* aparece igualmente em *Mirandela*. *Narças*. *Ns'* [nassa] 'arrancar/agarrar/fugir'.

Grameneza. a) *gmr/grm mn issa* 'completar/restabelecer/vingar porção/pagamento mulher'; b) *ga mn issa* 'voz «quanto custa» a mulher?'; c) *grm ns* (hb. *nasa*) 'completar a aquisição' (tomar posse) (cfr. *Narças*); d) *gmr ns'* 'completar o roubo', 'intentar

fugir'; e) *gr mn hz* 'o hóspede a porção/membro corta/contrata'; f) *gr mn hz* 'o hóspede o destino/porção aceita'.

Moureto, Fonte. Corresponde aos *Mór* e *Mouratos* de outras constelações. *Mhr hdt* [mor hadt] 'dote/vigor dos novos' ou 'contratados recentes' (recém-contratados, noivos; cfr. fonte da Maria Ave no ribeiro de Mor, em Gonçalo (*mhr aby* 'potência paternal', com falos esculpidos para sugerir potência sexual).

Leixados. a) *la sd* [laxade] 'forte eflúvio', referindo-se a actos sexuais; b) *lht* (hb. *lhñ*) [lagagt] 'força vital'; c) *lhst dadu* 'conversas de amor'.

Resumindo, temos três termos para dote, contíguos, neste grupo de *Meia-Légua*: 1) ac. *terbat* [tergat] 'penhor de posse, penhor de virgindade'; 2) ug. *mlghy* [moleghuia] 'dote'; 3) ug. e hb. *mhr* [mar/mor] 'dote'.

Espinheira, correspondente ao *Val Espinheiro*, de Mafra, refere-se ao lugar dos banquetes ou do culto dos parceiros do pacto/*berit* ou da comunidade.

Quinta da Nave, e vários sítios adjectivados com «Nova». *Nab* 'profeta/sacerdote/escriva', como nas *Cortes* e como em *Mafra*, ou *nawe* 'pastagem'.

Vale das Ganas, no *Alcambar*, contíguo de *Ordem*. *Bal gan* 'senhor majestoso/arrogante' (título do *ark an bal*), ou *gan* 'jardim'.

Cabeço da Ordem, sobre a ribeira de *Alcambar* e confundido com *Ganas*. *Aдру* 'nobre/estupendo', sinónimo de *Abade* e de *Alcambar* ou, o que equivale ao mesmo, corrupção de *drdr* [dordor] 'gerações de gerações', (título de clã/príncipe).

Fatela. Pode ter sido *plē'l* [faltal] 'salvação dos congéneres', referente a um culto traduzido por «Salvadora».

Vale do Porco | *Salvadora* | *Val de Ferro*, um outeiro. *Vale* é inteiramente desajustado por ser um cabeço; *Vale do Porco*: *bal prk* 'senhor do santuário'; *prk* 'lugar/objecto sagrado' (hb. *paroquet*, ac. *paraku*).

Vale do Ferro. *Bal phur* 'senhor da assembleia' ou 'dos julgamentos'. É o m.s.q *Muchalforro*.

Raposeira. Costuma ser um lugar de suplicios; «Anjo da Guarda» é um possível decalque sobre *grds* 'destruição' (sir. *gardes*) ou, até, *ans grds* [anxe gardes] 'implacável destruição', referente a *Raposeira*.

Esparrela, outeiro. *Spyr* 'ly [espirréale] 'reunião/banquete' dos companheiros/congéneres'; daqui deriva a expressão actual «Cair na esparrela» que é 'cair no engodo' de aceitar comer com os «companheiros do festim», cujos compromissos eram tomados sob a forma de banquete. Vimos que Yaveh preveniu os Hebreus de que não deviam aceitar comer com os Cananeus, porque estes estabeleciam alianças sob a forma de banquetes; comer da mesma refeição era comprometer-se a uma aliança recíproca. José Pedro Machado diz que a etimologia «é obscura», e interroga-se «se terá alguma coisa a ver com o gótico *sparra* 'viga'» [o que é gótico?]. Este vive na província *esparra* (fr. *esparre*), mod. *épar*, a que correspondia uma fórmula franca, *sparro*, que sobrevive na prov. *esparron* 'poste'; cfr. Gamillscheg, in R.F.E. XIX, p. 233, século XVII. «Mas uma comadre anda armando-lhe a esparrela com uma filha bonitinha que eu fico que caia nela» (D. Francisco Manuel de Melo, *O Fidalgo Aprendiz*, I, 1, p. 6). É com este género de erudição que muitos caem na esparrela dos germanófilos.

Teste de Ortiga. Senhora da Ortiga (Gaiola)

33 Ortiga (Fátima, Vila Nova de Ourém)

(309)

[Fátima]



Escala: distância dos nomes mais afastados
de Ortiga: 3 km

Região serrana e desabitada, em que um nome/sítio abarca 3 ou mais quilómetros.

Ortiga. *Nrtergat* 'primeira mulher'.

Gaiola (povoação) e *Senhora da Ortiga* (santuário rústico num cabeço), contíguos (Cortes, Leiria). Os naturais dizem *Urtiga*; a Senhora nada tem a ver com as ervas do mito segundo o qual a Senhora apareceu debaixo de uma ortiga. É o m.s.q. *Canhardo* e *Ramila*.

O Santuário da Ortiga — de que há referências escritas desde há cinco séculos — é um velho santuário popular das povoações num raio de 10-15 km, que aí passam duas ou três noites de festa em Agosto, «em grandes liberdades» (vestígios de ritos orgíacos associados aos dotes e às «ramilos»), não obstante a vizinhança da fria e puritana Senhora da Cova da Iria, na mesma freguesia.

Os habitantes da Ortiga - Gaiola disseram-nos com toda a clareza que «Portugal teve outrora a promessa [*berit, g' eol*], por parte de Deus / Nossa Senhora da Ortiga,

de gozar de paz e de prosperidade; infelizmente os Portugueses faltaram aos seus deveres, e veio a guerra de 14-18; Nossa Senhora apareceu de novo na freguesia [na Cova da Iria] para lembrar esses deveres, e acabou com a guerra. Portanto, o povo da Serra d'Aire tem bem a noção de que os lusitanos, povo eleito, têm um pacto [*berit*] com Deus e que, quando eles faltam aos compromissos, Deus procede do mesmo modo abandonando-os às mãos dos inimigos.» Felizmente... eles têm a Mãe de Deus (Senhora da G'eol) pelo seu lado, a qual toma a iniciativa de refazer incessantemente a *berit*.

Canhardo. Kn ndr [kanardro], sítio de 'cumprir/fazer voto/pagamento'; *kn 'dr* 'sítio onde está o poderoso' (a Senhora poderosa? Corresponde a Abadir).

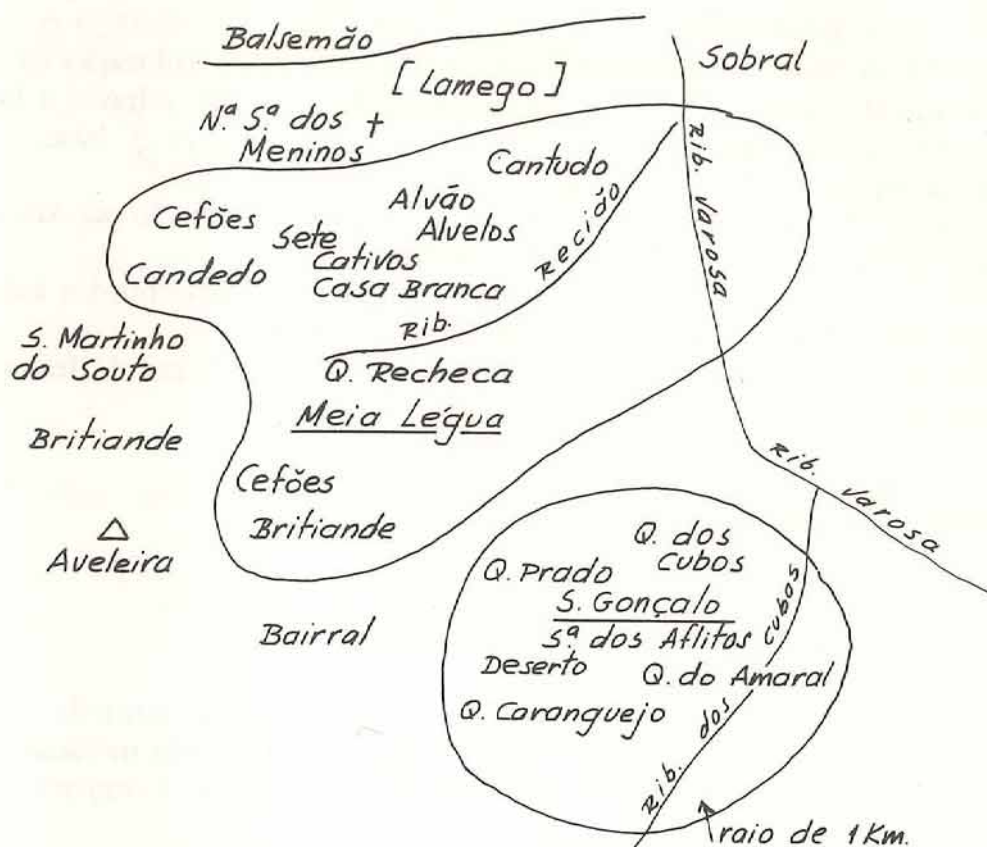
Ramila. Rum ilu 'apaixonadas de Ilu', como em Mafra.

Sobral. Sbrt 'comunidade', que se confunde com *Bairro* e *Vale de Cavalos*;

Bairro. Bry ou *bai'rum*.

Vale de Cavalos. Qblbl [qablblu] 'argola, aliança'; *qbl* [cabal] 'recepção, apresentação', 'oferendas'.

Cabeças, o morro. Sinónimo de *qbl* e de *qabas* 'clã', ou seja, 'apresentação de clã, apresentação ao clã'.



Na freguesia de *Britiande*, a 2 km de Lamego. Contíguo de *Meia-Légua*, um belo conjunto de nomes relacionados com ritos nupciais.

Britiande, nome da região. *Berit ndy* [beritânedi] 'aliança de amor'.

Quinta da Recheca (Arecheca). *Ars hk* [arxek] 'pedido de companhia' *ar̄* (hb. 'ara's) 'desejar, pedir', associado a *htk* 'progenitor'.

Candedo. *Kan dd* [candade] 'onde estão, onde se fazem, os meninos/filhos' (arm. *kidadi*); está traduzido, e muito bem, por 'Nossa Senhora dos Meninos'; *dd* [dide] 'peito, mama'; *yd* 'membro viril'; *ydd* 'amor, carinho'; *kn dd* 'sítio dos amados'.

Cantudo. *Knyt dd* (*Kanut+kadid*=kantudedo) 'Mãe dos meninos' ou 'mãe do amor', referente a Ishtar, intitulada *Kanut*, «gloriosa / de nobre estirpe». Derivou em *Nossa Senhora dos Meninos* (cfr. *Meia-Légua*, Leiria, em que *Anat-Procriadora* derivou em *Senhora da Encarnação*).

Varosa, rio da. *Bsr/brs* [barosa] 'na carne' (também com valor sexual, segundo Del Olmo Lete); ou *brsa* [barasa/barosa], que significa o mesmo: 'na carne succulenta, na alegria'; *ba rz* 'entrada da competição, concurso, corrida'; *b' r hs* 'deixar a entrada'; *bar hz* 'no brilho da invasão'. Vamos encontrar este nome de rio noutras *Meia-Légua*. Pode ter sido um limite do espaço dedicado aos ritos nupciais. O rio da *Varosa* desagua no rio de Balsemão:

Balsemão. *Bal seiman* 'Senhor do Céu (Sol)'.

Sete Cativos. Um decalque exemplar: *st kpt ib* 'assento/pé/base de unir os produtos / os frutos / as gemas / a cópula'; *st kpt yb* 'assento de unir os soluços'; *st kpt ybl* 'assento de unir as alianças / as argolas'; *st kpt lib* 'assento de unir os corações'; *st kp tb* 'assento de as palmas / os pratos se misturarem'; *st kp tb* 'pôr-se juntos é agradável/suave'; *st qt ib* 'o guerreiro da Senhora arrasta o coração'; *st qtyb* 'o guerreiro da Senhora arrastando a asa vem'; *st kt ib* 'colocação da tarimba / trono da cópula'; *st k t b* [setu catjibe] 'pôr-se deveras a dar voltas / a fazer volver / a repetir'; *kpt* [kaput] 'juntar' e 'pratos da balança'; *st* [set] 'base, pé, lugar de estadia' (e um dos nomes de Anat); *kt* [cutu] 'trono/tarimba'.

Alvão. *Aby alôn?* 'Ancestral/paternal', isto é, o carvalho representado por *São Gonçalo*.

Gonçalo. *Gzy 'n alu* 'imploração do carvalho'.

Alvelos. *Aby bel's* 'paternal senhor fala' (referente ao carvalho dos adivinhos).

Casa Branca. 'Branca' poderá ser *brk* 'bênção/virtude'.

Cepões. *Spu, spa?* 'Comer, devorar' equivalente a *yspi* (lugar de festins).

Bairral. *Bary, b ary.*

Souto. *Sut.*

Sobral. *Sibura.*

O cabeça chama-se *Aveleira* - A Beleira, 'gente de bal'.

Num raio de 1 km em torno de São Gonçalo:

Prado, quinta do. *Pdr* ou *pdry* «cidade/terreiro» ou *Pidrayu*, nome de deusa-mãe.

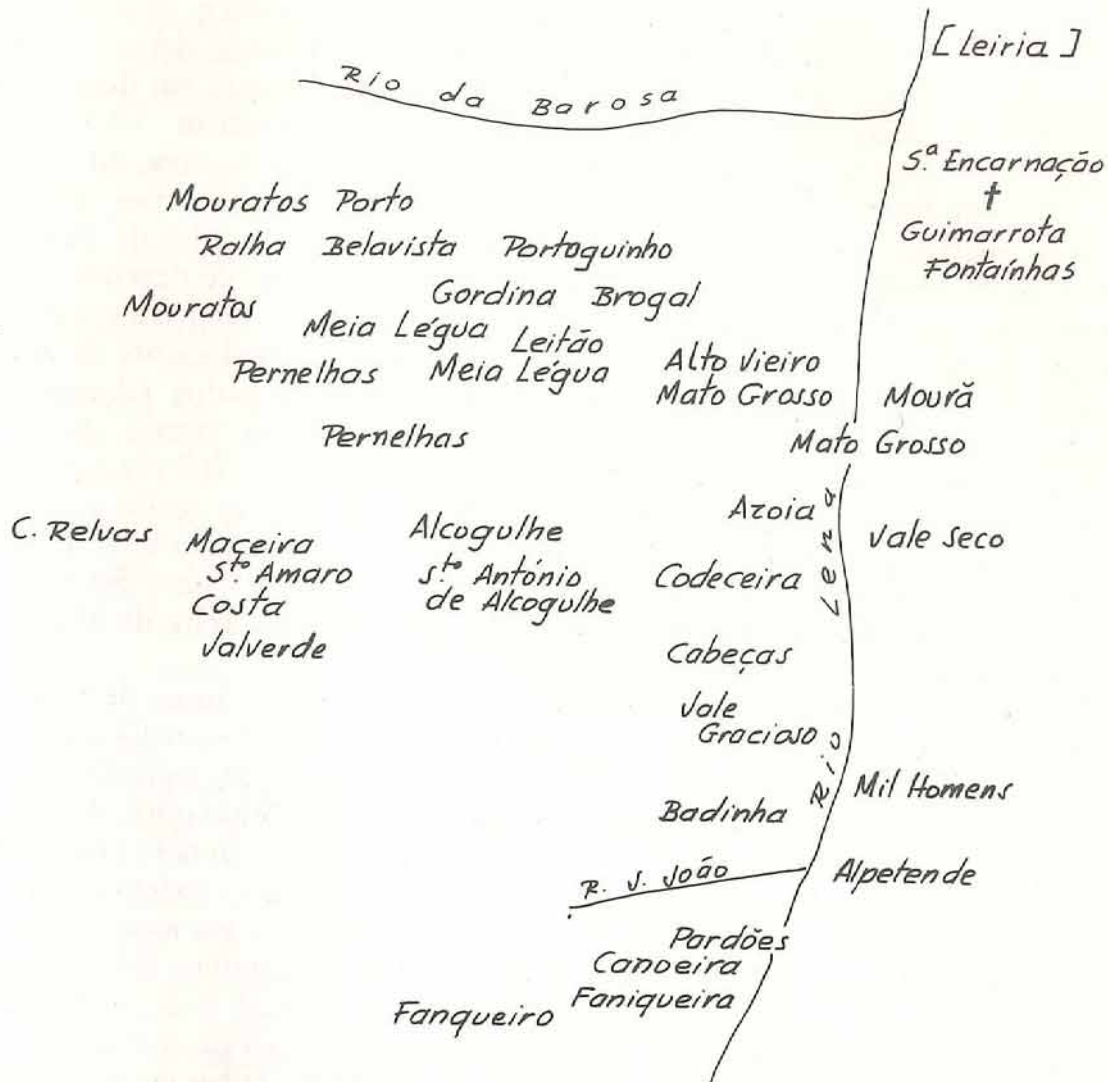
Venda do Caranguejo. *Bnt gra brsm* [bend caragaráxem] 'casa da inovação do esconjuro', 'casa das tripas/entranhas de fazer esconjuros'. É o m.s.q. *Corujeira, Lourenço e Laranjeira.*

Amaral, Quinta do. *Amr'l* 'bruxo/adivinho' (o que vê por cima).

Deserto, Quinta do. *Dhrt* [djerte] 'visões/augúrios'.

Senhora dos Aflitos. Decalcado sobre '*pp lyt* [afflit] 'conjurar maldição' ('*p ave* 'augúrio', '*pp* 'conjurar', ar. *affa*; *ap lyt* 'ira de maldição', 'rosto de ansiedade').

Temos justificado o mito seiscentista (não sabemos se ainda corre), segundo o qual — e citamos Frei Agostinho de Santa Maria — «Nossa Senhora dos Meninos» previne contra «pecados e imoralidades sexuais», que antigamente se cometiam num local próximo, numas lapas ou lages, «verdadeiro quebradouro das consciências». D. Afonso V e sua esposa frequentaram esta região de Meia-Légua a fim de pedirem procriação. O certo é que «Nossa Senhora dos Meninos» é um nome bem adaptado para substituir Anat, mãe dos Meninos ou Mãe do Amor (cfr. *Deuses Lusitanos*, «deusa Cepo», uma pedra de fecundar encontrada nesta região).



Chama-se *Quinta e Casal da Meia-Légua*

Nomes contíguos no raio de 1km:

Meia Légua. *Muluguhya* 'dote'; *ml leg* 'encher os cântaros'.

Barosa, rio da. *Brs* [barosa] 'carne' (também com valor sexual); *b'rs* 'na alegria'; *ba rz* 'entrar na corrida'. Como na *Meia-Légua* de Lamego.

Leitão. *Ltn?* (Lotanu), deus assírio (representado por uma serpente), colaborador/personificação de Yammu/rio, relacionado com o hb. *Leviatan*, demónio astral; talvez melhor *lyt* 'comitiva/cortejo/sequazes'.

Bela Vista. *B bst*.

Brogal. *Bry g'el?* 'contratar pagamento/remissão'; *b'r gal* 'iluminar a festa'; pode estar relacionado com Harhab [hargab → harbag → bragal] 'rei das núpcias', segundo os textos ugaríticos (cfr. *Mitos y leyendas*, p. 457), ou seja, o Sol do solstício de Verão.

Mato Grosso ou *Alto do Vieiro*. *Mkrt* [ma kotsarot] 'de kotsarot, Kossarot ou Kossaratu, deusa que presidia aos partos, isto é, Muluguhya' [→ ma kossarote → mato garosse]. Equivale à *Quetrote* da Sapata Rota, Gonçalo; é o m.s.q. *Mourã*;

Tal como a deusa Anat dos partos da Meia-Légua de Lamego derivou em Nossa Senhora dos Meninos, assim a deusa Kotarote/Muluguhya derivou em dois cultos na Meia-Légua de Leiria; Santa Catarina, padroeira da Azoia [kotar-ot → Catar-ina], e Senhora da Encarnação de Leiria (nome tipicamente português), com um santuário num cabeço em frente da cidade; nas *Origens Orientais* (p. 35), havíamos apresentado este título mariano popular como sendo de origem fenícia. O culto da Senhora da Encarnação de Leiria foi muito importante no passado, objecto de dezenas de círios; segundo Frei Agostinho, este culto, em Março, deu origem a uma feira notável. Os círios (ou sírios?) portugueses precedem dos rituais fenícios, deslocações de aldeias a um santuário. A Senhora da Encarnação incarna, promove os partos, tal como Anat-Malaguia; 'Encarnação' pode ter sido criado a partir de *qarnu* 'corno', 'quarto crescente', representado aos pés da Senhora. A deusa-mãe/Ishtar/Astarté era representada com um emblema lunar (quarto crescente em forma de cornos), sendo a Lua o elemento fecundador por excelência. Outro culto importante no passado foi o da Senhora do Leite (existiu na igreja do castelo uma «reliquia do leite de Nossa Senhora»). Na região dizia-se às crianças que «os meninos são comprados na Feira de Março», que é da Encarnação.

Se não nos enganamos, encontramos no raio de 1 km em torno de Meia-Légua quatro nomes por que eram conhecidas as deusas Kotaratu, dos seis citados numa estrofe dos mitos de Ugarit (*Canãa*, p. 461, KTV 1.24), estrofe essa que, segundo Del Olmo Lete (p. 455), é uma espécie de ensalmo ou poema oracular, 'hino nupcial ou epitalâmico respeitante ao casamento do Sol e da Lua em casa de Ilu, cantado provavelmente por ocasião das bodas que, como é costume no Oriente antigo e moderno, coincidem com o fim das colheitas, no Outono, e tinham ao entardecer o seu momento de celebração. Segundo Caquot e Sznycer trata-se de um texto encantatório lido na presença das parturientes, com o objectivo de facilitar o parto ou prepará-lo desde a celebração das núpcias (*Textes ougaritiques*, p. 386). Reproduzimos o epílogo, que constitui uma invocação às deusas do parto: «Vou cantar as deusas Kotaratu | Filhas do Luzeiro, Andorinhas, | Filhas do Luzeiro e do Quarto Crescente [*qarn*] | Que descem com plantas aromáticas | E com azeite fortificante, cada noite, | Até à morada de Ilu o Bondoso. | Na minha boca tenho o seu poema | Nos meus lábios, os seus nomes: | Tiluguhuhuwa, Mulugu-hiya | Thatiqatu e com ela Baqui'atu | Taqi'atu, mais Purubahtu | E Damiqtu, a menor das Kotaratu».

Mourã. *Mbr* 'dote/vigor'; *mbrm* 'dotes'. Em outras *Meia-Légua* aparece *Moreira*.

Quinta do Porto, contíguo de *Meia-Légua*. *Prbht?* «Porbahtu», outro nome das Kotsaratu/Muluguhya, de origem hitita segundo Caquot e Sznycer (*Canãa*, p. 611, e *Textes ougaritiques*, p. 397).

Portuguinho, contíguo de *Meia-Légua*. *Prbht hnn?* [porbhatu ghinun] 'Purbhatu benévola'.

Mouratos. *Mbr hdt* 'dote de jovem' (= namorados), ou 'dote/vigor dos novos' (cfr. *Moureto*, Fundão); *nh mbr hdt* [namorhadt] 'dirigiu dote de jovem/noivo'; 'namorado'.

No raio de 2-3 km:

Lena, rio. *Ln* 'dizeres' (testemunha/juiz dos dizeres).

Azoia. *Zu* (hb. *zo'ab*) 'prostrar-se, agachar-se'; ar. *zuiya* 'ermida, lugar de peregrinação (prostração)'.

Codeceira, contíguo de *Azoia*. *Kds ary* [kodacharya] 'santuário da parentela / povoação'.

Casal do *Vale Seco*, sobre o rio *Lena*. Pode ter sido *bal sedek* 'senhor da justiça' (o rio).

Cabeças. *Kbs* 'clã, comunidade'; *qbs* [cabâss] 'ofertas/apresentação'; *qybl hz* 'apresentação do combinado'. Corresponde a *Gramenezas*.

Alcogulhe, vizinho de *Cabeças*. *Hk ul* (hb. *hka ul*) 'estada dos parentes' (onde os parentes se encontram/moram); m.s.q. *qbs* (Cabeça), e corresponde aos *Sobral* (*sbura'l*). Santo Antônio de Alcoülhe foi o antigo lugar de culto: Aton. Os naturais dizem *Alcoülhe*, que é perfeitamente conforme com a etimologia: *hka* 'corrida'.

Vale Gracioso. Um eufemismo; o nome da região, era (segundo nos disseram no local) qualquer coisa como *alkarailu* (referente a um bétulo em forma de falo? hb. *kar alia* 'altar erguido'), que por soar muito mal, cedeu a *Vale Gracioso*. Em documentos medievais consta também *Alpetende*.

Alpetende. Nome antigo da região ao longo do *Lena*, em frente de *Azoia*: *la pit nd* [lapitánede] 'sedução emitir', *la pit nd dyd* [lapitendide] 'emitir sedução de amor' ou 'emitir o falo'.

Mil Homens. *Ml Adon* [→ ml hom] 'rio de Adon', referente ao ribeiro São João, na *Badinha* (cfr. *Origens Orientais*, p. 271); *ml 'm* [mil âme] 'rio dos antepassados'.

Badinha. De *abadir*, um bétulo (?); *b' d' ny* 'para trás ser derrubado'; *bd 'n* 'separação dizer'; *bd nh* 'passar de mãos'; *bddy* 'fora do sítio'; *ba d in* 'entrar não vale'. Pode ter sido o limite do espaço para os ritos nupciais que começavam no rio da *Barosa*; ou, simplesmente, a fronteira de *Pardões*.

Pardões. *Pdr* 'cidade'; hb. *pardess* 'palácio, parque real'. No sítio dizem os vizinhos existir uma «cidade enterrada» (pronunciam em todos os casos [paredões]).

Faniqueira, *Fanqueiro* e *Canoeira*. Etnónimos («cananeus» no início do Império Romano).

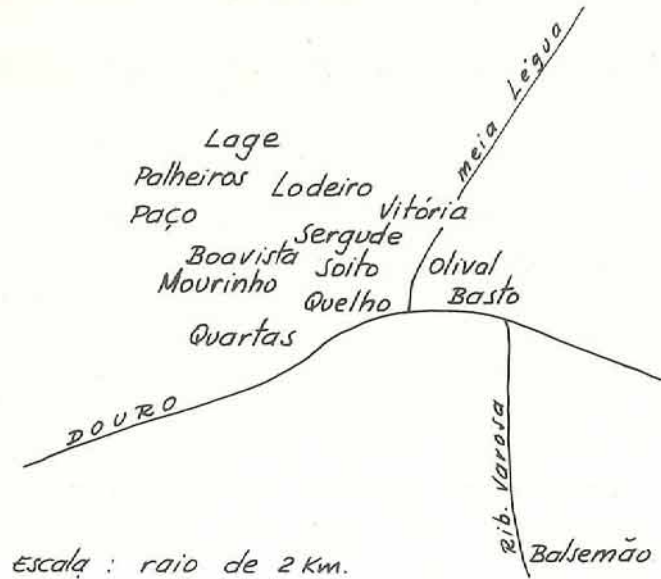
Um pouco mais longe, nomes referentes a outra constelação, com *Valverde*:

Costa. *Agzt* 'desposórios / escolha de cônjuges' e 'festa'. Existe ainda hoje um culto importante em honra de Santo Amaro, ao qual acorria toda esta região. *Amaro* pode ser um derivado de *Marduk*, como vimos, ou corrupção de *mbr* 'dote' e de *mahru* 'marido' em sumério. A igreja local, do século XVI, comporta uns pequenos torreões fálcos. Nos dias de festa, as raparigas que procuram namorado encontram-se no adro da Senhora da Barroquinha (uma capela, com uma cascata contígua) para significar que estão livres. É o m.s.q. *Maceira*.

Maceira. *Mza ary* 'encontro dos parentes' (lugar de residência ou de culto) equivale a *qbs* e *sbur'l* (*Cabeças* e *Sobral*).

Valverde. *Bal berit*.

Casal do Relvas. *R'ybl* 'braçadeira, argola, aliança'. Refere-se ao culto da *Costa*, de *Santo Amaro*.



Nome de ribeira que desagua no rio Douro, em *Olival Basto*.

Nomes contíguos no raio de 1km:

Meia Légua. *Ml lg*.

Varosa, ribeira do outro lado do Douro. Como nas outras *Meia-Légua*, 'da alegria'; *ba bz* 'ir ao corte'; *ba rz* 'entrar na corrida'; *b' r hs* 'deixar a entrada'; *b' ry hs* 'na excitação da invasão'.

Mourinho. *Mhr 'n* 'falar de dotes/vigor'.

Moreira. *Mhr hr*, *mhr ar*, *mhr 'ra* [moreira] dote de concepção/concebido, dote falado / vigor brilhante, dote trocado / vigor excitado / ao descoberto'.

Boavista. *Bbst*.

Sergude. *Srgt* [sergute] 'juventude, gente nova' (como *Mouratos* e *Moureto*).

Lodeiro. *Ld ary* 'prazeres dos vizinhos'; *ld 'ry* 'prazeres ao descoberto'. *Lodeiro*

Sergude: *ld ary srgt* [lodary sergud] 'prazeres dos vizinhos jovens'.

Quartas. *Kotaraz* ou *krt*?

Vitória. Possivelmente, *bt ar* [bitara], um dos nomes da deusa-mãe ('Filha da Luz').

Lage. *Lh*.

Palheiros. *Pl ary*.

Souto. *Sut*.

Ariz. *Ary*.

Olival Basto. 'L *bal btt* [ôlbalbaxte] 'senhor do sacrifício/festa' ou 'senhor da vergonha/desvergonha' (rito erótico, prostituição sagrada); *Bal Bast*, «deusa solar conhecida dos Israelitas do Norte do Egipto; representava-se por uma mulher com cabeça de gato, inimiga das criaturas das trevas; era-lhe consagrado o gato» (Vigouroux, *Dictionnaire*, art. «Bubaste»). Por isso encontramos *Balsemão*. O profeta Ezequiel associa esta deusa aos ritos juvenis (Ez. 30:17).

36-bis Meia-Légua (Mirandela) (76)

Região desértica.

No raio de 3 km:

Eivados. Aby? bd 'separação'?

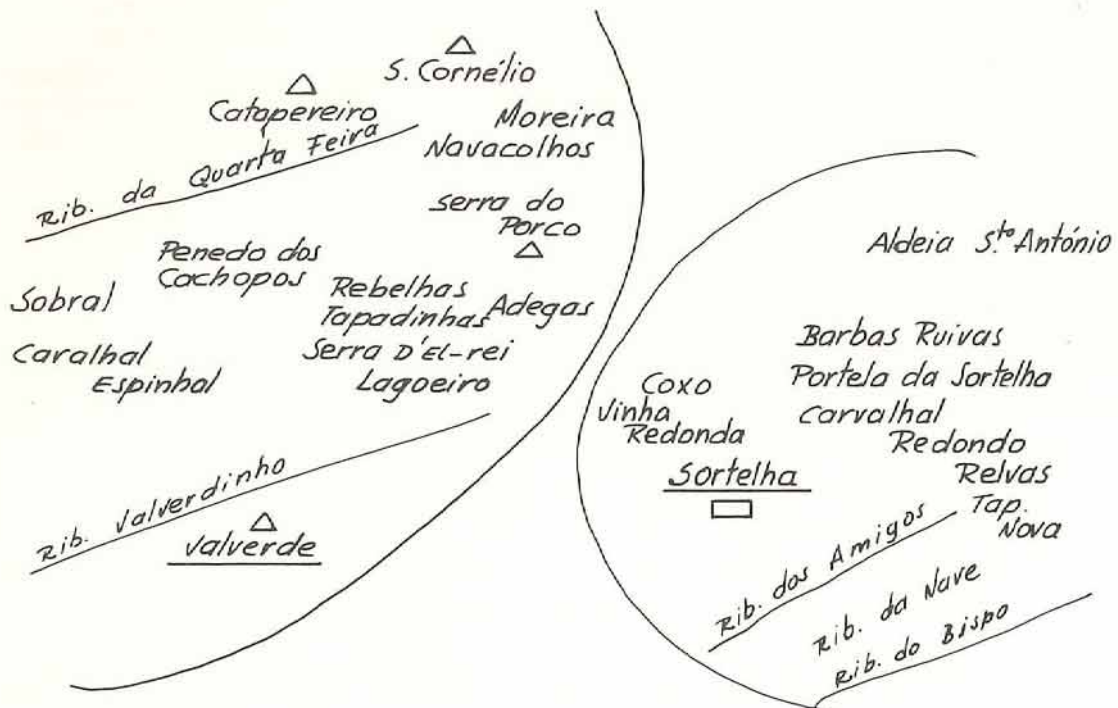
Marmelos. Mhr como *Marmeleira*.

Vale do Madeiro. Bal madr [balmadaru] 'senhor do voto'?

Vale de Macieira. Mazah ary 'encontro dos parentes' (como *Maceira*).

Casa do Fiel. Pl (hb. *pilellfilel*) 'juiz', à saída de *Passos* (*patum?* 'distrito').

10. A argola do barbas ruivas



Escola: Os nomes incluídos nos círculos situam-se aprox. no raio de 2km.

□ Para a toponímia urbana de Sortelha, ver o texto.

Cabeço sobre as ribeiras do Valverdinho e da Quarta-Feira, numa região desabitada, e toponimicamente pulverizada. A oeste de Sortelha predominam os nomes relacionados com *baal/berit/pubru*; a leste, as *Nave*.

Carvalhal e *Sobral*, são o mesmo sítio. *Qrb 'll* e *sibura'ly* 'parentela' e 'comunidade/clã'.

Quinta do Espinhal e *Vale da Nova*, como nos precedentes. *Yspy* e *nawe*.

Serra d'El Rei e *Rebelhos*, o mesmo sítio. 'El-Rei' é a tradução de *Rebelhos* (*rab bal*).

Lagoeiro e *Tapadinhas*, o mesmo sítio. Talvez *lh* [lag] e *tuppu*, respectivamente, que significam 'mensagem/escrito' em ugarítico e em sumério (cfr. Federico Lara Peinado, *ibid.* p. 111).

Adegas. *Ahd* (ar. *agada*), sítio da reunião/recolha, tomada/colheita' de pessoas ou bens.

Penedo dos Cachopos, contíguo de *Inguias*. Talvez *qs 'opp* [qas opp], *qs* 'copo/lcálice', '*pp* 'propiciar/conjurar' (sítio da adivinhação por meio de água, um processo conhecido de todos os aprendizes de sábios da Caldeia; se assim for, *Inguias* poderá provir de *anh* [ang] (ac. anagu) 'queixas' (lugar de julgamento pela água).

Serra do Porco. *Prk* 'coisa ou lugar sagrado'.

Catapereiro, vários, vizinhos de *Vinha Redonda*. *Kt pr* 'estrado de contratar'. *Quarta-feira*, ribeiro e aldeia. Deformação de *Catapereiro*, ou *kort phyr* 'acordo total'.

Reponda, Vinha (onde não há vinhas). Como nas *Cortes/Berit* em geral, *r' adon 'd* 'companheiros do senhor do trono / testemunho'. *Vinha Redonda* (toda a encosta) confunde-se com *Sortelha*. *Carvalhal Redondo*, a leste, continua a *Vinha Redonda*;

Carvalhal Redondo. *Qarb' ll r' adon 'd* [carbalalu readondu] 'parentela dos parceiros do senhor do trono / do testemunho'. É o m.s.q. *Barbas Ruivas*.

Barbas Ruivas. *B' arb r' ybl* [barba rēyble] 'à entrada (dos companheiros/pastores da argola)' ou *war+ba* 'entrar+chegar', dois sinónimos. Está traduzido por *Portela* (da *Sortelha*).

Ruivas. *R' ybl* [reíbele] 'argola/corrente/vara' (hb. *yabal*). Em *Caria*, a 10 km de *Sortelha*, uma fonte chama-se, segundo a placa municipal, *Fonte do Ruivo*, enquanto os vizinhos nomeiam-na *Fonte do Riblo* ou *Ruiblo*, tal como *Barbas Ruivas*, *r' ybl* 'fonte da gente da argola/varal' (*ybl* é também 'levar/trazer', ou seja, 'corrente, aliança').

Relvas. *R' ybl* 'companheiros da argola/aliança', ou *r' bly* 'companheiros do banquete'. O emblema dos «parceiros da argola» — que era a gente de *Carvalhal Redondo* / *Sortelha* — está representado na bandeira de *Sortelha* sob a forma de uma aliança.

Amigos, ribeiro dos, num vale profundo. *Emeq* 'vale'.

Quinta do Coxo, como em *Mafra*. *Qs* 'limite/borda'.

Ribeira da Cal. *Kl, klh* 'todos' (praça, bairro, assembleia ou outro qualquer lugar de «todos», hb. *kahal*).

Ribeira do Bispo e *Ribeira da Nave*, o mesmo sítio. O mesmo nome em dois dialectos: 1) ug. *byspy* 'na pastagem/colheita/reunião'; hb. *mispo* 'pastagem/forragem'; 2) hb. *nawe* 'pastagem'.

Aldeia de Santo António. Foi do Aton, o Senhor da Aliança/argola, com quem se ligavam os pastores-comedores. Deu um culto muito importante ainda hoje na *Sortelha* e arredores, sob o nome de Santo Antão, padroeiro dos pastores.

Os topónimos da vila de *Sortelha* (referidos por Vítor Neves e por nós confrontados no terreno) e a toponímia urbana são cananitas.

Toponímia urbana de *Sortelha*:

Os etnógrafos e filólogos, entre os quais Leite de Vasconcelos, costumam dar para *Sortelha* a significação de 'sortes, boa sorte' (lat. *sorticula* 'sorte pequena'), deduzida da significação imediata e popular da palavra (cfr. *Grande Enciclopédia*, art. «Sortelha»). O emblema da terra, desde pelo menos o século XIII, é um anel, e daí se deduz tratar-se de um «anel da sorte». O anel, o arco, o muro ou a muralha circulares são frequentes na simbologia judaico-cristã para significar aliança, união, representados antes do cristianismo pelo cinto de couro dos profetas. Na *Sortelha*, o anel era o emblema do clã, do *berit*. O ug. *srt* significa tanto 'argola/cadeia' como 'serra', e, em hb. 'ministério cültico': a) *srt' l* [sertal] 'argola alta / do alto' ou 'cadeia alta / do alto'; b) *srt' ly* [sertailya] 'argola/serra dos congéneres'; c) *srt' ly* [sertailya] 'ministério cültico dos congéneres (ou do Altíssimo)'; d) *sr tl'* 'cantar de cabeça erguida'; *tel* 'outeiro, colina'.

Viterbo e Domingos Vieira (*Thesouro da Língua Portuguesa*, Porto, 1874) já haviam dito que o nome «Sortelha» provém de 'argola/anel' (cit. in Vítor Manuel Leal Pereira

Neves, *A Antiga Vila de Sortelha, Aldeia-Museu de Portugal*, sem data nem menção do editor, vendido no local), mas não explicaram de que língua provém esse anel.

Rua Direita. Como todas as ruas homónimas, nas vilas e cidades do Centro e do Norte: *drkt* [derek] 'caminho', eventualmente associado ao lat. *directa*.

Era a artéria ao longo da qual se organizava o *habitat* da povoação, caminho público.

Gafo, a encosta poente. *Gp* [gape/gafe] 'ladeira' e 'beira'.

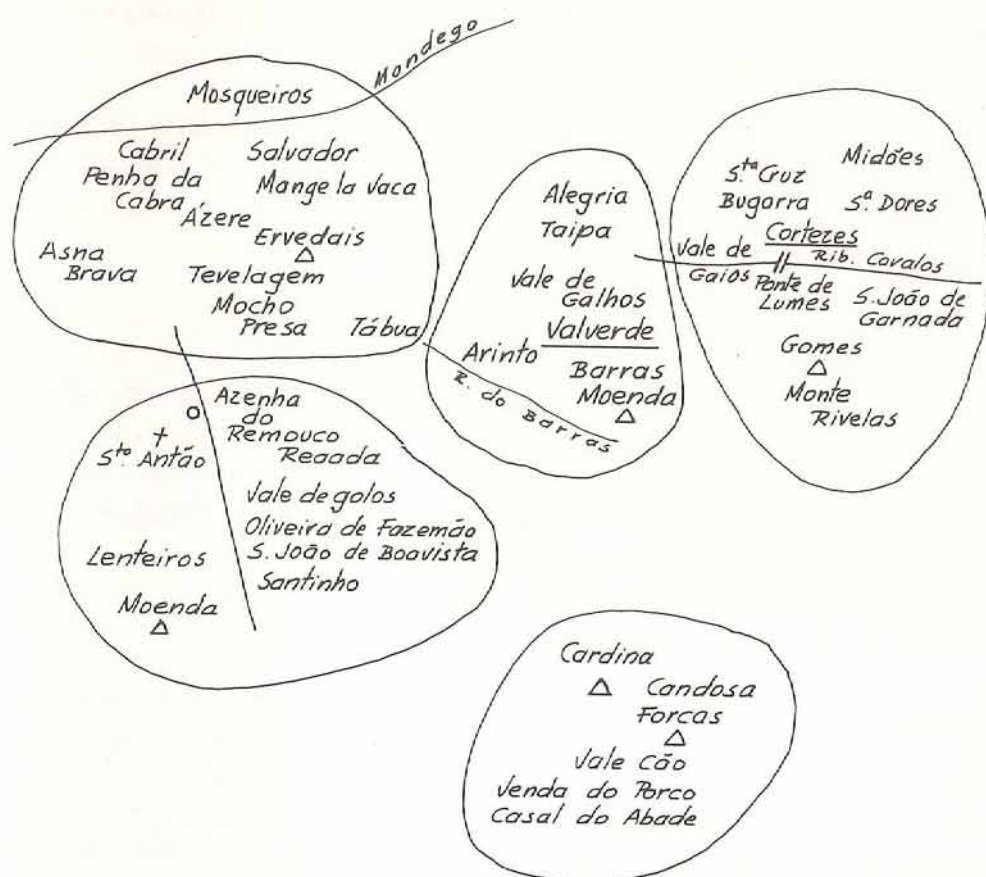
Rua Dã Mesquita. É o nome que os vizinhos dão à rua que alonga as muralhas, do lado esquerdo da porta poente, e que eles pronunciam [rua Ádamesquita]. Vítor Neves nota a dificuldade em explicar este nome de rua e, para isso, encontra o nome de uma família portuguesa, «Dã Mesquita», que lhe teria dado o nome, sem nenhuma razão, pois que nada tem a ver com esta terra. Todavia: Ádamesquita: *adam skyt* 'terra visível' (rua não calcetada). A rua circunda uma parte das muralhas pelo interior, e de facto só é calcetada entre as duas portas; depois da segunda porta, é em terra batida (indício de que, na Beira Baixa, como algures, há coisas que não mudaram desde os Lusitanos...)

Varanda de Pilatos. Nome de uma varanda do castelo sobranceira ao pelourinho que comporta uns buracos para lançar objectos ou outros materiais para defesa da entrada, segundo se diz. Pode ser isso e algo mais. Pilatos: *a) plt* [pilatu] 'salvação'; *b) p lat* [pelata] 'boca/abertura para vencer/dominar'; *c) pltt* [pilaste] 'aspersão'; *d) p' l ht* [pealatu] 'boca / buraco alto que cai sobre'; *e) pl ht* [pelatu] 'falar / explorar / olhar de cima para baixo'; *f) p lbst* [pelasto] 'boca / abertura dos discursos' ou 'discursar'. Supomos que essa varanda em face do pelourinho foi a varanda do juiz ou do chefe, embora a explicação popular também seja plausível.

Porta Falsa. Escreve Vítor Neves: «Como se explica que a escassos 30 m da porta poente haja uma outra porta de iguais dimensões, ao lado da Torre do Facho? o povo chama-lhe Porta Falsa. Será que aquela porta facilmente visível e a dar para um local de fácil acesso possa ser considerada porta falsa? É porque a porta nascente é em ogiva e a poente em arco? Foram construídas em épocas diferentes? Deixemos estas questões de pé...» (p. 34). Porta falsa: *phl wsw* [faalusu] 'do burro e do cavalo'. Era a porta por onde entravam os cavalos e os burros, para não transtornarem o movimento normal da vila; dava também acesso às traseiras das casas.

Cofre. «Há na vila um lugar junto à porta norte denominado *Cofre*. Está indubitavelmente relacionado com o local onde se guardavam haveres mais valiosos, nomeadamente documentos e dinheiros municipais. Tanto assim é que o povo ainda sabe ensinar onde ficam as ruínas da Casa do Cofre» (*ibid.*, p. 37), mas falta demonstrar que fosse costume. Cofre: *a) kp' r* [kafare] 'balança de permutar'; *b) kp pr* [kappre] 'balança de contratar' ('cortar'). O nome deriva do facto de nesse local das muralhas existir um meio de aferir pesos e medidas. Na ombreira da porta poente vemos ainda dois sulcos rectilíneos que foram o padrão de duas medidas antigas, a vara e o côvado; compreende-se que também houvesse padrões de pesos e um meio de aferir balanças. Na expressão *kp*, que significa exactamente 'pratos, inclusivamente de balanças' (ac. *kappu*, hb. *kap*), o 'r' (hb. 'ara) significa 'trocar/permutar' (vender/comprar = 'balança de permutar').

Salto do Peru. Assim se chama o sítio fronteiriço da porta/poente, ou a encosta, onde se encontram as ruínas da Misericórdia. *Salto do Peru*: *sklt phru* (ac. *suculktu phru*) 'recinto da assembleia'. Ignoramos que tipo de assembleia se tratava: cultural (que deu depois a igreja da Misericórdia), tipo reuniões municipais ou simples encontros entre vizinhos, fora de portas.



escala: Os nomes no círculo situam-se a menos de 1,5 Km.
Os círculos situam-se num raio de 3-4 Km.

A região está impregnada de topónimos referentes às ideias de penitentes, peregrinos, cultos sangrentos.

Valverde é o mesmo que *Barras*, sobre o ribeiro homónimo.

Em torno do monte Gomes:

Gomes. *Qms* [qomess] 'monte, cume'.

Cortezes, no ribeiro de Cavalos. *Kort* 'ssy' 'corte de exprimir' (ordália?), como *Cortezia* de Mafra.

Ponte de Lumés, no ribeiro de Cavalos e contíguo de *Cortezes*. *Lhm?* 'comer' (festim/albergue). É o m.s.q. *São Geraldo* e *Garnada*.

Geraldo (São) e *Garnada* (*sic*). Talvez associação de *gher+ahdt* e *gher ngt* [ghe-

rald, gherngt] 'estrangeiros/hóspedes colhidos, recolhidos' (albergue); *gher* 'estrangeiro, habitante de uma terra que não é sua'.

Cavalos, ribeira de. *Qbl* 'oferta, apresentação'; *qblbl* 'argola/braçadeira'.

Rivelas. *R' ybl, ri bel* [ribel] 'companheiros da argola/festim', 'aspecto do senhor'. Corresponde aos *Relvas* e *Ruivas* de outras regiões.

Vale de Gaios. *Gl* 'peregrino, profeta extático'.

Midões. *Mdam* 'sangrento, lamentador/flagelante'; *mid un* 'fatos de miséria' (penitentes). É o mesmo sítio que *Quinta da Bugarra*; *bhrr* [bigarre] 'abrasar-se, inflamar-se'. Deu os nomes/cultos Senhora das Dores e Santa Cruz.

Em torno de Valverde:

Barras. *Bry, bar' ium*.

Arinte. *Ary* 'parentes, correlação de pessoas' (ac. *arutu*; eg. *iry*; cfr. *ayr*).

Taipa. *Sum*. - ac. *atapa* 'repressa, subida, depósito'. Um «taipal», armação de madeira com que se faz aumentar a altura de um carro (*tapa' l*).

Alegria, Quinta da. *Al gry* [alegrie] 'subida do monte'. Todas as *Alegrias*, ruas e praças, de Lisboa à Covilhã, são 'subidas do monte'.

Moenda. *Mo' éd* 'assembleia/reunião/coesão'.

Boa Vista. *B bst*.

A expressão para «pessoa consagrada» está dita de três formas no conjunto dos topónimos em torno de *Boa-Vista*; um deles era exactamente «âlibeira».

1) Oliveira: *'l b' r* [âlibeira] 'no alto ilumina/brilha/acende'; *w' ly b' r* [oâlibeire] 'para no alto brilhar/acender'; *'ly b'* [âlibeire] 'retirado para iluminar/acender', ou 'consagrado a iluminar/acender'. Associa-se a albergarias, cenóbios ou assistência.

2) Fazemão: *pzg' mh* [fazgmá] 'lacera a pele'; *pzg' mn* [fazegmanu] 'lacera os membros, faz incisão nos membros'; *ps' mn* [fasaminu] 'pecador do destino'; *ps'* [pesá, fesá] 'páscoa'.

Galhos e Golos. (Goios em Cortezes): *gly* [gali] 'o que cai / extático; *gly* 'abater-se/fundir-se', 'extático' (hb. 'alal), 'entrar' (iniciar), 'marchar/peregrinar/emigrar' (hb. *galab*); *gly* [gali] 'cair, penitenciar-se'. Tratar-se-ia dos célebres sacerdotes-eunucos da Magna Mater, que no Império Romano se chamou Cíbele, e que os Romanos transcreveram para *galli* (cfr. *Origens Orientais*, p. 214). Relacionam-se com a *gue' ula* 'redenção/pagamento/regaste de sangue' e 'festa'. *Oliveira de Fazemão* dizia-se então *'ly b' r pzg' m manu* [ulibeire fazéhmâno] 'iluminados lacerantes' ou 'consagrados penitentes'. Esse culto antigo, de que os textos semitas, nomeadamente a Bíblia, e os historiadores profanos nos deixaram largas referências, derivou no culto da Senhora do Pranto, «muito forte» em toda esta região de Tábua que nas *Origens Orientais* havíamos relacionado com o culto de Thammuze/Átis/Adónis, também eles lacerados e emasculados por amor da sua mãe/amante. A Senhora do Pranto tem um santuário muito concorrido em Azere, sobre o Mondego.

Lenteiros. *Lmd ary* [lemdary] 'discípulos de uma fraternidade'; *lyt* 'comitiva/seguidores'. Como os *Lentos* nas Cortes, Benespera); ou, então, *lint ary* [lintary] 'hóspedes da fraternidade'.

Remouco, no sítio de uma azenha. *Rh' mk* 'moinho de coir' 'moinho da poça' (azinha) (aram. *rahya*, hb. *rahaim*); *mk* 'poça' e 'cair' está traduzido por *Regada*; nas Cortes, Leiria temos *Azenha do Rouco* (*rh* 'mó de moinho').

Venda do Porco. *Bent prk* 'casa/gente do santuário'. É o m.s.q. *Casal do Abade*. *Casal do Abade*. *Abd* 'escravo' (título de chefes; *abd* 'míngua') ou *ab* 'pai'.

Cardina, Candosa, Vale de Cão. Outeiros sobranceiros a Barras/Valverde, referem-se ao direito. *Cardina*: *gry din* 'encontrar julgamento'; *Candosa e Vale de Cão*: *kan* 'direito, normas'; entre os dois *kan*, o cabeço das Forcas.

Os nomes em torno de *Azere* merecem uma homenagem. Referem-se à Festa das Ceifas (do Espírito Santo, Pentecostes¹) e a bodos, «caridade» (hipótese que poderá ser testada no terreno, perfeitamente legítima, uma vez que o culto a que se referem os nomes são um elemento importante da cultura popular local).

Azere. Já dito deste modo no século X; *atr* [atjere] (ac. *asru*) 'santuário' e 'nome divino' (hb. 'azara 'átio'); *h̄zr* 'mansão' (hb. *hazer*); *h̄ss* 'cortar' (berit); hb. 'arasa 'boda'; *ēser* 'salvação, felicidade'; 'azere 'ajuda, solidariedade'; hb. bíblico *aséret* (entre os Cananitas e os Hebreus). É o nome da principal festa do ano; festa do fecho ou fim das ceifas; festa da convocação; festa da lei; festa da aliança e dos juramentos; festa dos cinquenta dias (Pentecostes); festas das sete semanas; festa das ceifas e festa da fartura. Era celebrada com grandes bodos para os quais se abatiam muitas reses. Em Portugal, o Pentecostes é igualmente tudo isso, inclusivamente a festa do «nome divino». Esta globalidade de significações ficou impressa na toponímia em torno de *Azere*. Espírito Santo é também o nome de uma freguesia de Tábua. Um outro sítio, *Azere* (Arco de Valdevez), também se chamou *Espírito Santo*.

Mange la Vaca. Confusão de três termos que significam 'obsequiar, agasalhar, dar de comer, dar guarida'; a) *mgn* (ac. *maganu*; hb. *migen*) 'agasalhar, obsequiar'; b) *l̄bk* 'de coração, por amor, por generosidade', 'em oferenda'; c) *b̄k* 'oferenda, recipiente'. Tudo isto deu, muito logicamente, *Mange la Vaca*, porque este tipo de banquetes compreendia sobretudo abate de bois; está desdobrado em *Penha da Cabra e Cabril*.

Penha da Cabra. *Krb* [carba] 'cântaro, recipiente'; *b̄k rb* [bacrab] 'generosidade'. Uma metátese desta dá [bacra, cabra].

Cabril. Hb. *leakriv* → *cavri* 'para sacrifícios', em contextos sempre idênticos. Procedendo a variações homófonas e a metáteses, temos por exemplo: *qrb il* 'aproximar-se de Deus'; *kar ybl* 'carneiro da aliança'; *kar lib* 'carneiro do coração'; *akl ibr* 'alimento do Touro'; *qbl yrh* 'oferta do mês / da lua'; *ql yr be* 'chamar a chuva vir'; *kl 'arib* 'todos oficiantes'; *b̄k ri il* 'recipiente da figura de Deus'; *gry bal* 'encontrar o senhor'; *bel gry* 'senhor da cidade'; *kla bry* 'encerrar o córte'.

Salvador, Quinta do. Exactamente o mesmo sítio que *Mange la Vaca*: a) *sb' d*, *sb' t* 'fartura' e 'sétimo'; b) *sb' d yrh* [sabudâire] 'sétima lua', 'sétimo mês', 'fartura do deus

¹ Sobre os rituais do Pentecostes cananita e hebraico, e outras referências a Azeret, aos prantos de Azere e de Azere, à ideia de «degolação do pão» (=ceifa), etc., cfr. *Origens Orientais*, pp. 40, 109-61.

Lua'; *c*) hb. bibl. *savvot* 'semanas' (Pentecostes); *d*) hb. bibl. *sevuot* 'juramentos'. Festa do sétimo mês é uma festa hebraica (e cananita), em Setembro, relacionada com as colheitas. No texto bíblico, *aseret* e *savvot* são sinónimos. A sétima semana (depois da Páscoa) é a festa das Colheitas, ou do Pentecostes. As paróquias antigas portuguesas onde o culto do Espírito Santo é forte, e que havíamos associado a um antigo culto de Átis/Adon², jovem deus confundido com o trigo e com a água, chamam-se *São Salvador*.

Tevelagem. É o mesmo sítio que *Azere*: *a*) *tḅ lḥm* [tabelagem] (ac. *tabu*) 'agradável repasto'; *b*) *tḅḅ lḥm* [tabaulagem] (ac. *tabahu*) 'sacrifício, degolação do pão/trigo'. *Tḅḅ* (ac. *tabahu*) 'sacrifício/holocausto, degolação' (Tábua, *tabahu*).

Ervedais. Outro nome de *Azere* e designação da pequena região: *a*) '*rb d as atr* [erbedax azere] 'oficiante que se ocupa do santuário'; *b*) '*rb d asy aseret* [erbedax aseret] 'oficiante que faz o «fecho»; *c*) *arbda* 'sacrifício de amor'; *d*) '*rb dl* [arbedal] 'oficiante dos pobres'; *e*) *hbr dl* [hebredal] 'comunidade/reunião dos pobres'; *f*) *ḥbr dl* 'companheiro dos pobres'; *g*) *hbr dl* 'vasilha/cântaro/panela dos pobres'; *h*) *brhb dal* 'bodo dos pobres' (do nome de uma divindade associada às bodas do Verão e às Ceifas (o Sol). Outras *Ervedais* (não expostas aqui) coincidem com este contexto: um lugar de acolhimento.

As referências a 'cântaros' concernem albergues, e reportam-se ao antigo costume de colocar um cântaro com água à beira da estrada para uso dos passantes (nomes como *Boco*, etc., podem ter derivado do mesmo). O costume ficou conhecido pelo cântaro da capela de São Jorge (Aljubarrota), que se diz ter sido posto aí para uso dos soldados perdidos depois da batalha, adaptação «patriótica» de um velho costume ligado à solidariedade popular. A capela de São Jorge situa-se em Cruz da Légua, nome que deriva de *kr̄s lg* 'mansão, acampamento, pavilhão do cântaro'.

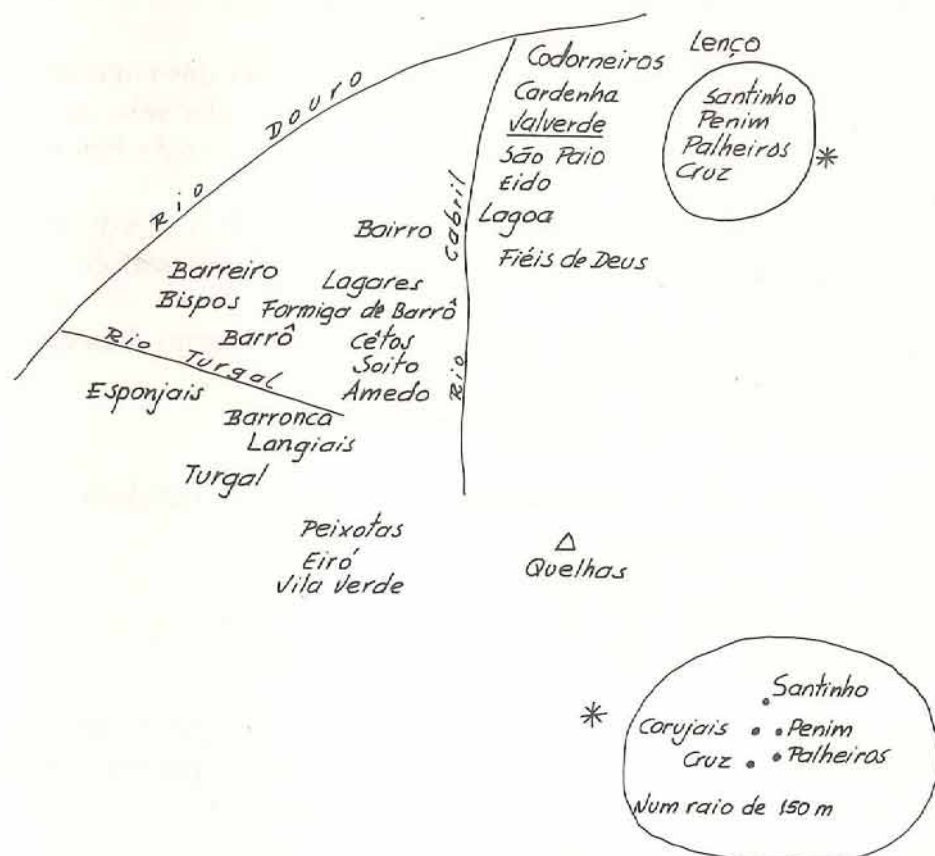
Presa. Talvez *prz* 'convocação'.

Mocho. *Msh* [mos] 'matança'; *mgt*, *mgst* [magutx] (hb. *muggas*) 'sacrifício, rez sacrificial'.

Mosqueiros. Do outro lado do Mondego. *Mhs smok' l* 'da confiança' (nome associado à *berit*).

Tabua. *Tḅḅ* (ac. *tabahu*) 'sacrifício'.

² O culto de Adon ficou impresso em *Asna Brava* (rio) e em *Santo Antão*; o do Sol (Sheiman) derivou em *São Simão*. Hoje, o principal culto é de Nossa Senhora do Pranto, exactamente no Pentecostes.



Escala: entre Vila Verde e Vila Verde distam 7 km.
os outros nomes são respectivamente contíguos.

Na foz do rio Cabril, Douro:

Cabril. Hb. *akriv* [akriv → kavri] 'sacrifica/sacrificado', como o de *Tabua*. Existem vários rios Cabril, entre os quais um afluente do Tâmega, relacionados com sacrifícios humanos (cfr. *Origens Orientais*, p. 367); este último chama-se na sua nascente *Cabrão* (hb. *Korbane* 'sacrifício'; *qrb il* 'neto de Deus').

São Paio. Deus dos Pelasgos (Pelaio, Pelagaio), confundido com o rio-juiz. Teria sido venerado em *Lagoas* (Alagoa).

Rego. *Rh* [ruag] 'espírito (de Deus), alento, água', que foi o rio/Pelagaius.

Corujais, *Portela*, *Cruz*, *Penim*, *Cardanha*, *Couto*, *Palheiros*, *Lenço*, *Santinho*, sobre o Douro, são o mesmo sítio. Referem-se à adivinhação/justiça.

Corujais. *Keres's* [qarej ix] 'vísceras exprimem-se', lugar/casa dos adivinhos.

Portela. Poderá ser *puhuryt'l* [pouritela] 'fala do destino último'. É exactamente o mesmo sítio que *Corujais*. Cfr. hb. *purim* 'sortes'.

No raio de 1 km em torno de Corujais:

Palheiros. Pl 'juiz'.

Cruz e Penim são exactamente o mesmo local. Suspeitamos que *Cruz* seja *krs* [kres] 'entranhas'; *qr̄s* 'morada, mansão, domínio'.

Penim. *Pan' n* 'fala, por favor, diz!', fórmula de consulta dos augúrios. É o m.s.q. *Cruz*. Juntando-os temos *Cruz-Penim*; *keres p an'in* 'entranha fala, suplico'. Geralmente aparece *Crespo* (*krs p*); se lhe juntarmos *Penim* temos *Crespo Penim*: *keres p 'ny* 'entranha falar-responder'.

Santinho, sobre o rio. *Snt' ny* 'sonho diz' [xantini]. É o m.s.q. *Penim*. Cfr. a lenda etimológica da «ponte de Santarém» relacionada com os sonhos (cap. Cultura Popular).

Lenço, no rio. *Lans* (ou *lh ans*) 'inexorável/fraternal', como *Maunça*.

Cardanha. *Qry dan* 'encontrar/apelar julgamento/juiz'.

Couto. Devia ter sido *kutu* 'estrado/trono/recipiente'.

Codorneiros. *Qara ndr ayr?* [qaranedarair → qarandaire → qadarnair] '(lugar do encontro do voto da congregação'.

Moledo. *ml* 'rio' (*ml' d* 'rio do testemunho').

Molães. É como *Moledo*, *ml* 'rio'.

Adegas, sobre o rio. *Abd/adh* [agade/adague → adega].

Sobre Igreja e Santiago. Sobre Igreja devia ter sido *sb̄rt ygrs*, nome de clã (*sibura yagrus*) sendo *ygrs* uma arma mágica/mortífera (arm. *ger̄s* 'que expulsa/mata').

Santiago adaptou-se a *sbur ygrs* [sb̄rt+yagrus=satyagus].

Angorez. É uma variante de *yagrus*.

Fiéis de Deus. Um eufemismo. *Pltt ydd* [filejt yadid] 'lançar o amado' ou 'aspergir o amado', local de sacrifícios no rio Cabril; *pl̄t* 'humilhação' e 'aspersão' (hb. *pallēs*) *dd* (ac. *dadu*) 'amado'; *yd* 'amor, carinho'. O costume de lançar uma pedra para um montão de outras chamado «Fiéis de Deus» (contra as almas penadas que enxameiam os caminhos), significa 'lançar/aspergir aos amados'. O costume identificava-se com o culto de Mot, deus da morte, chamado frequentemente *ydd Il* 'amado de Ilu'.

Na foz do Turgal, na outra vertente da serra, em torno de Vila Verde:

Turgal e Ribeira do Turgal. *Tur g' oel* 'cinto/corrente da redenção/promessa', título da confraria do *berit* (cfr. *Valverde* — *Sortelha/Belmonte*). É o m.s.q. *Soito*.

Bairro, Barreiro. *Bar' ium*, *bry ayru*...

Barrô, nome da região. *Bry'ul* 'kort dos parentes/congéneres'.

Eiro'. *Ary'ul* 'aldeia dos congéneres'.

Formiga de Barrô. *Phr mgy baryç'ul* 'assembleia de culto (obséquio) dos parentes' [furmigy barriull ou 'assembleia/reunião dos consagrados da comunidade'] (*b'r*) ou 'assembleia de culto obséquio do *bar' ium* dos congéneres'; é o mesmo que *Bela Luz e Casa*.

Cêtos e Soito (mesmo sítio e contíguos de Formiga). *Sut* 'base/assento'; *sty* 'sítio de beber'.

Amedo. M.s.q. *Cetos e Soito* 'm' d? 'povo do testemunho', *me'od?* 'assembleia/reunião'.

Langiais. Como os Lanchais de algures 'lugar das amabilidades dos congéneres'.

Bispos e Barreiro, sobre o Douro o mesmo sítio, *ysp* 'recolher/comer/pastagens'; é o m.s.q. *Esponjeiros*.

Esponjeiros. *Aspy* 'pastagens'.

Pardelhas. *Pdr'l* 'povoação da encosta'.

Quelhas, monte. *Kl, kla* 'de todos/ comum'. A pergunta 'De quem é isto?' sendo evidente que é daquele a quem se pergunta, este responde 'é do Quelhas!' (= É comum, não tem dono).



Escala: 4 km entre os sítios mais afastados

Vale Verde numa região onde em menos de 5 km se encontram vários Bairros de Barrio.

Contíguos a Vale Verde no raio de 1 km: *Serquide*, *Galhufe*, *Paços*, *Paraizo*, *Regueira*, *Novelo*, *Venda da Costa*, *Souto*, *Carvalha*, no Monte da Fornalha.

Carvalha. *Qrb'l* 'clã/parentela', é o mesmo que *Paços*: ac. *pat um* 'distrito'.

Serquide. *Srg yd* (hb. *sork*) 'falar de partes/ ração/ desobrigação' ou 'falar de amor'.

Galhufe. *Gal' pp* 'festa, promessa do conjuro ou da imploração' (ar. *awfu*).

Paraizo. *Prz*, 'convocação' (hb. *parazu*=kort).

Tarrío. *Tar ul* 'parentela/consaguíneos' (como vimos outros); *tarry* 'poderoso'.
Adiante temos *Tarral/Leiria*.

Novelo. *No Ilu* 'profeta/ministro/juiz de Deus'.

Venda da Costa. *Bent agzt*, 'desposórios', 'festa', (ritos eróticos/nupciais, contratos de casamento, pagamento de dotes) [*bent agazt* → *benut agozt* → *bend agozt*]; é o m.s.q. *Souto/Assento* ('sede' e 'pôr da mesa').

Teimo de. *Thrmt?* 'rede, malha' (de prender os criminosos/vítimas) (ar. *tahmri-matu*); (cfr. *Timóteo de Mafra*. É o m.s.q. *Senim*).

Senim. *Snn?* 'rugir de dentes' [*seni/um*] (cfr. *snu* 'inimigos').

Becada. *Bsd* 'no campo'.

Gemeos. Poderá ser *glm 'sy* 'mensageiro/príncipe/servidor que se exprime'?; refere-se aos *gal?* (religioso/profeta) [*gelem is*] (hb., *elem, 'alam*); '*sy, 'ss* exprimir-se associa-se ao *gl' pp, galhufe*.

No raio de 2 km de Vale Verde:

Vila Verde, Bairro, Barrio, Casal do Avesso, Leiria, Tarral, Baçada, Boa Vista, Cedofeita são o mesmo sítio, no raio de 1,5 km.

Barrio/Bairro. Bar'iu; é o m.s.q. *Leiria, Tarral, Casa Nova, Nogueira*.

Leiria. Leyria 'à cidade'.

Tarral. Tar 'parentela/consanguínios'. Note-se a associação *Tarral-Leiria* tal como na primeira constelação *Tarrío-Cortes-Leiria*.

Nogueira. Ngr 'sacerdotes/mordomos' moravam na *kasu nb* (Casa Nova).

Casal do Avesso. Poderá ser *hbs* 'governador' (hb. *hobes*, e *ab* 'pai') ou 'cinto/cintura, bracelete e braço' (sum. *haabsi*, cfr. *ark* 'potência do braço'); pode ser o símbolo do clã (=corrente); é o m.s.q. *Vinha Velha (bel)*.

Cedofeita. Sd pt (ac. *siddu*, hb. *pitah*) 'eflúvio de sedução' (ritos eróticos/religiosos); *sd* (ac. *siddu*) 'eflúvio/verter, largueza e medida de superfície'. A mais antiga referência às várias *Cedofeita* que existem no País consta de *Cidofacta* (latinização tabeliônica) e data de 1059; a explicação popular, quanto à do Porto '(igreja) feita rapidamente' não se justifica. Cfr. José Pedro Machado, *Dicionário Onomástico e Etimológico*. Pode tratar-se de um lugar de culto/ erotismo/ adivinhação frequente nestes contextos. *Cedofeita* é o m.s.q. *Boavista - babst*.

A 1 km, uma outra *Boavista* (primitivamente um único sítio) é o m.s.q. *Barrio, Auche, Pinheirinho, Safra, Souto/Assento* e *Vale do Rei*.

Auche. Ans [anxe] 'fraternidade, corporação'.

Safra. Spr 'entrelaçar, cuidar'; 'comer, devorar' corresponde a *ispy/bispo*. Note-se a associação *Auche-Safra* idêntica à de *Maunça-Enxabarda* do Fundão.

Barrio/Vale do Rei. Bar'iu / bal d dr (ac. *dararu*) 'senhor que brilha/fala'. Estava sediado no Assento/Souto? O *Souto* minhoto encontra-se permanentemente desdobrado de *Assento*, ponto central de um conjunto de sítios vizinhos, tradução de *Souto/sut*.

No sopé do monte/santuário de São Bento.

Sub Paz e Boco (do Tagilde) num ribeiro. Mesmo sítio e dois sinónimos: *spsg* [sopzag → subpaze] 'recipiente'; *bk* 'recipiente, cântaro'.

Tagilde, Boco de. *Bk tg'zyt* [boco tajzid] 'recipiente de oferenda/libação'.

Naridos. Ndr [nedary] 'voto/fazer votos'; *yd* 'amado'.

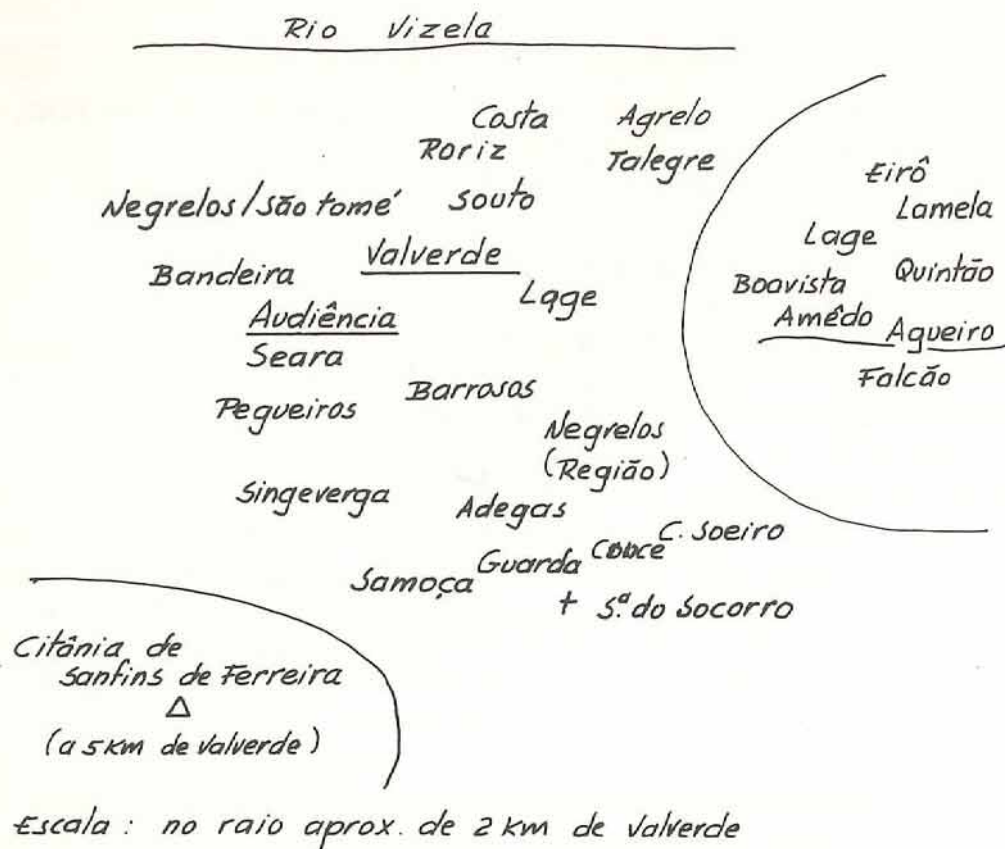
Sino e *Cebouce* (duplicação). *Sinu, sb bts*, respectivamente 'volta' e 'volta grande' (da estrada).

Monte da Lama / Pinhal da Lama / Cruz da Lama. Confundidos com o Monte de São Bento e no cimo do mesmo. *Lahmu* 'espíritos protectores' das pessoas e de povoações na religião assírio-caldaica, equivalentes aos querubins bíblicos, ou *lhm* 'comer'?

São Bento. Verdadeiro deus supremo dos Minhotos: *beny benwot* 'criador das criaturas'.

São Paio é o hagiopónimo da região (Pelagaio).

11. No clã do Senhor, escravo de Ilu



41

Valverde (Negrelos, Sanfins de Ferreira)

(98)

A 5 km ao norte da Citânia de Sanfins de Ferreira.

Num raio de 2 km de Valverde:

Valverde, Souto e Barrosos são o mesmo sítio que *Valverde*.

Audiência. O mesmo sítio que *Valverde* e *Souto*. Estando a referenciar locais de justiça do segundo milénio a. C., não acreditaríamos no topónimo *Audiência* se este não estivesse escrito numa carta militar. *Audiência* refere-se aos juízes/mordomos, mas deve referir-se também ao carácter da justiça do senhor que a ministrava: *adon ans* 'senhor implacável' (ou 'fraternal?'), ou, ainda, *adons ans sy* 'senhor implacável que se exprime desolação' (hb. *seiyyah*) [adonancia → audnancia → audãncia]. Está duplicado por *Seara*.

Seara. *Sabra* 'desolação'; *sr* 'atacar/assediar', 'veemência' e 'príncipe'; *sr ara* 'príncipe fala'. É o m.s.q. *Audiência*.

O topónimo *Audiência*, num local onde houve julgamentos, não é uma tradução exacta da antiga audiência, mas o efeito da memória colectiva dos vizinhos transmitida

por mitos e reminiscências ligados ao local, relacionando-se o carácter antigo da justiça com as «audiências» actuais.

Lage. Lh [lag] 'mensagem/ditado'. É o mesmo sítio que *Souto/Valverde*.

Negrelos, que é o nome da região, já conhecido. *Ngr* 'mordomo/sacerdote/profeta/juiz'.

Bandeira. B ndr [b nedar] 'no (lugar) do voto/promessa/contrato'; uma «bandeira» num local de justiça / festa popular; como em *Audiência*, efeito da memória colectiva.

Pidre. Pdr 'cidade/terreiro' dos juizes/mordomos ou, simplesmente, 'terra de semeadura' (*pdr*, sir. *podro*); *pndr* 'dizer promessas' ou *pdry* 'deusa-mãe'. É o m.s.q. *Audiência*.

Costa. Agzt.

Talegre. Um pequeno outeiro (*tel*). *Tel agr* 'outeiro do aluguer/renda', 'do alugador/empregador/patrão'; *tel gr* 'outeiro do estranho, estrangeiro'; *tl agr* 'outeiro do que nos emprega / dono ou patrão'; contíguo de *Agrelo*.

Adegas. Talvez abd [agade/adague] 'colher, recolher, apoderar-se' (um celeiro/entrepósito?); ou *ad* (ac. *adda*), uma variante de *aba*, 'pai', como propõe Del Olmo Lete?; (*ad+ega?*) ou *Abd (+ega)* 'perder-se, perecer, sofrer minguá', sendo o hb. *ega* 'fortaleza, castelo (calabouço?)', talvez 'entrepósito/celeiro'. O m.s.q. Barroso, como noutras regiões.

Couce. Ks 'recipiente / copo de libação / castigo', 'trono/assento/sede' (da justiça; ac. *kasu*); *qss* 'corte, limite'.

Samoça. Poderá também conter uma referência à justiça. *Sam* (hb. *samasem*) 'tapar/conter', *ma' assar* 'detenção/prisão'. O ug. *mhs* [mahass] 'matar, ferir, arrasar' e 'machado'. Talvez um lugar de detenção/suplício, no que é hoje o santuário da Senhora do Socorro (cfr. *Valverde*, Mafra, a mesma justiça e o mesmo nome «Senhora do Socorro», decalcado sobre *shr* 'gritar', *suq* 'agarrar', *qr* 'chamar' e *qrr* 'retorcer-se').

Singeverga, na carta 1250, (referido como *Sengiverga*) sugere prisão ou culto. *Sns brk* [sines bérék] 'cingir dos joelhos / das rótulas' (hb. *sines berek*).

Pegueiros. Cobre todos estes sítios simultaneamente com *Negrelos*. Poderá ser *peger* [peguer] 'boca/audiência dos hóspedes, estrangeiros' (e rendeiros?)

São Tomé. Padroeiro de *Negrelos*, que parece ter-se ajustado a *thm* (ac. *tabum*) 'contacto' (leis). São Tomé foi o santo que precisava de «contactar» para acreditar, porque fazia fé unicamente em 'contactos', não em boatos.

Todos os nomes precedentes se encontram em correlação. Foi um lugar de «audiências», judiciais/contratuais.

A 2 km de Valverde ao longo dum pequeno ribeiro:

Boa Vista. Foi um local de ordálias/suplícios 'vergonhosos'. *Bst* [boxte].

Falcão ou Agueiro, Quintão, Amedo, Lage e Lamela são o mesmo sítio, no raio de 500 m.

Agueiro. Ah, ahu (ac. *ahu*) 'ribeira'.

Falcão, duplo nome do *Agueiro*. *P/fal kan* 'juiz das normas' (homem ou ribeiro).

Lage. Lh 'mensagem/ditado'.

Lamela na confluência de três regueiros e na *Lage* (ordália), poderá ser «perguntas rituais/processuais»: *lam? lemô?* 'porque? e mais quê/quem?' (hb. *lamah* 'porquê?').

Eiró. Ayr' ul 'correlação/congregação de parentes' (aldeia).



Escala : Os nomes mais afastados distam entre si aprox. 5 km.

Na encosta da citânia, *Eiriz* tem três bairros: chama-se um *Vila Verde* (*bal berit*), um outro *Paraizo* (*p̄zr* = 'convocação/kort'). Há pelo menos outro *Eiriz* no Mediterrâneo, na Sicília (dito exactamente deste modo), que sempre foi considerado como uma antiquíssima feitoria fenícia. O nome *Eiriz* pode ter sido *ary' r* [air, eire] 'cidade/correlação de pessoas'; *ary' z* [ariaz] 'cidade forte / do forte'; *yrt* [iaritj] 'posseção/herança/herdeiro'; *ary it* [ariitj] 'cidade/correlação do pagamento' (*berit*), e também *arx it* 'cidade de estar' (onde a gente está); *'rz* [arizz] 'terrível' (epíteto de deus e de reis). Podia ter sido tudo isso ao mesmo tempo, se atendermos aos nomes contíguos, duplicações/complementos de *Eiriz*.

Real. *R' l* [real] 'companheiros congêneres/parentes'.

Bande. *Bnt*, como na *Loriga*, totalmente fiel ao original; apenas o *t* abrandou em *d*; *bnt r' ly* 'entre companheiros congêneres / parentes; ou casa, estrutura dos' [*bente realy*]...

Confunde-se com *Vista Alegre*. *Bst* 'altar, lugar de convívio sexual', e é contíguo de *Costa* (*agzt*).

Cacães. *Kan' sy* [cacâness, cacanssi] 'a norma diz'; *kkanās* [cacanex] 'onde se faz' (= Souto). É o mesmo sítio que Souto (= «sede»).

Trindade, contíguo de *Cacães*. Associação/confusão de vários termos relacionados com a justiça: *tr* 'recurso/cinto'; *t' dt* [tadt] 'testemunha/acreditação'; *id* 'remover', 'levar

aos lábios' (ordália); *ri* 'aspecto, aparato'; *'ny* 'dizer/responder'; *'d* 'testemunho'; *d' t* 'conhecimento, comunicação'; *t' n* 'atacar, expulsar'; *trd* 'expulsar'; *thrm̄t* [tarimt] 'rede, malha' (para prisioneiros); *t' rt* 'malha, rede' (linguagem de caça); *tr' ny t' dt* 'recurso/cinto de responder em testemunho'.

Sendo *Cacães* o mesmo sítio que *Trindade*, podemos supô-los desdobramentos de uma expressão única, por hipótese *kakan ās tr' ny t' dt* [cacânex terinitadt] 'lugar onde se faz o recurso/julgamento/testemunho'.

Trindade. É o mesmo que *Pancada*. *P' n/p' nk* 'pé, base'; *pqd* (ac. *pakadu*) 'ordenar'; *pq/npq* 'encontrar/proporcionar' (sítio onde se encontra o testemunho).

Lagoinhos, contíguo/variante de *Cacães*. *Lh' ny' ās* [laghuinax] 'escrito/ditado/mensagem diz expressa'.

Paraizo. *Przu* 'convocação'.

Aldosinde, contíguo de *Paraizo* e de *Eiriz*. Assemelha-se a nome de pessoa (*Adosinda/o*), nome teóforo; mas a diferença (*Aldosinde*) deve ser significativa, por isso se manteve deste modo para se distinguir do nome vulgar *Adosinda*: a) *Adosindo*. *Adon' ssy' n' d* [adonissiinede] 'o senhor exprime/cumprer o testemunho/promessa'; *aldn' ssy' n' d* [aldonssiinede] 'certo/alto juízo/senhor do testemunho'; *ad hss' n' d* [adausinede] 'o senhor recorda o testemunho'; *adhssimt* 'o senhor recorda-se deveras'; *adhsim' d* 'o senhor recorda'. b) *Aldosinde*, topónimo. Pode estar relacionado com *Gonçalo*, uma vez que corresponde ao sopé do Monte de São Gonçalo: *aln ad' ssy' n' d* [alnado-nissiinede] 'o carvalho-senhor exprime/responde testemunho'; *aln d hss' n' d* [alndausinede] 'carvalho que recorda o testemunho'; *aln dw ss' n' d* [alndaussiinede] 'o carvalho dos doentes exprime testemunho'; *all dw ssy' n' d* [alaldaôssiinede] 'a roupa do enfermo exprime testemunho'.

O culto do *Monte São Gonçalo* é o Senhor do Lírio ou Delírio, invocado contra «os delírios ou transtornos da cabeça», que é um vestígio do culto divinatório do Gonçalo.

Pedra Posta, *Costa* e *Vista Alegre*, contíguos são «suspeitos»; parecem derivar de *bst*, 'vergonha/desvergonha'.

Bustelo, vários sítios. Poderão derivar de vários termos que significam 'receber' (*bht* [bats]) 'deter-se/parar', além de *bost* 'vergonha/desvergonha'. Um dos *Bustelo* confunde-se com *Vista Alegre*, eufemismo, tal como *Boa Vista*.

Longra. *Log gr* 'cântaro dos peregrinos'; *l' wn gr* [longra] 'para os peregrinos/estranhos', paralelo de *hbr* 'companheiro'. É contíguo de *Esgueiro*, sinónimo.

Esgueiro. *'S, is, it/iss, gr* [isguere] 'fogo, acolhimento, oferenda, dos peregrinos'. É contíguo de *Boavista* (*bbst*).

Largateira. *Lgdrt* 'em/junto da cerca/muralha/paliçada' (hb. *gadêre*).

Varanda. Alto da, contíguo de *Largateira*. *Brd nd* [barad neda] 'separar/apartar/cortar' e 'espantar/afugentar/arremessar/emitir', associado à ideia de 'afugentar'; uma varanda é um lugar de separação/vigilância.

No raio de 2 km de Vila Verde:

Redundo e *Monte de Redundo* (sic). Aldeia na nascente do Leça e um monte em frente de Vila Verde. Nome arcaico, de acordo com a origem, não porque seja rotundo: *r' udn' d* [réudúned] 'pastores/pastagens do domínio do trono', 'companheiros do senhor do testemunho'.

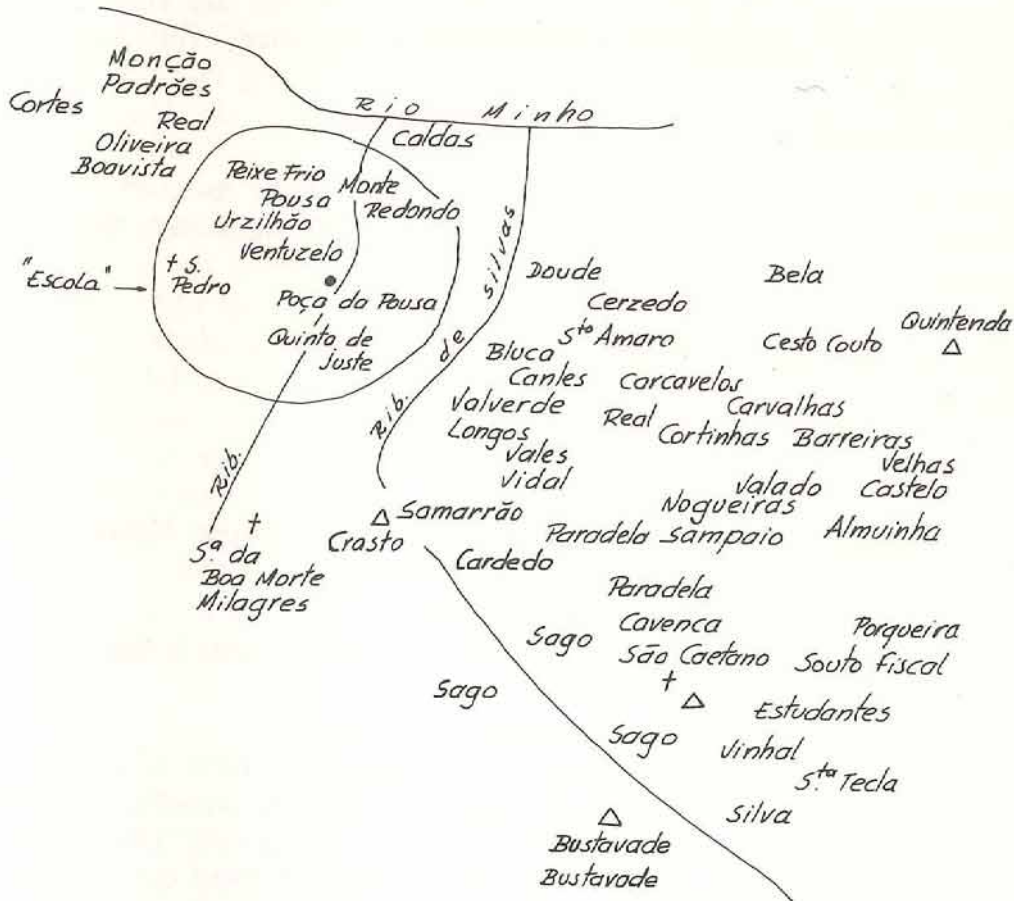
Cortal, *Cortedo* e *Hortal*, contíguos de *Redundo*. Foram *krt' l* ('dos congêneres' e *kort' d* 'testemunho'; *Hortal* é uma corrupção de *kort*. Devia tratar-se de fronteiras (*kort=miseru*). Duplicado por *Leça*.

Leça, rio. *Lhz* [lasse] 'do corte'.

Abade. '*Bd* [abade] 'escravo/servo' e 'título de reis'.

Monte do Lavradio. É o nome do morro da citânia. Não se trata de terras aráveis, mas escarpadas e pedregulhos. Confundido com a citânia, pode ter sido o nome desta; se assim for, quem dominava a região seria um rei, que tinha o título de autoconfissão muito frequente entre os Fenícios, *Abd*, *Abdos*, *Obdos* 'escravo'; cfr. *abd*, *Abade*. Teríamos então: a) *lhbr abd ilu* [lehbrabdilu → labradiu] 'na comunidade do escravo de Ilu'; b) *hbr abd ilu* [xâbrâdilu → lâbrâdio] 'companheiros do escravo de Ilu'; c) *hbr abd ilu* 'Hbr/cidade, celeiro do escravo de Ilu'.

O rei cananita Krt, dos mitos de Ugarit, era senhor de Hbr [Habura, Habera, Hebura, Habera], e tinha o título de *abad Ilu*; desconhece-se a localização de Hbr. Krt foi um homem bom que, por não ter descendência, viu o seu país devastado (que também se diz *abd* 'míngua') pelos gafanhotos e pelos estrangeiros que o expulsaram do trono; Krt implorou o deus Ilu, teve um sonho em que Ilu lhe apareceu e estabeleceu com ele um pacto (*kort berit*) concretizado por um banquete. No cumprimento desse pacto Ilu deu descendência a Krt, e restabeleceu-o no trono.



Escala: Os nomes mais afastados distem cerca de 3km de Valverde.

Valverde é o mesmo sítio que Carvalhas, Carcavelos, Real, Longos Vales, Cesto, Barreiros, Nogueira, Vidal, Samarrão. Tudo nomes repetidos noutras regiões.

Carvalhas. *Qrb'ly* 'entre congéneres' (um clã), ou *qrb bal* 'perto do senhor'. Ou uma derivação de Carcavelos.

Carcavelos. *Karka belus* 'domínio do senhor' (empresa, feitoria).

Real. *R'ly*. Parceria de congéneres (ou do Altíssimo), contíguo de Cortinhas e de Longos Vales.

Cortinhas. *Kort'yn* 'kort do responder-dizer' ou do 'cantar-celebrar'.

Vidal. É o m.s.q. Longos Vales e Cardedo. *Berit'ly* [beridal].

Couto, contíguo de Cortinhas e de Castelo. *Kutu* 'trono/estrado'.

Cesto, 'corresponde aos Souto'. *Kh̄* [katj] 'trono do poder'; ao lado temos Couto (*kutu*) 'trono'.

Canles. *Kn l'jt* [cânlex] 'normas de fazer'.

Longos Vales. Confundido com Carcavelos, Valverde, Canles, Real, Cortinhas, Vidal,

Valado, etc. Por estranho que pareça, *Longos Vales* foi *lh' n' s bal* [lagghinesbal → languesbal] 'mensagem/lei do senhor'.

Valado. *Bld* 'circunscrição administrativa, região' (ar. *baladu*).

Nogueira. *Ngr* 'mordomos/juízes/sacerdotes'. É o m.s.q. *Almuinha*.

Almuinha. *Glm' n* [halmuyn] 'servidor/príncipe de dizer' (juiz) (hb. 'almah, 'elem); era o *ngr*.

Sampaio. Deus dos Pelasgos e dos Argonautas.

Bluca. *B laqah* 'onde se toma/colhe/agarra' (rito erótico); vai com *Santo Amaro*.

Santo Amaro. Ac. *mabru* 'marido'; *mhr* [mor] 'dote/vigor', em frente da *Serra da Moura* (*mhr*).

Doude. *Dd* (ac. *dadu*) 'amor/amado' e 'concordia'.

A 1,5 km de Valverde:

Castelo e Velhas, contíguos, são um desdobramento: *Castelo Velhas*: *Kht* [kaatj-bel → caast bel] 'trono do senhor'.

Castanhal, contíguo de *Castelo*. *Kht* 'trono'.

Barreiros, contíguo de *Cortinhas/Carvalhas*, confundido com *Velhas*. *Bary 'r* [bar-yaire] 'juiz da povoação'.

Serzedo. Hb. *sergeret* 'ministério cúltilco', 'cadeia'.

Cardedo é o mesmo que *Craastro*. Foi o nome do castro. *Qryt 'd* [cartede] 'cidade/povoação do trono' ou 'povoação frente ao trono' (hb. *qeret/qyriah*; fen. *qart*).

Samarrão, confundido com o *Castro* e *Cardedo*. *Sama rum* '(lugar de) ouvir o excelso', ou '(sítio do) excelso Touro' (*rum*). Foi o local de culto do *Castro/Cardedo*.

Milagres e Senhora da Boa-Morte (confundidos). Um belo eufemismo. Foi um lugar de execução na encosta do monte do *Castro*, derivando no santuário da *Senhora da Boa Morte*. *Milagres*: *ml hrg* [melarg] 'destinado para matar/morrer'; *ml hrg* [mailarg] 'cheio de morte/mortos'. O título «Milagres» é geralmente atribuído a um *Cristo crucificado* ou sob a cruz (*Senhor dos Passos*).

O culto dos *Senhores dos Milagres* pode ter origem num ritual que compreendia a morte de um jovem deus pela Primavera, ritual constatado no Médio Oriente por alguns autores, nomeadamente Frazer, e que derivou depois no culto de *Átis*.

Paradela. Podia ser *pdr* 'terreiro/praga'. Confunde-se com *Cavenca*.

Cavenca, no santuário de *São Caetano*. *Q' l bn mk* [calbemca] 'monte dos posternados'; *kabnk* 'deveras posternados'.

São Caetano. Pode ser decalque sobre *sut kn tan* [sut cantane] 'lugar de estar dos lamentadores', que são os nabim/extáticos. Outros lugares em torno de *São Caetano*:

Santa Tecla, muito comum no Minho. Tem todo o ar de ser decalcado sobre *tkl* 'esterilidade, privação de filhos'. Refere-se a *Cavenca*, *São Caetano*, onde residiriam prostitutas sagradas?

Silvas. Povoação confundida com *São Caetano*, e nome da ribeira que atravessa todos estes sítios. Poderá ser a associação de dois sinónimos, *sb* (ac. *sibu*)+*ils* [siibles → siilbes] 'ancião, mordomo, heraldo de Deus' (*Canaã*, arts. *sb*, *siy* e *ils*), chamados

algures *nagar* e *nabim*; *sb ybl* [sibuible] 'ancião da corrente/cinto' e 'assistência'.

Na vila de Monção, temos o seguinte conjunto referente à assistência aos doentes; no seio da vila, *Padrões/Real. Pdr/r'l* 'cidade, companheiros congêneres'.

Boavista/Oliveira. Bbst/b'r 'altar/pessoas consagradas', talvez albergue.

Boavista e Vista Alegre. Estes nomes não se referem à beleza das paisagens, associam-se a sítios de festa ou a lugares de passagem, talvez albergues.

Boa. B 'em, com, entre, por', ou *ba* 'chegar'; *bba* 'ao chegar, ao entrar'.

Bista. Bst [bexta] 'ir devagar/tardar/esperar (paradouro)'; *bst* [bexta] 'alegria/ regozijo'; *bht* [bitx] 'recepção amigável'; *b ytb* [bitxb] 'na paragem/assento'; *b ist* [bista] 'no fogo' (no lar); *b it* [bitja] 'no acolhimento'; *b itt* [bixta] 'na oferta/dom'; *b iit* [bixta] 'na senhora' (no lar, no acolhimento); *btt* [boxta] 'vergonha/ desvergonha'; *b isd* [bisda] 'no passo/passada'; *b hst* [beixta] 'no pórtico/na entrada'; *b hst* [beixta] 'na alegria/ na jovialidade'; *b hst* [beixta] 'no lugar do confinamento'.

Alegre. 'L 'cobertura' e 'ocupar-se'; *gr* 'dos peregrinos/hóspedes/estranhos'; *'legre* [alegre] 'cobertura/acolhimento dos estranhos/hóspedes'. A expressão 'vergonha/desvergonha', *dbh btt* [da beah bst] era utilizada para 'banquete/sacrifício da desvergonha' ('onde se combate a vergonha'): «Baal abomina os sacrifícios / banquetes da desvergonha, o sacrifício de lascívia com escravas» (*Canaã*, p. 198) que não são mais do que os ritos eróticos de prostituição sagrada em que os prostitutas/as se chamavam, segundo a Bíblia, «escravos ou cães» de Deus, condenados também pelos puritanos de Baal.

Urzilhão, Pousa, Peixe Frio, Ventuzelo, Rodas, de Juste, contíguos ao longo de um ribeiro que desemboca nas Caldas, são derivações de termos relacionados com uma antiga estrutura de banhos que são hoje as Caldas de Monção.

Urzilhão. Duas significações complementares: a) *ysr zihum* [ijerzilhum] 'corrigir a impureza' (hb. *zihun*); b) *ysr zl un* [ijerzilhun] 'corrigir os reflexos/sinal/sintomas de aflição'. *Ur* 'calor' (febres?) tem relação com *uzr* 'corrigir/castigar, fortificar, instruir'; *uzr* 'oferta, alimento'. É o m.s.q. *Pousa, Peixe Frio, Rodas e Ventuzelo*.

Pousa e Peixe Frio. *Pousa* é uma aldeia, *Poça da Pousa* é um lago ou tanque no ribeiro: *ps'* [pexa] 'banidos, excluídos' (significação mais antiga), 'transgressão'; hb. *pissêa* 'cair, coxear' (ug. *perxá*). *Frio: pr'* [peri/feri] 'banhar-se'; hb. *pr'* [parío/farío] 'desligar, abandonar, soltar os cabelos' (obrigação para os leprosos). A expressão 'soltar os cabelos' (*pr'*) emprega-o a Bíblia para os leprosos, nesta expressão: «A pessoa atingida de lepra trará a sua roupa rasgada e os seus cabelos soltos [não atados], cobrirá o bigode e gritará "ímpuro, ímpuro"», (*Lev.*, 13:45). Portanto, na mesma frase as palavras *zihun* e *pr'* (*Urzilhão e Frio*). *Peixe Frio*: «enfermos abandonados» (leprosos). O topónimo *Frio* associa-se a albergues: *Albergaria-a-Velha* chamou-se *Mejãofrio*, o mesmo sucedendo com uma outra albergaria em *Mesão Frio*, no *Marão* (hb. *mezoham* 'ímpuro, poluído', *Mesão Frio*: 'leprosos abandonados', 'gafaria') cujas fundações se atribuem a D. Teresa, mãe de D. Afonso Henriques¹.

¹ Cf. F. SILVA CORREIA, *Origens e Formação das Misericórdias Portuguesas*, Henrique Torres, Lisboa, 1944, pp. 299, 412. Os nomes dos sítios demonstram no entanto que as assistências nesses locais são anteriores, uma vez que já tinham esse nome aquando da instalação da albergaria afonsina.

A cem metros de Peixe Frio/Pousa, a montante:

Quinta de Juste. *Dg' st* [dejustete] 'água pura'. A Poça da Pousa era o local onde, pelo efeito de abluções/penitências, a água era impura, enquanto a cem metros para a nascente, a água já era boa. O sentido da impureza da água afirma-se com *Ventuzelo* e *Rodas*, que são contíguos de *Pousa* e de *Juste*:

Ventuzelo. *Bhmt zl* [bentezele] 'tenda da sombra'; *bnt zbl* [bentzebli] 'criaturas de/ doentes' ou 'estrutura de doentes' (ac. *zabele*); *bnt sly* [bentuzel] 'criatura de conjura / casa da conjura' (cura).

Rodas. Hb. *riots* 'banhar-se'; *rid* [roida] (hb. *ra'ida*) 'remover/levar aos lábios' (tratamentos, ordálias); *hdr* [râdera] 'câmara, pátio'. É o m.s.q. *Quinta de Juste*.

Reiriz r' ar it 'companheiros curadores', confunde-se com *Caldas*. *Monte Redondo*, que não é monte nem rotundo, confundido com Urzilhão e *Rodas*: *mnt ridlriots un* 'canto dos banhos'.

Estes topónimos referem-se a uma estância de saúde existente em Monção. Diz a *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*: «Perto das muralhas brotam as águas minerais das Caldas de Monção, por várias fontes chamadas *Terma* ou *de Nossa Senhora da Saúde*, *do Inglês* ou *de São Lázaro*, *de São Bento* e *de Santa Maria dos Anjos*. Uma são hipotermais, outras mesotermais; empregam-se, no tratamento de doenças da pele, de reumatismo "têm grande virtude para curar vertigens, estupores, paralisias, convulsões, gota e vômitos que procedem da debilidade do estômago". Não há notícia de exploração destas águas pelos antigos, o balneário *Terma* foi construído em 1801 pelo conde de Amarante.» Pelo contrário, as termas já existiam, a 500 m das muralhas, a montante do ribeiro. Os leprosos, «impuros», eram aí tratados («doenças da pele»).

Monção [Monçon]. *Mn bihvñ* 'sítio, porção dos doentes'.

Bustavade, morro em frente do santuário de São Caetano. Poderá ser: *busta bd* 'na oferenda do cântico/solidão/separação'; *bhttb' d* [boxtabade] 'bem-vindos peregrinos [que estais] em volta! (ou peregrinos do testemunho)'; *bist abad* 'no fogo da perdição'; *btte bad* [bosstebade] 'festa/banquete da vergonha/ desvergonha/em cânticos/solidão/separação'; *btt b' d* [boxtabade] 'vergonha/desvergonha dos separados/peregrinos'; *btt abd* [boxtabad] 'festa/sacrifício da míngua/seca/praga'.

12. Côârtes e Enxa-Berègas



Escala: Num raio aprox. de 2km de Cartes

43 Cartes (Porto)

(122)

Os topónimos urbanos encontram-se habitualmente muito deformados pela escrita e pelo sentido «literário» destes meios, enquanto outros mais significativos desapareceram. A constelação de nomes em torno de um bairro do Porto chamado *Cartes* (*sic*), sobre o rio Tinto, na região de Campanhã, e uma outra em Lisboa dão resultados idênticos.

No raio de 2 km de Cartes:

Cartes. Sabe-se que a gente do Porto não distingue o [a] do [o] quando nomeia a sua terra, dizendo [poarto]; por isso escreveram *Cartes*. É contíguo de *Maceda*, *Quinta do Serra*, *Falcão*, *Pero Negro*, *Corujeira*, *Presa*, *Contumil* e *Ponte de Lusares*.

Maceda. Pode ser do hb. *massada* 'fortaleza e assembleia'; *Quinta do Serra* (*sarru* 'rei'). *Contumil* é o m.s.q. *Serra*, e pode ter sido 'estrado/trono' (*kt*, ac. *kintu*), ou 'recipiente/corrente de água' (*kutu ml*).

Contumilo. *Quintu ml*.

Lusares. *Luzr* 'para instrução, correcção, curar'.

Falcão. *Pl/fal kan* 'juiz das regras'. É o m.s.q. *Cartes*.

Corujeira, que já conhecemos (*qrs ar*), é o mesmo que *Bela Vista*. Possível variação da mesma, uma vez que existem já muitas *Boa Vista* na região do Porto; a 2 km para o norte temos uma verdadeira *Boavista*, contígua de *Venda Nova* (*bnt nab*), *Cavada Nova*, *Chão Verde* (*berit*), *Perlinhas* e *Rebordões*:

Cavada Nova. Pode ter sido *kbd nb* 'agasalho/refúgio/culto dos *nb*'.

Perlinhas. *Prln* [purlin] 'mordomo/sacerdote da casa' (título de deus ou do rei).

Rebordões. *Rab adru/adon* [rabadru] 'grande magnífico/senhor'; *rab adr un* '5' 'grande senhor que recupera cura'.

Soutelo. *Sut aylu/ilu*, a «sede» do *pubru ngr*. É o m.s.q. *Boano*, *Pero Negro* e *Esteves*.

Boano. *Benw* então 'edifício' ou 'iniciados'.

Esteves, de *sty* «beber», associa-se a um «local do festim» (*sut/Soutelo*) ou a uma simples fonte...

Pero Negro. *Phru ngr* 'assembleia dos anciãos/mordomos/juízes'.

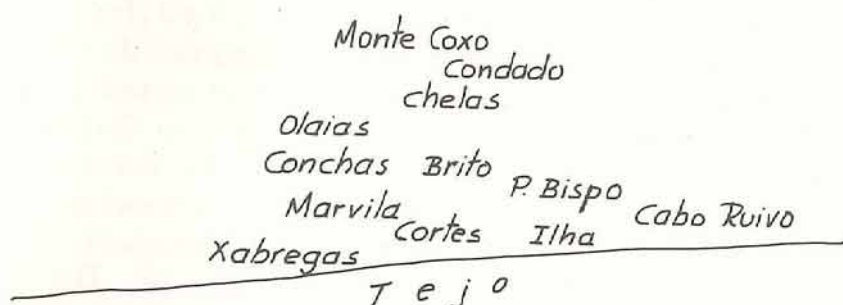
No *Soutelo* teria existido um santuário a São Caetano (confundido com *Boano*), talvez tão rico em curiosidades rituais como o de Longos Vales, Monção. Em São Caetano de Longos Vales, vimos o rio das Silvas e uma região dedicada à assistência; no Porto existiu um célebre culto à Senhora da Silva, no local da actual catedral. *Silva* pode ter sido 'mordomo, porteiro da casa de Deus', ou relacionado com *ybl* 'argola, corrente' e 'recorrer, assistência'; no Porto existia no século XII uma célebre confraria, chamada de nossa Senhora da Silva, dedicada à assistência, com hospital-albergue, e que foi confundida com uma congénere, de Nossa Senhora de Rocamador. Ambas estão na origem da Misericórdia do Porto: cfr. J. A. PINTO FERREIRA, *Nossa Senhora da Silva*; F. SILVA CORREIA, *Origem e Formação das Misericórdias Portuguesas*, cit. p. 474.

Continuando em direcção do Douro:

Campanhã. Pode ter sido *kan panim* / *paninh* [campanina] 'que está de frente' (de um edifício, instituição ou rio). Leite de Vasconcelos (*Etnografia Portuguesa*, III, p. 672) refere um documento do século XI em que aparece *Villa Campaniana* [=do campo], e daí conclui sobre a origem latina do actual nome. O problema é que os topónimos constantes nos documentos medievais são latinizações dos nomes antigos expressos oralmente.

Neiral. *Nhr' l* [naharal] 'rio acima', ou *nahar' ly* [naharili] 'deus/juiz/rio', que em toda a região deu São Paio / São Bartolomeu.

Noeda. Será a deformação de *Moeda*?



Escala: Bairro de Xabregas - Chelas

Bairro de *Marvila* e do *Poço do Bispo* (referem-se apenas alguns bairros que constam da (carta militar).

Brito. Nome de uma parte do bairro de *Marvila*: *berit*. A vizinhança de *Cortês* e de *Brito* confirma a origem do nome *Brito*.

Condado. *Kn* 'direito'. É o mesmo sítio que *Quinta das Conchas* (*knk* 'direito').

Ruivo (Cabo). *R'yble* 'companheiros da argola/corrente/aliança' ou 'companheiros comedores'; cfr. *Valverde*, *Sortelha*, em que uma fonte de *Caria* está enunciada na toponímia camarária como «Fonte do Ruivo», quando os vizinhos dizem «Fonte do Ruible».

Bispo. *Byspy* 'na associação/celeiro/festim'.

Encosta das Olaias. *Al'l* 'subida', de que *Encosta* é a tradução.

Ilha do Grilo. *I'l* [ial] 'costa, terra firme, falésia'.

Grilo. *Gr ilu* 'viajantes, romeiros de Deus' (cfr. expressão «Café do Garrilhas»).

Marvila. Hb. *ma'aravi* [maaravi] 'lamentação, pranto', tendo-se-lhe juntado «vila» por associação com o título dos burgos. Existem outros, associados aos actuais cultos de prantos.

Chelas. *Shl* [saale, xaaale] 'pranto'; *slb* [xela] 'choro, pranto, desolação'; *ahl* [axale] 'pranto para esconjurar'. A origem do «fado» de Lisboa, de Coimbra e de outras terras deve também ser procurada nos prantos junto dos rios (cfr. a expressão «Cantar o Macareno»).

Xabregas (no século XV dizia-se [Enxabregas]). Corresponde a *Enxabarda* e às *Maunça*: *Xabregas*: a) *ans bry* [anxebary] 'confraria/corporação do corte'; b) *ans brh* [anxaboreg] 'corporação primordial/ancestral'; c) *ans brk* [anxabreka] 'confraria/corporação da benção ou do culto'; d) *ans hbr hg* [anxaabereg] 'corporação dos parceiros da reza/fórmula'.

No local venerou-se *Yammu* (cfr. «Deus lusitano Jupiter Assaeco»), de que uma inscrição diz «I. Assaeco»; *yam hz hk* [i. assaeq] 'Yammu do *Krt*'.

Xabregas é contíguo de *Chelas*, onde existia em 1192 um culto muito seguido

em honra de São Pero Fins de Achelas; este nome de pretense santo (que em latim tabeliônico deu 'Sanctus Felix' e cuja existência deriva da fantasia erudita da Idade Média) deve entender-se como *phru pn's ahl* [peru fens axxale] 'assembleia dos fens do pranto ou de Chelas', em que *fens* é um etnónimo para 'fenício', podendo significar etimologicamente 'o que está de frente a nós', ou *ph nsi* [fenxi] 'de contemplação'.

Esse *Pero Fins* tem uma longa história. O ramo feminino da ordem de São Domingos instalou-se em Chelas num mosteiro de freiras dominicanas... que já existia antes da fundação da nacionalidade e da própria ordem de São Domingos, ligado a Pero Fins (cfr. uma polémica sobre o caso in Frei Luís de Sousa, *Crónica de São Domingos*, Lello, Porto, 1977, I, p. 118). A explicação deste imbróglio está no facto de o próprio São Domingos já ser venerado em Portugal antes do nascimento do Santo fundador dos Dominicanos; era uma derivação lusitana de Dommuzi, Domungos, cujo culto implicava recolhimentos de mulheres de tipo «freira», pranteadeiras e talvez também de prostitutas sagradas. Noutros locais, outras comunidades da ordem dominicana recém-chegada a Portugal instalaram-se em mosteiros ou em recintos que já eram conhecidos como sendo de São Domingos, tal o convento de São Domingos de Benfica, onde já era venerado um santo com este nome, e o de Santarém, onde existia um albergue de mulheres pranteadeiras perto de um sítio chamado Marvila (como em Lisboa), hoje bairro da cidade. Dedicaremos a estas peripécias culturais um capítulo num futuro trabalho.

VISTA GERAL DOS TERMOS MAIS FREQUENTES

Este quadro pretende dar apenas uma vista geral do conjunto. Para não o alongar omitiram-se os topónimos comuns a todas as constelações ou à grande maioria delas, como sejam: *Barreiro*, *Bairro*, *Bairrada*, etc., (*bry* 'córte', *bary* 'entre vizinhos'...); *Boavista*/*Belavista*, com significações variadas ('albergue, pousadouro', entre outras) *Costa* (*Acosta*) (*agzt* 'desposórios, festa'); *Sobral* (*sibur'ly* 'comunidade/clã/aldeia das famílias'); *Carvalhal* (*grb* 'alu' 'entre parentes, povoação'), *Souto* (*sut* 'assento, sede de qualquer actividade'); *Nova* (*nb* 'juiz, profeta').

<i>Nome actual</i>	<i>Termo, fórmula</i>	<i>Significação</i>
1 Córtes	<i>kort</i>	pacto
Verde	<i>berit</i>	aliança/promessa
Reixida, Fontes	<i>rexith</i>	início
Famalicão	<i>gamali kan</i>	exercício do direito
Abadia	<i>abadir/abd' r</i>	pai majestoso/servo da cidade (rei)
Arrabal	<i>hr bal</i>	monte do senhor
Soutocico	<i>sut syk</i>	sede, lugar de comer
Gaiola	<i>g'eul</i>	remissão, pagamento
Vidigal	<i>berit g'eul</i>	pacto do pagamento
Redondo	<i>r' adn' d</i>	parceiros do senhor do pacto
Prazo, Prazeres	<i>prazu</i>	convocação/pacto/norma
Mourões	<i>mbr, mahru</i>	dote/vigor, marido
Tarrio	<i>tar</i>	parentela
Martinela	<i>mbr thm' l</i>	dote de fiança de parente
Margarida	<i>mbr gary' d</i>	dote pago em garantia
Maunça	<i>ans, mhans</i>	da corporação/confraria
Magueixa	<i>ma' hoz</i>	«distrito» e cidade
Azenha do Rouco	<i>rh</i>	azenha
Fontainhas	<i>pnt' ny</i>	lugar de suplícios ou ordálias
Guimarota	<i>gmrt, gumaru</i>	vingança/suplícios, braseiro
Leiria	<i>' r, ary, le' ria</i>	na cidade
Telheiro	<i>tel</i>	outeiro/marco
Cantomilho	<i>kintu mil</i>	recinto/cerca do rio
Conego	<i>knkt/kankanu</i>	canal
Lis/Lena (rios)	<i>lissen</i>	dizeres
Carmulo	<i>karmel</i>	Carmelo (montanha da Fenícia).
2 Margaride	<i>mbr gary' d</i>	dote pago em fiança
Vila Cães	<i>kan</i>	direito/normas
Vide	<i>berit</i>	pacto
Verdial	<i>berit' ly</i>	pacto dos congéneres
Argonda	<i>ark adon</i>	largueza do senhor (juiz)
Arnozelo	<i>hrns zbl</i>	monte do príncipe (de Deus?)
Adega	<i>aghd</i>	depósito/celeiro, reunião
Moure	<i>mbr</i>	dote
Marta	<i>mbr, mbr thm</i>	dote, dote de fiança
Fontainhas	<i>pnt' ny</i>	lugar de suplícios
Telheiro	<i>tel</i>	outeiro/marco
Pé de Milo	<i>palt mil</i>	barbeito do rio
Casa da Lebre	<i>ksu lbbr</i>	sede da comunidade/albergue.
3 Margaride	<i>mbr gary' d</i>	dote pagar em fiança
Argola	<i>g'eul</i>	redenção, pagamento

<i>Nome actual</i>	<i>Termo, fórmula</i>	<i>Significação</i>
Mainça	<i>mans</i>	da confraria/corporação
Telhado	<i>tel</i>	outeiro/marco
Galé	<i>g' eul</i>	redenção/pagamento
Mesão-frio	<i>mezohan pr' /fr'</i>	leprosos abandonados (gafaria)
Atães	<i>atn 's</i>	mordomo/sacerdote que oficia
Boca	<i>bâk</i>	recipiente/panela (assistência)
Fofo	<i>pp/ff</i>	comer e falar de coração
Lamílios	<i>lhm yly (ili)</i>	comida de companheiro (de Deus)
Gondosalvos	<i>gadu slm bs</i>	sacrifício de comunhão/bodo
Condolo	<i>kn dl</i>	lugar dos pobres
Martinho	<i>mhr thm</i>	dote pago
Naia	<i>'naia</i>	albergaria
Codeceira	<i>kadosh ary</i>	santuário da cidade (de Atouguia)
Mainça	<i>ans, mans</i>	corporação, confraria
São Domédo, São Mamede	<i>mo' ed</i>	colectividade/todos.
4 Fontainhas	<i>pnt 'ny</i>	lugar de suplícios ou ordálias
Penalrique	<i>pn ahlyqt</i>	frente ao Deus-te-livre
Mainça	<i>ans, mans</i>	comunidade, confraria
Vaca Negra	<i>bâk nagar</i>	recipiente dos mordomos/juízes
Falcão (ponte)	<i>pl kn</i>	juiz da lei
Naia	<i>'naia</i>	hospedaria
Gondizalves	<i>gadu slm bs</i>	sacrifício de comunhão.
5 Cortes, ribeiro das		
Cortes	<i>kort</i>	pacto
Roquina	<i>raqua 'ny</i>	plataforma de responder
Palheta e Faia	<i>pl, pal</i>	juiz, árbitro
Serra, Surra Peles	<i>srry, surry pl</i>	rei, sublime juiz
Sapatoa (rio)	<i>tapat hb</i>	juiz-água
Pero (Crespo)	<i>phuru</i>	assembleia/compleição/acordo
Crespo	<i>kr̄s p</i>	entranhas/pavilhão de dizer
Abadia	<i>ab adir</i>	senhor estupendo
Carmelo	<i>karmel</i>	Kermel
Vidigal	<i>berit g' eul, bitgal</i>	no pacto da promessa
Espinheira	<i>aspi' n ary</i>	reunião dos vizinhos.
6 Sapata Velha	<i>tapatu bel</i>	juiz senhor/base do senhor
Cachafedes	<i>ks ph 'd</i>	recipiente de ver o testemunho

<i>Nome actual</i>	<i>Termo, fórmula</i>	<i>Significação</i>
Raposeira	<i>rp sa</i>	eliminar assassinos
Valverde	<i>bal berit</i>	senhor do pacto
Torre de Beba	<i>beba</i>	na entrada
Canizes	<i>kniss</i>	entrada/igreja
Codiceira (Senhora Carquere)	<i>kadosh ary</i>	santuário da povoação
Corvo (ribeiro)	<i>krb</i>	culto
Suculca	<i>suklultu</i>	recinto/santuário
Carcavelos	<i>karba belus</i>	domínio do senhor/senhorio.
7 Sapateira	<i>tapat' ar, ary</i>	juiz de falar, dos vizinhos
Arquinho	<i>ark</i>	largueza de braços (título de rei)
Real	<i>r' ly</i>	parceiros
Pélé (rio)	<i>pilel</i>	juiz
Pelhe (rio)	<i>pilel</i>	juiz
Sanguinhedo (rio)	<i>shken' d</i>	estela do / ver o testemunho
Carvoeira	<i>qrb ary</i>	cercanias da povoação
Foral	<i>phyr 'ly</i>	acordo dos congéneres
Ave (rio)	<i>aby, ab 'l</i>	ancestral/paternal
Ávidos (região dos)	<i>abydos</i>	escravo (título de rei).
8 Sapateira	<i>tapat ar, ary</i>	juiz de falar, dos vizinhos
Gateira	<i>gadere</i>	muralhas
Palhais	<i>pal 'l</i>	juiz
Negrelos	<i>nagar 'l</i>	mordomos/juízes
Lage	<i>lh</i>	lei
Manguela	<i>mgn 'l</i>	soberano/benfeitor
Barrimau	<i>barry</i>	juiz/funcionário
Donato (São)	<i>dnt, denatu</i>	luxúria/fornificação
Revolta e Robalde	<i>rab tulat</i>	fornificação (nome de deusa)
Lustidos	<i>lahst yd</i>	namoro (falas de amor)
Minhoure, Monho- teira	<i>mnt miniout</i>	falo/sexualidade
Tarrío	<i>tar</i>	parentela.
9 Barrimau	<i>barry, barry mh</i>	juiz da água/funcionário
Guizande	<i>gzy adn, gzy ndd</i>	obsequiar/implorar
Bate-Folha	<i>bt pl/bayt fal</i>	casa do juiz
Cal	<i>kl</i>	público, logradouro, de todos
Formiga	<i>phr miggen</i>	assembleia de interceder
Casal Mau	<i>mh</i>	do rio.

	<i>Nome actual</i>	<i>Termo, fórmula</i>	<i>Significação</i>
10	Barrimau Souto, Carvalhal Nogueira Nevogilde Mezio, Senhora da Ajuda	<i>barry mb</i> <i>sut, qrb' ll</i> <i>nagar</i> <i>bnwt gilt</i> <i>megzy</i>	juiz/funcionário sede, povoação rio e juiz/mordomo edifício da prostração buscar ajuda.
11	Barrimau Carcavelos Real Arcas Pontarrinhas / Santa Ana	<i>barry mb</i> <i>karka belus</i> <i>r' 'l, roe 'l</i> <i>ark</i> <i>pn trrmn</i>	juiz/funcionário domínio do senhor parentes/parceiros largo (título de rei) Face do Excelso (deusa-mãe).
12	Sapateira Leiria Cónego (ponte) Vinte Mouros, Namorados Carrapita e Namorados Mulher Morta Laranjeiras, Tijolo Amaro Prazeres	<i>tapat</i> <i>leyria</i> <i>kâneku</i> <i>bnt mhr</i> <i>qarra pit</i> <i>mhmrt</i> <i>lebraxim, t' ala</i> <i>amhr</i> <i>prazu</i>	juiz/juízo na cidade (de Atouguia) canal constituir dote fonte dos amores despenhadouro dos esconjuros marido convocação/normas.
13	Sapateira Cortelho Mourisco Martinhais Espinhais Ima (rio) Noémia (rio) Laranjas Amaro Corvo, Cabras Dademanxa Relva da Rua Homem (rio) Garatões	<i>tapat 'ary</i> <i>kort 'ly</i> <i>mhr thm 'l</i> <i>asp 'n' l</i> <i>Yam, Ym, Yammu</i> <i>no' eme</i> <i>lebraxim</i> <i>amhr</i> <i>krb/karabu</i> <i>dadim ans</i> <i>r' ybl, r' [roé]</i> <i>adon</i> <i>gr aton</i>	juiz/juizo pacto dote combinado reunião do culto deus Yammu (o rio) delícias, graciosidades esconjuro marido culto/encontro amizade fraternal/convívio sexual parceiro da aliança, parceiro Aton, Adon (Deus) peregrinos de Aton (albergue)

<i>Nome actual</i>	<i>Termo, fórmula</i>	<i>Significação</i>
Quarta	<i>kort</i>	pacto
Prado Parisso	<i>p adr przu</i>	recinto das audiências/encontro
Margarida	<i>mbr gary 'd</i>	pagamento do dote
Pero Ficos	<i>phuru pq</i>	assembleia
Folhinha	<i>pl 'ny</i>	juiz de dizer
Redondinha	<i>r' adn 'ny</i>	parceiros do senhor
Cabeço das Moças	<i>mans</i>	da confraria.
14 Sapateira	<i>tapat 'ary</i>	juiz
Lapa dos Dinheiros	<i>din ary</i>	juizamento
Preza	<i>prazu</i>	convocação/normas
Raposeira	<i>rap sa</i>	lugar de suplício
Alrote	<i>ah' l rt</i>	agoiro imundo
Sardenha	<i>sar din</i>	recurso do juizamento
Sumo (levada)	<i>sum</i>	represa
Carpeteiro (levada)	<i>krpt ary</i>	depósito da povoação
Ubufo (levada)	<i>ybluf</i>	conduta
Daruas, Senhora da Saúde	<i>drh, d rwag</i>	da vida
Gaio	<i>gl</i>	festa, promessa
Moeira	<i>mhoar</i>	dote/marido
Corvo	<i>qrb</i>	encontro, culto.
15 Sapateira	<i>tapat ary</i>	juiz
Cotodorte	<i>kutu daraktu</i>	estrado do poder
Mau (rio)	<i>mh</i>	rio
Piel (rio)	<i>pilel</i>	juiz
Pala (rio)	<i>pal</i>	juiz
Vidoeiro e Vidigal	<i>berit ary</i>	pacto da povoação
Pé da Moega	<i>pi dmm hg</i>	falas de lascívia
Menino Morreu	<i>mnn mbr r'</i>	quanto é o dote de companheiro?
Tourém	<i>tar umt</i>	parentela do clã
Raposeira	<i>rap sa</i>	lugar de suplícios
Pena Cereja	<i>pn cerisu</i>	no sítio dos castigos
Cassambade (fronteira)	<i>qs am b' d</i>	separação do povo / fronteira.
16 Sapato	<i>tapatu</i>	juiz
Rua	<i>r' [roé]</i>	vidente/juiz

<i>Nome actual</i>	<i>Termo, fórmula</i>	<i>Significação</i>
Arco	<i>ark</i>	largueza (título de rei)
Arcozelo	<i>ark zbl</i>	largueza do príncipe
Risoira	<i>serisu / ri seru</i>	castigo/ataque do juiz
Sabagudo, São Salvador	<i>sby ábd</i>	cativos soltar.
17 Sapato, Forcas	<i>tapatu</i>	juiz/juízo
Rezouro	<i>ri seru / serisu</i>	ataque do juiz/castigo
Anhans, Sapato	<i>an ans</i>	força inexorável
Charruada	<i>sr' r' / sd r'</i>	ataque do juiz / eflúvio do vidente
Lagoinhas	<i>lh' ny</i>	mensagem diz (ordálias)
Redonda	<i>r' adon 'd</i>	parceiros do senhor do trono.
18 Córtes	<i>kort</i>	pacto
Redonda	<i>r' adon 'd</i>	parceiros do senhor do trono
Cerejeira	<i>serisu</i>	castigo
Mistura	<i>mhs+mthr</i>	bater+golpear
Leiria	<i>le'ria</i>	na cidade
Balancho	<i>bal ans</i>	senhor inexorável
Espite	<i>spit, aspi</i>	dádiva, retribuição (bodos)
Vale de Diana	<i>bal ddym, dady an</i>	senhor da concórdia
Padrita	<i>pdr</i>	cidade/povoação
Braga	<i>brk, bqr</i>	bênção e fonte santa
Óbidos	<i>abydos</i>	escravo (título de reis).
19 Córtes	<i>kort</i>	pacto
Lagão	<i>lhm</i>	comer/pão/trigo
Silva (rio)	<i>syb ils, sb ybl</i>	mordomo do templo / da assistência
Vaca	<i>bk</i>	panela (albergue/bodo)
Preza	<i>przu</i>	encontro/convocação
Relves	<i>r' ybl</i>	companheiro da corrente/assistência
Redonda	<i>r' adon 'd</i>	companheiros/pastores
Relva Redonda	<i>r' ybl r' adon 'd</i>	companheiro do pacto
Conde da Roda	<i>kan r' adn 'd</i>	sítio dos parceiros/videntes
Cova Redonda	<i>kbd r' adn 'd</i>	agasalho dos parceiros
Vale Negro	<i>nagar</i>	mordomo/sacerdote/juiz
Lentos	<i>lmd</i>	discípulos / ensinar
Cadaval	<i>kbd 'l, kbd dl</i>	agasalho, obséquio dos pobres
Portal (da Metade)	<i>pubryt 'l</i>	destino último (adivinhações)

<i>Nome actual</i>	<i>Termo, fórmula</i>	<i>Significação</i>
Da Metade	<i>adm t' dt</i>	do homem testemunhado
Madrinhal	<i>mhdr 'ny 'l</i>	a revelação responde (adivinhação)
Choza	<i>h, z, h zt</i>	dita, sina (adivinhações)
Paleão	<i>pal</i>	juiz
Corujeira	<i>kr̄s, qr sr</i>	casa/fonte da adivinhação
Camoioço	<i>qamasu</i>	prostração (culto, julgamento).
20 Córtes	<i>kort</i>	pacto
Enxabarda	<i>ans brd</i>	fraternidade do pacto
Maunça	<i>ans, mans</i>	da corporação, confraria
Safurda	<i>spurt/sfurd</i>	solidariedade/laços
Soutelo	<i>sut 'ly, ilu</i>	sede/lugar dos parentes, de Deus
Pá Negral	<i>p nagar 'l</i>	voz do juiz/mordomo dos parentes
Boxinos	<i>bah 'ny</i>	na fonte de responder (oráculos)
Malhada	<i>ml ht</i>	sítio de água/alimentos
Pissarro	<i>pi sarru</i>	voz do rei (juiz/governador)
Godinho	<i>gad 'yny</i>	grande heraldo (título de chefe)
Peradantal / Nossa		
Senhora dos Aflitos	<i>pr' t anta</i>	soberana senhora
Moeda	<i>mo' ed</i>	totalidade/assembleia
Cabeço d'Ordem	<i>kbs dor dor</i>	clã de muitas gerações (título)
Portela da Movera	<i>madbâra</i>	desértico.
21 Córtes	<i>kort</i>	pacto
Cabeça	<i>kbs</i>	clã, povoação
Relva (Redondinha)	<i>r' ybl</i>	companheiros da aliança (ou erva)
Redondinha	<i>r' adon 'ny</i>	companheiros do senhor
Bardo	<i>brd</i>	corde, pacto
Bando Real	<i>bnt r' 'ly</i>	organização de sócios congêneres
Alicable (rio)	<i>'ly akl ybl</i>	parentes do festim da aliança
Levada da Gingeira	<i>gingn 'ary</i>	canal da povoação
Cerejeira de Luna	<i>cerisu thelun</i>	castigo dos rebeldes
Oscria, Fonte dos		
Amores	<i>usk 'ry</i>	membro viril
Serapita	<i>srp yd</i>	queimadouro dos amados
Pero Negro, Senhora		
da Guia	<i>pubru nagar</i>	assembleia dos mordomos/juízes
Caramulo	<i>karmel</i>	Carmelo
Cal, Maxial	<i>kal, mza 'l</i>	de todos / encontro de todos
Vidigal	<i>berit g' eul</i>	aliança da remissão/pagamento
Verdeal	<i>berit 'l</i>	aliança dos parentes

<i>Nome actual</i>	<i>Termo, fórmula</i>	<i>Significação</i>
Canal do Peliteiro	<i>palt 'ry</i>	canal de mudar (água)
Bouqueira	<i>bk</i>	recipiente/reservatório/tofé
Cabrum (rio)	<i>korban</i>	sacrifícios
Arcazes	<i>ark 'z</i>	largo de forças (título)
Couço Lourenço	<i>ksu lebraxim</i>	lugar do esconjuro (feitiçaria)
Sabugueiro	<i>sb g'r</i>	oculto desvendado (<i>idem</i>)
Combaro e Peneirinha	<i>kebara</i>	peneira responde (<i>idem</i>).
21 Córtes	<i>kort</i>	pacto
bis Palheiras	<i>pal</i>	juiz
Bouqueira	<i>bk</i>	recipiente
Dola	<i>dl</i>	mensageiro/condução
Bando Real	<i>b'nd r'ly</i>	entre os parceiros
Cruche	<i>qeres, keres</i>	morada, adivinhação
Corvo (cabeço)	<i>qrb</i>	cercanias/culto.
22 Córtes	<i>kort</i>	pacto
Cabeço do Gomes	<i>gomes</i>	cabeço
Argemela	<i>ar hamel</i>	chorar (prantos)
Vale Miguel	<i>bal melek</i>	senhor rei
Vale Ladrão	<i>bal adr</i>	senhor poderoso
Pissarra	<i>pi sarru</i>	voz/boca do rei
Mazagão	<i>msakanu</i>	do intendente/governador
Souto Negro	<i>sut nagar</i>	sede dos mordomos/juízes
Arreteia	<i>ahthy</i>	associação/irmandade
Palários	<i>pal ary</i>	juiz da povoação
Carvalho Redondo	<i>qrb 'll r' adn 'd</i>	clã dos parceiros do senhor
Relvas	<i>r' ybl</i>	parceiros / pastagens da argola / varal
Crespo	<i>kr̄s p</i>	augúrios
Mateleno (rio)	<i>mat len, mat lun</i>	castiga os insultos, os rebeldes
Lage	<i>lh</i>	lei, mensagem
Nave	<i>nawe</i>	pastagens
Orontes (rio)	<i>Oronte</i>	Oronte (rio da Fenícia)
Carmo	<i>karmel</i>	Carmelo (montanha da Fenícia)
Porsim (rio)	<i>porsh 'yn</i>	flagelantes (ritual nos rios)
Zerelho	<i>zr 'ly</i>	encosta.
23- Córte das Almas	<i>kort almab, alm</i>	pacto do servidor, do carvalho
-24 Famalicão	<i>gamali kan</i>	exercer o direito

<i>Nome actual</i>	<i>Termo, fórmula</i>	<i>Significação</i>
Misericórdia	<i>miseru kort</i>	fronteiras, regras acordadas
Caldeirão	<i>kl dor umt</i>	totalidade das famílias
Foreiro	<i>phyr ary / 'ly</i>	acordo/reunião de congéneres
Fonte do Carro	<i>qarra</i>	fonte
Senhora do Soito	<i>sut</i>	Sut, deusa-mãe
Vale Martinho	<i>mhr thm</i>	dote fixado
Porqueira	<i>prk ary</i>	santuário da povoação
Lage	<i>lh</i>	lei, mensagem
Rabelal	<i>rb 'll</i>	mestre
Bispo	<i>byspi</i>	no celeiro, reunião
Nave Seguida	<i>nawe, nb</i>	pastagens, adivinhos
Amarelo	<i>amar il</i>	ver a Deus
Sapata Rota	<i>tapatu hdt (rt)</i>	juízo / base de novos (sexo/paz)
Botão	<i>bayt</i>	casa, palácio, sala
Aveireiro	<i>hbr ary</i>	comunidade de vizinhos
Bispo, Espinho	<i>asp, ispy 'ny</i>	colecção (celeiro), reunião (culto)
Gaia (rio)	<i>haya</i>	vida (deusa)
Mór, Móra, Moura	<i>mhr</i>	dote, vigor sexual masculino
Maria Ave, Marialva	<i>mhr aby</i>	vigor masculino
Pito	<i>pit</i>	sedução
Misericórdia	<i>miseru kort</i>	fronteiras, regras acordadas
Prazo	<i>przu</i>	convocação, acordo
Pão Quente	<i>pq nht</i>	encontro do sólio (núpcias)
Ameais	<i>'m 'ly</i>	no povo, nos congéneres
Cotela, Castelo	<i>kt 'ly</i>	estrado/assento
Corujeira	<i>qrra sr, kršara</i>	fonte do conjuro, a entranha fala
Lourenço	<i>lebraxim</i>	esconjuro
Retórica, Quetrote	<i>rtqt r'</i>	ligação de pessoas/próximo (deusa)
Lanchal, Lancheiras	<i>lans 'ly</i>	dedicado à corporação/fraternidade
Amarota	<i>'m rt, 'm hdt</i>	para o sexo/paz, para os novos
Gonçalo	<i>gzy 'n alu</i>	implorar resposta do servidor/almo
Cova da Onça	<i>kbd ans</i>	agasalho/obséquio da confraria
Raposinho	<i>rp sa</i>	retorcer dos assassinos (execução)
Vaidades	<i>bedady</i>	na separação (lugar de execução).
25 Tapada das Córtes	<i>kort</i>	pacto
Teixeira (rio)	<i>t'y sr</i>	oferenda de cânticos/agasalho
Amezendinha (rio)	<i>maza din</i>	encontrar o julgamento
João Antão	<i>yamu aton</i>	Yamu Aton (deus)
Quinta dos Sete	<i>sut (arsy)</i>	sede/assento (de Arsi, deusa-mãe)
Santa Ana de Azinha	<i>anat arsy</i>	Anat Arsi (deusa-mãe)
Benavente	<i>bny bewnwot</i>	criador das criaturas (Deus)
Balsemão	<i>Bal Sheiman</i>	Senhor Sol

<i>Nome actual</i>	<i>Termo, fórmula</i>	<i>Significação</i>
Cambalhota	<i>qam 'l hwt</i>	de pé cair (cambalhota)
A de Moura	<i>abd mhr</i>	reunião do dote
Catraia	<i>qrt ay</i>	povoação do comum (=pequena)
Barriga Negra	<i>b'r ibgyb nagar</i>	grande iluminado sacerdote (título)
Laginha	<i>lh</i>	lei
Purgul	<i>pubru g'eul</i>	reunião/assembleia da remissão
Abladário	<i>ab dll 'ria</i>	paternal condutor da cidade (rei)
Nave Seguida	<i>nawe</i>	pastagens
Dominga Feia	<i>dn mmy 'fala</i>	juízo da largueza do juiz
Lentos	<i>lemd</i>	discípulos
Rabolal e Rabeleira	<i>rb 'l</i>	grande (chefe)
Benespera	<i>bn sper</i>	contadores
Chinfrões	<i>soferin un 's</i>	contadores de encantamentos/desgraças
Ervedal	<i>hrhb dl</i>	bodo
Arufe	<i>ar 'p/f</i>	cantar/falar encantamentos
Casal Dufe	<i>'pp</i>	encantamentos
Cruz	<i>kr̄s</i>	augúrios
Portela	<i>pubryt 'ly</i>	destino último dos antepassados
Freude	<i>pbr nnd</i>	reunião das almas errantes
Almas	<i>'lm</i>	divinos/espíritos
Miquas	<i>mks yqy</i>	cobrir/agasalhar
Bacelinhos	<i>bht̄ ilim</i>	bem-vindos, ó divinos
Guimarães	<i>gumaru un</i>	brasas da aflição/força
Pena Curva	<i>pn qrb</i>	frente ao chamamento/evocação
Barqueiros	<i>bqra 'ry</i>	no sítio da evocação / dos desfalecidos.
26 Córtes	<i>kort</i>	pacto
Valado	<i>baladu</i>	«distrito»
Padreiro	<i>pdr ary</i>	terreiro/povoação dos vizinhos
Ourilhe	<i>war 'ly</i>	vinda dos congêneres
Plainas	<i>pl 'ny</i>	juiz de responder/humilhar
Boca	<i>bk</i>	recipiente (ordálias, bodo)
Marco	<i>makon</i>	o sítio
Corujeira	<i>kr̄s, qrs ara</i>	pavilhão / entranhas de falar (augúrios)
Crespo (ribeiro)	<i>keres po</i>	as entranhas falam (augúrios)
Bandufe	<i>bnt 'pp/ff</i>	edifício, gente dos augúrios
Casta de Palha	<i>kaht̄ d pala</i>	trono do falar, ou do juiz
Nogueira (rio)	<i>nagar</i>	mordomo/juiz/rio
Grova	<i>rgb/yrgb/râgaba</i>	formidável (título de rei)
Pendo	<i>pnt</i>	junção (encruzilhada)
Gemeos, Geães	<i>glm 's</i>	servidor de fazer (título de rei).

<i>Nome actual</i>	<i>Termo, fórmula</i>	<i>Significação</i>
27 Córteis	<i>kort 'ly</i>	côrte (pacto) dos congêneres
Britelo	<i>berit 'ly</i>	aliança dos congêneres
Foral	<i>pbyr 'ly</i>	consenso dos congêneres
Passar	<i>p̄ar</i>	fender (contratar)
Cordoeira	<i>qry dor 'r</i>	encontro da parentela da cidade
Seturrada	<i>situ rt</i>	assento/lugar do apaziguamento/sexo
Touro	<i>tar</i>	parentela
Iria, Santa Iria	<i>'ria, situ 'ria</i>	povoação, assento da povoação
Tanque	<i>tanq̄p</i>	giro, volta (da estrada, do rio).
28 Córtes Velha	<i>kort bel</i>	pacto do senhor
Louredo	<i>Lwar 'd</i>	onde se vai testemunhar
Conca	<i>kmkny, kank</i>	normas, canal de libação
Novelhos	<i>nb 'ly</i>	adivinhos/juízes
Gonçalo	<i>gzy 'n alu</i>	implorar a resposta do carvalho
Ardias	<i>atry, adry 's</i>	resultado final, sortes (adivinhações)
Ameixede	<i>'m 's' d</i>	para exprimir o testemunho
Abol, Avô (rio)	<i>aby, ab 'ly</i>	ancestral (título)
Cardide	<i>qr ydd</i>	fonte dos amores
Moirinte	<i>mbr umt</i>	dote de clã
Paredes	<i>pardess</i>	palácio, jardim real
Cairo	<i>qry, qry ay</i>	povoação, povoação do comum
Leiria	<i>le'ria</i>	na povoação
Carcavelos	<i>karka belus</i>	domínio do senhor
Crespo	<i>keres p</i>	augúrios, juízos
Praino (=Plaino)	<i>pal 'n</i>	juiz/árbitro de responder
Guilhade	<i>hl ad</i>	agoiro vencido (replicado)
Valdamarela	<i>bal d amar' l</i>	senhor que vê por cima (adivinho).
29 Córtes	<i>kort</i>	pacto
Bruçô	<i>brs 'l, bsr ul</i>	cortar, adivinhar (bruxo)
Santo Isidro (rio)	<i>isrit, isidr</i>	felicidade (adivinhação?)
Fonte Marmeiral / de Nossa Senhora	<i>mbr, mbarm</i>	dote/encargo encomendando (feitiço)
Cadoiço	<i>kadosh</i>	santo, santuário
Poio (rio)	<i>po' yw</i>	apelo de Yammu (ordálias, feitiços)
Fonte da Naia	<i>'anaia</i>	hospedaria
Pissarra	<i>pi sarru</i>	voz do rei (juiz, governador)
Lastras do Parisso	<i>lhst prz/issa</i>	falas de contratar/mulher
Lagas	<i>lh 's</i>	lei, mensagem diz
Lagoaça	<i>lh bz</i>	mensagem/lei do pacto

<i>Nome actual</i>	<i>Termo, fórmula</i>	<i>Significação</i>
Faia da Opa	<i>pheab 'op</i>	conjuros (ver por cima)
Porribo	<i>phuru aby</i>	reunião do ancestral
Abicheiros	<i>aby sr</i>	paternal senhor (título de rei)
Côrte do Nória	<i>kort nhr</i>	corte do rio
Gonçalo	<i>gzy 'ny alu</i>	implorar os dizeres do carvalho
Gargalão	<i>g'rg alanu</i>	lançar voz (apelar) o carvalho
Pedra Abonida	<i>abn yd</i>	pedra dos amores, do falo
Lanchais	<i>lans</i>	para a fraternidade/amabilidades
Fonte dos Til (do Estil)	<i>sty</i>	beber
Côrte do Carvalhal	<i>kort qrb all</i>	pacto dos congêneres
Marta (santa)	<i>mhr thm</i>	dote contratado/contactado.
30 Córtes Bertelo	<i>kort berit 'ly</i>	pacto da aliança dos congêneres
Casa da Lebre	<i>kasu lhbr, hbr</i>	casa da parceria
Concieiro	<i>kn ans ary</i>	corporação dos parentes
Martinho	<i>mhr thm</i>	dote contratado/contactado
Aguilhão (rio)	<i>ahu yamu</i>	rio de Yamu
Penaguão	<i>pn ahu yamu</i>	em frente do rio de Yamu
Bandugem/Fontes/ Auge	<i>b'nd ahu</i>	dedicado ao rio.
31 Valverde	<i>bal berit</i>	senhor da aliança
Godel Arquitecto	<i>godel arakty ktu</i>	grande potência-de-braços do trono
Redondo	<i>r'adon 'd</i>	parceiros do senhor da aliança
Vale Espinheiro	<i>asp 'ny ary</i>	reunião de cultos dos vizinhos
Boco	<i>bk</i>	recipiente (ordálias?)
Timóteo (alto do)	<i>tabrimât</i>	rede/malha (prisão)
Cheleiros	<i>shl</i>	desolação, pranto, derreter
Muchalforro (rio)	<i>min̄sal phuru</i>	lugar de estadia da assembleia
Mafra	<i>mphr, 'm phr</i>	na assembleia
Gonçalvinhos	<i>gzy 'n 'll bin</i>	implorar a resposta do almo
Coxo	<i>q̄s, k̄s</i>	limite, recipiente (assistência)
Borracheira (rio)	<i>br̄s 'ry</i>	adivinhar, dizer boas notícias dos des- falecidos
Além	<i>alia</i>	encosta
Peroleite	<i>phuru lyt</i>	assembleia de discípulos/seguidores
Cortesia	<i>kort 'ssy</i>	pacto/assembleia de fazer (mal?)
Vidigueira	<i>berit g'eul</i>	aliança da redenção
Camões e Camocho (cabeço)	<i>kâmo ans</i>	deveras fraternal/inexorável
Ramilo	<i>ram ilu</i>	amadas de Ilu (Deus)

<i>Nome actual</i>	<i>Termo, fórmula</i>	<i>Significação</i>
Oressas, Louriceira	<i>wsr</i>	instruir
Ventureira	<i>bnwt</i>	iniciados fiéis
Meijões	<i>meswnh</i>	compromissários/delegados
Falcão (rio)	<i>pl kan, fala kan</i>	juiz das leis
Lisandro (rio)	<i>lissen ndr</i>	dizer votos
Sonivel (cabeço)	<i>sn bel</i>	ódio do senhor (suplícios)
Palheiros (cabeço)	<i>pal ary</i>	juiz
Pedra Farinha (cabeço)	<i>pdr phyr 'n</i>	terreiro da assembleia
Alcainça (cabeço)	<i>hlqa ans</i>	assento/porção da confraria
Alto das Comeras (cabeço)	<i>komer</i>	sacerdotes.
32 Valverde	<i>bal berit</i>	senhor da promessa
Alcambar (rio)	<i>ark an bal</i>	largueza da potência do senhor (título)
Pouca Farinha (rio)	<i>pk phyr 'n</i>	encontro da assembleia de culto
Brocheiro	<i>brs'ry</i>	adivinhar, comunicar boas notícias dos desfalecidos
Nave	<i>nawe, nab</i>	pastagens, adivinhos
Ortiga	<i>hurtergat</i>	escolher a primeira mulher
Meia-Léngua	<i>ml leg/maya leg/mlg</i>	cheio cântaro/dote
Grameneza	<i>grm mn hz</i>	pagar a quantia combinada
Moreira	<i>mhr hr/ar/ 'n</i>	dote concebido/falado/trocado
Marmeleira	<i>mhr ml ary</i>	dote / vigor de encher do parente
Marmelada	<i>mhrm lad</i>	dote / troca de prazeres / delícias
Moureto (fonte)	<i>mhr hdt</i>	recém-contratados/dotados
Leixados	<i>lhst dadu</i>	falar de amor
Espinheira	<i>ispy 'n ary</i>	reunião de culto dos vizinhos
Esparrela	<i>asp r' ly</i>	banquete/reunião dos companheiros
Nave, Nova	<i>nawe, nab</i>	pastagens, sacerdotes (iniciados)
Vale das Ganas	<i>bal gan</i>	senhor imponente (título)
Fatela/Salvadora	<i>palt l</i>	salvadora do alto (divindade)
Vale Porco	<i>bal paroku</i>	senhor do santuário
Vale Ferro	<i>bl phyr</i>	senhor da assembleia/compleição
Raposeira, Anjo Guarda	<i>rp sa, ans grds</i>	suplícios, total destruição.
33 Ortiga (Senhora da)	<i>awrtergat</i>	escolha da primeira mulher
Gaiola	<i>g'eul</i>	remissão/pagamento
Canhardo	<i>kan adr</i>	onde está o poderoso / onde se paga
Ramila	<i>ram ilu</i>	amadas de Ilu (prostitutas sagradas?)
Cavalos	<i>qbl</i>	recepção/ofereidas/apresentação
Cabeças	<i>qbs</i>	clã, apresentação do / ao clã.

<i>Nome actual</i>	<i>Termo, fórmula</i>	<i>Significação</i>
34 Meia-Légua	<i>ml leg/maya leg/mlg</i>	cheio cântaro/dote
Britiande	<i>berit ndy</i>	aliança de amor / aliança de fuga
Quinta da Recheca	<i>ars hk</i>	pedido de companhia
Candedo; Senhora dos Meninos	<i>kan dd/kidadi</i>	onde estão / se fazem os meninos
Cantudo; Senhora dos Meninos	<i>kanyt yd</i>	Mãe Amada / dos Amados / do Amor
Varosa (rio)	<i>b'rs</i>	na alegria/na corrida
Balsemão (rio)	<i>Balsheiman</i>	Senhor Sol
Sete Cativos	<i>st kpt ybl, yb</i>	sítio de unir as argolas, os corações
Alvão	<i>aby aln</i>	ancestral terebinto/carvalho
Gonçalo	<i>gzy 'ny alu</i>	implorar os dizeres do carvalho
Alvelos	<i>abybel 's</i>	ancestral senhor de dizer (título)
Venda do Caranguejo	<i>bnt qara braxim</i>	casa/pessoa de invocar o esconjuro
Amaral	<i>amar 'l</i>	bruxo/adivinho (vê por cima)
Deserto	<i>dhert</i>	visões/augúrios
Balsemão (rio)	<i>bal sheiman</i>	Senhor Sol.
35 Meia-Légua	<i>ml leg/maya leg/mlg</i>	encher o cântaro (dotes)
Mato Grosso	<i>mhkotsarot</i>	dedicada à deusa dos partos
Mourã	<i>mhrm</i>	dotes
Mouratos	<i>mhr hdt</i>	dote/vigor de jovens (namorados)
Lena (rio)	<i>len</i>	dizeres
Barosa (rio)	<i>b'rs</i>	na alegria/na carne/na corrida
Azóia	<i>zu/so'ah</i>	(local) da prostração (santuário)
Codeceira	<i>kadosh ary</i>	santuário da povoação
Pernelhas	<i>pubr 'n 'l 's</i>	reunião de responder dos parentes
Cabeças	<i>qbs/qbl hz</i>	clã/apresentação do clã/apresentação do pacto
Alcogulhe	<i>hk ul</i>	estadia (companhia) dos cônjuges
Alpetende	<i>hk pt nd</i>	sítio de emitir sedução/falos
Badinha	<i>bad 'ny</i>	para trás derrubado/separação
Mil Homens/rib. S. João	<i>ml adon/ml hom/'m</i>	ribeiro de Adon/do Antepassado
Paredões	<i>pardess</i>	jardim real
Maceira	<i>mz 'ry/ary</i>	encontro das trocas/dos parentes
Amaro (santo)	<i>'m mhr, mharu</i>	para os dotes, maridos
Valverde	<i>bal berit</i>	senhor da promessa
Relvas	<i>r' ybl</i>	companheiros da aliança/argola.
36 Meia-Légua	<i>ml leg/maya leg/mlg</i>	cheio cântaro/dote
Moirinho	<i>mhr 'n</i>	falar de dotes

<i>Nome actual</i>	<i>Termo, fórmula</i>	<i>Significação</i>
Moreira	<i>mhr hr/ar/ 'ra</i>	dote concebido/falado/trocado
Sergude	<i>srgt/sergut</i>	juventude
Lodeiro	<i>ld 'ry</i>	prazeres a nu / ao descoberto
Quarta	<i>kort? kotarot?</i>	pacto? deusa dos partos?
Lage	<i>lh</i>	lei/mensagem
Palheiros	<i>pal ary</i>	juiz
Barosa (rio)	<i>b'rs</i>	na alegria / na carne / na corrida
Olival Basto	<i>'ly bal bast</i>	deus solar da desvergonha cônjuges.
36 Meia-Légua	<i>ml lg maya leg/malg</i>	cheio cântaro / dotes
bis Marmelos	<i>mhrm 'ly</i>	dote/vigor dos cônjuges
Maceira	<i>mza ry/ary</i>	encontro de trocas / dos parentes
Fiel	<i>pilel</i>	juiz.
37 Valverde	<i>bal berit</i>	senhor da aliança/promessa
Espinhhal	<i>ispy 'n 'ly</i>	reunião/banquete/pastagem
Rebelhos, El-Rei	<i>rab bel</i>	grande senhor (título)
Lagoeiro	<i>lhary</i>	leis da povoação/parentes
Serra do Porco	<i>parok</i>	objecto/lugar sagrado
Catapereiro, Quarta-Feira	<i>kt pr</i>	lugar / estrada/terreiro de contratar
Vinha Redonda	<i>r' adon 'd</i>	companheiros parceiros do senhor
Carvalhal Redondo	<i>qrb' allu r' adon 'd</i>	clã dos companheiros do Senhor do Trono
Barbas Ruivas, Portela	<i>war 'rb r' ybl</i>	à entrada dos companheiros da argola
Relvas	<i>r' ybl</i>	companheiros da argola / festineiros
Coxo	<i>qs/ks</i>	limite/recipiente
Cal	<i>kl</i>	de todos / público
Bispo/Nave	<i>bispy</i>	no celeiro / festim / pastagem
Nave (ribeiro)	<i>nawe</i>	pastagem
Sortelha	<i>srt 'ly</i>	argola / cadeia do alto / dos parentes
Direita (rua)	<i>darekt</i>	caminho
Gafo	<i>gp</i>	ladeira/beira
Adâmesquita (rua)	<i>adam skyt</i>	solo visível
Pilatos (varanda)	<i>p lat</i>	boca/abertura para dominar
Falsa (porta)	<i>phl wsu</i>	burros e cavalos
Cofre (bairro)	<i>kp/kfr</i>	balança/medida
Salto do Peru	<i>suculkt phuru</i>	recinto da assembleia.
38 Valverde	<i>bal berit</i>	senhor da promessa/aliança
Cortezes	<i>kort 'ssy</i>	corte de exprimir

<i>Nome actual</i>	<i>Termo, fórmula</i>	<i>Significação</i>
Monte Gomes	<i>qoms</i>	cume
Cavalos	<i>qbl</i>	argola/recepção/albergue
Garnada	<i>gr ngt</i>	estranhos acolhidos
Rivelas	<i>ri bl</i>	presença/aspecto do senhor
Gaios e Golos	<i>gl</i>	profeta extático/penitente/peregrino
Midões; Senhora das Dores, Santa Cruz	<i>mid un, midwn</i>	flagelantes/penitentes, doentes
Moenda	<i>m' oed</i>	reunião/assembleia
Oliveira	<i>'ly b'r</i>	peçoas consagradas
Fazemão	<i>pzg man</i>	flagelantes
Lenteiros	<i>lynt ary</i>	discípulos de uma correlação social
Venda do Porco	<i>bnt pârok</i>	gente/coisa/lugar sagrado
Cardina	<i>qry din</i>	encontrar julgamento
Cão e Candosa	<i>kan, kan hz</i>	normas, sítio do corte
Ázere	<i>atr, 'asere, azere</i>	santuário, ajuda, festa
Mange la Vaca	<i>mgn/magan miggen lbk</i>	acolhimento da generosidade/da panela dos sacrifícios / culto de Deus
Cabril (rio)	<i>lekavri/qbr il</i>	recipiente/cântaro/culto
Penha da Cabra	<i>krb</i>	sacrifício / degolação do pão / de comer
Tavelagem	<i>tb lhm</i>	matança/encontro
Mocho	<i>mhs/maza</i>	oficiante / bodo dos pobres
Ervedais	<i>'rb/hrhb dal</i>	convocação.
Preza	<i>przu</i>	
39 Valverde / Vila Verde	<i>bal berit</i>	senhor do pacto
Cabril (rio)	<i>lekavri / qbr il</i>	dos sacrifícios / culto de Deus
Corujais	<i>kers ara/qra sr</i>	entranha/fonte que fala ou insidia (augúrios)
Cruz Penim	<i>keres pan'n</i>	entranha fala
Palheiros	<i>pal</i>	juiz
Lenço	<i>lans</i>	da confraria
Santinho	<i>sent 'ny</i>	o sonho responde
Cardanho	<i>qary dan</i>	apelar o julgamento
Moledo	<i>ml 'ed</i>	rio do testemunho
Molães	<i>ml 's</i>	o rio diz/faz
Airô	<i>ary 'ul</i>	povoação dos congéneres
Formiga de Barrô	<i>pbr mgy b'r ul</i>	assembleia do culto dos parentes
Langiais	<i>lans 'ly</i>	para as amabilidades dos congéneres
Bispo	<i>bispy</i>	na recolha/celeiro/festim
Esponjais	<i>aspy</i>	pastagens/erva
Pardelhas	<i>prd alia</i>	povoação da encosta
Quelhas	<i>kl' s</i>	de todos / logradouro de uso.

<i>Nome actual</i>	<i>Termo, fórmula</i>	<i>Significação</i>
40 Vale Verde	<i>bal berit</i>	Senhor do pacto
Serquide	<i>serq 'yd</i>	falar de quinhão/desobrigação
Galhufe	<i>gal 'op/uf</i>	festa da imploração
Paraizo	<i>prazu</i>	convocação, normas
Tarrío	<i>tar</i>	parentela
Novelo	<i>nab ilu</i>	profeta / juiz / sacerdote de Deus
Venda da Costa	<i>bent agzt</i>	estrutura / gente dos desposórios
Beçada	<i>besad</i>	no campo
Leiria	<i>le'ria</i>	na cidade
Tarral	<i>tar 'l</i>	parentes
Nogueira (rio)	<i>nagar</i>	rio
Casal do Avesso	<i>abass</i>	governador
Cedofeita	<i>sad pit / sad fit</i>	eflúvio de sedução
Auche	<i>ans</i>	corporação/confraria
Safra	<i>spr/safar</i>	solidariedade
Sub Paz	<i>spsg</i>	recipiente
Boco	<i>bk</i>	recipiente/panela
Boco de Tagilde	<i>bk tg' zyt/bâk tajsit</i>	recipiente de oferenda
Naridos	<i>ndr yd</i>	votos de amor
Sino	<i>sinu</i>	volta, curva
Cebouce	<i>sb bats</i>	curva grande
Lamas	<i>lahmu</i>	espírito protector
Bento (São)	<i>bny benwt</i>	Criador das criaturas (Deus).
41 Valverde	<i>bal berit</i>	senhor do pacto
Audiência	<i>adon, ad ans</i>	senhor, pai implacável (juiz)
Falcão (rio)	<i>pl kn</i>	juiz das regras
Seara	<i>sahra</i>	desolação
Lage	<i>lh</i>	mensagem, sentença, lei
Negrelos	<i>nagar el</i>	sacerdotes/juízes de Deus
Bandeira	<i>bandr</i>	no lugar do voto/promessa
Pidre	<i>pdr</i>	terra de sementeira
Talegre	<i>tel agr</i>	outeiro / limite do senhorio/patrão
Pegueiros/Negrelos	<i>pgr/ngr</i>	juiz/gerente dos rendeiros
Eiró	<i>'yr ul, ary ul.</i>	povoação dos parentes
Eiriz	<i>'yr it, ary it</i>	povoação onde a gente está
Cortal/Cortedo/Hortal	<i>kort 'ly</i>	corte dos congêneres
Leça (rio)	<i>lhz</i>	do pacto.
41 Real	<i>r' 'l, ary 'ly</i>	dos companheiros congêneres.
bis Bando Real	<i>b 'nd r' 'ly</i>	entre as / no seio dos congêneres
Cacães	<i>ka kan 's</i>	a norma diz
Trindade	<i>tr 'ny t' dt</i>	recurso de responder em juízo

<i>Nome actual</i>	<i>Termo, fórmula</i>	<i>Significação</i>
Pancada	<i>paqadu</i>	ordenar
Lagoinhos	<i>lh</i>	lei/mensagem/sentença
Paraizo	<i>prazu</i>	convocação/acordo
Aldosinde	<i>'l d hss 'n 'd</i>	o Senhor recorda o testemunho
Longra	<i>lg gr</i>	cântaro dos peregrinos
Esgueiro	<i>it gr</i>	fogo, lar dos peregrinos (albergue)
Largateira	<i>legader</i>	junto da paliçada/muralha
Varanda	<i>brd 'nd</i>	separação/vigilância
Redundo	<i>r' adon 'd</i>	parceiros/pastores do senhor
Abade	<i>abd</i>	do servo (rei)
Lavradio	<i>lhbr abd ilu</i>	comunidade do servo de Deus.
42 Valverde	<i>bal berit</i>	senhor do pacto
Carcavelos	<i>karka belus</i>	domínio do senhor
Cortinhas	<i>kort 'ny</i>	corte de dizer
Real	<i>r' 'ly</i>	parceiros congéneres
Vidal	<i>berit 'ly/bit 'ly</i>	pacto dos congéneres
Cardedo	<i>qryt 'd</i>	cidade do pacto/trono
Couto	<i>kt</i>	trono
Cesto, Castelo	<i>kh̄t</i>	trono
Canles	<i>kn l'ṣ</i>	normas de fazer/dizer
Longos Vales	<i>lh, 'ny 'ṣ bal</i>	mensagem/lei/sentença do senhor
Valado	<i>baladu</i>	circunscrição administrativa
Nogueira	<i>nagar</i>	mordomos/juízes
Almuinha	<i>alm 'ny</i>	servidor / pagem de dizer
Bluca	<i>blaqaḥ</i>	onde se toma, donde se traz (marido)
Amaro	<i>mbru</i>	marido
Doude	<i>dadu/ddim</i>	amor/carinho, concórdia
Castelo, Velhas	<i>kh̄t bel</i>	trono do senhor
Serzedo	<i>ssrt/serseret</i>	ministério cútico
Cardedo, Crasto	<i>qryt 'd</i>	cidade do testemunho/trono
Samarrão	<i>sama rum</i>	lugar de ouvir o excelso
Milagres; Senhora		
Boa Morte	<i>mlhgr / ml brg</i>	dedicado à morte / cheio de mortos
Cavenca	<i>qol benk</i>	monte dos prosternados
Caetano (São)	<i>kan tn</i>	lugar dos lamentadores
Silvas (rio)	<i>sby ils, sby ybl</i>	ancião do templo, da assistência
Padrões	<i>padress</i>	parque, palácio real
Real	<i>r' 'ly</i>	companheiros/congéneres
Urzilhão	<i>uzr zihum</i>	oferenda de / fortificar doentes
Oliveira	<i>'ly b'r</i>	pessoas consagradas
Pousa	<i>ps'</i>	banidos/impuros (pestíferos)
Peixe Frio	<i>ps' pr' / fry</i>	doente abandonado
De Juste	<i>dg' st</i>	água pura

<i>Nome actual</i>	<i>Termo, fórmula</i>	<i>Significação</i>
Ventuzelo	<i>bhmt zl</i>	tenda da sombra / da doença (albergue)
Rodas	<i>riots / rid dw, roi dw</i>	banhos / banhos dos enfermos
Reiriz, Caldas	<i>r' 'ry it</i>	companheiros de curar / hospedeiros
Monte Redondo	<i>mnt rid un / riots un</i>	lugar/recanto dos banhos de curar
Monção	<i>mn/mnt zihun</i>	sítio/recanto dos doentes/gafos
Bustave (cabeço)	<i>busta bd / bist abd</i>	no albergue dos abandonados/perdidos.
43 Cartes	<i>kort</i>	pacto
Falcão	<i>pl kn</i>	juiz das regras
Maceda	<i>massada</i>	fortaleza
Rebordões	<i>rab âdr un</i>	mestre senhor esconjurador/curador
Contomilho	<i>knkt ml</i>	canal/recanto do rio
Luzares	<i>luzr 's / luzr ar 's</i>	para curar / instruir
Corujeira	<i>qrs ara, qr ara</i>	fonte, lugar dos esconjuros
Perlinhas	<i>purl 'n</i>	sacerdote
Cavada Nova	<i>kabad nab</i>	agasalho dos sacerdotes/juízes
Silva (Senhora da)	<i>sby ybl</i>	anciãos do / cinto / argola / assistência
Pero Negro	<i>phru nagar</i>	assembleia dos mordomos/juízes
Caetano	<i>kan tan</i>	base dos lamentadores (doentes?)
Neiral	<i>nahr 'l</i>	cima do rio.
44 Cortes (poço das)	<i>kort</i>	pacto
Brito	<i>berit</i>	aliança
Enxabregas (Xabregas)	<i>ans berk / hbr hg</i>	confraria de benção / parceiros da reza
Bispo (Poço do)	<i>bispy</i>	na reunião/celeiro
Condado, Conchas	<i>kn</i>	direito
Ruivo (Cabo)	<i>r' ybl</i>	companheiros da argola/assistência
Ilha (do Grilo)	<i>i</i>	costa/terra firme
Grilo	<i>gr ilu</i>	romeiros, viajantes
Marvila	<i>ma' aravi</i>	lamentação, pranto
Chelas	<i>sh' l</i>	pranto
Pero Fins (São)	<i>phru ph nsi</i>	comunidade de contemplação.

BALANÇO DOS RESULTADOS

Analisaram-se os topónimos em torno dos sítios *Córtes* e *Valverde* a partir de amostragem de cartas militares, nomes esses que giram em torno da ideia de contrato social, uma vintena de sítios, dentre a centena que consta do *Reportório*. Testaram-se alguns noutras regiões e contextos; encontraram-se novos tipos de constelações, como a da interessante *Meia-Légua*, relacionada com ritos nupciais, e a não menos apaixonante *Teixeira-Chinfrões*, conectada com o culto dos mortos.

A colheita é considerável. Podíamos continuar. A partir dos nomes *Oliveira*, encontraríamos sítios das «pessoas consagradas» e de acolho de doentes; o *Mesão-Frio* e outros *Frios* dar-nos-iam um mapa de gafarias ou outro género de refúgios de enfermos; o fio das *Corujeiras*, dos *Lourenços*, das *Laranjas* desvendaria uma rede ininterrupta de casas de magia, de adivinhação e de feitiçaria; prosseguindo nos vários *Teixeira*, encontraríamos alguns locais onde se cultuavam as almas ou os espíritos por meio de fórmulas e de veladas nocturnas. Com os nomes vizinhos encontrar-se-ia uma nova rede de locais idênticos; se não houver *Guimarrota* haverá talvez *Guimarães*, em vez de *Teixeira* poderá estar *Teixugo* ou um nome parecido.

Cada conjunto de *Meia-Légua* é um filão para descobrir os antigos costumes sexuais e nupciais, aparentemente semelhantes aos que os etnólogos encontraram nos povos primitivos; nos sítios *Cabra*, *Corvo*, *Cabril*, etc., descobrir-se-ão locais de culto; os *Boca*, *Légua*, *Ervedais* dariam um mapa de sítios de bodos e de refeições colectivas, ou, pelo menos, um simples nicho ao qual se ligava o belo costume de manter um cântaro com água à disposição dos passantes. Numa ou noutra *Boca* encontraríamos as cinzas de um tofé, ou braseiro, onde crianças foram sacrificadas até ao interior do Império Romano. Prosseguindo nos *Porco*, *Pero Negro* e *Ferro*, descobrir-se-iam juízes, sacerdotes, profetas, eremitas, monges, bruxos... E assim por diante, para qualquer nome confirmado e testado por outros no interior das respectivas constelações. Trabalhos deste tipo, melhorados, mas sobretudo levados com minúcia, experiência acumulada e paciência, apontariam para inesgotáveis pistas de considerável interesse cultural. No terreno encontram-se ainda vestígios dessa antiga significação.

Os erros desta análise — que os haverá — são uma componente do tipo de trabalho que um primeiro levantamento é. O método é laborioso porque exige a comparação constante entre os nomes da lista linguística com os vizinhos nas várias constelações. Ao fim de sucessivas leituras das dezenas de conjuntos de nomes, torna-se quantas vezes necessário voltar ao princípio para reajustar as significações estabelecidas precedentemente, rever os nomes vizinhos, etc., porque, partindo do princípio demonstrado

a cada passo de que os sítios e os nomes se organizam em sistemas locais, deve ter-se também em conta, sob pena de erros de interpretação — que podem não ser graves em razão do princípio da homofonia —, que a configuração do sistema não determina que todos os nomes idênticos tenham a mesma significação onde quer que apareçam. Os topónimos são como os indivíduos e as aldeias: identidade cultural não significa total igualdade; pertencer a uma mesma cultura não implica ser uma cópia dos outros.

No término desta viagem pelo caminho do *Kort-berit*, remetemos o leitor para *A Prova de Arqueologia*, pequeno capítulo de *Origens Orientais da Religião Popular Portuguesa*. Os arqueólogos actuais (sobretudo estrangeiros, porque não estão sujeitos aos «mestres»), que analisam o espólio megalítico do país, demonstram que a Península foi colonizada ou povoada por gente vinda da Anatólia (Ásia Menor), entre os séculos XXIV e XXII a. C. Segundo Georg e Vera Leisner (*Antas do Concelho de Reguengos de Monsaraz*, INIC, Lisboa, 1985, p. 187): «A técnica da pintura do almagre sobre vasos chega a Chipre entre 2400 e 2300 a. C. procedendo da Anatólia. [...] A afluência de elementos orientais à Península Ibérica poderá fundar-se em parte na riqueza mineira da Península Ibérica. A hipótese de que foram mineiros da Anatólia que levaram a cerâmica almagre para Chipre explicaria também relações antigas entre Anatólia e a Península Ibérica». Antes disso, teria havido uma primeira onda de população, anterior a 2500 a. C. (*ibid.*, p. 188). A sua língua era a que hoje é conhecida por cananita norte-ocidental ou ugarítico, acadiano e até hebraico arcaico. Foi a língua dos Fenícios e dos Cartagineses.

O conceito de direito e de justiça dessas populações, os seus ritos sexuais, costumes religiosos e funerários — que são conhecidos por documentos escritos — ficaram impressos de uma forma indelével nos sítios onde tinham lugar.

CONCLUSÃO:

A língua falada antes do português foi, portanto, a língua cananita (ugarítica, acadiana ou caldaica, sendo difícil — ou inútil — distinguir entre estes três idiomas ou dialectos no seu estágio arcaico). O nosso trabalho privilegia o idioma ugarítico, mas uma investigação incidindo sobre o acadiano seria igualmente proveitosa. A velha língua mantém muitos vestígios, como demonstram as centenas de expressões e os topónimos referentes a locais de reunião, difusão do direito e cultos, que assinalámos. Falta ainda investigar, sob esta perspectiva, o linguajar actual; de facto, constata-se que os habitantes das províncias do Interior mantêm ainda uma dupla linguagem: os termos neolatinos para se fazerem entender pela «gente da cidade», e um léxico local para referir os objectos e as situações. Além do léxico local, existem pronúncias particulares: indistinção entre o [v] e o [b]; entre o [a] e o [o]; entre as várias classes do [s] ([ç, x, ch, tj, dj]) e do [t], ([t, tj]); etc. Este linguajar local, que é a velha língua que resiste a ventos e marés, vai desaparecendo com a escolaridade e com a morte dos idosos. É então legítimo perguntar: como foi possível uma língua ter-se perpetuado sob esta maquilhagem?

Para a continuidade da religião popular cuja identidade vem desmontando, o autor avança o seguinte princípio sociológico: «As culturas são imorredouras quanto ao essencial, não admitem mudanças; o que muda (nem sempre se trata de uma verdadeira mudança, mas frequentemente de uma ilusão de mudança) são os fenómenos ou os factores de civilização.» Se alguém dissesse que a escola, a universidade, o latim e as tecnologias provocam apenas a mudança de roupa, não estaria muito longe da verdade. Persistências da antiga língua são fenómenos conhecidos; o que é estranho é que os filólogos portugueses nunca se tenham preocupado com a sua pesquisa, quando o substrato linguístico das actuais línguas europeias já não é segredo para um estudante liceal; estranho, mas sobretudo suspeito, é que José Pedro Machado, entre outros autores de dicionários etimológicos, teve o cuidado de apor aos termos de origem cananita a indicação «origem obscura», quando, para outros casos, a indicação é «origem incerta», para além do *cliché* «língua árabe» aplicado aos termos iniciados por *al-*; a menção «origem obscura» funciona como um aviso («não se deve procurar»), o que nos leva a suspeitar que alguns conhecessem o substrato linguístico¹.

¹ O *cliché* «língua árabe» colado a todas as palavras com prefixo *al-* merece um reparo. De um modo geral, os Portugueses reduzem todos os falares semitas à «língua árabe», quando nem sequer existe uma «língua árabe». Existe uma língua árabe, escrita, que é sagrada (a do *Corão*), mas não é — não pode ser — utilizada nas relações profanas. Existiu uma língua árabe, escrita e profana, entre os filósofos ibéricos, por exemplo, mas não era falada. Por «língua árabe» falada e usada nas relações profanas, devem entender-se dezenas ou centenas de dialectos e subdialectos, que são os idiomas dos numerosos povos do Médio Oriente, do Magrebe e de Marrocos, que, além de um antigo fundo linguístico comum, partilham do mesmo processo de escrita. Portanto ao dizer-se que tal termo português provém da «língua árabe», deverá precisar-se de qual idioma ou dialecto árabe.

Que o linguajar cananita tenha persistido com o neolatim não é para admirar. O latim foi a língua do ocupante; o império romano necessitou de duzentos anos para se impor, e houve regiões nortenhas que nunca reconheceram o seu domínio. Não é de ânimo leve que uma sociedade vencida adopta a língua do vencedor. A dualidade cultura dominada / cultura dominante é tenaz (entendendo por «cultura» o modo de ser, de pensar e de agir); dificilmente encontramos na Europa uma distinção tão nítida entre «cultura popular» e «cultura urbana» como a existente entre nós, como se ainda existisse uma barreira entre cultura colonizada e cultura colonizadora.

Poderão alguns perguntar: se as coisas são tão claras assim, porque é que ninguém o disse até hoje? Para satisfazer esta pergunta, que já lhe foi dirigida várias vezes, o autor lembra os seguintes factos.

O povo ibérico da Idade Média dizia que a língua dos antepassados fora o caldaico², nome por que são também conhecidos os idiomas acadiano e ugarítico. A perseguição anti-semita silenciou este testemunho. A Inquisição censurou e proibiu a valer, ninguém se arriscando a recordar tal testemunho. A literatura e a escrita hebraicas foram proibidas pelo Índice português; ter um livro nesta língua ou falar esta língua era objecto de crime condenável à fogueira. Os letrados associados ao saber alinharam-se com os inquisidores. Os eruditos da Renascença — fossem eles rebeldes à Inquisição — não tinham que se identificar com o povo, e menos ainda que investigar as origens do seu linguajar, que os urbanos sempre tiveram como um português folclórico e mal falado. Eram da corrente europeia «humanista», escreviam em latim ou em grego. Desde a Inquisição (melhor: desde a fundação da nacionalidade) o anti-semitismo é uma linha-mestra na conduta dos letrados portugueses.

O anti-semitismo dos séculos passados renovou-se no século XIX; alimentou mesmo uma guerra mundial no nosso século. As línguas semitas nunca entraram nos *curricula* universitários portugueses. O ensino (optativo) do hebraico e do árabe na universidade existe há menos de quinze anos. Até esta data, o hebraico era apenas conhecido de alguns clérigos, com os objectivos da Teologia ou dos estudos bíblicos, tipo de investigação que não admite diligências comparativas, as quais são próprias da etnologia, da história e da linguística profanas. Portanto, desde a Idade Média até há quinze anos, nenhum investigador conheceu o hebraico, o caldaico, o acadiano, etc., sabe-se apenas que são línguas que os filólogos portugueses, como José Pedro Machado, classificam de «alfabetos exóticos»³, como se a humanidade não devesse a essa língua a invenção do alfabeto. Quanto ao idioma ugarítico, é um facto que só foi descoberto há meio século; se o tivesse sido há mil anos pouco adiantaria, já eram conhecidos o hebraico antigo e o acadiano.

Dissemos que as culturas não admitem mudanças. Uma prova suplementar é o desinteresse das elites letradas tradicionais pelas culturas do Mediterrâneo.

Em linguística Hubner e Leite de Vasconcelos, mestres na falsificação das línguas, anti-semitas e germanófilos de confissão, impuseram as suas grelhas; os discípulos e os discípulos dos discípulos, cem anos revolutos, ainda estão a aplicar as grelhas. O século XIX impôs a sua visão e os seus métodos historiográficos, que ainda vigoram, apesar

² Cft. MARIA LEONOR CARVALHÃO BUESCU, *Historiografia da Língua Portuguesa*, Sá da Costa, Lisboa, 1989, pp. 201-7; MOISÉS ESPÍRITO SANTO, *Origens Orientais*, cit., p. 279.

³ JOSÉ PEDRO MACHADO, *Dicionário Etimológico*, p. 2.

das revoluções europeias neste domínio; por «história» entendem alguns autores (como o povo, aliás) o tratamento nacionalista dos eventos políticos e das figuras carismáticas desde Afonso Henriques, quando não dão fé aos mitos milenários interpretados como factos da Idade Média. *José Mattoso dizia num semanário em finais de 1987 que em Portugal só se começou a fazer História científica em 1974.*

Até há uns vinte anos, não houve nenhum português especializado em História Antiga. Não há nenhuma obra de História Antiga escrita por portugueses.

A este panorama acrescenta-se isto: se até há poucos anos alguém escrevesse que os Lusitanos falavam o hebraico, o caldaico, o acadiano... depois do mestre ter dito há cem anos que seria necessário um novo Édipo para descobrir os segredos da esfinge que é antiga língua, esse alguém, além de não poder esperar receber um tostão como bolsa de estudo por parte do Estado, seria objecto de perseguições de vária ordem. Todo aquele que neste país põe em causa uma «tese comumente aceite» é um louco. E voltamos ao mesmo: continuidade da cultura = continuidade das taras medievais da cultura letrada.

Aquela pergunta inicial apela à formulação d'estoutra: «Porque é que não há investigação em Ciências Sociais em Portugal?» E a resposta será: por 'investigação científica' entende-se, entre nós, repetição do saber estabelecido, pesquisa nas bibliotecas dos dizes dos mestres, reprodução desses saberes (há universidades em que o ensino ainda se processa por meio da sebenta corrigida pelo mestre), adulação do mestre, rebusca de novas fórmulas e novas provas para ilustrar a tese do mestre, um envernizamento permanente do saber secular. Isto, quando o conceito de ciência — que é o objectivo da investigação — apela à atitude contrária, ou seja, à autonomia intelectual e ao questionamento da rotina. Saber estabelecido e ciência estão em pólos opostos; o primeiro é continuidade, a segunda é rotura. Os métodos de imposição e de reprodução do saber que vigoram em certas universidades desde o rei-lavrador castram qualquer vontade ou veleidade inovadora, qualquer diferença, qualquer curiosidade intelectual, qualquer investigação e, portanto, qualquer tipo de inovação e de revolução do saber.

BIBLIOGRAFIA

A bibliografia utilizada neste trabalho foi sendo referenciada ao correr do texto; trata-se sobretudo de dicionários e glossários da língua cananita antiga.

Tal como nas *Origens Orientais da Religião Popular Portuguesa* e no *Ensaio sobre Toponímia Antiga*, evitámos as faltas (por vezes os abusos) de certos autores, que nas suas posições pessoais, ou na contrefacção erudita dos estereótipos populares, mencionam etimologias e significações linguísticas sem notificarem as fontes de que se servem. No presente trabalho, já o dissemos, sempre que não se indica a origem do termo, entende-se que seja do ugarítico; do mesmo modo, à excepção de casos pontuais, devidamente assinalados, os termos das línguas ou dialectos cananitas foram retirados do glossário da obra de Del Olmo Lete, *Mitos y leyendas de Canaan*.

A bibliografia que se segue, sucinta e paradigmática, é especialmente dirigida aos investigadores que desejem iniciar-se na temática abordada neste livro. Mencionam-se as obras mais acessíveis.

Para a História e Etnologia histórica das culturas e civilizações caldaica, cananita, fenícia, cartaginesa, hebraica e judaica, cfr. a bibliografia de *Origens Orientais da Religião Popular Portuguesa* (1988).

Iniciação às línguas, ou dialectos, cananitas.

- BRANDEN, A. Van der A., *Grammaire phénicienne*, Librairie du Liban, Beirute, 1968.
- FABRE D'OLIVET, *La langue hebraïque restituée*. [Método tradicional usado pelas comunidades judaicas para a aprendizagem do hebraico a partir da leitura dos dez primeiros capítulos do *Génese*], fac-símile da ed. original (1800), Delphica - Age d'Homme, Verey 1985.
- FURLANI, Giuseppe, *Grammatica babilonese e assira, con testi e vocabolario*, Instituto per Oriente, Roma 1949.
- JEAN, Charles-F., *Grammaire hebraïque élémentaire*, Letouzey, Paris, 1943.
- JESTIN, Raymond, *Abregé de grammaire sumérienne*, Librairie orientaliste Paul Geuthner, Paris, 1951.
- MENDES, Paulo, *Noções de Hebraico Bíblico. Texto Programado*; Sociedade Religiosa Edições Vida Nova, São Paulo, 1981. [Aconselhado especialmente aos iniciandos].
- SCHOKEL L., Alonso, *La traducción bíblica, lingüística y estilística*, Ediciones Cristiandad, Madrid, 1977.
- TOUZARD, J., *Grammaire hebraïque*, Librairie Lecoppe, Paris, 1949.

Textos nas línguas (ou dialectos) cananita-ugarítica, acadiana e caldaica.

- Bible de Jérusalem*, Editions du Cerf, Paris, 1980. [Antigo Testamento traduzido do hebraico pela Ecole biblique de Jérusalem, com notas de rodapé e remissões do texto em margem. Existe também uma edição brasileira].
- CAQUOT, André, e SZNYCER, Maurice, *Textes ougaritiques, I. Mythes et legendes*, Editions du Cerf, Paris, 1974.

- DE LANG, 'R., *Les textes de Ras Shamra-Ugarit et leurs rapports avec le milieu biblique de l'Ancien Testament*, 2 vols., Gembloux, Paris, 1945.
- DEL OLMO LETE, G., *Mitos y leyendas de Canaan, según la tradición de Ugarit*, Ediciones Cristiandad, Madrid 1981.
- GORDON, Cyrus H., *Ugaritic Textbook*, 3 vols. (I. *Texts in Transliteration*, II. *Grammar*, III. *Glossary, Indexes*), Pontificium Institutum Biblicum, Roma, 1966.
- LABAT, René, e MALEBRANCHE-LABAT, Florence, *Manuel d'épigraphie accadienne. Signes, Syllabaire, Idéogrammes*, Geuthner, Paris, 1968. [Iniciação ao cuneiforme, com textos epigráficos acadianos e glossário].
- MASTER, Paul, *Chrestomathie accadienne* [textos epigráficos e glossário], Bureaux du Museum, Louvain, 1941.
- «Syria, revue d'art orientale et d'archéologie»; Librairie orientaliste Paul Geuthner, n.º 10 (1939), n.º 33 (1956). Vários autores.
- TARRAGON, Jean-Michel, *Le culte à Ugarit d'après les textes de la pratique en cuneiformes alphabétiques*, Cahiers de la «Revue biblique», n.º 19, Gabalda, Paris, 1980.

Concordâncias.

Concordâncias são um tipo de dicionário com a referência aos textos onde são utilizados os termos e as respectivas fórmulas gramaticais, com extractos do texto.

- CHOUINAR, Germain, e COCHRANE, Jack, *Concordance de la Bible*. Distributions Evangeliques du Quebec, Sherbrooke/Quebec, 1980. [Especialmente recomendado para o estudo teológico, histórico e etnológico do Antigo Testamento].
- DIVIDSON, Benjamin. *The Analytical Hebrew and Chaldee Lexicon*, Lake Drive, Michingan, fac-símile da ed. de 1850. [Concordância a partir das raízes hebraicas com remissão para as línguas cananitas e caldaicas].
- DOUGLAS YOUNG, G., *Concordance of Ugaritic*, Pontificium Institutum Biblicum, Roma, 1956. [Sem extractos de textos].

PENINSULARES / ESPECIAL

1. *A INTERNACIONAL COMUNISTA*, DOMINIQUE DESANTI (2 volumes)
2. *OS LUSÍADAS*, ROMANCE DE MANUEL DA SILVA RAMOS E DE ALFACE
3. *DISSIDÊNCIA E NOVA FILOSOFIA (ANTOLOGIA DE TEXTOS)*, ORGANIZAÇÃO DE MANUEL MARIA CARRILHO
4. *ELEMENTOS PARA A HISTÓRIA DO MOVIMENTO OPERÁRIO EM PORTUGAL – 1820 A 1975*, RAMIRO DA COSTA, volume I
5. *ELEMENTOS PARA A HISTÓRIA DO MOVIMENTO OPERÁRIO EM PORTUGAL – 1820 A 1975*, RAMIRO DA COSTA, volume II
6. *NACIONALISMO E MODERNISMO, DE HOMEM CRISTO FILHO A ALMADA NEGREIROS*, CECÍLIA BARREIRA
7. *CONSEQUÊNCIA DA LITERATURA E DO REAL NA POESIA DE DYLAN THOMAS*, JOAQUIM MANUEL MAGALHÃES
8. *EMPIRISMO HEREJE*, PIER PAOLO PASOLINI
9. *A CAUSA DAS COISAS*, MIGUEL ESTEVES CARDOSO
10. *ORIGENS ORIENTAIS DA RELIGIÃO POPULAR PORTUGUESA*, MOISÉS ESPÍRITO SANTO
11. *HETERODOXIA (I E II)*, EDUARDO LOURENÇO
12. *LIVRO DE BEM COMER*, JOSÉ QUITÉRIO
13. *OS MEUS PROBLEMAS*, MIGUEL ESTEVES CARDOSO
14. *SE NÃO SABE PORQUE É QUE PERGUNTA?*, JOÃO DOS SANTOS E JOÃO SOUSA MONTEIRO
15. *MAGALHÃES DO PACÍFICO*, EDOUARD RODITI
16. *FONTES REMOTAS DA CULTURA PORTUGUESA*, MOISÉS ESPÍRITO SANTO
17. *NOVA TEORIA DO SACRIFÍCIO*, TEIXEIRA REGO
18. *ARABESCO (DA MÚSICA ÁRABE E DA MÚSICA PORTUGUESA)*, ADALBERTO AIVES
19. *POR TERRAS DE PORTUGAL E DA ESPANHA*, MIGUEL DE UNAMUNO
20. *EU JÁ POSSO IMAGINAR QUE FAÇO*, CARLOS AMARAL DIAS E JOÃO SOUSA MONTEIRO

**FONTES REMOTAS
DA CULTURA PORTUGUESA**



MOISÉS ESPÍRITO SANTO